coleção
escolha
de mestre

FLÁVIO
MOREIRA DA COSTA
Organizador

Os melhores
contos
fantásticos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

coleção
escolha
de mestre

FLÁVIO
MOREIRA DA COSTA
Organizador

Os melhores
contos
fantásticos

Os melhores
contos
fantásticos

Os melhores contos *fantásticos*

Flávio Moreira da Costa

(seleção, organização e notas)

com a colaboração de

Celina Portocarrero

Traduções exclusivas de

Celina Portocarrero. Adriana Lisboa. Myriam Campello,

Mauro Pinheiro. Maria Luiza X. de A. Borges,
Augusto Alencastro. Rubem Mauro Machado. Pina Bastos

e Flávio Moreira da Costa

Traduções escolhidas de

Matheus Hoepers (Bíblia), Boris Schnaiderman (russo),
Claudia Cavalcanti (alemão). Fulvia M. L. Moreno (italiano).
Oscar Mendes. José Paulo Paes, Bárbara Heliodora e Vileta Maria da Silva (inglês),

Remy Gorga Filho e Carlos Nejar (espanhol).

© by Flávio Moreira da Costa e Prosa do Mundo Serviços

Editoriais

CIP - Brasil. Catalogação - na - fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ.

M469 Os melhores contos fantásticos / organizador

Flávio Moreira da Costa (em colaboração com

Celina Portocarrero); apresentação de Flávio Car-

neiro; [tradução de Adriana Lisboa... et al.]. –

Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006

(Escolha de mestre)

1. Antologias (Conto). 2. Ficção científica. I.

Costa. Flávio Moreira da, 1942-. II. Série.

CDD 808.83

CDU 82-344

SUMÁRIO

Capa – Orelha – Contracapa

Flávio Carneiro

Viagem pelo fantástico
..... 9

1. Da Antiguidade ao Puritanismo

Bíblia Sagrada

Apocalipse
.....

.... 17

Narayana

O rato e o eremita
.....

.... 35

Wu Cheng'en

A sentença
..... 39

Charles e Mary Lamb

A tempestade
.....

43

Nathaniel Hawthorne

O *jovem* *Goodman* *Brown*
..... 57

2. O Apogeu do Século XIX

E.T.A. Hoffmann

O *Homem* *da* *Areia*
..... 75

Prosper Mérimée

A *Vênus* *de*
Ille.....
109

Robert Louis Stevenson

O *Ladrão* *de* *cadáveres*
..... 137

Théophile Gautier

A *cafeteira*
.....
.. 157

A *morta* *apaixonada*
..... 165

Heinrich Heine

Deuses *no*
exílio.....
..... 195

Mary Shelley.

O imortal mortal

.....
.. 211

Guy de Maupassant

Quem sabe?

.....
..... 227

O Horla

.....
..... 239

Ivan Turgueniev

Um sonho

.....
..... 265

I.A. Ireland

Final para um conto fantástico

.....
..... 285

Edgar Allan Poe

Willian Wilson

.....
..... 289

A. P. Tchekhov

O sapateiro e a força maligna

.....
..... 311

Villiers de l'Isle Adam

Vera

..... 321

Charles Dickens

O *sinaleiro*

..... 333

*A história dos duendes que raptaram um
coveiro..... 347*

Honoré de Balzac

O *elixir da longa vida*

..... 359

Hans Christian Andersen

A *sombra*

..... 381

E Marion Crawford

Na *cabine do navio*

..... 395

Charles Baudelaire

O *jogador*

generoso.....

... 419

3. Atravessando o Século XX

Marcel Schwob

A cidade adormecida
..... 427

Guillaume Apollinaire

O desaparecimento de Honoré Subrac
..... 433

Saki

Sredni Vashtar
.....
439

Horacio Quiroga

A insolação
.....
.. 447

Franz Kafka

Josefina, a cantora ou o Povo dos Ratos
..... 457

Rudyard Kipling

Rikki-tikki-tavi

.....
. 475

Anatole France

A missa das almas
..... 493

Akutagawa Ryunosuke

Sennin

..... 501

Oscar Wilde

O *foguete* *notável*
..... 509

Ambrose Bierce .

O *estranho*
..... 523

Lafcadio Hearn

Uma *promessa* *quebrada*
..... 531

Léon Bloy.

Os *prisioneiros* *de* *Longjumeau*
..... 539

Leopoldo Lugones

Os *cavalos* *de* *Abdera*
..... 547

Jorge Luis Borges

Tlön, *Uqbar;* *Orbis* *Tertius*
..... 555

Julio Cortázar

Carta a uma senhorita em Paris
..... 571

Dino Buzzati

O bicho-papão
..... 581

4. O Fantástico em bom Português

Manuel Bernardes

Lenda dos bailarins
..... 591

Machado de Assis

As academias de São
..... 595

Aluísio Azevedo

Demônios
..... 605

Afonso Arinos

Uma noite sinistra
..... 631

Eça de Queiroz

O defunto
..... 641

Raul Brandão

O mistério da árvore
..... 669

João Guimarães Rosa

Um moço muito branco
..... 675

Murilo Rubião

Teleco, o coelhinho
..... 683

Duílio Gomes

O ovo com
solenidade.....
693

Bônus

Flávio Moreira da Costa

Mensch(s)
.....
.. 699

Obras do organizador
..... 701

Viagem pelo fantástico

Flávio Carneiro

BORGES COSTUMAVA DIZER QUE A IDÉIA DE LITERATURA REALISTA
é relativamente

moderna, remontando talvez ao século XIII, com as sagas escandinavas ou

com o romance picaresco. Antes disso, entendia-se que todo escritor se referia a lugares distantes, imaginários muitas vezes, ou a um passado remoto,

distante da realidade em que se inseria o autor. A idéia de que um autor

devesse ter compromissos com sua época, relatando fatos cotidianos ou

emitindo opiniões sobre esta ou aquela corrente política, por exemplo, é algo

novo. Há inclusive aqueles que acreditam — e o próprio Borges seria um

deles — que, em última instância, toda literatura é fantástica.

Teóricos como Tzvetan Todorov, Irene Bessiére. Eric Rabkin e Emir

Rodriguez Monegal, entre outros, buscaram conceituar de modo mais rigoroso

o que seria o gênero. Da leitura da obra de todos eles, independentemente dos

caminhos trilhados, o que transparece é uma absoluta rebeldia do fantástico a

uma classificação categórica. A definição mais citada pelos estudiosos parece

ser a de Todorov, que estabelece diferenças entre o fantástico, o estranho e o maravilhoso, com uma série de outras subclassificações. Mas o próprio

teórico alerta para a impossibilidade da conceituação absoluta de uma ficção

que vem atravessando os séculos e tomando as mais variadas formas.

Não por acaso. Flávio Moreira da Costa inicia sua antologia com um trecho

do Apocalipse. Como o próprio autor observa, aliás, não se tem

sequer a certeza de que a Bíblia tenha sido de fato o primeiro exemplo de narrativa fantástica. Na verdade, seja no Oriente ou no Ocidente, contar

histórias é uma das atividades mais antigas da existência humana, e o modo de

contá-las parece ter sido inicialmente o da pura fantasia.

É isso, pelo menos, o que podemos constatar em algumas das obras

selecionadas aqui, como "O rato e o eremita", conto extraído do *Hitopadoxa*, que por sua vez deriva do *Panchatantra*, clássico hindu anterior à *Ilíada*, de Homero. Ou a pequena obra-prima "A sentença", do autor chinês do século XVI, Wu Cheng'en, um dos preferidos de Borges (e o leitor certamente não

terá dificuldades em entender o motivo dessa preferência), em que se

esgarçam os já tênues limites entre realidade e imaginação.

A diversidade talvez seja a marca da reunião levada a cabo por Flávio

Moreira da Costa. Há, por exemplo, certo fantástico "puritano", como o de Nathaniel Hawthorne, presente com um clássico, "O jovem

Goodman

Brown". Por outro lado, há algo mais picante, como a conhecida (para os fãs do gênero) história do padre apaixonado por uma defunta, em "A morta

apaixonada", de Théophile Gautier, conto que vem, aqui, acompanhado de

outra ficção de Gautier, "A cafeteira", na sua primeira tradução no Brasil.

Este, aliás, é um dos méritos da antologia que o leitor tem em mãos: a bela

equipe de tradutores e tradutoras, que trazem pela primeira vez ao leitor

brasileiro contos como "Vera", de L'Isle Adam, "A cidade adormecida", de Marcel Schwob, "O imortal mortal", de Mary Shelley, "Na cabine do navio", de Crawford. e "Sennin", de Akutagawa Ryunosuke, além de algumas novas traduções de contos de Stevenson e Dickens.

Alguns temas recorrentes no gênero se espalham pela antologia. Por

exemplo, o tema do duplo — tão marcante na narrativa fantástica desde os

seus primórdios e também na ficção, brasileira e estrangeira, desta virada de

século — vem representado por nada menos que "William Wilson", de Poe, objeto de uma infinidade de reescrituras, mostrando sua vitalidade através da

referência que a ele fizeram, e fazem, os mais diversos autores, nas mais

variadas línguas.

Além deste, outro tema constante no fantástico, o da relativização das

fronteiras entre sanidade e loucura, pode ser encontrado no célebre "O homem da areia", de Hoffmann, e num conto pouco conhecido entre nós, "Quem sabe?", de um mestre do gênero: Maupassant.

Uma boa sacada do autor da antologia foi a de ter pinçado, da chamada literatura infantil, um representante do fantástico. De fato, o fantástico norteia grande parte da ficção para crianças e jovens, estando presente mesmo

naquelas narrativas em que a imaginação deriva para o recado ideológico, a

moral da história, a tentativa de "adestramento" do pequeno leitor, que é o que pior se pode esperar de uma obra ficcional. Nada disso se vê no ótimo "O

foguete notável", um dos contos que Oscar Wilde escreveu para crianças,

carregado de humor e lirismo e respeitando sobretudo a inteligência do leitor, pequeno ou grande.

Também merece destaque a presença de autores brasileiros, dos séculos

XIX e XX, como Machado de Assis. Guimarães Rosa e Murilo Rubião, entre

outros. Ao lado de alguns portugueses — entre eles um surpreendente Eça de

Queirós —, a presença desses autores mostra que, ao contrário do que se

costuma dizer, há uma tradição do fantástico na literatura brasileira. Tradição que remonta já ao romantismo, com Álvares de Azevedo (em "Noite na

taverna", por exemplo), passando por Machado e Aluísio e se firmando no

decorrer do século xx, sobretudo a partir da obra de Murilo Rubião.

É certo que nossa ficção preferiu, ao contrário de nossos vizinhos latino-

americanos, um caminho mais próximo do documental, seja no romance

urbano, seja no de cunho regionalista. Apesar disso, é possível observar uma

rica produção brasileira no gênero, que vem se acentuando, de forma

surpreendente, eu diria, na prosa de ficção dos últimos vinte ou trinta anos.

Exemplo disso é a obra de um contemporâneo. Duílio Gomes, cujo conto

selecionado aqui, "O ovo com solenidade", vai instaurando o insólito pouco a pouco, de forma sutil, num apurado exercício ficcional que o transforma num

bom exemplo da qualidade alcançada pelo fantástico brasileiro na atualidade.

Esta reunião de histórias conta ainda com um "bônus", ao final do volume: um primoroso conto curto, "Mensch(s)", do próprio Flávio Moreira da Costa, cuja obra múltipla — de ensaísta, romancista,

contista, tradutor e, claro, autor de importantes antologias — abriga algumas de nossas melhores produções no

âmbito do fantástico.

Com tudo isso, resta agora se aventurar por este território sedutor e

traçoeiro. Talvez, como o casal de "Os prisioneiros de Longjumeau", de Léon Bloy, o leitor não consiga mais sair do mundo em que terá se aventurado. Ao

contrário, porém, do que acontece com os personagens do conto, ficar preso

aqui não é exatamente uma maldição. Está mais para dádiva, se ao leitor

interessa o mergulho nas águas da fantasia.

1

Da Antiguidade Ao

Puritanismo

Bíblia Sagrada

"O gênero literário apocalíptico, muito em voga no judaísmo entre os anos 200 a.C. e 200 d.C., caracteriza-se pela linguagem misteriosa, cheia de

símbolos, visões e aparições celestes", diz a pequena introdução ao

"Apocalipse" na tradução da editora Vozes em parceria com a editora Santuário publicada em 1982. A inclusão de um trecho substancial do último livro da Bíblia numa antologia como a nossa visa registrar a presença do

fantástico (evidentemente numa concepção diferente da que foi consagrada,

em literatura, apenas no século XIX) ao longo da história do homem. Nem

seria o Apocalipse bíblico o mais antigo exemplo da narrativa humana neste sentido, embora sem dúvida seja dos mais marcantes e conhecidos. Muita

coisa se perdeu na poeira dos tempos e não seria exagero dizer que o que se chama hoje de pensamento fantástico, ou pensamento mágico, ou mesmo

pensamento mítico e poético, vem acompanhando o homem desde seus

primórdios. Por outro lado, a inclusão aqui de um trecho bíblico (como fiz anteriormente em outras antologias) não se reveste de intenções religiosas e muito menos teológicas: a Bíblia — assim como outros tantos livros sagrados de outras culturas, do Livro Tibetano dos Mortos ao Popol Vuh! , passando pelo Torá e os clássicos indianos mais remotos — faz parte da grande literatura da humanidade. Estamos falando de ficção, o que conceitualmente, ao contrário do senso comum, não significa mentira, mas apenas uma outra

maneira de se perceber e afirmar a verdade. Grandes ficcionistas sempre

foram leitores da Bíblia . Que o leitor desta antologia, portanto, introduza-se no clima geral através desta narrativa milenar; creio

que seria uma boa

forma de batismo, quer dizer, desculpe, de iniciação, tanto ao fantástico da literatura quanto ao fantástico da vida.

Apocalipse

(...)

5) *O LIVRO SELADO E O CORDEIRO.* Vi, então, à direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, selado de sete selos. E vi um anjo poderoso, que clamava em alta voz: "Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos?" E ninguém, nem no céu nem na terra nem debaixo da terra, podia abrir o livro e vê-lo. Eu chorava muito porque ninguém foi achado

digno de abrir o livro e vê-lo. Mas um dos anciãos me disse: "Não chores, eis que o leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os sete selos." E vi no meio do trono e dos quatro seres vivos e no meio dos anciãos um Cordeiro, de pé, como que imolado. Tinha sete pontas e sete olhos que são

os sete espíritos de Deus, enviados a toda a terra. Veio e tomou o livro da

direita daquele que estava sentado no trono. E ao tomá-lo, os quatro seres

vivos e os 24 anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um sua

cítara e taças de ouro cheias de perfumes, que são as orações dos santos. (...) 6) *Os quatro primeiros selos.* Assim que o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos, vi e ouvi um dos quatro seres vivos que dizia com voz de trovão:

"Vem!" Olhei e vi um cavalo branco, e quem o montava tinha um arco. Foi-lhe dada uma coroa e ele partiu vencedor para tornar a vencer.

Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivo, que dizia: "Vem!"

Saiu outro cavalo, cor de fogo, e a quem o cavalgava foi concedido desterrar a paz da terra para que os homens se degolassem uns aos outros. Também lhe

foi dada uma grande espada.

Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivo, que dizia: "Vem!"

Olhei e eis um cavalo preto, e quem o montava tinha uma balança na mão.

Ouvi alguém no meio dos quatro seres vivos, que dizia: "Uma medida de trigo pelo salário de um dia, mais três medidas de cevada pelo mesmo preço.

Quanto ao azeite e o vinho, não os estragues."

Quando abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivo, que dizia:

"Vem!" Olhei e vi um cavalo baio e quem nele montava tinha por nome Morte e o inferno o seguia. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para

matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra.

O quinto e o sexto selos. Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar, com vida, os que tinham sido degolados por causa da palavra de Deus e do

testemunho que guardavam. Clamavam a grandes vozes, dizendo:
"Até

quando. Senhor, santo e verdadeiro, ficarás sem fazer justiça e sem
vingar

nosso sangue contra os habitantes da terra?"

Foi então dada a cada um uma túnica branca e lhes foi dito que
ficassem

calados ainda um pouco de tempo até que se completasse o número
de seus

companheiros e de seus irmãos que também haviam de ser mortos
como eles.

Vi quando abriu o sexto selo, e houve um grande terremoto. O sol se
fez

escuro como uma veste de luto, a lua tornou-se toda sangue e as
estrelas do

céu caíram sobre a terra como a figueira, agitada por vento forte,
deixa cair

seus figos verdes. O céu enrolou-se como se enrolava um livro e todos
os

montes e ilhas se moveram de seus lugares. Os reis da terra e os
magnatas, os

chefes militares e os ricos, os poderosos e todo escravo e todo
homem livre se ocultaram nas covas e nas penhas dos montes.
Diziam para os montes e

penhascos: "Caí sobre nós e ocultai-nos da face daquele que está
sentado no trono e da cólera do Cordeiro, porque chegou o grande

dia de sua ira e quem

poderá resistir?" (...)

8) *O sétimo selo e as trombetas.* Quando abriu o sétimo selo, houve no céu silêncio por espaço de meia hora.

E vi os sete anjos, que estão de pé diante de Deus. Foram-lhes dadas sete

trombetas. Chegou outro anjo e se pôs em pé junto do altar com um turíbulo

de ouro. Foram-lhe dados muitos perfumes para oferecê-los com as orações

de todos os santos no altar de ouro que está diante do trono. A fumaça dos

perfumes subiu da mão do anjo com as orações dos santos para a presença de

Deus. O anjo pegou o turíbulo e encheu com fogo do altar e

o jogou sobre a terra. Houve trovões e vozes, relâmpagos e terremotos. E os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocá-las.

As quatro primeiras trombetas. O primeiro anjo tocou a trombeta. Granizo e fogo misturados de sangue foram jogados sobre a terra. A terça parte da terra

virou brasa, a terça parte das árvores e toda erva verde. O segundo anjo tocou a trombeta. Foi lançada no mar como que uma grande montanha ardendo em

chamas e a terça parte do mar se converteu em sangue. Morreu a terça parte

das criaturas que vivem no mar e foi destruída a terça parte dos navios. O

terceiro anjo tocou a trombeta. Caiu então do céu um astro enorme, ardendo

como um facho. Precipitou-se sobre a terça parte dos rios e nas fontes de

água. O nome do astro é Absinto. E se converteu em absinto a terça parte das

águas. Muitos homens morreram das águas que se tornaram amargas. O

quarto anjo tocou a trombeta. Foi ferida então a terça parte do sol, da lua e das estrelas, de sorte que escureceram em um terço. O dia e a noite perderam uma

terça parte de seu brilho. Vi e ouvi uma águia que voava pelo meio do céu,

dizendo com voz poderosa: "Ai, ai, ai dos habitantes da terra por causa dos restantes toques de trombeta dos três anjos que ainda vão tocar."

9) *A quinta e a sexta trombetas.* O quinto anjo tocou a trombeta. Vi uma estrela que caíra do céu sobre a terra. Foi-lhe dada a chave do poço do

abismo. Abriu o poço e do poço subiu uma fumaça, como a fumaça de um

grande forno. O sol e o ar escureceram por causa da fumaça do poço. Da

fumaça saíram gafanhotos para a terra. Foi-lhes dado poder semelhante ao

poder dos escorpiões da terra. Foi-lhes dito que não causassem dano a erva

alguma da terra nem a verdura ou árvore alguma, somente aos homens que

não têm o selo de Deus na testa. Foi-lhes ordenado que não os matassem, mas

os atormentassem por cinco meses. O tormento era como o tormento do

escorpião quando fere o homem. Naqueles dias os homens buscarão a morte e

não a encontrarão, desejarão morrer e a morte fugirá deles. E os gafanhotos

eram como cavalos aparelhados para a guerra, tinham sobre a cabeça como

que coroas semelhantes ao ouro e seu rosto era como rosto de homem. Os

cabelos eram como cabelos de mulher e os dentes como dentes de leão. As

courças eram como courças de ferro e o ruído das asas parecia o ruído de

carros com muitos cavalos que correm para a batalha. Tinham caudas com

ferrão como escorpiões. Era na cauda que estava o poder de fazer

mal aos homens por cinco meses. Têm por rei o anjo do abismo cujo nome em hebraico é *Abaddon* e em grego *Apollyon*.

O primeiro ai passou: eis que vêm ainda outros dois.

O sexto anjo tocou a trombeta. Ouvi uma voz que saía dos cantos do altar

de ouro, que está na presença de Deus. A voz dizia ao sexto anjo, que tinha a

trombeta: "Solta os quatro anjos que estão presos junto ao grande rio

Eufrates." Foram soltos os quatro anjos preparados para a hora, para o dia, para o mês e para o ano a fim de matar a terça parte dos homens. O número

dos exércitos da cavalaria era de duzentos milhões. Ouvi-lhes o número. Na

visão também vi os cavalos e quem cavalgava. Tinham couraça cor de fogo,

de jacinto e de enxofre. As cabeças dos cavalos eram como cabeças de leão.

Da boca saía fogo, fumo e enxofre. Com as três pragas pereceu a terça parte

dos homens, a saber, pelo fogo, pelo fumo e pelo enxofre que lhes saíam da

boca. O poder dos cavalos estava na boca e na cauda. As caudas eram como

serpentes, tinham cabeças que causavam dano.

Mas os restantes homens, que não morreram com estas pragas, não se

arrependeram das obras de suas mãos. Não deixaram de adorar os demônios,

os ídolos de ouro e prata, de bronze, pedra e madeira, que não podem ver nem

ouvir nem andar. Nem se arrependeram dos homicídios nem dos malefícios

nem da prostituição nem dos roubos. (...)

12) *A mulher e o dragão.* Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher revestida do sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de 12

estrelas. Grávida, gritava nas dores de parto e com ânsias de dar à luz.

Apareceu no céu outro sinal: e eis um grande dragão cor de fogo, com sete

cabeças e dez chifres e sobre as cabeças sete coroas. A cauda varreu do céu a

terça parte dos astros e os precipitou sobre a terra. O dragão parou diante da mulher na dor do parto a fim de lhe devorar o filho quando o desse à luz. A

mulher deu à luz um filho varão, que há de apascentar todas as nações com

etro de ferro. Mas o filho lhe foi arrebatado para junto de Deus e seu trono.

A mulher fugiu para o deserto, onde havia um lugar preparado por Deus, para

alimentá-la durante 1.260 dias. Houve uma batalha no céu: Miguel e seus

anjos tiveram de combater o dragão. O dragão e seus anjos combateram mas

não puderam vencer e não houve mais um lugar para eles no céu. O grande

dragão, a antiga serpente, chamada diabo e Satanás, que seduz o mundo todo,

foi então precipitado para a terra e com ele os seus anjos. (...)

Quando o dragão se viu precipitado sobre a terra, pôs-se a perseguir a mulher que dera à luz um menino. Mas foram dadas à mulher duas asas de

grande águia para voar para o deserto, o lugar onde seria alimentada por um

tempo e dois tempos e meio tempo, longe da vista da serpente. A serpente,

porém, vomitou atrás da mulher como que um rio de água, para arrastá-la.

Mas a terra veio em auxílio da mulher. Abriu a boca e tragou o rio que o

dragão vomitara. E o dragão enfureceu-se contra a mulher e foi fazer guerra

ao resto de sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm

o testemunho de Jesus.

E postou-se na praia do mar.

13) *As duas bestas*. Vi, então, subir do mar uma besta com dez chifres e sete cabeças. Sobre os chifres, dez diademas, e sobre as cabeças, nomes

blasfematórios. A besta, que vi, era como uma pantera, os pés eram como pés

de urso e a boca como a boca de um leão. O dragão lhe deu seu poder e trono

e uma grande autoridade. Vi a primeira cabeça ferida de morte mas a chaga

mortal foi curada. E toda a terra, maravilhada, seguia a besta e adorava o

dragão que tinha dado o poder à besta, e adorava a besta dizendo: "Quem é como a besta e quem poderia lutar com ela?" Foi-lhe dada também uma boca

para proferir palavras cheias de arrogância e blasfêmia e lhe foi concedido

poder de agir durante 42 meses. E ela abriu a boca em blasfêmias contra

Deus, para insultar o seu nome e a sua tenda e os que moram no céu. Foi-lhe

dado fazer guerra aos santos e vencê-los. Recebeu poder sobre toda tribo,

povo, língua e nação. E a adoraram todos os habitantes da terra cujo nome não

está escrito, desde o princípio do mundo, no livro da vida do Cordeiro

imolado.

Se alguém tem ouvidos que ouça: Se alguém está destinado ao cativeiro, irá

para o cativeiro. Se alguém mata pela espada, pela espada morrerá.

Nisto se baseia a perseverança e a fé dos santos.

Vi outra besta que subia da terra com dois chifres como chifres de um

cordeiro mas com voz de um dragão. Exercia todo o poder da primeira besta

em sua presença, fazendo com que a terra e todos os seus habitantes

adorassem a primeira besta cuja chaga mortal fora curada. Praticava grandes

sinais até fazer descer fogo do céu sobre a terra diante dos homens. Seduzia os habitantes da terra com os sinais que lhe fora dado praticar na presença da

besta, dizendo aos habitantes da terra que fizessem uma imagem em honra da

besta que tinha sido ferida pela espada e sobrevivera. Foi-lhe dado infundir

espírito na imagem da besta para a

imagem falar e fazer perecer todos que não se prostrassem diante da imagem da besta. Conseguia que todos, pequenos e grandes,

ricos e pobres, livres e

escravos, recebessem na mão direita ou na frente a marca da besta.
Ninguém

podia comprar ou vender senão quem tivesse, como marca, o nome
da besta

ou o número de seu nome.

Aqui se requer sabedoria. Quem tiver inteligência, calcule o número
da

besta, porque é o número de um homem. Seu número é 666.

14) *O Cordeiro e os resgatados.* Tive ainda uma visão: o Cordeiro
estava sobre o monte Sião e com ele 144 mil, que trazem seu nome
e o nome de seu

Pai escritos em suas frentes. Ouvei uma voz do céu, como a voz de
grandes

águas, como voz de grande trovão, e a voz que ouvi era de
citaristas, tocando

as cítaras. E cantavam um cântico novo diante do trono e dos quatro
seres

vivos e dos anciãos. Ninguém podia aprender o canto senão os 144
mil que

foram resgatados da terra. Estes são os que não se mancharam com
mulheres

mas são virgens. São os que seguem o Cordeiro, aonde quer que vá.
Foram

resgatados dentre os homens, como primícias para Deus e para o Cordeiro, e

em sua boca não se encontrou mentira: são imaculados.

O juízo se prepara no céu. E vi outro anjo que voava pelo zênite do céu e segurava o Evangelho eterno para anunciá-lo aos habitantes da terra e a toda

nação, tribo, língua e povo, dizendo em altas vozes: "Temei a Deus e lhe dai glória, porque chegada é a hora de seu juízo. Adorai aquele que fez o céu e a

terra, o mar e as fontes das águas." Um segundo anjo o seguiu, dizendo:

"Caiu, caiu a grande Babilônia que com o vinho de sua furiosa prostituição embriagou todas as nações." E mais um terceiro anjo os seguiu, dizendo com voz forte: "Se alguém adorar a besta e sua imagem e receber sua marca na

fronte ou na mão, beberá do vinho do furor de Deus, que sem mistura foi

derramado na taça de sua ira. Será atormentado com fogo e enxofre diante dos

santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça de seu tormento sobe pelos

séculos dos séculos. Não terão repouso dia e noite aqueles que adoram a besta

e sua imagem e quem quer que receba a marca de seu nome." Nisto está a

paciência dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em

Jesus.

Ouvi uma voz do céu que dizia: "Escreve: felizes os mortos que morrem no

Senhor de agora em diante — sim, diz o Espírito — para descansarem de seus

trabalhos, pois suas obras os seguem."

Olhei e eis uma nuvem branca e alguém, como um filho de homem, sentado sobre a nuvem com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice afiada na mão.

Saiu do templo outro anjo. Clamou com voz forte para aquele que estava

sentado na nuvem: "Mete tua foice e corta porque chegou a hora da colheita.

Está madura a colheita da terra." Aquele que estava sentado na nuvem atirou a foice sobre a terra e a terra foi ceifada. Outro anjo saiu do templo que está no céu e também ele tinha na mão uma foice afiada. E saiu do altar outro anjo

que tinha poder sobre o fogo e clamou com voz forte para aquele que tinha a

foice afiada, dizendo: "Atira a foice afiada e vindima os cachos da vinha da terra porque as uvas estão maduras." E o anjo atirou a foice sobre a terra e vindimou a vinha da terra. Lançou as uvas no grande lagar do furor de Deus e

a uva foi pisada fora da cidade e o sangue saiu do lagar até atingir os freios dos cavalos por espaço de trezentos quilômetros. (...)

As pragas das sete taças. Depois vi abrir-se o templo da tenda da aliança no céu, e saíram do templo os sete anjos que tinham as sete

pragas, vestidos de

linho puro, brilhante, e com os peitos cingidos por cinturões de ouro.
Um dos

quatro seres vivos deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias de
cólera de

Deus, que vive pelos séculos dos séculos. E o templo se encheu de
fumaça da

glória de Deus e de seu poder. Ninguém podia entrar no templo
enquanto não

se tivessem consumado as sete pragas dos sete anjos.

16) Do templo ouvi uma voz forte que dizia aos sete anjos: "Ide e
derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus."

Foi o primeiro e derramou sua taça sobre a terra. Apareceu uma
úlceras

maligna e perniciosas nos homens, que tinham a marca da besta e se

prostravam diante de sua imagem. O segundo derramou sua taça
sobre o mar.

E o mar virou sangue, como de um morto, e morreu todo ser vivo no
mar. O

terceiro derramou sua taça sobre os rios e sobre as fontes das águas
e as águas viraram sangue. Ouvi o anjo das águas que dizia:

"Justo és tu, aquele que é e que era, o Santo,

porque assim julgaste.

Pois que eles derramaram o sangue dos santos e dos

profetas, deste-lhes de beber sangue

E bem o merecem."

E ouvi dizer do altar:

"Sim. Senhor Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos."

O quarto anjo derramou sua taça sobre o sol e foi-lhe dado abrasar os homens

com fogo. E os homens foram queimados por grande calor e blasfemavam o

nome de Deus que tem poder sobre as pragas mas não se arreponderam para

dar-lhe glória.

O quinto derramou sua taça sobre o trono da besta e o reino da besta se

cobriu de trevas, e as pessoas mordiam a língua de dor. Blasfemaram contra o

Deus do céu por causa de suas penas e de suas úlceras mas não se

arreponderam de suas obras. O sexto anjo derramou sua taça sobre o grande

rio Eufrates. A água secou de sorte que o caminho ficou livre para os reis que vêm do Oriente. Vi sair da boca do dragão e da boca da besta e da boca do

falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs. São espíritos dos

demônios que fazem sinais e se dirigem para os reis da terra a fim de reuni-los para a batalha do grande dia do Deus Todo-poderoso. — "Eis que venho

como um ladrão. Feliz quem vela e guarda suas vestes para não andar nu e

não serem vistas suas vergonhas." — E os reuniram num lugar que em

hebraico se chama *Harmagedon*.

O sétimo anjo derramou sua taça no ar. E saiu do templo uma voz forte que

vinha do trono de Deus e dizia: "Está feito." Houve relâmpagos, vozes, trovões e um terremoto tão grande como nunca houve desde que existem

homens na face da terra. A grande cidade se dividiu em três partes e as

idades das nações desapareceram.

E a grande Babilônia foi lembrada diante de Deus para lhe ser dado o cálice

do vinho de sua cólera ardente. Sumiram todas as ilhas. Já não se

encontravam montes. Uma tempestade de granizo, com pedras de vinte a

trinta quilos, desabou sobre os homens. Os homens blasfemaram contra Deus

por causa do flagelo de granizo, pois foi terrível.

17) *A prostituta e a besta*. Veio então um dos sete anjos que tinham as sete taças e falou comigo, dizendo: "Vem e te mostrarei o juízo da grande

prostituta sentada sobre as grandes águas. Com ela se prostituíram os reis da

terra, e os habitantes da terra se embriagaram com o vinho de sua

prostituição." E me levou em espírito para o deserto. Vi uma mulher sentada numa besta cor de escarlata, cheia de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e

dez chifres. A mulher se vestia púrpura e escarlata, estava

adornada de ouro e pedras preciosas e pérolas, e tinha na mão uma taça de ouro cheia de abominação e imundície de sua prostituição. Na frente

trazia escrito um nome — mistério —: "Babilônia, a grande, a mãe das

prostitutas e das abominações da terra." Vi que a mulher estava embria-

gada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus.

Seu aspecto me encheu de grande assombro. Disse-me o anjo: "De que

te admiras? Eu te explicarei o mistério da mulher e da besta com sete

cabeças e dez chifres que a carrega. A besta que viste era, mas já não é.

Mas está para subir do abismo e depois caminhar para a perdição.
Os

habitantes da terra, cujos nomes não estão escritos desde o
princípio no

livro da vida, ficarão admirados, vendo a besta, porque era e já não
é;

mas reaparecerá. Eis o sentido que encerra sabedoria. As sete
cabeças

são sete montes sobre os quais a mulher está sentada. Significam
sete

reis. Cinco caíram, um existe e outro ainda não chegou, mas,
quando

vier, permanecerá por pouco tempo. A besta, que era e já não é,
também é um oitavo, que é dos sete, e caminha para a perdição.

"Os dez chifres que vês são dez reis, que ainda não receberam a
realeza mas com a besta receberão poder de reis por uma hora.
Eles, de

comum acordo, emprestarão à besta seu poder e autoridade.
Lutarão

contra o Cordeiro e o Cordeiro os vencerá porque é o Senhor dos
senhores e Rei dos reis. Aqueles que estão com ele são os
chamados, os

escolhidos, os fiéis."

Disse-me ainda: "As águas que vês, em que está sentada a prostituta, são os povos e as multidões, as nações e as línguas. Os dez chifres que vês, e a besta, odiarão a prostituta e a deixarão desolada e nua e lhe comerão as carnes e a

consumirão no fogo. Porque Deus lhes pôs na mente pôr em execução o seu

plano e, de comum acordo, dar à besta a soberania até que se cumpram as

palavras de Deus. E a mulher que viste é a cidade grande que tem a soberania

sobre os reis da terra."

18) *A queda da Babilônia*. Depois vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder. De sua claridade a terra ficou iluminada. Gritou com voz

potente, dizendo:

"Caiu, caiu a grande Babilônia.

Tornou-se morada de demônios,

guarita de todo espírito impuro

e abrigo de toda ave impura

e abominável.

Pois com o vinho de sua furiosa prostituição

se embriagaram todas as nações,

com ela se prostituíram os reis da terra.

Também os comerciantes da terra se enriqueceram com seu luxo desenfreado."

Ouvi uma outra voz do céu, que dizia:

"Saí dela, meu povo,

para não serdes cúmplices de seus pecados,

para não vos atingir parte de suas pragas.

Os seus pecados se amontoaram até o céu

e Deus se lembrou de suas

iniquidades.

Pagai-lhe com a própria moeda,

e dai em troca o dobro de suas obras.

Na taça que preparou, preparai o dobro.

Na mesma proporção em que se envaideceu

e entregou-se ao luxo,

dai-lhe pranto e tormento.

Já que disse em seu coração: 'Como

rainha estou sentada,

não sou viúva nem jamais verei luto',

por isso num só dia virão sobre ela as pragas:

a morte, o pranto, a fome

e ela será devorada pelo fogo, pois
poderoso é o Senhor Deus, que a
julgou."

Por sua causa não de chorar e lamentar-se os reis da terra que com
ela se

prostituíram e se entregaram ao luxo, quando virem a fumaça de
seu incêndio.

Parados ao longe com medo de seus tormentos, dirão:

"Ai, ai, Babilônia,

grande cidade, cidade forte,

porque chegou de vez o teu juízo!"

Também os negociantes da terra choram e por ela se lamentam,
pois já não há quem lhes compre os carregamentos dos navios:
carregamentos de ouro e

prata, pedras preciosas e pérolas, linho fino e púrpura, seda e
escarlate, todo tipo de madeira perfumada, objetos de marfim,
objetos de madeira preciosa e

de bronze e ferro e mármore, canela, perfumes e aromas, mirra e
incenso,

vinho, azeite e flor de farinha, trigo, animais de carga e ovelhas,
cavalos e

carros, escravos e vidas humanas.

Os frutos de sabor apetitoso te faltam, todas as coisas mais
requintadas e

finas desapareceram e já não serão encontradas.

Os comerciantes destas mercadorias, que se enriqueciam, pararão ao longe

com medo de seus tormentos, chorando e lamentando-se com as palavras:

"Ai, ai, grande cidade,

que se vestia de linho,

púrpura e escarlata

e se ornava de ouro,

pedras preciosas e pérolas,

porque ficou devastada de vez tanta riqueza!"

Todo piloto, todo navegante e marinheiro, todos que lidam no mar, pararam

ao longe e exclamaram, ao ver a fumaça do incêndio: "O que havia de

comparável com a grande cidade?" E jogaram pó sobre as cabeças, gritando

entre prantos e lamentos:

"Ai, ai, grande cidade,

em que se enriqueceram todos os

armadores do mar,

por causa de sua opulência;

ficou devastada de vez ! "

Alegra-te, ó céu,

e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus julgou nossa causa
contra ela.

Então um anjo poderoso levantou uma pedra como uma grande mó
e atirou-

a no mar, dizendo:

"Com um tal ímpeto será arremessada

babilônia, a grande cidade,

e já não será encontrada.

Nunca mais nela se ouvirá

a voz dos citaristas e dos músicos,

dos flautistas e dos trombeteiros,

nem artesão de qualquer arte

será jamais encontrado em ti.

O ruído do moinho já não se escutará,

a luz da lâmpada já não luzirá,

nem se ouvirá a voz do esposo e da esposa,

porque teus comerciantes eram

magnatas da terra, porque com teus malefícios

se extraviaram todas as nações,
e nela se achou o sangue dos profetas, dos santos,
e de todos os degolados sobre a terra."

19) *O céu celebra o triunfo*. Depois ouvi uma voz forte, como de multidão numerosa no céu, que dizia:

"Aleluia!

A salvação, a glória e o poder para nosso Deus,
porque verdadeiros e justos são seus juízos.

Julgou a grande prostituta,

que corrompia a terra com sua prostituição.

Nela vingou o sangue de seus servos."

E pela segunda vez disseram:

"Aleluia!

A fumaça da cidade sobe
pelos séculos dos séculos."

Caíram de joelhos os 24 anciãos e os quatro seres vivos. E adoraram
a

Deus, que está sentado no trono, dizendo:

"Amém, aleluia!"

Do trono saiu uma voz que dizia:

"Louvai nosso Deus

todos os seus servos

e todos os que o temeis,

pequenos e grandes."

E ouvi uma voz, como de grande multidão, como voz de muitas águas e

como voz de fortes trovões, que dizia:

"Aleluia!

Porque estabeleceu seu reino o Senhor nosso Deus, o todopoderoso.

Alegremo-nos, exultemos e demos glória,

porque se aproximam as núpcias do cordeiro.

A Esposa está preparada.

Foi-lhe dado vestir linho brilhante e puro,

pois o linho são as obras justas dos santos."

E ele me disse: "Escreve: felizes os convidados para o banquete nupcial do Cordeiro." E acrescentou: "Estas palavras de Deus são verdadeiras." Lancei-me a seus pés para adorar mas ele me disse: "Não o faça. Sou um servo como tu e teus irmãos, possuidores do testemunho de Jesus. Adora a Deus. O

testemunho de Jesus equivale ao espírito de profecia." (...)

20) *A derrota do dragão e o milênio.* Vi então descer do céu um anjo que trazia nas mãos a chave do abismo e uma grande cadeia. Ele pegou o dragão,

a serpente antiga, que é o diabo. Satanás, e o acorrentou por mil anos.

Lançou-o no abismo e o fechou, pondo em cima um selo, para já não extraviar

as nações até o fim dos mil anos, depois será solto por pouco tempo. Vi tronos e pessoas sentadas e foi-lhes dado o poder de julgar, e vi as almas dos que

tinham sido degolados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de

Deus, e todos os que não haviam adorado a besta, nem sua imagem, e não

tinham recebido a marca na fronte ou na mão. Receberam a vida e reinaram

com Cristo mil anos. Os outros mortos não voltaram a viver antes de

terminarem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Felizes e santos os que tiverem parte na primeira ressurreição. Sobre eles não terá força a segunda

morte. Serão sacerdotes de Deus e de Cristo e com ele reinarão por mil anos.

Terminados os mil anos. Satanás será solto da prisão, e sairá para extraviar

as nações que habitam os quatro cantos da terra, a Gog e a Magog, e reunir

todos para a guerra, cujo exército será como as areias

do mar. Subirão sobre a superfície da terra e cercarão o acampamento dos santos e a cidade amada. Mas descerá fogo do

céu e os devorará. O diabo que

os seduzira foi jogado no tanque de fogo e enxofre, onde também a besta e o

falso profeta já estarão, e serão atormentados dia e noite pelos séculos dos

séculos.

O juízo sobre os mortos. Vi um trono grande e branco e quem nele estava sentado. Os céus e a terra fugiram de sua presença, sem deixarem rastro de si.

Vi os mortos, grandes e pequenos, diante do trono. Abriram-se os livros e

ainda outro livro, que é o livro da vida. Julgaram-se os mortos segundo suas

obras, segundo as obras que estavam escritas nos livros. O mar entregou os

mortos que tinham em seu seio, e do mesmo modo a morte e o inferno

entregaram os que tinham. Foram julgados cada um segundo as suas obras. A

morte e o inferno foram jogados no tanque de fogo. Esta é a segunda morte, o

tanque de fogo. Todo aquele que não foi encontrado escrito no livro da vida,

foi lançado no tanque de fogo.

21) *Os novos céus e a nova terra.* Vi um céu novo e uma terra nova, porque o primeiro céu e a primeira terra haviam desaparecido e o mar já não existia. Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu do lado de Deus, ornada

como uma esposa se enfeita para o esposo. Ouvi uma voz forte do trono, que

dizia: "Eis a tenda de Deus entre os homens. Ele levantará sua morada entre eles e eles serão seu povo e o próprio Deus-com-eles será o seu Deus.

Enxugará as lágrimas de seus olhos e a morte já não existirá nem haverá luto

nem pranto nem fadiga, porque tudo isso já passou."

E aquele que estava sentado no trono disse: "Eis que renovo todas as

coisas." E acrescentou: "Escreve, porque estas palavras são fiéis e

verdadeiras." Disse-me, então: "Está feito. Eu sou o Alfa e o Omega, o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei gratuitamente água da fonte da

vida. Quem vencer, herdará estas coisas e serei seu Deus e ele será meu filho.

Os covardes, os infiéis, os abomináveis, os assassinos, os que se dão à

prostituição, os feiticeiros, os idólatras e todos os mentirosos terão sua parte no tanque ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte."

A nova Jerusalém. Chegou um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas. Falou comigo e me disse:

"Vem que te mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro."

Levou-me em espírito a um grande monte bem alto e mostrou a cidade santa. Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus. Tinha a glória de Deus, seu brilho era semelhante à pedra mais preciosa, como uma pedra de jaspe

cristalina. Tinha um muro grande e alto e 12 portas. Sobre as portas, 12 anjos e nomes escritos. São os nomes das 12 tribos de Israel.

Da parte do oriente três portas, da parte do norte três portas, da parte do sul três portas e da parte do poente três portas. O muro da cidade tinha 12 pedras fundamentais. Sobre elas os 12 nomes dos 12 apóstolos do Cordeiro.

Quem falava comigo tinha uma medida, uma cana de ouro, para medir a

cidade, as portas e o muro. A cidade estava assentada sobre uma base

quadrangular de igual comprimento e largura. Com a cana mediu a cidade.

Ela tinha 12 quilômetros, sendo iguais comprimento, largura e altura. Mediu o

muro. Tinha 144 metros, medida humana, que é a do anjo. O muro era de

jaspe e a cidade de ouro puro, semelhante ao cristal puro. As pedras fundamentais do muro da cidade eram de todo gênero de pedras preciosas: a

primeira de jaspe, a segunda de safira, a terceira de calcedônia, a quarta de

esmeralda, a quinta de sardônica, a sexta de cornalina, a sétima de crisólito, a oitava de berilo, a nona de topázio, a décima de crisopraso, a décima primeira de jacinto e a décima segunda de ametista.

As 12 portas eram 12 pérolas, cada uma das portas era uma pérola, e a

praça da cidade era de ouro puro, como cristal transparente. Não vi nela

templo algum. O Senhor Deus Todo-poderoso é seu templo e o Cordeiro. A

cidade não tem necessidade de sol nem de lua que a iluminem. Pois a glória

de Deus a ilumina, e sua luz é o Cordeiro. Em seu fulgor caminharão as

nações e os reis da terra levarão até ela sua glória. As portas não se fecharão durante o dia, pois não haverá noite, e levarão até ela a glória e a honra das nações. Nela não entrará coisa alguma impura nem quem cometa

abominações e diga mentiras, mas somente os que estão escritos no livro da

vida do Cordeiro.

22) E mostrou-me então um rio de água da vida, pura como cristal. Saía do

trono de Deus e do Cordeiro. No meio da rua da cidade, de um lado e de outro

do rio, havia uma árvore da vida, que dava 12 frutos, cada fruto em seu mês.

As folhas da árvore eram saudáveis para as nações. Já não haverá maldição

alguma e o trono de Deus e do Cordeiro estará

nela. Os seus servos o servirão e verão sua face e trarão o seu nome nas fronteiras. Já não haverá noite nem necessidade de luz da lâmpada nem de luz do

sol porque o Senhor Deus os alumiará e eles reinarão pelos séculos dos

séculos.

A veracidade das visões garantida. E ele me disse: "Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para

mostrar a seus servos as coisas que brevemente hão de suceder. Eis que venho

em breve. Feliz aquele que guardar as palavras da profecia deste livro." Eu.

João, ouvi e vi estas coisas. Quando as ouvi e vi, caí de joelhos para me

prostrar aos pés do anjo que as mostrava. Ele, porém, me disse: "Não o faças, pois sou servo como tu e teus irmãos, os profetas, e os que guardam as

palavras deste livro. Adora a Deus."

E ele me disse: "Não guardes em segredo as palavras da profecia deste

livro, porque o tempo está próximo.

Quem é injusto continue ainda nas injustiças, o impuro prossiga nas impurezas, o justo pratique ainda a justiça e o santo santifique-se ainda mais.

Eis que venho em breve e comigo minha recompensa para distribuir a cada

um segundo suas obras. Sou o Alfa e o Omega, o Primeiro e o Último, o

Princípio e o Fim. Felizes os que lavam suas túnicas, para terem direito à

árvore da vida e a entrar pelas portas que dão acesso à cidade. Ficarão de fora os cães, os feiticeiros, os que se prostituem, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira.

Eu, Jesus, enviei meu anjo para vos dar testemunho destas coisas sobre as

igrejas. Sou a raiz e a linhagem de Davi, a estrela brilhante da manhã." E o Espírito e a Esposa dizem: "Vem." E quem escutar, diga: "Vem." E quem tiver sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.

Declaro a todo aquele que escutar as palavras da profecia deste livro: se

alguém acrescentar algo. Deus acrescentará sobre ele as pragas escritas neste

livro. E se alguém tirar algo das palavras do livro desta profecia. Deus lhe

tirá a parte da árvore da vida e da cidade santa, que estão escritas neste

livro.

Quem dá testemunho destas coisas, diz: "Sim, venho em breve."
"Amém.

Vem. Senhor Jesus." A graça do Senhor Jesus esteja com todos.

Tradução de Mateus Hoepers

Narayana

O primeiro manuscrito encontrado do Hitopadoxa, um conjunto de 43

histórias derivadas do Panchatantra, é de 1373. Como sói acontecer em contos populares (portanto de origem oral), são muitas as versões ao longo dos anos. A primeira versão em nossa língua, traduzida do sânscrito, em 1897, pelo erudito português Sebastião Rodolfo Dalgado, foi incluída em Mar de Histórias, ainda nos anos 50. Optamos por uma outra e nova tradução/

versão de "O rato e o eremita". De qualquer forma, o importante é apresentá-

lo como uma pequena "prova" da existência do fantástico na Antiguidade mais remota. (O Panchatantra é um clássico hindu anterior à Ilíada de Homero.)

O rato e o eremita

O ignóbil que atinge uma posição elevada atenta

contra a vida do seu amo, como o rato que, tendo

chegado a ser tigre, tentou matar o eremita.

VIVIA. NO BOSQUE DA PENITÊNCIA CONSAGRADO ao grande Gautama, um eremita

chamado Maátapas.

Um dia, encontrou esse eremita um ratinho que ia sendo carregado por um

corvo. O eremita, compassivo por natureza, alimentou-o com grãos de arroz e

passou a criá-lo.

Até o dia em que surgiu um gato correndo atrás do rato para comê-lo. Ao

vê-lo, correu o rato a se esconder no colo do eremita. Disse então o eremita:

— Rato, transforma-te tu em gato.

Transformado em gato, porém, fugia o animal ao ver um cão. Disse então o eremita:

— Se tens medo do cão; transforma-te tu também em cão.

Transformado em cão, porém, tinha o animal medo do tigre.

Transformou então o eremita o cão em tigre.

Para o eremita, entretanto, aquele tigre era tido como rato. Assim também

era para os que viam o eremita e o tigre, que diziam:

— Foi este eremita que transformou o rato em tigre.

Ouvindo tais palavras, pensou um dia o tigre:

— Enquanto vida tiver este eremita, vida terá a infamante história da

minha forma primitiva.

Depois de assim refletir, correu o tigre para matar o eremita. Percebendo-

lhe a intenção, disse então o eremita:

— Retorna tu a tua forma de rato.

E assim se fez.

Tradução de Celina Portocarrero

Wu Cheng'em

Autor chinês do século XVI, Wu Cheng'en (c.1500-c.1582), chegou ao

Ocidente séculos depois com a edição inglesa de The Journey to the West (sem data) e é aqui transcrito a partir da Antologia de la literatura fantástica, de Borges-Casares-Ocampo. Aliás, nada mais borgiano, avant la lettre, do que esta mistura de vigília e sono (sonho), realidade e imaginário se

confundindo numa coisa só. Eis uma vertente constante da literatura fantástica de todos os tempos. E em poucas linhas.

A sentença

NAQUELA NOITE. NA HORA DO LOBO, o imperador sonhou que havia saído de seu

palácio e que, na escuridão, caminhava pelo jardim, debaixo das árvores em

flor. Alguma coisa enroscou-se em seus pés e lhe implorou ajuda.

O imperador consentiu; o suplicante disse que era um dragão e que os

astros lhe haviam revelado que no dia seguinte, antes do cair da noite, Wei

Cheng, ministro do imperador, lhe cortaria a cabeça. No sonho, o imperador

jurou protegê-lo.

Ao despertar, o imperador perguntou por Wei Cheng. Disseram-lhe que ele

não estava no palácio; o imperador mandou buscá-lo e tratou de mantê-lo

ocupado o dia inteiro, para que não matasse o dragão, e ao entardecer propôs

que eles dois jogassem xadrez. A partida foi longa, o ministro estava cansado

e acabou dormindo.

Um estrondo perturbou toda a terra.

Pouco depois chegaram dois oficiais que traziam uma imensa cabeça de

dragão empapada de sangue. Jogaram-na aos pés do imperador e gritaram:

— Caiu do céu!

Wei Cheng, que acabara de despertar, olhou-a perplexo e comentou:

— Que estranho, eu sonhei que estava matando um dragão igualzinho a

este.

Tradução de Flávio Moreira da Costa

Charles e Mary Lamb

A idéia dos irmãos Charles e Mary Lamb (1775-1834 / 1764-1847) era simples e despretensiosa: divulgar em forma de contos as peças de

Shakespeare para os jovens. O resultado foi o livro, reeditado até hoje.

Contos de Shakespeare, de onde extraímos "A tempestade". Essa peça, que já foi considerada uma espécie de precursora da ficção científica, é na

realidade mágica, ou melhor, resulta em literatura fantástica com base na

cultura popular (folktales, ou contos populares, como também o "Sonho de uma noite de verão"). E revela a realidade como uma instância paralela ao que entendemos cotidianamente como real.

A tempestade

HAVIA UMA CERTA ILHA NO MAR cujos únicos habitantes eram um velho, de

nome Próspero, e sua filha Miranda, moça belíssima. Fora tão nova para a ilha

que não tinha lembrança da visão de nenhum outro rosto que não fosse o de

seu pai.

Moravam numa caverna ou abrigo, feito na pedra, dividido em vários aposentos, um dos quais Próspero chamava de seu gabinete; lá guardava seus

livros, que tratavam principalmente de magia, um assunto, naquela época,

muito estudado por todos os homens de saber: e o conhecimento de tal ciência

mostrou-se utilíssimo para ele; tendo sido jogado por estranho acaso nessa

ilha, encantada por uma bruxa chamado Sycorax, que lá morrera pouco tempo

antes de sua chegada. Próspero, por meio de sua ciência, libertou muitos bons

espíritos que Sycorax aprisionara nos corpos de grandes árvores, por terem se

recusado a executar suas ordens maléficas. Estes pacatos espíritos foram daí

por diante obedientes à vontade de Próspero. Deles, era chefe Ariel.

O alegre duende Ariel nada tinha de nocivo em sua natureza, a não ser o

fato de sentir excessivo prazer em atormentar um feio monstro chamado

Caliban, que lhe causava ressentimento por ser o filho de sua velha inimiga

Sycorax. Esse tal Caliban. Próspero achava nos bosques, uma estranha coisa

disforme, de aparência bem menos humana que um macaco: levou-o para sua

casa no abrigo, e ensinou-o a falar; e Próspero foi gentilíssimo com ele, mas a má índole herdada por Caliban de sua mãe Sycorax não o deixou aprender

nada de bom ou útil: portanto, foi

usado como escravo, para pegar madeira e fazer as tarefas mais trabalhosas; e Ariel era encarregado de compeli-lo a tais serviços.

Quando Caliban ficava preguiçoso e negligenciava seu trabalho. Ariel (que

era invisível a todos os olhos menos os de Próspero) chegava escondido e o

beliscava e, às vezes, tombava-o em cima da lama; e então, com o aspecto de

um macaco, fazia caretas para ele. Depois, agilmente mudando de forma para

a aparência de um ouriço, se estendia caído na frente de Caliban, que receava

ter os pés descalços furados pelos espinhos pontiagudos dos ouriços. Com um

monte de truques vexatórios desse tipo. Ariel costumava atormentá-lo, sempre

que Caliban negligenciava o trabalho que Próspero mandava fazer.

Com esses poderosos espíritos obedientes a sua vontade. Próspero podia,

através deles, comandar os ventos e as ondas do mar. Por ordem sua deram

origem a um violento temporal, no meio do qual mostrou a sua filha um

grande navio, lutando com as selvagens ondas do mar que a todo momento

ameaçavam devorá-lo, contando-lhe que estava cheio de seres vivos como

eles.

— Meu querido pai — disse ela —, se, com sua mágica, fez acontecer esse

horrível temporal, tenha piedade de sua triste sina. Veja! O barco vai ser

estraçalhado. Pobres almas! Todos perecerão. Se eu tivesse poder, faria o mar

sumir debaixo da terra, em vez de destruir o bom navio, com todas as

preciosas almas dentro dele.

— Não fique tão assustada, minha filha Miranda — disse Próspero —, não

houve dano; dei as ordens de tal modo que nenhuma pessoa no navio sofra

ferimento algum. O que fiz foi pensando em você, minha querida criança.

Você ignora quem você é, de onde veio e de mim só sabe que sou seu pai e

moro nesta pobre caverna. Consegue se lembrar de uma época antes de ter

vindo para este abrigo? Acho que não, pois não tinha nem três anos de idade.

— É claro que consigo! — replicou Miranda.

— Através de quê? — perguntou Próspero. — De alguma outra casa ou

pessoa? Diga-me o que consegue lembrar, minha criança. Miranda disse:

— Parece a recordação de um sonho... Mas não tive, certa vez, quatro ou

cinco mulheres cuidando de mim?

Próspero respondeu:

— Teve, sim, e até mais. Como é que isso ainda está na sua cabeça?

Lembra-se de como veio para cá?

— Não, senhor — disse Miranda —, não me lembro de mais nada.

— Doze anos atrás — continuou Próspero —, eu era duque de Milão; você

era uma princesa, minha única herdeira. Eu tinha um irmão mais moço, cujo

nome era Antônio, a quem tudo confiei; e como me encontrava em

recolhimento e profundo estudo, comumente deixava a administração de meus

negócios de Estado para seu tio, meu falso irmão (pois assim de fato ele

provou ser); eu, negligenciando todos os objetivos mundanos, enterrado entre

os livros, dediquei todo o meu tempo ao aperfeiçoamento da mente. Meu

irmão Antônio, ficando assim de posse de meu poder, começou a se achar o

verdadeiro duque. A oportunidade que eu dera a ele de se tornar popular entre

meus súditos despertou em sua má índole uma orgulhosa ambição de me

privar do ducado: o que logo efetuou, com ajuda do rei de Nápoles, um

poderoso príncipe, que era meu inimigo.

— Então eles não nos destruíram nessa hora?

— Minha criança — respondeu o pai —, eles não ousaram, tal era o amor

que meu povo me devotava. Antônio nos transportou a bordo de um navio, e

quando atingimos algumas léguas em alto-mar colocou-nos num barquinho,

sem equipamento, nem vela, nem mastro: lá nos deixou, pensou ele, entregues

à morte. Mas um gentil nobre de minha corte, certo Gonzalo, que me estimava, havia por sua conta posto no barco água, provisões, roupa e alguns

livros que eu apreciava acima de meu ducado.

— Ó meu pai — disse Miranda —, que problema eu devo ter sido para o

senhor, nessa época!

— Não, meu amor — disse Próspero —, você era um querubim que me

preservou. Seus inocentes sorrisos me fizeram resistir contra os infortúnios.

Nossa comida durou até virmos parar nesta ilha deserta, e desde então meu

grande deleite tem sido ensinar você. Miranda, e ver que tem tirado bom

proveito de minhas lições.

— Deus lhe pague, meu querido pai — disse Miranda. — Agora, por favor, me conte a razão de gerar essa tempestade no mar.

— Saiba então — disse o pai dela — que, por meio desse temporal, meus

inimigos, o rei de Nápoles e meu cruel irmão vieram dar às praias desta ilha.

Assim dizendo. Próspero tocou de leve a filha com sua varinha mágica, e

ela adormeceu logo, pois o espírito Ariel acabava de se apresentar diante do

mestre, para contar sobre a tempestade e sobre o destino que

dera à tripulação do navio e, embora os espíritos fossem sempre invisíveis para Miranda. Próspero não achava conveniente ela ouvi-lo a conversar

(conforme pareceria) com o ar vazio.

— Bem, meu bravo espírito — disse Próspero para Ariel —, como se desincumbiu da tarefa?

Ariel deu uma vívida descrição do temporal, e dos terrores dos

marinheiros; e de como o filho do rei. Ferdinando, foi o primeiro a se jogar no mar; e da maneira como seu pai pensou ter visto o querido filho engolido

pelas ondas, perdido.

— Mas está a salvo — disse Ariel — num canto da ilha, sentado de braços

cruzados, a lamentar com tristeza a perda do rei, seu pai, que ele supõe

afogado. Nenhum cabelo de sua cabeça sofreu dano, e sua vestimenta

princesca, embora encharcada pelas ondas do mar, parecem mais novas que

antes.

— Assim é que é o meu delicado Ariel — disse Próspero. — Traga-o até

aqui; minha filha precisa ver esse jovem príncipe. Onde está o rei meu irmão?

— Eu os deixei procurando Ferdinando — respondeu Ariel —, a quem eles tinham pouca esperança de achar, pensando tê-lo visto morrer. Da

tripulação do navio não falta ninguém; embora cada um se julgue o único

sobrevivente; e o navio, mesmo invisível para eles, está a salvo no porto.

— Ariel — disse Próspero —, teu encargo foi conscienciosamente desempenhado; mas ainda há mais trabalho.

— Mais trabalho? — perguntou Ariel. — Permita-me lembrar-lhe, amo,

que prometeu minha liberdade. Por favor, lembre-se, prestei bom serviço, não

contei mentira, não cometi erros, servi-o sem má vontade nem resmungo.

— Essa não! — disse Próspero. — Você não se recorda de que tormento

libertei você. Esqueceu a repugnante bruxa Sycorax, que com a idade e a

inveja quase se curvou em duas? Onde ela nasceu? Fale; conte-me.

— Em Argel — disse Ariel.

— É mesmo? — disse Próspero. — Preciso relatar o que você foi e acho

que não se lembra. A bruxa Sycorax, por suas feitiçarias, terríveis demais para o ouvido humano, foi banida de Argel e aqui deixada pelos marinheiros; e por

ser você um espírito delicado demais para executar suas ordens maléficas, ela

aprisionou você dentro de uma árvore, onde o encontrei em prantos. Desse

tormento, lembre-se, eu liberei você.

— Perdoe-me, caro amo — disse Ariel, envergonhado por parecer tão ingrato; vou obedecer a suas ordens.

— Faça isso — disse Próspero —, e o colocarei em liberdade. —
Então

deu as ordens para o que ele ainda tinha a fazer; e lá se foi Ariel,
primeiro

para onde deixara Ferdinando, encontrando-o ainda sentado na
grama na

mesma posição melancólica.

— O meu jovem cavalheiro — disse Ariel, ao vê-lo —, logo o
colocarei

em movimento. Você deve ser levado, acho, para que *Lady* Miranda
tenha uma visão de sua bela pessoa. Venha, senhor, siga-me. —
Começou então a

cantar:

A cinco braças jaz teu pai;

De seus ossos, os corais são feitos;

Pérolas de seus olhos caem:

Nada nele é desfeito.

Mas transforma o mar contínuo,

Em algo exuberante e peregrino.

Ninfas do mar já soam seu fim:

Já se ouve até: dim, dom, dim!

Essa estranha notícia de seu pai desaparecido logo tirou o príncipe
do

embrutecimento em que mergulhara. Seguiu com espanto o som da voz de

Ariel, até que o levasse a Próspero e Miranda, que estavam sentados sob a

sombra de uma grande árvore. Miranda nunca vira um homem antes, exceto

seu próprio pai.

— Miranda — disse Próspero —, conte-me o que está olhando lá longe.

— Ó, pai! — disse Miranda — com certeza é um espírito. Senhor! Que

aparência ele tem! Acredite, é uma bela criatura. Não é um espírito?

— Não, menina — respondeu o pai —, ele come, dorme e tem sentidos

como nós temos. Esse rapaz que você está vendo estava no navio. Está um

pouco alterado pelo pesar, senão seria possível considerá-lo uma pessoa

atraente. Perdeu-se de seus companheiros e está andando por aí à procura

deles.

Miranda, que achava terem todos os homens fisionomias sisudas e barbas

grisalhas como seu pai, estava deliciada com a aparência deste belo e jovem

príncipe; e Ferdinando, vendo moça tão graciosa nesse lugar deserto — e

pelos estranhos sons que ouvira, nada esperando além

de maravilhas —, achou que estava numa ilha encantada, e que Miranda era a deusa do lugar, e se dirigiu a ela como tal.

Ela respondeu timidamente que não era deusa, mas uma simples donzela, e

ia contar-lhe sua vida, quando Próspero interrompeu-a. Agradava-lhe bastante

vê-los entregues à mútua admiração, pois percebia com clareza estar diante

(como se costuma dizer) de um amor à primeira vista; mas, para testar a

constância de Ferdinando, resolveu jogar algumas dificuldades no caminho

deles: então, aproximando-se, dirigiu-se ao príncipe com ar severo, dizendo-

lhe que fora para a ilha como espião, para toma-la dele, que era o senhor ali.

— Siga-me — disse ele —, vou amarrar seu pescoço aos pés. Vai beber

água do mar; conchas, raízes secas e casca de bolota serão sua comida.

— Não — disse Ferdinando —, vou resistir a tal entretenimento até ver

inimigo mais poderoso. — E tirou sua espada; mas Próspero, balançando a

varinha mágica, prendeu-o ao local em que estava, de modo que não tinha

forças para se mexer.

Miranda pressionou seu pai, dizendo:

— Por que é tão indelicado? Tenha piedade, senhor; eu serei sua garantia.

É o segundo homem que vejo na vida, e, para mim, parece autêntico.

— Silêncio! — disse o pai. — Uma palavra mais e irei repreendê-la, menina! Que coisa! Intercedendo por um impostor! Acha que não há outros

homens interessantes, já que só viu Caliban e ele. Fique sabendo, bobinha,

que a maioria dos homens supera esse, como ele a Caliban.

Assim falou para testar a lealdade de sua filha; e ela replicou:

— Minha afeição é bem humilde. Não sinto vontade de ver um homem

mais bonito.

— Venha, rapaz — disse Próspero ao príncipe —, você não tem forças

para me desobedecer.

— Não tenho mesmo — respondeu Ferdinando e, sem saber que era por

magia que estava privado de qualquer capacidade de resistir, ficou atônito ao

ver-se tão estranhamente compelido a seguir Próspero. Voltando-se para olhar

Miranda enquanto era possível vê-la, disse, ao entrar na caverna atrás de

Próspero: — Minhas faculdades estão todas restritas, como se estivesse num

sonho; mas as ameaças deste homem e a fraqueza que sinto serão como luz

para mim se de minha prisão puder, uma vez por dia, contemplar essa linda

moça.

Próspero não manteve Ferdinando por muito tempo confinado na cela: logo tirou de lá o prisioneiro, dando-lhe uma tarefa penosa para cumprir,

tomando cuidado para que sua filha soubesse do difícil trabalho que a ele

impusera e, fingindo ir para o gabinete, secretamente observou os dois.

Próspero mandara Ferdinando empilhar algumas pesadas toras de madeira.

Não sendo os filhos de reis muito acostumados ao trabalho pesado. Miranda

pouco depois deparou com seu amor quase morrendo de cansaço.

— Ah! — disse ela —. não trabalhe tanto; meu pai esta entregue a seus

estudos, ele não oferece perigo nas próximas três horas; por favor, descanse!

— Oh, querida! — disse Ferdinando — não ouse. Preciso terminar minha

tarefa antes de descansar.

— Se você sentar — disse Miranda —, eu carrego as toras.

Mas com isso Ferdinando não concordaria de modo algum. Em vez de

ajuda. Miranda tornou-se um obstáculo, pois eles começaram uma longa

conversa, de modo que a atividade de carregar toras prosseguiu bem devagar.

Próspero, que impusera essa tarefa a Ferdinando apenas como teste de seu

amor, não estava entre os livros, como sua filha supusera, mas perto deles,

invisível, para ficar à escuta do que dissessem.

Ferdinando indagou seu nome, que ela contou, dizendo que era contra a

expressa vontade de seu pai que o fazia.

Próspero apenas sorriu ante esse primeiro caso de desobediência de sua

filha, por ter causado, através da arte de sua mágica, tão súbita paixão nela; não ficou zangado por ela mostrar seu amor, esquecendo de obedecer suas

ordens. E ouviu com agrado um longo discurso de Ferdinando, no qual ele

professava amá-la acima de todas as moças que já vira.

Em resposta ao louvor de sua beleza, que ele disse exceder a de todas as

mulheres do mundo, ela replicou:

— Não me lembro do rosto de nenhuma mulher, nem vi mais nenhum

homem além de você, meu bom amigo, e do meu querido pai. As fisionomias

lá de fora, desconheço; mas, acredite, senhor, não ia querer nenhum outro

companheiro no mundo a não ser você, nem poderia minha imaginação

compor outra forma além da sua que conseguisse me agradar. Mas tenho

medo de estar a lhe falar com muita liberdade, as instruções de meu pai

esquecendo.

Próspero sorriu e balançou a cabeça, como a dizer: "Está do jeito que eu queria: minha menina vai ser rainha de Nápoles!"

E então Ferdinando, em outro ótimo e longo discurso (pois os jovens príncipes falam à maneira da corte), contou à inocente Miranda ser herdeiro

da coroa de Nápoles, e que ela seria sua rainha.

— Ah, senhor! — disse ela —, sou uma boba por chorar com o que me

alegra. Responderei em simples e santa inocência. Serei sua mulher, se casar

comigo.

Próspero impediu agradecimentos de Ferdinando aparecendo visível diante

deles.

— Não tema nada, minha filha — disse ele —, eu estava à escuta, e aprovo tudo que disse. Ferdinando, caso o tenha com muita severidade

tratado, vou compensá-lo amplamente, dando-lhe minha filha. Todos os seus

tormentos foram somente uma provação do seu amor, e você nobremente

suportou o teste. Então, como dádiva minha, conquistada por seu amor

verdadeiro, tome minha filha, e não sorria se me gabar de que ela está acima

de qualquer elogio.

Então, dizendo que tinha assuntos a resolver que exigiam sua presença,

desejou que eles sentassem e conversassem um com o outro até a sua volta; e

a essa ordem Miranda deu a impressão de não estar nem um pouco disposta a

desobedecer.

Quando Próspero os deixou, chamou o espírito Ariel, que rapidamente

apareceu diante dele, ansioso para relatar o que fizera com o irmão de

Próspero e o rei de Nápoles. Ariel disse que quase os levara a desmaiar de

medo, com as estranhas coisas que os fizera ver e ouvir. Quando estavam

cansados de perambular e famintos, sem comida, de súbito colocara diante

deles um delicioso banquete, e então, bem na hora em que iam comer,

tornara-se visível na frente deles, na forma de uma harpia, um voraz monstro

com asas, e a festa acabou. Então, para seu completo espanto, essa harpia

falou com eles, lembrando-lhes sua crueldade ao retirar Próspero de seu

ducado e deixá-lo à morte, junto com sua filha pequena, no mar — dizendo

que, por esse motivo, esses terrores puderam afligi-los.

O rei de Nápoles e Antônio, o irmão traidor, se arrependeram da injustiça

que haviam feito a Próspero; e Ariel contou a seu senhor que tinha certeza da

penitência ser sincera e que ele, mesmo sendo espírito, só conseguia ter

piedade deles.

— Então traga-os aqui. Ariel — disse Próspero. — Se você, que não é senão um espírito, sente pela desgraça deles, não devo eu, que sou um ser

humano como eles, ter compaixão? Traga-os, depressa, meu precioso Ariel.

Ariel logo voltou com o rei. Antônio e o velho Gonzalo no seu rastro, maravilhados com a música brincalhona que ele tocava no ar para arrasta-los

até a presença do seu senhor. Esse Gonzalo era o mesmo que, antes, tão

gentilmente fornecera a Próspero livros e provisões, quando seu maléfico

irmão o deixara, para morrer, num barco aberto, no mar.

O remorso e o terror haviam entorpecido tanto os seus sentidos, que não

reconhecera a Próspero. Ele se mostrou primeiro ao bom Gonzalo, chamando-

o de defensor de sua vida; e então seu irmão e o rei souberam que ele era o

injustiçado Próspero.

Antônio, com lágrimas e palavras tristes de pesar e verdadeiro

arrependimento, implorou o perdão do irmão, e o rei expressou seu sincero

remorso por ter ajudado Antônio a depor o irmão: e Próspero os perdoou; e.

ante o compromisso deles de que reaveria o ducado, falou para o rei de

Nápoles:

— Tenho um presente guardado para você, também — e, abrindo uma

porta, mostrou-lhe seu filho Ferdinando jogando xadrez com Miranda.

Não poderia ser maior a alegria do pai e do filho com esse encontro

inesperado, pois um achava que o outro se afogara na tempestade.

— Maravilha! — disse Miranda. — Que nobres criaturas são estas!

Certamente é um mundo esplêndido, o que tem pessoas assim.

O rei de Nápoles estava quase tão atônito com a beleza e o supino encanto

da jovem Miranda quanto seu filho ficara.

— Quem é essa moça? — disse ele. — Ela deve ser a deusa que nos separou e nos uniu.

— Não, senhor — respondeu Ferdinando, sorrindo ao descobrir que seu

pai caíra no mesmo erro que ele quando vira pela primeira vez Miranda —, é

uma mortal, mas pela imortal Providência, ela é minha; eu a escolhi quando

não podia pedir-lhe, meu pai, seu consentimento, não imaginando que

estivesse vivo. É a filha deste Próspero, que é o famoso duque de Milão, de

cuja reputação eu tanto ouvira falar, mas nunca vira até agora; dele recebi

nova vida: tornou-se para mim um segundo pai, dando-me esta querida moça.

— Então terei que ser pai dela — disse o rei —, mas, oh, que estranho vai soar que eu precise pedir a minha filha que me perdoe!

— Chega disso! — disse Próspero. — Não vamos ficar lembrando nossos

problemas passados, já que de modo tão feliz terminaram. — E então.

Próspero abraçou o irmão e de novo assegurou-lhe seu perdão; e disse que

uma sábia e dominante Providência permitira que ele fosse retirado de seu

pobre ducado de Milão, e que sua filha pudesse herdar a coroa de Nápoles,

pois pelo seu encontro nessa ilha deserta acontecera de o filho do rei se

apaixonar por Miranda.

Essas palavras gentis, ditas por Próspero a fim de confortar seu irmão,

encheram Antônio de vergonha e remorso a ponto de chorar e não conseguir

falar; e o bom Gonzalo chorou ao ver essa reconciliação e rezou pedindo

bênçãos para o jovem casal.

Próspero então contou-lhes que o seu navio estava a salvo no porto, e os

marinheiros todos a bordo, e que ele e sua filha iriam acompanhá-los na

viagem de volta, na manhã seguinte.

— Até lá — disse ele — partilhem do conforto possível em minha pobre

caverna; e, para sua diversão, à noite, vou relatar a história de minha vida a partir da chegada a esta ilha deserta.

Chamou então Caliban para preparar alguma comida e arrumar a caverna;

e o grupo ficou atônito com a forma insólita e a aparência selvagem deste feio monstro, que (disse Próspero) era o único auxiliar a servi-lo.

Antes de Próspero deixar a ilha, dispensou Ariel de seu serviço, para grande alegria desse vivido espiritozinho que, embora servo leal a seu senhor, sempre almejava desfrutar completa liberdade, para passear sem controle pelo

ar, como um pássaro selvagem, sob árvores verdes, em meio a frutos gostosos

e flores docemente perfumadas.

— Meu gracioso Ariel — disse Próspero ao pequeno espírito, quando o

tornou livre —, vou sentir sua falta; mesmo assim, você terá sua liberdade.

— Obrigado, meu querido senhor; mas me dê licença para escoltar o navio até seu destino, com ventos auspiciosos, antes de dar adeus aos serviços de seu leal espírito; e então, senhor, quando eu for livre, com que alegria

viverei!

Neste ponto. Ariel cantou esta linda canção:

Onde a abelha suga, sugo eu;

Em corola de prímula deito eu,

Do pio da coruja me ocultando.

Nas costas do morcego vou voando.

Atrás do verão. Alegre.

Alegre, alegre, eu vivo

Ali no ramo florido.

Próspero então enterrou fundo na terra seus livros e vara mágicos,
pois

estava resolvido a não mais fazer uso da arte da magia. E tendo
assim

superado seus inimigos, e estando reconciliado com seu irmão e o
rei de

Nápoles, nada mais faltava para completar sua felicidade, a não ser
visitar de novo sua terra natal, tomar posse do seu ducado, e
testemunhar as alegres

núpcias de sua filha e do príncipe Ferdinando, que o rei disse para
serem

celebradas imediatamente, com grande esplendor, em seu retorno
para

Nápoles; terra que, sob a condução segura do espírito Ariel, após
agradável

viagem, logo alcançaram.

Tradução de Augusto Alencastro

Nathaniel Hawthorne

Eis um bom exemplar do que poderíamos chamar de fantástico puritano.

Nathaniel Hawthorne (1804-1864), um dos criadores da literatura americana (vide A letra escarlate, o romance definitivo sobre o puritanismo), é marcado pela cultura protestante da época. Não é à toa que, no conto a seguir, os

esposos em questão chamem-se Faith (Fé) e Goodman (Homem Bom), e que o

autor exponha e critique este puritanismo muitas vezes danoso, e de tal forma que ninguém se salva. Como em "Deuses no exílio", de Heine, este conto marca a passagem — o de Heine, na Europa; o de Hawthorne, na América

nascente — de uma religiosidade primitiva e complexa — com xamãs e sabás

misturando-se aos poderes do Diabo — para a religiosidade de um deus

único (sem excluir de todo o puritanismo). É conto de presença obrigatória em antologias do gênero. O leitor vai saber por quê.

O jovem Goodman Brown

O SOL SE PUNHA QUANDO O JOVEM GOODMAN BROWN saiu à rua no povoado de

Salem; depois de cruzar a soleira, porém, ele voltou a cabeça para trocar um

beijo de despedida com sua jovem mulher. E Faith, como esta

apropriadamente se chamava, pôs a sua própria cabecinha bonita do lado de

fora, deixando o vento brincar com as fitas cor-de-rosa de sua touca, chamando Goodman Brown.

— Meu querido — sussurrou, com suavidade e certa tristeza, quando seus

lábios se colaram ao ouvido dele —, eu te peço, adia tua viagem até o nascer

do sol e dorme na tua cama esta noite. Uma mulher sozinha é perturbada por

tais sonhos, tais pensamentos, que às vezes tem medo de si mesma. Eu te

imploro, fica comigo esta noite, querido esposo, entre todas as noites do ano.

— Meu amor e minha Faith — respondeu o jovem Goodman Brown —,

entre todas as noites do ano, devo passar esta longe de ti. Minha viagem,

como tu a chamas, deve ser feita, ida e volta, entre este momento e o nascer

do sol. Com que então, minha doce e linda esposa, já desconfias de mim,

quando não temos ainda nem três meses de casados?

— Então que Deus te abençoe! — disse Faith com as fitas cor-de-rosa —,

e que possas encontrar tudo em ordem quando voltares.

— Amém! — exclamou Goodman Brown. — Reza tuas orações, querida

Faith, e vai para a cama ao cair da noite; nenhum mal te acontecerá.

Separaram-se então, e o rapaz seguiu seu caminho até que, prestes a dobrar

a esquina junto ao templo, olhou para trás e viu a cabeça de

Faith ainda a espiá-lo, com um ar tristonho apesar de suas fitas cor-de-rosa.

"Pobrezinha da Faith!", pensou ele, o coração confrangido. "Que miserável eu sou para deixá-la com um intuito deste! E ela fala de sonhos. Tive a

impressão, quando falava, de que seu rosto estava perturbado, como se um

sonho a tivesse advertido do que deve ser feito esta noite. Mas não, não; essa idéia a mataria. Bem, ela é um anjo abençoado sobre a terra; e depois desta

noite, só esta, eu me agarrarei nas saias dela e a seguirei para o céu.

Com essa excelente resolução para o futuro. Goodman Brown sentiu-se

justificado em apressar-se em seu mau propósito. Havia tomado uma estrada

lúgubre, escurecida por todas as árvores mais sombrias da floresta, que mal se separavam o bastante para deixar a trilha estreita se insinuar entre elas e

voltavam a se fechar imediatamente atrás. Tudo era tão ermo quanto é

possível; tamanha solidão tem a peculiaridade de deixar o viajante sem saber

quem poderia estar escondido nos incontáveis troncos e nos galhos grossos

sobre sua cabeça; de tal modo que, embora marche solitário, poderia estar

passando entre uma multidão invisível.

"Pode haver um índio diabólico atrás de cada árvore", disse Goodman

consigo mesmo; e deu uma olhadela medrosa atrás de si, acrescentando: "E se o demônio em pessoa estivesse aqui do meu lado?"

Dobrou uma curva da estrada com a cabeça virada para trás; depois,

olhando de novo para a frente, avistou a figura de um homem, em trajes

sóbrios e decentes, sentado ao pé de uma velha árvore. Quando Goodman

Brown se aproximou, o homem se levantou e se pôs a andar ao lado dele.

— Estás atrasado. Goodman Brown — disse. — Ouvi o relógio da Old South bater quando cruzei Boston, e isso foi há um bom quarto de hora.

— Faith me reteve uns minutos — respondeu o rapaz, com um tremor na

voz causado pelo aparecimento súbito, embora não inteiramente inesperado,

de seu companheiro.

Reinava agora na floresta uma penumbra cerrada, mais cerrada ainda nessa

parte por onde esses dois caminhavam. Pelo que se podia discernir, o segundo

viajante tinha cerca de cinqüenta anos, aparentemente a mesma posição na

vida que Goodman Brown, e era bastante parecido com ele, embora talvez

mais na expressão que nos traços. Ainda assim, poderiam ter sido tomados

por pai e filho. No entanto, o homem mais velho, embora vestido

simplesmente como o mais moço, e com maneiras

igualmente simples também, tinha um ar indescritível de alguém que conhecia o mundo, e que não teria se sentido embaraçado na mesa de jantar do

governador ou na corte do rei Guilherme, se fosse possível que seus negócios

para ali o chamassem. Mas a única coisa nele que podia ser assinalada como

extraordinária era seu cajado: parecia uma enorme cobra preta e era tão

curiosamente trabalhado que se podia quase vê-lo torcer-se e remexer-se

como uma serpente viva. Isso devia ser, é claro, uma ilusão de ótica, favorecida pela luz incerta.

— Vamos lá. Goodman Brown — exclamou seu companheiro —, andas

num ritmo lerdo para o início de uma viagem. Pega meu cajado, se estás

cansado tão depressa.

— Amigo — disse o outro, trocando seu passo lento por uma parada completa —, cumpri minha promessa de vir te encontrar aqui, mas pretendo

voltar agora mesmo para o lugar de onde vim. Tenho escrúpulos de me

envolver nessa história que sabes.

— Tens certeza? — respondeu o homem da serpente, sorrindo de lado. —

Caminhemos um pouco, raciocinando enquanto seguimos; se eu te convencer,

não voltarás. Ainda não penetramos muito na floresta.

— Penetramos demais! Demais! — exclamou o bom homem, retomando a

marcha sem perceber. — Meu pai nunca entrou na mata numa missão como

esta, nem seu pai antes dele. Somos uma raça de homens honestos e bons

cristãos desde o tempo dos mártires; terei sido o primeiro Brown a jamais

tomar este caminho e nele perseverar.

— A andar numa companhia como esta, queres dizer — observou o

homem mais velho, interpretando sua pausa. — Dizes bem. Goodman Brown!

Não há nenhuma família entre os puritanos que eu conheça melhor do que a

tua; e isso não é pouco. Ajudei teu avô, o policial, quando ele chicoteou com

tanto vigor a mulher quacre pelas ruas de Salem; e fui eu que dei a teu pai

uma tora de pinheiro, acesa em minha própria lareira, para atear fogo numa

aldeia indígena na guerra do rei Filipe. Foram meus bons amigos, os dois; e

fizemos muitas caminhadas agradáveis por esta senda, retornando alegremente depois da meia-noite. Ficaria feliz em ser teu amigo em consideração a eles.

— Se é como dizes — respondeu Goodman Brown —, espanta-me que

nunca tenham falado dessas coisas; bem, na verdade não me espanta, de vez

que o menor rumor desse tipo os teria expulsado da Nova Inglaterra. Somos

uma gente de oração, e também de boas obras, e não toleramos essas

crueldades.

— Crueldade ou não — disse o viajante do cajado retorcido —, tenho muitos conhecidos aqui na Nova Inglaterra. Os diáconos de muitas igrejas

tomaram comigo o vinho da comunhão; os conselheiros de diversas vilas

elegeram-me seu presidente; e os membros da Grande Assembléia Geral são,

na maioria, firmes defensores de meu interesse. Além disso, o governador e

eu... Mas estes são segredos de Estado.

— Será possível? — exclamou Goodman Brown, lançando um olhar

pasmado sobre seu imperturbável companheiro. — Seja como for, nada tenho

a ver com o governador e o conselho; eles têm lá seus costumes e não são

nenhum modelo para um simples marido como eu. Mas, caso eu fosse

contigo, como poderia enfrentar o olhar daquele bom velho, nosso pastor, no

povoado de Salem? Oh, a voz dele me faria tremer, no domingo e no dia do

sermão.

Até esse momento o viajante mais velho ouvira com a gravidade devida;

mas agora teve um acesso irreprimível de alacridade, sacudindo-se tanto que

seu cajado com jeito de cobra parecia realmente contorcer-se, acompanhando-

o.

— Ah! ah! ah! — gargalhava o homem sem parar; depois, controlando-se:

— Ora, ora. Goodman Brown, diz o que quiseres; mas, por favor, não me

mate de rir.

— Bem, então, para liquidar de vez este assunto — disse Goodman

Brown, bastante irritado —, há a minha mulher. Faith. Isso lhe partiria o

coraçõzinho; prefiro partir o meu.

— Ah, não — respondeu o outro —, se este é o caso vai em frente.

Goodman Brown. Nem por vinte velhas como essa que segue mancando à

nossa frente eu desejaria que Faith sofresse algum mal.

Enquanto falava, apontou seu cajado para uma figura de mulher adiante na

trilha e Goodman Brown reconheceu nela uma senhora muito piedosa e

exemplar, que lhe ensinara seu catecismo na meninice e ainda era sua

conselheira espiritual e moral, juntamente com o pastor e o diácono Gookin.

— É espantoso, verdadeiramente, que Goody Cloyse esteja tão enfiada na

floresta ao anoitecer — disse. — Mas com tua licença, amigo, vou tomar um

atalho pela mata até deixarmos esta cristã para trás. Como não te conhece, ela poderia perguntar quem está comigo e aonde eu vou.

— Que seja — disse seu companheiro de viagem. — Vai pela mata e deixa-me seguir pela trilha.

O rapaz tomou então um desvio, mas tratou de observar seu companheiro, que avançou tranqüilamente pela estrada até chegar à distância de um cajado

da velha dama. Ela, enquanto isso, avançava o melhor que podia, com

singular velocidade para uma mulher tão idosa, murmurando umas palavras

indistintas — uma prece, sem dúvida. O viajante esticou seu cajado e tocou-

lhe o pescoço murcho com o que parecia a cauda da serpente.

— O diabo! — gritou a piedosa anciã.

— Então Goody Cloyse reconhece seu velho amigo? — observou o viajante, pondo-se diante dela e apoiando-se em seu bastão serpeante.

— Ora, com a breca! É mesmo vossa reverência? — exclamou a boa senhora. — Sim, é mesmo, e na própria imagem de meu velho amigo.

Goodman Brown, o avô daquele moço tolo que anda por aí. Mas... vossa

reverência acredita?... meu cabo de vassoura desapareceu estranhamente; foi

roubado, desconfio, por aquela bruxa não enforcada. Goody Cory e logo

quando eu estava toda besuntada com suco de aipo, cinco-em-rama e capuz-

de-frade...

— Misturados com farinha fina e a gordura de um bebê recém-nascido —

disse a imagem do velho Goodman Brown.

— Ah, vossa reverência conhece a receita — exclamou a velha dama, com

uma risadinha estridente. — Assim, como eu ia dizendo, estando prontinha

para a reunião e sem nenhum cavalo para montar, resolvi ir a pé; pois me

contaram que um belo rapaz será admitido à comunhão esta noite. Mas agora,

se vossa reverência tiver a bondade de me emprestar o braço, estaremos lá

num piscar de olhos.

— Isso não será possível — respondeu seu amigo. — Não posso te ceder

meu braço. Goody Cloyse; mas cá está meu cajado, se quiseres.

Com estas palavras, jogou-o aos pés dela, onde talvez tenha ganhado vida,

sendo um dos bastões que seu dono havia outrora emprestado aos magos do

Egito. Deste fato, porém. Goodman Brown não pôde tomar conhecimento. Ele

havia levantado os olhos, assombrado, e, ao baixá-los de novo, não viu nem

Goody Cloyse nem o cajado serpentino; viu apenas seu companheiro de

viagem, a esperá-lo sozinho e tão calmamente como se nada tivesse acontecido.

— Essa velha me ensinou o catecismo — disse o rapaz; e havia um mundo

de significação nesse simples comentário.

Retomaram a caminhada, enquanto o mais velho exortava o companheiro a

se apressar e perseverar no caminho, discutindo com tanto

talento que seus argumentos pareciam emanados do peito do próprio ouvinte, em vez de sugeridos por ele. Em certa altura, arrancou um galho de bordo

para servir de bordão e pôs-se a limpá-lo dos rebentos e ramos, molhados com

o orvalho do anoitecer. Mal seus dedos os tocavam, eles se tornavam

estranhamente murchos e secos, como se tivessem passado uma semana ao

sol. Assim prosseguiu a dupla, num bom ritmo, até que de repente, numa

depressão escura da estrada. Goodman Brown se sentou num cepo e se

recusou a ir adiante.

— Amigo — disse, inflexível —, minha decisão está tomada. Não darei

nem mais um passo nesta missão. Não me importa que uma velha miserável

escolha ir para o diabo quando eu pensava que estava indo para o céu: seria

isso razão para eu deixar minha querida Faith e ir atrás dela?

— Pensarás melhor sobre isso logo mais — disse seu conhecido, sere-

namente. — Senta aqui e descansa um pouco; quando sentires vontade de

voltar a andar, aqui está meu cajado para te ajudar.

Sem dizer mais nada, jogou-lhe o galho de bordo e desapareceu da vista

dele tão rapidamente como se tivesse sido tragado pela escuridão cada vez

mais espessa. O rapaz ficou alguns momentos sentado à beira da estrada,

congratulando-se enormemente, e pensando que teria a consciência leve ao se

encontrar com o pastor em sua caminhada matinal, não precisando se esquivar

dos olhos do velho diácono Gookin. E em como seu sono seria sossegado

naquela noite mesmo, que deveria ter sido passada de maneira tão depravada,

mas que agora transcorreria tão pura e doce nos braços de Faith!
Em meio a

essas agradáveis e louváveis meditações. Goodman Brown ouviu um tropel de

cavalos na estrada e achou aconselhável esconder-se na orla da floresta,

consciente do propósito condenável que o levara até ali, embora nesse

momento, felizmente, lhe estivesse dando as costas.

Chegaram-lhe o ruído dos cascos e as vozes dos cavaleiros, duas vozes

graves e idosas, a conversar calmamente enquanto se aproximavam. Esses

sons misturados pareciam vir da estrada, a poucas jardas do esconderijo do

rapaz; mas, sem dúvida por causa da profunda escuridão daquele ponto

particular, nem os cavaleiros nem seus corcéis eram visíveis. Embora suas

figuras roçassem as pequenas moitas à beira do caminho, pareceram não

interceptar, sequer por um instante, a luz pálida da faixa de céu estrelado

contra a qual deviam estar passando. Goodman Brown ora ficava de cócoras,

ora se erguia na ponta dos pés, afastando

os galhos e esticando a cabeça o mais que ousava, sem discernir uma sombra que fosse. Isso o exasperava ainda mais porque poderia ter jurado, fosse tal

coisa possível, estar reconhecendo as vozes do pastor e do diácono Gookin, a

avançar num trote lento, como costumavam fazer quando se dirigiam para

uma ordenação ou um concílio eclesiástico. Enquanto ainda podiam ser

ouvidos, um dos cavaleiros parou para arrancar uma vara.

— Se me fosse dado escolher, reverendo — disse a voz que parecia do

diácono —, preferiria perder um jantar de ordenação à reunião desta noite.

Ouvi dizer que membros de nossa comunidade virão de Falmouth e de mais

longe, e outros de Connecticut e Rhode Island. além de vários xamãs, que, a

sua maneira, conhecem quase tanta diabrura quanto o melhor nós. Além disso,

uma formosa jovem será admitida à comunhão.

—Excelente, diácono Gookin! — respondeu a voz solene e idosa do

pastor. — Instiga teu cavalo, ou chegaremos atrasados. Nada pode ser feito,

como sabes, antes da minha chegada.

Os cacos retiniram de novo; e as vozes, falando tão estranhamente no ar

vazio, avançaram pela floresta, onde nenhuma igreja jamais se reunira e

nenhum cristão solitário rezara. Para onde, então, poderiam estar se dirigindo aqueles santos homens, tão mergulhados naqueles ermos pagos? O jovem

Goodman Brown agarrou-se a uma árvore, sentindo-se prestes a desabar no

chão, sem sentidos, prostrado pela profunda náusea que lhe revirava as tripas.

Olhou para o céu, duvidando de que realmente houvesse um céu acima dele.

Contudo lá estava a abóbada azul, e as estrelas brilhando.

— Com Deus no céu e Faith na terra, ainda terei de permanecer firme

contra o demônio! — exclamou Goodman Brown.

Ele ainda olhava para cima, contemplando a profunda abóbada do

firmamento, e erguera as mãos para orar, quando uma nuvem, embora

nenhum vento soprasse, cruzou rapidamente o zênite e escondeu as estrelas

cintilantes. O céu azul continuava visível, exceto bem em cima dele, onde

essa massa negra de nuvem deslizava célere para o norte. Pelo ar, e como que

vindo das profundezas da nuvem, chegou-lhe um som confuso e indistinto de

vozes. Num momento o ouvinte imaginou que podia distinguir a entonação da

gente de seu povoado, homens e mulheres, tanto piedosos quanto ímpios;

encontrara-se com muitos deles na mesa de comunhão e vira outros embebedarem-se na taberna. No momento seguinte os sons eram tão

indistintos que ele duvidou ter ouvido

alguma coisa senão o murmúrio da velha floresta a sussurrar no ar parado.

Depois veio uma onda mais forte daqueles tons conhecidos, ouvidos diariamente à luz do sol no povoado de Salem, mas nunca até agora vindo de

uma nuvem da noite. Fez-se ouvir a voz de uma jovem entoando lamentos,

embora com um sofrimento incerto, e implorando um favor que lamentaria

talvez obter; e toda a multidão invisível, de santos e pecadores, parecia

estimulá-la.

— Faith! — gritou Goodman Brown, numa voz de agonia e desespero; e

os ecos da floresta zombaram dele, gritando "Faith! Faith!" como se desgraçados aturdidos estivessem à procura dela por toda a mata.

O grito de dor, raiva e terror ainda perfurava a noite quando o infeliz marido conteve o fôlego, aguardando uma resposta. Houve um grito, imediatamente abafado por um murmúrio mais alto de vozes, que foi

desaparecendo numa risada distante à medida que a nuvem escura deslizava,

deixando o céu claro e silente sobre Goodman Brown. Alguma coisa, porém,

esvoaçou levemente pelo ar e prendeu-se no galho de uma árvore. O rapaz

pegou-a, e contemplou uma fita cor-de-rosa.

— Minha Faith se foi! — gritou, depois de um momento de estupor.
—

Não há nada de bom sobre a terra; o pecado é só uma palavra. Vem, demônio;

pois a ti pertence este mundo.

E, tão enlouquecido de desespero que riu alto e longamente. Goodman

Brown pegou seu cajado e pôs-se de novo a caminho, tão depressa que mais

parecia voar pela trilha da floresta que andar ou correr. A senda foi ficando

mais tortuosa e menos bem traçada, e por fim desapareceu, deixando-o no

coração da floresta escura, a avançar ainda impetuosamente, com o instinto

que guia o homem mortal para o mal. A floresta inteira estava povoada de

sons assustadores — o estalar das árvores, o uivo de animais selvagens e o

grito de índios; enquanto o vento às vezes soava como o dobrar do sino

distante de uma igreja, e às vezes rugia em torno do viajante, como se toda a

Natureza zombasse dele. Mas ele próprio era o principal horror da cena; os

demais não o acovardavam.

— Ah! ah! ah! — rugia Goodman Brown quando o vento ria dele. —

Vamos ver quem ri mais alto. Não me apavorais com vossas diabruras. Vem,

bruxa, vem, feiticeiro, vem, xamã, vem tu mesmo, demônio, que aqui vai

Goodman Brown. Tendes tanta razão para temê-lo quanto ele a vós.

Na verdade, em toda a floresta assombrada, não podia haver nada mais

medonho que a figura de Goodman Brown. Ele voava por entre os

pinheiros negros, brandindo seu cajado com gestos frenéticos, ora obedecendo a uma inspiração de horrenda blasfêmia, ora gargalhando com tal ímpeto que

punha todos os ecos da floresta a rir como demônios a sua volta. Satanás na

sua própria forma é menos hediondo que o esbravejar no peito de um homem.

Assim foi o endemoninhado correndo pelo seu percurso, até que viu diante de

si, tremulando entre as árvores, uma luz vermelha, como quando se ateia fogo

aos troncos e galhos abatidos de uma clareira; as sinistras labaredas se

elevando contra o céu na hora da meia-noite. Deteve-se, numa calmaria da

tempestade que o impelira, e ouviu avolumar-se o que parecia ser um hino,

ressoando solenemente à distância, engrossado por muitas vozes. Ele conhecia

a canção; era entoada muitas vezes pelo coro no templo do povoado. Os

versos extinguiram-se tristemente e foram prolongados por um coro, não de

vozes humanas, mas de todos os sons da mata noturnal retumbando juntos em

horrível harmonia. Goodman Brown gritou, mas seu grito se perdeu no grito

do deserto e nem seu próprio ouvido o ouviu.

No intervalo de silêncio ele avançou furtivamente, até que a luz o ofuscou.

Na extremidade de uma clareira, cingida pela muralha escura da floresta,

erguia-se uma pedra que, em sua aparência rude, natural, tinha alguma

semelhança com um altar ou um púlpito; era cercada por quatro

resplandecentes pinheiros, seus topos em chamas, seus troncos intactos como

velas num culto noturno. Toda a massa de folhagem que crescia acima da

pedra estava em chamas, com labaredas que se erguiam altas na noite e

iluminavam intermitentemente todo o campo. Cada galho pendente e festão de

folhas ardia. Enquanto a luz vermelha se acendia e apagava, uma numerosa

congregação alternadamente luzia e desaparecia na sombra, e de novo

brotava, como que das trevas, povoando de repente o coração das matas

solitárias.

— Uma gente grave, de roupas escuras — disse Goodman Brown.

E realmente era assim. Em meio às pessoas, indo e vindo entre a escuridão

e o esplendor, apareceram rostos que seriam vistos no dia seguinte no

conselho da província, e outros que, domingo após domingo, olhavam

devotamente para o céu ou, benignamente, dos mais santos púlpitos da região,

para os bancos apinhados dos templos. Alguns afirmam que a senhora do

governador estava lá. Pelo menos lá estavam damas de alto coturno muito

conhecidas dela, e esposas de honrados maridos, e viúvas, uma chusma delas,

e velhas donzelas, todas de excelente reputação, e belas mocinhas, a tremer de medo que suas mães as descobrissem. Ou

os lampejos súbitos de luz iluminando o campo escuro estontearam Goodman Brown, ou ele reconheceu muitos membros da igreja do povoado

de Salem, famosos por sua especial santidade. O bom diácono Gookin havia

chegado, e aguardava junto daquele venerável santo, seu reverenciado pastor.

Mas, misturando-se irreverentemente com essas pessoas graves, bem

conceituadas e piedosas, aqueles anciãos da igreja, aquelas damas castas e

virgens inocentes, havia homens de vida dissoluta e mulheres de má fama,

desgraçados entregues a todos os vícios vis e obscenos, e até suspeitos de

crimes horríveis. Era estranho que os bons não se esquivassem dos

depravados, nem os pecadores se envergonhassem dos santos. Espalhados

também entre seus inimigos caras-pálidas, estavam os sacerdotes índios, ou

xamãs, que muitas vezes haviam amedrontado sua floresta nativa com

encantamentos mais hediondos que qualquer outro que a feitiçaria inglesa

conhecesse.

— Mas onde está Faith? — pensou Goodman Brown; e, à medida que a

esperança lhe invadia o coração, tremeu.

Uma estrofe do hino elevou-se, uma toada lenta e plangente, como o amor

piedoso, mas acompanhada de palavras que expressavam tudo o que nossa

natureza pode conceber de pecaminoso e insinuavam enigmaticamente muito

mais. A sabedoria dos demônios é insondável para meros mortais. Verso após

verso foi cantado; e o coro dos ermos continuou a se avolumar entre um e

outro como o tom mais grave de um órgão poderoso; com o ribombo final

desse hino pavoroso, surgiu um som, como se do bramir do vento, do ímpeto

das torrentes e do uivo das feras, e todas as outras vozes dos ermos

dissonantes se misturaram e se harmonizaram com a voz do homem culpado

em homenagem ao príncipe de todas as coisas. Os quatro pinheiros ardentes

lançaram uma chama mais alta, e revelaram obscuramente formas e

semblantes de horror nas espirais de fumaça sobre a ímpia assembléia. No

mesmo instante o fogo sobre a pedra projetou-se e formou uma abóbada rubra

e incandescente acima de sua base, onde apareceu então uma figura. Havia,

aliás, diga-se com reverência, uma semelhança não desprezível, tanto em

garbo quanto em maneiras, entre ela e alguns graves sacerdotes das igrejas da

Nova Inglaterra.

— Trazei os convertidos! — bradou uma voz que ecoou através do campo

e ressoou na floresta.

A essas palavras. Goodman Brown saiu da sombra das árvores e

aproximou-se da congregação, com que, malgrado seu, sentiu-se irmanado

pela afinidade dela com tudo que era depravado em seu coração. Poderia ter quase jurado que a figura de seu próprio finado pai, a olhar para baixo de uma espiral de fumaça, lhe fez sinal para avançar, enquanto uma mulher, os traços

confusos pelo desespero, lhe fez um aceno com a mão, instando-o a recuar.

Seria sua mãe? Mas ele não foi capaz de recuar um passo, nem de resistir,

sequer em pensamento, quando o pastor e o bom diácono Gookin o agarraram

pelos braços e o levaram para a pedra chamejante. Para lá rumava também a

forma esbelta de uma mulher de rosto velado, conduzida entre Goody Cloyse,

aquela piedosa professora de catecismo, e Martha Carrier, que recebera a

promessa do diabo de ser rainha do inferno. Uma bruxa celerada, é o que ela

era. E lá estavam os prosélitos, sob a canópia de fogo.

— Sede bem-vindos, meus filhos — disse a lúgubre figura —, à comunhão

da vossa raça. Encontrastes, ainda tão jovens, vossa natureza e vosso destino.

Meus filhos, olhai para trás!

Eles se viraram; e lampejando, como se numa lâmina de fogo, os adoradores de Satã apareceram; um sorriso de boas-vindas brilhava soturnamente em cada rosto.

— Ali estão — continuou a figura negra — todos que reverenciastes desde

a infância. Vós os tínheis na conta de mais santos que vós mesmos, e vos

envergonháveis de vosso próprio pecado, comparando-o com suas vidas de

virtude e oração na esperança do céu. No entanto, cá estão todos eles em meu

culto. Esta noite vos será permitido conhecer seus atos secretos: como anciãos de barba encanecida da igreja cochicharam palavras libertinas para as jovens

criadas de suas casas; quantas mulheres, ansiosas por usar o luto das viúvas,

deram uma bebida aos maridos na hora de ir para a cama e os deixaram

dormir seu último sono em seu peito; quantos rapazes imberbes se apressaram

em herdar as fortunas dos pais; quantas lindas donzelas — não ruborizais,

minhas queridas — cavaram pequenas sepulturas no jardim e me convidaram,

a única testemunha do funeral de um bebê. Graças à propensão de vossos

corações humanos para o pecado, farejais todos os lugares — na igreja, no

quarto, na rua, no campo ou na floresta — onde se cometeram crimes, e

exultareis ao ver a terra inteira como uma nódoa de culpa, uma única e

enorme mancha de sangue. Muito mais que isto. A vós será dado penetrar, em

cada peito, o mistério profundo do pecado, a fonte de todas as artes perversas, que fornece, inesgotavelmente, mais impulsos perversos do que o poder

humano —

do que meu poder, em seu limite — pode manifestar em atos. E agora, meus filhos, olhais uns para os outros.

Eles assim fizeram; e, ao clarão das tochas acesas no inferno, o desgraçado

homem contemplou sua Faith, e a mulher seu marido, tremendo perante

aquele ímpio altar.

— Vede, aí estais vós, meus filhos — disse a figura num tom grave e solene, quase triste em sua desesperante hediondez, como se sua natureza

outrora angélica pudesse ainda deplorar nossa miserável raça. — Confiando

no coração um do outro, havíeis ainda esperado que a virtude não fosse

apenas um sonho. Agora estais decepcionados. Má é a natureza da humanidade. O mal deve ser vossa única felicidade. Sede bem-vindos

novamente, meus filhos, à comunhão de vossa raça.

— Bem-vindos — repetiram os adoradores de Satã, num grito de desespero e triunfo.

E ali estavam eles, o único par, ao que parecia, que ainda hesitava à beira

da maldade neste mundo sombrio. Havia uma bacia cavada, naturalmente, na

pedra. Conteria água, avermelhada pela luz sinistra? Ou seria sangue? Ou,

quem sabe, um fogo líquido? Ali a forma do diabo mergulhou a mão e

preparou-se para depositar a marca do batismo nas frentes deles, para que

pudessem partilhar do mistério do pecado, mais conscientes da culpa secreta

de outros, tanto em atos como em pensamentos, do que podiam ser agora das

suas próprias. O marido lançou um olhar sobre sua pálida esposa, e Faith

sobre ele. Que misérias imundas seu próximo olhar mostraria para cada um

deles, que estremeceriam tanto pelo que estariam revelando quanto pelo que

estariam vendo!

— Faith! Faith! — gritou o marido. — Levanta os olhos para o céu, e resiste ao demônio.

Se Faith obedeceu, ele não soube. Mal dissera essas palavras, encontrou-se

em meio à noite calma e à solidão, ouvindo o arfar do vento que esmorecia

tristemente através da floresta. Remexeu-se contra a pedra e sentiu-a fria e

úmida; enquanto um galho pendente, que havia sido todo queimado, borrifava

sua face com o mais frio orvalho.

Na manhã seguinte o jovem Goodman Brown entrou lentamente na rua do

povoado de Salem, olhando a sua volta como um homem aturdido. O velho e

bom pastor, que fazia uma caminhada pelo cemitério para ganhar apetite para

o desjejum e meditar seu sermão, concedeu-lhe uma bênção quando passou.

Ele se esquivou do venerável santo como de um anátema. O velho diácono

Gookin fazia suas preces em casa e as palavras

sagradas que pronunciava eram ouvidas pela janela aberta. "Para que Deus está rezando o feiticeiro?", disse Goodman Brown. Goody Cloyse, aquela

excelente cristã, tomava os primeiros raios de sol debruçada em sua própria

janela, catequizando uma garotinha que lhe levara um quartilho do leite da

manhã. Goodman Brown arrancou a criança dali como se a livrasse das garras

do próprio demônio. Ao dobrar a esquina junto ao templo, avistou a cabeça de

Faith, com as fitas cor-de-rosa, a olhar ansiosamente. Ao vê-lo, ela explodiu

em tal alegria que saiu aos pulos pela rua e quase beijou o marido na frente do povoado inteiro. Mas Goodman Brown encarou-a severa e tristemente, e

seguiu adiante sem um cumprimento.

Havia Goodman Brown adormecido na floresta e apenas sonhado um sonho desvairado de uma reunião de bruxos?

Acredita nisso se quiseres; mas, ai! Foi um sonho de mau agouro para o

jovem Goodman Brown. A partir da noite desse sonho terrível, ele se tornou

um homem severo, macambúzio, cismarento e desconfiado, se não

desesperado. No domingo, quando a congregação cantava um hino sagrado,

não conseguia escutar porque um hino de pecado lhe tomava de assalto os

ouvidos, ruidosamente, e abafava o canto abençoado. Quando o pastor falava

do púlpito, com energia e apaixonada eloquência, a mão sobre a Bíblia aberta,

das sagradas verdades de nossa religião, das vidas e das mortes triunfantes dos santos, da futura bem-aventurança ou da miséria inexprimível, nesses

momentos Goodman Brown empalidecia, temendo que o teto desabasse com

estrondo sobre o velho blasfemo e seus ouvintes. Muitas vezes, acordando de

repente à meia-noite, fugia do abraço de Faith; e de manhã ou à noite, quando

a família se ajoelhava para rezar, ele fechava a cara, resmungava, olhava

carrancudo para a mulher, e se afastava. E depois que viveu muitos anos, e foi levado para sua sepultura como um cadáver encanecido, seguido por Faith,

uma mulher idosa, e filhos, e netos, uma bonita procissão, ao lado de não

poucos vizinhos, não se entalhou em sua lápide nenhum versículo de esperança, porque morreu na escuridão.

Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges

2

O apogeu do século XIX

E.T.A. Hoffmann

Foi ele quem consolidou e introduziu definitivamente o fantástico na literatura, no século XIX, espalhando sua influência por todo o mundo — da França

(dificilmente algum escritor francês do século XIX dedicou-se a este tipo de narrativa sem a influência dele) aos nossos românticos

(basta ler o Álvares de Azevedo de Noites na taverna). A partir daí, há quem circunscreva o fantástico ao século XIX (e é este o sentido da antologia de Italo Calvino), embora ele venha de antes e prossiga até hoje. As exacerbações do

imaginário eivado do romantismo em pleno "estilo de época" fazem de Hoffmann (1776-1822) um marco indiscutível, mesmo que só parte de sua

obra esteja publicada entre nós. "O Homem da Areia", seu conto mais conhecido, inspirou Freud a escrever seu famoso ensaio (psicanalítico, claro)

"O estranho". Como disse Calvino, trata-se "da escolha mais óbvia" em uma antologia como esta. A tradução é direto do alemão.

O homem da areia

Natanael a Lotar

Sem dúvida, estão todos preocupados por não lhes ter escrito durante tanto tempo. Mamãe deve estar zangada, e Clara pode estar pensando que aqui

levo uma boa vida, esquecendo por completo sua querida imagem angelical,

tão profundamente gravada em meu coração e em minha mente. Mas não e

assim; todos os dias e a toda hora penso em vocês todos, e em doces

devaneios aparece a minha querida Clarinha sorrindo-me com seus olhos

tão graciosos, como de costume, quando estava junto a vocês. Ah, mas

como poderia escrever-lhes com o estado de espírito tão dilacerado, que

vem me confundindo todos os pensamentos! Algo de terrível aconteceu em

minha vida! Sombrios pressentimentos de um cruel e ameaçador destino

estendem-se sobre mim quais sombras de nuvens negras, impenetráveis a

qualquer benevolente raio de sol. Agora devo dizer-lhe o que me aconteceu.

Reconheço que é necessário fazê-lo, mas, só em pensar nisso, escapa-me um

riso de louco. Ah, meu caríssimo Lotar, como farei para que de alguma

forma você sinta que o que me sucedeu há alguns dias perturbou minha vida

de maneira tão terrível? Se ao menos você estivesse aqui, poderia ver com

seus próprios olhos; mas, tenho certeza, certamente vai me considerar um

supersticioso

visionário. Em suma, o terrível acontecimento em questão, de cuja fatal influência em vão esforço-me por evitar, consiste simplesmente em que, há alguns dias, exatamente no dia 30 de outubro, ao meio-

dia, um vendedor de barômetros entrou em meu quarto e me ofereceu seus instrumentos. Não

comprei nada e ameacei jogá-lo escada abaixo, mas ele então saiu voluntariamente.

Você pode imaginar que somente circunstâncias bem particulares e marcantes de minha existência são capazes de explicar o significado desse

incidente, e que a pessoa desse funesto caixeiro-viajante possa ter um efeito pernicioso sobre mim. De fato, todo sangue-frio me é necessário para, com

calma e paciência, contar-lhe detalhes de minha infância, que permitirão a sua mente vivaz compreender tudo de maneira límpida e transparente.

Agora, quando começo, tenho a impressão de ouvir o seu riso e as palavras

de Clara: "Tudo isso não passa de criancice!" Riam, por favor, riam muito de mim! Peço-lhes encarecidamente! Mas Deus do céu! Meus cabelos

arrepiam-se, e é como se eu lhes implorasse, loucamente desesperado, para

que riam de mim, como Franz Moor fez a Daniel¹. Vamos aos fatos!

À exceção da hora do almoço, eu e meu irmão pouco víamos nosso pai durante o dia. Ele talvez estivesse muito ocupado com os seus negócios.

Depois do jantar, que segundo o velho costume era servido às sete horas, íamos todos, mamãe conosco, ao gabinete de papai e nos

sentávamos em torno de uma mesa redonda. Papai fumava seu tabaco e bebia um grande copo de cerveja. Muitas vezes narrava-nos histórias maravilhosas, e aquelas narrativas entusiasmavam-no tanto, que o seu cachimbo sempre se apagava. Cobia a mim, segurando um papel em chamas, acendê-lo novamente, o que consistia no meu principal divertimento. Freqüentemente também, ele nos dava livros ilustrados, sentava-se mudo e inerte em sua

poltrona e expelia espessas nuvens de fumaça, de forma que todos nós ficávamos como que envoltos na névoa. Em noites como essas mamãe ficava

muito triste e, mal soavam as nove horas, falava-nos: "E agora, crianças, para a cama, para a cama! O Homem da Areia está chegando, já posso ouvir seus passos." De fato, todas as vezes eu ouvia passadas pesadas e lentas subindo a escada; devia ser o Homem da Areia. Certa vez, aquele andar abafado causou-me uma impressão[

¹ Personagens de Friedrich Schiller (1759-1803) em *Os salteadores*.

particularmente aterradora. Perguntei a mamãe, enquanto ela nos levava:

"Mamãe! Quem é mesmo o malvado Homem da Areia que sempre nos separa

de papai? Como é ele?" "Não existe nenhum Homem da Areia, meu filho", respondeu minha mãe. "Quando digo que o Homem da Areia está chegando, isso quer dizer apenas que vocês estão com sono e não conseguem manter os

olhos abertos, como se alguém tivesse jogado areia neles." A resposta de mamãe não me satisfez; em meu espírito infantil

desenvolveu-se claramente a idéia de que mamãe só negava a existência do Homem da Areia para que não

ficássemos amedrontados, pois eu ouvia quando ele subia pela escada.

Curioso em saber mais sobre aquele Homem da Areia e sua relação com

crianças como nós, finalmente perguntei à velha criada que cuidava de minha irmã sobre que tipo de homem era aquele, o Homem da Areia.

"Natanaelzinho", respondeu ela, "você então não sabe? É um homem malvado que aparece para as crianças quando elas não querem ir dormir e

joga-lhes punhados de areia nos olhos, de forma que estes saltam do rosto

sangrando; depois ele os mergulha num saco e carrega-os para a Lua, para

alimentar os seus rebentos. Eles ficam lá, empoleirados em seu ninho e, com o bico recurvado como o das corujas, bicam os olhos das criancinhas

travessas ". Aterrorizado, a partir de então considerei o Homem da Areia sob um aspecto noturno. A noite, bastava ouvir o ruído de passos na escada para tremer de medo e horror Mamãe só conseguia arrancar de mim o grito entre

lágrimas: "O Homem da Areia! O Homem da Areia! ", depois eu corria para o quarto, e durante a noite toda atormentava-me a temível imagem do

Homem da Areia.

Eu já estava crescendo o suficiente para compreender que aquela história

contada pela ama-seca sobre o Homem da Areia e o seu ninho com crianças

na Lua realmente não podia estar lá muito correta; todavia, o Homem da

Areia continuava sendo para mim um terrível fantasma, e o terror me

arrebatava quando o ouvia não apenas subir as escadas, como também abrir

e entrar violentamente no gabinete de meu pai. As vezes passava muito tempo sem aparecer; depois vinha muitas vezes consecutivas. Isso durou anos, e não pude me acostumar à sinistra assombração — a figura aterrorizante do

Homem da Areia não saía da minha cabeça. Suas relações com meu pai

passaram a ocupar cada vez mais a minha imaginação, e um medo

insuperável impedia-me de interrogá-lo sobre o assunto, mas, com os anos,

sedimentou-se e germinou em mim a vontade de investigar o mistério, de ver o fabuloso

Homem da Areia. Ele me conduzira para o caminho do maravilhoso, do romanesco, que com muita facilidade instala-se na alma infantil. Nada me

agradava mais do que ouvir ou ler aterrorizantes histórias de duendes,

bruxas e anões. Mas em primeiro lugar estava sempre o Homem da Areia,

que eu desenhava com giz ou carvão, da forma mais estranha e abominável,

em mesas, armários e paredes.

Quando fiz dez anos, minha mãe mudou-me do quarto de crianças para um

pequeno aposento que dava para um corredor não muito distante do gabinete

de papai. Mal batiam as nove horas e ouvíamos o desconhecido entrar,

éramos obrigados a nos retirar rapidamente. Em meu quartinho, percebia

quando ele entrava no gabinete de papai, e logo em seguida tinha a

impressão de que se espalhava pela casa um vapor suave e de raro odor Com

minha curiosidade, cada vez mais ardia o desejo de, com coragem e

determinação, travar conhecimento com o Homem da Areia. Muitas vezes,

quando mamãe já havia passado, eu saía rapidamente do quartinho para o

corredor, mas nada podia escutar, pois o Homem da Areia sempre havia

ultrapassado a porta, quando eu chegava ao local de onde ele poderia ser

visto. Levado por um irresistível impulso, decidi esconder-me no gabinete de papai e esperar o Homem da Areia.

Certa noite, pelo silêncio de papai, pela tristeza de mamãe, percebi que o Homem da Areia viria. Dei como pretexto um grande cansaço, deixei a sala

antes das nove e me escondi bem junto à porta do gabinete, num cantinho. A porta da casa rangeu, e passos lentos, pesados e ruidosos atravessaram o

corredor em direção à escada. Mamãe passou por mim apressadamente, com

meus irmãos. Suavemente, bem suavemente, abri a porta do aposento de meu

pai. Corno de costume, ele estava sentado com as costas voltadas para a

porta; calado e imóvel, não percebeu minha presença, e rapidamente entrei e me escondi atrás da cortina que cobria um armário aberto ao lado da porta, onde estavam penduradas roupas de meu pai.

Os passos aproximaram-se mais e mais. Do lado de fora, ouviam-se

estranhas tosses, pigarros e um enigmático murmúrio. Meu coração pulsava

forte, de medo e ansiedade. Perto, bem perto da porta, um passo mais nítido, um golpe violento no trinco, e a porta se abre com violência! Forçando-me a tomar coragem, ponho cuidadosamente a cabeça para fora. O Homem da

Areia está no meio do gabinete e diante de meu pai, o brilho claro das velas ilumina o seu rosto! O Homem da Areia, o

terrível Homem da Areia, é o velho advogado Coppelius, que às vezes almoça em nossa casa!

Porém, a mais aterrorizante figura não me teria provocado tanto horror

quanto aquele Coppelius. Imagine um homem grande, de ombros largos, com

uma cabeça disforme e grande, rosto amarelecido, sobrancelhas fartas e

grisalhas, sob as quais faiscava um par de olhos de gato, esverdeados e

penetrantes, e um nariz gigantesco sobre o lábio superior. A bocarra

retorcia-se com freqüência num riso malicioso, tornando visíveis manchas

vermelhas nas bochechas. Um chiado estranho atravessava seus dentes

cerrados.

Coppelius sempre aparecia num sobretudo cinzento de corte antigo, com o

colete e a calça semelhantes, mas de meias pretas e sapatos com pequenas

fivelas enfeitadas com pedraria. A pequena peruca mal lhe cobria o cocuruto, dois cachos postiços estavam colados acima das grandes e vermelhas

orelhas, e um grande coque afastava-se da nuca, de forma que se via a fivela prateada que fechava o colarinho pregueado. A figura no conjunto era

medonha e abjeta; mas para nós, crianças, o que nos chocava mais eram suas grandes mãos, ossudas e peludas, tanto que evitávamos pegar no que

tocavam. Ele notara essa repugnância, e então se divertia em bolinar com as mãos, sob esse ou aquele pretexto, um pedaço de bolo ou uma fruta que a boa mamãe deixara furtivamente em nosso prato. Nós, com lágrimas nos olhos,

não conseguíamos mais desfrutar; por nojo e aversão, as gulodices antes

destinadas ao nosso prazer. A mesma coisa ele fazia em dias de festa, quando papai nos servia um pequeno cálice de vinho doce. Rapidamente, ele passava a mão em sua borda ou levava o cálice aos lábios azulados, rindo

diabolicamente quando percebia que nos era permitido manifestar nossa

irritação baixinho, aos soluços. Tinha por hábito nos chamar de "pequenas bestas". Não podíamos abrir a boca em sua presença e amaldiçoávamos

aquele homem feio e hostil que conseguia estragar propositadamente a menor de nossas alegrias. Mamãe, como nós, parecia odiar o repugnante Coppélius; pois, quando ele aparecia, sua jovialidade, seu jeito de ser alegre e

despreocupado transformava-se numa gravidade triste e sombria. Papai

comportava-se como se fosse ele um ser superior, com cujos maus costumes

devia-se ter paciência e conservar bom humor Bastava uma sutil sugestão

sua, e preparavam-se seus pratos prediletos, que eram acompanhados de

vinhos raros, abertos em sua homenagem.

Quando vi o tal Coppelius, a verdade se me revelou terrível e ameaçadora: ninguém senão ele poderia ser o Homem da Areia! Mas o Homem da Areia

não era mais para mim aquele espantalho das histórias da carochinha, que

vai arrancar os olhos das criancinhas para servir de alimento a sua ninhada de corujas na Lua. Não! Era um monstro fantasmagórico que carregava

consigo, aonde fosse, aflição, miséria e ruína eternas.

Eu estava enfeitiçado. Frente ao perigo de ser descoberto e, como eu

pensava, duramente castigado, continuei ali, ouvindo tudo com a cabeça para fora da cortina. Meu pai recebeu Coppelius cerimoniosamente.

"Ao trabalho", exclamou este, com uma voz rouca e rascante, desembaraçando-se do sobretudo. Calma e sombriamente, papai tirou seu roupão, e ambos vestiram longas túnicas negras. Não percebi de onde as haviam tirado.

Meu pai abriu as portas de um armário, e então constatei que aquilo que eu sempre pensara ser um armário era na verdade um nicho profundo, onde

estava um pequeno fogão. Coppelius aproximou-se, e uma chama azul ardeu.

Havia ali todo tipo de aparelhos estranhos. Ah. Deus! Ao inclinar-se em

direção ao fogo, meu pai parecia outro. Uma dor cruel e convulsiva parecia metamorfosear seus traços na mais horrenda e repugnante imagem diabólica.

Ele se assemelhava a Coppelius! Este brandia tenazes incandescentes e com

elas retirava da fumaça densa massas claras e cintilantes, que depois

martelava com violência.

Tive a sensação de que rostos humanos tornaram-se visíveis a sua volta,

mas não tinham olhos — ao invés deles, profundas e horrendas cavidades

negras. "Que venham os olhos, que venham os olhos!", gritou Coppelius com uma voz surda e ameaçadora. Completamente aterrado, soltei um berro e,

saindo de meu esconderijo, caí no chão. "Pequena besta! Pequena besta, rosnou ele, rangendo os dentes. Subitamente me ergueu e jogou-me sobre o

fogão, de maneira que as chamas começaram a chamuscar meu cabelo:

"Agora temos olhos — olhos —, um lindo par de olhos infantis." Foi o que murmurou Coppelius, pegando com as mãos um punhado de brasas

incandescentes para atirar em meus olhos, enquanto meu pai implorava,

erguendo as mãos e gritando: "Mestre! Mestre! Deixe os olhos de meu

Natanael — deixe-os com ele!" Coppelius gargalhou estridentemente: "Que o rapazinho conserve os seus olhos para choramingar sua sina pelo mundo!

Mas agora vamos observar atentamente o mecanismo das mãos e dos pés."

Com isso,

pegou-me com tanta violência que minhas articulações estalaram, girando minhas mãos e meus pés e recolocando-os ora aqui, ora acolá. "Não ficam bem em lugar nenhum! E melhor deixar como estavam. O velho lá de cima

entendia bem do riscado!" Assim Coppelius silvava e ciciava; mas tudo a minha volta tornou-se negro, escuro, uma súbita convulsão percorreu meus

nervos e ossos — eu não sentia mais nada. Um sopro suave e morno passou

pelo meu rosto e despertei como de um sono de morte. Mãe estava

inclinada sobre mim. "O Homem da Areia ainda está aí?", balbuciei. "Não, filhinho, já foi há muito, muito tempo, e não lhe fará mal!" Assim falou mãe, beijando e acariciando o filho predileto, já restabelecido.

Por que fatigar-lhe tanto, meu caro Lotar, contando-lhe todos esses

detalhes, se tanta coisa importante ainda tenho a dizer? Em suma, fui

descoberto enquanto espiava e cruelmente maltratado por Coppelius. Medo e

susto causaram-me uma febre escaldante, e fiquei doente por várias semanas.

"O Homem da Areia ainda está aí?" Estas foram as minhas primeiras palavras concatenadas e o sinal de minha recuperação, de minha salvação.

Devo contar-lhe ainda o mais terrível momento de meus anos de infância;

então ficará convencido de que não é culpa de meus olhos se agora tudo me

parece descolorido, mas que realmente uma fatalidade cobriu minha vida

com um denso véu de nuvens, que só com minha morte, talvez, se dissipará.

Coppelius não apareceu mais. Dizia-se que deixara a cidade.

Mais ou menos um ano depois, estávamos sentados à noite em torno da

mesa redonda, segundo o velho e imutável costume. Papai estava muito

alegre e contava histórias divertidas das viagens que fizera na juventude. Foi quando de repente ouvimos, às nove horas, os gonzos da porta soar, e passos lentos e pesados como ferro avançaram em direção à escada. "É Coppelius", disse minha mãe, empalidecendo. "Sim, é Coppelius", repetiu meu pai com voz frágil e hesitante. Lágrimas rolaram dos olhos de minha mãe. "Meu amigo, meu amigo!", exclamou ela, "precisa ser assim?" "Pela última vez!",

ele respondeu, "pela última vez ele virá aqui, eu juro. Agora vá, vá com as crianças! Vão para a cama! Boa noite!"

Eu estava como que petrificado, minha respiração vacilava! Vendome

imóvel, mamãe pegou-me pelo braço. "Venha. Natanael, venha!" Deixei-me levar e entrei no meu quarto. "Acalme-se, acalme-se; vou pô-lo na cama.

Durma, durma", pediu minha mãe. Porém, torturado pela

angústia e presa de profunda inquietação, não consegui fechar os olhos. O

odioso e repugnante Coppélius surgia a minha frente com olhos faiscantes e sorria hipocritamente. Em vão, tentei livrar-me de sua imagem. Já deveria

ser meia-noite quando se ouviu um temível barulho, como se uma artilharia

houvesse começado a disparar Toda a casa estremeceu, perto da porta de

meu quarto passaram ruídos e rumores e então a porta da frente bateu

ruidosamente. "É Coppélius!", gritei assustado, e saltei da cama. Então ouvi um lamento dilacerante e inconsolável e precipitei-me para o gabinete de

meu pai; a porta estava aberta, um vapor sufocante se fez sentir, enquanto a criada gritava: "Ah, patrão, ah, patrão!" Diante do fogão fumegante, no chão, encontrava-se meu pai, morto, com o rosto terrivelmente desfigurado e queimado, e ao seu redor choravam e gemiam minhas irmãs; mamãe a seu

lado, desmaiada! "Coppelius, maldito Satã, você matou meu pai! ", foi assim que gritei, perdendo os sentidos. Dois dias depois, quando foi colocado no caixão, seus traços voltaram a ser suaves e tranquilos, como em vida. O que foi um consolo, pois imaginara em meu espírito que o seu pacto com o

diabólico Coppelius poderia condená-lo à danação eterna.

A explosão havia acordado os vizinhos. O acontecimento tornou-se público

e chegou às autoridades, que queriam intimar Coppelius como responsável

pelo fato. Este, porém, havia desaparecido sem deixar pistas.

Se lhe disser, caro amigo, que aquele vendedor de barômetros era

justamente o maldito Coppelius, você compreenderá por que interpreto sua

hostil aparição como presságio de uma terrível desgraça. Usava outras

roupas, mas a figura de Coppelius e os traços do rosto estão de tal modo

impregnados em minha memória que não pude deixar de reconhecê-lo. Além

disso, ele nem ao menos trocou de nome. Faz-se passar agora, como ouvi

dizer, por um mecânico piemontês e se denomina Giuseppe Coppola.

Estou decidido a enfrentá-lo e vingar a morte de meu pai, aconteça o que

acontecer.

Não conte nada a mamãe sobre a aparição desse monstro cruel. Dê lembranças a minha encantadora Clara; escreverei a ela com mais calma.

Saudações etc. etc.

Clara a Natanael

É verdade que você não me escreve há muito tempo, mas mesmo assim

acredito que me carrega no coração e no espírito. Pois com certeza você

estava pensando em mim quando, pretendendo destinar sua última carta a

meu irmão Lotai; endereçou-a a mim. Com muita alegria abri o envelope e só então percebi o equívoco às primeiras palavras: "Ah, meu caríssimo Lotar!"

— Não deveria ter continuado a ler; entregando a carta a meu irmão. Às

vezes você brincava comigo, acusando-me de possuir um temperamento tão

calmo e ponderadamente feminino que, se a casa desabasse, eu agiria como

aquela mulher que, antes da fuga rápida, ainda arrumou as cortinas da

janela. Entretanto, posso assegurar-lhe que o início de sua carta me abalou profundamente. Mal pude respirar, meus olhos turvaram-se.

Ah, meu querido

*Natanael, o que de mais cruel poderia ter acontecido em sua vida?
Separar-*

*me de você, nunca mais voltar a vê-lo, a idéia atravessou minha
cabeça como um golpe de punhal em brasa. Li, reli! Sua descrição
do repugnante*

*Coppelius e aterradora. Só agora soube como o seu bom e velho pai
teve uma morte tão terrível e violenta. Meu irmão Lotar; a quem
entreguei o que lhe era de direito, procurou acalmar-me, mas quase
nada conseguiu. O fatal*

vendedor de barômetros Giuseppe Coppola me

*perseguia sem cessar, e — tenho até vergonha em confessar —
conseguiu perturbar até meu sono, normalmente profundo, com toda
espécie de sonhos*

*estranhos. Mas, logo no dia seguinte, vi as coisas sob um aspecto
mais*

*natural. Não me leve a mal, portanto, meu querido, se Lotar lhe
disser que eu, apesar de seu estranho pressentimento de que
Coppelius irá prejudicá-lo,*

estou tão serena e despreocupada como sempre.

*Com toda a franqueza, quero confessar-lhe que, a meu ver, tudo de
terrível e assustador de que você fala aconteceu apenas na sua
imaginação e que o*

*mundo exterior, real, teve pouca participação nisso tudo. O velho
Coppelius era sem dúvida pouco atraente, mas o fato de odiar
crianças é que despertou em vocês essa profunda aversão por sua
pessoa.*

Naturalmente, em sua alma infantil, o terrível Homem da Areia dos contos

da carochinha associou-se ao velho Coppelius, que permaneceu para você,

acredite ou não no Homem da Areia, um monstro fantasmagórico, perigoso

principalmente para crianças. As práticas sinistras com o seu pai, à noite, não eram nada senão experiências alquímicas secretas, com as quais sua mãe se afligia, já que certamente muito dinheiro era desperdiçado; além disso, como parece acontecer com quem pratica tais experiências de laboratório, o espírito de seu pai desviava-se da família, já que se concentrava por inteiro na busca ilusória de um saber supremo. Seu pai, com certeza por um

descuido qualquer; causou a própria morte, e Coppelius não poderia ser

acusado. Você acreditará em mim se eu disser que ontem perguntei a um

farmacêutico experiente, meu vizinho, se era possível tal explosão, repentina e fatal? Ele disse: "Sim, claro", e descreveu-me, a sua maneira, detalhada e morosa, como isso poderia ocorrer, citando nomes que de tão estranhos não

fui capaz de guardar. Agora você certamente está irritado com sua Clara e

dirá: "Nesse espírito frio não penetra sequer um raio do Misterioso, que muitas vezes envolve os homens com braços invisíveis; ela contempla apenas a superfície colorida do mundo e alegra-se como uma ingênua criancinha

com a fruta de brilho dourado, em cujo interior esconde-se o veneno mortal."

Ah, meu bem-amado Natanael, pois você não acredita que também os

espíritos tranqüilos, despreocupados e serenos podem abrigar o

pressentimento de uma força obscura, que almeja apoderar-se de nossa

consciência? Mas perdoe-me se eu, simplória moça que sou, atrevo-me a

insinuar, de alguma maneira, o que na verdade penso sobre essa espécie de

combate interior Afinal, quase não encontro as palavras certas e

talvez você zombe de mim; não porque pense algo de muito tolo, mas porque o expresse de maneira tão desajeitada.

Se existe uma força obscura que, hostil e traiçoeira, tece em torno de nós um fio com o qual nos agarra e arrasta através de um caminho pérfido e

destruidor por onde normalmente não passamos, se existe tal força, ela então deve assimilar-se a nós mesmos, tornando-se, por assim dizer; parte de nossa essência; pois só assim acreditaríamos nela e lhe daríamos lugar em nosso

coração para realizar sua obra secreta. Se tivermos a mente suficientemente fortalecida por uma vida serena para reconhecermos sempre, enquanto tais,

as influências estranhas e hostis e seguirmos com passos tranqüilos
o

caminho ao qual nossa inclinação ou vocação nos apontou, então essa força

sinistra sucumbirá em seus vãos esforços para nos iludir. É também certo,

acrescenta Lotar, que, se nos entregarmos a essas forças obscuras, nós

mesmos produziremos o principio devorador que nos consome. Assim,

seríamos nós mesmos que aticamos o espírito que parece falar através dessas formas, exatamente como nossa loucura as faz imaginar: É o fantasma de

nosso próprio ser; cuja estreita ligação e profunda influência sobre o nosso espírito mergulham-nos no inferno ou arrebatam-nos ao céu.

Você pode observar; meu querido Natanael, que nós, eu e meu irmão

Lotar; conversamos longamente a respeito de forças e poderes obscuros,

assumo que agora, depois de ter escrito o essencial, e não sem dificuldades, parece-me bastante profundo. Não entendo muito bem as últimas palavras de

Lotar, mas presumo o que ele pretendia dizer e sinto que está certo.

Peço-lhe que esqueça o horroroso advogado Coppelius e o vendedor de

barômetros Giuseppe Coppola. Convença-se de que essas figuras estranhas

*não têm poder sobre você; apenas a crença na força hostil delas ?
ode de fato fazê-la hostil a você. Se cada linha de sua carta não
expressasse a mais*

*profunda agitação do espírito, se o seu estado não me afliesse no
fundo*

*d'alma, eu poderia, afinal, zombar do seu Homem da Areia e do
vendedor de*

*barômetros. Tranqüilize-se, por favor! Decidi que serei para você
uma*

*espécie de espírito protetor e espantarei com uma gargalhada o
hediondo*

*Coppelius, se ele se atrever a introduzir-se em seus sonhos. Não
tenho medo algum dele e de suas mãos feias; advogado ou Homem
da Areia, ele não irá*

estragar minhas iguarias, tampouco lançar areia em meus olhos.

Eternamente, meu bem-amado Natanael etc. etc. etc.

Natanael a Lotar

Foi muito desagradável para mim que, em função de minha própria

*negligência e distração. Clara recentemente tenha aberto e lido
minha carta dirigida a você. Ela me escreveu uma carta bastante
grave e filosófica, na qual demonstra pormenorizadamente que
Coppelius e Coppola só existem em*

*minha mente e são fantasmas de meu eu que se pulverizarão no
momento em*

*que reconhecê-los como tais. Aliás, é difícil acreditar que esse
espírito, que muitas vezes brilha como um sonho bom naqueles*

olhos claros de criança,

encantadores e sorridentes, possa fazer distinções teóricas dignas de mestre.

Ela se refere a você. Vocês falaram sobre mim. Talvez você lhe tenha

ministrado aulas de lógica, para que ela aprendesse a ordenar e distinguir tudo muito bem. Renuncie a isso! De resto, é praticamente certo que o

vendedor de barômetros Coppola não seja o velho advogado Coppelius.

Tenho aulas com um professor de física, recém-chegado à cidade, que tem o

mesmo nome do célebre naturalista Spalanzani, e é também de origem

italiana. Ele conhece o Coppola há muitos anos e, além disso, vê-se por sua pronúncia que se trata realmente de um piemontês. Coppelius era alemão,

mas não me parece que fosse legítimo. Não estou inteiramente tranqüilizado.

Você e Clara podem me considerar um sombrio visionário, mas não

consigo me livrar da impressão que o maldito rosto de Coppelius produziu em mim. Fico feliz que ele tenha deixado a cidade, como me informou

Spalanzani.

Esse professor é um tipo esquisito. Um homenzinho arredondado, o

rosto de salientes bochechas, nariz afilado, lábios carnudos, olhos pequenos e penetrantes. Melhor que qualquer descrição, porém, é vê-lo

num retrato de Cagliostro feito por Chodowiecki², num almanaque berlinense qualquer Spalanzani parece-se com ele. Recentemente, subindo

as escadas, percebi que uma cortina, que normalmente permanece bem

fechada sobre uma porta de vidro, estava um pouco aberta. Eu mesmo não

sei o que me levou à curiosidade de espiar através dela. Uma mulher alta

e muito magra, esplendidamente vestida, estava sentada no quarto diante

de uma mesinha, sobre a qual pousara os braços, com as mãos cruzadas.

Estava sentada diante da porta, de forma que pude ver com clareza o seu

belo rosto angelical. Ela pareceu não me notar, e seu olhar tinha algo de

fixo, diria até que não via nada, como se ela dormisse de olhos abertos.

Aquilo me pareceu muito desagradável, e precipitei-me silenciosamente

em direção ao anfiteatro que fica ao lado. Mais tarde soube que a figura

que eu vira era a filha de Spalanzani. Olímpia, que ele mantém reclusa,

por motivos singulares e suspeitos, de maneira que a ninguém é permitido

aproximar-se dela. Talvez realmente haja algo de estranho com ela, talvez

seja demente ou coisa parecida. Por que lhe escrevo tudo isto? Teria sido

melhor narrar-lhe tudo pessoalmente e com detalhes. Saiba que em duas

semanas estarei com vocês. Preciso rever meu doce anjo, minha querida

Clara. Então se dissipará essa sensação que, devo confessar, quis

apoderar-se de mim depois daquela judiciosa carta que me escreveu. É

por isso que hoje não lhe escreverei.

Muitas lembranças etc. etc. etc.

Não se poderia inventar nada de mais estranho e singular do que o ocorrido

com o meu pobre amigo, o jovem estudante Natanael, e que agora decido

contar-lhe, caro leitor. Alguma vez, benevolente leitor, você já vivenciou

algo que houvesse ocupado todo o seu peito, mente e pensamentos, deixando

de lado o resto? Quem nunca experimentou a

² Daniel Nikolaus Chodowiecki (1726-1801), pintor e gravador alemão.

sensação de uma fervura interna que, incandescente, percorre o sangue nas veias, colorindo o rosto de um encarnado sombrio? Seu olhar, então, torna-se

estranho, como se você quisesse apreender, no espaço vazio, formas invisíveis

a seus olhos, e as palavras se diluem em sombrios soluços. Em vão, os amigos

lhe perguntam: "O que está acontecendo, meu caro? O que tem, honrado

amigo?" E então você descreveria sua sensação íntima em todas as suas cores ardentes, sombras e luzes, lutando inutilmente para encontrar as palavras que

pudessem refletir seu pensamento. Mas era como se você precisasse resumir

logo na primeira palavra tudo o que de maravilhoso, esplêndido, terrível,

divertido e cruel lhe aconteceu, causando a todos a sensação de um choque

elétrico. Mas cada palavra, cada sílaba, tudo lhe pareceria sem cor, frio e

morto. Você procuraria e procuraria, gaguejaria e balbuciaría, e as tímidas

perguntas dos amigos arrefeceriam, como um sopro de vento gelado, o seu

ardor interior até que este se apagasse. Mas se, como um pintor destemido,

esboçasse você, com poucos e ousados traços, o contorno de sua pintura

interior, então facilmente você passaria a colori-la gradualmente, e o vivo

tumulto de figuras multiformes arrebataria seus amigos, e eles, como você, se

veriam nesse quadro criado por sua imaginação!

Devo confessar, caro leitor, que ninguém me pediu que contasse a história

do jovem Natanael; mas você bem sabe que pertencço à particular espécie de

autores que, carregando consigo algo como o que acabei de descrever, tem a

sensação de que todos que se aproximam, e ainda o mundo inteiro,

perguntam: "O que aconteceu? Conte, meu caro!" Foi essa força que me arrastou a contar o fatal destino que assaltou a vida de Natanael. O

maravilhoso e estranho dessa aventura arrebatou minh'alma, e eis por que,

caro leitor, eu precisava despertar em você a inclinação para o fantástico, o

que não é nada fácil, e me esforçar para começar a história de Natanael de

forma significativa, original, surpreendente: "Era uma vez..." — o mais belo começo para qualquer história, mas muito tímido; "Na pequena cidade do

interior. S., morava..." — um pouco melhor, pelo menos prepara para o

clímax. Ou logo *medias in res*: "'Vá para o diabo', exclamou o estudante Natanael, lançando olhares ferozes, quando o vendedor de barômetros

Giuseppe Coppola..." — na verdade, eu começara assim, quando acreditei

sentir nos olhares ferozes do estudante Natanael algo de burlesco; mas a

história, porém, nada tem de divertida. Não me ocorreu nenhum discurso que

pudesse, pelo menos, refletir o brilho colorido do quadro que eu elaborara no

espírito.

Decidi então simplesmente não começar. Aceite portanto, caro leitor, as três cartas que o amigo Lotar gentilmente me cedeu, como o esboço da imagem à

qual a partir de agora me esforçarei para dar mais e mais cor. Talvez eu

consiga rabiscar algumas figuras como um bom pintor de retratos, fazendo

com que você ache parecido sem conhecer o original, sim, como se você

tivesse a sensação de ter visto a pessoa muitas vezes com os próprios olhos.

Talvez, então, o leitor acredite que nada é mais fantástico e louco do que a

vida real, e que o escritor só poderia apreender tudo isso como um reflexo

confuso de um espelho mal polido.

Para que fique mais claro o que é preciso saber logo de início, convém

acrescentar às cartas precedentes que logo em seguida à morte do pai de

Natanael. Clara e Lotar, filhos de um parente afastado, também falecido,

foram acolhidos pela mãe de Natanael. Clara e Natanael cultivaram uma

grande afeição um pelo outro, contra a qual ninguém apresentou qualquer

objeção; assim, estavam noivos quando Natanael deixou a cidade para

continuar seus estudos em G. É lá que se encontra ao escrever a última carta, e é lá que assiste às aulas do famoso professor de física. Spalanzani.

Agora eu poderia continuar a narração tranquilamente; mas neste momento

a imagem de Clara está tão viva diante de mim, que não consigo desviar os

olhos, o que sempre acontecia quando ela me fitava com um sorriso tão

encantador. Clara não poderia ser considerada bonita; era o que diziam todos

que entendiam de beleza por ofício. Mas os arquitetos elogiavam as proporções delicadas de seu corpo, os pintores viam algo de casto na forma de

sua nuca, ombros e colo, mas apaixonavam-se era pelos maravilhosos cabelos,

que lembravam a Madalena de Correggio, e falavam muito das tonalidades de

sua tez, digna de um Battoni³. Um deles, de muita imaginação, estranhamente comparou os olhos de Clara a um lago de Ruisdaël⁴, onde se refletem o céu claro, de raro azul, bosques e campos floridos, a rica paisagem de uma vida

colorida e serena. Poetas e artistas, porém, iam mais longe e falavam: "Que lago que nada, que espelho que nada! Será que podemos olhar para a moça

sem que seus olhos irradiem maravilhosos e divinos cantos e sons que

penetram em nossa alma, de forma que tudo se torna vivo e animado? Se não

cantamos nada de autêntico, então nada de autêntico existe em nós, e isto

lemos nitidamente no

3 Referência a um quadro do pintor barroco Pompeo Battoni (1708-1787).

4 Jacob van Ruisdael (1628-1682), pintor holandês de paisagens.

fino sorriso em torno dos lábios de Clara, quando nos atrevemos a tartamudear-lhe algo que tem a pretensão de ser música ou poesia, embora

apenas alguns sons estejam sendo embaralhados."

De fato, era assim. Clara tinha a vigorosa fantasia de uma criança alegre e

despreocupada, um coração profundamente feminino e doce, uma inteligência

penetrante e lúcida. Os espíritos levianos e presunçosos tinham nela uma

difícil adversária; pois sem falar muito, o que aliás condizia com sua natureza silenciosa, aquele olhar nítido, aquele sorriso refinado e irônico diziam-lhes:

"Queridos amigos! Como podem imaginar que eu considere essas sombras

difusas como figuras reais, com vida e calor?" Por esse motivo. Clara era vista por muitos como fria, insensível e prosaica. Mas outros, que conseguem

captar a vida com sua transparente profundidade, gostavam muito da moça

cheia de vida, sensata e com espírito infantil. No entanto, ninguém a amava

mais que Natanael, que se dedicava então com força e entusiasmo ao mundo

da ciência e da arte. Clara amava-o de todo o coração; as primeiras sombras

surgiram no momento que a deixou. Qual não foi sua alegria ao voar em seus

braços, quando ele, conforme dizia na última carta a Lotar, realmente chegou

à cidade natal e entrou na sala da casa de sua mãe! Tudo aconteceu como

Natanael esperava; pois no momento em que reviu Clara, não pensou nem no

advogado Coppelius nem na racional carta de Clara. Desaparecera qualquer

irritação.

Entretanto. Natanael tinha razão ao escrever a seu amigo Lotar que a

repugnante figura do vendedor de barômetros. Coppola, de fato entrara de

forma hostil em sua vida. Todos sentiram isso, já que logo nos primeiros dias

Natanael mostrara-se diferente do que habitualmente era. Mergulhou em

divagações sombrias e logo começou a agir de modo estranho, como ninguém

vira antes. Tudo, toda a vida era para ele sonho e pressentimento; falava

sempre que toda pessoa, julgando-se livre, só fazia servir a poderes obscuros, num jogo cruel, contra os quais é inútil revoltar-se; devia-se submeter

humildemente àquilo que designara o destino. Chegou a afirmar que achava

tolice considerar a criação, na arte e na ciência, um ato de vontade; pois o

entusiasmo, imprescindível para criar, não parte da alma, sendo o efeito de um princípio superior, exterior a nós.

Para a sensata Clara, aquelas exaltações místicas eram altamente

desagradáveis, mas parecia inútil tentar contradizê-las. Só quando Natanael

demonstrava que Coppelius era o princípio do Mal que momentaneamente

se apoderara dele, ao espreitar atrás da cortina, e que esse demônio repugnante iria perturbar terrivelmente a sua felicidade amorosa, é que Clara

ficava muito séria e dizia-lhe: "Sim. Natanael, você tem razão! Coppelius é um princípio maligno e hostil, ele pode provocar coisas terríveis como uma

força diabólica que penetrou em sua vida, mas isso apenas se você não o banir

de seu espírito. Enquanto acreditar nele, ele existirá e agirá; a sua credulidade é a força dele."

Natanael, um dia, irritado por Clara insistir em atribuir a existência do

demônio apenas a seu espírito fraco, pôs-se então a discursar sobre todos os

ensinamentos místicos a respeito de demônios e forças cruéis. Desgostosa.

Clara pôs fim à conversa, passando a falar de coisas sem maior importância,

para despeito de Natanael. Ele acreditava que espíritos frios e pouco receptivos não estão aptos a compreender mistérios tão profundos, sem se dar

conta de que com isso considerava Clara uma dessas naturezas inferiores,

embora não desistisse de tentar iniciá-la naqueles mistérios. De manhã cedo,

quando ela o ajudava a preparar o café, ele vinha para o seu lado e começava

a ler diversas passagens de seus livros místicos. "Mas querido Natanael", comentou Clara depois de uns instantes de atenção, "se eu dissesse que você é o princípio do Mal que tem efeitos hostis sobre o meu café? Pois se eu, como

você quer, deixasse tudo de lado e, durante sua conferência, o olhasse nos

olhos, o café acabaria por derramar no fogo, e então ninguém teria café da

manhã!"

Natanael fechou o livro com violência e, furioso, foi para o seu quarto.

Outrora, ele alimentara um talento especial para a composição de histórias

encantadoras e graciosas, as quais Clara ouvia com o maior prazer; agora seus

textos eram sombrios, incompreensíveis, disformes, de modo que, mesmo

quando Clara não o dizia, ele mesmo sentia que eles pouco lhe haviam

interessado. Nada era para Clara pior do que o tédio; em seu olhar e em suas

palavras expressava-se uma invencível sonolência mental. Ora, as

composições de Natanael eram de fato entediantes. Seu desgosto para com o

espírito frio e prosaico de Clara aumentou, e esta não podia superar a sua

irritação com o sombrio, obscuro e entediante misticismo de Natanael e, sem

perceber o fato, ambos se distanciavam cada vez mais um do outro.

A figura do hediondo Coppelius, como confessava o próprio Natanael,

empalidecera em sua imaginação, e às vezes muito lhe custava revesti-lo de

cores vivas em seus poemas, onde aparecia como um terrível

espantalho. Um dia, para completar, ocorreu-lhe que aquele sombrio pressentimento de que Coppelius iria perturbar a sua felicidade amorosa

poderia ser matéria de um poema. Representou então a si e a Clara ligados por

um amor fiel. Mas de tempos em tempos era como se uma mão negra

interviesse em suas vidas, subtraindo-lhes qualquer espécie de alegria.

Finalmente, quando se encontravam diante do altar, aparecia o terrível

Coppelius e tocava os encantadores olhos de Clara, que saltavam no peito de

Natanael, como faíscas sangrentas chamuscando e ardendo. Coppelius

apoderava-se dele e jogava-o num círculo de fogo em chamas, que girava com

a rapidez de uma tempestade e o levava para longe, zunindo e bramindo. Era

o rugido de um furacão, que chicoteava irado as espumantes ondas do mar,

que se erguiam como gigantes negros de cabeças brancas, numa luta furiosa.

Mas através desse rugido selvagem ele ouvia a voz de Clara: "Será que você pode me ver? Coppelius o enganou, não foram os meus olhos que queimaram

em seu peito, mas gotas ardentes do sangue de seu próprio coração — tenho

os meus olhos, olhe para mim!" Natanael pensava: "É Clara, e serei dela eternamente." Esse pensamento entrava então de forma tão violenta no círculo de fogo, que ele se detinha, e no abismo negro o estrondo perdia-se num som

abafado. Natanael olhou nos olhos da noiva; mas era a morte que o contemplava calmamente nos olhos de Clara.

Enquanto Natanael escrevia esse poema, estava muito calmo e circunspecto, burilando e melhorando cada verso, e, como se submetera ao

incômodo da métrica, não descansou até que tudo soasse agradável e perfeito.

Quando, porém, finalmente terminou e leu o poema em voz alta, um horror e

terror selvagem o assaltou, fazendo com que exclamasse: "De quem é essa

voz medonha?" Mas logo em seguida aquilo lhe pareceu um poema muito

bem-sucedido, e acreditou que conseguiria inflamar o frio espírito de Clara,

embora não percebesse com nitidez por que deveria inflamá-la e por que,

afinal, amedrontá-la com imagens aterradoras, que profetizavam um destino

cruel, destruidor de seu amor.

Estavam os dois sentados no pequeno jardim da casa. Clara estava muito

alegre, pois Natanael já há três dias, durante os quais escrevera seu poema,

não a torturava com seus sonhos e pressentimentos. Como antes, voltara a

conversar com animação e entusiasmo sobre coisas divertidas, fazendo Clara

comentar: "Agora o tenho de volta por inteiro. Viu como expulsamos o

horroroso Coppélius?" Nesse instante Natanael se lembrou de que trazia o

poema no bolso e disse que gostaria de

declamá-lo. De imediato, puxou as folhas e começou a ler; Clara, supondo, como de costume, algo entediante, resignou-se e começou a tricotar

tranqüilamente. Mas à medida que as sombrias nuvens tornavam-se cada vez

mais negras, ela abaixou a meia que tricotava e fitou imóvel os olhos de

Natanael. Este continuou o seu poema sem interrupções; seu rosto avermelhara-se com o fogo interior, lágrimas rolaram de seus olhos.

Finalmente, ao terminar, gemeu de profundo cansaço, pegou a mão de Clara e

suspirou, como se sucumbido a uma dor inconsolável: "Ah. Clara! Clara!"

Clara apertou-o docemente contra o seio e disse-lhe em voz baixa, mas lenta e

seriamente: "Natanael, meu amado Natanael! Jogue ao fogo essa história

louca, absurda, delirante." Indignado. Natanael levantou-se abruptamente e gritou, repelindo Clara: "Maldito autômato sem vida!" Saiu correndo, enquanto Clara, profundamente ferida, chorava com amargura: "Ah, ele nunca me amou, pois não consegue me entender", dizia em voz alta, aos soluços.

Lotar entrou no caramanchão; Clara teve de narrar-lhe o ocorrido; ele

amava sua irmã de todo o coração, e cada palavra de sua queixa caía-lhe como

uma brasa no coração, de maneira que a predisposição que há muito nutria

contra Natanael e seus devaneios ardeu numa fúria selvagem. Correu até ele e

acusou-o com pesadas palavras pelo comportamento absurdo com a amada

irmã, às quais Natanael revidou com a mesma fúria. Um "janota louco e

delirante" foi revidado por um "sujeito miserável e vulgar". O duelo era inevitável. Decidiram confrontar-se na manhã seguinte atrás do jardim, com

floretes bem afiados, segundo um costume acadêmico.

Calados e circunspectos, rondavam o local; Clara escutara a violenta discussão e percebera quando ao alvorecer o mestre de esgrima trouxera os

floretes. Ela pressentia o que deveria acontecer. Ao chegarem ao local da luta.

Lotar e Natanael, sombriamente silenciosos, tiraram os sobretudos. Com os

olhos faiscantes e sedentos de luta, já iam lançar-se um sobre o outro quando

Clara precipitou-se pela porta do jardim. Soluçando, gritava: "Vocês são

homens selvagens e terríveis! Matem-me logo, antes de se lançarem um sobre

o outro; pois como poderei viver neste mundo, se o amado matou o irmão ou

o irmão o amado?" Lotar abaixou a arma e olhou calado para o chão, mas no coração de Natanael renasceu melancolicamente todo o amor que sentira pela

encantadora Clara nos mais belos dias de sua feliz juventude. A arma

assassina caiu de suas mãos e ele aos pés de Clara. "Será que um dia poderá perdoar-

me, minha única, minha amada Clara? Pode perdoar-me querido irmão Lotar?" Lotar comoveu-se com a profunda dor do amigo; sob uma torrente de lágrimas, os três, reconciliados, abraçaram-se e juraram permanecer unidos

em amor e fidelidade eternos.

Natanael teve a sensação de que um peso, que o empurrava para baixo, fora

retirado de seus ombros, sim, como se tivesse salvo toda a sua existência,

resistindo à força sombria que ameaçara destruí-lo. Ainda passou três felizes

dias junto a seus entes queridos, mas depois voltou a G., onde deveria ficar

mais um ano, depois do qual voltaria definitivamente para sua cidade natal.

Tudo o que dizia respeito a Coppelius foi omitido à mãe de Natanael; todos

sabiam que ela não conseguia pensar nele sem horror, já que, como o filho,

culpava-o pela morte do marido.

Qual não foi a surpresa de Natanael ao chegar em casa e encontrar tudo

queimado, não restando nada além de um monte de entulhos, do qual se

erguiam quatro paredes nuas e empretecidas. Embora o fogo tenha surgido no

laboratório do farmacêutico, que morava no andar inferior, e se alastrado de

baixo para cima, os audazes e corajosos amigos de Natanael conseguiram

entrar a tempo em seu quarto, no andar superior, e salvar seus livros,

manuscritos e instrumentos. Tudo isso fora levado intacto para outra casa,

onde estava reservado um quarto, no qual Natanael se instalou imediatamente.

Sem estranhar muito, observou que o professor Spalanzani morava em

frente; tampouco deu importância ao fato de que de sua janela podia olhar

diretamente para o quarto onde freqüentemente Olímpia sentava-se solitária,

de modo que agora podia nitidamente contemplar sua silhueta, ainda que as

feições do rosto permanecessem indistintas e confusas. Finalmente pôde notar

que Olímpia sentava-se à pequena mesa muitas vezes horas a fio na mesma

posição e sem qualquer ocupação, do mesmo jeito que a vira, tempos atrás,

através da porta de vidro, que ela fitava aparentemente sem mover o olhar.

Precisou confessar a si mesmo nunca ter visto corpo mais belo; porém, com

Clara no coração, a Olímpia rígida e inerte era-lhe totalmente indiferente, e só de vez em quando olhava, por sobre os seus livros, em direção à bela estátua,

e isso era tudo.

Estava justamente escrevendo a Clara, quando ouviu baterem suavemente à

porta; a sua permissão, esta se abriu e ele viu surgir o repugnante rosto de

Coppola. Natanael sentiu um frêmito; mas levando em conta

o que lhe disse Spalanzani sobre seu compatriota Coppola e o que fervorosamente prometera a sua bem-amada com relação ao Homem da Areia

Coppelius, envergonhou-se de seu ridículo medo de fantasmas, esforçou-se

para se controlar e falou tão suave e despreocupadamente quanto possível:

"Não vou comprar nenhum barômetro, meu caro amigo, agora vá embora, por

favor!" Mas Coppola acabou entrando no quarto e disse num tom rouco,

contraído a boca num horrendo sorriso e faiscando penetrantemente os

olhinhos sob as pestanas longas e grisalhas: "Ah, não, barômetro, não,

barômetro, não! Mas tenho olhos, *belli occhi!*" Chocado. Natanael gritou:

"Homem louco, como pode vender olhos? Olhos, olhos?" Mas nesse instante Coppola havia posto de lado os seus barômetros. Botou a mão no bolso do

sobretudo e tirou de lá lornhões e óculos, levando-os à mesa. "Aqui, aqui —

óculos, óculos para o nariz, meus olhos, *belli occhi!*" E sacava cada vez mais óculos e lunetas que, entrecruzando-se, provocavam um brilho ofuscante e

estranho. Milhares de olhos olhavam e piscavam convulsivamente,

dardejando Natanael; mas este não conseguia desviar o olhar da mesa, e

Coppola continuava tirando cada vez mais óculos, e cada vez com mais

voracidade olhares inflamadas saltavam uns sobre os outros, atirando no peito

de Natanael seus raios vermelhos de sangue. Dominado por um terror

delirante, ele gritou: "Pare, pare com isso, homem terrível!" Agarrou então pelo braço Coppola, que já enfiara a mão no bolso para pegar ainda mais

óculos, embora toda a mesa já estivesse coberta deles, mas este se livrou

delicadamente com um riso rouco e hostil, dizendo: "Ah! Nada para o senhor, mas aqui soberbas lentes." E já havia juntado todos os óculos, guardado e tirado do bolso lateral do sobretudo uma grande quantidade de binóculos

grandes e pequenos.

Assim que os óculos foram retirados. Natanael se acalmou e, pensando em

Clara, reconheceu que todas aquelas aparições eram fruto de seu cérebro,

como também que Coppola era um mecânico e óptico extremamente honesto

e de forma alguma o maldito sócia ou fantasma de Coppelius. Além disso, as

lentes que Coppola colocara sobre a mesa nada tinham de especial nem eram

tão fantasmagóricas como os óculos. Para remediar tudo aquilo. Natanael

decidiu, finalmente, comprar alguma coisa de Coppola. Pegou um pequeno

binóculo de bolso delicadamente trabalhado e, para experimentá-lo, olhou

pela janela. Nunca em sua vida vira uma lente que trouxesse aos olhos os

objetos de forma tão pura, límpida e nítida. Sem querer, olhou para o quarto

de Spalanzani;

como de costume. Olímpia estava sentada diante da mesinha, os braços esticados, as mãos cruzadas. Era a primeira vez que Natanael contemplava o

semblante de Olímpia, de maravilhosos traços. Apenas os olhos pareciam-lhe

estranhamente hirtos e mortos. Mas à medida que a contemplava com mais

cuidado, tinha a sensação de que dos olhos de Olímpia saíam úmidos raios de

luz. Parecia que só agora o seu poder de visão fora estimulado; cada vez mais vivos flamejavam os seus olhares. Natanael ficou à janela como que

enfeitiçado, admirando sem cessar a divina e bela Olímpia. Um pigarro

despertou-o como de um sonho profundo. Coppola estava atrás dele: "Tre

zecchini, três ducados" — Natanael esquecera o óptico por completo, e rapidamente pagou o exigido. "Não é uma bela lente? Bela lente!", disse Coppola com sua voz repugnante e rouca e seu sorriso de escárnio. "Sim, sim, sim!", respondeu Natanael, aborrecido. "Adeus, caro amigo!"

Coppola deixou o quarto, não sem antes dirigir muitos e estranhos olhares

oblíquos para Natanael, que ainda escutou sua gargalhada pela escada: "Pois é", pensou, "ele ri de mim certamente porque paguei caro demais pelo pequeno binóculo, caro demais!" Enquanto murmurava essas palavras,

aterrorizado, teve a impressão de ouvir espalhar-se pelo quarto um longo

estertor de moribundo. Mas havia sido ele mesmo quem suspirara, como logo

notou. "Clara tem toda a razão." disse consigo, "em me considerar um visionário idiota; no entanto é estranho... é estranho que eu me atormente

tanto por ter pago caro demais pelo binóculo de Coppola; não vejo razão para

isso". Sentou-se então a fim de terminar a carta para Clara, mas um olhar através da janela convenceu-o de que Olímpia ainda estava lá; como se

arrebatado por uma força irresistível, levantou-se, pegou o binóculo de

Coppola e não conseguiu esquivar-se da inebriante visão de Olímpia, até que

seu amigo e camarada Siegmund veio chamá-lo para a aula com o professor

Spalanzani.

A cortina do quarto fatal dessa vez estava fechada, e ele não pôde ver

Olímpia nem naquele dia nem nos dois seguintes, embora quase não tenha

abandonado a janela, olhando ininterruptamente através do binóculo de

Coppola. No terceiro dia, até mesmo as cortinas das janelas foram fechadas.

Totalmente desesperado, devorado pela saudade e pelo desejo. Natanael foi na

direção dos portões da cidade. A imagem de Olímpia flutuava a sua frente,

saía dos arbustos, fitava-o com seus grandes e faiscantes olhos do espelho do

riacho de águas claras. A lembrança de Clara estava totalmente apagada de

seu espírito, só

pensava em Olímpia e lamentava em voz alta e chorosa: "Será que você, minha esplêndida e distante estrela de amor, será que você só me surgiu para

eclipsar-se em seguida e deixar-me na noite escura e sem esperanças?"

Ao voltar para casa, percebeu uma agitação ruidosa na casa de Spalanzani.

As portas estavam abertas, carregava-se para dentro toda espécie de

aparelhos; as janelas do primeiro andar estavam levantadas; criadas

circulavam ocupadas com grandes vassouras de um lado para outro;

escutavam-se as batidas dos martelos dos marceneiros e dos tapeceiros.

Natanael ficou plantado na rua, estupefato. Siegmund aproximou-se sorrindo:

"E então, o que me diz do nosso velho Spalanzani?" Natanael respondeu que nada podia dizer, pois nada sabia do professor e que, ao contrário, percebia

com grande surpresa o furioso corre-corre e o tremendo burburinho numa casa

normalmente calma e sombria. Siegmund informou-lhe então que Spalanzani

daria uma grande festa no dia seguinte, com concerto e baile, e que metade da

universidade estava convidada. Também se espalhara que Spalanzani iria

deixar aparecer pela primeira vez sua filha Olímpia, a qual escondera por

tanto tempo de todo e qualquer olhar.

Natanael encontrou em casa um convite, e à hora marcada para lá se dirigiu

com o coração palpitante, quando já chegavam as carruagens e as luzes

cintilavam nos salões decorados. A sociedade era numerosa e elegante.

Olímpia apareceu vestida ricamente e com muito bom gosto. Seu rosto e seu

corpo, de belas formas, foram inevitavelmente admirados. As costas eram

curiosamente recurvadas, e a cintura fina, semelhante à de uma vespa, parecia

exageradamente apertada num espartilho. Seu andar e sua postura pareciam

ter algo de comedido e rígido que a alguns era desagradável, o que foi

atribuído a sua timidez frente aos convidados. O concerto começou. Olímpia

tocou piano com muita habilidade e também cantou uma ária com uma voz

límpida e quase dilacerante, que tinha a sonoridade de um sino de cristal.

Natanael estava completamente deslumbrado; colocado numa das últimas

fileiras, à luz das velas, não foi capaz de reconhecer imediatamente as feições de Olímpia. Sem se fazer notar, tirou do bolso o binóculo de Coppola e

observou a bela cantora.

Ah! Agora poderia perceber como ela o olhava com languidez e como seu

olhar enternecido, que penetrava e inflamava todo o seu ser, exprimia

antecipadamente cada nuance do seu canto. Seus trinados pareciam

a Natanael o júbilo celestial do espírito transformado pelo amor, e quando finalmente a cadência do longo e último *vocalise* ressoou

pelo salão, ele não pôde mais se conter e, como se estrangulado por dois braços apaixonados,

exclamou extasiado: "Olímpia!" Todos se voltaram para ele, e muitos

começaram a rir. O organista da catedral, porém, mostrou um rosto ainda mais

sinistro do que o habitual e disse apenas: "Bem, bem!"

O concerto chegara ao fim, começou o baile. "Dançar com ela, com ela!", era este o objetivo de todos os seus sentidos de todos os seus esforços; mas

como criar coragem para convidá-la, ela, a rainha ia festa? Entretanto, sem

saber como, mal a dança começara, já se encontrava junto a Olímpia, que

ainda não fora tirada, e, após balbuciar algumas palavras, pegou em sua mão.

A mão de Olímpia estava gelada, o que fez com que sentisse um arrepio

mortal. Fitou-a nos olhos, que só lhe transmitiam amor e desejo e, naquele

momento, foi como se as artérias de sua mão comessem a pulsar e o sangue

da vida corresse ardente por suas veias glaciais. Ardendo de paixão. Natanael

enlaçou a bela Olímpia pela cintura e deslizou com ela por entre os pares do

salão. Tinha a ilusão de ser um bom dançarino, mas pela segurança rítmica

toda particular que Olímpia demonstrava, fazendo com que diversas vezes se

visse fora do compasso, logo percebeu quanto lhe era estranho o verdadeiro

sentido do ritmo. Mesmo assim, renunciou a dançar com qualquer outra

mulher; teria inclusive desejado matar todo aquele que tentasse se aproximar

de Olímpia e a convidasse para dançar. Para seu espanto, isso ocorreu apenas

duas vezes, não lhe faltando a oportunidade de voltar a tirá-la.

Se Natanael fosse capaz de se ocupar de outra coisa além da bela Olímpia,

então teria sido inevitável toda sorte de discussão e briga; pois aparentemente as risadas discretas e a custo abafadas que se podiam ouvir pelos cantos entre os jovens visavam à bela Olímpia, perseguida por olhares curiosos, sem que

se soubesse por quê. Entrementes, aquecido pela dança e pelas copiosas

libações. Natanael deixara de lado sua timidez habitual. Sentado ao lado de

Olímpia, as mãos dela entre as suas, falava de seu amor com entusiasmo e

vibração em termos inflamados que ninguém poderia compreender, nem ele

mesmo, nem Olímpia. Bem, talvez ela entendesse, pois olhava-o fixamente,

suspirando sem cessar: "Ah... ah... ah!" Ao que Natanael respondia: "Ah, esplêndida mulher, exemplo do amor que nos prometem na outra vida,

espírito

profundo no qual se reflete todo o meu ser!", e outras coisas semelhantes, enquanto Olímpia apenas suspirava repetidamente: "Ah... ah!"

O professor Spalanzani passou algumas vezes pelos felizardos e sorriu-lhes,

singularmente satisfeito. Embora estivesse num mundo diferente. Natanael

pôde observar que a casa do professor de repente havia escurecido; olhou em

seu redor e com enorme espanto percebeu que as duas últimas velas do salão

vazio ameaçavam se apagar. Fazia tempo que a música e a dança haviam

terminado. "Separação, separação", exclamou ele, em completo desespero, e beijou a mão de Olímpia, que, inclinando-se sobre sua boca, tocou-a com seus

lábios frios como gelo! Assim como quando tocara as mãos frias de Olímpia,

viu-se penetrado por um profundo terror; repentinamente lembrara-se da lenda

da Noiva Morta; mas Olímpia o abraçara com ternura e o ardor de seu beijo

fazia com que seus lábios ganhassem vida. O professor Spalanzani avançou

com lentidão pelo salão, seus passos soaram abafados, e sua silhueta, rodeada

por sombras vacilantes, revelava uma aparência assustadora, fantasmagórica.

"Você me ama, você me ama. Olímpia? Só uma palavra! Você me ama?", era assim que sussurrava Natanael; Olímpia, levantando-se, apenas suspirou:

"Ah... ah!" "Sim, minha encantadora, esplêndida estrela do amor", prosseguiu Natanael, "você surgiu em meu céu e iluminará para sempre o meu coração!"

"Ah, ah!", replicou Olímpia, afastando-se. Natanael seguiu-a e logo se encontraram diante do professor. "O senhor conversou animadamente com

minha filha", disse este sorrindo. "Pois então, caro senhor Natanael, se tem gosto em conversar com essa tímida rapariga, venha visitá-la com

freqüência." Com todo um céu radioso no peito. Natanael se foi.

A festa de Spalanzani foi o assunto das conversas nos dias seguintes. Não

obstante o professor tivesse feito tudo para receber a todos com

magnificência, as pessoas mais atentas puseram-se a contar toda espécie de

fatos estranhos e singulares, falando principalmente da inerte e muda Olímpia, a quem se atribuía, a despeito da formosura, uma total estupidez. Viam nisso a razão pela qual Spalanzani a mantinha isolada por tanto tempo. Natanael

ouvia tudo aquilo cultivando um furor secreto, mas se calava. "Pois", pensava,

"de que serviria provar a esses rapazes que é a sua própria estupidez que os impede de reconhecer o espírito profundo e magnífico de Olímpia?" "Irmão", disse um dia Siegmund. "por favor, diga-me como você, um rapaz razoável,

pôde perder a cabeça por aquele rosto de cera, aquela boneca de madeira?"

Natanael fez

menção de explodir, mas logo se recompôs e retrucou: "Diga-me você.

Siegmund. como a seu olhar normalmente tão perspicaz pôde escapar o

celestial encanto de Olímpia? De resto, dou graças ao destino, pois de outra

forma teria um rival; e, nesse caso, um de nós haveria de verter sangue."

Siegmund logo percebeu o estado de seu amigo, esquivou-se habilmente e

acrescentou, depois de dizer que o objeto do amor nunca deve ser julgado:

"Mas é estranho que muitos de nós tenhamos mais ou menos o mesmo

juízo sobre Olímpia. Não me leve a mal, irmão, mas ela nos pareceu, de

uma maneira muito estranha, rígida e sem alma. Seu corpo é bem-proporcionado, assim como seu rosto, é bem verdade! Poderia ser considerada

bonita, se o seu olhar não fosse desprovido de brilho, eu diria quase de

faculdade visual. Seu andar é particularmente meticuloso, cada movimento

parece condicionado por um mecanismo em que se deu corda. Seu jeito de

tocar, de cantar, tem o compasso desagradavelmente correto e sem espírito

dos realejos, e assim também é quando dança. Enfim, essa Olímpia causou-

nos uma impressão sinistra, e nada queremos com ela; é como se, apesar de

agir como um ser vivo, houvesse nela algo de singular e de equívoco.

Natanael absolutamente não se abandonou à sensação amarga que as

palavras de Siegmund lhe provocaram. Dominou sua raiva e apenas disse,

muito sério: "Talvez a vocês, pessoas friamente prosaicas. Olímpia possa

parecer sinistra. Apenas ao espírito poético revelam-se tais personalidades! Só a mim ela dirigiu seu olhar apaixonado, irradiando meus pensamentos, e só no

amor de Olímpia posso reencontrar o meu ser. Talvez não lhes agrade que ela

não se prenda a conversas ligeiras, como outros espíritos superficiais. Ela fala pouco, é verdade; mas essas poucas palavras, tais verdadeiros hieróglifos da

linguagem íntima da alma, revelam o amor e um elevado conhecimento da

vida espiritual na contemplação do eterno e misterioso além. Mas isso está

fora do alcance de vocês, tudo são palavras vãs." "Deus o proteja, caro irmão", disse Siegmund com doçura, quase melancólico, "mas me parece que você está no mau caminho. Você pode contar comigo, quando tudo... Não,

não vou dizer mais nada!" Para Natanael, foi como se repentinamente o

prosaico e frio Siegmund estivesse querendo o seu bem, por isso apertou com

sinceridade a mão estendida.

Natanael esquecera por completo que existia uma Clara no mundo, a quem

ele um dia amara; a mãe. Lotar, todos haviam desaparecido de sua memória, e

ele só vivia para Olímpia, na casa de quem ficava diariamente

horas a fio, devaneando sobre seu amor, sobre o despertar de uma simpatia ardente, sobre as afinidades de suas almas, e Olímpia ouvia tudo com a maior

atenção. Das profundezas de sua escrivaninha. Natanael tirava tudo o que já

escrevera. Poemas, fantasias, visões, romances, histórias, tudo diariamente

acrescido de toda sorte de sonetos, estâncias, cantigas, que ele lia para

Olímpia durante horas a fio, incansavelmente. Nunca tivera uma ouvinte tão

encantadora, pois não bordava nem tricotava, não olhava pela janela, não dava

comida aos pássaros e não brincava com cãesinhos ou gatinhos graciosos.

Não amassava papeizinhos ou se distraía com qualquer coisa nas mãos, nem

precisava conter um bocejo ou um leve pigarro. Em suma, fitava o amado

durante horas sem se mexer ou se ajeitar, e esse olhar tornava-se cada vez

mais ardente e mais vivo. Apenas quando Natanael se levantava no fim e lhe

beijava a mão e até mesmo a boca, ela dizia: "Ah, ah!, boa noite, meu

querido!"

"Oh, alma esplêndida e profunda", exclamava Natanael em seu quarto,

"somente você me compreende". Estremecia de alegria ao pensar na maravilhosa relação que se manifestava cada dia mais entre o seu espírito e o

de Olímpia; pois para ele era como se Olímpia exprimisse seus pensamentos

sobre suas obras, sobre seu talento poético exatamente como ele teria feito,

como se a voz dela soasse de seu próprio ser. Não poderia ser diferente, pois, além das palavras mencionadas. Olímpia não pronunciava mais nada. Mas

quando Natanael, em momentos claros e sóbrios, como por exemplo pela

manhã, ao acordar, lembrava-se da passividade total de Olímpia e de seu

laconismo, então dizia: "O que são palavras, palavras! A visão de seus olhos celestiais diz mais do que todas as linguagens. Como poderia uma criação dos

céus nivelar-se ao estreito círculo traçado por nossa necessidade ínfima e

terrena?"

O professor Spalanzani parecia muito feliz com a relação de sua filha com

Natanael; cumulava este com toda sorte de nítidos sinais de simpatia, e

quando Natanael fielmente ousou aludir a um possível casamento com

Olímpia, estampou um largo sorriso, dizendo que daria à filha a liberdade de

escolha. Encorajado por essas palavras, com um ardente desejo no coração.

Natanael decidiu, já no dia seguinte, suplicar a Olímpia que lhe expressasse

com clareza o que há muito o seu olhar encantador lhe dissera, que seria sua

para sempre. Procurou pelo anel que sua mãe lhe presenteara na despedida, a

fim de ofertá-lo a Olímpia como símbolo de sua dedicação e de sua iniciação

a uma vida que desabrochava e que ela fazia florescer. Naquele momento, as

cartas de Clara e de

Lotar lhe caíram às mãos, e ele com indiferença repeliu-as; encontrou o anel, guardou-o e correu à casa de Olímpia.

Já na escada, no corredor, percebeu uma singular agitação que parecia soar

do gabinete de trabalho de Spalanzani. Arrastar de pés, um estranho ruído,

batidas, golpes contra a porta, em meio a maldições e imprecções.
"Largue-a, largue-a! — Infame, celerado! — Foi para isso que me dediquei de corpo e

alma? — Ha ha ha ha! — Não foi assim que combinamos — Eu, eu fiz os

olhos — E eu, o mecanismo — Aos diabos com o seu mecanismo — Cão

maldito, relojoeiro simplório — Vá embora — Demônio — Pare — Besta

diabólica! — Pare — Vá, charlatão!" Eram as vozes de Spalanzani e do

terrível Coppola que vociferavam e bramiam confusamente. Natanael

precipitou-se, presa de uma angústia indefinível. O professor segurava uma

figura feminina pelos ombros, o italiano pelos pés, e esta era puxada e

arrastada de um lado para outro, os dois brigando furiosamente por sua posse.

Horrorizado. Natanael recuou ao reconhecer a figura de Olímpia.

Transportado por uma ira feroz, ia defender sua amada contra aqueles

possessos, quando Coppola virou-se com uma força gigantesca e, arrancando

o corpo de Olímpia das mãos do professor, aplicou-lhe, com a própria mulher,

um terrível golpe na cabeça, de forma que este cambaleou e caiu de costas

sobre uma mesa cheia de retretas, tubos de ensaio, garrafas e cilindros de

vidro; tudo aquilo se partiu em mil cacos. Coppola lançou então a figura nos

ombros e correu pela escada gargalhando horrível e estridentemente, fazendo

com que os pés daquela miserável figura humana, dependurados

desordenadamente, fossem quicando pelos degraus, estalando como madeira.

Natanael estava atônito — com muita clareza pôde ver que o rosto de cera

mortalmente pálido de Olímpia era desprovido de olhos, cavidades negras

ocupavam seu lugar; era uma boneca inanimada. Spalanzani debatia-se no

chão, os cacos de vidro haviam cortado sua cabeça e dilacerado seu peito e

seu braço, o sangue jorrava como de um chafariz. Mas ele ainda encontrou

forças: "Atrás dele, atrás dele... — o que está esperando? — Coppelius...

Coppelius, você me roubou o meu melhor autômato — trabalhei nele durante

vinte anos — dediquei-me de corpo e alma — o mecanismo — fala — anda

— são meus — os olhos, os olhos roubei de você — maldito — condenado —

atrás dele — traga-me Olímpia — aqui estão os olhos!"

Natanael então percebeu no chão um par de olhos ensangüentados fitando-o

fixamente. Spalanzani agarrou-os com a mão que não fora

ferida e atirou-os em sua direção, atingindo-o no peito. Foi então que a loucura arrebatou Natanael com garras ardentes e penetrou em sua alma,

dilacerando o que restava de seu juízo e pensamento. "*Roda de Fogo — Roda de Fogo! Gire, roda de fogo, alegremente — alegremente! — Bonequinha de madeira, zum, bela bonequinha de madeira, gire...*", e com isso se lançou

sobre o professor, apertando sua garganta. Tê-lo-ia estrangulado, se a agitação não houvesse atraído muitas pessoas ao local, que entraram e arrancaram dali

o furioso Natanael, salvando assim o professor, que foi imediatamente

medicado. Siegmund. por mais forte que fosse, não conseguia acalmar o

enfurecido, que continuava a gritar com uma voz aterrorizante: "Bonequinha de madeira, gire", dando golpes a seu redor com os punhos cerrados.

Finalmente, a força reunida de várias pessoas conseguiu domá-lo, e foi jogado

ao chão e amarrado. Suas palavras perderam-se pouco a pouco numa espécie

de rugido animalesco. Debatendo-se assim em terríveis convulsões, foi levado

ao manicômio.

Antes, caro leitor, que eu continue a lhe contar o que sucedeu ao infeliz

Natanael, posso assegurar-lhe, caso se interesse pelo habilidoso mecânico e

fabricante de autômatos Spalanzani, que este ficou totalmente curado de suas

feridas. Entretanto, foi obrigado a abandonar a universidade, porque a história de Natanael causara sensação, e todos consideraram uma burla inadmissível

introduzir em respeitáveis rodas da cidade (Olímpia as freqüentara com

sucesso) uma boneca de madeira no lugar de uma pessoa viva. Juristas

consideraram-na uma fraude refinada e passível de forte punição, já que

praticada contra o público de forma astuciosa. Ninguém, com exceção dos

estudantes muito espertos, percebera o golpe, embora agora todos se

quisessem passar por inteligentes e apontassem fatos que lhes teriam parecido

suspeitos. Estes últimos, porém, na verdade nada conseguiam relatar que

fizesse sentido.

A alguns, por exemplo, parecia suspeito o fato de Olímpia, segundo um

freqüentador das rodas de chá, ter espirrado mais vezes que bocejado, o que

contrariava os costumes. Em primeiro lugar, dizia esse elegante, os espirros

seriam os ruídos da engrenagem oculta, que rangia nitidamente etc. O

professor de poesia e retórica aspirou uma pitada de rapé, fechou a tabaqueira, pigarreou de leve e falou cerimoniosamente: "Mui honrados senhoras e

senhores! Não notam onde está o fio da meada? Tudo isto é uma alegoria —

uma metáfora ampliada! Os senhores me entendem: *Sapienti sat!*" Mas os mui honrados senhores não se

tranqüilizaram com aquilo, a história do autômato havia causado uma profunda impressão na alma deles, e, de fato, cresceu sorrateiramente uma

abominável desconfiança com relação a figuras humanas. A fim de se

convencerem por completo de que não estariam amando uma boneca de

madeira, vários amantes exigiram que as amadas cantassem e dançassem um

pouco fora do ritmo, que, ao ouvirem uma leitura, bordassem, tricotassem e

brincassem com o cãozinho etc., mas sobretudo que não apenas ouvissem e

falassem às vezes de uma maneira que as palavras demonstrassem o que

realmente pensavam e sentiam. As uniões amorosas de muitos tornaram-se mais sólidas e gentis, outras, ao contrário, acabavam-se aos poucos. "Nunca se pode saber com certeza", dizia um ou outro. Nas rodas de chá bocejava-se incrivelmente, mas nunca se espirrava, para evitar qualquer suspeita. Como

dissemos. Spalanzani desapareceu para escapar da investigação criminal

relativa à introdução fraudulenta de autômatos na sociedade. Coppola também

desaparecera.

Natanael despertou como de um sonho pesado e terrível; abriu os olhos e

percebeu que uma indescritível sensação de prazer o percorria com um calor

suave e celestial. Estava na casa de seus pais. Clara se havia inclinado sobre ele, e não muito longe estavam a mãe e Lotar.

"Finalmente, finalmente, meu amado Natanael; agora você está curado da

grave doença; agora você é meu novamente!", dizia Clara do fundo de sua

alma, tomando Natanael pelos braços. Lágrimas de alegria e de emoção saíam

de seus olhos, e ele disse, depois de um profundo suspiro: "Minha... minha Clara!" Siegmund, que fielmente permanecera ao lado do amigo durante a

agonia, aproximou-se. Natanael estendeu-lhe a mão: "Meu fiel irmão, você

não me abandonou." Todo e qualquer sinal de loucura desaparecera, e logo

Natanael recuperou suas forças, graças aos cuidados da mãe, da noiva e dos

dois amigos.

A felicidade voltara à casa; um velho tio ranzinza, do qual ninguém nada

esperara, morreu e deixou à mãe, além de uma quantia não desprezível, uma

pequena propriedade numa agradável região não muito distante da cidade.

Para lá queriam mudar-se a mãe. Natanael e sua Clara, a qual agora queria

desposar, e Lotar. Natanael tornara-se mais carinhoso e mais amável do que

nunca, e só então reconheceu o espírito puro, divino e esplêndido de Clara.

Ninguém fazia a menor alusão ao passado. Quando Siegmund se despediu

dele. Natanael disse-lhe apenas: "Por Deus, irmão! Eu estava no mau

caminho, mas na hora exata um anjo me conduziu pela trilha iluminada! E

esse anjo foi Clara!" Mas

Siegmund não permitiu que continuasse, temendo que recordações amargas e implacáveis pudessem renascer com brutalidade em seu espírito.

Chegara a época em que os quatro amigos iriam mudar-se para a propriedade campestre. Ao meio-dia, caminhavam pelas ruas da cidade.

Haviam comprado algumas coisas e a alta torre da prefeitura jogava sombras

gigantescas sobre a praça do mercado. "Ah!", disse Clara, "vamos subir lá mais uma vez e olhar para as montanhas ao longe!" Dito e feito. Ambos.

Natanael e Clara, subiram, a mãe foi com a criada para casa e Lotar, sem

vontade de galgar os numerosos degraus, preferiu esperar embaixo. E lá

estavam os dois namorados, de braços dados, na mais alta galeria da torre,

olhando para as profundezas dos bosques perfumados, atrás dos quais os picos

das montanhas azuis erguiam-se como uma cidade de gigantes.

"Veja aquele estranho arbusto cinzento, parece estar vindo em nossa

direção", disse Clara. Automaticamente. Natanael pôs a mão no bolso; achou o binóculo de Coppola. Dirigiu-o para a planície... Clara estava diante das

lentes! Um estremecimento convulsivo percorreu suas veias e seu pulso.

Pálido como a morte, fitou-a fixamente... De repente os olhos dela, girando

em suas órbitas, expeliram raios de fogo; ele começou a uivar terrivelmente

como um animal acuado; começou então a saltar no ar e, entre gargalhadas

aterradoras, gritou estridentemente: "Bonequinha de madeira, gire —

bonequinha de madeira, gire", e com uma violência formidável pegou Clara

para precipitá-la lá de cima, mas ela, com um medo desesperado da morte,

agarrou-se com firmeza à balaustrada. Lotar ouviu o alarido que fazia o

furioso, distinguiu os gritos angustiados de Clara e um terrível pressentimento apoderou-se de seu espírito. Correu para o alto da torre: a porta da segunda

escada estava trancada; os gritos de Clara tornaram-se ainda mais

dilacerantes. Louco de fúria e terror, lançou-se contra a porta, que finalmente se abriu. Os gritos de Clara soavam cada vez mais fracos: "Socorro —

ajudem-me, ajudem-me..." e a voz desapareceu no ar. "Ela morreu assassinada pelo louco! ", exclamou Lotar. A porta do terraço também estava trancada. O desespero incutiu-lhe uma força sobre-humana, e ele se jogou

contra a porta, arrombando-a finalmente. Clara, erguida pelo furibundo

Natanael, pairava no ar, do lado de fora da balaustrada; apenas com uma das

mãos ainda se agarrava às grades de ferro. Rápido como um raio. Lotar pegou

a irmã, atirou-a sobre a plataforma e no mesmo instante deu um soco no

alucinado com os punhos cerrados, de forma que este cambaleou, soltando sua

presa de morte.

Lotar desceu correndo com a irmã desfalecida nos braços. Ela estava salva.

Natanael corria pelo terraço, saltava no ar e gritava: "*Roda de fogo, gire —*

roda de fogo, gire." Com essa gritaria selvagem, as pessoas acorreram, dentre elas o advogado Coppelius, que acabava de chegar à cidade, estando a

caminho do mercado. As pessoas queriam subir e dominar o louco furioso.

Coppelius pôs-se a rir, dizendo: "Esperem, que logo ele vai descer sozinho", e, como os outros, olhou para cima. Subitamente. Natanael parou como que

petrificado; então se debruçou, percebeu a presença de Coppelius e, com um

grito: "Ah, bonitos olhos — *belli occhi*", saltou por sobre a balaustrada.

Enquanto Natanael, com a cabeça esfaçada, jazia no chão. Coppelius

havia desaparecido na multidão.

Muitos anos depois. Clara foi vista numa região remota, de mãos dadas

com um simpático homem e diante de uma bonita casa de campo, com duas

saudáveis crianças brincando a seu lado. Daí pode-se concluir que Clara

finalmente encontrou a tranqüila felicidade doméstica, adequada a seu espírito sereno e alegre. Felicidade que o exaltado e impetuoso Natanael nunca lhe

teria oferecido.

Tradução de Claudia Cavalcanti

Prosper Mérimée

Prosper Mérimée (1803-1870) foi um romântico quanto aos temas e ao uso

de cor local, e um clássico quanto ao estilo, características que este conto sempre "antológico" sintetiza muito bem: de um lado o ofício (moderno, então) do personagem e da localização da história (Ille, perto de Roussillon), de outro a presença marcante da antiguidade clássica por meio da estátua de Vênus, personagem fundamental do relato. (Mérimée foi inspetor de

monumentos históricos na época de Napoleão III.) Escreveu romances, mas

deve sua permanência literária a suas novelas, ou long short stories, como o conto que se vai ler, mas também "Mateo Falcone", "Colombo" e "Carmem", a mais popular de todas, transformada em ópera, filmes, espetáculo da

Broadway. Já "A Vênus de Ille" é presença garantida em nove entre dez antologias de contos fantásticos ou de horror. Saiba agora o leitor por quê.

A vênus de ille

"Que a estátua, digo então, seja

favorável e benevolente, ela que tanto se

assemelha a um homem."

Luciano, o Mentiroso

EU DESCIA O ÚLTIMO TRECHO DO CANIGOU e, mesmo já tendo o sol se posto,

distinguia na planície as casas da cidadezinha de Ille, para a qual me dirigia.

— Sabe — disse ao catalão que me servia de guia desde a véspera —,

sabe, sem dúvida, onde mora o sr. de Peyrehorade?

— Se eu sei! — exclamou ele. — Eu conheço a casa dele como a minha;

e, se não estivesse tão escuro, eu a mostraria. É a mais bonita de Ille. Ele tem dinheiro, sim, o sr. de Peyrehorade; e vai casar seu filho com quem é ainda

mais rica.

— E o casamento vai ser por agora? — perguntei-lhe.

— Por agora! Pode ser que os violinos já estejam encomendados para as

núpcias. Esta noite, talvez, amanhã, depois de amanhã, sei lá! É em Puygarrig

que acontecerá; pois é a srta. de Puygarrig que se casa com o filho do sr. de

Peyrehorade. Vai ser bonito, sim.

"Eu fora recomendado ao sr. de Peyrehorade por meu amigo, o sr. de P

Era", disse ele, "um antiquário muitíssimo instruído, de uma benevolência a toda prova." Teria prazer em me mostrar todas as ruínas a dez léguas em

torno. Ora, eu contava com ele para visitar as imediações de Ille, que sabia

ricas em monumentos antigos e da Idade Média. Esse casamento, do qual me

falavam pela primeira vez, perturbava todos os meus planos.

"Vou ser um estraga-prazeres", disse a mim mesmo. Mas era esperado;

anunciado pelo sr. de P, precisava me apresentar.

— Vamos apostar — disse meu guia, quando já estávamos na planície —,

vamos apostar um charuto que adivinho o que veio fazer na casa do sr. de

Peyrehorade?

— Mas — respondi, estendendo-lhe um charuto — isso não é difícil de adivinhar. A essa hora, depois de seis léguas no Canigou, o programa é jantar.

— É, mas e amanhã?... Olha, aposto que vem a Ille para ver o ídolo.

Adivinhei isso ao vê-lo tirar retratos dos santos de Serrabona.

— O ídolo! Que ídolo? — Essa palavra despertara minha curiosidade.

— Mas como?! Não lhe contaram, em Perpignan, como o sr. de

Peyrehorade achou um ídolo na terra?

— Quer dizer uma estátua feita de terra curtida, de argila?

— Não. De cobre, o suficiente para fazer grandes moedas. Pesa o mesmo

que um sino de igreja. Foi dentro da terra, bem fundo, ao pé de uma oliveira,

que o encontramos.

— Estava presente à descoberta?

— Sim, senhor. O sr. de Peyrehorade nos disse, há 15 dias, a Jean Coll e a

mim, que desenraizássemos uma velha oliveira que fora congelada no ano

passado, um ano bem malvado, como o senhor sabe. Foi aí que, ao trabalhar.

Jean Coll, que estava a toda, deu uma escavada com a enxada, e eu ouvi

biim... como se esbarrasse num sino. "O que é?", disse eu. Continuamos a escavar, a escavar, até que apareceu uma mão negra, que parecia a mão de um

morto que saía da terra. O medo tomou conta de mim. Fui até o cavalheiro, e

lhe disse: "Mortos, patrão, que estão debaixo da oliveira! É preciso chamar o padre." "Que mortos?", perguntou ele. Ele veio e, mal viu a mão, exclamou:

"Uma antiguidade! Uma antiguidade!". Dava para pensar que havia achado um tesouro. E lá foi ele, com a enxada, com as mãos, se fatigando e quase

fazendo tanto trabalho quanto nós dois.

— E, afinal, o que acharam?

— Uma grande mulher negra até mais da metade nua, com o devido

respeito, senhor, toda de cobre, e o sr. de Peyrehorade nos disse que era um

ídolo do tempo dos pagãos... do tempo de Carlos Magno, veja só!

— Estou vendo... Alguma Virgem Santa de bronze de um convento destruído.

— Uma Virgem Santa! Ah, tá bom... Eu teria reconhecido, se fosse uma

Virgem Santa. É um ídolo, estou dizendo: a gente vê pelo jeito dele. Olha a

gente com olhos brancos... Parece que está encarando. A gente baixa os

olhos, sim, ao olhá-lo.

— Olhos brancos? Sem dúvida são incrustados no bronze. Deve ser alguma estátua romana.

— Romana? É isso. O sr. de Peyrehorade diz que é uma romana. Ah, vejo que é um sábio como ele.

— Está inteira, bem conservada?

— Ah, senhor, não lhe falta nada. É ainda mais bonito que o busto de Luís

Filipe, que está na prefeitura, de gesso colorido. Mas, com tudo isso, o ídolo não me agrada. Tem uma aparência maléfica... e é mesmo.—

— Maléfica! Que maldade ele fez a você?

— Não a mim, especificamente; mas o senhor vai ver. Éramos quatro para

colocá-lo de pé, mais o sr. de Peyrehorade, que também puxava a corda,

embora não tenha mais força que um frango, o digno homem! Com bastante

dificuldade o colocamos de pé. Eu estava pegando um caco de telha para

calçá-lo, quando tchbum! Caiu para trás de uma vez só. Eu disse: "Cuidado aí embaixo!" Mas não a tempo, pois Jean Coll não chegou a tirar a perna...

— E ficou ferido?

— Quebrou de uma tacada, como uma estaca, sua pobre perna! Que

maldade! Quando vi, fiquei furioso. Queria partir o ídolo a enxadadas, mas o

sr. de Peyrehorade me deteve. Deu dinheiro a Jean Coll que, mesmo assim,

continua na cama há 15 dias, desde que isso lhe aconteceu, e o médico disse

que nunca vai andar com essa perna como com a outra. É pena, ele que era

nosso melhor corredor e, depois do senhor filho do patrão, o mais esperto

jogador de péla. Aí o sr. Alphonse de Peyrehorade ficou triste, pois Coll é que jogava com ele. Era bonito ver como eles mandavam as pélas um ao outro.

Paf! Paf! Elas nunca tocavam o chão.

Batendo papo dessa maneira, entramos em Ille, e logo me encontrei em

presença do sr. de Peyrehorade. Era um velhinho conservado e disposto,

empoadado, de nariz vermelho, ar jovial e folgado. Antes de abrir a carta de sr.

de E, me instalara defronte de uma mesa bem servida, e me apresentara a sua

mulher e a seu filho como arqueólogo ilustre, que devia tirar o Roussillon do

esquecimento em que o deixava a indiferença dos sábios.

Sem deixar de comer com apetite, pois nada dá mais disposição que o ar

vivo das montanhas, examinava meus anfitriões. Disse algo sobre o sr. de

Peyrehorade; devo acrescentar que era a própria vivacidade. Ele falava,

comia, se levantava, corria até a biblioteca, me trazia livros, me mostrava

estampas, me servia de bebida; nunca ficava dois minutos em repouso. Sua

mulher, um pouco gorda demais, como a maior parte das catalãs logo que

passam dos quarenta anos, me pareceu uma provinciana

reforçada, unicamente ocupada com as questões domésticas. Embora o jantar fosse suficiente para seis pessoas no mínimo, ela correu à cozinha, mandou

matar pombos, fritar uma quantidade enorme, abriu não sei quantos potes de

doce. Num instante a mesa ficou atulhada de pratos e garrafas, e eu teria

morrido certamente de indigestão se simplesmente provasse tudo que me

ofereciam. Enquanto isso, a cada prato que recusava, havia novas desculpas.

Receavam que eu sofresse um desmaio em Ille. Na província temos tão

poucos recursos, e os parisienses são tão difíceis!

Em meio às idas e vindas de seus pais, o sr. Alphonse de Peyrehorade não

se movia mais que Terminus. Era um rapaz alto de 26 anos, de fisionomia

bonita e regular, mas inexpressiva. Seu tamanho e suas formas atléticas

justificavam bem a reputação de infatigável jogador de péla que lhe atribuía

na terra. Estava, nessa noite, vestido com elegância, exatamente de acordo

com a gravura do último número do Jornal das Modas. Mas me pareceu

apertado em suas roupas; estava retesado como uma estaca em seu colarinho

de veludo, e só se virava por inteiro. Suas mãos grossas e queimadas, suas

unhas curtas contrastavam peculiarmente com a vestimenta. Eram mãos de

trabalhador saindo das mangas de um dândi. Aliás, embora me examinasse da

cabeça aos pés com extrema curiosidade, em minha qualidade de parisiense,

só me dirigiu uma vez a palavra durante toda a noite, para me perguntar onde

comprara a corrente de meu relógio.

— Ah, meu caro hóspede — disse o sr. de Peyrehorade, quando o jantar ia

chegando ao fim —, o senhor me pertence, está na minha casa. Não o largo

mais, a não ser quando tiver visto tudo que temos de curioso em nossas

montanhas. Precisa aprender a conhecer nosso Roussillon, e fazer-lhe justiça.

Não duvide de tudo que vamos lhe mostrar. Monumentos fenícios, celtas,

romanos, árabes, bizantinos, verá tudo, desde o cedro até o hissopo. Eu o

conduzirei a todos os lugares e não lhe pouparei um tijolo.

Um acesso de tosse obrigou-o a parar. Aproveitei para dizer-lhe que lamentaria incomodá-lo numa circunstância tão importante para sua família.

Se quisesse me dar seus excelentes conselhos sobre as excursões que eu faria,

eu poderia, sem que ele precisasse me acompanhar...

— Ah, quer falar do casamento desse rapaz aí — exclamou, me

interrompendo. — Nada de mais, acontecerá depois de amanhã. O senhor vai

participar da celebração conosco, em família, pois a futura esposa está de luto por uma tia da qual é herdeira. Assim, nada de festa, nada de baile... É pena...

O senhor veria dançarem nossas catalãs... Elas são

bonitas e talvez sentisse vontade de imitar meu Alphonse. Um casamento, como se diz, conduz a outros... Sábado, com os jovens casados, fico livre, e

nós começamos a nos movimentar. Peço desculpas pelo aborrecimento de um

casamento de província. Para um parisiense cansado de festas... e um

casamento sem baile, ainda por cima! Entretanto, vai ver uma noiva... uma

noiva... que vai dar o que falar... Mas o senhor é um homem circunspecto e

não olha mais para as mulheres. Tenho mais do que isso a lhe mostrar. Farei

com que veja muita coisa!... Reservo-lhe uma surpresa e tanto para amanhã.

— Meu Deus! — disse-lhe eu —, é difícil ter um tesouro em casa sem que

o público se informe. Acho que posso adivinhar a surpresa que me prepara.

Mas se se trata de sua estátua, a descrição que meu guia fez só serviu para

estimular minha curiosidade e me predispor à admiração.

— Ah, ele falou do ídolo, pois é assim que chamam minha bela Vênus

Tur... mas não quero dizer-lhe nada. Amanhã, em pleno dia, irá vê-la, e me

dirá se tenho razão de achá-la uma obra-prima. Deus meu! O senhor não

poderia ter chegado em hora melhor! Ela tem inscrições que eu, pobre

ignorante, explico a minha maneira... mas um sábio de Paris! Vai achar graça

talvez de minha interpretação... pois escrevi uma monografia... eu, aqui

presente... velho antiquário de província, me lancei... Vou fazer a imprensa

gemer... Se quisesse ler e corrigir, eu poderia esperar... Por exemplo, estou

bem curioso de saber como o senhor traduziria esta inscrição sobre o soco:

CAVE... Mas não quero lhe perguntar nada agora! Amanhã, amanhã! Nem

uma palavra sobre a Vênus hoje.

— Tem razão. Peyrehorade — disse sua mulher —, de parar por aí com o

seu ídolo. Você devia ver que impede o senhor de comer. Ora, ele viu em

Paris estátuas bem mais bonitas que a sua. Nas Tulherias há dúzias delas,

além do mais de bronze.

— Eis aí a ignorância, a santa ignorância da província! — interrompeu o

sr. de Peyrehorade. — Comparar uma admirável antiguidade às figuras

inexpressivas de Coustou!

Com que tamanha irreverência

fala dos deuses minha esposa!

— Sabe que minha mulher queria que eu fundisse minha estátua para dela

fazer um sino e doar à nossa igreja? É que ela teria sido a madrinha. Uma

obra-prima de Myron, senhor!

— Obra-prima! Obra-prima! Bela obra-prima ele fez! Quebrar a perna de um homem!

— Minha mulher, você está vendo? — disse o sr. de Peyrehorade num tom

resoluto, e estendendo a ela sua perna direita dentro de uma meia de seda

multicolorida. — Se minha Vênus tivesse quebrado esta perna aqui, eu não

lamentaria.

— Deus meu! Peyrehorade, como pode dizer isso?! Felizmente o homem

melhorou... E ainda não consigo encarar a estátua que traz infelicidades como

essa. Pobre Jean Coll!

— Ferido por Vênus, senhor! — disse o sr. de Peyrehorade rindo às gargalhadas —, ferido por Vênus, o patife se queixa. *Veneris nec praemia*

noris ("Os atrativos de Vênus não conhecerás"). Quem não foi ferido por Vênus?

O sr. Alphonse, que compreendia o francês melhor que o latim, piscou os

olhos com ar inteligente, e me olhou como para me perguntar: "E o senhor, parisiense, está compreendendo?"

O jantar terminou. Fazia uma hora que eu parara de comer. Estava cansado, e não conseguia esconder os freqüentes bocejos que me escapavam.

A sra. de Peyrehorade foi a primeira a perceber, e observou que estava na

hora de ir dormir. Então começaram de novo desculpas sobre o mau aposento

que iria ver. Eu não me sentiria como em Paris. Na província se vive tão mal!

Seria preciso indulgência para com os habitantes de Roussillon. Em vão

protestei que, depois de um trajeto pelas montanhas, um monte de palha seria

para mim um colchão delicioso, continuavam a me pedir que perdoasse

pobres camponeses se não me tratavam tão bem quanto desejariam. Subi

enfim ao quarto que me era destinado, acompanhado do sr. de Peyrehorade. A

escada, cujos degraus superiores eram de madeira, terminava no meio de um

corredor que dava para vários quartos.

— À direita — disse-me meu anfitrião — é o apartamento que destino à

futura senhora Alphonse. O quarto do senhor fica no fim do corredor oposto.

O senhor percebe — acrescentou, com ar de quem pretende estar sendo

sofisticado —, o senhor percebe que é necessário isolar recém-casados. O

senhor está numa extremidade da casa, eles em outra.

Entramos num quarto bem mobiliado, onde o primeiro objeto sobre o qual

pus a vista foi uma cama com o comprimento de dois metros e vinte, largura

de um metro e noventa, e tão alta que requeria um banco para alguém se

guindar até ela. Meu anfitrião, após mostrar a posição da

sineta e se assegurar pessoalmente de que o açucareiro estava cheio, os frascos de água-de-colônia adequadamente localizados no banheiro, depois de

ter-me perguntado várias vezes se nada faltava, me desejou boa-noite e me

deixou sozinho.

As janelas estavam fechadas. Antes de me despir, abri uma para respirar o

ar fresco da noite, delicioso após um longo jantar. Em frente estava o

Canigou, com aspecto admirável o tempo todo, mas que me pareceu essa

noite a mais bela montanha do mundo, clareado como estava por uma lua

resplandecente. Demorei alguns minutos a contemplar sua silhueta

maravilhosa, e ia fechar a janela, quando, baixando os olhos, percebi a estátua sobre um pedestal a umas vinte jardas da casa. Estava localizada no ângulo de

uma sebe viva que separava um jardinzinho de uma vasta quadra

perfeitamente uniforme, que, vim a saber mais tarde, era o jogo de péla da

cidade. Esse terreno, propriedade do sr. de Peyrehorade, fora cedido por ele à comuna, diante de insistentes solicitações de seu filho.

Da distância onde estava, era difícil distinguir a pose da estátua; só

conseguia avaliar sua altura, que me pareceu de quase dois metros. Nesse

momento, dois moleques da cidade passavam sobre o jogo de péla, bem perto

da cerca, assobiando a bonita ária do Roussillon: *Montagnes régales*.

Pararam para olhar a estátua; um deles chegou a interpellá-la em voz alta.

Falava em catalão; mas eu estava no Roussillon tempo suficiente para

compreender mais ou menos o que dizia.

— Aí, vagabunda! (O termo catalão era mais enérgico.) Aí — dizia ele —,

então foi você que quebrou a perna de Jean Coll! Se você fosse minha, lhe

quebraria o pescoço.

— Bah! Com quê? — disse o outro. — Ela é de cobre, e tão dura que

Etienne quebrou a lima nela, tentando riscá-la. É cobre do tempo dos pagãos,

mais duro que não sei o quê.

— Se eu estivesse com meu formão a frio (parece que era um aprendiz de

serralheiro), eu faria logo saltarem seus olhos brancos, como tiraria uma

amêndoa da casca. Aí tem mais de cem tostões de prata.

Deram alguns passos, se distanciando.

— Preciso desejar boa-noite ao ídolo — disse o aprendiz mais alto, parando de repente.

Baixou-se e provavelmente pegou uma pedra. Eu o vi estender o braço,

lançar alguma coisa, e logo depois uma sonora batida retiniu no bronze. No

mesmo instante o aprendiz levou a mão à cabeça, soltando um grito de dor.

— Ela jogou a pedra de volta! — exclamou ele..

E os dois moleques fugiram em disparada. Era evidente que a pedra ricocheteara sobre o metal, punindo o engraçadinho pelo ultraje à deusa.

Fechei a janela rindo com vontade.

— Mais um vândalo punido por Vênus. Quem dera todos os destruidores

de nossos velhos monumentos quebrassem desse modo a cabeça. Com esse

desejo caridoso, adormeci.

Era dia claro quando acordei. Perto de minha cama estavam, de um lado, o

sr. de Peyrehorade, num roupão; do outro, um empregado enviado pela

mulher com uma xícara de chocolate na mão.

— Vamos, de pé, parisiense! Olha lá meus preguiçosos da capital!
—dizia

meu anfitrião enquanto eu me vestia às pressas. — São oito horas, e ainda na

cama! Eu estou de pé desde as seis horas. Já são três vezes que subo, me

aproximo da sua porta na ponta do pé: ninguém, nenhum sinal de vida. Vai

fazer-lhe mal dormir demais na sua idade. E minha Vênus, que ainda não viu.

Vamos, tome depressa essa xícara de chocolate de Barcelona... Verdadeiro

contrabando. Chocolate como não há em Paris. Revigore-se, pois, assim que

ficar defronte da minha Vênus, não será possível afastá-lo dela.

Em cinco minutos fiquei pronto, quer dizer, barbeado pela metade, mal

abotoado, e queimado pelo chocolate que engoli fervendo. Desci ao jardim e

me encontrei diante de uma estátua admirável.

Era uma Vênus, de maravilhosa beleza. Tinha o topo do corpo nu, como os

antigos representavam comumente as grandes divindades; a mão direita,

erguida à altura do seio, estava virada, com a palma para dentro, o pulso e os dois primeiros dedos estendidos, os dois outros ligeiramente dobrados. A

outra mão, perto da coxa, segurava a roupagem que cobria a parte inferior do

corpo. A atitude dessa estátua lembrava a do Jogador de Mourre, que é

designado, não sei bem por quê, com o nome de Germanicus. Pode ser que a

intenção fosse representar a deusa no jogo de *mourre*.

Seja o que for, é impossível ver alguma coisa mais perfeita que o corpo

dessa Vênus; nada mais suave, mais voluptuoso que seus contornos; nada

mais elegante e mais nobre que sua roupagem. Eu esperava alguma obra do

Baixo-Império; via uma obra-prima da melhor época da estatuária. O que me

impressionou, sobretudo, foi a suprema verdade das formas, de modo a

parecerem imitar a natureza, se a natureza produzisse modelos tão perfeitos.

A cabeleira, erguida sobre a fronte, parecia ter sido dourada anteriormente.

A cabeça, pequena como a de quase todas as estátuas gregas, era levemente

inclinada para a frente. Quanto ao rosto, eu nunca conseguiria exprimir seu

aspecto estranho cujo tipo não se aproximava do de nenhuma estátua antiga

de que me lembre. Não era em absoluto essa beleza calma e severa dos

escultores gregos que, por sistema, davam a todos os traços uma majestosa

imobilidade. Aqui, ao contrário, eu observava com surpresa a intenção

acentuada do artista em fazer a malícia chegar até a maldade. Todos os traços

eram levemente contraídos; os olhos um pouco oblíquos, a boca erguida nos

cantos, as narinas um pouco infladas. Desdém, ironia, crueldade se liam

nesse rosto de uma incrível beleza, mesmo assim. Na verdade, quanto mais se

olhava essa admirável estátua, mais se experimentava o sentimento penoso de

que tão maravilhosa beleza pudesse se aliar à ausência de qualquer sensibilidade.

— Se o modelo chegou a existir — disse eu ao sr. de Peyrehorade —, e

duvido que o céu tenha produzido uma tal mulher, como lamento por seus

amantes! Deve ter sentido prazer em fazê-los morrer de desespero. Há na sua

expressão algo de feroz e, no entanto, nunca vi nada tão belo.

— É Vênus toda inteira a sua presa agarrada! — exclamou o sr. de Peyrehorade, satisfeito com meu entusiasmo.

Essa expressão de ironia infernal era acentuada talvez pelo contraste de

seus olhos incrustados de prata e muito brilhantes com a patina de um verde

enegrecido que o tempo dera a toda a estátua. Os olhos brilhantes produziam

uma certa ilusão que lembrava a realidade, a vida. Lembrei o que dissera o

guia, que ela fazia baixar os olhos aos que a olhavam. Era quase verdade, e

não pude evitar um movimento de raiva contra mim mesmo ao me sentir um

pouco desconfortável diante daquela figura de bronze.

— Agora que admirou tudo em detalhe, meu caro colega antiquário —

disse meu anfitrião —, vamos dar início, por favor, a uma reunião científica .

Que diz dessa inscrição, que não notou ainda?

Mostrou-me o pedestal da estátua, onde li estas palavras:

Cave amantem

— *Quid dicis, doctissime?* — perguntou ele esfregando as mãos. — Vejamos se nós chegaremos a um acordo quanto ao sentido desse *cave amantem* !

— Mas — respondi — tem dois sentidos. Pode-se traduzir por: "Cuidado com quem te ama, desconfia dos amantes." *Mas*, nesse sentido, não sei se *cave amantem* seria bom latim. Ao ver a expressão diabólica da mulher, fico mais propenso a acreditar que o artista quis pôr o espectador em guarda contra essa terrível beldade. Eu traduziria, portanto: "Cuidado se ela te ama."

— Hmm! — disse o sr. de Peyrehorade. — Sim, é um sentido admissível:

mas, não se aborreça, prefiro a primeira tradução, que vou aperfeiçoar, no

entanto. Conhece o amante de Vênus?

— Existem vários.

— Sim; mas o primeiro foi Vulcano. Não quiseram dizer: "Apesar de toda

a sua beleza, seu ar desdenhoso, você terá um ferreiro, um desprezível manco

como amante?" Lição profunda, senhor, para as mulheres sedutoras!

Não consegui impedir um sorriso, de tanto que a explicação me pareceu

forçada.

— É uma língua terrível o latim, com sua concisão — observei, para evitar

contradizer formalmente meu antiquário, e recuei alguns passos a fim de

melhor contemplar a estátua.

— Um instante, colega! — disse o sr. de Peyrehorade me detendo pelo

braço. — O senhor não viu tudo. Existe mais outra inscrição. Suba no

pedestal e olhe o braço direito. Assim falando, me ajudava a subir.

Pendurei-me sem muita cerimônia no pescoço da Vênus, com a qual começava a me familiarizar. Cheguei a olhar um instante sob o nariz dela, e a

achei de perto ainda mais maléfica e ainda mais bela. Depois distingui,

gravados sobre o braço, alguns caracteres de escrita cursiva antiga, ao que

parecia. Com a ajuda de lunetas, soletrei o que se segue, enquanto o sr. de

Peyrehorade repetia cada palavra à medida que eu a pronunciava, aprovando

com o gesto e a voz. Li, então:

veneri tvrbvl...

evtyches myro

imperio fecit.

Depois da palavra TVRBVL da primeira linha, me pareceu que havia algumas

letras apagadas; mas TVRBVL era perfeitamente legível.

— O que quer dizer?... — perguntou meu anfitrião radiante e sorrindo com

malícia, pois achava que eu não me sairia facilmente desse TVRBVL.

— Há uma palavra que ainda não entendo — disse-lhe eu —, todo o resto é fácil. Eutyches Myron fez essa oferenda a Vênus por sua ordem. — À

perfeição. Mas TVRBVL, como fica? O que é TVRBVL?

— TVRBVL me confunde bastante. Procuo em vão algum epíteto

conhecido de Vênus que possa me ajudar. Vejamos, que diria de

TVRBVLENTA? Vênus que perturba, que agita... O senhor percebe que

continuo preocupado com sua expressão maléfica. TVRBVLENTA é um epíteto

nada mau para Vênus — acrescentei num tom modesto, pois eu mesmo não

estava muito satisfeito com minha explicação.

— Vênus turbulenta! Vênus escandalosa! Ah, então acha que minha

Vênus é uma Vênus de cabaré? De jeito nenhum; é uma Vênus bem

relacionada. Mas vou explicar-lhe esse TVRBVL... Ao menos me prometa nada

divulgar sobre minha descoberta antes da impressão de minha monografia. É

que, veja, terei prestígio, com esse achado... Vocês têm que deixar algumas

espigas a respigar, para nós, pobres-diabos provincianos. Vocês são tão ricos, senhores sábios de Paris!

Do alto do pedestal, onde eu continuava empoleirado, prometi-lhe so-

lenemente que nunca teria a indignidade de roubar sua descoberta.

— TVRBVL... — disse ele, se aproximando e abaixando a voz com medo

que um outro que não eu pudesse ouvi-lo. — Leia TVRBVLNERAE.

— Não estou compreendendo mais que antes.

— Escute bem. A uma légua daqui, ao pé da montanha, há um lugarejo

que se chama Boulternère. É uma corruptela da palavra latina TVRBVLNERA.

Nada mais comum que essas inversões. Boulternère foi uma cidade romana.

Sempre desconfiei, mas nunca tivera a prova antes. A prova, ei-la. Essa Vênus

era a divindade tópica da cidade de Boulternère, e essa palavra Boulternère,

que acabo de demonstrar ser de origem antiga, prova uma coisa bem mais

curiosa, é que Boulternère, antes de ser uma cidade romana, foi uma cidade

fenícia!

Parou um momento para respirar e desfrutar minha surpresa. Consegui

reprimir uma forte vontade de rir.

— De fato — prosseguiu —. TVRBVLNERA é puro fenício. TVR, pronuncie

TUR... TUT e SUR, mesma palavra, não é? SUR é o nome fenício de TIRO; não

preciso lembrar-lhe o sentido. BVL é Baal, Bâl, Bel, Bul, ligeiras diferenças de pronúncia. Quanto a NERA, me traz um pouco de dificuldade. Fico tentado a

crer, à falta de encontrar uma palavra fenícia, que isso vem do grego "úmido",

"pantanoso". Seria então uma palavra híbrida. Para justificar a palavra grega, vou mostrar-lhe em Boulternère como os riachos

da montanha lá formam pântanos infectos. Por outro lado, a terminação NERA poderia ter sido acrescentada muito mais tarde em honra de Nera

Pivesuvia, mulher de Tetricus, a qual teria feito algo de bom à cidade de

Turbul. Mas, por causa dos pântanos, prefiro a etimologia da palavra grega.

Serviu-se de uma pitada de tabaco com ar satisfeito.

— Mas deixemos os fenícios e voltemos à inscrição. Traduzi, portanto: À

Vênus de Boulternère Myron dedica por sua ordem esta estátua, sua obra.

Evitei criticar sua etimologia, mas quis, por minha vez, dar prova de perspicácia, e disse a ele:

— Alto lá. Myron consagrou alguma coisa, mas não vejo em absoluto que

seja essa estátua.

— Como! — exclamou ele. — Myron não era um famoso escultor grego?

O talento será perpetuado em sua família: um de seus descendentes é que teria

feito essa estátua. É a maior certeza que existe.

— Mas — repliquei — vejo sobre o braço um furinho. Acho que serviu

para fixar alguma coisa, um bracelete, por exemplo, que esse Myron deu a

Vênus em oferenda expiatória. Myron era um amante infeliz. Vênus estava

irritada com ele: apaziguou-a consagrando-lhe um bracelete de ouro. Repare

que *fecit* é muitas vezes tomado por *consecravit*. São termos sinônimos.

Mostraria mais de um exemplo disso se tivesse em mãos Gruter ou Orelli. É

natural que um apaixonado veja Vênus em sonho, que imagine que ela lhe

encomende um bracelete de ouro a sua estátua. Myron lhe consagrou um

bracelete... Depois os bárbaros ou algum ladrão sacrílego...

— Ah, bem se vê que andou pelos romances! — exclamou meu anfitrião

me dando a mão para descer. — Não, senhor, é uma obra de escola de Myron.

Olhe somente o trabalho, e se convencerá.

Prometendo a mim mesmo nunca mais contradizer em hipótese alguma os

antiquários teimosos, baixei a cabeça com um ar convencido, dizendo:

— É um exemplar admirável.

— Ah, meu Deus — exclamou o sr. de Peyrehorade —, mais um traço de

vandalismo! Jogaram uma pedra na minha estátua!

Acabara de perceber uma marca branca um pouco acima do seio da Vênus.

Notei um traço parecido sobre os dedos da mão direita, que, supus então,

havam sido tocados no trajeto da pedra, ou um fragmento

se destacara com o choque e ricocheteara sobre a mão. Contei a meu anfitrião o insulto de que fora testemunha e a pronta punição que se seguira. Ele riu

bastante e, comparando o aprendiz a Diomedes, desejou-lhe que visse, como o

herói grego, todos os seus companheiros transformados em pássaros brancos.

O sino do almoço interrompeu essa conversa clássica e, como na véspera,

fui obrigado a comer por quatro. Depois vieram os fazendeiros do sr. de

Peyrehorade; e, enquanto ele lhes dava audiência, seu filho me levou para ver

uma caleça que comprara em Toulouse para sua noiva, e que eu admirava,

nem é preciso dizer. Em seguida, entrei com ele na estrebaria, onde me reteve

por uma meia hora a louvar seus cavalos, me transmitindo sua genealogia, a

me contar os prêmios que haviam ganhado nas corridas do departamento.

Enfim, passou a me falar de sua futura esposa, a partir da menção a um

jumento cinza que lhe destinava.

— Nós a veremos hoje — disse ele. — Não sei se vai achá-la bonita.

Vocês são difíceis, em Paris; mas todo mundo, aqui e em Perpignan, a

considera encantadora. O bom é que é muito rica. Sua tia de Prades lhe deixou

seus bens. Ah, eu vou ser muito feliz.

Fiquei profundamente chocado de ver um rapaz parecer mais tocado pelo

dote que pelos belos olhos da futura esposa.

— O senhor conhece jóias — prosseguiu o sr. Alphonse —, o que acha

desta? Eis o anel que lhe darei amanhã.

Assim falando, tirou da primeira falange de seu dedinho uma grande

aliança enriquecida de diamantes, e formada de duas mãos entrelaçadas;

alusão que me pareceu infinitamente poética. O trabalho era antigo, mas

julguei que fora retocado para encaixar os diamantes. No interior do anel se

liam estas palavras em letras góticas: *Sempr'ab ti*, quer dizer, sempre contigo.

— É um belo anel — disse-lhe —, mas esses diamantes acrescentados lhe

fizeram perder um pouco de seu caráter.

— Ah. ele é bem mais bonito assim — respondeu ele a sorrir. — Aí tem

mil e duzentos francos de diamantes. Foi minha mãe que me deu. Era um anel

de família muito antigo... do tempo da cavalaria. Servira a minha avó, que a

recebeu da sua. Deus sabe quando isso foi feito.

— O costume em Paris — disse-lhe eu — é dar um anel bem simples,

geralmente composto de dois metais diferentes, como ouro e platina. Veja,

esse outro anel, que tem nesse dedo, seria muito conveniente. Este,

com seus diamantes e suas mãos em relevo, é tão grande que não se poderia colocar uma luva por cima.

— Ah, a senhora Alphonse vai dar um jeito. Acho que ficará sempre contente com ele. Mil e duzentos francos no dedo é agradável. Esse anelzinho

— acrescentou, olhando com ar de satisfação o anel sem ornatos que trazia na

mão — foi uma mulher em Paris que me deu num dia de terça-feira de

carnaval. Ah, como me esbaldei quando estive em Paris, há dois anos! É lá

que a gente se diverte!... — E suspirou de saudade.

Devíamos jantar nesse dia em Puygarrig, na casa dos pais da noiva;

subimos na caleça e chegamos ao castelo, distante de Ille cerca de uma légua

e meia. Fui apresentado e acolhido como amigo da família. Não falarei do

jantar nem da conversação que se seguiram, e da qual pouco tomei parte. O sr.

Alphonse, sentado ao lado da noiva, lhe dizia algo no ouvido de 15 em 15

minutos. Ela não erguia em absoluto os olhos e, cada vez que seu prometido

lhe falava, enrubescia com modéstia, mas lhe respondia sem acanhamento.

A srta. de Puygarrig tinha 18 anos; sua compleição flexível e delicada

contrastava com as formas ossudas de seu robusto noivo. Era não somente

bonita, mas sedutora. Admirei a espontaneidade perfeita de todas as suas

respostas; e seu ar de bondade que, entretanto, não era isento de um leve

matiz de malícia, me lembrou, a despeito de mim mesmo, a Vênus de meu

anfitrião. Nessa comparação que fiz interiormente, perguntei-me se a

superioridade de beleza que cabia atribuir à estátua não se devia, em grande

parte, a sua expressão de tigresa; pois a energia, mesmo nas paixões

maléficas, estimula sempre em nós um espanto e uma espécie de admiração

involuntária.

"Que pena!", disse a mim mesmo ao sair de Puygarrig, "que uma pessoa tão amável seja rica, e que seu dote a faça ser procurada por um homem

indigno dela!"

Voltando a Ille, e não sabendo mais o que dizer à sra. de Peyrehorade, a

quem achava conveniente dirigir algumas vezes a palavra:

— Vocês têm o santo forte em Roussillon! — exclamei. — Como,

senhora, fazem um casamento numa sexta-feira! Em Paris, teríamos mais

superstição; ninguém ousaria tomar uma mulher em casamento num dia

desses.

— Meu Deus! Nem me fale! — disse ela. — Se dependesse de mim, com

certeza seria escolhido outro dia. Mas Peyrehorade assim quis, e foi preciso

ceder-lhe. Isso me incomoda, no entanto. E se acontecesse

algo de ruim? Deve haver uma razão, pois afinal por que todo mundo tem medo da sexta?

— Sexta-feira — exclamou seu marido — é o dia de Vênus! Bom dia para

um casamento! O senhor vê, meu caro colega, só penso na minha Vênus. Em

sua honra! Por causa dela escolhi a sexta-feira. Amanhã, se quiser, antes das

núpcias, nós lhe faremos um pequeno sacrifício, sacrificaremos duas pombas

e, se eu soubesse onde encontrar incenso...

— Cruzes. Peyrehorade! — interrompeu sua mulher escandalizada.
—

Incensar um ídolo! Seria uma abominação! Que diriam de nós na região?

— Pelo menos — disse o sr. de Peyrehorade — você vai me permitir colocar na cabeça dele uma coroa de rosas e de lírios: *Manibus date lilia plenis* ("Prodigai lírios às mãos-cheias!"). Veja o senhor, a Constituição é letra morta. Não temos a liberdade de culto!

As providências para o dia seguinte foram acertadas da seguinte maneira:

todo mundo devia estar pronto e vestido às dez horas em ponto. Depois de

tomar o chocolate, iriam de caleça a Puygarrig. O casamento civil devia se

fazer na prefeitura do lugarejo e a cerimônia religiosa, na capela do castelo.

Em seguida, dar-se-ia o almoço. Após o almoço, cada qual passaria o tempo

como quisesse, até as sete horas. Às sete horas, voltariam a Ille, para a casa do sr. de Peyrehorade, onde deviam jantar as duas famílias reunidas. O resto se

segue naturalmente. Não podendo dançar, se comeria o mais possível.

Desde as oito horas, eu estava sentado diante da Vênus, com um lápis na

mão, recomeçando pela vigésima vez a cabeça da estátua, sem conseguir

chegar a captar a expressão; o sr. de Peyrehorade ia e vinha em torno de mim,

me dava conselhos, me repetia suas etimologias fenícias; depois arranjou

rosas de Bengala sobre o pedestal da estátua, e num tom tragicômico lhe

dirigiu votos para o casal que ia viver sob seu teto. Cerca de nove horas foi

para dentro de casa ocupar-se de seu traje e, ao mesmo tempo, apareceu o sr.

Alphonse, bem apertado numa roupa nova, de luvas brancas, sapatos de

verniz, botões lavrados, com uma rosa na lapela.

— Vai fazer o retrato de minha mulher? — disse, se inclinando sobre meu

desenho. — Ela é bonita também.

Nesse momento começava, sobre o jogo de péla do qual falei, uma partida

que, imediatamente, atraiu a atenção do sr. Alphonse. E eu, cansado, e

desesperando de fazer essa diabólica figura, deixei logo meu

desenho para olhar os jogadores. Havia entre eles alguns arrieiros espanhóis chegados de véspera. Eram aragoneses e navarrenses, quase todos de uma

destreza maravilhosa. Por isso os de Ille, embora encorajados pela presença e

os conselhos do sr. Alphonse, foram com presteza batidos por esses novos

campeões. Os espectadores nacionais estavam consternados. O sr. Alphonse

olhou seu relógio. Ainda eram só nove e meia. Sua mãe não estava penteada.

Não hesitou mais: tirou o fraque, pediu um paletó e desafiou os espanhóis. Eu

o olhava a sorrir, e um pouco surpreso.

— É preciso honrar a terra — disse ele.

Então achei-o de fato uma bela figura. Estava arrebatado. Seu traje, que

tanto o ocupara pouco antes, não era mais nada para ele. Alguns minutos

antes, temia virar a cabeça de medo de desarrumar a gravata. Agora não

pensava mais em seus cabelos frisados nem em sua gravata de babados tão

bem plissada. E sua noiva?... Deus meu, se fosse necessário ele iria, acho,

adiar o casamento. Eu o vi calçar às pressas um par de sandálias, arregaçar as mangas e, com um ar confiante, se pôr à frente do time vencido, como César

juntando soldados em Dirachium. Pulei a cerca e me coloquei comodamente à

sombra de um lódão, de modo a ver bem os dois campos.

Contra a expectativa geral, o sr. Alphonse perdeu a primeira bola; é

verdade que ela vinha rasteira e lançada com força surpreendente por um

aragonês que parecia ser o chefe dos espanhóis.

Era um homem de quarenta anos, seco e nervoso, com um metro e noventa

de altura, e sua pele cor de oliva tinha um matiz quase tão escuro quanto o

bronze da Vênus.

O sr. Alphonse jogou a raquete no chão com furor.

— É esse maldito anel — exclamou — que me aperta o dedo e me faz

perder uma bola segura!

Tirou, não sem dificuldade, seu anel de diamantes: aproximei-me para

segurá-lo; mas ele se antecipou, correu até a Vênus, colocou-lhe o anel no

dedo anular e retomou seu lugar à frente dos jogadores de Ille.

Estava pálido, mas calmo e resoluto. Desde então não errou mais, e os

espanhóis foram batidos completamente. Foi um belo espetáculo o entusiasmo

dos espectadores: uns soltavam mil gritos de alegria jogando seus bonés para

o ar; outros lhe apertavam a mão, chamando-o de glória da terra. Se houvesse

rechaçado uma invasão, duvido que recebesse felicitações mais vividas e mais

sinceras. O lamento dos vencidos se juntava à explosão de sua vitória.

— Faremos outras paridas, meu bravo — disse ele ao aragonês num tom de superioridade —; mas eu lhes darei pontos.

Desejaria que o sr. Alphonse fosse mais modesto, e fiquei quase aflito com

a humilhação de seu rival.

O gigante espanhol ressentiu-se profundamente com esse insulto. Eu o vi

empalidecer sob a pele bronzeada. Olhava com ar triste sua raquete, cerrando

os dentes; depois, com uma voz abafada, disse baixinho:

— *Me lo pagarás.*

A voz do sr. Peyrehorade perturbou o triunfo de seu filho: meu anfitrião,

muito espantado por não vê-lo presidindo aos preparativos da caleça nova,

espantou-se ainda mais ao vê-lo todo suado com a raquete na mão. O sr.

Alphonse correu para casa, lavou o rosto e as mãos, recolocou o fraque novo e

os sapatos de verniz e, cinco minutos depois, estávamos seguindo a trote pela

estrada Puygarrig. Todos os jogadores de péla da cidade e grande número de

espectadores nos seguiram com gritos de alegria. Com dificuldade os cavalos

vigorosos que nos puxavam conseguiram manter a dianteira sobre esses

intrépidos catalães. Estávamos em Puygarrig, e o cortejo ia se pôr em marcha

para a prefeitura, quando o sr. Alphonse, batendo na testa, me disse baixinho:

— Que besteira! Esqueci o anel! Está no dedo da Vênus, que o diabo o

carregue. Não conte a minha mãe, pelo menos. Pode ser que ela não perceba

nada.

— Poderia mandar alguém — disse-lhe eu.

— Bah! Meu criado ficou em Ille, nestes daqui não confio nada. Mil e

duzentos francos de diamante! Isso poderia tentar mais de um. Aliás, que

pensariam de minha distração? Iam debochar muito de mim. Chamar-me de

marido da estátua... Tomara que não roubem! Felizmente a estátua dá medo

nos malandros. Não ousam se aproximar à distância de um braço dela. Bah!

Isso não é nada; tenho outro anel.

As duas cerimônias, civil e religiosa, se cumpriram com a pompa

conveniente: e a srta. de Puygarrig recebeu o anel de uma modista de Paris,

sem duvidar que seu noivo lhe ofertava o sacrifício de um penhor amoroso.

Depois todos se acomodaram à mesa, onde beberam, comeram, até cantaram,

tudo isso bem longamente. Eu sofria pela noiva devido à alegria alvar que

eclovia em torno dela: no entanto, ela agüentava firme, mais do que eu

esperava, e seu constrangimento não era nem falta de jeito nem afetação.

Talvez a coragem venha nas situações difíceis.

Findo o almoço quando Deus quis, eram quatro horas; os homens foram passear no parque, que era magnífico, ou ficaram olhando dançar sobre o

relvado do castelo as camponesas de Puygarrig, enfeitadas com trajes de festa.

Assim passamos algumas horas. Enquanto isso, as mulheres estavam bem

solícitas em volta da noiva, que lhes fazia admirar sua *corbeille*. Depois ela trocou de roupa, e notei que cobria os lindos cabelos com um gorro e um

chapéu de plumas, pois as mulheres têm a maior sofreguidão em adotar, assim

que podem, as aparências que o costume as proíbe de exhibir quando ainda são

senhoritas.

Eram quase oito horas quando nos dispusemos a partir para Ille. Mas

primeiro houve uma cena patética. A tia da srta. de Puygarrig, que era como

uma mãe para ela, mulher bem idosa e muito devota, não devia em absoluto ir

conosco à cidade. Na partida, fez um sermão tocante sobre seus deveres de

esposa, sermão esse que resultou numa torrente de lágrimas e de abraços sem

fim. O sr. de Peyrehorade comparou essa separação ao Rapto das Sabinas.

Partimos, no entanto, e, a caminho, cada um de nós se esforçou para distrair a noiva e fazê-la rir; mas foi em vão.

Em Ille, o jantar nos esperava, e que jantar! Se a alegria vulgar da manhã

me chocara, mais chocado fiquei com os equívocos e as piadas de que o noivo

e sobretudo a noiva foram objeto. O noivo, que desaparecera um instante

antes de vir para a mesa, estava pálido e com uma seriedade glacial. Bebia a

todo instante o velho vinho de Collioure, tão forte quanto aguardente. Eu

estava a seu lado, e me senti na obrigação de adverti-lo:

— Cuidado! Dizem que o vinho...

Não sei que bobagem lhe disse para me pôr em uníssono com os convivas.

Ele me cutucou o joelho e disse baixinho:

— Quando levantarmos da mesa... tenho uma palavrinha a lhe dar. Seu

tom solene me surpreendeu. Olhei-o mais atentamente, e notei a estranha

alteração de suas feições.

— Sente-se indisposto? — perguntei.

— Não.

E voltou a beber.

Enquanto isso, no meio dos gritos e das palmas, um menino de 11 anos,

que deslizara para baixo da mesa, mostrava aos assistentes uma bonita fita

branca e rosa que acabara de destacar do tornozelo da noiva.

É o que se chama de jarreteira. Foi imediatamente cortada em pedaços e distribuída aos jovens, que enfeitaram a lapela, segundo um antigo costume

que se conserva ainda em algumas famílias patriarcais. Foi para a noiva uma

ocasião de enrubescer até o branco do olho... Mas sua perturbação chegou ao

máximo quando o sr. de Peyrehorade, depois de pedir silêncio, lhe cantou

alguns versos catalães, *impromptus* (de improviso), como salientou. Este foi o sentido, se bem entendi:

— Que é isso, meus amigos? O vinho que bebi me faz ver duplo? Tem

duas Vênus aqui...

O noivo virou bruscamente a cabeça com ar estarecido, o que fez todo

mundo rir.

— Sim — prosseguiu o sr. de Peyrehorade —, há duas Vênus sob meu

teto. Uma, encontrei na terra, como uma trufa; a outra, descida dos céus, vem

partilhar conosco seu cinto.

Ele queria dizer sua jarreteira.

— Meu filho, escolha entre a Vênus romana e a catalã qual você prefere.

O malandro pega a catalã, e sua parte é a melhor. A romana é preta, a catalã é branca. A romana é fria, a catalã inflama tudo que dela se aproxima.

Esse arremate provocou um tal hurra, aplausos tão barulhentos e risos tão

sonoros que achei que o teto iria cair sobre nossas cabeças. Em volta da mesa

só havia três rostos sérios, os dos noivos e o meu. Eu estava com uma grande

dor de cabeça; além disso, não sei por quê, um casamento sempre me

entristece. Esse, além do mais, me desgostou um pouco.

Depois de as últimas estrofes serem cantadas pelo auxiliar do prefeito, e

eram bem indecentes, devo dizer, passamos ao salão para desfrutar a partida

da noiva, que devia ser logo conduzida a seu quarto, pois era perto da meia-

noite.

O sr. Alphonse me puxou para um vão de janela, e me disse, desviando os

olhos:

— O senhor vai debochar de mim... Mas não sei o que tenho...
Estou

enfeitiçado! O diabo me leve!

O primeiro pensamento que me veio foi que ele se achava
ameaçado por

alguma desgraça do tipo dessas de que falam Montaigne e Madame
de

Sévigné: "Todo o império amoroso é cheio de histórias trágicas etc."
"Achava que esse tipo de acidente só acontecia com pessoas
refinadas", disse a mim mesmo.

— Bebeu vinho de Collioure demais, meu caro senhor Alphonse —
disse a ele. — Eu avisei.

— Sim, pode ser. Mas é algo bem mais terrível.

Tinha a voz entrecortada. Eu o supus completamente embriagado.

— Meu anel, sabe? — prosseguiu depois de um silêncio.

— E então? Alguém o pegou?

— Não.

— Então está com ele?

— Não... eu... não pude tirá-lo do dedo do diabo daquela Vênus.

— Bom, não puxou com força suficiente.

— Puxei, sim... Mas a Vênus... ela apertou o dedo.

Olhou-me fixamente com ar desvairado, se apoiando no trinco da
janela

para não cair.

— Que história! — disse-lhe eu. — Forçou demais o anel. Amanhã vai

pegá-lo com tenazes. Mas cuidado para não estragar a estátua.

— Não, estou dizendo. O dedo da Vênus está contraído, dobrado; ela

aperta a mão, compreende?... É minha mulher, ao que parece, já que lhe dei

meu anel... Ela não quer mais devolvê-lo.

Experimentei um estremecimento súbito, e fiquei um instante com a pele

arrepiada. Depois, um grande suspiro que ele soltou me enviou um bafo de

vinho e toda emoção desapareceu.

"O miserável", pensei, "está completamente bêbado."

— O senhor é antiquário — acrescentou o noivo num tom lamentável —,

o senhor conhece essas estátuas... Há talvez alguma força, algum sortilégio

que eu desconheço completamente... Gostaria de ir ver?

— Pois não — disse eu —, venha comigo.

— Não, prefiro que vá sozinho.

Saí do salão.

O tempo mudara durante o jantar, e a chuva começava a cair com força. Ia

pedir um guarda-chuva, quando uma reflexão me deteve. "Eu seria um grande tolo", disse a mim mesmo, "de ir verificar o que me disse um homem

embriagado!" Talvez, aliás, ele quisesse fazer alguma piada de mau gosto, para que seus bons provincianos dessem risada; e o mínimo que poderia me

acontecer seria ficar encharcado até os ossos e pegar um belo resfriado.

Da porta lancei um olhar sobre a estátua pingando água, e subi para meu

quarto sem entrar de novo no salão. Deitei-me; mas o sono demorou a chegar.

Todas as cenas do dia eram representadas em meu espírito.

Pensava nessa moça tão bonita e tão pura abandonada a um bêbado brutal.

"Que coisa odiosa", dizia a mim mesmo, "um casamento de conveniência!

Um prefeito se cobre com uma faixa tricolor, um padre com um paramento, e

a moça mais decente do mundo é entregue ao Minotauro! Dois seres que não

se amam, o que podem dizer um ao outro num momento desses, que dois

amantes comprariam ao preço de sua existência? Uma mulher pode vir a amar

um homem que viu sendo vulgar uma vez? As primeiras impressões não se

apagam e, tenho certeza, esse sr. Alphonse merecerá ser odiado..."

Durante meu monólogo, que estou encurtando bastante, ouvira um bocado

de idas e vindas pela casa, portas se abrindo e fechando, coches partindo;

depois tive a impressão de ouvir sobre a escada os passos leves de várias

mulheres se dirigindo até a extremidade do corredor oposto ao meu quarto.

Era provavelmente o cortejo da noiva sendo mandado para a cama. Em

seguida alguém desceu de novo a escada. A porta da sra. de Peyrehorade

estava fechada. "Como essa pobre moça", pensei, "deve estar perturbada e pouco à vontade!" Virei na cama de mau humor. Um rapaz representa um tolo papel em casa onde se realiza casamento.

Reinava o silêncio fazia algum tempo, quando foi quebrado por passos

pesados que subiam a escada. Os degraus de madeira rangeram com força.

— Que boçal! — exclamei. — Aposto que vai cair na escada.

Tudo voltou a serenar. Peguei um livro para mudar o curso de minhas

idéias. Era uma estatística do departamento, enfeitada por uma dissertação do

sr. de Peyrehorade sobre os monumentos druidas do distrito de Prades.

Adormeci na terceira página. Dormi mal e acordei várias vezes. Poderiam ser

cinco horas da manhã, e estava acordado fazia mais de vinte minutos, quando

o galo cantou. O dia estava quase nascendo. Então ouvi com nitidez os

mesmos passos pesados, o mesmo ranger da escada que ouvira antes de

adormecer. Achei peculiar. Tentei, bocejando, adivinhar por que o sr.

Alphonse estava se levantando tão cedo. Não imaginava nada de verossímil.

Ia voltando a fechar os olhos, quando minha atenção foi de novo solicitada

por pateadas estranhas às quais se misturaram logo o tilintar das sinetas e o

barulho de portas que se abriam com estrondo, depois distingui gritos

confusos.

"O bêbado deve ter posto fogo em algum lugar!", pensei, saltando da cama.

Vesti-me rapidamente e entrei no corredor. Da extremidade oposta partiam gritos e lamentações, e uma voz dilacerante dominava todas as outras: "Meu filho! Meu filho!" Era evidente que uma desgraça acontecera ao sr. Alphonse.

Corri até o quarto nupcial: estava cheio de gente. O primeiro espetáculo que

feriu minha vista foi o jovem seminu, atravessado sobre a cama cuja madeira

estava quebrada. Estava lívido, sem movimento. Sua mãe chorava e gritava ao

lado dele. O sr. de Peyrehorade se agitava, esfregava-lhe as têmporas com

água-de-colônia, punham-lhe sal no nariz. Tristeza! Fazia tempo que seu filho

estava morto. Sobre um canapé, no outro extremo do quarto, estava a noiva,

vítima de horríveis convulsões. Soltava gritos inarticulados, e dois robustos

criados tinham a maior dificuldade do mundo para contê-la!

— Deus meu! — exclamei —, o que aconteceu?

Aproximei-me da cama e ergui o corpo do infeliz rapaz; já estava rígido e

frio. Seus dentes fechados e seu rosto enegrecido exprimiam as
mais

apavorantes angústias. Parecia claro que sua morte fora violenta e
sua agonia, terrível. Nenhum traço de sangue, entretanto, nas suas
roupas. Afastei sua

camisa e vi sobre o peito uma marca lívida que se prolongava pelas
costelas e

as costas. Era como se tivesse sido apertado num círculo de ferro.
Meu pé

pousou sobre alguma coisa dura que se achava sobre o tapete; me
abaixei e vi

o anel de diamantes.

Arrastei o sr. de Peyrehorade e sua mulher para seu quarto; depois,
fiz com

que levassem a noiva.

— Vocês ainda têm uma filha — disse-lhes —, vocês lhe devem
cuidados.

Então deixei-os sozinhos.

Não me pareceu duvidoso que o sr. Alphonse tivesse sido vítima de
um

assassinato cujos autores houvessem encontrado meios de se
introduzirem à

noite no quarto da noiva. Esses machucados no peito, sua direção
circular, me

perturbavam bastante, entretanto, pois um bastão ou uma barra de ferro não

teria podido produzi-los. De repente, me lembrei de ter ouvido dizer que em

Valença os bravos se serviam de compridas bolsas de couro cheias de areia

fina para bater nas pessoas juradas de morte. Em seguida, me lembrei do

arrieiro aragonês e sua ameaça; de qualquer modo, ousava com dificuldade

pensar que houvesse chegado a uma vingança tão terrível por uma brincadeira

leve.

Fui pela casa, procurando em todos os lugares vestígios de arrombamento

e não encontrando em lugar algum. Desci ao jardim para ver se os assassinos

pudessem ter se introduzido por esse lado; mas não

encontrei nenhum indício seguro. A chuva da véspera havia, aliás, a tal ponto lavado o solo, que ele não poderia guardar uma marca muito nítida. Observei,

entretanto, alguns passos profundamente imprimidos na terra; havia alguns

em duas direções contrárias, mas sobre uma mesma linha, partindo do ângulo

da sebe contígua ao jogo de péla e desembocando na porta da casa. Podiam

ser os passos do sr. Alphonse quando fora procurar seu anel no dedo da

estátua. Por outro lado, a sebe, nesse lugar, sendo menos compacta, devia ter

sido nesse ponto atravessada pelos matadores. Passando uma e outra vez

diante da estátua, detive-me um instante para observá-la. Desta vez,

confessarei, não pude contemplar sem susto sua expressão de maldade

irônica; e, com a cabeça toda cheia das cenas horríveis que acabara de

testemunhar, pareceu-me ver uma divindade infernal aplaudindo a desgraça

que se abatia sobre aquela casa.

Voltei a meu quarto e ali fiquei até o meio-dia. Então saí e pedi notícias de

meus anfitriões. Estavam um pouco mais calmos. A srta. de Puygarrig, que

deveria chamar de a viúva do sr. Alphonse, voltara a si. Até falara com o

procurador do rei de Perpignan, então em viagem de inspeção a Ille, e esse

magistrado recebera seu testemunho. Ele pediu o meu. Eu lhe disse o que

sabia, e não lhe escondi minhas suspeitas contra o arriero aragonês. Ordenou

que ele fosse preso imediatamente.

— Soube alguma coisa da sra. Alphonse? — perguntei ao procurador do

rei, quando meu testemunho foi escrito e assinado.

— Essa jovem infeliz ficou louca — disse-me ele, sorrindo tristemente. —

Louca! Completamente louca. Eis o que ela conta:

"Ela estava deitada, disse ela, fazia alguns minutos, com as cortinas puxadas, quando a porta de seu quarto se abriu e alguém entrou. Então a sra.

Alphonse estava na beirada da cama, com o rosto virado para a parede. Não

fez um movimento sequer, persuadida de que era seu marido. Ao cabo de um

instante, a cama gemeu como se estivesse carregada com um peso enorme.

Ela sentiu um grande medo, mas não ousou virar a cabeça. Cinco minutos,

dez minutos talvez... ela não consegue calcular o tempo, se passaram assim.

Depois ela fez um movimento involuntário, ou a pessoa que estava na cama

fez um, e ela sentiu o contato de algo frio como o gelo, essas são suas

expressões. Ela se afundou no espaço entre a cama e a parede, tremendo com

todos os membros. Pouco depois, a porta se abriu uma segunda vez, e alguém

entrou, a dizer: 'Boa noite, minha mulherzinha.' Logo depois, as cortinas

foram puxadas. Ela

ouviu um grito abafado. A pessoa que estava na cama, ao lado dela, se sentou e pareceu estender os braços para a frente. Virou a cabeça então... e viu, diz ela, seu marido de joelhos junto ao leito, tendo a cabeça à altura do

travesseiro, entre os braços de uma espécie de gigante esverdeado que o

apertava com força. Ela disse e repetiu vinte vezes, pobre mulher!... Diz que a reconheceu... adivinhe o quê? A Vênus de bronze, a estátua do sr. de

Peyrehorade... Desde que está na região, todo mundo sonha com ela. Mas

retomo o relato da infeliz louca. Ante esse espetáculo, ela perdeu os sentidos, e provavelmente alguns minutos antes tinha perdido a razão. Ela não sabe de

modo algum dizer quanto tempo ficou desmaiada. Voltando a si, reviu o

fantasma, ou a estátua, como ela sempre diz, imóvel, com as pernas e a parte

de baixo do corpo na cama, com o busto e os braços estendidos para a frente,

e entre seus braços seu marido, sem movimento. Um galo cantou. Então a

estátua saiu da cama, deixou cair o cadáver e saiu. A sra. Alphonse se

pendurou na sineta, e o senhor sabe o restante."

Levaram o espanhol; estava calmo e se defendeu com bastante sangue-frio

e presença de espírito. De resto, não negou o que eu o ouvira dizer, mas

explicou que só quisera dizer que no dia seguinte, já descansado, teria

ganhado uma partida de péla de seu vencedor. Lembro que acrescentou:

— Um aragonês, quando ultrajado, não espera o dia seguinte para se

vingar. Se eu achasse que o sr. Alphonse pretendia me insultar, teria na hora lhe enfiado minha faca na barriga.

Compararam seus sapatos com as marcas de passos no jardim; seus

sapatos eram bem maiores.

Por fim, o dono do hotel onde esse homem estava hospedado assegurou

que ele passara toda a noite a massagear e a medicar uma de suas mulas que

estava doente.

Aliás, esse aragonês era um homem notório, muito conhecido na região,

aonde vinha todos os anos para comerciar. Foi então solto com pedidos de

desculpas.

Esqueci o testemunho de um criado que vira por último o sr. Alphonse

vivo. Fora no momento que ele ia subir para a casa de sua mulher e,

chamando esse homem, ele lhe perguntou com ar inquieto se sabia onde eu

estava. O criado respondeu que não me vira. Então o sr. Alphonse soltou um

suspiro e ficou mais de um minuto sem falar, depois disse: "Vamos! O diabo pode tê-lo levado também!"

Perguntei a esse homem se o sr. Alphonse estava com o anel de diamantes quando falou com ele. O criado hesitou para responder; enfim, disse que não

acreditava, que não havia prestado nenhuma atenção.

— Se estivesse com esse anel no dedo — acrescentou ele se dominando —

eu o teria sem dúvida notado, pois achava que o dera à sra. Alphonse.

Questionando esse homem, voltei a sentir um pouco do terror supersticioso

que o testemunho da sra. Alphonse espalhara por toda a casa. O procurador do

rei me olhou a sorrir, e eu evitei insistir.

Algumas horas após os funerais do sr. Alphonse, me dispus a deixar Ille. O

coche do sr. de Peyrehorade devia me conduzir a Perpignan. Apesar de seu

estado de fraqueza, o pobre ancião quis me acompanhar até a porta de seu

jardim. Nós o atravessamos em silêncio, ele se arrastando com dificuldade,

apoiado em meu braço. No momento de nos separarmos, lancei um último

olhar à Vênus. Previa que meu anfitrião, embora não compartilhasse de modo

algum os terrores e os ódios que ela inspirava a uma parte da família, queria

se desfazer de um objeto que lhe recordava sem cessar uma desgraça

pavorosa. Minha intenção era fazer com que ele a colocasse num museu. Eu

hesitava para entrar no assunto, quando o sr. de Peyrehorade virou maquinalmente a cabeça para o lado que me via olhar fixamente. Percebeu a

estátua e de imediato se desfez em lágrimas. Abracei-o e, sem ousar dizer-lhe

uma só palavra, subi para o coche.

Desde minha partida não soube de nenhuma luz nova que tenha vindo

iluminar essa misteriosa catástrofe.

O sr. de Peyrehorade morreu alguns meses depois de seu filho. Pelo seu

testamento, legou-me seus manuscritos, que publicarei talvez um dia. Não

encontrei a dissertação relativa às inscrições da Vênus.

PS: Meu amigo, o sr. de P. acaba de me escrever de Perpignan que a estátua

não existe mais. Depois da morte de seu marido, o primeiro cuidado da sra. de

Peyrehorade foi de mandá-la fundir num sino, e sob essa nova forma ela serve

à igreja de Ille. Mas — acrescenta o sr. de P. — parece que uma má sorte

persegue os que possuem o bronze. Desde que o sino soa em Ille,
as vinhas

gelaram duas vezes.

Tradução de Augusto Alencastro

Robert Louis Stevenson

Autor de cerca de sessenta títulos, sendo os mais lidos e reeditados até hoje O médico e o monstro e A ilha do tesouro, além de vários contos, o poeta,

contista e romancista escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894) é um dos

principais nomes da literatura inglesa. Muitos de seus contos são presença obrigatória em antologias internacionais. Fantástico e horror se entrelaçam em alguns deles, como é o caso deste sempre editado "O ladrão de

cadáveres" que aqui publicamos em nova tradução. Os personagens são

estudantes, mas não têm uma vida nada alegre e doidivas, como era

comum entre os românticos: as tintas e os personagens resumem-se ao

preto-e-branco, sobrando para o leitor algumas surpresas e arrepios.

O ladrão de cadáveres

TODAS AS NOITES DO ANO. NÓS QUATRO nos reuníamos na saleta do George em

Debenham — o agente funerário, o estalajadeiro. Fettes e eu. Às vezes havia

mais gente; mas infalivelmente, quer chovesse, nevasse ou geasse, lá

estávamos os quatro, cada um instalado em sua poltrona privativa. Fettes era

um velho bêbado escocês, obviamente um homem instruído, e de alguns

recursos, pois vivia na ociosidade. Chegara a Debenham anos antes, ainda

jovem, e graças ao mero passar do tempo acabara sendo adotado como

cidadão. Sua capa de chamalote azul era uma antiguidade local, como a flecha

do campanário da igreja. Seu lugar na saleta do George, sua ausência da

igreja, seus vícios velhos, libertinos e indecorosos eram todos considerados

perfeitamente naturais em Debenham. Tinha algumas vagas opiniões radicais

e algumas heresias fugazes, que de vez em quando expunha e enfatizava com

batidas vacilantes sobre a mesa. Bebia rum — normalmente cinco copos toda

noite — e passava a maior parte de suas visitas ao George sentado, o copo na

mão direita, num estado de sombria saturação alcoólica. Nós o chamávamos

de doutor, porque supostamente tinha algum conhecimento especial de medi-

cina, e constava que, num aperto, havia reparado um deslocamento ou

corrigido uma luxação; além desses detalhes superficiais, porém, nada

sabíamos sobre seu caráter e antecedentes.

Numa noite escura de inverno — soaram nove horas pouco tempo antes que

o hospedeiro se juntasse a nós — havia um homem doente no George, um

importante proprietário das vizinhanças, subitamente

derrubado por uma apoplexia quando a caminho do Parlamento; e um tele-grama fora enviado ao médico londrino ainda mais importante do que o

homem importante, chamando-o à cabeceira deste. Era a primeira vez que

semelhante coisa acontecia em Debenham, porque a estrada de ferro fora

inaugurada havia pouco, e estávamos todos devidamente impressionados com

a ocorrência.

— Ele veio — disse o hospedeiro, depois de encher e acender seu cachimbo.

— Ele? — perguntei. — Quem?... não o médico.

— O próprio.

— Como se chama?

— Dr. Macfarlane.

Fettes estava adiantado no terceiro copo; estupidamente atordoado, ora

cabeceava, ora olhava estupefato a sua volta, mas a esta última palavra

pareceu acordar e repetiu o nome — Macfarlane — duas vezes, de maneira

bastante calma na primeira, mas com súbita emoção na segunda.

— Isso mesmo — disse o estalajadeiro —, esse é o nome dele, doutor

Wolfe Macfarlane.

Fettes ficou sóbrio imediatamente; seus olhos despertaram, sua voz tornou-

se clara, alta e firme, sua linguagem enérgica e séria. Ficamos todos

espantados com a transformação, como se um homem tivesse se levantado

dos mortos.

— Desculpem-me — disse. — Não estava prestando muita atenção à

conversa dos senhores. Quem é esse Wolfe Macfarlane? — E em seguida,

depois de ouvir o estalajadeiro: — Não pode ser, não pode ser — acrescentou.

— Mesmo assim, gostaria muito de vê-lo face a face.

— Conhece esse homem, doutor? — perguntou o agente funerário, arfante.

— Queira Deus, não! — foi a resposta. — No entanto, esse é um nome

raro; seria demais haver dois. Diga-me — perguntou ao hospedeiro —, ele é

velho?

— Bem, com certeza não é jovem, e tem cabelo branco; mas parece mais

novo que o senhor.

— É mais velho, contudo, anos mais velho. Mas — com uma batida na

mesa — é o rum que o senhor vê no meu rosto... rum e pecado. Esse homem,

quem sabe, talvez tenha uma consciência tranqüila e uma boa digestão.

Consciência! Ouvindo-me falar, os senhores pensariam que fui um bom e

decente cristão, não é? Mas não; nunca fui de cantilenas hipócritas. Voltaire

poderia ter pregado moral se tivesse estado no meu lugar;

mas o cérebro — com um piparote na cabeça calva —, o cérebro estava claro e ativo, eu vi e não fiz nenhuma dedução.

— Se o senhor conhece esse médico — ousei observar, após uma pausa

um tanto desagradável —, tenho a impressão de que não partilha da boa

opinião que o estalajadeiro tem dele.

Fettes não me deu atenção.

— Sim — disse, com súbita decisão. — Tenho de vê-lo face a face. Fez-se

outra pausa; em seguida uma porta foi fechada de maneira bastante brusca no

primeiro andar e ouviram-se passos na escada.

— É o médico — exclamou o hospedeiro. — Olhe bem, e poderá avistá-

lo.

Só dois passos separavam a saleta da porta da velha estalagem George; a

larga escada de carvalho terminava quase na rua; havia espaço para um tapete

turco e mais nada entre a soleira e os últimos degraus; mas esse pequeno

espaço era intensamente iluminado toda noite, não só pela lâmpada sobre a

escada e a grande lâmpada que iluminava a tabuleta por baixo, mas pela

cálida radiação da janela do bar. Com isso o George anunciava-se

feericamente aos que passavam pela rua fria. Fettes caminhou com passos

firmes até lá, e nós, parados mais atrás, contemplamos os dois homens, como

um deles o expressara, face a face. O dr. Macfarlane era atento e vigoroso. O

cabelo branco realçava-lhe o semblante pálido e plácido, embora enérgico.

Estava ricamente vestido com a mais fina casimira e o mais branco linho, e

exibia uma magnífica corrente de relógio de ouro, abotoaduras e óculos do

mesmo metal precioso. Usava uma gravata branca pontilhada de lilás, de

dobras largas, e carregava no braço um confortável sobretudo de pele. Não

havia dúvida de que fazia jus a sua idade, exalando riqueza e consideração; e

o beberrão da nossa saleta — calvo, sujo e espinhento, metido na sua velha

capa de chamalote — fazia um chocante contraste com ele ao confrontá-lo ao

pé da escada.

— Macfarlane! — chamou, um pouco alto demais, mais parecendo um

arauto que um amigo.

O importante médico estancou abruptamente no quarto degrau, como se a

familiaridade do chamado surpreendesse e de certo modo escandalizasse sua

dignidade.

— Toddy Macfarlane! — repetiu Fettes.

O homem de Londres quase cambaleou. Relanceou o homem diante de si

por uma fração de segundo, olhou para trás com certo alarme e então, num

sussurro sobressaltado:

— Fettes! Você!

— Eu mesmo — disse o outro. — Pensou que eu estava morto também?

Não nos livramos assim tão facilmente de um conhecido.

— Psiu, psiu! — exclamou o médico. — Silêncio! Este encontro é tão inesperado... vejo que está nervoso. Tive dificuldade em reconhecê-lo a

princípio, confesso; mas estou radiante... radiante com esta oportunidade. Por ora, terá de ser como vai e até logo, porque meu fiacre me espera e não posso

perder o trem; mas você... deixe-me ver... sim, você me dará seu endereço, e

logo, logo terá notícias minhas. Precisamos fazer alguma coisa por você.

Fettes. Algo me diz que está na penúria; mas cuidaremos disso, em memória

dos velhos e bons tempos, como costumávamos cantar nas ceias.

— Dinheiro! — exclamou Fettes. — Dinheiro vindo de você! O dinheiro

que recebi de você continua lá onde o joguei, na chuva.

O dr. Macfarlane falara com certo grau de superioridade e segurança, mas

a energia incomum dessa recusa lançou-o de volta a sua confusão inicial.

Um olhar vil, horrível, perpassou por sua fisionomia quase venerável.

— Seja como quiser, meu caro; a última coisa que desejo é ofendê-lo. Não

quero impor nada a ninguém. Mas vou lhe deixar meu endereço...

— Não quero seu endereço... Não quero saber que teto o abriga —

interrompeu o outro. — Ouvi seu nome; temi que fosse você; desejei saber se,

afinal de contas, existia um Deus; agora sei que não. Suma daqui!

Como continuava plantado no meio do tapete, entre a escada e o vão da

porta, o importante médico de Londres, para fugir, seria obrigado a rodeá-lo.

Era patente que hesitava à idéia dessa humilhação. Por mais lívido que

estivesse, havia um brilho perigoso em seus óculos; mas, enquanto continuava

indeciso, percebeu que o cocheiro de seu fiacre espiava da rua aquela cena

inusitada, ao mesmo tempo que vislumbrou nosso grupinho da saleta,

amontoado junto ao canto do bar. A presença de tantas testemunhas fez com

que decidisse fugir imediatamente. Agachou-se, roçando no lambri, e investiu

como uma serpente rumo à porta. Sua mortificação, porém, não estava de todo

terminada, pois, quando passava. Fettes agarrou-o pelo braço e, num sussurro,

mas ainda assim discerníveis, estas palavras foram pronunciadas:

— Você o viu de novo?

O rico e importante médico de Londres soltou um grito agudo, estrangulado; jogou o autor da pergunta do outro lado do espaço vazio e,

com as mãos na cabeça, escapou porta afora como um ladrão pego em flagrante. Antes que tivesse ocorrido a algum de nós fazer um movimento, o

fiacre já partira com estrépito para a estação. A cena chegara ao fim, como um sonho, mas o sonho deixara provas e rastros de sua passagem. No dia seguinte

a criada encontrou os belos óculos de ouro quebrados na soleira, e naquela

mesma noite ficamos todos ali parados sem fôlego, junto à janela do bar, e

Fettes ao nosso lado, sóbrio e pálido, com uma expressão resoluta.

— Valha-nos Deus, sr. Fettes! — disse o dono da estalagem, o primeiro a

recobrar seus sentidos costumeiros. — Que pode significar tudo isso? Essas

coisas estranhas que estiveram falando?

Fettes virou-se para nós; encarou-nos, um após o outro.

— Tratem de manter o bico calado — disse. — Esse homem. Macfarlane,

é perigoso contrariá-lo; os que já fizeram isso se arrependeram tarde demais.

E em seguida, sem sequer terminar seu terceiro copo, muito menos esperar

os outros dois, deu-nos adeus e, passando pela lâmpada do hotel, mergulhou

na noite negra.

Voltamos os três para os nossos lugares na saleta, com o grande fogo

vermelho e quatro velas claras; e, à medida que recapitulávamos o que se

passara, o primeiro calafrio de nossa surpresa não demorou a se transformar

num ardor de curiosidade. Ficamos ali até muito tarde; foi a sessão mais longa que jamais tive no velho George. Antes de nos separarmos, cada homem

formulara sua teoria, que estava decidido a provar; e nenhum de nós tinha

qualquer negócio mais premente neste mundo que rastrear o passado de nosso

infeliz companheiro e surpreender o segredo que ele partilhava com o

importante médico de Londres. Não é para me gabar, mas acredito que me saí

melhor em farejar uma história que meus dois companheiros do George; e

talvez não haja mais nenhum homem vivo que possa lhes narrar os eventos

escabrosos e antinaturais que se seguem.

Na juventude. Fettes estudou medicina nas escolas de Edimburgo. Tinha

certo talento, o talento que apreende rapidamente o que ouve e logo o troca

em miúdos para si mesmo. Estudava pouco em casa; mas era cortês, atento e

inteligente na presença dos mestres. Eles logo o distinguiram como um rapaz

que ouvia com atenção e tinha boa memória; ademais, por estranho que isso

me tenha parecido quando o ouvi pela primeira vez, naqueles dias ele era

bem-apeesoado, de aparência

agradável. Havia, nessa época, certo professor de um curso extramuros de anatomia, que designarei aqui pela letra K... Seu nome se tornaria mais tarde

demasiadamente conhecido. O homem que o usava caminhava sorrateiro

pelas ruas de Edimburgo, disfarçado, enquanto a multidão que aplaudia a

execução de Burke¹ pedia em altos brados o sangue de seu empregador. Mas nessa época o sr. K... estava no auge da moda; gozava de uma popularidade

devida em parte a seu talento e perícia e em parte à incapacidade de seu rival, o professor da universidade. Os estudantes, pelo menos, juravam por seu

nome e Fettes acreditou, e fez outros acreditarem, que havia lançado as bases

do seu sucesso quando ganhou a boa vontade desse homem meteoricamente

famoso. Além de um mestre consumado, o sr. K... era um *bon vivant*, gostava tanto de uma alusão maliciosa quanto de uma boa preparação. Em uma e outra

coisa Fettes fazia por onde ser notado e, na altura do seu segundo ano no

curso, ocupava a posição semi-regular de segundo demonstrador ou subassistente de classe.

Nessa condição, os cuidados com o anfiteatro e as preleções recaíam em

particular sobre seus ombros. Devia responder pela limpeza do local e o

procedimento dos outros estudantes, e era parte de suas obrigações prover,

receber e seccionar os vários cadáveres. Era para que pudesse se desincumbir

deste último assunto — na época muito delicado — que o sr. K... o mantinha

alojado no mesmo beco, de fato no mesmo prédio, em que ficava a sala de

dissecação. Ali, após uma noite de prazeres turbulentos, as mãos ainda

vacilando, a vista ainda embaçada e confusa, ele era tirado da cama, nas horas escuras que precedem a aurora no inverno, pelo chamado dos sujos e

temerários traficantes que abasteciam a mesa. Abria a porta para esses

homens, mais tarde famigerados em todo o país; ajudava-os com sua trágica

carga, pagava-lhes seu sórdido preço e ficava a sós, depois que partiam, com

as inamistosas relíquias da raça humana. Desse cenário, voltava para mais

uma ou duas horas de cochilo, a fim de reparar os abusos da noite e revigorar-

se para os trabalhos do dia.

Poucos rapazes teriam sido mais insensíveis às impressões de uma vida

passada assim, em meio às insígnias da mortalidade. Trazia a mente fechada

para todas as considerações gerais. Era incapaz de se interessar pelo destino e a sorte de outrem, escravo de seus próprios desejos e de

1 William Burke (1792-1829), ladrão de túmulos e assassino irlandês. (N.T.)

suas reles ambições. Fundamentalmente frio, leviano e egoísta, possuía aquela pequena dose de prudência, erroneamente chamada moralidade, que afasta um

homem da embriaguez inconveniente ou do furto passível de punição. Além

disso, ambicionava certo grau de consideração de seus professores e colegas,

e não tinha desejo algum de fracassar manifestamente nas esferas externas da

vida. Esmerava-se, portanto, em obter alguma distinção em seus estudos e, dia

após dia, prestava serviços aparentemente impecáveis ao seu patrão, o sr. K...

Por seu dia de trabalho, indenizava-se ele mesmo com noites de diversão

ruidosa e grosseira; e quando esse equilíbrio era alcançado, o órgão que

chamava de sua consciência se dava por satisfeito.

A provisão de cadáveres era uma inquietação constante para ele, bem

como para seu patrão. Naquela turma numerosa e ativa, a matéria-prima dos

anatomistas estava sempre acabando; e o negócio que assim se tornava

necessário era não só desagradável em si mesmo como expunha a perigosas

conseqüências todos os envolvidos. A política do sr. K... era a de não fazer

nenhuma pergunta em suas transações com os fornecedores. "Eles trazem o

corpo e nós pagamos o preço", costumava dizer, alongando-se na aliteração

— *quid pro quo*. E frisava, de maneira um tanto profana, para seus

assistentes: "Não façam perguntas, em prol da sua própria consciência." Não se cogitava que os cadáveres fossem fornecidos pelo crime de assassinato. Se

essa idéia lhe tivesse sido mencionada em palavras, o professor teria recuado

com horror, mas a leviandade com que falava sobre assunto tão grave era, em

si mesma, uma ofensa às boas maneiras e uma tentação para os homens com

quem lidava. Fettes, por exemplo, observara freqüentemente para si mesmo o

singular frescor dos corpos. Muitas vezes impressionara-se com a aparência

envergonhada, abominável, dos bandidos que o acordavam antes do alvorecer;

e juntando claramente uma coisa a outra, com seus botões, talvez atribuísse

um sentido demasiado imoral e categórico aos conselhos negligentes do

patrão. Compreendia, em suma, que seu dever consistia em três coisas:

receber o que lhe era levado, pagar o preço e desviar os olhos de qualquer

indício de crime.

Numa manhã de novembro essa política de silêncio foi submetida a uma

dura prova. Ele passara a noite acordado com uma dor de dente lancinante,

andando de um lado para outro em seu quarto como uma fera enjaulada ou

lançando-se em fúria na cama; caíra por fim naquela modorra profunda,

desconfortável, que tantas vezes segue uma noite de

dor, quando foi despertado pela terceira ou quarta repetição irritada do sinal combinado. Havia um luar tênue e claro; fazia um frio cortante, ventava e

geava; a cidade ainda não acordara, mas uma agitação indefinível já

preunciava a algazarra e a atividade do dia. Os ladrões de tumulto haviam

chegado mais tarde que de costume e pareciam mais ansiosos para ir embora

que de costume. Fettes, zonzos de sono, iluminou a escada para que subissem.

Ouviu os resmungos de suas vozes irlandesas através de um sonho;
e,

enquanto eles retiravam o saco de sua triste mercadoria, recostou o
ombro na

parede, dormitando; teve de se sacudir para ir procurar o dinheiro
dos

homens. Ao fazê-lo, bateu os olhos na face morta. Teve um
sobressalto; deu

dois passos em direção a ela com a vela erguida.

— Santo Deus! — exclamou. — É Jane Galbraith! — Os homens não
responderam nada, mas se arrastaram para mais perto da porta.

— Eu a conheço, eu lhes garanto — continuou. — Estava cheia de
vida

ontem. É impossível que tenha morrido; é impossível que vocês
tenham

conseguido este corpo como convém.

— Com certeza, senhor, está completamente enganado — disse um
dos

homens.

Mas o outro olhou Fettes nos olhos, sombriamente, e pediu o
dinheiro

logo.

Era impossível não compreender a ameaça ou exagerar o perigo. O
rapaz

sentiu o coração na boca. Gaguejou umas desculpas, contou a soma e abriu a

porta para seus odiosos visitantes. Mal eles haviam saído, apressou-se em

confirmar suas dúvidas. Por uma dúzia de sinais inquestionáveis, identificou a moça com quem fizera um gracejo na véspera. Viu em seu corpo, com horror,

marcas que podiam por certo indicar violência. Tomado de pânico, refugiou-

se em seu quarto. Ali refletiu longamente sobre a descoberta que fizera;

considerou com sobriedade o significado das instruções do sr. K... e o perigo

que correria se interferisse num negócio tão sério; por fim, em opressiva

perplexidade, decidiu esperar o conselho de seu superior imediato, o

assistente de classe.

Este era Wolfe Macfarlane, um jovem médico muito apreciado entre todos

os estudantes inconstantes, um sujeito inteligente, dissipado e

inescrupuloso ao extremo. Viajara e estudara no exterior. Tinha maneiras

agradáveis e algo petulantes. Era uma autoridade em teatro, hábil sobre o gelo ou no campo de golfe, com os patins ou o taco; vestia-se com requintada

ousadia e, para dar o toque final a sua glória, tinha um

cabriolé e um vigoroso cavalo trotador. Suas relações com Fettes eram de intimidade; de fato, as posições relativas de ambos requeriam alguma

convivência; e, quando havia escassez de cadáveres, a dupla viajava até bem

longe no cabriolé de Macfarlane, visitava e profanava um cemitério isolado e

voltava com seu butim, antes da aurora, para a porta da sala de dissecação.

Naquela manhã particular. Macfarlane chegou um pouco mais cedo que de

costume. Fettes ouviu-o e foi ao encontro dele na escada, contou-lhe sua

história e mostrou-lhe a causa de seu alarme. Macfarlane examinou as marcas

no corpo.

— De fato — disse, acenando a cabeça — parece suspeito.

— Bem, e que devo fazer? — perguntou Fettes.

— Fazer? — repetiu o outro. — Você quer fazer alguma coisa? Eu diria

que quanto menos fizer, melhor.

— Mais alguém poderia reconhecê-la — objetou Fettes. — Era tão conhecida quanto o Castle Rock.

— Esperemos que não — disse Macfarlane. — E se alguém a reconhecer...

bem, você não fez nada, e fim de conversa. O fato é que isso está durando

tempo demais. Agite a lama, e vai meter K... na mais terrível enrascada; você

mesmo vai se complicar. E eu também, se isso acontecer. Gostaria de saber

com que cara apareceríamos, ou que diabo teríamos a dizer em nosso favor

em algum banco de testemunhas. A meu ver, você sabe, só há uma coisa

certa... que, praticamente falando, todos os nossos cadáveres foram

assassinados.

— Macfarlane! — exclamou Fettes.

— Ora, ora! — escarneceu o outro. — Como se você mesmo não tivesse

desconfiado!

— Desconfiar é uma coisa...

— E provar, outra. É verdade, eu sei, e lamento tanto quanto você que isso

tenha chegado a este ponto — cutucou o corpo com a bengala. — A melhor

coisa para mim agora é não o reconhecer, e — acrescentou serenamente —

não reconheço. Se você quiser, que o faça. Não é uma ordem, mas acho que

um homem do mundo faria como eu; e posso acrescentar que, a meu ver, é

isso que K... esperaria de nós. A questão é: por que ele nos escolheu, nós dois, como seus assistentes? E eu respondo: porque não queria tagarelas.

Esse era, entre todos, o tom ideal para impressionar a mente de um rapaz

como Fettes. Ele concordou em imitar Macfarlane. O corpo da

pobre moça foi devidamente dissecado, sem que ninguém notasse alguma coisa ou parecesse reconhecê-la.

Urna tarde, terminado o dia de trabalho. Fettes entrou numa taberna em

voga e encontrou Macfarlane com um estranho. Este era um homem pequeno,

muito pálido e moreno, olhos cor de carvão. O talhe de seus traços fazia uma

promessa de intelecto e refinamento que suas maneiras não cumpriam, pois a

um conhecimento mais próximo mostrava-se grosseiro, vulgar e tolo. Exercia,

contudo, notável controle sobre Macfarlane; dava ordens como um paxá;

inflamava-se à menor discussão ou atraso e comentava rudemente o

servilismo com que era obedecido. Essa desagradabilíssima pessoa teve uma

simpatia imediata por Fettes, cumulou-o de drinques e homenageou-o com

confidências inusitadas sobre sua carreira passada. Se a décima parte do que

confessou fosse verdade, seria um patife da pior espécie; e a vaidade do rapaz ficou lisonjeada pela atenção de um homem tão experiente.

— Sou um sujeito bem mau — observou o estranho —, mas Macfarlane é

pior... Eu o chamo de Toddy Macfarlane. *Toddy, peça mais um copo para seu*

amigo. Ou podia ser. *Toddy, corra e feche a porta.* Toddy me odeia — ele repetia. — Ah, sim. Toddy, você me odeia!

— Não me chame desse maldito nome — rosnava Macfarlane.

— Vejam só! Você já viu os atiradores de facas? Ele gostaria de fazer

aquilo no meu corpo inteiro — comentou o estranho.

— Nós médicos temos um sistema melhor — disse Fettes. — Quando não

gostamos de um amigo morto, nós o dissecamos.

Macfarlane levantou os olhos subitamente, como se a piada o

surpreendesse.

A tarde transcorreu. Gray, pois este era o nome do estranho, convidou

Fettes para jantar com eles e pediu um banquete tão suntuoso que lançou a

taberna em comoção; quando tudo estava terminado, ordenou a Macfarlane

que pagasse a conta. Era muito tarde quando se separaram; o tal Gray estava

absolutamente bêbado. Macfarlane, a quem a fúria deixara sóbrio, ruminava o

dinheiro que tinha sido forçado a esbanjar e os desaforos que tinha sido

obrigado a engolir. Fettes, com várias bebidas dançando na cabeça, voltou

para casa com passos sinuosos e a mente inteiramente embotada. No dia

seguinte Macfarlane faltou à aula e Fettes riu consigo mesmo, imaginando-o

ainda a acompanhar o intolerável Gray de taberna em taberna. Assim que a

hora da liberdade soou, passou de lugar em lugar em busca dos companheiros

da noite

anterior. Não os encontrando em parte alguma, voltou cedo para seus aposentos, meteu-se logo na cama e dormiu o sono dos justos.

Às quatro horas da manhã foi acordado pelo bem conhecido sinal. Ao

descer para abrir a porta, ficou pasmo ao dar com Macfarlane e seu cabriolé e, no cabriolé, um daqueles embrulhos horripilantes que lhe eram tão familiares.

— Quê? — exclamou. — Foi sozinho? Como se arranjou?

Mas Macfarlane calou-o asperamente, pedindo que tratasse do seu serviço.

Depois que levaram o corpo para cima e o depositaram sobre a mesa.

Macfarlane a princípio fez menção de ir embora. Depois parou e pareceu

hesitar; em seguida:

— É melhor você dar uma olhada no rosto — disse, com certo

constrangimento. — É melhor — repetiu, enquanto Fettes apenas o fitava,

espantado.

— Mas onde e como você o conseguiu? — insistiu o outro.

— Olhe o rosto — foi a única resposta.

Fettes estava atordoado; estranhas dúvidas o assaltavam. Seus olhos iam e

voltavam entre o jovem médico e o corpo. Por fim, num impulso, fez o que

ele lhe pedia. Havia quase esperado a visão com que topou, mas apesar disso

o choque foi cruel. Ver, fixado na rigidez da morte e nu sobre aquele leito

grosseiro de aniagem, o homem que deixara vestido e empanturrado de

comida e pecado na porta de uma taberna, despertou, mesmo no estouvado

Fettes, alguns dos tenores da consciência. Foi um *cras tibi* que ecoou em sua alma, que duas pessoas que conhecera tivessem vindo se deitar naquelas

mesas de gelo. Mas esses foram apenas pensamentos secundários. Sua

primeira preocupação dizia respeito a Wolfe. Despreparado para tão enorme

desafio, não sabia como encarar o companheiro. Não ousava olhá-lo nos

olhos, e as palavras, até a voz, lhe faltavam.

Foi o próprio Macfarlane que tomou a iniciativa. Tranqüilo, aproximou-se

por trás e pôs a mão suavemente, mas com firmeza, no ombro do outro.

— Richardson — disse —, pode ficar com a cabeça.

Richardson era um estudante que estava ansioso havia muito tempo por

dissecar essa parte do corpo humano. Não houve resposta, e o assassino

prosseguiu:

— Falando em negócios, você deve me pagar; suas contas precisam conferir, não é?

Fettes encontrou uma voz, o espectro da sua:

— Pagar-lhe! — exclamou. — Pagar-lhe por isso?

— Ora, isso mesmo, é claro que sim. Sem dúvida alguma e por todas as

razões, você deve me pagar — replicou o outro. — Não me atrevo a entregá-

lo de graça, você não se atreve a recebê-lo de graça; isso comprometeria a nós dois. É mais um caso como o de Jane Galbraith. Quanto mais erradas

estiverem as coisas, mais devemos agir como se estivessem certas. Onde o

velho K... guarda seu dinheiro?

— Ali — respondeu Fettes, com voz rouca, apontando para um armário no

canto.

— Então dê-me a chave — disse o outro, estendendo calmamente a mão.

Depois de um instante de hesitação, a sorte foi lançada. Macfarlane não

pôde reprimir um espasmo nervoso, a marca infinitesimal de um imenso

alívio, ao sentir a chave entre os dedos. Abriu o armário, tirou a pena, a tinta e o livro que estavam num compartimento e separou do dinheiro guardado

numa gaveta a soma adequada para a ocasião.

— Agora, veja bem — disse —, o pagamento foi feito... a primeira prova

de sua boa-fé; o primeiro passo para sua segurança. Agora você tem de

confirmá-lo com um segundo passo. Registre o pagamento no seu livro, e

depois, no que lhe diz respeito, você pode arrostar o diabo.

Fettes refletiu alguns segundos, em agonia; mas, ponderando seus terrores,

foi o mais imediato que triunfou. Qualquer dificuldade futura parecia quase

bem-vinda se pudesse evitar um desentendimento com Macfarlane naquele

instante. Pousou a vela que estivera carregando todo esse tempo e, com o

pulso firme, escreveu a data, a natureza e o valor da transação.

— E agora — disse Macfarlane — é mais do que justo que você embolse o

lucro. Já ganhei a minha parte. Aliás, quando um homem do mundo tem um

pouco de sorte, alguns xelins extras no bolso... Estou envergonhado de falar

disso, mas há uma regra de conduta nesse caso. Nada de festejos, nada de

comprar livros texto caros, de saldar velhas dívidas; não empreste, peça

emprestado.

— Macfarlane — começou Fettes, ainda um pouco rouco —, pus meu

pescoço na corda para lhe fazer um favor.

— Para me fazer um favor? — exclamou Wolfe. — Ora, convenhamos!

Até onde posso ver, fez exatamente o que tinha de fazer em defesa própria.

Suponha que eu me meta em dificuldades, como ficaria você? Este segundo

probleminha decorre claramente do primeiro. O sr. Gray

e a continuação da srta. Galbraith. Você não pode começar e depois parar. Se começa, tem de continuar começando; esta é a verdade. Não há descanso para

os maus.

Uma horrível sensação de estar perdido nas trevas e traído pelo destino

apossou-se da alma do infeliz estudante.

— Meu Deus! — exclamou. — Mas que foi que eu fiz? E quando foi que

comecei? Tornar-me assistente de classe... mas que mal havia nisso? Service

queria essa função; Service poderia tê-la obtido. Teria *e/le* chegado onde eu estou agora?

— Mas que menino você é, meu caro! — disse Macfarlane. — Que mal

lhe aconteceu? Que mal *pode* *lhe* acontecer se ficar de bico calado? Ora, rapaz, sabe o que é a vida? Estamos divididos em dois bandos... os leões e os

cordeiros. Se você for um cordeiro, acabará deitado sobre estas mesas como

Gray ou Jane Galbraith; se for um leão, viverá e conduzirá um cavalo como

eu, como K.... como todo mundo que tem alguma sagacidade ou coragem.

Você vacilou no início. Mas olhe para K...! Meu caro, você é inteligente, tem

garra. Eu gosto de você e K... gosta de você. Você nasceu para liderar; e ouça, com minha experiência na vida, dou-lhe minha palavra de honra: daqui a três

dias você vai rir de todos esses espantalhos como um escolar numa farsa.

Com isso Macfarlane despediu-se e partiu do beco em seu cabriolé para se

abrigar antes que chegasse a luz do dia. Fettes foi assim deixado a sós com

seus remorsos. Viu o deplorável perigo em que estava envolvido. Viu, com

inexprimível aflição, que não havia limite para sua fraqueza, e que, de

concessão em concessão, caíra, de árbitro do destino de Macfarlane, em seu

cúmplice pago e impotente. Daria um mundo para ter um pouco mais de

coragem naquele momento, mas não lhe ocorreu que ainda pudesse ser

corajoso. O segredo de Jane Galbraith e o maldito registro no diário lhe

selavam a boca.

As horas escoaram; a turma começou a chegar; os membros do infeliz

Gray foram distribuídos para um e para outro e recebidos sem comentário.

Richardson ficou feliz com a cabeça; e antes que a hora da liberdade soasse.

Fettes estava trêmulo de alegria ao perceber quanto já haviam avançado na

direção da segurança.

Durante dois dias ele continuou a observar, com alegria crescente, o pavoroso processo de disfarce.

No terceiro dia. Macfarlane apareceu. Estivera doente, disse; mas

compensou o tempo perdido orientando os estudantes com grande

energia. A Richardson, em particular, concedeu auxílios e conselhos dos mais valiosos, e esse aluno, estimulado pelo elogio do demonstrador, ardeu com

ambiciosas esperanças e viu a medalha já a seu alcance.

Antes que a semana terminasse, a profecia de Macfarlane se cumprira.

Fettes sobrevivera a seus terrores e esquecera a própria indignidade. Começou

a se envaidecer de sua coragem, e arrumara a história em sua mente de tal

maneira que podia voltar os olhos para aqueles acontecimentos com doentio

orgulho. Pouco via seu cúmplice. Encontravam-se, é claro, nas atividades da

classe; recebiam juntos ordens do sr. K... De vez em quando trocavam uma ou

duas palavras privadamente, e Macfarlane mostrava-se do começo ao fim

particularmente afável e jovial. Estava claro, porém, que evitava qualquer

referência a seu segredo comum; e mesmo quando Fettes lhe cochichava que

havia tomado o lado dos leões e abjurado os cordeiros, apenas o mandava

calar com um sinal e um sorriso.

Por fim surgiu uma ocasião que voltou a pôr a dupla numa união mais

estreita. O sr. K... estava de novo com falta de cadáveres; os alunos,

impacientes, e era parte das pretensões desse professor manter-se sempre bem

abastecido. Ao mesmo tempo, chegaram notícias de um enterro no cemitério

rústico de Glencorse. O tempo pouco mudara o lugar em questão. Ficava

então, como agora, numa encruzilhada, longe de qualquer morada humana, e

muito enterrado na folhagem de seis cedros. Os balidos das ovelhas nos

morros vizinhos, os regatos dos dois lados, um a cantar alto entre seixos, o

outro a gotejar furtivamente de poço em poço, o rebuliço do vento em

imensos castanheiros em flor, e uma vez em sete dias a voz do sino e as

antigas cantigas do chefe do coro eram os únicos sons que perturbavam o

silêncio em torno da igreja rural. O "homem da ressurreição" — como o ladrão de cadáveres era chamado na época — não seria desencorajado por

nenhuma das relíquias da piedade costumeira. Era parte de seu ofício profanar

as volutas e as trombetas de velhos túmulos, as trilhas gastas pelos pés dos

devotos e enlutados, e as oferendas e inscrições de consternada afeição. Para

paragens rústicas, onde o amor é mais do que comumente tenaz, e onde alguns

laços de sangue e amizade unem toda a sociedade de uma paróquia, o ladrão

de cadáveres, longe de ser repelido por respeito natural, era atraído pela

facilidade e segurança do serviço. A corpos que haviam sido depositados na

terra em alegre expectativa de um despertar muito diferente, sobrevinha

aquela ressurreição apressada, aterrorizada, a golpes de pá

e picareta, à luz de uma lanterna. O caixão era arrombado, a mortalha rasgada, e os miseráveis restos metidos num saco de aniagem; por fim, depois de

sacolejar horas por desvios ermos, eram expostos a indignidades extremas

perante uma classe de meninos boquiabertos.

Mais ou menos como dois abutres investem sobre um cordeiro agonizante.

Fettes e Macfarlane se lançariam sobre uma sepultura naquele verde e

tranquilo lugar de repouso. A esposa de um granjeiro, uma mulher que vivera

sessenta anos e não fora conhecida por coisa alguma senão boa manteiga e

uma conversa devota, seria arrancada de sua sepultura à meia-noite e

carregada, morta e nua, para aquela cidade distante que só visitara com a

roupa de domingo; o lugar junto a sua família ficaria vazio até o dia do júízo; seus membros inocentes, quase veneráveis, seriam expostos à última

curiosidade do anatomista.

Os dois partiram no fim de uma tarde, bem abrigados em capas e munidos

de uma formidável garrafa. Chovia sem remissão — uma chuva fria, densa,

fustigante. Vez por outra soprava um vento, mas aquelas lâminas de água a

cair o aquietavam. Apesar da garrafa, foi uma viagem triste e silenciosa até

Penicuik, onde passariam parte da noite. Pararam uma vez, para esconder suas

ferramentas num arbusto denso, perto do cemitério, e mais uma vez no

Fisher's Tryst, para tomar um drinque diante do fogo da cozinha e variar os

tragos de uísque com um copo de cerveja. Ao chegarem a seu destino, o

cabriolé foi abrigado, o cavalo alimentado e confortado, e os dois jovens

médicos sentaram-se numa sala privada para o melhor jantar e o melhor vinho

que a casa podia oferecer. As luzes, o fogo, a chuva açoitando a janela, o

trabalho frio e absurdo que os esperava contribuíram para que melhor

saboreassem a refeição. A cada copo sua efusividade aumentava. Logo

Macfarlane entregou um montinho de moedas de ouro ao companheiro.

— Uma cortesia — disse. — Entre amigos esses pequenos acertos não

devem requerer explicação.

Fettes pôs o dinheiro no bolso e aprovou a idéia calorosamente.

conhecesse.

— Você é um filósofo — exclamou. — Eu era um tolo até conhecê-lo.

Você e K... vocês dois vão fazer de mim um homem.

— Claro que vamos — aplaudiu Macfarlane. — Um homem? Ouça, era

preciso ser um homem para me apoiar naquela manhã. Há por aí uns covardes

grandalhões, briguentos, de quarenta anos, que teriam ficado nauseados à

vista da maldita coisa; mas você, não... você manteve o sangue-frio. Eu bem

notei.

— Ora, e por que não? — gabou-se Fettes. — Não era assunto meu. De um lado nada havia a ganhar, a não ser transtorno, e do outro eu podia contar

com a sua gratidão, não vê? — E bateu no bolso até as moedas de ouro

chiarem.

De certo modo. Macfarlane sentiu uma ponta de alarme a essas palavras

desagradáveis. Talvez tenha lamentado ter instruído com tanto sucesso seu

jovem companheiro, mas não teve tempo de atalhá-lo, porque o outro

continuou a se jactar ruidosamente:

— O importante é não ter medo. Agora, cá entre nós, não quero ir para a

força... uma questão prática; mas por toda essa lengalenga hipócrita.

Macfarlane, eu nasci com desdém. Inferno. Deus. Demônio, certo, errado,

pecado, crime, e toda essa velha galeria de curiosidades... elas podem assustar meninos, mas homens do mundo, como você e eu, desprezam-nas. À memória

de Gray!

Estava ficando tarde. O cabriolé, segundo a ordem dada, foi levado até a

porta com as duas lanternas rebrilhando, e os rapazes tiveram de pagar sua

conta e pegar a estrada. Anunciaram que iriam para Peebles, e seguiram

naquela direção até deixar as últimas casas da vila para trás; então, apagando as lanternas, voltaram pelo mesmo caminho e tomaram uma estrada

secundária para Glencorse. Não se ouvia um som senão o de sua passagem e o

troar incessante e estridente da chuva torrencial. Estava escuro como breu;

aqui e ali uma porteira branca ou uma pedra branca num muro os guiavam por

um curto espaço através da noite; quase todo o tempo, porém, era num ritmo

de caminhada, e quase às apalpadelas, que avançavam através da escuridão

ressonante rumo a seu solene e isolado destino. Nas matas que cobriam os

terrenos baixos, na vizinhança do cemitério, o último lampejo lhes faltou;

tiveram de riscar um fósforo e acender uma das lanternas do cabriolé. Assim,

sob as árvores gotejantes e envoltos por sombras imensas e móveis, chegaram

à cena de seus profanos trabalhos.

Eram ambos experientes naquele serviço e hábeis com a pá; mal fazia

vinte minutos que se aplicavam à tarefa quando foram recompensados por

uma batida surda na tampa do caixão. No mesmo instante. Macfarlane

arremessou imprudentemente sobre a cabeça uma pedra com que ferira a mão.

O túmulo, dentro do qual estavam enfiados agora quase até os ombros, ficava

próximo da borda do platô do cemitério; para iluminar seus trabalhos, a

lâmpada do cabriolé havia sido apoiada contra uma árvore, bem na beira da

ribanceira escarpada que descia para o riacho.

A sorte conduziu a pedra com precisão. Ouviu-se um retinir de vidro quebrado; a noite caiu sobre eles; sons alternadamente surdos e ressonantes

anunciaram o ricochetear da lanterna ribanceira abaixo, colidindo com uma

árvore aqui e ali. Na descida, deslocou uma ou duas pedras, que despencaram

ruidosamente atrás dela nas profundezas do barranco; em seguida o silêncio,

como a noite, recobrou seu domínio, e, por mais que apurassem os ouvidos,

nada podiam escutar, exceto a chuva, ora marchando ao ritmo do vento, ora

caindo com insistência sobre milhas de campo aberto.

Estavam tão próximos do término de seu repugnante serviço que julgaram

mais sensato completá-lo no escuro. O caixão foi exumado e arrombado; o

corpo, enfiado no saco encharcado e carregado entre um e outro até o

cabriolé; um subiu para mantê-lo no lugar enquanto o outro, segurando o

cavalo pela boca, seguiu às apalpadelas ao longo de muros e arbustos até

chegar à estrada mais larga, perto do Fisher's Tryst. Ali havia uma radiação

pálida, difusa, que eles saudaram como a luz do dia; imprimiram um bom

ritmo ao cavalo e lá se foram chocalhando alegremente na direção da cidade.

Os dois ficaram molhados até os ossos durante suas operações, e agora,

enquanto o cabriolé saltava entre os sulcos profundos, a coisa apoiada entre

eles caía ora em cima de um, ora em cima de outro. A cada repetição do

horrendo contato os dois o repeliam instintivamente com mais força; e o

processo, embora muito natural, começou a enervar os companheiros.

Macfarlane fez uma pilhéria feia sobre a mulher do granjeiro, mas ela lhe saiu oca dos lábios e não teve eco. Sua estranha carga continuava a sacudir-se de

um lado para outro; ora a cabeça pousava, como que confiantemente, sobre

seus ombros, ora a aniagem ensopada dava-lhes palmadas gélidas no rosto.

Uma friagem começou a invadir a alma de Fettes. Ele olhou para a trouxa e

teve a impressão de que, de algum modo, estava maior que de início. Por toda

a região, e de todas as distâncias, os cães das granjas acompanharam a

passagem deles com trágicas ululações, e foi crescendo em sua mente a idéia

de que um milagre absurdo se realizara, que alguma mudança inominável

ocorrera no corpo morto, e que era de medo de sua carga sacrílega que os cães

uivavam.

— Pelo amor de Deus — disse, fazendo um grande esforço para articular

as palavras —, pelo amor de Deus, vamos acender alguma luz!

Ao que parece. Macfarlane estava igualmente abalado, pois, embora sem

responder, parou o cavalo, passou as rédeas para o companheiro,

apeou e pôs-se a acender a lanterna que restava. A essa altura haviam chegado apenas à encruzilhada de Auchendinny. A chuva

continuava a cair, como se o

dilúvio retornasse, e não foi lá muito fácil acender uma lanterna naquele

mundo encharcado e escuro. Quando finalmente a trêmula chama azul fora

transferida para o pavio e começou a se expandir e clarear, irradiando um

largo círculo de tênue brilho ao redor do cabriolé, os dois rapazes puderam se ver um ao outro e à coisa que carregavam consigo. A chuva moldara o saco

grosseiro aos contornos do corpo; a cabeça se distinguia do tronco, os ombros

estavam claramente modelados; algo ao mesmo tempo espectral e humano os

impedia de desviar os olhos do seu horripilante companheiro de viagem.

Por algum tempo Macfarlane ficou imóvel, segurando a lâmpada. Um

pavor sem nome envolveu o corpo de Fettes, como um lençol molhado, e

retesou-lhe a pele branca do rosto; um medo sem sentido, um horror do que

não podia ser foi-lhe subindo ao cérebro. Mais um segundo e ele teria falado,

mas seu companheiro se antecipou.

— Isso não é uma mulher — disse, numa voz abafada.

— Era, quando a pusemos aqui — sussurrou Fettes.

— Segure aquela lâmpada — disse o outro. — Preciso ver o rosto dela.

Quando Fettes pegou a lâmpada, seu companheiro desatou os nós do saco

e pôs a cabeça à mostra. A luz incidiu, muito clara, sobre os traços escuros e bem moldados e as faces escanhoadas de um semblante muito conhecido dos

dois rapazes, freqüentemente contemplado em sonhos por ambos. Um grito

selvagem ressoou na noite; cada um pulou na estrada do seu lado, a lâmpada

caiu, quebrou-se e a luz extinguiu-se; o cavalo, terrorizado por essa inusitada comoção, deu um salto e partiu a galope para Edimburgo, levando consigo,

como único ocupante do cabriolé, o cadáver do havia muito dissecado Gray.

Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges

Théophile Gautier

Há mais de um século admirado por seus pares, do seu contemporâneo

Baudelaire a nosso Italo Calvino. Théophile Gautier (1811-1872) é notável

exemplar do romantismo no início de sua carreira e depois da primeira

geração parnasiana. Um dos principais seguidores de Hoffmann na França.

Gautier já foi "acusado" de escrever de uma forma "perfeita demais" (o que na realidade é um elogio), caso de sua obra-prima "A morta apaixonada", aqui acompanhada do também surpreendente "A cafeteira" que, salvo erro, sai pela primeira vez no Brasil, e que dá ao leitor de hoje uma amostra da excelência, se não virtuosismo, do autor. É só embarcar na dança. Fantástica, aliás.

A cafeteira

Vi sob sombrios véus

Onze estrelas nos céus,

A lua, o sol também,

Me reverenciando,

E silenciando,

No meu sono e além.

A visão de José

I

ANO PASSADO. FUI CONVIDADO, junto com dois amigos de ateliê.
Arrigo Cohic e

Pedrinho Borgnioli, para passar alguns dias numa fazenda no interior da

Normandia.

O tempo, que, na nossa partida, prometia ser maravilhoso, resolveu mudar

de repente, e caiu tanta chuva que os caminhos esburacados por onde

andávamos eram como o leito de uma torrente.

Afundávamos na lama até os joelhos, uma camada espessa de terra gorda se

grudara nas solas de nossas botas, e seu peso retardava tanto nossos passos,

que só chegamos no nosso destino uma hora depois do pôr-do-sol.

Estávamos exaustos; por isso, nosso anfitrião, vendo o esforço que

fazíamos para reprimir os bocejos e manter os olhos abertos, tão logo

acabamos de cear, nos mandou levar cada um a seu quarto. O meu era grande;

senti, ao entrar, uma espécie de calafrio, pois me parecia ter entrado em um

mundo novo.

De fato, tinha-se a impressão de estar na época da Regência, diante da

bandeira da porta de Boucher representando as quatro estações, os

móveis sobrecarregados de ornamentos rococó de muito mau gosto, e os tremós dos espelhos pesadamente esculpidos.

Nada estava fora do lugar. A penteadeira, coberta de caixas de pentes, de

almofadas de pó-de-arroz, parecia ter sido usada na véspera. Dois ou três

vestidos furta-cor, um leque pontilhado de lantejoulas em prata cobriam o

assoalho bem encerado, e, para meu grande espanto, uma tabaqueira de

esmalte aberta sobre a lareira estava cheia de fumo ainda fresco.

Só notei essas coisas depois que o empregado, colocando o castiçal na

mesa-de-cabeceira, me desejou um bom sono e, confesso, comecei a tremer

como uma folha. Despi-me prontamente, deitei-me, e, para acabar com tais

temores bobos, logo fechei os olhos, virando-me para o lado da parede.

Mas foi impossível ficar nessa posição: a cama se agitava sob meu corpo

como uma onda, minhas pálpebras se retraíam violentamente. Fui obrigado a

me virar e ver.

O fogo que ardia lançava reflexos avermelhados no aposento, de maneira

que se podia distinguir sem esforço os personagens da tapeçaria e os rostos

dos retratos enfumaçados pendurados na parede.

Eram os antepassados do nosso anfitrião, cavaleiros em armaduras de ferro,

conselheiros de peruca e belas senhoras de rosto pintado e cabelos empoados

de branco, segurando uma rosa na mão.

De repente, o fogo adquiriu um estranho grau de atividade, um clarão

esbranquiçado iluminou o quarto, e vi claramente que o que eu tomara por vãs

pinturas era a realidade; pois as pupilas desses seres emoldurados se moviam,

cintilavam de forma singular; seus lábios se abriam e se fechavam como

lábios de pessoas que falam, mas eu nada ouvia além do tique-taque do

relógio e do assobio de vento de outono.

Um terror incontável se apoderou de mim, meus cabelos se arrepiaram

na testa, meus dentes se entrechocaram a ponto de quase quebrar, um suor frio

inundou todo o meu corpo.

O relógio bateu onze horas. A vibração da última badalada retiniu longamente, e quando cessou por completo...

Ah! não, não ousei dizer o que aconteceu, ninguém acreditaria em mim e

me tomariam por louco.

As velas se acenderam sozinhas; o fole, sem que nenhum ser visível lhe

imprimisse movimento, pôs-se a soprar o fogo, chiando como um velho

asmático, enquanto as pinças remexiam os tições e a pá revolvia as cinzas.

Depois, uma cafeteira atirou-se da mesa sobre a qual estava colocada e dirigiu-se, mancando, para o fogo, onde se meteu entre os tições.

Em alguns instantes, as poltronas começaram a se mover, e, agitando seus

pés retorcidos de maneira surpreendente, vieram se acomodar em volta da

lareira.

II

Não sabia o que pensar do que via; mas o que estava por ver era ainda mais

extraordinário.

Um dos retratos, o mais antigo de todos, de um gordo bochechudo de barba

grisalha, parecido, a ponto de ser confundido, com a imagem que eu tinha do

velho Sir John Falstaff, tirou, com uma careta, a cabeça de seu quadro, e,

depois de muito esforço, tendo passado os ombros e a barriga rotunda por

entre as estreitas hastes da moldura, pulou pesadamente no chão.

Nem bem tomou fôlego e tirou do bolso de seu gibão uma chave de uma

pequenez impressionante, soprou sobre ela, para se assegurar de que a

cavidade estaria bem limpa, e a utilizou em todos os quadros, um após outro.

E todas as molduras se alargaram de modo a deixar passar facilmente as

figuras que continham.

Padrecos janotas; senhoras idosas, secas e amarelas; magistrados com

aspecto grave, envoltos em grandes togas negras; jovens fidalgos de meias de

seda, calções de lã preta, com a ponta da espada erguida; todos esses

personagens apresentavam um espetáculo tão bizarro que, apesar do meu

pavor, não pude deixar de rir.

Esses dignos personagens se sentaram; a cafeteira pulou agilmente para a

mesa. Tomaram o café em xícaras japonesas de porcelana azul e branca, que

acorreram espontaneamente de cima de uma escrivaninha, cada uma delas

munida de um torrão de açúcar e uma colherinha de prata.

Depois de tomado o café, xícaras, cafeteira e colheres desapareceram ao

mesmo tempo e começou a conversa, certamente a mais curiosa que jamais

ouvi, pois nenhum desses estranhos interlocutores olhava para o outro ao

falar: todos tinham os olhos fixos no relógio.

Eu mesmo não conseguia desviar o olhar do relógio e me impedir de seguir

o ponteiro, que caminhava para a meia-noite a passos imperceptíveis.

Enfim, soou meia-noite; uma voz cujo timbre era exatamente o do pêndulo, fez-se ouvir e disse:

— Está na hora, é preciso dançar.

Toda a assembléia levantou-se. As poltronas recuaram por si mesmas;

então, cada cavalheiro tomou a mão de uma dama, e a mesma voz disse:

— Vamos, senhores da orquestra, comecem!

Esqueci de dizer que o tema da tapeçaria era um concerto italiano de um

lado, e do outro uma caça ao cervo na qual vários pajens tocavam trompa. Os

picadores e os músicos, que até ali não haviam feito qualquer gesto,

inclinaram a cabeça em sinal de assentimento.

O maestro levantou a batuta, e uma harmonia viva e dançante ergueu-se

dos dois lados da sala. Dançaram primeiro o minueto.

Mas as notas rápidas da partitura executada pelos músicos não com-

binavam com aquelas reverências graves; por isso, cada casal de dançarinos,

após alguns minutos, pôs-se a fazer piruetas como um pião alemão. Os

vestidos de seda das mulheres, amassados nesse turbilhão dançante, emitiam

sons de natureza peculiar; dir-se-ia o barulho de asas de um vôo de pombos. O

vento que se engolfava por baixo os inchava prodigiosamente, de modo que

pareciam sinos dobrando.

O arco dos virtuosos passava tão rápido sobre as cordas, que jorravam

centelhas elétricas. Os dedos dos flautistas se erguiam e baixavam como se

fossem azougues; as bochechas dos picadores estavam infladas como balões,

e tudo isso formava um dilúvio de notas e trinados tão apressados e de gamas

ascendentes e descendentes tão intrincadas, tão inconcebíveis, que nem os

próprios demônios seriam capazes de seguir tal compasso por dois minutos.

Portanto, dava dó ver todos os esforços daqueles dançarinos para

acompanhar a cadência. Eles pulavam, davam cabriolas, faziam semicírculos

com as pernas, realizavam *jetés battus* e *entrechats* de três pés de altura, a tal ponto que o suor, caindo-lhes da testa sobre os olhos, lhes tirava as pintas e a maquiagem. Mas seu esforço era inútil, a orquestra estava sempre três ou

quatro notas a sua frente.

O relógio bateu uma hora; eles pararam. Vi algo que me escapara: uma

mulher que não dançava.

Estava sentada numa *bergère* no canto da lareira e não parecia de modo algum tomar parte no que se passava ao seu redor.

Nunca, nem em sonho, algo tão perfeito se apresentara aos meus olhos;

uma pele de uma brancura deslumbrante, cabelos de um louro-acinzentado,

longos cílios e pupilas azuis, tão claras e tão transparentes que através delas eu via sua alma, tão distintamente quanto uma pedra no fundo de um riacho.

E senti que, se algum dia me acontecesse amar alguém, seria ela.

Precipitei-me para fora da cama, de onde até então não conseguira me mover,

e me dirigi para ela, guiado por alguma coisa que agia em mim sem que eu

pudesse me dar conta; e me vi junto a seus joelhos, uma das suas mãos nas

minhas, conversando com ela como se a conhecesse há vinte anos.

Mas, por um prodígio bem estranho, enquanto eu lhe falava, ia marcando

com uma oscilação de cabeça a música que não havia cessado de tocar; e

mesmo estando no cúmulo da felicidade por conversar com uma pessoa tão

linda, meus pés ardiam de vontade de dançar com ela.

No entanto, não ousava convidá-la. Parece que ela compreendeu o que eu

queria, pois, levantando para o mostrador do relógio a mão que eu não estava

segurando, disse:

— Quando o ponteiro chegar ali, veremos, meu caro Théodore.

Não sei como ocorreu, não fiquei em absoluto surpreso ao ouvir ser assim

chamado pelo meu nome, e continuamos a conversar. Enfim, a hora indicada

soou, a voz com timbre de prata vibrou outra vez no quarto e disse:

— Ângela, você pode dançar com o cavalheiro, se lhe der prazer, mas sabe

no que isso vai resultar.

— Pouco importa — respondeu Ângela, amuada.

E passou o braço de marfim em volta do meu pescoço.

— Prestíssimo! — gritou a voz. E começamos a valsar. O seio da jovem

tocava o meu peito, sua face aveludada roçava a minha e seu hálito suave

flutuava diante de minha boca.

Nunca na vida sentira tamanha emoção; meus nervos estremeciam como

molas de aço, meu sangue corria nas artérias como torrentes de lava e ouvia

meu coração bater como um relógio preso as minhas orelhas.

Entretanto, esse estado não tinha nada de penoso. Eu estava inundado de

uma alegria inefável e gostaria de permanecer sempre assim, e, coisa

admirável, ainda que a orquestra tivesse triplicado a velocidade, não

precisávamos fazer esforço algum para segui-la.

Os espectadores, maravilhados com a nossa agilidade, gritavam bravo e

com toda a força batiam palmas, que não emitiam som algum.

Ângela, que até então valsara com energia e precisão surpreendentes, pareceu cansar-se de repente; pesava sobre meus ombros como se as pernas

lhe tivessem faltado; seus pezinhos que, um minuto antes, roçavam o chão, só

lentamente dele se desprendiam, como se estivessem carregados com um peso

de chumbo.

— Ângela, você está cansada — disse-lhe eu. — Vamos descansar.

— Bem que eu gostaria — respondeu ela, enxugando a testa com o lenço.

— Mas, enquanto valsávamos, todos se sentaram; só resta uma poltrona e nós

somos dois.

— Que importância tem isso, meu anjo lindo? Vou colocá-la no colo.

III

Sem fazer a menor objeção, Ângela sentou-se, envolvendo-me com os

braços como se fossem uma echarpe branca, escondendo a cabeça no meu

peito para se aquecer um pouco, pois se tornara fria como mármore.

Não sei por quanto tempo ficamos nessa posição, pois todos os meus

sentidos estavam absorvidos na contemplação dessa misteriosa e fantástica

criatura.

Não fazia mais qualquer idéia da hora nem do lugar; o mundo real não

existia mais para mim e todos os laços que me unem a ele tinham se rompido;

minha alma, liberta de sua prisão de lama, nadava no vago e no infinito; eu

compreendia o que nenhum homem pode compreender, os pensamentos de

Ângela se revelando a mim sem que ela precisasse falar, pois sua alma

brilhava em seu corpo como uma lâmpada de alabastro e os raios que saíam

de seu peito traspassavam o meu de lado a lado.

A cotovia cantou, uma claridade pálida cintilou nas cortinas.

Assim que Ângela a percebeu, levantou-se precipitadamente, deu-me

adeus com um gesto e, após alguns passos, soltou um grito e caiu no chão.

Tomado de assombro, acorri para levantá-la... Meu sangue congela só de

pensar: tudo o que encontrei foi a cafeteira quebrada em mil pedaços.

Diante dessa visão, persuadido de que tinha sido o joguete de alguma

ilusão diabólica, apoderou-se de mim tal pavor que desmaiei.

Quando voltei a mim, estava em minha cama, com Arrigo Cohic e Pedrino Borgnioli de pé a minha cabeceira.

Assim que abri os olhos. Arrigo exclamou:

— Ah! Ainda bem! Há quase uma hora estou esfregando suas têmporas

com água de colônia. Que diabo você fez essa noite? Hoje de manhã, vendo

que você não descia, entrei no seu quarto e o encontrei estirado no chão,

vestido à francesa, apertando nos braços um pedaço de porcelana quebrada

como se fosse uma moça bonita.

— Por Deus! É a roupa de casamento de meu avô! — disse o outro, levantando uma das abas de seda de fundo rosa com ramagens verdes. —

Vejam os botões de strass e filigrana dos quais ele tanto se vangloriava.

Théodore deve tê-lo achado em algum canto e o vestiu para se divertir. Mas

por que você se sentiu mal? — acrescentou Borgnioli. — Isso é coisa para

uma amantezinha de ombros brancos; nós a pomos para descansar, tiramos

seus colares, sua echarpe, e ela tem uma bela oportunidade para se fazer de

dengosa.

— Foi apenas um desfalecimento que tive; sou sujeito a isso — respondi

secamente.

Levantei-me, despojei-me de minha ridícula vestimenta. E depois, fomos

almoçar.

Meus três amigos comeram muito e beberam mais ainda; não comi quase

nada, a lembrança do que se tinha passado me causava estranhas distrações.

Terminado o almoço, como chovia a cântaros, não tivemos condição de

sair e cada um se ocupou como pôde. Borgnioli tamborilou marchas guer-

reiras nas vidraças; Arrigo e o anfitrião jogaram uma partida de damas; eu

puxei do meu álbum um pedaço de pergaminho e me pus a desenhar.

Os esboços quase imperceptíveis traçados por meu lápis, sem que eu

sequer percebesse o que fazia, acabaram por representar com maravilhosa

exatidão a cafeteira que desempenhara um papel tão importante nas cenas da

noite.

— É impressionante como esse rosto se parece com a minha irmã Ângela

— disse o anfitrião que, terminada a partida, me observava trabalhar por cima

do meu ombro.

De fato, o que ainda há pouco me parecera uma cafeteira era com toda a

certeza o perfil doce e melancólico de Ângela.

— Por todos os santos do paraíso! Ela está morta ou viva? — exclamei num tom de voz trêmulo, como se a minha vida dependesse de sua resposta.

— Ela morreu há dois anos, de pneumonia, depois de um baile.

— Que pena! — respondi dolorosamente. E, contendo uma lágrima que

estava prestes a cair, recoloquei o papel no álbum.

Acabava de compreender que não mais haveria para mim felicidade sobre

a terra!

Tradução de Pina Bastos

A morta apaixonada

VOCÊ ME PERGUNTA, IRMÃO. SE EU AMEI; amei, sim. É uma história especial e

terrível e, embora eu tenha 66 anos, quase não ousou revolver as cinzas dessa

lembrança. Nada quero recusar-lhe, mas não faria narrativa semelhante a uma

alma menos experiente. São fatos tão estranhos que não posso acreditar que

me tenham acontecido. Fui, durante mais de três anos, o joguete de uma

ilusão singular e diabólica. Eu, pobre pároco do interior, levei em sonhos

todas as noites (Deus queira que seja um sonho!) uma vida de condenado,

uma vida de mundano e de Sardanapalo¹ Um único olhar complacente

lançado a uma mulher quase provoca a perda de minha alma; mas, enfim, com

a ajuda de Deus e de meu santo padroeiro, consegui expulsar o espírito

maligno que se havia apossado de mim. Minha vida se havia emaranhado com

uma vida noturna completamente diferente. Durante o dia, eu era um pároco

do Senhor, casto, ocupado com a oração e as coisas santas; à noite, tão logo

fechava os olhos, tornava-me um jovem senhor, perito conhecedor de

mulheres, cães e cavalos, jogando dados, bebendo e blasfemando. E, quando

ao raiar do dia eu despertava, parecia-me ao contrário que adormecia e

sonhava que era pároco. Desta vida sonambúlica ficaram-me lembranças de

objetos e palavras dos quais não me posso defender e, embora jamais tenha

saído dos muros de meu presbitério, dir-se-ia, ao me ouvir

1 Personagem lendário (séc. IX a.C.) que, segundo a tradição clássica, teria sido rei da Assíria e levado uma vida de fausto e devassidão. (N.T.)

falar, um homem que, tendo experimentado de tudo e voltado do mundo, entrou para a religião e deseja terminar no seio de Deus seus dias demasiado

agitados, e não um humilde seminarista que envelheceu numa paróquia

desconhecida, no fundo de um bosque e sem qualquer contato com as coisas

seculares.

Sim, amei como ninguém no mundo amou, com um amor insensato e

furioso, tão violento que me surpreendo de que ele não tenha feito explodir

meu coração. Ah!, que noites, que noites!

Desde minha mais tenra infância, senti-me com a vocação para o estado de

sacerdote; todos os meus estudos foram também dirigidos nesse sentido, e

minha vida, até os 24 anos, nada foi senão um longo noviciado. Completada a

minha teologia, passei sucessivamente por todas as pequenas ordens e meus

superiores me julgaram digno, apesar de minha juventude, de transpor o

último e temerário grau. O dia de minha ordenação foi marcado para a semana

de Páscoa.

Eu nunca estivera no mundo; o mundo era para mim o reduto do colégio e

do seminário. Eu sabia vagamente que havia algo que se chamava mulher,

mas não detinha nisso meu pensamento; eu era de uma inocência perfeita. Só

via minha mãe velha e enferma duas vezes por ano. Estas eram todas as

minhas relações com o exterior.

Nada me fazia falta, eu não sentia a menor hesitação diante daquele

engajamento irrevogável: estava cheio de alegria e impaciência. Nunca um

jovem noivo contou as horas com ardor mais febril; eu não dormia, sonhava

que dizia a missa; ser pároco, nada havia para mim de mais belo no mundo;

eu teria recusado ser rei ou poeta. Minha ambição nada concebia.

O que digo agora é para lhe mostrar o quanto o que me aconteceu não

deveria me acontecer, e de que fascínio inexplicável fui vítima.

Chegado o grande dia, eu ia para a igreja com um passo tão leve que me

parecia estar suspenso no ar ou ter asas nos ombros. Acreditava-me um anjo e

me surpreendia com a fisionomia sombria e preocupada de meus

companheiros; pois éramos muitos. Eu havia passado a noite orando e estava

num estado que quase beirava o êxtase. O bispo, velhinho venerável, parecia-

me Deus, o Pai, inclinado sobre sua eternidade, e eu via o céu através das

arcadas do templo.

Você conhece os detalhes da cerimônia: a bênção, a comunhão sob as duas

espécies, a unção da palma das mãos com o óleo dos catecúmenos, e,

finalmente, o santo sacrifício, oferecido juntamente com o bispo. Não

me deterei nisto. Oh, como Jó tinha razão e como é prudente aquele que não compactua com seus olhos! Ergui por acaso a cabeça, que mantivera até então

inclinada, e vi a minha frente, tão perto que poderia tocá-la, embora, na

realidade, ela estivesse a uma distância bastante grande e do outro lado da

balaustrada, uma jovem de rara beleza e vestida com uma magnificência real.

Foi como se escamas me caíssem das pupilas. Tive a mesma sensação de um

cego que recuperasse subitamente a visão. O bispo, tão resplandecente havia

pouco, apagou-se de repente, as velas empalideceram sobre os candelabros

em ouro como as estrelas pela manhã, e em toda a igreja se fez uma completa

escuridão. A encantadora criatura destacava-se contra aquele fundo de

sombras como uma revelação angelical; parecia estar iluminada por ela

mesma e proporcionar luz em vez de recebê-la.

Abaixei as pálpebras, decidido a não mais erguê-las para me subtrair à

influência dos objetos externos; pois a distração me invadia cada vez mais e

eu mal sabia o que fazia.

Um minuto depois reabri os olhos, pois, através de meus cílios, eu a via

faiscante com as cores do prisma e numa penumbra purpúrea como quando se

olha para o sol.

Ah! Corno ela era bela! Os maiores pintores, quando, perseguindo nos céus

a beleza ideal, trouxeram para a terra o divino retrato da Madona, sequer se

aproximaram daquela fabulosa realidade. Nem os versos do poeta nem a

paleta do pintor conseguem representá-la. Ela era bastante alta, com aparência e porte de deusa; seus cabelos, de um louro suave, separavam-se no alto da

cabeça e corriam-lhe sobre as têmporas como dois rios de ouro; dir-se-ia uma

rainha com seu diadema; sua testa, de uma brancura azulada e transparente,

estendia-se larga e serena sobre os arcos de dois cílios quase marrons,

singularidade que realçava ainda mais o efeito das pupilas verde-mar de

vivacidade e brilho insustentáveis. Que olhos! Com um clarão decidiam o

destino de um homem; tinham uma vida, uma limpidez, um ardor, uma

umidade brilhante que eu nunca vira num olho humano; deles partiam raios

como flechas e que eu via claramente atingirem meu coração. Não sei se a

chama que os iluminava vinha do céu ou do inferno, mas com certeza vinha

de um ou de outro. Aquela mulher era um anjo ou um demônio, e talvez

ambos; ela certamente não saíra do flanco de Eva, a mãe comum. Dentes da

mais bela água cintilavam em seu sorriso vermelho e pequenas covinhas se

criavam a cada inflexão de sua boca no cetim rosa de

suas adoráveis faces. Quanto a seu nariz, era de uma delicadeza e de um orgulho absolutamente reais e revelava a mais nobre origem. Reflexos de

ágata brincavam sobre a pele lisa e reluzente de seus ombros semi-encobertos,

e fileiras de grandes pérolas claras, de um tom quase semelhante a seu

pescoço, desciam-lhe sobre o colo. De tempos em tempos, ela erguia a cabeça

com um movimento ondulante de serpente e pavão que se exhibe e imprimia

um leve frêmito à gola alta bordada que a envolvia como uma armadura de

prata.

Ela usava um vestido de veludo nacarado e de suas largas mangas forradas

de arminho saíam mãos aristocráticas de infinita delicadeza, com dedos

longos e arredondados e de tão ideal transparência que deixavam passar a luz

como aqueles da Aurora.

Todos estes detalhes estão ainda tão presentes em mim como se datassem

de ontem e, mesmo que eu estivesse extremamente perturbado, nada me

escapava: a mais leve nuance, o pequeno ponto negro no canto do queixo, a

imperceptível penugem nas comissuras dos lábios, o aveludado da testa, a

sombra trêmula dos cílios sobre as faces, eu absorvia tudo com uma lucidez

espantosa.

À medida que eu a olhava, sentia abrirem-se em mim portas que até então

havam estado fechadas; respiradouros obstruídos destampavam-se em todos

os sentidos e deixavam entrever perspectivas desconhecidas; a vida me surgia

sob um aspecto totalmente novo; eu acabava de nascer para uma nova ordem

de idéias. Uma angústia aterrorizante parecia-me um segundo e um século. A

cerimônia, entretanto, avançava e eu era levado para bem longe do mundo

cuja entrada meus desejos nascentes assediavam furiosamente. Eu disse então

sim quando queria dizer não, quando tudo em mim se revoltava e protestava

contra a violência que minha língua fazia a minha alma; uma força oculta

arrancava-me as palavras da garganta, ainda que eu não o quisesse. Talvez

seja isto o que faz com que tantas jovens caminhem para o altar com a firme

resolução de recusar violentamente o esposo que lhes é imposto e que

nenhuma delas execute seu plano. Certamente é isto o que faz com que tantas

noviças tomem o véu, embora bem decididas a rasgá-lo em pedaços no

momento de pronunciar os votos. Não se ousa causar tal escândalo diante de

todos, nem frustrar a expectativa de tanta gente; todas aquelas vontades, todos aqueles olhares parecem pesar sobre você como uma manta de chumbo; e

depois as medidas foram tão bem tiradas, tudo foi tão bem acertado de

antemão, de uma forma tão evidentemente

irrevogável, que o pensamento cede ao peso da coisa e se anula por completo.

O olhar da bela desconhecida mudava de expressão conforme progredia a

cerimônia. De terno e acariciante que era no início, tomou um ar de desdém e

de descontentamento, como se não tivesse sido compreendido.

Fiz um esforço suficiente para arrancar uma montanha, para gritar que não

queria ser padre; mas não consegui; minha língua ficou grudada em meu

palato e me foi impossível traduzir minha vontade pelo menor movimento

negativo. Eu estava, inteiramente desperto, num estado semelhante ao do

pesadelo, quando se quer dar um grito do qual depende nossa vida, sem

conseguir fazê-lo.

Ela pareceu sensível ao martírio pelo qual eu passava e, como para me

encorajar, lançou-me um olhar cheio de promessas divinas. Seus olhos eram

um poema no qual cada olhar formava um verso.

Ela me dizia:

"Se quiseres ser meu, eu te farei mais feliz do que o próprio Deus em seu paraíso; os anjos sentirão ciúmes de ti. Rasga esta fúnebre mortalha na qual te vais envolver; eu sou a beleza, eu sou a juventude, eu sou a vida; vem a mim,

nós seremos o amor. O que poderia Jeová te oferecer como compensação?

Nossa vida passará como um sonho e nada será além de um beijo eterno.

Deita por terra o vinho deste cálice, e estarás livre. Eu te levarei para as

ilhas desconhecidas, dormirás sobre meu seio, num leito de ouro maciço e sob

um dossel de prata; pois eu te amo e te quero tomar a teu Deus, diante de

tantos corações nobres correm rios de amor que não chegam até ele."

Parecia-me ouvir aquelas palavras num ritmo de infinita doçura, pois seu

olhar quase tinha sonoridade e as frases que seus olhos me enviavam ecoavam

no fundo de meu coração como se uma boca invisível as tivesse soprado em

minha alma. Eu me sentia prestes a renunciar a Deus, contudo meu coração

cumpria maquinalmente as formalidades da cerimônia. A bela me lançou um

olhar tão suplicante, tão desesperado, tantas lâminas agudas me trespassaram

o coração, que senti mais punhais no peito do que a mãe sente dores.

Estava feito, eu era padre.

Jamais uma fisionomia humana revelou angústia tão pungente; a jovem que

vê seu noivo tombar subitamente morto a seu lado, a mãe junto ao berço vazio

de seu filho. Eva sentada à porta do paraíso, o avaro que

encontra uma pedra em vez de seu tesouro, o poeta que deixou cair no fogo o manuscrito único de sua mais bela obra não têm um ar mais aterrado e mais

inconsolável. O sangue abandonou completamente seu rosto encantador e ela

ficou de uma brancura de mármore; seus belos braços caíram ao longo de seu

corpo como se os músculos houvessem sido desligados, e ela se apoiou contra

uma pilastra, pois suas pernas se dobravam e desmoronavam sob ela. Quanto

a mim, lívido, a testa inundada de um suor mais sangrento do que o do

Calvário, dirigi-me cambaleando para a porta da igreja; eu sufocava; as

abóbadas se achatavam sobre meus ombros e me parecia que minha cabeça

sustentava sozinha todo o peso da cúpula.

Quando eu ia cruzar a soleira, uma mão apossou-se bruscamente da minha;

uma mão de mulher! Eu jamais tocara em alguma. Era fria como a pele de

uma serpente e o aperto me deixou ardente como a marca de um ferro em

brasa. Era ela.

— Infeliz! Infeliz! O que você foi fazer? — disse-me ela em voz baixa, e

desapareceu na multidão.

O velho bispo passou; olhou-me com ar severo. Eu tinha a atitude mais

estranha do mundo; eu empalidecia, eu ruborizava, eu tinha desmaios. Um de

meus companheiros teve pena de mim, ele me segurou e me conduziu; eu

teria sido incapaz de encontrar sozinho o caminho para o seminário.
Na

esquina de uma rua, enquanto o jovem padre virava a cabeça para
um outro

lado, um pajem negro, estranhamente vestido, aproximou-se de
mim e me

entregou, sem parar de andar, uma pequena carteira de notas com
os cantos

cinzelados em ouro, fazendo-me sinal para que eu a escondesse; eu
a fiz

escorregar pela minha manga e a mantive ali até que fiquei a sós
em minha

cela. Abri o fecho, havia apenas duas folhas com estas palavras:

`"Clarimunda, no palácio Concini." Eu sabia então tão pouco a
respeito das coisas da vida que não conhecia Clarimunda, apesar de
sua fama, e ignorava

por completo onde ficava o palácio Concini. Fiz mil conjecturas,
cada uma

mais extravagante do que as outras, mas, na verdade, contanto
que eu pudesse

revê-la, estava muito pouco preocupado com o que ela pudesse ser,
grande

dama ou cortesã.

Aquele amor nascido havia pouco estava indestrutivelmente
enraizado; eu

sequer pensava em tentar arrancá-lo, tanto eu sentia que seria tarefa

impossível. Aquela mulher se apossara de mim por completo, um único olhar

teria sido suficiente para me modificar; ela me bafejara sua

vontade; eu não vivia mais em mim, mas nela e por ela. Eu fazia mil extravagâncias, beijava em minha mão o lugar que ela havia tocado e repetia

seu nome por horas inteiras. Só precisava fechar os olhos para percebê-la com

tanta clareza como se ela estivesse realmente presente, e eu me repetia as

palavras que ela me dissera no portal da igreja: "Infeliz! Infeliz! O que fizeste?" Eu percebia todo o horror da minha situação, e os aspectos fúnebres do estado que eu acabava de abraçar eram-me claramente revelados. Ser

padre! Quer dizer casto, não amar, não distinguir sexo ou idade, afastar-se de qualquer beleza, furar-se os olhos, vagar sob a sombra glacial de um claustro

ou de uma igreja, não ver senão moribundos, velar junto a cadáveres

desconhecidos e usar seu luto sobre sua batina negra, de tal modo que se pode

fazer de sua roupa um lençol para seu caixão!

E eu sentia a vida subir em mim como um lago interior que enche e

transborda; meu sangue batia com força em minhas artérias; minha juventude,

por tanto tempo oprimida, explodia repentinamente como uma babosa, que

leva cem anos para florescer e que desabrocha como um raio.

Como fazer para rever Clarimunda? Eu não tinha qualquer pretexto para

sair do seminário, não conhecia uma só pessoa na cidade; nem mesmo deveria

ficar lá e esperava apenas que me fosse designada a paróquia que deveria

ocupar. Eu tentava arrancar as grades da janela, mas ela ficava a uma altura

apavorante e, não tendo escada, não podia nem pensar naquilo. E, aliás, eu só

poderia descer à noite; e como me teria guiado no intrincado emaranhado das

ruas? Todas aquelas dificuldades, que nada teriam sido para outros, eram

imensas para mim, pobre seminarista, apaixonado desde ontem, sem

experiência, sem dinheiro e sem roupas.

Ah!, se eu não tivesse sido padre, teria podido vê-la todos os dias; teria sido seu amante, seu esposo, eu me dizia em minha cegueira; em vez de estar

embrulhado em meu triste sudário, teria roupas de seda e de veludo, correntes

de ouro, uma espada e plumas como os belos jovens cavalheiros. Meus

cabelos, em vez de desonrados por uma grande tonsura, brincariam ao redor

de meu pescoço em cachos ondulantes. Eu teria um grande bigode untuoso, eu

seria um bravo. Mas uma hora passada diante de um altar, algumas palavras

mal articuladas me baniram para todo o sempre do número dos vivos, e eu

mesmo selara a pedra de meu túmulo, eu empurrara com a minha mão o

ferrolho de minha prisão!

Fui para a janela. O céu estava admiravelmente azul, as árvores haviam posto seu vestido de primavera, a natureza ostentava uma irônica alegria. O

lugar estava cheio de gente; uns iam, outros vinham; jovens dândis e jovens

beldades, casal por casal, dirigiam-se para os lados do jardim e dos bosques.

Companheiros passavam cantando refrãos falando de bebida; eram um

movimento, uma vida, um ardor, uma alegria que ressaltavam tristemente meu

luto e minha solidão. Uma jovem mãe, à soleira da porta, brincava com seu

filho; ela beijava sua boquinha rosada, ainda orvalhada de gotas de leite, e

fazia, provocando-o, mil daquelas divinas puerilidades que só as mães sabem

fazer. O pai, que estava de pé a alguma distância, sorria suavemente para

aquele grupo encantador, e seus braços cruzados comprimiam sua alegria

sobre seu coração. Não fui capaz de suportar aquele espetáculo; fechei a

janela e me atirei na cama com um ódio e um ciúme pavorosos no coração,

mordendo os dedos e as cobertas como um tigre em jejum há três dias.

Não sei quantos dias fiquei assim; mas, virando-me num movimento de

espasmo furioso, vi o abade Serapião que estava de pé no meio do quarto e

me olhava atentamente. Tive vergonha de mim mesmo e, deixando cair minha

cabeça sobre o peito, cobri meus olhos com as mãos.

— Romualdo, meu amigo, algo extraordinário está acontecendo com você

— disse-me Serapião após alguns minutos de silêncio. — Sua conduta é

realmente inexplicável! Você, tão piedoso, tal calmo e tão doce, está se

agitando em sua cela como uma besta feroz. Tome cuidado, meu irmão, e não

ouça as sugestões do diabo; o espírito astuto, irritado por você estar para todo o sempre consagrado ao Senhor, ronda a sua volta como um lobo sedutor e faz

por onde você se deixe abater, meu caro Romualdo, envolva-se numa couraça

de preces, crie um escudo de mortificações e combata bravamente o inimigo;

você o vencerá. A provação é necessária à virtude e o ouro sai mais fino do

polimento. Não se amedronte nem se desencoraje; as almas mais protegidas e

as mais fortalecidas tiveram tais momentos. Reze, jejue, medite e o mau

espírito se retirará.

O discurso do abade Serapião me fez voltar a mim e fiquei um pouco mais

calmo.

— Eu vinha anunciar-lhe sua nomeação para a paróquia de C***; o pároco

que a possuída acaba de morrer e o senhor bispo me encarregou de ir instalá-lo

lá; esteja pronto para amanhã.

Respondi que estaria e o abade retirou-se. Abri meu missal e comecei a ler

orações; mas as linhas logo se confundiram sob meus olhos; o fio

das idéias emaranhou-se em meu cérebro e o livro me caiu das mãos sem que eu me desse conta.

Partir amanhã sem tê-la visto outra vez! Acrescentar mais uma impossibilidade a todas aquelas que já havia entre nós! Perder para sempre a

esperança de reencontrá-la, salvo por um milagre! Escrever-lhe? Por quem eu

lhe faria chegar minha carta? Com o caráter sagrado com que eu estava

revestido, com quem se abrir, em quem confiar? Eu sentia uma ansiedade

terrível. Então, o que me havia dito o abade Serapião a respeito dos artifícios do diabo me voltou à memória; a estranheza da aventura, a beleza

sobrenatural de Clarimunda, o brilho fosfórico de seus olhos, a impressão

ardente de sua mão, a perturbação na qual ela me havia atirado, a súbita

mudança que se operara em mim, minha piedade esmorecida num instante,

tudo aquilo provava claramente a presença do diabo, e aquela mão acetinada

talvez fosse apenas a luva com a qual ele cobrira suas garras. Estas idéias

lançaram-me num grande terror e recolhi o missal que de meus joelhos caíra

por terra e voltei a orar.

Na manhã seguinte. Serapião me veio buscar. Duas mulas nos esperavam à

porta, carregadas com nossas magras valises. Ele montou numa e eu na outra,

um tanto desajeitado. Percorrendo as ruas da cidade, eu olhava para todas as

janelas e todos os balcões para ver se via Clarimunda; mas era cedo demais e

a cidade ainda não abrira os olhos. Meu olhar tentou mergulhar atrás dos

reposteiros e através das cortinas de todos os palácios diante dos quais

passávamos. Serapião atribuía certamente aquela curiosidade à admiração que

me causava a beleza da arquitetura, pois ele diminuía a marcha de sua

montaria para me dar tempo de olhar. Enfim chegamos à porta da cidade e

começamos a subir a colina. Quando cheguei ao alto, virei-me para ver ainda

uma vez os lugares onde vivia Clarimunda. A sombra de uma nuvem cobria

inteiramente a cidade; seus telhados azuis e vermelhos estavam confundidos

numa meia-tinta geral, na qual flutuavam aqui e ali, como flocos brancos de

espuma, as fumaças da manhã. Por uma singular ilusão de ótica, se desenhava

amarelo e dourado, sob um raio único de luz, um edifício que ultrapassava em

altura as construções vizinhas, completamente afogadas no vapor; embora

estivesse a mais de uma légua, parecia bem próximo. Distinguiam-se seus

mínimos detalhes, as torrinhas, as plataformas, as cruzetas e até mesmo os

cataventos em rabos de galo.

— Mas qual é aquele palácio que vejo lá adiante iluminado por um raio de

sol? — perguntei a Serapião.

Ele pôs a mão acima dos olhos e, tendo olhado, respondeu-me:

— É o antigo palácio que o príncipe Concini deu à cortesã Clarimunda; ali

acontecem coisas pavorosas.

Naquele momento, não sei ainda se foi realidade ou ilusão, imaginei ver

deslizar pelo terraço uma forma esbelta e branca que brilhou por um segundo

e se apagou. Era Clarimunda!

Oh! Saberla ela que naquele momento, do alto daquele árido caminho que

me separava dela e que eu não mais deveria descer, ardente e inquieto, eu

devorava com os olhos o palácio em que ela morava e que um miserável jogo

de luz parecia aproximar de mim, como para me convidar a nele entrar como

senhor? Sem dúvida, ela sabia, pois sua alma estava por demais

calorosamente ligada a minha para que não sentisse dela os mínimos abalos, e

era este sentimento que a havia levado, ainda envolvida em seus véus

noturnos, a subir ao alto do terraço, no orvalho glacial da manhã.

A sombra ganhou o palácio e nada mais houve além de um oceano imóvel

de telhados e agulhas onde só se podia distinguir uma ondulação escarpada.

Serapião tocou sua mula, cujo passo a minha imediatamente igualou, e uma

dobra no caminho roubou-me para sempre a cidade de S***, pois ali eu não

deveria voltar. No fim de três dias de viagem por aldeias bastante tristes,

vimos despontar através das árvores o galo do campanário da igreja onde eu

deveria servir e, depois de ter seguido por algumas ruas tortuosas ladeadas por casinhas e jardins, vimo-nos diante da fachada, que não era de grande

magnificência. Um pórtico ornado com algumas nervuras e duas ou três

colunas grosseiramente entalhadas, um telhado em telhas e contrafortes do

mesmo gênero que as colunas, e era tudo: à esquerda, o cemitério cheio de

mato alto, com uma grande cruz de ferro no meio; à direita e à sombra da

igreja, o presbítero. Era uma casa de extrema simplicidade e de uma limpeza

árida. Entramos; algumas galinhas bicavam na terra alguns raros grãos de

aveia; aparentemente acostumadas ao hábito negro dos eclesiásticos, elas não

se alarmaram com a nossa presença e quase não se afastaram para nos dar

passagem. Um latido alto e rouco se fez ouvir e vimos chegar um velho cão.

Era o cão de meu antecessor. Tinha o olhar terno, o pêlo cinzento e todos os

sintomas da mais adiantada velhice a que possa chegar um cão. Acariciei-o

suavemente e ele imediatamente se pôs a andar a meu lado com um

inexprimível ar de satisfação. Uma mulher bastante idosa e que

havia sido a governanta do antigo pároco veio também ao nosso encontro e, depois de me ter feito entrar numa pequena sala, perguntou-me se minha

intenção era conservá-la. Respondi que a conservaria, ela e o cão, e também

as galinhas e toda a mobília que seu patrão lhe tinha deixado ao morrer, o que a fez entrar num transporte de alegria, tendo o abade Serapião lhe dado de

imediatamente o preço que ela desejava.

Minha instalação feita, o abade Serapião voltou ao seminário. Fiquei então

sozinho e sem outro apoio além de mim mesmo. O pensamento de

Clarimunda voltou a me obcecar e eram inúteis quaisquer esforços que eu

fizesse para afastá-la. Uma noite, passeando pelas aléias ladeadas de arbustos de meu pequeno jardim, pareceu-me ver através das folhagens uma forma de

mulher que seguia todos os meus movimentos, e entre as folhas brilharem as

duas íris verde-mar. Mas era apenas uma ilusão e, tendo passado para o outro

lado da aléia, nada encontrei ali além de uma pegada na areia, tão pequena

que se diria ser do pé de uma criança. O jardim era cercado por muralhas

muito altas; eu visitei todos os cantos e recantos; ninguém estava ali. Nunca

consegui me explicar aquela circunstância que, aliás, nada significava diante

das coisas estranhas que me deveriam acontecer. Eu vivia assim há um ano,

preenchendo com retidão todos os deveres de meu estado, orando, jejuando,

exortando e socorrendo os doentes, fazendo caridade até o ponto de me privar

das mais indispensáveis necessidades. Mas eu sentia dentro de mim uma

aridez extrema, e as fontes da graça me estavam fechadas. Eu não gozava

daquela felicidade que dá o cumprimento de uma santa missão; meus

pensamentos estavam longe dali e as palavras de Clarimunda voltavam-me

com freqüência aos lábios como uma espécie de refrão involuntário. Ah!,

irmão, medite bem sobre isto! Por ter erguido uma só vez o olhar para uma

mulher, por uma falta aparentemente tão leve, padeci por muitos anos dos

mais miseráveis conflitos: minha vida foi para sempre perturbada.

Não o reterei por mais tempo sobre tais derrotas e vitórias interiores sempre

seguidas de recaídas mais profundas, e passarei imediatamente a uma

circunstância decisiva. Uma noite, bateram violentamente a minha porta. A

velha governanta foi abrir e um homem de tez acobreada e ricamente vestido,

mas de acordo com uma moda estrangeira, com um longo punhal, desenhou-

se sob os raios da lanterna de Bárbara. Seu primeiro movimento foi o medo,

mas o homem a tranqüilizou e lhe disse que tinha necessidade de me ver de

imediatamente para um assunto que dizia

respeito a meu ministério. Bárbara o fez subir. Eu estava indo para a cama. O

homem me disse que sua patroa, uma dama importante, estava à beira da

morte e desejava um padre. Respondi que estava pronto para segui-lo; apanhei

o que era preciso para a extrema-unção e desci a toda pressa. À porta,

fremiam de impaciência dois cavalos negros como a noite e que lançavam

sobre si mesmos duas longas nuvens de fumaça. Ele segurou o estribo e me

ajudou a montar num deles, depois saltou sobre o outro, apoiando apenas uma

das mãos sobre a sela. Apertou os joelhos e soltou os arreios de seu cavalo,

que partiu como uma flecha. O meu, cujo freio ele segurava, pôs-se também a

galope e manteve-se em perfeita igualdade. Nós devorávamos o caminho; a

terra corria sob nós cinzenta e listrada e as silhuetas negras das árvores fugiam como um exército derrotado. Atravessamos uma floresta de uma escuridão tão

opaca e glacial que senti me passar sob a pele um arrepio de terror supersticioso. As chamas das faíscas que as ferraduras de nossos cavalos

arrancavam do cascalho deixavam nossa passagem como um rastro de fogo e

se alguém, àquela hora da noite, nos tivesse visto, nos teria tomado por dois

espectros a cavalo sobre o pesadelo. Fogos fátuos atravessavam de quando em

quando o caminho e as gralhas piavam lugubrememente nas profundezas do

bosque, onde brilhavam de longe em longe os olhos fosfóricos de alguns gatos

selvagens. A crina dos cavalos emaranhava-se cada vez mais, o suor corria em

seus flancos e sua respiração saía ruidosa e apressada de suas narinas. Mas,

quando os via vacilar, o cavaleiro soltava um grito gutural que nada tinha de

humano e a corrida recomeçava com fúria. Enfim, cessou o turbilhão; uma

massa negra salpicada de alguns pontos brilhantes ergueu-se subitamente à

nossa frente; os passos de nossas montarias soaram mais ruidosos sobre um

chão de ferro e entramos sob uma abóbada que abria sua bocarra escura entre

duas enormes torres. Uma grande agitação reinava no castelo; empregados

com tochas nas mãos atravessavam os pátios em todas as direções e luzes

subiam e desciam de andar em andar. Percebi confusamente imensas

arquiteturas, colunas, arcadas, escadarias e rampas, um luxo de construção

totalmente régio e feérico. Um pajem negro, o mesmo que me dera o bilhete

de Clarimunda e que reconheci instantaneamente, veio me ajudar a

desmontar, e um mordomo, vestido de veludo negro com uma corrente de

ouro no pescoço e uma bengala de marfim na mão, adiantou-se a minha

frente. Grandes lágrimas transbordavam de seus olhos e corriam ao longo de

seu rosto sobre a barba branca.

— Tarde demais! — fez ele sacudindo a cabeça. — Tarde demais, senhor padre! Mas, se o senhor não conseguiu salvar a alma, venha velar o pobre

corpo.

Ele me tomou pelo braço e me conduziu à sala fúnebre; eu chorava tanto

quanto ele, pois havia compreendido que a morta não era outra senão aquela

Clarimunda tanto e tão loucamente amada. Um genuflexório estava colocado

ao lado do leito; uma chama azulada voluteando sobre um aplique em bronze

lançava por todo o quarto uma luz fraca e duvidosa, e aqui e ali fazia tremular na sombra alguma aresta saliente de móvel ou capitel. Sobre a mesa, numa

uma cinzelada, havia uma rosa branca murcha cujas folhas, exceto uma única

que ainda resistia, estavam todas caídas aos pés do vaso como lágrimas

odorantes; uma máscara negra quebrada, um leque, atavios de todos os tipos

espalhavam-se sobre as poltronas e deixavam claro que a morte chegara

naquela suntuosa morada de improviso e sem se fazer anunciar. Ajoelhei-me

sem ousar lançar os olhos sobre o leito e me pus a recitar os salmos com

grande fervor, agradecendo a Deus por ter colocado o túmulo entre o

pensamento daquela mulher e eu, para que eu pudesse juntar as minhas preces

seu nome agora santificado. Mas pouco a pouco tal disposição arrefeceu e caí

em devaneios. Aquele quarto nada tinha de um quarto de morte. Em lugar do

ar fétido e cadavérico que eu estava habituado a respirar em vigílias fúnebres, uma emanção de essências orientais, não sei que amoroso cheiro de mulher

nadava suavemente no ar aquecido. Aquela luz pálida tinha mais o ar de uma

penumbra criada pela voluptuosidade do que pela lâmpada de reflexo amarelo

que tremula junto aos cadáveres. Eu pensava no singular acaso que me fizera

reencontrar Clarimunda no momento em que eu a perdia para sempre e um

suspiro de pesar escapou de meu peito. Pareceu-me que haviam suspirado

também atrás de mim e voltei-me involuntariamente. Era o eco. Neste movi-

mento, meus olhos caíram sobre o leito que haviam até então evitado. As

cortinas de damasco vermelho com grandes flores, suspensas por cordões

dourados, deixavam ver a morta deitada de costas e com as mãos juntas sobre

o peito. Ela estava coberta por um véu de linho de uma brancura ofuscante,

que o púrpura escuro do dossel fazia sobressair ainda mais, e de tal finura que em nada ocultava a forma encantadora de seu corpo e permitia acompanhar

aquelas belas linhas ondulosas como o pescoço de um cisne que nem mesmo a

morte pudera retesar. Dir-se-ia uma estátua de alabastro feita por algum

escultor habilidoso para

colocar sobre um túmulo de rainha, ou então uma jovem adormecida sobre quem houvesse nevado.

Eu não conseguia mais resistir. Aquele ar de alcova me inebriava, aquele

odor febril de rosa semimurcha subia-me à cabeça e eu caminhava em largos

passos pelo quarto, parando a cada volta diante do estrado para examinar a

graciosa defunta sob a transparência de sua mortalha. Estranhos pensamentos

atravessavam-me o espírito; eu imaginava que ela não estava realmente morta

e que aquilo não era senão um ardil que havia empregado para me atrair ao

castelo e me falar de seu amor. Num dado momento, cheguei a acreditar ter

visto seu pé se mover na brancura dos véus, e desmanchar as pregas retas do

sudário.

E então, eu me dizia: "Será mesmo Clarimunda? Que provas tenho? O

pajem negro não poderia estar a serviço de uma outra mulher? Sou louco de

me desolar e me agitar desta forma." Mas meu coração me respondeu com

uma batida: "É ela mesma, é ela mesma." Aproximei-me do leito e olhei com redobrada atenção o objeto de minha incerteza. Confessarei? Aquela perfeição

de formas, mesmo purificada e santificada pela sombra da morte, perturbava-

me mais voluptuosamente do que deveria, e aquele repouso parecia-se tanto

com um sono que qualquer um poderia se enganar. Eu me esquecia de que

tinha vindo ali para um ofício fúnebre e imaginava que era um jovem esposo

entrando no quarto da noiva que esconde seu rosto por pudor e que não quer

de modo algum se deixar ver. Desolado de dor, perdido de alegria,

estremecendo de receio e de prazer, inclinei-me sobre ela e segurei a ponta do lençol; levantei-o lentamente prendendo a respiração de medo de acordá-la.

Minhas artérias palpitavam com tal força que eu as sentia soprar em minhas

têmporas e minha testa brilhava de suor como se eu tivesse movido uma laje

de mármore. Era realmente Clarimunda, tal como eu a havia visto na igreja na

ocasião de minha ordenação; ela continuava encantadora e nela a morte

parecia um artifício a mais. A palidez de suas faces, o rosa menos vivo de

seus lábios, seus longos cílios abaixados e desenhando sua franja castanha

sobre aquela brancura davam-lhe uma expressão de castidade melancólica e

de sofrimento pensativo de um inexprimível poder de sedução; seus longos

cabelos soltos, onde se encontravam ainda algumas florezinhas azuis, faziam

um travesseiro para sua cabeça e protegiam com seus cachos a nudez de seus

ombros; suas belas mãos, mais puras, mais diáfanas do que hóstias, estavam

cruzadas numa atitude de piedoso repouso e tácita prece que corrigia o que

poderiam ter tido de sedutor demais, mesmo na morte, a deliciosa curva e o brilho de marfim de seus braços nus dos quais não haviam sido tirados os

braceletes de pérolas. Fiquei por muito tempo absorvido naquela

contemplação e, quanto mais a olhava, menos podia crer que a vida houvesse

abandonado para sempre aquele belo corpo. Não sei se foi ilusão ou um

reflexo da luz, mas dir-se-ia que o sangue recomeçava a circular sob aquela

palidez opaca, entretanto ela continuava na mais perfeita imobilidade. Toquei

de leve seu braço; estava frio, mas não mais frio do que sua mão no dia em

que havia roçado a minha sob o pórtico da igreja. Retomei minha posição,

inclinando meu rosto sobre o seu e deixando chover sobre suas faces o tépido

orvalho de minhas lágrimas. Ah! que amargo sentimento de desespero e

impotência! Que agonia aquela vigília! Eu queria poder juntar minha vida

num embrulho para dar a ela e soprar sobre seu corpo gelado a chama que me

devorava. A noite avançava e, sentindo chegar o momento da separação

eterna, não consegui me recusar a triste e suprema doçura de pousar um beijo

sobre os lábios mortos daquela que tivera todo o meu amor. Oh, prodígio!

Uma respiração leve mesclou-se a minha respiração e a boca de Clarimunda

respondeu à pressão da minha: seus olhos se abriram e retomaram um pouco

de brilho, ela deu um suspiro e, descruzando os braços, passou-os pelo meu

pescoço com um inefável ar de enlevo.

— Ah! é você. Romualdo! — disse ela com uma voz lânguida e suave

como as últimas vibrações de uma harpa. — O que você está fazendo?

Esperei por você tanto tempo que morri, mas agora estamos noivos, eu

poderei vê-lo e ir a sua casa. Adeus. Romualdo, adeus! Amo você, é tudo o

que eu queria dizer, e te entrego a vida que você fez recordar em mim por um

minuto com o seu beijo. Até breve.

Sua cabeça caiu para trás, mas ela continuava a me envolver o pescoço com

seus braços, como para me reter. Um turbilhão de vento furioso escancarou a

janela e entrou no quarto; a última folha da rosa branca palpitou por algum

tempo como uma asa no alto da haste, depois se soltou e voou pela janela

aberta, levando consigo a alma de Clarimunda. A luz se apagou e eu caí

desmaiado sobre o colo da bela morta.

Quando voltei a mim, estava deitado em minha cama, em meu quartinho de

presbítero, e o velho cão do antigo pároco lambia minha mão esticada fora das

cobertas. Bárbara agitava-se pelo quarto com um tremor senil, abrindo e

fechando gavetas, ou mexendo pós em vidros. Vendo-me abrir os olhos, a

velha deu um grito de alegria, o cão latiu e

sacudiu o rabo; mas eu estava tão fraco que não consegui pronunciar uma única palavra nem fazer movimento algum. Soube depois que havia passado

três dias assim, não dando qualquer sinal de vida além de uma respiração

quase imperceptível. Aqueles três dias não contam na minha vida e não sei

onde foi o meu espírito durante todo aquele tempo; não guardei lembrança

alguma. Bárbara contou-me que o mesmo homem de tez acobreada, que viera

me buscar durante a noite, trouxera-me pela manhã numa liteira fechada e se

fora imediatamente. Assim que pude juntar minhas idéias, repassei para mim

mesmo todas as circunstâncias daquela noite fatal. Primeiro, pensei que tinha

sido vítima de uma ilusão mágica; mas circunstâncias reais e palpáveis logo

destruíram essa suposição. Eu não podia acreditar que houvesse sonhado, uma

vez que Bárbara vira, como eu, o homem dos dois cavalos negros e cujas

roupas e aparência ela descrevia com exatidão. Entretanto, ninguém conhecia

nos arredores um castelo ao qual se aplicasse a descrição do castelo em que eu havia encontrado Clarimunda.

Uma manhã, vi entrar o abade Serapião. Bárbara lhe havia mandado dizer

que eu estava doente e ele acorrera a toda pressa. Embora tal pressa

demonstrasse afeto e interesse por minha pessoa, sua visita não me deu o

prazer que deveria ter dado. O abade Serapião tinha no olhar alguma coisa

penetrante e inquisidora que me aborrecia. Eu me sentia embaraçado e

culpado diante dele. Ele fora o primeiro a descobrir minha perturbação

interior e eu o detestava por sua clarividência.

Pedindo-me notícias de minha saúde num tom hipocritamente meloso, ele

fixava em mim suas duas pupilas amarelas de leão e mergulhava como uma

sonda seus olhares em minha alma. Depois, fez-me algumas perguntas sobre a

maneira como eu conduzia minha paróquia, se estava gostando, em que eu

ocupava o tempo que meu ministério me deixava livre, se eu fizera amizades

entre os habitantes locais, quais eram minhas leituras favoritas e mil outros

detalhes semelhantes. Eu respondia a tudo aquilo o mais brevemente possível,

e ele, sem esperar que eu acabasse, passava a outra coisa. Aquela conversa

não tinha evidentemente qualquer relação com o que ele desejava dizer.

Então, sem preparação alguma, e como uma notícia da qual ele se lembrava

naquele instante e que tivesse medo de esquecer depois, disse-me com voz

clara e vibrante que ressoou em meus ouvidos como as trombetas do juízo

final:

— A grande cortesã Clarimunda morreu há pouco tempo, depois de uma

orgia que durou oito dias e oito noites. Foi algo infernalmente

esplêndido. Renovaram-se as abominações dos festins de Balthazar e de Cleópatra. Em que século vivemos, meu bom Deus?! Os convivas eram

servidos por escravos bronzeados falando uma língua desconhecida e que me

pareceram verdadeiros demônios; a libré do mais humilde deles poderia ter

servido de vestimenta de gala a um imperador. Sempre correram sobre essa

Clarimunda histórias muito estranhas, e todos os seus amantes terminaram de

forma miserável ou violenta. Disseram que era uma vampiresa, um vampiro

mulher, mas para mim era Belzebu em pessoa.

Ele se calou e observou-me mais atentamente do que nunca, para ver o

efeito que suas palavras haviam produzido em mim. Eu não conseguira

impedir um movimento ao ouvir o nome de Clarimunda, e a notícia de sua

morte, além da dor que me causava por sua estranha coincidência com a cena

noturna da qual eu fora testemunha, atirou-me numa perturbação e num pavor

que apareceram em meu rosto, por mais que eu tentasse me dominar. Serapião

me lançou um olhar inquieto e severo, depois me disse:

— Meu filho, devo adverti-lo, você está com o pé erguido sobre um

abismo, tome cuidado para não cair. Satã tem a garra longa e os túmulos nem

sempre são fiéis. A pedra de Clarimunda deveria estar selada por um triplo

selo; pois, segundo dizem, não é a primeira vez que ela morre. Que Deus vele

por você. Romualdo!

Após ter dito estas palavras. Serapião ganhou a porta a passos lentos e não

mais o revê, pois ele partiu para S*** quase imediatamente.

Eu estava totalmente restabelecido e havia retomado minhas funções

habituais. A lembrança de Clarimunda e as palavras do velho abade con-

tinuavam presentes em meu espírito; entretanto, nenhum acontecimento

extraordinário viera confirmar as previsões fúnebres de Serapião e eu

começava a crer que meus receios e meus terrores eram exagerados demais.

Mas, uma noite, eu tive um sonho. Eu havia bebido apenas os primeiros goles

do sono quando ouvi abrirem-se as cortinas de minha cama e correrem os

anéis pelos trilhos com um ruído estrondoso; ergui-me bruscamente sobre os

cotovelos e vi uma sombra de mulher que estava de pé a minha frente.

Reconheci imediatamente Clarimunda. Ela trazia nas mãos uma pequena

lâmparina com a forma daquelas que se colocam sobre os túmulos, cuja

claridade dava a seus dedos afilados uma transparência rosada que se

prolongava por uma degradação insensível até a brancura opaca e leitosa de

seu braço nu. Trazia, como veste, apenas o sudário de linho que a recobria em

seu leito de morte, cujas pregas

sobre o peito ela segurava, como se envergonhada de estar tão pouco vestida, mas sua mãozinha não bastava, ela era tão branca que a cor do lençol se

confundia com a das carnes sob o pálido raio da lamparina. Envolta naquele

fino tecido que traía todos os contornos de seu corpo, ela parecia mais uma

antiga estátua de mármore de mulher no banho do que uma mulher dotada de

vida. Morta ou viva, estátua ou mulher, sombra ou corpo, sua beleza

continuava a mesma; apenas o brilho verde de suas pupilas estava um pouco

amortecido e sua boca, antes tão vermelha, não tinha senão um cor-de-rosa

fraco e suave, quase igual ao de suas faces. As pequenas flores azuis que eu

vira em seus cabelos estavam completamente secas e tinham perdido quase

todas as suas folhas; o que não a impedia de estar encantadora,
tão

encantadora que, apesar da singularidade da aventura e da
maneira

inexplicável como ela entrara em meu quarto, não tive um só
instante de

medo.

Ela colocou a lamparina sobre a mesa e sentou-se aos pés da
minha cama,

então me disse, inclinando-se na minha direção, com aquela voz ao
mesmo

tempo argentina e aveludada que só conheci nela:

— Eu me fiz esperar muito, meu caro Romualdo, e você deve ter

acreditado que eu me esquecera de você. Mas venho de muito
longe e de um

lugar de onde ninguém ainda voltou: não há lua nem sol no país de
onde

chego; nada além de espaço e escuridão; nem caminho, nem
senda; nenhuma

terra para o pé, nenhum ar para a asa; e, no entanto, eis-me aqui,
pois o amor é mais forte do que a morte e acabará por vencê-la.
Ah!, quantas faces

inexpressivas e coisas terríveis vi em minha viagem! Quanta dor
minha alma,

de volta a este mundo pelo poder da vontade, teve para reencontrar seu corpo

e nele se reinstalar! Quantos esforços tive de fazer antes de erguer a laje com que me cobriram! Veja! A parte de dentro de minhas pobres mãos está toda

machucada. Beije-as para curá-las, meu querido amor!

Ela colocou uma após a outra as palmas frias de suas mãos sobre a boca e

eu realmente as beijei várias vezes. E ela me olhava fazê-lo com um sorriso

de inefável benevolência.

Confesso envergonhado, eu havia completamente esquecido os avisos do

abade Serapião e a posição da qual estava revestido. Caí sem resistência e na

primeira investida. Nem mesmo tentara afastar o tentador; o frescor da pele de Clarimunda penetrava a minha e eu sentia voluptuosos arrepios me

percorrerem o corpo. Pobre criança! Apesar de tudo o que vira, eu ainda

custava a acreditar que fosse um demônio;

pelo menos ela não tinha a aparência de um e nunca Satã escondeu melhor suas garras e seus chifres. Ela tinha dobrado os joelhos e estava de cócoras

sobre a borda da cama, numa posição cheia de lânguida sedução. De tempos

em tempos, passava sua mãozinha pelos meus cabelos e os enrolava em

cachos como para experimentar novos penteados em meu rosto. Eu me

entregava com o mais culpado abandono e ela acompanhava tudo aquilo com

o mais encantador murmúrio. Coisa impressionante é que eu não sentia

espanto algum com uma aventura tão extraordinária e, com a facilidade que se

tem na visão de admitir como muito simples os acontecimentos mais

estranhos, eu nada via ali que não fosse perfeitamente natural.

— Eu amava você muito antes de tê-lo visto, querido Romualdo, e eu

procurava por você em toda parte. Você era meu sonho e vi você na igreja no

momento fatal; imediatamente, eu disse: "É ele!" Lancei um olhar onde coloquei todo o amor que eu sentira, que sentia e que devia ter por você, um

olhar para condenar um cardeal, para fazer ajoelhar-se a meus pés um rei

diante de toda a sua corte. Você ficou impassível e preferiu o seu Deus.

"Ah! como sinto ciúmes de Deus, que você amou e ama ainda mais do que

a mim! Infeliz! Como sou infeliz! Jamais terei seu coração somente para mim,

para mim que você ressuscitou com um beijo. Clarimunda, a morta, que força

por sua causa as portas do túmulo e vem dedicar a você uma vida que ela só

retomou para fazê-lo feliz!"

Todas essas palavras eram entrecortadas por carícias delirantes que entorpeciam meus sentidos e minha razão a tal ponto que de nada receei ao

proferir uma terrível blasfêmia e dizer-lhe que a amava tanto quanto a Deus.

Suas pupilas se reavivaram e brilharam como crisóprastos.

— Bom! Muito bom! Tanto quanto a Deus! — disse ela enlaçando-me em seus

belos braços. — E já que é assim, você virá comigo, você me seguirá para onde eu quiser. Deixará suas feias roupas pretas. Será o mais orgulhoso e o mais invejado dos cavalheiros, será meu amante. Ser o amante declarado de Clarimunda, que recusou um papa, isso é lindo! Ah! A vida é boa e muito feliz, a bela existência dourada que levaremos! Quando partimos, meu gentil-homem?

— Amanhã! Amanhã! — exclamei em meu delírio.

— Que seja amanhã! — continuou ela. — Terei tempo para mudar de

roupa, pois esta aqui é um pouco sucinta e não serve de nada para a

viagem. É preciso também que eu vá prevenir minha gente, que acha que estou seriamente morta e que se lastima o quanto pode. O dinheiro, as roupas,

os carros, tudo estará pronto, virei apanhá-lo nesta mesma hora. Adeus, meu

coração.

E ela roçou minha testa com a ponta de seus lábios. A lamparina se apagou, as cortinas se fecharam e nada mais vi; um sono de chumbo, um sono

sem sonhos caiu sobre mim e me manteve inerte até a manhã seguinte.

Despertei mais tarde do que de costume e a lembrança daquela visão singular

agitou-me durante todo o dia; acabei convencendo-me de que se tratava de

puro vapor de minha imaginação inflamada. Entretanto, as sensações haviam

sido tão vivas que era difícil acreditar que não fossem reais e não foi sem

alguma apreensão com o que me iria acontecer que fui para a cama, depois de

ter pedido a Deus que afastasse de mim os maus pensamentos e que

protegesse a castidade de meu sono.

Logo adormeci profundamente e meu sonho continuou. As cortinas se

afastaram e vi Clarimunda, não como da primeira vez, pálida em seu pálido

sudário e com as violetas da morte nas faces, mas alegre, adorável e elegante, com uma esplêndida roupa de viagem em veludo verde enfeitado com cordões

de ouro e repuxado do lado para deixar ver uma saia de cetim. Seus cabelos

louros escapavam em cachos grossos de um grande chapéu de feltro preto

com plumas brancas caprichosamente contornadas; trazia na mão um pequeno

bastão que se terminava por um apito de ouro. Ela me tocou levemente e

disse:

— Muito bem! Belo adormecido! É assim que faz seus preparativos?

Esperava encontrá-lo de pé. Levante-se bem depressa, não temos tempo a

perder.

Dei um pulo da cama.

— Vamos, vista-se e partamos — disse ela apontando para um pequeno

embrulho que havia trazido. — Os cavalos se aborrecem e roem os freios lá

fora. Já deveríamos estar a dez léguas daqui.

Vesti-me apressadamente e ela mesma me passava as peças de roupa,

rindo às gargalhadas de minha falta de jeito e indicando-me seu uso quando

eu me enganava. Ela deu um jeito em meus cabelos e, quando estava pronto,

me estendeu um espelhinho de bolso em cristal de Veneza bordado com uma

filigrana de prata e me disse:

— Como se acha? Quer me dar emprego como seu criado de quarto? Eu

não era mais o mesmo e não me reconheci. Não me parecia comigo mais do

que uma estátua terminada se parece com um bloco de

pedra. Minha antiga aparência tinha o ar de não ser senão um esboço grosseiro daquela que o espelho refletia. Eu era belo e minha vaidade foi

sensivelmente afagada por aquela metamorfose. As roupas elegantes, aquela

rica veste bordada, faziam de mim um personagem completamente diferente,

e eu admirava o poder de algumas tiras de tecido cortadas de determinada

maneira. O espírito de minha roupa me penetrava a pele e, depois de dez

minutos, eu estava razoavelmente confiante.

Dei algumas voltas pelo quarto para me sentir à vontade. Clarimunda me

olhava com um ar de benevolência maternal e parecia muito contente de sua

obra.

— Agora, muito bem, chega de brincadeiras. A caminho, meu querido

Romualdo! Vamos para longe e não chegaremos!

Tomou-me pela mão e me levou. Todas as portas se abriam diante dela

assim que ela as tocava e passamos pelo cão sem acordá-lo.

À porta encontramos Margueritone, o cocheiro que já me havia guiado; ele

segurava as rédeas de três cavalos negros como os primeiros, um para mim,

um para ele, um para Clarimunda. Aqueles cavalos tinham que ser crias da

Espanha, nascidos de jumentos fecundados pelo zéfiro, pois seguiam tão

rápido quanto o vento, e a lua, que se levantara à nossa partida para nos

iluminar, rolava no céu como uma roda solta de sua carruagem, nós a víamos

à nossa direita saltar de árvore em árvore e perder o fôlego para correr atrás de nós. Logo chegamos numa planície onde, junto a um grupo de árvores, nos

esperava um carro atrelado a quatro vigorosos animais; subimos nele e os

cocheiros fizeram-nos adotar um galope insensato. Eu tinha um braço passado

pela cintura de Clarimunda e uma de suas mãos dentro da minha; ela apoiava

a cabeça em meu ombro e eu sentia sua garganta seminua roçar meu braço. Eu

nunca sentira uma felicidade tão intensa. Esquecera tudo naquele momento e

me lembrava tanto de ter sido padre quanto do que havia feito no seio de

minha mãe, tão grande era o fascínio que o espírito astuto exercia sobre mim.

A partir daquela noite, minha natureza de alguma forma se desdobrou e houve

em mim dois homens, um não conhecendo o outro. Às vezes, eu me achava

um pároco que sonhava todas as noites que era um gentil-homem. Às vezes,

um gentil-homem que sonhava que era pároco. Não conseguia mais distinguir

o sono da vigília e não sabia onde começava a realidade e onde terminava a

ilusão. O jovem senhor seguro de si e libertino zombava do padre, o padre

detestava a libertinagem do jovem senhor. Duas espirais enrodilhadas uma na

outra e

confundidas sem jamais se tocar representam bem a vida bicéfala que foi a minha. Apesar da estranheza da posição, não creio ter por um só instante

beirado a loucura. Sempre conservei claras as percepções de minhas duas

existências. Havia, porém, um fato absurdo que eu não conseguia explicar:

que o sentimento do mesmo eu existisse em dois homens tão diferentes. Era

uma anomalia da qual não me dava conta, acreditasse eu ser o pároco da

pequena aldeia de * * * ou o signor Romualdo, amante oficial de Clarimunda.

Freqüentemente eu estava, ou pelo menos acreditava estar, em Veneza;

ainda não consegui desenredar o que havia de ilusão e de realidade naquela

estranha aventura. Vivíamos num grande palácio de mármore às margens do

Canaleio², cheio de afrescos e estátuas, com dois Ticianos³ da melhor fase no quarto de dormir de Clarimunda, um palácio digno de um rei. Cada um de nós

tinha sua gôndola e barcarolas pessoais, nossa sala de música e nosso poeta.

Clarimunda apreciava a vida com grandes pompas e tinha algo de Cleópatra

em sua maneira de ser. Quanto a mim, vivia como um filho de príncipe e me

exibia como se tivesse sido da família de um dos 12 apóstolos ou dos quatro

evangelistas da república sereníssima; não me desviaria de meu caminho nem

para deixar passar o doge e não creio que, desde que Satã caiu do céu, alguém

tenha sido mais orgulhoso e mais insolente do que eu. Ia ao Cassino Ridotto e

fazia apostas diabólicas. Convivia com a melhor sociedade do mundo, filhos

de famílias arruinadas, mulheres de teatro, escroques, parasitas e assassinos.

Entretanto, apesar da dissipação daquela vida, eu era fiel à Clarimunda.

Amava-a perdidamente. Ela teria reanimado a própria sociedade e imobilizado

a inconstância. Ter Clarimunda era ter vinte amantes, era ter todas as mu-

lheres, tanto ela era mutável, cambiante e diferente dela mesma, um ver-

dadeiro camaleão! Ela fazia você cometer com ela a infidelidade que teria

cometido com outras, adotando por completo o jeito, a postura e o tipo de

beleza da mulher que parecia agradá-lo. Devolvia-me centuplicado o meu

amor e foi em vão que os jovens aristocratas e mesmo os velhos do Conselho

dos Dez lhe fizeram as mais magníficas propostas. Um Foscari chegou até a

propor-lhe casamento, ela recusou tudo. Ela tinha ouro suficiente; nada queria além do amor, um amor jovem, puro, despertado

2 O canal principal de Veneza, chamado Canal Grande. (N.T.)

3 Ticiano, ou Tiziano Vecellio (1488?-1576), renascentista italiano, considerado o mais importante pintor da escola veneziana. (N.T.)

por ela e que deveria ser o primeiro e o último. Eu teria sido perfeitamente feliz sem um maldito pesadelo que voltava todas as noites e no qual eu me

imaginava um pároco de aldeia mortificando-se e fazendo penitência por

meus excessos do dia. Tranqüilizado pelo hábito de estar com ela, quase não

pensava mais na forma estranha pela qual conhecera Clarimunda. Entretanto,

o que me havia dito o abade Serapião voltava-me às vezes à memória e não

deixava de me causar inquietude.

Há algum tempo a saúde de Clarimunda não era tão boa, suas cores

esmaeciam dia a dia. Os médicos que foram trazidos nada compreendiam de

sua doença e não sabiam o que fazer. Prescreveram alguns remédios

insignificantes e não voltaram. Entretanto, ela empalidecia a olhos vistos e

ficava cada vez mais fria. Estava quase tão branca e tão morta quanto na

famosa noite do castelo desconhecido. Eu me desolava ao vê-la desfalecer

lentamente daquela forma. Ela, emocionada com a minha dor, sorria-me doce

e tristemente com o sorriso fatal das pessoas que sabem que vão morrer.

Uma manhã, eu estava sentado junto a seu leito e almoçava sobre uma

mesinha para não abandoná-la um minuto. Ao cortar uma fruta, dei por acaso

um corte bastante profundo no dedo. O sangue imediatamente jorrou em

filetes purpúreos e algumas gotas respingaram em Clarimunda. Seus olhos se

iluminaram, sua fisionomia assumiu uma expressão de alegria feroz e

selvagem que eu nunca havia visto nela. Pulou da cama com uma agilidade

animal, uma agilidade de macaco ou de gato e precipitou-se sobre meu

ferimento, que começou a chupar com ar de indescritível volúpia. Engolia o

sangue em pequenos goles, lenta e preciosamente, como um *gourmet* que saboreia um vinho de Xerez ou de Siracusa; semicerrava os olhos e a pupila

de seus olhos verdes tornara-se alongada em vez de redonda. De vez em

quando, se interrompia para me beijar a mão, depois recomeçava a apertar

com seus lábios os lábios da ferida para fazer saírem ainda algumas gotas

vermelhas. Quando viu que o sangue não vinha mais, levantou-se, os olhos

úmidos e brilhantes, mais rosada que uma aurora de maio, o rosto cheio, a

mão morna e suada, enfim, mais bela do que nunca e em perfeito estado de

saúde.

— Não morrerei! Não morrerei! — disse ela meio louca de alegria e pendurando-se em meu pescoço. — Poderei amá-lo por muito tempo ainda.

Minha vida está na sua e tudo o que há em mim vem de você. Algumas gotas

do seu rico e nobre sangue, mais precioso e mais eficaz do que todos os

elixires do mundo, me devolveram a vida.

Aquela cena me preocupou por muito tempo e inspirou-me estranhas dúvidas em relação a Clarimunda, e, naquela mesma noite, quando o sono me levou de

volta a meu presbítero, encontrei o abade Serapião mais grave e mais

preocupado do que nunca. Olhou-me atentamente e disse:

— Não contente de perder sua alma, você quer ainda perder seu corpo.

Rapaz desafortunado, em que armadilha você caiu!

O tom no qual ele me disse aquelas poucas palavras atingiu-me forte-

mente, mas, apesar de sua força, a impressão foi logo dissipada e mil outras

preocupações a apagaram de meu espírito. Entretanto, uma noite, vi em meu

espelho, cuja pérfida posição ela não havia calculado. Clarimunda

derramando um pó na taça de vinho com especiarias que ela costumava

preparar depois do jantar. Peguei a taça, fingi levá-la aos lábios e coloquei-a sobre algum móvel, como para terminá-la mais tarde à vontade e,

aproveitando um instante em que a bela estava de costas, joguei o conteúdo

sob a mesa, após o que me retirei para meu quarto e me deitei, bem

determinado a não dormir e a ver no que daria tudo aquilo. Não esperei muito;

Clarimunda entrou de camisola e, livrando-se de seus véus, deitou-se na cama

a meu lado. Quando teve certeza de que eu dormia, descobriu meu braço e

tirou dos cabelos um alfinete de ouro; começou então a murmurar em voz

baixa.

— Uma gota, só uma gotinha vermelha, um rubi na ponta de minha
agulha!... Como você ainda me ama, não devo morrer... Ah! Pobre
amor! Vou

beber seu belo sangue de cor púrpura tão brilhante. Dorme, meu
único bem,

dorme, meu deus, meu filho, não farei mal a você, não tomarei de
sua vida

senão o que será preciso para não deixar que se apague a minha.
Se eu não

amasse tanto você, poderia resolver ter outros amantes dos quais
esgotaria as

veias; mas, desde que conheço você, tenho horror a todo mundo...
Ah! Que

belo braço! Como é roliço! Como é branco! Não ousarei jamais picar
esta

linda veia azul.

E ao dizer isto, ela chorava e eu sentia suas lágrimas caírem sobre
meu

braço que ela mantinha entre as mãos. Enfim, decidiu-se, me picou
de leve

com sua agulha e começou a bombear o sangue que escorria. Ainda
que só

tivesse bebido algumas gotas, tomada pelo medo de me esgotar,
envolveu-me

cuidadosamente o braço com uma pequena atadura, depois de ter esfregado a

ferida com um unguento que a cicatrizou de imediato.

Eu não podia mais ter dúvidas, o abade Serapião tinha razão. Entretanto,

apesar daquela certeza, não conseguia me impedir de amar

Clarimunda e lhe teria dado de bom grado todo o sangue do qual ela precisava para manter sua existência fictícia. Aliás, eu não tinha muito medo, a mulher

valia o vampiro e o que eu tinha visto e ouvido me tranqüilizava por completo; eu tinha na época veias abundantes que não seriam tão cedo

esgotadas e não barganhava minha vida gota a gota. Eu mesmo me teria

aberto o braço e lhe teria dito:

— Bebe! E que meu amor se infiltre em seu corpo com meu sangue!

Eu evitava fazer qualquer alusão ao narcótico que ela me servira e à cena

da agulha e nós vivíamos no mais perfeito acordo. Meus escrúpulos de padre,

contudo, atormentavam-me mais do que nunca e eu não sabia que nova

maceração inventar para castigar e mortificar minha carne. Ainda que todas

aquelas visões fossem involuntárias e eu nada fizesse para delas participar,

não ousava tocar o Cristo com mãos tão impuras e um espírito contaminado

por semelhantes libertinagens, reais ou sonhadas. Para evitar cair naquelas

cansativas alucinações, eu tentava me impedir de dormir, mantinha minhas

pálpebras abertas com os dedos e ficava de pé contra as paredes, lutando

contra o sono com todas as minhas forças; mas a areia do entorpecimento logo

me escorria pelos olhos e, vendo que toda luta seria inútil, eu deixava caírem os braços de desânimo e da exaustão e a corrente me arrastava de volta às

pérfidas margens. Serapião me fazia as mais veementes exortações e

censurava duramente minha fraqueza e pouco fervor. Um dia em que eu

estivera mais agitado do que de costume, ele me disse:

— Para livrá-lo dessa obsessão, só existe um meio e, ainda que seja

extremo, é preciso fazer uso dele: para os grandes males, grandes remédios.

Eu sei onde Clarimunda foi enterrada; é preciso que nós a desenterremos e

que você veja em que estado lamentável está o objeto de seu amor; você não

será mais tentado a perder sua alma por um cadáver imundo devorado pelos

vermes e prestes a virar pó; isto, sem dúvida, fará com que você volte a si.

Quanto a mim, estava tão cansado daquela vida dupla, que aceitei:

querendo saber, de uma vez por todas, quem, se o padre ou o gentil-homem,

era vítima de uma ilusão, eu estava decidido a matar em benefício de um ou

de outro, um dos dois homens que havia em mim, ou a matar ambos, pois uma

vida semelhante não poderia durar. O abade Serapião munuiu-se de uma

picareta, uma alavanca e um lampião e, à meia-noite, nos dirigimos ao

cemitério de ***, do qual ele conhecia perfeitamente as jazidas e a disposição.

Após dirigir a luz fraca do

lâmpião para as inscrições de vários túmulos, chegamos enfim a uma pedra semi-oculta pelo mato e devorada pelo musgo e pelas ervas daninhas, na qual

deciframos este começo de inscrição:

Aqui jaz clarimunda

Que foi em sua vida

A mais bela do mundo.

— É aqui mesmo — disse Serapião.

E, deixando no chão seu lampião, introduziu a alavanca no interstício da

pedra e começou a erguê-la. A pedra cedeu e ele começou a trabalhar com a

picareta. Eu o olhava agir, mais sombrio e mais silencioso do que a própria

noite; quanto a ele, curvado sobre sua obra fúnebre, brilhava de suor, ofegava e sua respiração apressada tinha o som de um estertor de moribundo. Era um

espetáculo estranho e quem nos tivesse visto de fora nos teria tomado por

profanadores e ladrões de sudários, e não por sacerdotes de Deus. O zelo de

Serapião tinha algo de duro e selvagem que o fazia parecer mais um demônio

do que um apóstolo ou anjo, e seu rosto de grandes traços austeros e

profundamente marcados pela luz do lampião nada tinha de tranqüilizador. Eu

sentia brotar em meus membros um suor glacial e meus cabelos se arrepiavam

dolorosamente sobre a cabeça; no fundo de mim mesmo, eu via a
atitude do

severo Serapião como um abominável sacrilégio e queria que, do
flanco das

escuras nuvens que rolavam pesadamente acima de nós, saísse um
triângulo

de fogo que o reduzisse a pó. As corujas empoleiradas sobre os
ciprestes,

inquietais com o brilho do lampião, vinham chicotear surdamente o
vidro com

suas asas empoeiradas, lançando gemidos tristonhos; as raposas
uivavam ao

longe e mil ruídos sinistros sobressaíam do silêncio. Enfim a
picareta de

Serapião atingiu o caixão, cujas tábuas ressoaram com um barulho
surdo e

sonoro, com aquele terrível barulho que faz o nada quando é
tocado; ele tirou

a tampa e vi Clarimunda pálida como um mármore, as mãos
cruzadas; seu

branco sudário fazendo uma única dobra de sua cabeça a seus pés.
Uma

gotinha vermelha brilhava como uma rosa no canto de sua boca
sem cor.

Serapião, diante dessa visão, enfureceu-se:

— Ah! Eis você, demônio, cortesã impudica, bebedora de sangue e de

ouro.

E aspergiu com água benta o corpo e o caixão sobre o qual traçou a forma

de uma cruz com seu aspersório. A pobre Clarimunda nem

chefiara a ser tocada pelo santo orvalho quando seu belo corpo desfez-se em poeira; nada mais havia senão uma mistura horrivelmente disforme de cinzas

e ossos semicalcinados.

— Eis sua amante, senhor Romualdo! — disse o inexorável padre

apontando-me aqueles tristes restos. — Ainda estará tentado a ir passear no

Lido e em Fusine com sua beldade?

Baixei a cabeça; uma grande ruína acabava de se criar dentro de mim.

Voltei para o meu presbitério, e o senhor Romualdo, amante de Clarimunda,

separou-se do pobre pároco, para quem fora, durante tanto tempo, uma

estranha companhia. Apenas na noite seguinte vi Clarimunda. Ela me disse,

como na primeira vez sob o pórtico da igreja:

— Infeliz! Infeliz! O que você fez? Por que deu ouvidos àquele padre

imbecil? Você não era feliz? E o que eu fiz a você, para que violasse
minha

pobre tumba e desnudasse as misérias de meu vazio? Qualquer
comunicação

entre nossas almas e nossos corpos está rompida desde então.
Adeus, você

sentirá falta de mim.

Ela se dissipou no ar como uma fumaça, e não mais a revi.

Infelizmente! Ela disse a verdade: senti falta dela mais de uma vez
e ainda

sinto. A paz de minha alma foi comprada a um preço muito alto; o
amor de

Deus não era suficiente para substituir o dela. Eis aí, irmão, a
história de

minha juventude. Jamais olhe para uma mulher e ande sempre com
os olhos

fixos no chão, pois, por mais casto e mais calmo que você seja,
basta um

minuto para fazê-lo perder a eternidade.

Tradução de Celina Portocarrero

Heinrich Heine

*E os deuses gregos foram para o exílio, por conta do Cristianismo
em movi-*

mento para impor seu Deus único... É este momento histórico (envolvido nas brumas da Idade Média) que este conto fantástico capta e nos revela.

Heinrich Heine (1797-1856), talvez o melhor poeta lírico alemão, depois de Goethe, também foi um grande prosador; como ficcionista, jornalista e

ensaísta. Saiba por quê.

Deuses no exílio

O QUE PRETENDO É CONTAR A METAMORFOSE que os deuses gregos e romanos

sofreram, transformando-se em demônios, quando o cristianismo assumiu o

poder universal. A superstição do povo atribui a esses deuses uma real

existência, no entanto amaldiçoada, combinando neste ponto com os

ensinamentos da Igreja que, como os filósofos, os consideram mitos, falsas

invenções, erros, mas os admite como manifestações do Mal, despojados de

todo poder pela vitória de Cristo e reduzidos que foram a miseráveis

existências na obscuridade de templos em ruínas ou grutas encantadas.

Manifestações que, por sua sensualidade e beleza, mais ainda quando através

da dança e do canto, levam à apostasia cristãos vacilantes que se perdem na

floresta...

Ao leitor, lembrarei que as atribuições dos deuses antigos, na ocasião em

que o Cristianismo obteve sua vitória final — isto é, no século III —

revelaram impressionante analogia com os derradeiros acontecimentos de

suas vidas, enquanto poderosos. Encontraram-se nessa altura na mesma

situação de desespero dos tempos antigos, da época revolucionária em que os

Titãs escaparam da reclusão em Orcus, e, através de Pelion e Ossa,

conseguiram subir ao Olimpo. Os pobres deuses foram então obrigados a

fugir vergonhosamente, escondendo-se na Terra, sob os mais variados

disfarces. Muitos deles seguiram para o Egito onde, para sua maior segurança

e como é aliás bastante sabido, assumiram formas de animais.

Do mesmo modo, quando o verdadeiro Senhor do Universo alçou às

alturas celestiais a bandeira da Cruz, e os iconoclastas e fanáticos monges

passaram a rechaçar os deuses a fogo e ferro e através de maldições,

arrasando seus templos, as infelizes divindades foram outra vez compelidas a fugir. Trataram então de se salvaguardar sob diversas aparências, nos mais

recônditos esconderijos.

A maioria desses pobres refugiados, desprovidos de abrigos e da divina

ambrosia, teve necessidade de procurar trabalho para viver. Em tais

circunstâncias, muitos deles, cujos túmulos haviam sido confiscados,

tornaram-se lenhadores ou operários na Alemanha, obrigados a beber cerveja

em vez de néctar. Dizem que Apolo ficou reduzido a situação tão precária que

se viu na contingência de aceitar um emprego de tratador de animais. Em

outros tempos, ele cuidara das vacas de Admetus; seria agora pastor na

Áustria. No entanto, despertou suspeita devido à delicadeza de seu canto. Ao

ser reconhecido por um culto monge como um deus mágico da Antiguidade,

foi entregue às cortes eclesiásticas e, sob tortura, confessou ser Apolo. Antes de ser executado, pediu que lhe deixassem tocar citara e acompanhá-la com

seu canto. Tocou de forma tão emocionada e encantadora, e tinha o rosto tão

belo, que as mulheres choraram e muitas delas acabaram adoecendo logo

depois. Passado um tempo, sob a impressão que aquilo fora feitiço de

vampiro, decidiram remover seu corpo da sepultura e queimá-lo preso a um

poste. Achavam que este seria um remédio infalível para as mulheres

adoecidas. No entanto, o túmulo foi encontrado vazio.

Pouco tenho a relatar a respeito do destino de Marte, antigo deus da

guerra. Estou inclinado a acreditar que ele, durante os tempos feudais, se

aproveitou da doutrina predominante, o que talvez lhe tenha sido de muita

utilidade. Lank Schimmelpenning, sobrinho do carrasco de Munique, teria

encontrado Marte em Bolonha e com ele conversado. Pouco antes, ele servira

de pastor a Froundsberg e teria presenciado o saque de Roma. Sua mente deve

ter se enchido de amargos pensamentos ao ver sua cidade favorita e os

templos, onde ele e seus irmãos tanto haviam sido reverenciados, agora

horrivelmente destruídos.

Melhor destino que Marte ou Apolo teve Baco. A lenda nos conta o seguinte:

Existem imensos lagos no Tirol, circundados por árvores que se refletem

em suas águas azuladas. O murmúrio das águas e das árvores provoca

estranhas sensações a quem anda pelas redondezas. Numa das margens de um

determinado lago, situava-se a cabana de um pescador que vivia da pesca e do

transporte de viajantes que precisassem passar para a outra margem. Ele

possuía um grande barco, preso ao tronco de

uma velha árvore, não muito distante de sua casa. Era ali que vivia em paz.

Um dia, por volta do equinócio do outono, perto da meia-noite, ele escutou

uma batida à janela. Abriu a porta e viu três monges com as cabeças

encapuzadas e parecendo bastante inquietos. Apressadamente, um deles

pediu-lhe o uso do barco, prometendo devolvê-lo em poucas horas. Eram três

os monges; o pescador não podia negar o empréstimo. Soltou o barco e voltou

para a cabana assim que eles entraram na embarcação. Deitou-se e, sendo

jovem, logo adormeceu; mas depois de algumas horas foi despertado pela

volta dos monges. Foi ao encontro deles para checar o estado do barco; um

deles colocou-lhe na mão uma moeda de prata e os três afastaram-se

apressadamente. O pescador estremeceu e não foi devido ao frio: uma

estranha sensação o invadira, pois seu coração parecia ter parado quando o

monge lhe tocara a mão. Ele tinha os dedos frios como gelo. Durante vários

dias o pescador não conseguiu se esquecer daquela sensação. Mas a juventude

logo se livra de acontecimentos misteriosos e o rapaz não pensou mais

naquilo, até que no ano seguinte, bem na época dos equinócios outonais,

aproximadamente à meia-noite, ouviu uma batida à janela e novamente

surgiram os três monges encapuzados, e uma vez mais lhe pediram o barco. O

pescador atendeu-os, desta vez com menos aflição; mas quando, depois de

algumas horas, os monges voltaram e um deles lhe colocou apressadamente a

moeda na mão, ele outra vez estremeceu ao sentir o contato dos dedos

gelados. Isto passou a acontecer todos os anos, na mesma ocasião e da mesma

maneira. Finalmente, ao aproximar-se o sétimo ano, uma vontade irresistível

se apoderou do pescador; queria a todo custo conhecer o segredo que se

escondia sob aqueles capuzes. Arranjou no barco um monte de redes que lhe

servissem de esconderijo sob o qual se colocaria enquanto os monges se

preparassem para a travessia. Na época habitual, após a chegada dos sombrios

viajantes, o pescador conseguiu se esconder debaixo das redes. Para seu

espanto, a viagem durou pouco tempo, pois que ele, pescador e barqueiro,

geralmente levava uma hora para chegar à margem oposta. Maior ainda foi

sua surpresa ao contemplar, em local tão familiar para ele, enorme e antes

nunca vista floresta, cheia de estranhas flores. Inúmeras lanternas presas às

árvores e a altos pedestais ostentavam vasos de resplandecentes rosas; o brilho da lua era tão intenso que o pescador tudo podia ver, como se fosse em pleno

dia. Eram centenas de jovens de ambos os sexos, muitos deles belíssimos. Por

outro lado, seus rostos eram de uma palidez de mármore, assim como suas

roupas infinitamente alvas — brancas túnicas,

bordadas em púrpura, davam-lhes a aparência de estátuas. As moças usavam grinaldas de folhas de parreiras nas cabeças, ao natural ou entrelaçadas de

ouro e prata; seus cabelos eram trançados em forma de coroas, descendo em

cachos soltos pelas nuças. Os rapazes também usavam grinaldas de folhas de

parreira. Todos, mulheres e homens, traziam nas mãos bastões cobertos de

folhas de vinha e dirigiam-se alegremente aos recém-chegados. Um deles

afastou o capuz, revelando-se um homem de meia-idade, com a fisionomia

repulsiva e cheia de luxúria, orelhas de bode e escandalosamente sensual na

aparência. O segundo, também com o capuz afastado, revelou-se barrigudo e

em cuja calva cabeça as jovens maliciosas depositaram uma grinalda de rosas.

Os rostos dos dois monges, assim como o dos componentes do estranho

grupo, eram alvos como a neve. E alvo como a neve era também o rosto do

terceiro monge que, dando uma gargalhada, tirou bruscamente o capuz.

Desamarrando o cordão que lhe prendia as vestes, com um gesto de tédio

tirou a batina, o crucifixo, o rosário. Usando uma túnica resplandecente como

diamante, surgiu um maravilhoso jovem de lindas formas, se bem que algo

afeminado na sinuosidade das cadeiras e na finura esbelta da cintura. Lábios

delicadamente curvos e suaves feições davam-lhe uma aparência feminina;

mas havia em seu rosto algo de ousado, um certo heroísmo displicente. As

mulheres acariciavam-no com selvagem entusiasmo; em sua cabeça

colocaram uma coroa de marfim e cobriram seus ombros com uma magnífica

pele de leopardo. E naquele momento, de repente, apareceu um carro dourado

e triunfal puxado por dois leões. Com ares majestosos, embora com olhar

jovial, o mancebo guiou os corcéis selvagens. A sua direita, no carro, ia um de seus companheiros sem batina, cujos gestos lascivos e indecorosos ademanes

deliciavam os outros. À esquerda, montado num burro trazido pelas jovens,

marchava seu companheiro calvo e barrigudo, segurando na mão uma taça

dourada constantemente servida de vinho até a borda. Na carruagem dourada

e a sua volta, mulheres e homens rodopiavam, todos ornados de folhas de

parreiras. À frente da procissão apoteótica andava a orquestra: lindos e

bochechudos jovens tocavam flauta; ninfas vestindo túnicas batiam tambores

com as pernas; graciosas beldades empunhavam tridentes; cometeiros com

pés de cabra e belos rostos lascivos sopravam em curiosas conchas e chifres

torneados; por último vinham os tocadores de harpa.

Ia me esquecendo, caro leitor, de que sois uma pessoa culta e bem informada e que vos seria desnecessário descrever uma bacanal ou uma festa

dionisiaca. Com certeza, inúmeras vezes já contemplastes em

antigos baixos-relevos, ou mesmo em inscrições arqueológicas, cenas de procissões apoteóticas em louvor ao deus Baco. E como seria de se esperar,

com vosso gosto requintado e clássico, não haveríeis de vos amedrontar,

mesmo que em plena noite, mesmo que em meio à deserta floresta, se os

fantasmas de semelhante Bacanal aparecessem aos vossos olhos. Sentiríeis no

máximo um arrepio de volúpia, um respeito estético diante da visão dessa

pálida assembléia de graciosos espectros, egressos de gigantescos sarcófagos

ou de esconderijos entre ruínas de antigos templos, para executar, uma vez

mais, seu divino ritual; para, uma vez mais, com espírito esportivo e alegria, celebrar a marcha apoteótica do libertador divino, o salvador dos sentidos.

Para, uma vez mais, divertirem-se na alegre dança do paganismo —
o can-can

do antigo Universo — bailando sem qualquer disfarce hipócrita, sem
medo da

polícia ou da moral, com o abandono selvagem dos dias de
antanho, a gritar

com entusiasmo:

— Evoé, Baco!

Mas infelizmente, caro leitor, o pobre pescador que tudo aquilo via
não era

versado em mitologia como vós; nunca estudara arqueologia;

conseqüentemente, tornou-se ele presa de muito pasmo e terror, ao
con-

templar o Triunfador e seus acólitos surgirem de dentro das batinas
dos

monges. E estremecia ao observar os gestos indecentes e os pulos
dos Faunos,

das Bacantes e dos Sátiros, que lhe pareciam diabólicos com seus
chifres e

pés de cabra. Considerava aquela estranha reunião como um
agrupamento de

fantasmas e demônios que, através de ritos misteriosos, tentassem
levar todos

os cristãos à ruína. Seus cabelos se eriçavam ao ver uma das
Mênades de

cabelos soltos e cabeça atirada para trás, balançando-se presa apenas por um

tirso, em negligente postura. E sua mente se confundia ao ver os Corribantes

em louco frenesi, ferindo os próprios corpos em busca de volúpia no sofrimento. Os acordes da música, suaves e melódiosos, embora terríveis,

pareciam penetrar-lhe a alma como cruciante chama. Mas, ao observar o

famoso símbolo egípcio descomunal, coroado de flores e conduzido num

pedestal por impudica jovem, faltou-se a visão e o pobre pescador correu de

volta para o barco e escondeu-se debaixo das redes, batendo os dentes, as

pernas trêmulas como se o próprio Satã o tivesse apanhado pelos calcanhares.

Pouco depois, voltavam também os três monges, embarcaram e partiram.

Ao chegarem à margem oposta, o pescador conseguiu sair do esconderijo,

dando a impressão de ter ficado ali entre os salgueiros aguardando a volta dos monges. Um deles, como de costume, colocou-lhe a moeda na mão e os três

desapareceram rapidamente.

O pescador acreditava que sua alma estava em perigo e, para sua salvação e com o objetivo de salvaguardar também os outros bons cristãos, achou-se na

obrigação de fazer um relato completo dos misteriosos acontecimentos às

autoridades eclesiásticas. Como o prior do Monastério Franciscano das

redondezas fosse considerado alta autoridade em matéria de exorcismo, achou

melhor procurá-lo sem mais delongas. Pôs-se a caminho do monastério, ainda

de madrugada, e foi logo introduzido perante Sua Excelência o Prior, que o

recebeu na biblioteca, sentado numa poltrona com o capuz cobrindo-lhe parte

do rosto, e que atentamente ouviu o pescador contar sua fantástica história.

Quando terminou, o Superior levantou a cabeça deixando cair o capuz e o

pescador reconheceu, com enorme espanto, que Sua Excelência era um dos

três monges que anualmente cruzava o lago — precisamente aquele que, na

noite anterior, qual um demônio celestial, guiara a carruagem dourada puxada

por dois leões. Eram as mesmas e regulares e belas feições, o mesmo rosto

pálido, a mesma boca de lábios suavemente curvos. E aqueles mesmos lábios

agora sorriam com bondade e aquela mesma boca proferia palavras clementes

e melodiosas:

— Amado filho em Nosso Senhor Jesus Cristo, acreditamos sinceramente

que tenhas passado a noite em companhia do deus Baco. Tua fantástica

história é a prova disso. Não que nada se tenha a dizer a respeito desse deus: ele às vezes alcança o coração do homem. Mas é bastante perigoso para os

que não conseguem agüentar muita coisa; a esta categoria parece pertencer.

Aconselhamos-te daqui por diante experimentares moderadamente o líquido

dourado da uva e não perturbares de novo as autoridades espirituais com

fantasias de um cérebro embriagado... A propósito de tuas visões, melhor

seria calares a boca, caso contrário te seriam infligidas 25 chibatadas. E agora, amado filho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vai à cozinha que o irmão-mordomo e o irmão-cozinheiro te servirão um leve repasto.

E assim o reverendo despediu o pescador, dando-lhe a bênção habitual.

Quando ele, bastante confuso, dirigiu-se à cozinha e deu de cara com o irmão-

mordomo e o irmão-cozinheiro, quase caiu de costas. Sim, não eram outros

senão os mesmos monges que haviam acompanhado o prior em sua excursão

noturna através do lago. Reconheceu um deles pela careca e pela barriga

proeminente; o outro pelo sorriso sensual e pelas orelhas de bode. Mas ficou

bem calado; somente anos mais tarde viria a contar sua estranha história.

Algumas crônicas antigas a respeito de lendas desse gênero localizam a cena próxima da cidade de Speyer, às margens do rio Reno.

Tradição análoga encontra-se a leste das costas da Frilândia, que revela

precisamente a concepção antiga de transporte dos mortos aos páramos de

Hades. Não existe em tal lenda, nem nas demais, nenhuma referência a

Caronte, o timoneiro do barco, personagem que parece ter sumido

inteiramente do folclore, sendo encontrado apenas em espetáculos de bonecos.

Mas podemos reconhecer um personagem mitológico muito mais famoso no

agente ou despachante que entra em negociação para transportar os mortos e

entrega às mãos do timoneiro o habitual dinheiro da passagem. Este é em

geral um pescador comum que faz o papel de Caronte. Apesar do disfarce

desse despachante, imagina-se logo seu nome. Relatarei a lenda tão fielmente

quanto me for possível.

Na costa leste da Frilândia, que margina o Mar do Norte, há abundantes

baías usadas como portos e chamadas de fjords. No mais longínquo

promontório situa-se geralmente uma cabana solitária de determinado

pescador que ali vive em paz e feliz com sua família. Lá a natureza tem um

aspecto melancólico. Nem mesmo o gorjeio de um pássaro se faz ouvir;

apenas de vez em quando o grito de uma gaivota voando do ninho por entre

montes de areia e anunciando a tempestade próxima. O monótono quebrar de

ondas do mar inquieto harmoniza-se com as sombras móveis e escuras das

nuvens passageiras. Mesmo os seres humanos naquela região não cantam;

nunca se escuta naquelas costas melancólicas o cantarolar de alguma canção

popular. Seus habitantes são sérios, honestos, práticos, orgulhosos de sua

ousadia e da liberdade que herdaram de seus ancestrais. Não são imaginativos

e muito pouco dados a especulações metafísicas. A pesca é seu principal meio

de vida e, para ajudar, de vez em quando, fazem o transporte de algum

viajante a qualquer das ilhas das proximidades.

Conta-se que, num determinado período do ano, precisamente ao meio dia,

hora em que o pescador e sua família, sentados à mesa, faziam a refeição,

entrou um viajante e perguntou pelo chefe da casa, pedindo-lhe alguns

minutos para tratar de negócios. O pescador, depois de convidar inutilmente o

visitante a participar da refeição, concedeu-lhe o pedido e ambos afastaram-se para uma pequena mesa. Não descreverei detalhadamente a aparência pessoal

do estranho visitante, à maneira tediosa dos romancistas: nos
bastará uma

breve enumeração dos pontos principais. Era um homem pequeno,
de certa

idade, embora bem

conservado. Por assim dizer, era um jovem de cabelos brancos;
cheio de corpo, mas não corpulento; bochechas vermelhas como
maçãs; olhos miúdos

sempre piscando alegremente; sobre a cabeça esbranquiçada
ostentava

pequeno chapéu de três pontas. Sob um brilhante manto amarelo,
cheio de

golas, vestia uma anacrônica roupa de próspero comerciante
holandês, tal

como se vê nos quadros de antigamente — pequeno colete verde-
periquito,

paletó de flores bordadas, calças pretas e curtas, meias listradas e
sapatos

ornados de fivelas. As fivelas eram tão brilhantes e polidas que se
tornava

difícil imaginar como seu portador tinha conseguido atravessar a
areia úmida

da praia, conservando-as tão limpas. Sua voz era fraca e asmática,
às vezes

quase lacrimosa, mas suas maneiras eram graves e comedidas
como convém a

um comerciante holandês. No entanto, esta gravidade mais parecia forçada do

que natural; contrastava marcadamente com os olhos perspicazes e inquietos

e com a mal contida agitação dos braços e pernas. Que o estranho fosse um

negociante holandês, parecia evidente, não apenas pelo seu aparato como pela

atitude mercantil e o cuidado com que procurava tratar o negócio, da maneira

mais favorável possível aos seus clientes. Como intermediário, recebera de

amigos com que comerciava uma certa comissão para transportar determinado

número de almas, tantas quantas coubessem num barco comum, das costas da

Frilândia às Ilhas Brancas. Desejava saber se durante aquela noite poderia o

pescador transportar tal carga para a mencionada ilha. Em caso positivo,

estava autorizado a pagar-lhe adiantadamente a passagem, tendo fé em Cristo

que o pescador pedisse um preço razoável. O negociante holandês (o que é,

sem dúvida, um pleonasma, pois todo holandês é um negociante) fez a

proposta com a maior displicência, como se tratasse de um carregamento de

queijos e não de almas. O pescador estremeceu ao ouvir a palavra "alma"; um arrepio percorreu-lhe as costas; percebeu logo que se tratava de almas de

peças mortas e que o estranho holandês outra coisa não era do que o

fantasma holandês que diversas vezes já incumbira seus companheiros de

pesca de transportar almas mortas, pagando-os muito bem por isso.

Estes moradores do leste da Frilândia são, como tive ocasião de frisar,

corajosos, saudáveis e práticos; falta-lhes aquela imaginação mórbida que nos

torna tão sensíveis em relação a fantasmas e ao sobrenatural. O espanto do

nosso pescador dura apenas um instante; reprimindo a sensação inicial,

retoma logo a segurança e, com o objetivo de conseguir a mais alta soma

possível, assume o ar de suprema indiferença. Depois de algumas

confabulações, chegam ambos a um acordo e apertam-se as

mãos, selando o negócio. O holandês abre então uma imunda bolsa de couro cheia de pequenas moedas de prata, das menores cunhadas na Holanda, e com

essas moedinhas paga-lhe a quantia da passagem. Recomenda ao pescador

que esteja pronto com o barco no local determinado perto da meia-noite,

quando a lua estiver visível. O holandês despede-se de toda a família,

declinando os constantes convites para a refeição; mais grave do que nunca,

afasta-se rapidamente.

E eis que na hora determinada o pescador chega ao local combinado. A

princípio, o barco é levemente balançado pelas ondas; mas à medida que a lua

cheia vai surgindo, o pescador sente seu barco mais pesado e gradualmente

afundando na água. Certificando-se, por este dado, de que os passageiros já

estavam a bordo, começa ele a remar afastando-se da costa com sua carga.

Com atenção extrema, nada consegue distinguir além das nuvens de vapor

que se desfazem aqui e ali, entrelaçando-se, sem tomar formas definidas.

Procurando escutar atentamente, nada consegue ouvir além de um fraco e

indistinto sussurro. De vez em quando, uma gaivota grita e passa voando

rapidamente sobre sua cabeça; ou, próximo a ele, salta d'água algum peixe

que o fita com olhar vago. Suspiram os ventos noturnos e as brisas marinhas

tornam-se mais frescas. Por todos os lados, água, somente água, luar e

silêncio! E, silencioso como tudo a sua volta, segue o pescador que, finalmente, chega à Ilha Branca e ancora seu barco. À margem, não vê

ninguém, mas ouve uma voz ofegante, asmática e lacrimosa, que reconhece

como a do holandês. Ele parece estar lendo, numa monótona e peculiar

entonação, uma lista de nomes. Entre os nomes, o pescador reconhece

algumas das pessoas mortas naquele ano. Enquanto vai lendo a lista, o barco é

gradualmente liberado de seu peso e, quando o último nome é chamado,

flutua livremente, embora momentos antes estivesse preso à areia da praia.

Era o sinal para o pescador de que a carga fora devidamente entregue, e ele

rema tranquilamente de volta ao seu amado lar, no *fjord*. à presença de sua mulher e dos seus filhos...

... Apesar do hábil disfarce, procurei identificar a importante personagem

mitológica que figura nesta tradição. Não é outro senão o deus Mercúrio.

Hermes Psychopompos, o antigo condutor de mortos para o Hades. Sob o

manto imundo e amarelo e a prosaica figura do mercador, na verdade

esconde-se o mais perfeito deus dos reinos celestes, o astucioso filho de Maia.

Sob o chapéu de três pontas não se nota a menor plumagem, o que poderia

apontar o portador do gorro alado; nem seus estranhos sapatos com fivelas de

metal sugerem as sandálias aladas. A aparência sisuda do holandês difere

bastante da do ágil mercúrio, do

qual se originou o nome desse deus. Mas o contraste é a tal ponto marcante que resulta revelador. Talvez sua máscara não tenha sido mero capricho.

Como se sabe. Mercúrio foi o protetor dos ladrões e dos mercadores e,

provavelmente, ao escolher tal disfarce e modo de ganhar a vida, tenha levado

em consideração seu talento e seus antecedentes.

... E assim aconteceu que o mais esperto e o mais hábil dos deuses tenha se

transformado em comerciante e, ao se adaptar tão inteiramente a seu papel,

tornou-se o *nec plus ultra* dos mercadores: um comerciante holandês. Sua longa prática na Antigüidade, como Psychopompos, o condutor de mortos

para o Hades, torna-o em especial apto a dirigir o transporte de almas mortas

para a Ilha Branca, como descrevemos acima.

A Ilha Branca ocasionalmente é também chamada de Brea ou Britânia.

Pretende-se com isso talvez se referir à Branca Albion, aos penhascos alvos

das costas inglesas? Seria uma idéia de puro humor, se a Inglaterra fosse

designada como a terra dos mortos, assim como de Inferno o reino de Plutão.

Na verdade, é assim que muitos estrangeiros costumam vê-la.

Analisei a superstição popular relativa a Plutão e seus domínios, em meu

ensaio sobre a lenda de Fausto. Tentei demonstrar como o antigo reino de

sombras transformou-se em inferno e como seu tenebroso chefe tornou-se

cada vez mais diabólico. Nem Plutão, deus das regiões inferiores, nem seu

irmão Netuno, deus do mar, emigraram como os demais deuses. Mesmo

depois da vitória final do Cristianismo, eles continuaram em seus domínios,

como seus respectivos elementos. O que importam as fábulas tolas a seu

respeito inventadas aqui na terra, se o velho Plutão permanece nas profundezas, comodamente sentado ao lado da sua Proserpina?

Já Netuno foi menos caluniado do que seu irmão Plutão. Nem o repique dos

sinos das igrejas, nem o som dos órgãos puderam ofender seus ouvidos no

fundo do oceano, onde se encontra tranqüilamente sentado ao lado de sua

esposa de seios alvos — Anfitrite — circulando por sua corte de nereidas e

tritões. Somente algumas vezes, quando algum navegante atravessa o

equador, aparece ele das profundezas, brandindo o tridente, com a cabeça

coroada de algas e as longas barbas prateadas a flutuar. Confere então ao

neófito viajante o horrível batismo das águas, acompanhado da enfadonha

brincadeira e gracejos grosseiros, para delícia dos velhos marinheiros. A

brincadeira é interrompida com freqüência para expelir o fumo mascado que

Netuno espalha a sua volta. Um amigo, descrevendo-me com pormenores a

maneira pela qual este milagroso

batismo marítimo acontece, garantiu-me que os próprios marujos, que são os que mais se divertem com os gracejos de Netuno, jamais, por um instante

sequer, duvidam da existência de tal deus e, às vezes, quando diante de um

grande perigo, a ele dirigem suas orações.

Como vimos. Netuno continuou rei dos domínios marítimos; e Plutão,

apesar da metamorfose em Satã, continuou príncipe das regiões inferiores.

Foram mais felizes que seu irmão Júpiter que, após a queda de pai Saturno,

tornou-se rei do céu e, como soberano do Universo, morava no Olimpo

circundado por alegre grupo de deuses e deusas e ninfas de honra,
em seu

reinado de alegria. Mas ao ocorrer a grande catástrofe — ocasião
em que foi

aclamada a Cruz, símbolo do sofrimento — o grande Crônidas fugiu;

desapareceu no tumulto e na confusão da transmigração de raças.
Perdemos

dele todos os traços; em vão consultei crônicas antigas e velhas
mulheres:

nenhuma me pôde dar a menor informação que fosse sobre seu
destino. Com

a mesma finalidade, vasculhei bibliotecas, onde encontrei
magníficos códigos

ornamentados de ouro e pedras preciosas, verdadeiras odaliscas no
harém da

ciência. Aos cultos eunucos que para mim gentilmente
destrancaram esses

tesouros brilhantes, aqui deixo os habituais agradecimentos. Parece
que não

existe uma tradição popular de um Júpiter medieval; tudo que
consegui

relacionado a ele consiste numa história que me foi contada por
meu amigo

Niels Andersen.

"... Os casos que vou relatar", disse Niels Andersen, "aconteceram numa ilha cuja exata localização não saberia afirmar. Desde que foi descoberta,

ninguém conseguiu alcançá-la, devido às imensas montanhas de gelo

formando a sua volta uma verdadeira muralha, evitando a aproximação da

ilha. Conseguiu apenas pisar seu solo a tripulação de um navio de pesca que

uma tempestade jogara para o norte. Daquela época para cá, passaram-se

quase cem anos. Quando os marinheiros, num pequeno barco, conseguiram

aportar na ilha, encontraram-na deserta e selvagem. Sobre as areias

movediças, tufos de plantas balançavam tristemente; de vez em quando, viam-

se abetos atrofiados e secos arbustos. Os marinheiros viram uma infinidade de

coelhos saltitantes e por isso batizaram-na de Ilha dos Coelhos. Apenas uma

miserável cabana evidenciava a presença de algum ser humano. No entanto,

depararam com um velho, velhíssimo, miseravelmente vestido com uma

indumentária de pele de coelho muito mal costurada. Sentava-se sobre um

banco de pedra em frente à lareira, tentando aquecer junto ao fogo cintilante

dos

gravetos as mãos enrugadas e os trêmulos joelhos. A sua direita, via-se um imenso pássaro, evidentemente uma águia bastante maltratada, já quase sem

plumagem a não ser as longas penas eriçadas das asas, o que lhe dava um

aspecto grotesco e hediondo. À esquerda do velho, deitada no chão, uma

enorme cabra sem pêlos bastante velha, se bem que suas tetas tivessem bicos

róseos e estivessem cheias de leite.

Entre os marujos, muitos eram gregos; um deles, sem imaginar que suas

palavras pudessem ser compreendidas pelo velho morador da cabana, dirigiu-

se em sua língua natal a um companheiro:

— Este velho ou é um fantasma ou um demônio maligno.

A estas palavras, o ancião levantou-se subitamente e, para surpresa dos

marujos, assumiu uma postura imponente. A despeito da avançada idade,

estava de pé numa postura bem ereta, com o olhar autoritário, numa altivez

real e com a cabeça quase tocando as vigas da cabana. As feições, mesmo

enrugadas e curtidas, conservavam traços de beleza; eram nobres e bem

proporcionadas. Algumas mechas de cabelos prateados caíam-lhe pela testa

franzida. Os olhos tinham um brilho fixo, mas de vez em quando cintilavam

com muita perspicácia. De sua boca ouviram-se palavras melodiosas e

sonoras em grego arcaico:

— Exagerais, meus jovens; não sou um fantasma. Nem um demônio maligno; sou apenas um ancião que conheceu dias melhores. E vós, quem

sois?

Os marinheiros narraram o acidente do qual foram vítimas e indagaram a

respeito da ilha. As informações, no entanto, foram poucas. Contou-lhes o

velho que, desde tempos imemoriais, habitava a ilha cujas muralhas de gelo

asseguravam-lhe refúgio contra inexoráveis inimigos. Sua subsistência devia

ele aos coelhos; e todos os anos, quando os *icebergs* flutuantes se imobilizavam, grupos de selvagens se aproximavam da ilha e a eles o ancião

vendia peles de coelho e recebia em troca artigos indispensáveis. As baleias,

que às vezes nadavam nas proximidades da ilha, constituíam sua companhia

preferida. Mas sentia prazer ao ouvir a língua nativa, pois também ele era

grego. Pediu aos conterrâneos um relato sobre as condições atuais da Grécia.

Causou-lhe muita satisfação que nas cidades gregas não sobrevivesse o

símbolo da cruz; mas que, em vez dele, tivesse sido implantado o do machado

foi algo que não lhe agradou. Por estranho que parecesse, nenhum dos

marinheiros conhecia os nomes das cidades pelas quais perguntava e que

deviam ter florescido em sua época, segundo ele dizia. Da mesma maneira, o

velho desconhecia nomes de cidades e vilas gregas mencionadas pelos

marinheiros.

Balançava a cabeça tristemente e os marinheiros entreolharam-se perplexos.

Observaram que ele sabia exatamente as localidades e peculiaridades

geográficas da Grécia; descrevia com tal vivacidade e precisão as baías,

penínsulas, montanhas, montes e as mínimas elevações, que a ignorância dos

lugares surpreendia ainda mais os marujos. Com interesse especial, com certa

ansiedade mesmo, perguntou-lhes a respeito de um determinado templo

antigo, o qual — assegurou-lhes — fora em sua época o mais belo de toda a

Grécia; mas nenhum deles conhecia o nome que o ancião pronunciava com

imensa ternura. Por fim, quando o velho descreveu a localização do templo

com todas as minúcias, um jovem marinheiro, pela descrição, reconheceu o

lugar.

A cidade onde nascera, disse o jovem, situava-se próxima daquele local e,

quando menino, diversas vezes conduzia até lá os porcos de seu pai. Foram

encontradas naquela região antigas ruínas que indicavam um passado

grandioso, magnífico. Só restaram poucas e enormes colunas de mármore;

algumas lisas, sem adornos; outras ornamentadas com pedras quadradas. Das

fendas de alvenaria desciam suculentas videiras e campânulas vermelhas.

Outras pilastras — algumas de mármore rosado — jaziam despedaçadas no

chão, e magníficas pedras em mármore, ornamentadas com belas esculturas

representando folhagens e flores, estavam cobertas de gramas e trepadeiras.

Semi-enterrados, apareciam imensos blocos de mármore, alguns quadrados

como os que são utilizados em paredes; outros triangulares como se tivessem

sido parte de um teto. Elevava-se sobre eles uma copada figueira selvagem,

brotando por entre as ruínas. À sombra daquela árvore, estranhas formas

esculpidas nos imensos blocos de mármore. Pareciam representações

pictóricas de tipos de esporte e combates, e que agradavam à vista; no entanto, achavam-se bastante danificadas pela erosão e

cobertas de musgo e hera. Ele

perguntara a seu pai sobre o significado das pilastras e esculturas e seu pai lhe dissera serem ruínas do antigo templo pagão que, em épocas remotas, fora a

moradia de um perverso deus que ali levara uma vida de depravação, incesto e

estranhos vícios. Apesar disso, os pagãos ignorantes costumavam matar

centenas de bois em sua honra, existindo ainda o sagrado bloco de mármore

onde depositavam o sangue das vítimas. Na verdade, era a peça que

costumavam usar como recipiente para os restos com que alimentavam os

porcos.

Assim falou o jovem marinheiro. O velho suspirou profundamente,

revelando uma profunda angústia. Cambaleando, jogou-se no banco de pedra

e, cobrindo o rosto com as mãos, chorou como uma criança. A

enorme ave depenada soltou um grito tenebroso e, batendo as asas, ameaçou os estranhos com suas garras e bico. A velha cabra lambia a mão do seu dono

e balia chorosamente, como se o quisesse consolar.

Isto tudo resultou num verdadeiro terror que se apossou dos marinheiros;

saíram eles às pressas da cabana e sentiram-se aliviados quando não mais

ouviram os soluços do ancião, os gritos da ave e os balidos da cabra. Salvos a bordo da embarcação, contaram a aventura em questão.

Na tripulação havia um russo culto, professor de filosofia de uma universidade de Kazan, que considerou o fato de grande importância.

Encostou o indicador ao lado do nariz e garantiu aos marinheiros que aquele

ancião da ilha seria, sem dúvida, o antigo deus Júpiter, filho de Saturno e de Réa. A ave a seu lado era evidentemente a águia que carregava terríveis raios

em suas garras. E a velha cabra provavelmente seria Atléia, a velha ama de

Júpiter que o nutria em Creta e que agora, no exílio, continuava alimentando-

o com seu leite."

Esta foi a história que me contou Niels Andersen; confesso que ela me

encheu a alma de profunda melancolia. A decadência vem minando

secretamente tudo o que é grandioso no Universo; os próprios deuses não

conseguem evitar sucumbir à mesma e miserável sorte. A lei férrea do destino

assim o deseja e mesmo os maiores entre os imortais devem,
submissos,

baixar a cabeça. Aquele que foi cantado por Homero e esculpido por
Fídias

em ouro e marfim; aquele que fazia a terra tremer com seu olhar;
ele, o

amante de Leda, Alcmena, Semele, Danae, Calisto, Io, Leto. Europa
etc... —

mesmo ele fora coagido a se esconder atrás das montanhas
geladas do Pólo

Norte e, a fim de prolongar sua existência miserável, obrigado a
negociar

peles de coelho como um vulgar habitante da Savóia.

Não, não coloco em dúvida a existência de pessoas que possam
sentir um

prazer sinistro com tal espetáculo. São, quem sabe, descendentes
daqueles

infortunados bois que, em hecatombe, eram sacrificados nos altares
de Júpiter.

Pois rejubilem-se! O sangue de seus ancestrais foi vingado, pobres
mártires da superstição. Mas nós que não somos presas de qualquer
ressentimento

hereditário, comovemo-nos ao contemplar a decadência da
grandeza e não

podemos esconder nossa mais respeitosa compaixão.

Tradução de Flávio Moreira da Costa

Mary Shelley

Como. Mary Shelley!? Sim. Mary Wollstonecraft (1797-1851) — este era seu

nome de solteira —, a autora de Frankenstein. Este livro foi escrito a partir de um desafio com amigos e o marido, o grande poeta romântico Percy

Shelley: cada um deles deveria escrever um romance "gótico". Resultado: não só ela conseguiu realizar a tarefa, como foi a única a apresentar um

trabalho de qualidade duradoura. O que poucos sabem é que, seguindo o

estilo romântico da época, ela também deixou escrito um conto, este "O

imortal mortal". Um alquimista, uma jovem apaixonada, uma poção mágica e... Sim, o tema, comum em seu tempo (vide "O experimento do dr.

Heidegger", de Hawthorne, em Os melhores contos de medo, horror e morte), é o mesmo, retomado mais tarde, em "O elixir da longa vida", de Balzac.

O imortal mortal

16 DE JULHO DE 1833 — Este aniversário é memorável para mim; nele

completo meu tricentésimo-vigésimo-terceiro ano!

O Judeu Errante? Com certeza não. Mais de dezoito séculos tem atrás de

si. Em comparação com ele, sou um Imortal bem jovem.

Sou mesmo imortal? Eis uma pergunta que me faço já há 303 anos, e ainda

não sei responder. Detectei um cabelo grisalho entre meus cachos no dia de

hoje — o que certamente significa decadência. Mas pode ter ficado escondido

lá durante trezentos anos, pois algumas pessoas ficam com a cabeça toda

branca antes dos vinte anos de idade.

Contarei minha história, e o leitor julgará por mim. Contarei minha

história e, assim, conseguirei passar algumas horas de uma longa eternidade,

que se tornou tão cansativa para mim. Para sempre! Pode ser? Viver para

sempre! Sei de encantamentos cujas vítimas foram postas em sono profundo,

para acordar, depois de cem anos, novas em folha: sei dos Sete Dorminhocos

— desse modo, ser imortal não seria tão opressivo: mas, ah, o peso do tempo

que nunca tem fim — a passagem entediante das horas em contínua sucessão!

Como foi feliz o lendário Nourjahad! Mas vamos à tarefa.

O mundo todo ouviu falar de Cornélio Agripa. Sua memória é tão imortal

quanto sua magia assim também me tornou. O mundo todo ouviu falar

igualmente de seu discípulo que, de forma inesperada, despertou o espírito

imundo durante a ausência do mestre e foi por ele destruído. O relato,

verdadeiro ou falso, desse acidente foi acompanhado de

muitos inconvenientes para o renomado filósofo. Todos os seus discípulos de imediato o desertaram, seus criados desapareceram. Não tinha ninguém junto

a si para colocar carvão nas fogueiras sempre acesas enquanto ele dormia,

nem para prestar atenção às cores cambiantes de suas poções enquanto ele

estudava. Experimento após experimento, todos falhavam, porque um par de

mãos apenas era insuficiente para levá-los a cabo; os espíritos tenebrosos riam dele por não ser capaz de manter um único mortal a seu serviço.

Nessa época eu era bem novo, paupérrimo, e apaixonadíssimo. Durante

cerca de um ano eu fora aluno de Cornélio, embora eu não estivesse ali

quando ocorreu o acidente. Ao voltar, meus amigos me imploraram que não

retornasse à residência do alquimista. Tremi enquanto ouvia a medonha

história contada por eles; não foi preciso segundo aviso; e, quando Cornélio

veio me oferecer uma bolsa de ouro caso eu permanecesse sob seu teto, senti

como se o próprio Satã me tentasse. Meus dentes batiam — meus cabelos

ficaram em pé —, corri com a rapidez que meus joelhos trêmulos permitiram.

Meus passos incertos seguiram em direção ao lugar onde, fazia dois anos,

toda noite eram atraídos — uma fonte suavemente borbulhante de águas

límpidas, ao lado da qual permanecia uma menina de cabelos escuros, cujos

olhos radiantes se fixavam no caminho que eu estava habituado a fazer toda

noite. Não consigo lembrar um momento em que eu não tenha amado Berta;

fôramos vizinhos desde a infância, brincamos juntos — seus pais, como os

meus, levavam uma vida modesta, mas respeitável —, nossa ligação fora uma

fonte de prazer para eles. Numa hora ruim, uma febre maligna carregou tanto

o pai quanto a mãe dela, e Berta se tornou órfã. Ela teria encontrado um lar

sob o teto de meus pais, mas, infelizmente, a velha senhora do castelo

próximo, rica, sem filhos e solitária, declarou sua intenção de adotá-la. Daí

por diante, Berta foi vestida com seda — habitou um palácio de mármore — e

foi vista como altamente favorecida pela fortuna. Mas em sua nova situação,

entre seus novos companheiros, Berta permaneceu fiel a seu amigo dos

tempos mais humildes; com freqüência visitava a cabana de meu pai e,

quando a proibiam de ir ali, ela se embrenhava no bosque vizinho e me

encontrava ao lado da fonte, sob as árvores.

Várias vezes ela declarou que não tinha deveres para com sua nova protetora que se igualassem em santidade aos que nos uniam. Ainda assim, eu

era pobre demais para casar, e ela cansou de se atormentar

por minha causa. Ela possuía um espírito altivo, porém impaciente, e zangou-se com os obstáculos que impediam nossa união. Encontramo-nos após uma

ausência; ela fora cruelmente pressionada enquanto eu estava longe; queixou-

se com amargor, quase me recriminando por eu ser pobre. Precipitei-me a

replicar:

— Sou honesto, sendo pobre! Se não fosse, logo ficaria rico!

Essa exclamação suscitou mil perguntas. Temi chocá-la caso eu confessasse a verdade, mas ela arrancou-a de mim; então, lançando-me um olhar

de desdém, disse:

— Você finge amar, e teme encarar o Diabo por mim!

Protestei, dizendo que eu apenas temera ofendê-la — enquanto ela insistia

na magnitude da recompensa que eu receberia. Assim encorajado —

constrangido por ela —, levado por amor e esperança, achando graça nos

meus últimos temores, a passos lépidos e de coração leve, voltei para aceitar

as ofertas do alquimista, e de imediato fui instalado em meu escritório. Um

ano se passou. Entrei na posse de quantia nada insignificante de dinheiro. O

hábito banira meus medos. Apesar da mais árdua vigilância, eu nunca

detectara rastro de pé satânico; tampouco o silêncio de estudiosos reinante em nossa habitação era perturbado por uivos demoníacos. Eu continuava a ter

meus encontros furtivos com Berta; a Esperança nascia em mim —

Esperança, mas não perfeita alegria; pois Berta imaginava que amor e

segurança fossem inimigos; seu prazer era dividi-los no meu peito. Embora

sincera de coração, era meio coquete nos modos; e eu era ciumentíssimo. Ela

me desconsiderava de mil maneiras, mas nunca iria admitir que estava errada.

Deixava-me louco de raiva e depois me forçava a pedir perdão. Às vezes,

achava que eu não era submisso o suficiente e aí lançava mão de alguma

história com um rival favorecido por sua protetora. Estava cercada de jovens

vestidos de seda — ricos e alegres —; que chance tinha o mal-trajado

discípulo de Cornélio, comparado com eles?

Uma ocasião, o filósofo solicitou tanto o meu tempo, que não pude encontrá-la como estava habituado. Ele estava empenhado em algum trabalho

de peso, e fui forçado a permanecer, dia e noite, alimentando suas fornalhas e cuidando de seus preparados químicos. Berta me esperou em vão na fonte.

Seu espírito orgulhoso se incendiou com essa negligência; e, quando por fim

escapuli, durante os poucos minutinhos que me concederam para eu cochilar,

esperando ser consolado por ela, me recebeu com desdém, me dispensou com

escárnio e jurou que qualquer homem

poderia ter sua mão, mas não aquele que não pôde estar em dois lugares ao mesmo tempo por amor a ela. Seria vingada!... E realmente foi. Em meu

lúgubre retiro soube que fora caçar acompanhada de Albert Hoffer. Albert

Hoffer era favorecido por sua protetora, e os três passaram em cavalgada

diante de minha janela enfumaçada. Pareceu-me que mencionavam meu nome

— o que foi seguido por um riso de deboche, enquanto ela relanceava seus

olhos escuros com desprezo em direção a minha moradia.

O ciúme, com todo seu veneno e toda sua miséria, entrou em meu peito.

Então despejei uma torrente de lágrimas, ao pensar que nunca devia tê-la

chamado de minha; dentro em pouco lançava mil maldições sobre sua

inconstância. Mas eu ainda tinha que remexer as fogueiras do alquimista,

ainda precisava cuidar das mudanças de suas ininteligíveis poções.

Cornélio velara por três dias e noites, sem fechar os olhos. O progresso de

suas retortas era mais lento que o esperado; apesar de sua ansiedade, o sono

pesava-lhe nas pestanas. Repetidamente afastava a sonolência com energia

sobre-humana; repetidamente ela amortecia seus sentidos. Observava os

cadinhos, com tristeza.

— Ainda não está pronto — murmurou —, outra noite passará antes de

findar o trabalho? Winzy, você é vigilante, é de confiança, você dormiu,

rapaz, dormiu a noite passada. Olhe aquele recipiente de vidro. O líquido nele contido é de cor rosa suave; no momento em que começar a mudar de matiz,

me acorde: até lá posso fechar os olhos. Primeiro, vai ficar branco,
e então

emitir clarões dourados; mas não espere; quando a cor de rosa
desaparecer,

me acorde.

Mal ouvi as últimas palavras, sussurradas como foram em meio ao
sono.

Nem mesmo aí ele chegou a ceder à natureza.

— Winzy, meu amigo — disse ele de novo —, não toque no
recipiente

nem o coloque na boca; é um filtro, um filtro para curar o amor;
você não

cessaria de amar sua Berta. Atenção para não beber!

E dormiu. Sua cabeça venerável mergulhou no peito, e eu mal podia
ouvir sua

respiração costumeira. Durante alguns minutos observei o
recipiente — o

matiz rosado do líquido permanecia inalterado. Então meus
pensamentos

passaram — visitaram a fonte e se demoraram em mil cenas
encantadoras

que nunca se renovariam — nunca! Serpentes e víboras estavam
em meu

coração enquanto a palavra "Nunca!" se formava a meio em meus
lábios.

Falsa menina! Falsa e cruel! Nunca mais iria ela sorrir para mim como

naquela noite sorrira para Albert. Mulher sem valor, detestável! Eu não ficaria sem vingança — ela veria Albert expirar a seus

pés —, ela morreria sob o peso de minha vingança. Sorrira com desdém, em triunfo — sabia de minha insignificância e de seu poder. Mas que poder tinha

ela? O poder de estimular meu ódio, meu total escárnio, meu... ah, tudo menos

indiferença! Pudesse eu chegar a isso — pudesse encará-la com olhos

desinteressados, transferindo meu amor rejeitado para outra mais linda e mais

verdadeira, isso seria de fato uma vitória!

Um clarão luminoso cintilou diante de meus olhos. Esquecera a poção do

iniciado; contemplei maravilhado: clarões de admirável beleza, mais

brilhantes que os emitidos pelo diamante quando os raios de sol incidem sobre

ele, cintilavam na superfície do líquido; um aroma dos mais perfumados e

deliciosos me invadiu os sentidos; o recipiente parecia um globo de viva

radiância, adorável para a vista e convidativo ao paladar. O primeiro

pensamento, instintivamente inspirado pelos sentidos grosseiros, foi "Vou...

tenho que beber". Ergui o recipiente até os lábios. — "Vou me curar do amor... da tortura." Já emborcara metade da mais deliciosa bebida jamais

saboreada pelo homem, quando o filósofo se mexeu. Eu comecei... eu deixei

cair o recipiente — o fluido chamejou e cintilou pelo chão e, ao mesmo

tempo, senti Cornélio me agarrar pelo pescoço, enquanto berrava:

— Infeliz! Você acaba de destruir o trabalho de minha vida!

O filósofo ignorava por completo que eu houvesse tomado um pouco que

fosse de sua droga. Sua idéia — que, tacitamente, confirmei — foi que eu

pegara o recipiente por curiosidade e, assustado com seu brilho e os clarões de intensa luz que emitia, o deixara cair. Não desfiz o engano. O fogo da poção

estava extinto — o perfume sumiu —, ele ficou calmo, como deve

permanecer um filósofo sob as mais pesadas provas, e me deu folga, para que

fosse descansar.

Não vou tentar descrever o sono de glória e benção que banhou minha

alma no paraíso durante as horas restantes daquela noite memorável. As

palavras seriam símbolos débeis e banais de minha alegria ou do

contentamento que se apossou do meu peito quando acordei. Meus passos não

tocavam o chão — meus pensamentos estavam no céu. A terra parecia o céu,

e a herança que me deixava era um arrebatamento de deleite. "Isto é ser

curado do amor" — pensei —; "vou ver Berta hoje e ela vai achar seu

apaixonado frio e desinteressado: feliz demais para ser desdenhoso, mas

indiferente por completo a ela!"

As horas dançavam. O filósofo, seguro de ter obtido êxito uma vez, e

acreditando que obteria de novo, recomeçou a elaborar a mesma poção.

Ficou trancado com seus livros e drogas, e eu tive uma folga. Vesti-me com apuro; olhei-me num velho, mas polido escudo que me serviu de espelho;

pareceu-me que minha aparência tinha melhorado maravilhosamente.

Apressei-me para fora dos limites da cidade, com alegria no coração, rodeado

pela beleza do céu e da terra. Direcionei meus passos para o castelo — podia

olhar suas torres imponentes com o coração leve, pois eu estava curado do

amor. Minha Berta me viu de longe, quando eu subia a alameda. Não sei que

súbito impulso animou seu peito, mas, ao me ver, saltou com uma leveza de

gazela os degraus de mármore, correndo na minha direção. Mas eu fora

percebido por outra pessoa. A velha bruxa bem-nascida, que se intitulava sua

protetora, e era sua tirana, me vira também; ela cambaleou ofegante até o

terraço; um pajem, tão feio quanto ela, segurava a cauda de seu vestido e a

abanava enquanto ela se precipitava para deter minha linda menina:

— O que é isso, minha atrevida senhora? Aonde vai tão rápido? De volta

para a gaiola — há falcões à solta!

Berta torceu as mãos — seus olhos ainda estavam voltados para minha

figura a se aproximar. Vi o conflito. Como abominei a velha caquética que

tolhia os impulsos delicados do coração abrandado de minha Berta.
Até ali, o

respeito por sua posição me fizera evitar a senhora do castelo;
agora eu

desdenhava considerações tão triviais. Estava curado do amor, e
pairava sobre

todos os medos humanos; avancei rápido e logo alcancei o terraço.
Como

Berta estava adorável! Os olhos soltavam fogo, as bochechas
brilhavam de

impaciência e raiva, estava mil vezes mais graciosa e encantadora
do que

nunca — eu não mais amava, ah! não, adorava... venerava...
idolatrava!

Essa manhã ela fora perseguida com veemência maior que a de
sempre,

para consentir num casamento imediato com meu rival. Era
recriminada por

tê-lo encorajado — era ameaçada com ser posta na rua em
desgraça e

vergonha. Seu espírito orgulhoso se armou contra a ameaça; mas
ao lembrar o

escárnio que despejara sobre mim, e como assim perdera, talvez,
seu único

amigo, chorou com remorso e raiva. Nesse momento, apareci.

— Ah, Winzy! — exclamou ela —, leve-me para a cabana de sua mãe; me

faça abandonar depressa os luxos detestáveis e a infelicidade deste lugar de

nobres, me leve para a pobreza e a felicidade.

Apertei-a nos braços com arrebatamento. A velha estava sem palavras, em

sua fúria, e só desandou a lançar invectivas quando estávamos

longe, a caminho da cabana onde nasci. Minha mãe recebeu a linda fugitiva, libertada da gaiola dourada e devolvida à natureza e à liberdade, com ternura

e alegria; meu pai, que a amava, deu-lhe as boas-vindas de coração; era um

dia de regozijo, e eu não necessitava do acréscimo da poção do alquimista

para me encher de deleite.

Logo depois desse dia cheio de acontecimentos, tornei-me o marido de

Berta. Deixei de ser discípulo de Cornélio, mas continuei seu amigo. Sempre

me senti grato a ele por ter, sem o saber, me proporcionado aquela dose

deliciosa de um elixir divino que, em vez de me curar do amor (triste cura!

Solitário remédio destituído de alegria para males que parecem bênçãos à

lembrança), me inspirara com coragem e resolução, para assim eu conquistar

um inestimável tesouro na pessoa de minha Berta.

Com freqüência, ao trazer à mente esse período de inebriante

arrebatamento, fiquei maravilhado. A bebida de Cornélio não alcançara o re-

sultado para o qual ele afirma ter sido preparada, mas seus efeitos foram mais potentes e abençoados do que as palavras conseguem exprimir.

Eles foram desaparecendo gradualmente, mas atuaram durante bastante

tempo — e pintaram a vida em tons de esplendor. Berta costumava se

maravilhar com a leveza do meu coração e minha inabitual alegria; pois antes

eu fora bem sério, ou mesmo triste em minha maneira de ser. Ela me amou

mais por meu espírito animado, e vivíamos exultantes de alegria.

Cinco anos depois, fui chamado às pressas à cabeceira do moribundo

Cornélio. Mandara me chamar com urgência, suplicando por minha imediata

presença. Encontrei-o estirado no seu catre, tão debilitado que já estava à

morte; a vida que ainda restava animava seus olhos penetrantes, fixados num

recipiente de vidro, cheio de líquido rosado.

— Contemple — disse ele, numa voz entrecortada e voltada para dentro

— a futilidade dos desejos humanos! Pela segunda vez, minhas esperanças

quase são coroadas de êxito; pela segunda vez, destruídas. Olhe para esse

líquido: você se lembra que eu, cinco anos atrás, preparara um igual, com o

mesmo sucesso; então, como agora, meus lábios sedentos esperavam saborear

o elixir imortal; você o tirou de mim e agora é tarde demais.

Falava com dificuldade, e se abateu de novo sobre o travesseiro. Não

consegui deixar de dizer:

— Como, venerável mestre, pode a cura do amor restaurar a vida? Um

pálido sorriso brilhou em seu rosto enquanto eu ouvia com atenção sua

resposta quase inteligível.

— Cura para o amor e para todas as coisas: o Elixir da imortalidade.
Ah, se eu bebesse agora, viveria para sempre!

Enquanto ele falava, um clarão dourado brilhou no fluido; um perfume do

qual eu me lembrava muito bem invadiu o ar; ele levantou-se, fraco como

estava — a força parecia miraculosamente entrar de novo em sua carcaça —

esticou a mão — uma alta explosão me abalou — um raio de fogo jorrou do

elixir, e o recipiente de vidro que o continha se fragmentou até os átomos!

Voltei meus olhos para o filósofo; ele caíra — seus olhos estavam vítreos...

suas feições rígidas... estava morto!

Mas eu fiquei vivo, e viveria para sempre! Assim disse o infeliz

alquimista, e por alguns dias acreditei em suas palavras. Lembrei-me da es-

plêndida embriaguez causada pela dose que roubei. Refleti na mudança que

sentira em meu corpo — em minha alma. A saltitante elasticidade de um, a

flutuante leveza da outra. Examinei-me num espelho e não consegui perceber

nenhuma mudança nas feições durante o espaço de cinco anos que

decorreram. Lembro-me dos matizes luminosos e do aroma agradável daquela

deliciosa bebida — à altura da dádiva que era capaz de conferir — eu era,

pois, IMORTAL!

Dias depois, ri de minha credulidade. O velho provérbio, segundo o qual

"ninguém é profeta em sua terra", era verdadeiro em relação a mim e meu finado mestre. Gostava dele como pessoa — respeitava-o como sábio, mas

desprezava a noção de que ele pudesse comandar os poderes das trevas, e ria

dos medos supersticiosos com que ele era encarado pelo vulgo. Era um sábio

filósofo, mas não tinha intimidade com quaisquer espíritos, a não ser os

trajados de carne e ossos. Sua ciência era simplesmente humana, e a ciência

humana, logo me persuadi, jamais poderia conquistar as leis da natureza a

ponto de aprisionar a alma para sempre em sua habitação carnal. Cornélio

fabricara uma bebida capaz de refrescar a alma — mais inebriante que o vinho

— mais doce e mais aromática do que todas as frutas; provavelmente com

fortes poderes medicinais, trazendo alegria ao coração e vigor aos membros;

mas seus efeitos se esgotariam; já estavam diminuindo em meu corpo. Eu era

um sujeito de sorte por ter sorvido saúde e alegre disposição, e talvez vida

longa das mãos de meu mestre; mas minha boa fortuna findava aí;

longevidade era bem diferente de imortalidade.

Continuei a nutrir essa crença durante muitos anos. Às vezes um

pensamento me invadia: estava o alquimista mesmo enganado? Mas minha

crença habitual era de que eu deveria encontrar o destino de todos os

filhos de Adão no prazo marcado para mim — um pouco atrasado, mas numa idade natural. Ainda assim era verdade que eu mantinha uma aparência

maravilhosamente jovem. Riam-se da vaidade que me levava a consultar o

espelho com tanta freqüência, mas eu o consultava em vão — minha testa

estava sem marcas, minhas bochechas, meus olhos, toda a minha pessoa

continuava tão imaculada quanto no meu vigésimo ano.

Estava perturbado. Olhava para a beleza desbotada de Berta: eu mais

parecia seu filho. Gradualmente nossos vizinhos começaram a fazer ob-

servações parecidas, e constatei por fim que eu era conhecido como o

Discípulo Enfeitado. Berta ficou inquieta. Tornou-se ciumenta e irritada, até que começou a me questionar. Não tínhamos filhos; éramos tudo um para o

outro; no entanto, à medida que ela envelhecia e seu vivido espírito temperava-se com um mau gênio, e sua beleza diminuía tristemente, eu

acalentava a lembrança dela em meu coração como a da amada que idolatrara,

da esposa que eu buscara e conquistara com tão perfeito amor.

Por fim nossa situação se tornou intolerável: Berta tinha cinquenta anos;

eu, vinte anos de idade. Envergonhadíssimo, eu havia até certo ponto adotado

os hábitos de uma idade mais avançada; não entrava na dança com os jovens e

alegres, mas meu coração balançava com eles, enquanto eu reprimia meus

pés; e uma triste figura eu fazia entre os Nestores da cidade. Mas antes da

época a que me refiro, as coisas mudaram — éramos evitados por todos;

éramos — ao menos eu era — descritos como tendo iníquos contactos com

alguns supostos amigos de meu antigo mestre. Lamentavam pela pobre Berta,

mas ela foi desertada. Eu era encarado com horror e repugnância.

O que havia a ser feito? Sentamos perto da lareira — a pobreza se fizera

sentir, pois ninguém iria comprar o produto da minha fazenda; e, muitas

vezes, eu fora forçado a viajar vinte milhas, para algum lugar onde eu não

fosse conhecido, a fim de vender nossos bens. É verdade que economizáramos

alguma coisa para uma época ruim — essa época chegara.

Sentamos em nosso canto solitário em frente à lareira — o jovem de

coração velho e sua antiquada esposa. De novo Berta insistiu em saber a

verdade; recapitulou tudo o que alguma vez ouvira falar de mim e acrescentou

suas próprias observações. Implorou-me que repudiasse o feitiço; descreveu

quão mais atraentes eram os meus cabelos grisalhos em comparação com

meus cachos castanhos; discorreu sobre a reverência e o respeito devidos à

idade — quão preferíveis eram à insignificante atenção dada a meras crianças:

podia eu imaginar que as desprezíveis

dádivas da juventude e da boa aparência superavam a desgraça, o ódio, e o escárnio? Não, no final eu seria queimado como praticante de magia negra,

enquanto ela, a quem eu não me dignara contar nada sobre minha boa sorte,

seria apedrejada como minha cúmplice. Por fim, insinuou que eu deveria

compartilhar meu segredo com ela, e conceder-lhe benefícios iguais aos que

eu desfrutara, ou me denunciaria — e então desatou a chorar.

Assim pressionado, pareceu-me melhor contar a verdade. Revelei-a com

toda a delicadeza de que fui capaz, falando somente de uma vida muito longa,

não de imortalidade, relato esse que, na realidade, se ajustava melhor a

minhas próprias idéias. Quando terminei, levantei e disse:

— E agora, minha Berta, você vai denunciar o amado de sua juventude?

Não vai, eu sei. Mas é duro, pobre esposa, você sofrer por minha má sorte e

pela magia amaldiçoada de Cornélio. Vou me afastar de você; você tem

recursos suficientes e os amigos voltarão em minha ausência. Eu vou; jovem

como pareço e forte como sou, posso trabalhar e ganhar meu pão em meio a

estrangeiros, insuspeito e desconhecido. Amei-a na juventude; Deus é

testemunha que eu não a abandonaria quando estivesse idosa, mas sua

segurança e felicidade assim exigem.

Peguei meu boné e andei em direção à porta; num momento, os braços de

Berta estavam em volta de meu pescoço, e seus lábios pressionavam os meus.

— Não, meu marido, meu Winzy — disse ela —, você não deve ir

sozinho; leve-me com você; vamos nos mudar deste lugar e, como você diz,

entre estrangeiros ficaremos insuspeitos e seguros. Não estou tão velha a

ponto de envergonhar você, meu Winzy; e ousa dizer que o encanto logo irá

se desfazer e, com a bênção de Deus, você adquirirá aparência mais idosa,

como é adequado; não pode deixar-me.

Correspondi afetosamente ao abraço da boa alma.

— Não vou, minha Berta; pelo seu amor, nem pensaria em tal coisa. Serei

seu sincero e fiel marido enquanto estiver comigo, e cuidarei de você até o

fim.

No dia seguinte, preparamo-nos secretamente para nossa viagem. Fomos

obrigados a fazer grandes sacrifícios pecuniários — não havia outro jeito.

Convertemos em dinheiro quantia pelo menos suficiente para manter-nos

enquanto Berta vivesse; e, sem dizer adeus a ninguém, deixamos nosso país

natal em busca de refúgio numa remota parte da França ocidental.

Era cruel transportar a pobre Berta de sua cidade natal, para um novo país, nova língua, novos costumes, e para longe dos amigos de sua juventude. O

estranho segredo de meu destino tornou esta mudança sem efeito para mim;

mas me compadecia profundamente dela, e estava satisfeito por perceber que

ela encontrara compensação para seus infortúnios num monte de circunstanciazinhas ridículas. Longe dos arengueiros, ela procurou diminuir a

evidente disparidade de nossas idades com mil artifícios femininos — ruge,

roupa e atitude juvenis. Eu não podia me zangar. Não usava também uma

máscara? Por que implicar com a sua, por ser menos bem-sucedida? Ficava

profundamente desgostoso ao lembrar que aquela era a minha Berta, que eu

amara com tanto entusiasmo e conquistara com tanto arrebatamento — a

menina de olhos e cabelos escuros, com encantador sorriso de malícia e passo

de gazela —, esta velha afetada, pretensiosa e ciumenta. Eu devia reverenciar

seus cachos grisalhos e suas bochechas murchas; mas nessas condições!... Era

o que me cabia, eu sabia; mas, não obstante, deplorava esse tipo de fraqueza

humana.

Seu ciúme nunca dava trégua. Sua principal ocupação era descobrir que,

apesar das aparências, eu estava ficando velho. Acredito mesmo que a pobre

alma me amasse sinceramente em seu coração, mas nunca uma mulher

demonstrou afeto de forma tão atormentada. Ela distinguia rugas em meu

rosto e decrepitude em meu andar, enquanto eu saltitava com vigor juvenil,

aparentando ser o mais jovem no meio de vinte jovens. Nunca usei me

dirigir a outra mulher: numa ocasião, ela achou que a beldade do lugar me

encarava com olhos interessados e comprou-me uma peruca grisalha. Entre as

conhecidas dizia sempre que, embora eu parecesse tão jovem, o interior de

meu corpo ia se arruinando; e afirmava ser a saúde aparente o meu pior

sintoma. Minha juventude era uma doença, dizia, e eu tinha que estar a todo

momento preparado, se não para uma súbita e horrível morte, ao menos para

acordar um dia de cabelos brancos e curvado, com todas as marcas da idade

avançada. Deixava-a falar — muitas vezes participava de suas conjecturas.

Seus alertas condiziam com minhas incessantes especulações a respeito de

meu estado, e me interessei em ouvir e, atenta porém dolorosamente, a tudo o

que seu veloz espírito e sua excitada imaginação pudessem dizer a respeito do

assunto.

Por que insistir em minúcias circunstanciais? Sobrevivemos por muitos

anos. Berta ficou decrépita e parálitica: cuidei dela como mãe cuida do

rebento. Tornou-se mal-humorada e ainda batia na mesma tecla: por

quanto tempo sobreviveria a ela. Sempre foi uma fonte de consolo para mim o fato de me comportar escrupulosamente em relação a ela. Fora minha quando

jovem, era minha idosa e, por fim, quando joguei a terra sobre seu cadáver,

chorei a perda de tudo o que realmente me ligava a humanidade.

Desde então, quantas preocupações e pesares não tive; como foram poucas

e vazias as minhas satisfações! Aqui faço uma breve pausa em minha história

— não vou levá-la adiante. Marujo sem leme nem bússola, jogado num mar

tempestuoso; viajante perdido em extenso pântano, sem marco ou estrela para

guiá-lo — assim tenho sido; mais perdido, mais desesperançado do que

qualquer dos dois. Um navio próximo, a luz de alguma cabana distante

poderiam salvá-los; mas eu não tenho sinal orientador a não ser a esperança

da morte.

Morte! Misteriosa, malvista amiga da frágil humanidade! Por que, de todos

os mortais, só a mim você tirou de seu aprisco protetor? Quem me dera a paz

do túmulo! O profundo silêncio da tumba fechada a ferro! Tanto pensamento

cessaria de agitar-se em minha mente, e meu coração deixaria de bater com

emoções que só variam por serem novas formas de tristeza!

Sou imortal? Volto à primeira questão. Em primeiro lugar, não é mais

provável que a beberagem do alquimista contivesse longevidade em vez de

vida eterna? Essa é minha esperança. Além disso, que seja lembrado que só

bebi metade da poção preparada por ele. Não era necessário tudo para

completar o encanto? Consumir metade do Elixir da Imortalidade é ser não

mais que meio imortal — meu para sempre está, pois, truncado e nulo.

Mas quem pode enumerar os anos da metade da eternidade? Várias vezes

tentei imaginar as regras por meio das quais o infinito pode ser dividido.

Algumas vezes imaginei a idade se apossando de mim. Um cabelo grisalho

encontrei. Tolo! Será que lamento? Sim, o medo da idade e da morte com

freqüência invade, frio, meu coração; e, quanto mais vivo, mais temo a morte,

mesmo quando abomino a vida. Enigma assim é o homem — nascido para

morrer — quando guerreia, como faço, contra as leis estabelecidas de sua

natureza.

Mas por esta anomalia de sensibilidade com certeza posso morrer: a poção

do alquimista não seria à prova de fogo, espada, nem das asfixiantes águas.

Contemplo as profundezas azuis de muitos lagos

plácidos e a corrente tumultuosa de muitos rios possantes, e digo: a paz habita essas águas; mas volto meus passos para longe, para viver um outro dia.

Pergunto a mim mesmo se o suicídio seria um crime para quem os portais do

outro mundo apenas assim pudessem ser abertos. Faço de tudo, a não ser

apresentar-me como soldado ou duelista, um objeto de destruição para meus

— não, não são meus semelhantes e, portanto, fico isolado. Não são meus

semelhantes. A inextinguível força da vida em meu corpo e a efêmera

existência deles colocam-nos a uma distância tão ampla quanto a dos pólos.

Eu não conseguiria erguer a mão contra o mais insignificante nem contra o

mais poderoso deles.

Assim sobrevivo há muitos anos — sozinho e cansado de mim mesmo —

desejoso da morte, mas nunca morrendo... um imortal mortal. Nem ambição

nem avareza podem entrar em minha mente, e o ardente amor que me corrói o

coração, sem nunca ser correspondido, sem nunca achar um igual onde se

consumir, só existe para me atormentar.

Hoje mesmo concebi um projeto pelo qual posso terminar tudo — sem

automassacre, sem transformar outro homem num Caim —: uma expedição a

que um corpo mortal não pode sobreviver, mesmo dotado da juventude e da

força que habitam o meu. Assim, vou colocar à prova minha imortalidade e

descansar para sempre — ou voltar como maravilha e benfeitor da espécie

humana.

Antes de ir, uma vaidade miserável me faz escrever estas páginas. Não vou

morrer sem deixar um nome. Faz três séculos desde que emborqueei a fatal

beberagem; outro ano não deve se passar antes que eu encontre perigos

gigantescos, guerreando com as forças do congelamento em sua morada,

pressionado pela fome, labuta e tempestade; entrego este corpo, gaiola

demasiado tenaz para uma alma sedenta de liberdade, aos
elementos

destrutivos do ar e da água ou, se sobreviver, meu nome ficará
registrado

como um dos mais famosos entre os filhos dos homens; e,
terminada minha

tarefa, adotarei um meio mais resoluto e, dispersando e
aniquilando os átomos

que compõem meu corpo, libertarei a vida aprisionada em seu
interior, tão

cruelmente impedida de alçar vôo desta sombria terra para uma
esfera mais

condizente com sua essência imortal.

Tradução de Augusto Alencastro

Guy de Maupassant

*Ele teve um mestre e amigo como poucos — Gustave Flaubert — e
aos trinta*

*anos ficou famoso, ao publicar Bola de sebo . Guy de Maupassant
(1850-1893) escreveu romances e cerca de trezentos contos, gênero
do qual foi um*

*renovador. Morreu aos 43 anos, louco, da mesma loucura que já se
prenun-*

*ciava em inúmeras páginas, caso deste antológico (desculpem a
redundância, mas são inúmeras as antologias em que ele está*

incluído) "O Horla". Aliás, esse link invisível entre loucura e literatura fantástica já estava no mestre Hoffmann, como se pode ver "O Homem da Areia", conto, aliás, que muito serviu à teoria de Freud. Aqui, acrescenta-se o menos famoso "Quem sabe?", com matizes mais nítidos da literatura fantástica, e que era um dos favoritos de Borges.

Quem sabe?

I

MEU DEUS! MEU DEUS! Vou afinal escrever o que me aconteceu!
Mas será que

consegurei? Terei coragem? Aquilo é tão estranho, tão inexplicável,
tão

incompreensível, tão louco!

Se eu não tivesse certeza do que vi, certeza de que não houve, em
meu

raciocínio, qualquer falha, qualquer erro em minhas constatações,
qualquer

lacuna na seqüência inflexível de minhas observações, acreditaria
ser um

simples alucinado, o brinquedo de uma estranha visão. Afinal, quem
sabe?

Estou hoje numa casa de saúde; mas entrei aqui voluntariamente,
por

prudência, por medo! Um único ser conhece minha história. O
médico daqui.

Vou escrever para ele. Não sei bem por quê? Para me livrar dela, pois a sinto

em mim como um intolerável pesadelo.

Ei-la:

Sempre fui um solitário, um sonhador, uma espécie de filósofo isolado,

benevolente, contente com pouco, sem azedume contra os homens e sem

rancor contra o céu. Vivi sozinho, todo o tempo, em consequência de uma

espécie de desconforto que a presença alheia insinua em mim. Como explicar

isso? Eu não conseguiria. Não me recuso a ver gente, conversar, jantar com os

amigos, mas quando os sinto há muito tempo perto de mim, mesmo os mais

íntimos, eles me aborrecem, me cansam, me enervam, e sinto uma vontade

crescente, inoportuna, de vê-los partir ou de sair eu, de ficar sozinho.

Essa vontade é mais do que uma necessidade, é uma urgência irresistível.

E se a presença das pessoas com quem me encontro continuasse, se eu

precisasse, não escutar, mas ouvir ainda por muito tempo sua conversa, me

aconteceria, sem dúvida, um acidente. Qual? Ah! Quem sabe? Talvez um

simples desmaio? É! Provavelmente!

Gosto tanto de estar só que sequer consigo suportar a vizinhança de outros

seres dormindo sob meu teto; não posso morar em Paris porque ali agonizo

todo o tempo. Morro moralmente, e sou também supliciado em meu corpo e

em meus nervos por essa imensa multidão que fervilha, que vive ao meu

redor, mesmo quando dorme. Ah! O sono dos outros me é ainda mais penoso

do que sua fala. E jamais consigo repousar quando sei, quando sinto, atrás de

uma parede, existências interrompidas por esses regulares eclipses da razão.

Por que sou assim? Quem sabe? A causa talvez seja bem simples: eu me

canso muito depressa de tudo o que não se passa em mim. E há muita gente na

minha situação.

Somos duas raças sobre a terra. Aqueles que precisam dos outros, a quem

os outros distraem, ocupam, repousam, e a quem a solidão extenua, esgota,

aniquila, como a escalada de uma terrível geleira ou a travessia do deserto, e aqueles a quem os outros, ao contrário, entediam, aborrecem, incomodam,

extenuam, enquanto o isolamento os acalma, os banha de repouso na

independência e na fantasia de seu pensamento.

Em suma, há nisso um normal fenômeno psíquico. Uns são dotados para

viverem fora, outros para viver dentro. No meu caso, tenho a atenção exterior

curta e logo esgotada e, assim que ela chega a seu limite, sinto em todo o meu corpo e em toda a minha inteligência um intolerável mal-estar.

Resultou daí que eu me ligasse, que me tivesse ligado muito aos objetos

inanimados que assumem, para mim, uma importância de seres, e que minha

casa se tornasse, se tivesse tornado, um mundo no qual eu vivia uma vida

solitária e ativa, em meio a coisas, móveis, bibelôs familiares, simpáticos a

meus olhos como rostos. Eu a havia enchido pouco a pouco, eu a havia

enfeitado e eu me sentia, dentro dela, contente, satisfeito, bem-aventurado

como nos braços de uma mulher amável cuja carícia habitual se tornou uma

calma e doce necessidade.

Eu mandara construir aquela casa num belo jardim que a isolava das

estradas e às portas de uma cidade onde eu poderia encontrar, quando fosse o

caso, o ambiente social que, por alguns momentos, desejava.

Todos os meus criados dormiam num prédio afastado, no fundo do pomar, cercado por um grande muro. O envolvimento obscuro das noites, no silêncio

de minha morada perdida, escondida, submersa sob as folhas das grandes

árvores, me era tão repousante e tão bom que eu não hesitava, todas as noites, por várias horas, em ir para a cama para saboreá-lo por mais tempo.

Naquele dia, haviam levado Sigurd¹ no teatro da cidade. Era a primeira vez que eu assistia àquele belo drama musical e feérico e ele me dera um enorme

prazer.

Eu voltava a pé, num passo alegre, a cabeça cheia de frases sonoras e o

olhar maravilhado por belas visões. Estava escuro, muito escuro, escuro a

ponto de eu quase não distinguir a estrada principal e de quase ter caído,

várias vezes, na vala.

Da entrada da cidade até minha casa há cerca de um quilômetro, talvez um

pouco mais, ou seja, vinte minutos de marcha lenta. Era uma hora da manhã,

uma hora, ou uma e meia; o céu iluminou-se um pouco a minha frente e a

meia-lua surgiu, a triste meia-lua do quarto minguante. A meia-lua do quarto

crescente, aquela que se ergue às quatro ou cinco horas da tarde, é clara,

alegre, pintada de prata, mas a que se levanta depois da meia-noite é

avermelhada, abatida, inquietante; é a verdadeira meia-lua do Sabá. Todos os

notívagos já devem ter feito essa observação. A primeira, mesmo se magra

como um fio, lança uma luzinha satisfeita que alegra o coração e desenha

sobre a terra sombras claras; a última mal difunde uma luz mortiça, tão baça

que quase não cria sombras.

Percebi ao longe a massa escura de meu jardim e não sei de onde me veio

uma espécie de mal-estar diante da idéia de lá entrar. Diminuí o passo. O

tempo estava ameno. O grande volume de árvores parecia um túmulo no qual

minha casa estava enterrada.

Abri a porteira e penetrei na comprida aléia de sicômoros, que seguia em

direção à casa, arqueada em abóbada como um alto túnel, atravessando

maciços opacos e contornando gramados onde os canteiros de flores

colocavam, sob as trevas decoradas, manchas ovais de tons indistintos.

Aproximando-me da casa, uma estranha perturbação tomou conta de mim.

Parei. Nada se ouvia. Não havia nas folhas um sopro de ar. "Mas

1Sigurd. ou Sigfried. Ópera de Richard Wagner. (N.T.)

afinal, o que estou sentindo?", pensei. Há dez anos eu entrava por ali sem que jamais a menor inquietação me tivesse atingido. Eu não tinha medo. Nunca

tive medo, à noite. A visão de um homem, de um malfeitor, de um ladrão, me

teria enchido o corpo de raiva e eu teria pulado sobre ele sem hesitar. Eu

estava armado, aliás. Tinha meu revólver. Mas não toquei nele, pois queria

resistir àquela influência de temor que germinava em mim.

O que era aquilo? Um pressentimento? O pressentimento misterioso que se

apodera dos sentidos dos homens quando eles vão presenciar o inexplicável?

Talvez? Quem sabe?

À medida que avançava, eu sentia tremores na pele e, quando cheguei

diante da parede, nos pára-ventos fechados de minha enorme moradia, senti

que precisaria esperar alguns minutos antes de abrir a porta e entrar. Sentei-

me então num banco, sob as janelas de meu salão. Ali fiquei, trêmulo, a

cabeça apoiada na muralha, os olhos abertos para a sombra das folhagens.

Naqueles primeiros instantes, nada percebi de estranho ao meu redor. Sentia

nos ouvidos alguns estrondos, mas isso me acontece com frequência. Parece-

me às vezes que ouço passarem trens, que ouço baterem sinos, que ouço

caminhar uma multidão.

Então, logo aqueles estrondos se tornaram mais distintos, mais precisos,

mais reconhecíveis. Eu me enganara. Não era o rumor habitual de minhas

artérias que colocava em meus ouvidos aqueles ruídos, mas um barulho muito

especial, ao mesmo tempo muito confuso, que vinha, sem sombra de dúvida,

do interior da minha casa.

Eu ouvia através da parede aquele ruído contínuo, mais uma agitação do

que um ruído, um movimento vago de uma porção de coisas, como se alguém

sacudisse, mudasse de lugar, arrastasse suavemente todos os meus móveis.

Oh! Duvidei, ainda por bastante tempo, da precisão de meus ouvidos. Mas

tendo colado a orelha a um pára-vento para distinguir melhor aquela estranha

perturbação de meu lar, fiquei convencido, tive certeza, de que se passava em

minha casa algo anormal e incompreensível. Eu não tinha medo, mas estava...

como exprimir aquilo... apavorado de surpresa. Não armei meu revólver —

adivinhando perfeitamente que seria inútil. Esperei.

Esperei muito tempo, não conseguindo me decidir, a mente lúcida, mas

loucamente ansioso. Esperei de pé, continuando a ouvir o ruído que aumen-

tava, que assumia, por instantes, uma violenta intensidade, que parecia se

tornar uma explosão de impaciência, de cólera, de misterioso motim.

Então, de repente, envergonhado de minha covardia, apanhei meu molho de chaves, escolhi a que precisava, enfiei-a na fechadura, girei-a duas vezes e, empurrando a porta com toda força, fiz o batente bater no tabique.

O golpe soou como uma detonação de fuzil e eis que àquele som de explosão respondeu, de cima a baixo de minha moradia, um formidável

tumulto. Foi tão súbito, tão terrível, tão ensurdecidor que recuei alguns passos e que, mesmo continuando a senti-lo inútil, tirei de seu coldre o meu revólver.

Esperei ainda, oh!, por pouco tempo. Distinguia agora um extraordinário

tropel sobre os degraus de minha escada, sobre os assoalhos, sobre os tapetes, um bater não de calçados, de sapatos humanos, mas de muletas, de muletas de

madeira e de muletas de ferro que vibravam como címbalos. E eis que de

repente percebi, na soleira da porta, uma poltrona, minha grande poltrona de

leitura, que saía bamboleando. Foi-se pelo jardim afora. Outras a seguiram, as do salão, depois os canapés baixos e se arrastando como crocodilos sobre suas

patas curtas, depois todas as minhas cadeiras, com pulos de cabras, e os

pequenos tamboretos que trotavam como coelhos.

Ah! Que emoção! Enfiei-me num arbusto onde fiquei acocorado,

contemplando sem cessar aquele desfile de meus móveis, pois todos eles se

iam, um atrás do outro, depressa ou devagar, conforme seu tamanho e seu

peso. Meu piano, meu grande piano de cauda, passou num galope de cavalo

furioso e um murmúrio de música nas entranhas, os objetos menores

deslizavam sobre a areia como formigas, as escovas, os cristais, as taças, em

que o luar pendurava fosforescências de pirilampos. Os tecidos rastejavam,

desdobrando-se em poças como os polvos do mar. Vi surgir minha escrivadinha, um raro bibelô do século passado que continha todas as cartas

que recebi, toda a história de meu coração, uma história antiga que tanto me

fez sofrer! E dentro estavam também as fotografias.

De repente, não tive mais medo, atirei-me sobre ela e agarrei-a como se

agarra um ladrão, como se agarra uma mulher que foge; mas ela ia numa

corrida irresistível e, apesar de meus esforços e apesar de minha cólera, nem

mesmo consegui diminuir-lhe a marcha. Ao resistir como um desesperado

àquela força espantosa, caí por terra lutando contra ela. Então ela **me**

envolveu, arrastou-me pela areia e já os móveis, que a seguiam, começavam a

andar em cima de mim, pisoteando minhas pernas e

machucando-as; então, quando a larguei, os outros passaram sobre meu corpo como uma carga de cavalaria sobre um soldado desmontado.

Louco de pavor, enfim, consegui me arrastar para fora da grande aléia e

me esconder outra vez nas árvores, para observar desaparecerem os mais

ínfimos objetos, os menores, os mais modestos, os mais ignorados por mim,

que me haviam pertencido.

Depois ouvi, ao longe, em meu lar agora sonoro como as casas vazias, um

formidável barulho de portas se fechando. Elas bateram de alto a baixo da

mansão, até que a do vestíbulo, que eu mesmo havia aberto, insensato, para

aquela fuga, se fechou, afinal, por último.

Fugi também, correndo para a cidade, e só recuperei meu sangue-frio nas

ruas, ao encontrar retardatários. Fui bater à porta de um hotel onde era

conhecido. Sacudira, com as mãos, minhas roupas para tirar-lhes a poeira e

contei que tinha perdido meu chaveiro, que continha também a chave do

pomar, onde dormiam meus criados numa casa isolada atrás da cerca que

resguardava minhas frutas e meus legumes contra a visita dos vagabundos.

Enfiei-me até os olhos na cama que me deram. Mas não consegui dormir e

esperei o dia ouvindo meu coração pular. Tinha ordenado que prevenissem

meus empregados ao clarear do dia e meu criado de quarto bateu a minha

porta às sete da manhã.

Seu rosto parecia transtornado.

— Aconteceu uma grande tragédia esta noite, senhor — disse ele.

— O que foi?

— Roubaram toda a sua mobília, senhor, tudo, tudo, até os menores objetos.

Aquela notícia me agradou. Por quê? Quem sabe? Eu estava tranqüilo,

seguro de poder dissimular, de nada dizer, a ninguém, do que tinha visto, de

escondê-lo, enterrá-lo na minha consciência como um segredo terrível.

Respondi:

— Então são as mesmas pessoas que me roubaram as chaves. É preciso

prevenir imediatamente a polícia. Vou me levantar e o encontro lá em alguns

instantes.

A investigação durou cinco meses. Nada se descobriu, não se encontrou

mais o menor de meus bibelôs, nem o menor traço dos ladrões. Caramba! Se

eu tivesse dito o que sabia... se tivesse dito... teria sido preso, eu, não os ladrões, mas o homem que fora capaz de ver uma coisa daquelas.

Oh! Eu soube ficar calado. Mas não mobiliei minha casa. Era inútil.

Aquilo teria recomeçado. Eu não queria mais entrar ali. Não entrei mais. Não

mais a revi.

Fui para Paris, para o hotel, e consultei médicos a respeito do meu estado

de nervos, que me inquietava bastante desde aquela noite deplorável.

Eles me aconselharam viajar. Segui seu conselho.

II

Comecei com uma excursão pela Itália. O sol me fez bem. Durante seis

meses, vaguei de Gênova a Veneza, de Veneza a Florença, de Florença a

Roma, de Roma a Nápoles. Depois percorri a Sicília, terra admirável por sua

natureza e seus monumentos, relíquias deixadas pelos gregos e pelos

normandos. Passei para a África, atravessei em paz aquele grande deserto

amarelo e calmo, pelo qual vagam camelos, gazelas e árabes errantes, onde,

no ar leve e transparente, não flutua qualquer assombração, seja à noite ou

durante o dia.

Voltei à França por Marselha e, apesar da alegria provençal, a luz reduzida

do céu me entristeceu. Senti, ao retornar ao continente, a estranha impressão

de um doente que se acredita curado e a quem uma dor surda previne que a

essência do mal não está extinta.

Depois voltei a Paris. Ao final de um mês, aborrecia-me. Era outono e quis

fazer, antes do inverno, uma excursão pela Normandia, que eu não conhecia.

Comecei por Rouen, é claro, e durante oito dias vaguei distraído,

encantado, entusiasmado, por aquela cidade medieval, por aquele surpreen-

dente museu de extraordinários monumentos góticos.

Ora, uma tarde, por volta das quatro horas, quando me aventurava por uma

rua inacreditável, na qual corre um rio negro como tinta, chamada Eau de

Robec, minha atenção, fixa na fisionomia estranha e antiga das casas, foi de

repente desviada pela visão de uma série de lojas de brechós que lá estavam

uma ao lado da outra.

Ah! Aqueles sórdidos traficantes de velharias tinham escolhido muito bem

seu lugar, naquela fantástica ruela acima daquele sinistro riacho, sob aqueles telhados pontudos de tenhas de ardósia nos quais ainda rangiam os cataventos

do passado!

No fundo das lojas sombrias, viam-se amontoar os baús esculpidos, as porcelanas de Rouen, de Nevers, de Moustiers, estátuas pintadas, outras em

carvalho, cristos, virgens, santos, ornatos de igreja, paramentos, mantos, até mesmo vasos sagrados e um velho tabernáculo em madeira dourada de onde

Deus se mudara. Oh! As singulares cavernas naquelas casas altas, naquelas

casas grandes, cheias, dos porões aos sótãos, de objetos de todo tipo, cuja

existência parecia terminada, que sobreviviam a seus donos, a seu século, a

seu tempo, a sua moda, para serem comprados como curiosidades pelas novas

gerações.

Minha ternura pelos bibelôs despertava naquela cidade de antiquários. Eu

ia de loja em loja, atravessando, em duas passadas, as pontes de quatro tábuas podres atiradas sobre a corrente nauseabunda da Eau de Robec.

Misericórdia! Que choque! Um de meus mais belos armários apareceu-me

na entrada de uma abóbada atulhada de objetos e que parecia a entrada das

catacumbas de um cemitério de móveis antigos. Aproximei-me com todos os

membros trêmulos, tão trêmulo que não ousava tocá-lo. Eu esticava a mão,

hesitava. Mas era bem ele: um armário Luís XIII único, reconhecível por

quem quer que o tivesse visto uma única vez. Erguendo de repente os olhos

para um pouco mais adiante, para as profundezas daquela galeria, avistei três

de minhas poltronas cobertas de tapeçaria em petit-point, depois, ainda mais

adiante, minhas duas mesas Henrique II, tão raras que ia gente de Paris para

vê-las.

Imaginem! Imaginem o estado de minha alma!

E eu avançava, paralisado, agonizando de emoção, mas avançava, pois sou

valente, avançava como um cavaleiro das épocas tenebrosas penetrava num

antro de sortilégio. Encontrava a cada pilha tudo o que me pertencera, meus

lustres, meus livros, meus quadros, meus tecidos, minhas armas, tudo, exceto

a escrivaninha com minhas cartas, que não vi.

Eu prosseguia, descendo as galerias obscuras para voltar a seguir aos

andares superiores. Eu estava sozinho. Chamava, ninguém respondia. Eu

estava sozinho; não havia ninguém naquela casa imensa e tortuosa como um

labirinto.

Chegou a noite e precisei me sentar, nas trevas, sobre uma de minhas

cadeiras, pois absolutamente não queria ir embora. De tempos em tempos

gritava:

— Olá! Olá alguém!

Eu estava lá há mais de uma hora, sem dúvida, quando ouvi passos, passos leves, lentos, não sei onde. Quase fugi, mas, obstinado, chamei novamente, e

percebi uma luz no cômodo vizinho.

— Quem está aí? — perguntou uma voz.

Respondi:

— Um comprador.

Retrucaram:

— E bem tarde para entrar assim nas lojas.

Continuei:

— Estou a sua espera há mais de uma hora.

— O senhor poderia ter voltado amanhã.

— Amanhã não estarei mais em Rouen.

Eu não ousava me aproximar, e ele não vinha. Eu continuava a ver a

claridade de sua luz iluminando uma tapeçaria na qual dois anjos voavam

acima dos mortos de um campo de batalha. Também me pertencia. Eu disse:

— Então? O senhor vem?

Ele respondeu:

— Estou a sua espera.

Levantei-me e fui até ele.

No meio de um grande cômodo estava um homem muito baixinho, muito

baixinho e muito gordo, gordo como um fenômeno, um pavoroso fenômeno.

Ele tinha uma barba extraordinária, de pêlos desiguais, ralos e amarelados,

e nenhum fio de cabelo na cabeça! Nenhum fio de cabelo! Como ele segurava

sua vela na ponta do braço erguido para me ver, seu crânio me surgiu como

uma pequena lua naquele enorme quarto abarrotado de velhos móveis. O rosto

era enrugado e balofo, os olhos imperceptíveis.

Regateei três cadeiras que eram minhas e logo paguei por elas uma grande

soma, dando simplesmente o número de meu apartamento no hotel. Elas me

deveriam ser entregues no dia seguinte antes das nove horas.

Depois, saí. Ele me levou até sua porta com muita cortesia.

Dirigi-me a seguir ao comissário central da polícia, a quem contei o roubo

de minha mobília e a descoberta que acabava de fazer.

Ele pediu, no mesmo instante, informações por telégrafo à instância que

cuidara do caso daquele roubo, pedindo-me que aguardasse a resposta. Uma

hora mais tarde, ela chegou, totalmente satisfatória.

— Vou mandar prender esse homem e interrogá-lo imediatamente —

disse-me ele — pois ele poderia ter suspeitado de algo e feito desaparecer o

que lhe pertence. Poderia ir almoçar e voltar em duas horas? Eu o terei aqui e mandarei submetê-lo a um novo interrogatório na sua presença.

— Com muito prazer, senhor. Agradeço-lhe de todo o coração. Fui almoçar no meu hotel e comi melhor do que teria imaginado.

Apesar de tudo, eu estava bastante contente. Ele fora apanhado.

Duas horas mais tarde, voltei ao funcionário da polícia, que me aguardava.

— Pois bem, senhor! — disse ele ao me ver. — Não encontramos o seu

homem. Meus agentes não conseguiram pegá-lo.

Ah! Senti-me desfalecer.

— Mas... conseguiram encontrar a casa? — perguntei.

— Com certeza. Ela vai ser observada e vigiada até a volta dele. Quanto a

ele, desapareceu.

— Desapareceu?

— Desapareceu. Ele passa em geral as noites na casa da vizinha, uma

comerciante de antiguidades também, uma feiticeira estranha, a viúva Bidoin.

Ela não o viu esta noite, e não tem qualquer informação a dar sobre ele.

Precisamos esperar até amanhã.

Fui embora. Ah! Como as ruas de Rouen me pareceram sinistras, perturbadoras, assombradas.

Dormi muito mal, com pesadelos a cada pedacinho de sono.

Como não queria parecer por demais inquieto ou apressado, esperei até as

dez horas, no dia seguinte, para ir à polícia.

O comerciante não reaparecera. Sua loja continuava fechada.

O comissário me disse:

— Tomei todas as providências necessárias. A delegacia está a par de

tudo; vamos juntos àquela loja e vamos mandar abri-la, o senhor me mostrará

tudo o que é seu.

Uma viatura nos levou. Havia agentes parados, com um serralheiro, diante

da porta da loja, que foi aberta.

Não vi, ao entrar, nem meu armário, nem minhas poltronas, nem minhas

mesas, nem coisa alguma, nada, nada, do que havia mobiliado minha casa,

absolutamente nada, enquanto na véspera à noite eu não podia dar um passo

sem encontrar um de meus objetos.

O comissário central, surpreso, olhou-me a princípio com desconfiança.

— Meu Deus, senhor — falei —, o desaparecimento desses móveis coincide estranhamente com o do comerciante.

Ele sorriu.

— É verdade! O senhor fez mal comprando e pagando seus objetos, ontem

à noite. Isso o alertou.

Continuei:

— O que me parece incompreensível é que todos os lugares onde estavam

os meus móveis estejam agora ocupados por outros.

— Oh! — respondeu o comissário. — Ele teve a noite inteira, e cúmplices,

sem dúvida. Esta casa deve se comunicar com as casas vizinhas. Não se

preocupe, senhor, vou me ocupar deste caso com muito empenho. O malandro

não nos escapará por muito tempo, porque estamos observando o covil.

.....

Ah! Meu coração, meu coração, meu pobre coração, como ele batia!

.....

Fiquei 15 dias em Rouen. O homem não voltou. Céus! Céus! Quem seria

capaz de prender ou surpreender aquele homem?

Ora, no décimo sexto dia, pela manhã, recebi de meu jardineiro, guardião

de minha casa saqueada e ainda vazia, a estranha carta que segue:

Senhor,

Tenho a honra de informar ao senhor que se passou, ontem à noite, algo

que ninguém compreende, e a polícia tampouco. Todos os móveis voltaram,

todos sem exceção, todos, até os menores objetos. A casa está agora

exatamente igual ao que era na véspera do roubo. É de se perder a cabeça.

Isso se deu na noite de sexta-feira para sábado. Os caminhos estão em

péssimo estado, como se alguém houvesse arrastado tudo, da porteira até a

porta de entrada. Estava do mesmo modo no dia do desaparecimento.

Esperamos pelo senhor, de quem sou humilde servidor,

PHILIPPE RAUDIN

Ah, não! Ah, não! Ah, não! Não voltarei para lá!

Levei a carta ao comissário de Rouen.

— É uma restituição muito hábil — disse ele. — Vamos nos fazer de mortos. Qualquer dia desses pegamos o homem.

.....

Mas não o pegaram. Não. Eles não o pegaram e eu tenho medo dele, agora,

como se fosse uma besta feroz solta atrás de mim.

Inencontrável! É inencontrável, aquele monstro com cabeça de lua! Nunca

o apanharão. Ele não voltará para casa. Não lhe interessa. Só eu posso

encontrá-lo, e eu não quero.

Não quero! Não quero! Não quero!

E se ele voltar, se entrar em sua loja, quem poderá provar que meus

móveis estavam em sua casa? Contra ele só há o meu testemunho, e vejo bem

que está ficando suspeito.

Ah, não! Esta existência não era mais possível. E eu não podia guardar o

segredo do que vi. Não podia continuar a viver como todo mundo, com o

temor de que coisas semelhantes voltassem a acontecer.

Vim em busca do médico que dirige esta casa de saúde, e contei tudo.

Depois de me interrogar por muito tempo, ele disse:

— O senhor consentiria em ficar aqui por algum tempo?

— Com prazer, senhor.

— O senhor tem recursos?

— Tenho, senhor.

— Deseja um pavilhão isolado?

— Sim, senhor.

— Desejará receber amigos?

— Não, senhor. Não. Ninguém. O homem de Rouen poderia ousar,
por

vingança, me perseguir até aqui.

.....

E estou só, só, completamente só, há três meses. Estou quase
tranqüilo. Só

tenho medo de uma coisa... Se o antiquário enlouquecer... e se o
puserem

neste hospício... Nem mesmo as prisões são seguras...

6 de abril de 1890

Tradução de Celina Portocarrero

O horla

8 DE MAIO - QUE DIA LINDO! Passei toda a manhã deitado na
relva, na frente da

minha casa, sob o enorme plátano que a cobre, a abriga e a
sombreia por

inteiro. Gosto desse lugar, e gosto de viver aqui porque aqui tenho
minhas

raízes, essas profundas e delicadas raízes, que prendem um homem
na terra

em que nasceram e morreram seus ancestrais, que o prendem ao
que se pensa

e ao que se come, aos usos e aos alimentos, às locuções orais, às entonações

dos camponeses, aos cheiros do solo, das aldeias e do próprio ar.

Gosto de minha casa onde cresci. De minhas janelas, vejo o Sena que

corre, ao longo de meu jardim, atrás da estrada, quase dentro de casa, o

grande e largo Sena que vai de Rouen ao Havre, coberto de barcos que

passam.

À esquerda, ao longe. Rouen, a grande cidade de telhados azuis, sob a

multidão pontuda dos campanários góticos. Eles são incontáveis, frágeis ou

amplos, dominados pela flecha metálica da catedral e cheios de sinos que

batem no ar azul das belas manhãs, enviando-me seu suave e longínquo

burburinho de ferro, seu canto de bronze que a brisa me traz, ora mais forte

ora mais fraco, conforme ela desperta ou cochila.

Como estava bonita aquela manhã!

Por volta das onze horas, um longo comboio de navios, puxados por um

rebocador, do tamanho de uma mosca e que resmungava de dor vomitando

uma fumaça espessa, desfilou diante de minha grade.

Depois de duas escunas inglesas, cujo pavilhão vermelho ondulava ao céu,

vinha uma esplêndida barca brasileira de três mastros, toda branca, admiravelmente limpa e reluzente. Saudei-a, não sei por quê, tão grande foi o prazer que me deu a visão daquele navio.

12 de maio — Estou com um pouco de febre há alguns dias; sinto-me

adoentado, ou talvez me sinta triste.

De onde vêm essas influências misteriosas que transformam em desânimo

nossa felicidade e nossa confiança em angústia? Dir-se-ia que o ar, o ar

invisível, está cheio de forças desconhecidas, cuja misteriosa proximidade nos afeta. Acordo cheio de alegria, com vontades de cantar em minha garganta. —

Por quê? — Desço o curso da água e de repente, depois de um curto passeio,

volto desolado, como se alguma infelicidade me aguardasse em casa. — Por

quê? — Será um arrepio de frio que, roçando minha pele, abalou meus nervos

e me sombreou a alma? Será a forma das nuvens, ou a cor do dia,
ou a cor das

coisas, tão variável, que, passando pelos meus olhos, perturbou
meu

pensamento? Sabe-se lá? Tudo o que nos cerca, tudo o que vemos
sem olhar,

tudo o que roçamos sem conhecer, tudo o que tocamos sem
apalpar, tudo o

que encontramos sem distinguir, exerce sobre nós, sobre nossos
órgãos e,

através deles, sobre nossas idéias, sobre nosso próprio coração,
efeitos

rápidos, surpreendentes e inexplicáveis.

Como é profundo esse mistério do Invisível! Não conseguimos
sondá-lo

com nossos sentidos miseráveis, com nossos olhos que não sabem
perceber

nem o muito pequeno nem o muito grande, nem o muito perto nem
o muito

longe, nem os habitantes de uma estrela, nem os habitantes de
uma gota

d'água... com nossos ouvidos que nos enganam, pois nos
transmitem as

vibrações do ar em notas sonoras, são fadas que fazem o milagre
de

transformar em ruído o movimento e por tal metamorfose fazem
nascer a

música, que torna cantante a agitação muda da natureza... com
nosso olfato,

mais fraco do que o do cão... com nosso paladar, que mal consegue
determinar a idade de um vinho!

Ah! Se tivéssemos outros órgãos que realizassem a nosso favor
outros

milagres, quantas coisas poderíamos ainda descobrir ao nosso
redor!

16 de maio — Decididamente, estou doente! Eu estava tão bem o
mês

passado! Estou com febre, uma febre atroz, ou, melhor dizendo, um
aba-

timento febril, que faz minha alma sofrer tanto quanto meu corpo!
Tenho sem

cessar essa terrível sensação de um perigo ameaçador, esse receio
de uma

infelicidade que chega ou da morte que se aproxima, esse pres-

sentimento que é sem dúvida o ataque de um mal ainda
desconhecido, germinando no sangue e na carne.

18 de maio — Acabo de ir consultar um médico, porque não
consequia mais

dormir. Ele achou meu pulso rápido, o olho dilatado, os nervos
vibrantes, mas

sem qualquer sintoma alarmante. Devo tomar duchas e beber brometo de

potássio.

25 de maio — Nenhuma mudança! Meu estado, realmente, é estranho! À

medida que a noite se aproxima, uma inquietação incompreensível me invade,

como se a noite, para mim, ocultasse uma terrível ameaça. Janto depressa,

depois tento ler; mas não compreendo as palavras; mal distingo as letras.

Ando então de um lado para o outro em meu salão, sob a opressão de um

medo confuso e irresistível, o medo do sono e o medo da cama.

Por volta das dez horas, subo para o quarto. Mal entro, dou duas voltas na

chave, e empurro os ferrolhos; tenho medo... de quê?... eu nada temia até

aqui... abro meus armários, olho debaixo da cama; escuto... escuto... o quê?...

Será estranho que um simples mal-estar, talvez uma perturbação da circulação, a irritação de um terminal nervoso, um pouco de congestão, uma

alteração no funcionamento tão imperfeito e tão delicado de nossa máquina

vivente, possa transformar num melancólico o mais alegre dos
homens, e num

poltrão o mais bravo? Depois me deito e espero o sono como se
esperasse o

carrasco. Espero por ele com o pavor de sua vinda e meu coração
bate e

minhas pernas tremem; e todo o meu corpo treme no calor dos
lençóis, até o

momento em que caio de repente no repouso, como alguém cairia,
para se

afogar, num abismo de água estagnada. Não o sinto vir, como
antes, um sono

pérfido, escondido perto de mim, que me espreita, que vai me
agarrar pela

cabeça, me fechar os olhos, me derrubar.

Durmo muito tempo — duas ou três horas —, depois um sonho —
não —

um pesadelo me envolve. Sinto perfeitamente que estou deitado e
que

durmo... sinto e sei... e sinto também que alguém se aproxima de
mim, me

olha, me apalpa, sobe em minha cama, se ajoelha sobre meu peito,
agarra meu

pescoço entre as mãos e aperta... aperta... com toda a sua força
para me

estrangular.

Eu me debato, preso por aquela impotência atroz, que nos paralisa
nos

sonhos; quero gritar — não consigo —, quero me mexer — não

consigo —, tento, num esforço horroroso, ofegando, me virar,
derrubar aquele ser que me esmaga e me sufoca — não consigo!

E de repente acordo, apavorado, coberto de suor. Acendo uma vela.
Estou

sozinho.

Depois dessa crise, que se renova todas as noites, durmo afinal,
com

calma, até a aurora.

2 de junho — Meu estado se agravou ainda mais. Afinal, o que
tenho? O

brometo de nada adianta, as duchas de nada adiantam. Há pouco,
para cansar

meu corpo, entretanto tão exausto, fui dar uma volta pela floresta
de Roumare.

Pensei a princípio que o ar fresco, leve e suave, cheio do cheiro de
ervas e

folhas, me injetava nas veias um sangue novo, no coração uma
nova energia.

Fui por um largo caminho de caça, depois virei na direção de La
Bouille, por

uma aléia estreita, entre duas fileiras de árvores inacreditavelmente altas que criavam um teto verde, espesso, quase negro, entre mim e o céu.

Um tremor tomou conta de mim de repente, não um tremor de frio, mas

um estranho tremor de angústia.

Apressei o passo, inquieto por estar sozinho naquele bosque, amedrontado

sem razão, estupidamente, pela profunda solidão. De repente, achei que estava

sendo seguido, que andavam atrás de mim, bem perto, quase me tocando.

Virei-me bruscamente. Estava sozinho. Atrás de mim vi apenas a aléia,

larga e reta, vazia, alta, terrivelmente vazia; e do outro lado ela se entendia a perder de vista, sempre igual, apavorante.

Fechei os olhos. Por quê? E comecei a rodar sobre mim mesmo, muito

depressa, como um pião. Quase caí; reabri os olhos; as árvores dançavam, a

terra flutuava; precisei me sentar. Então, ah!, eu não sabia mais por onde tinha vindo! Estranha idéia! Estranha! Estranha idéia! Não sabia mais, mesmo. Fui

pelo lado que estava a minha direita e voltei pela avenida que me tinha levado para dentro da floresta.

3 de junho — A noite foi horrível. Vou me ausentar por algumas semanas.

Uma pequena viagem, sem dúvida, me fará bem.

2 de julho — Voltei. Estou curado. Aliás, fiz uma excursão encantadora.

Visitei o monte Saint-Michel, que não conhecia.

Que vista, quando se chega, como eu, a Avranches, no final do dia!
A

cidade fica numa colina; e me levaram ao jardim público, na

extremidade da cidade. Dei um grito de espanto. Uma baía imensa estendia-se a minha frente, a perder de vista, entre duas encostas afastadas que se perdiam ao longe na bruma; e no meio daquela imensa baía amarela, sob um céu de

ouro e claridade, erguia-se escuro e pontudo um estranho monte, no meio da

areia. O sol acabava de desaparecer e no horizonte ainda flamejante

desenhava-se o perfil daquele fantástico rochedo que tem em seu pico um

fantástico monumento.

Assim que amanheceu, fui até ele. O mar estava baixo, como na véspera à

noite, e eu via erguer-se a minha frente, à medida que me aproximava, a

surpreendente abadia. Depois de muitas horas de caminhada, cheguei ao

enorme bloco de pedra que contém a pequena cidadela dominada pela grande

igreja. Subindo a rua estreita e rápida, entrei na mais bela morada gótica

construída por Deus sobre a terra, grande como uma cidade, cheia de salas

baixas esmagadas sob abóbadas e altas galerias sustentadas por frágeis

colunas. Entrei naquela gigantesca jóia de granito, tão leve quanto uma renda, coberta de torres, de campanários esbeltos para os quais sobem escadarias

tortas e que lançam no céu azul dos dias. no céu negro das noites, suas

cabeças bizarras cobertas de quimeras, de diabos, de animais fantásticos, de

flores monstruosas, unidas umas às outras por finos arcos trabalhados.

Quando cheguei ao alto, disse ao monge que me acompanhava:

— Padre, como o senhor deve se sentir bem aqui!

Ele respondeu:

— Estai ventando muito, senhor. — E começamos a conversar observando

subir o mar, que corria sobre a areia e a cobria com uma couraça de aço.

E o monge me contou histórias, todas as velhas histórias daquele lugar,

lendas, sempre lendas.

Uma delas me impressionou muito. A gente da região, do monte, afirma

que se ouve falar à noite nas areias, depois que se escutam balir duas cabras, uma com voz forte, a outra com voz fraca. Os incrédulos afirmam que são

gritos das aves do mar, que ora parecem balidos, ora lamentos humanos; mas

os pescadores atrasados juram ter encontrado, vagando sobre as dunas, entre

duas marés, ao redor da cidadezinha assim atirada longe do mundo, um velho

pastor, do qual jamais se vê a cabeça coberta por seu manto, que conduz,

andando à frente deles, um bode com cara de homem e uma cabra com cara

de mulher, ambos com longos cabelos brancos e falando sem parar, discutindo

numa língua

desconhecida e depois, de repente, deixando de gritar para balir com todas as suas forças.

Perguntei ao monge:

— O senhor acredita?

Ele murmurou:

— Não sei.

Insisti:

— Se houvesse sobre a terra outros seres além de nós, como não os

conheceríamos há muito tempo? Como o senhor não os teria visto? Como eu

não os teria visto?

Ele respondeu:

— Será que vemos a centésima milésima parte do que existe? Veja, aí está

o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate os

prédios, desenraiza as árvores, suspende o mar em montanhas de água, destrói

os penhascos e atira nas rochas os grandes navios, o vento que mata, que

assobia, que geme, que rugir: já o viu e consegue vê-lo? Mas ele existe.

Calei-me diante desse raciocínio simples. Aquele homem era um sábio, ou

talvez um tolo. Não saberia afirmá-lo com certeza, mas calei-me.
No que ele

estava dizendo, eu havia pensado muitas vezes.

3 de julho — Dormi mal; com certeza há aqui uma influência febril,
pois meu

cocheiro sofre do mesmo mal que eu. Ao voltar para casa ontem,
percebi sua

estranha palidez. Perguntei:

— O que tem. Jean?

— Tenho é que não consigo mais descansar, senhor, são minhas
noites que

comem meus dias. Desde que o senhor partiu, isso me persegue
como um

feitico.

Os outros criados vão bem, entretanto, mas tenho muito medo de
uma

recaída.

4 de julho — Decididamente, é uma recaída. Meus antigos
pesadelos estão de

volta. Essa noite, senti alguém acorado em cima de mim e que,
com a boca

na minha, bebia minha vida entre meus lábios. É, sugava-a da
minha garganta,

como teria feito uma sanguessuga. Depois se levantou, saciado, e eu acordei

tão mortificado, alquebrado, enfraquecido, que não conseguia mais me mexer.

Se isso continuar por mais alguns dias, com certeza partirei outra vez.

5 de julho — Será que perdi o juízo? O que aconteceu a noite passada é tão estranho que minha cabeça se perde quando penso!

Como faço agora todas as noites, eu tinha fechado minha porta a chave;

depois, com sede, bebi meio copo d'água e, por acaso, percebi que a garrafa

estava cheia até a rolha de cristal.

Deitei-me a seguir e caí num de meus sonhos apavorantes, do qual fui

tirado ao fim de mais ou menos duas horas por uma sacudidela ainda mais

terrível.

Imaginem um homem que dorme, que está sendo assassinado, e que

acorda, com uma faca no pulmão, e que estertora coberto de sangue, e que não

consegue mais respirar, e que vai morrer e que não compreende: é isso.

Tendo recobrado a razão, senti sede outra vez; acendi uma vela e fui até a

mesa sobre a qual estava minha garrafa. Levantei-a, inclinando-a sobre meu

copo: nada escorreu. Estava vazia! Estava completamente vazia! No início,

nada compreendi; depois, de repente, senti uma emoção tão terrível que

precisei me sentar, ou melhor, caí sobre uma cadeira! Depois me ergui num

salto para olhar a minha volta! Depois voltei a sentar, desesperado de espanto e medo, diante do cristal transparente! Eu o contemplava com os olhos fixos,

tentando adivinhar. Minhas mãos tremiam! Beberam aquela água? Quem?

Eu? Eu, com certeza! Só poderia ter sido eu! Então... eu era sonâmbulo, eu

vivia, sem saber, aquela dupla vida misteriosa que faz pensar se existem dois

seres em nós, ou se um ser estranho, desconhecível e invisível, anima, às

vezes, quando nossa alma está bloqueada, nosso corpo cativo que obedece

àquele outro, como se a nós mesmos, mais que a nós mesmos.

Ah! Quem compreenderá minha angústia abominável? Quem com-

preenderá a emoção de um homem, são de espírito, bem desperto, em plena

razão, e que olha apavorado, através do vidro de uma garrafa, um pouco de

água desaparecida enquanto ele dormia? E fiquei ali até o raiar do dia, sem

ousar voltar para a cama.

6 de julho — Estou ficando louco. Outra vez beberam toda a minha garrafa,

essa noite — ou melhor, eu a bebi!

Mas, fui eu? Fui eu? Quem terá sido? Quem? Ah! Meu Deus! Estou

ficando louco! Quem irá me salvar?

10 de julho — Acabo de fazer constatações surpreendentes. Decididamente,

estou louco! Ainda assim...

Dia 6 de julho, antes de deitar, coloquei em minha mesa vinho, leite, água,

pão e morangos.

Beberam — eu bebi — toda a água, e um pouco de leite. Não tocaram no

vinho, nem no pão, nem nos morangos.

Dia 7 de julho, refiz a mesma experiência, que deu o mesmo resultado.

Dia 8 de julho, suprimi a água e o leite. Em nada tocaram.

Dia 9 de julho, finalmente, recoloquei sobre a mesa apenas a água e o leite,

mas tendo o cuidado de enrolar as garrafas em lenços de musselina branca e

amarrar as tampas com barbante. Depois, esfreguei meus lábios, minha barba,

minhas mãos com grafite, e me deitei.

O sono invencível me dominou, logo seguido pelo despertar atroz. Eu não

me mexera; meus próprios lençóis não tinham marcas. Corri até a mesa. Os

lenços fechando as garrafas continuavam imaculados. Soltei os cordões,

palpitando de medo. Tinham bebido toda a água! Tinham bebido todo o leite!

Ah! Meu Deus!...

Vou para Paris daqui a pouco.

12 de julho — Paris. Então eu tinha perdido o juízo nos últimos dias! Devo ter sido o joguete de minha imaginação exacerbada, a menos que seja realmente

sonâmbulo, ou que tenha sofrido uma dessas influências constatadas, mas até

agora inexplicáveis, que são chamadas de sugestões. Em todo caso, minha

aflição beirava a demência, e 24 horas de Paris bastaram para me recuperar.

Ontem, depois de compras e visitas, que me fizeram correr na alma um ar

novo e vivificante, terminei minha noite no Théâtre-Français¹. Representavam uma peça de Alexandre Dumas Filho e aquele espírito alerta e enérgico

acabou de me curar. Com certeza, a solidão é perigosa para as inteligências

que trabalham. Precisamos ter a nossa volta homens que pensam e que falam.

Quando ficamos sozinhos por muito tempo, povoamos o vazio com fantasmas.

Voltei para o hotel muito contente, pelos bulevares. Em contato com a

multidão, eu pensava, não sem ironia, nos meus terrores, nas minhas

suposições da semana passada, pois acreditei, é, acreditei que um ser invisível habitava sob meu teto. Como nossa cabeça é fraca e se angustia,

1 Teatro nacional francês que abriga a *Comédie Française*, construído de 1786 a 1790 e reconstruído, depois de um incêndio, em 1900. (N.T.)

e se perde depressa, quando nos vemos confrontados com um pequeno acontecimento incompreensível!

Em vez de concluirmos com estas simples palavras: "Não compreendo

porque a causa me escapa", imaginamos imediatamente mistérios aterradores e poderes sobrenaturais.

14 de julho — Festa da República. Passei pelas ruas. Os estrondos e as

bandeiras me divertiam como a uma criança. E olhem que é muito idiota ser

feliz com data marcada, por decreto do Governo. O povo é uma manada

imbecil, ora estupidamente paciente, ora ferozmente revoltada. Dizem:

"Divirta-se". Ele se diverte. Dizem: "Vai lutar com o vizinho." Ele vai lutar.

Dizem: "Vote a favor do Imperador." Ele vota a favor do Imperador. Depois, lhe dizem: "Vote a favor da República." E ele vota a favor da República.

Os que governam são idiotas também; mas em vez de obedecer a homens,

obedecem a princípios, que só podem ser ingênuos, estéreis e falsos, pelo fato mesmo de serem princípios, ou seja, idéias consideradas certas e imutáveis,

nesse mundo no qual não se tem certeza de coisa alguma, já que a luz é uma

ilusão, já que o ruído é uma ilusão.

16 de julho — Vi ontem coisas que me perturbaram muito.

Eu estava jantando em casa de minha prima, a sra. Sablé, cujo marido

comanda o 76º Batalhão de Infantaria, em Limoges. Estava em sua casa com

duas mulheres jovens, uma das quais casou-se com um médico, o dr. Parent,

que lida muito com as doenças nervosas e manifestações extraordinárias

atualmente reveladas pelas experiências com o hipnotismo e a sugestão.

Ele nos falou longamente a respeito dos resultados prodigiosos obtidos

pelos sábios ingleses e pelos médicos da Escola de Nancy.

Os fatos que narrou me pareceram tão estranhos que me declarei absolutamente incrédulo.

— Estamos — afirmava ele — a ponto de descobrir um dos mais

importantes segredos da natureza, quero dizer, um dos mais importantes

segredos desta terra; pois ela tem com certeza outros, lá em cima, nas estrelas.

Desde que o homem pensa, desde que ele sabe dizer e escrever seu

pensamento, ele se sente atingido por um mistério impenetrável por seus

sentimentos grosseiros e imperfeitos, e trata de substituí-lo, através de um

esforço de sua inteligência, à impotência de seus órgãos. Quando tal

inteligência permanecia ainda em estado rudimentar,

tal obsessão dos fenômenos invisíveis assumiu formas corriqueiramente apavorantes. Daí nasceram as crenças populares no sobrenatural, as lendas das

almas penadas, das fadas, dos gnomos, dos fantasmas, eu diria mesmo a lenda

de Deus, porque nossas concepções do operário-criador, venham de que

religião vierem, são sem dúvida as invenções mais medíocres, as mais

estúpidas, as mais inaceitáveis saídas da mente amedrontada das criaturas.

Nada mais verdadeiro do que a frase de Voltaire: "Deus fez o homem a sua

imagem, mas o homem fez igual com Ele."

— Mas, há pouco mais de um século, parece que se pressente algo novo.

Mesmer e alguns outros nos colocaram num caminho inesperado e nós

realmente chegamos, sobretudo nos últimos quatro ou cinco anos, a resultados

surpreendentes.

Minha prima, também muito incrédula, sorria. O dr. Parent lhe disse:

— A senhora quer que eu tente fazê-la dormir?

— Quero, quero sim.

Ela sentou-se numa poltrona e ele começou a olhá-la fixamente, fascinando-a. Senti-me de repente um pouco agitado, o coração batendo, a

garganta apertada. Via os olhos da sra. Sablé ficarem pesados, sua boca se

crispar, seu peito ofegar.

Ao fim de dez minutos, ela dormia.

— Fique atrás dela — disse o médico. E eu me sentei atrás dela. Ele colocou em suas mãos um cartão de visita, dizendo: — Isto é um espelho; o

que vê nele?

Ela respondeu:

— Estou vendo o meu primo.

— O que ele está fazendo?

— Torcendo o bigode.

— E agora?

— Está tirando uma fotografia do bolso.

— Que fotografia é essa?

— A dele.

Era verdade. E aquela fotografia acabava de me ser entregue, naquela

mesma noite, no hotel.

— Como ele está nesse retrato?

— Está de pé, com o chapéu na mão.

Então ela enxergava naquele cartão, naquela cartolina branca, como teria

enxergado num espelho.

As moças, apavoradas, diziam:

— Chega! Chega! Chega!

Mas o médico ordenou:

— A senhora vai se levantar amanhã às oito horas, depois vai ao hotel em

que está seu primo e vai lhe implorar que lhe empreste cinco mil francos que

o seu marido está lhe pedindo e que ele lhe cobrará em sua próxima viagem.

Então ele a acordou.

Voltando para o hotel, estive pensando naquela curiosa sessão e fui

assaltado por dúvidas, não a respeito da absoluta, a insuspeitável
boa-fé de

minha prima, que eu conhecia como uma irmã, desde a infância,
mas a

respeito de uma possível trapaça do médico. Será que não ocultava
em sua

mão um espelho que mostrava à jovem mulher adormecida, junto
com seu

cartão de visitas? Os prestidigitadores profissionais fazem coisas
igualmente

estranhas.

Cheguei ao hotel e me deitei.

Ora, naquela manhã, por volta das oito e meia, fui acordado por
meu

criado, que me disse:

— Está aí a sra. Sable que pede para falar imediatamente com o
senhor.

Vesti-me às pressas e recebi minha prima.

Ela se sentou, muito perturbada, olhos baixos e, sem erguer seu
véu, me

disse:

— Meu caro primo, preciso pedir-lhe um enorme favor.

— Qual, minha prima?

— Fico muito aborrecida por ter que lhe dizer isto, mas não há outro modo. Eu preciso, preciso realmente, de cinco mil francos.

— Ora vamos, logo você?

— É, eu preciso, ou melhor, foi meu marido quem me encarregou de consegui-los.

Eu estava tão estupefato que gaguejava minhas respostas. Eu me per-

guntava se ela e o dr. Parent não estariam zombando de mim, se aquilo não

seria uma simples farsa preparada de antemão e muito bem encenada.

Mas, olhando-a com atenção, todas as minhas dúvidas se dissiparam. Ela

tremia de angústia, de tanto que aquela atitude lhe doía, e compreendi que

tinha a garganta cheia de soluços.

Eu sabia que ela era muitíssimo rica, e continuei:

— Mas como? Seu marido não pode dispor de cinco mil francos? Ora vamos, pense bem. Tem certeza de que foi ele quem disse para me pedir?

Ela hesitou por alguns segundos como se fizesse um grande esforço para remexer em sua memória e depois respondeu:

— Foi... foi sim... tenho certeza.

— Ele lhe escreveu?

Ela hesitou outra vez, refletindo. Eu podia adivinhar o trabalho torturante

de seus pensamentos. Ela não sabia. Sabia apenas que precisava me pedir

cinco mil francos emprestados, para seu marido. Então, ela ousou mentir.

— É, ele me escreveu.

— Mas quando? Você nada me disse ontem.

— Recebi a carta esta manhã.

— Pode me mostrar?

— Não... não... não... ela tinha coisas íntimas... pessoais demais... eu... eu a queimei.

— Então é porque seu marido se endividou.

Ela hesitou outra vez, depois murmurou:

— Não sei.

Declarei bruscamente:

— Acontece, minha cara prima, que não posso dispor de cinco mil francos

neste momento.

Ela deu uma espécie de grito de sofrimento.

— Oh! Oh! Por favor, por favor, consiga-os...

Ela se exaltava, juntava as mãos como se me suplicasse! Eu ouvia sua voz

mudar de tom; ela chorava e balbuciava, perseguida, dominada pela ordem

irresistível que havia recebido.

— Oh! Oh! Por favor... se soubesse como estou sofrendo... preciso deles

ainda hoje.

Fiquei com pena dela.

— Você os terá em breve, prometo.

Ela exclamou:

— Ah! Obrigada! Como você é bom.

Continuei:

— Você se lembra do que aconteceu ontem em sua casa?

— Lembro.

— Lembra-se de que o dr. Parent a fez dormir?

— Lembro.

— Muito bem, ele lhe ordenou que viesse hoje pela manhã me pedir cinco

mil francos emprestados e você está agora obedecendo a essa sugestão.

Ela refletiu por alguns segundos e respondeu:

— Mas se é meu marido quem os pede.

Durante uma hora, tentei convencê-la, mas não consegui.

Quando ela saiu, corri até o médico. Ele ia sair e me ouviu sorrindo.

— Acredita agora?

— Mas é claro, tenho que acreditar.

— Vamos até a casa de sua parente.

Ela já estava cochilando numa espreguiçadeira, exausta de cansaço. O

médico tomou-lhe o pulso, observou-a por algum tempo, uma das mãos

erguida na direção de seus olhos que ela fechou pouco a pouco sob o esforço

insustentável daquela força magnética.

Quando ela dormiu:

— Seu marido não precisa mais de cinco mil francos. A senhora vai então

se esquecer de que suplicou a seu primo que os emprestasse e, se ele lhe falar a respeito, a senhora não compreenderá.

Então ele a despertou. Tirei do bolso uma carteira.

— Eis aqui, minha querida prima, o que me pediu hoje pela manhã.

Ela ficou tão surpresa que não ousei insistir. Tentei, entretanto, reavivar-

lhe a memória, mas ela negou com veemência, achou que eu zombava dela e,

no final, quase se zangou.

* * *

Foi assim! Acabo de voltar para casa e não consegui almoçar, tanto essa

experiência me perturbou.

19 de julho — Muitas pessoas às quais contei essa aventura zombaram de

mim. Não sei mais o que pensar. O sábio diz: pode ser?

21 de julho — Fui jantar em Bougival, depois passei a noite no baile dos

barqueiros. Decididamente, tudo depende dos lugares e dos ambientes.

Acreditar no sobrenatural na ilha da Grenouillère seria o cúmulo da loucura...

mas no alto do Monte Saint-Michel?... Mas nas Índias? Sofremos

terrivelmente a influência do que nos cerca. Voltarei para casa na semana que

vem.

30 de julho — Voltei para casa ontem. Tudo vai bem.

2 de agosto — Nada de novo; o tempo está fantástico. Passo os dias vendo o

Sena correr.

4 de agosto — Discussões entre meus criados. Eles afirmam que alguém

quebra os copos, à noite, nos armários. O criado de quarto acusa a cozinheira, que acusa a lavadeira, que acusa os outros dois. Quem é o culpado. Idiota

quem dissesse!

6 de agosto — Desta vez, não estou louco. Eu vi... eu vi... Eu vi... eu vi!...

Não posso mais duvidar... eu vi!... Ainda sinto frio até as unhas... ainda estou com medo até a medula... eu vi!...

Eu estava passeando, às duas horas, em pleno sol, pelos meus canteiros de

roseiras... na aléia das roseiras de outono que começam a dar flor.

Quando parei para olhar uma "gigante das batalhas" que tinha três flores magníficas, eu vi, eu vi perfeitamente, bem perto de mim. a haste de uma

dessas rosas dobrar, como se uma mão invisível a entortasse, depois se

quebrar, como se a mesma mão a tivesse colhido! Depois a flor se ergueu,

descrevendo uma curva que teria feito um braço levando-a até uma boca, e

ficou suspensa no ar transparente, sozinha, imóvel, apavorante mancha

vermelha a três palmos de meus olhos.

Apavorado, joguei-me sobre ela para agarrá-la! Nada encontrei; ela tinha

desaparecido. Fui então tomado por uma cólera furiosa contra mim mesmo;

pois não é possível que um homem razoável e sério tenha tais alucinações.

Mas seria realmente uma alucinação? Eu me virei para procurar a haste e

no mesmo instante a encontrei sobre o arbusto, recém arrancada, entre as duas

outras rosas que ficaram no galho.

Voltei então para casa com a alma em tumulto, porque estou certo agora,

certo como da alternância dos dias e das noites, que existe perto de mim um

ser invisível, que se nutre de leite e água, que pode tocar nas coisas, apanhá-

las e mudá-las de lugar, dotado por conseqüência de uma natureza material,

embora imperceptível para nossos sentidos, e que mora, como eu, sob meu

teto...

7 de agosto — Dormi tranqüilo. Ele bebeu a água de minha garrafa, mas não

perturbou meu sono.

Pergunto-me se estou louco. Enquanto passeava há pouco, em pleno sol,

ao longo do rio, dúvidas me vieram a respeito de minha razão, não

dúvidas vagas como as que tive até agora, mas dúvidas precisas, absolutas. Já vi loucos; conheci alguns que continuavam inteligentes, lúcidos, até mesmo

clarividentes a respeito de todas as coisas da vida, exceto num ponto. Falavam de tudo com clareza, com facilidade, com profundidade, e, de repente, seu

pensamento, tocando a armadilha de sua loucura, ali se desfazia em pedaços,

se dispersava e afundava naquele oceano apavorante e furioso, cheio de ondas

descontroladas, de brumas, de borrascas, que chamam de "demência".

Com certeza, eu acharia que estou louco, completamente louco, se não

estivesse consciente, se não conhecesse muito bem meu estado, se não o

sondasse, analisando-o com total lucidez. Eu não passaria, então, de um

alucinado capaz de raciocinar. Uma perturbação desconhecida teria

acontecido em meu cérebro, uma dessas perturbações que hoje tentam

consignar e explicar os fisiologistas; e tal perturbação teria aberto em meu

espírito, na ordem e na lógica de minhas idéias, uma fenda profunda.

Fenômenos semelhantes ocorrem no sonho que nos leva através das

fantasmagorias mais inverossímeis, sem que com isso fiquemos surpresos,

porque o aparelho verificador, o sentido do controle, esta adormecido;

enquanto a faculdade imaginativa está atenta e trabalhando. Não pode ser que,

em mim, uma das imperceptíveis chaves do teclado cerebral esteja paralisada?

Alguns homens, depois de acidentes, perdem a memória dos nomes próprios

ou dos verbos ou dos números, ou apenas das datas. A localização de todos os

componentes do pensamento está hoje provada. Ora, por que seria

surpreendente que minha faculdade de controlar a ausência de realidade de

certas alucinações estivesse, nesse momento, bloqueada?

Eu pensava em tudo isso andando à beira d'água. O sol cobria de claridade

o rio, tornava deliciosa a terra, enchia meu olhar de amor pela vida,
pelas

andorinhas, cuja agilidade é uma alegria para meus olhos, pelas
folhagens da

margem cuja agitação é uma felicidade para meus ouvidos.

Pouco a pouco, entretanto, um mal-estar inexplicável me ataca.
Uma força,

parecia, uma força oculta me envolvia, me paralisava, me impedia
de ir

adiante, me chamava para trás. Eu sentia aquela dolorosa
necessidade de

voltar para casa que nos oprime quando lá deixamos um doente
querido e

quando nos assalta o pressentimento de um agravamento de seu
mal.

Voltei então a contragosto, certo de que iria encontrar, em casa,
uma má

notícia, uma carta ou um recado. Nada havia; e fiquei mais surpreso
e mais

inquieto do que se tivesse outra vez tido alguma visão fantástica.

8 de agosto — Ontem, passei uma noite horrível. Ele não se
manifesta mais, mas eu o sinto perto, me espiando, me olhando,
me penetrando, me

dominando e mais temível, ocultando-se assim, do que se
manifestasse, por

fenômenos sobrenaturais, sua presença invisível e constante.

Ainda assim, dormi.

9 de agosto — Nada, mas estou com medo.

10 de agosto — Nada; o que vai acontecer amanhã?

11 de agosto — Ainda nada; não consigo mais ficar em casa com esse medo e

esse pensamento enraizados na minha alma; vou embora.

12 de agosto, 10 horas da noite — Durante o dia todo eu quis ir embora; não

consegui. Quis realizar esse ato de liberdade tão fácil, tão simples — sair —, subir no carro para ir a Rouen — não consegui. Por quê?

13 de agosto — Quando sofremos de determinadas doenças, todas as

engrenagens do ser físico parecem quebradas, todas as energias esgotadas,

todos os músculos frouxos, os ossos moles como a carne e a carne líquida

como a água. Sinto isso em meu ser moral de um modo estranho e desolador.

Não tenho mais qualquer força, qualquer coragem, qualquer domínio sobre

mim, nenhum poder de colocar em movimento minha vontade. Não consigo

mais querer; mas alguém quer por mim, e eu obedeco.

14 de agosto __ Estou perdido! Alguém possui minha alma e a governa!

Alguém ordena todos os meus atos, todos os meus movimentos, todos os

meus pensamentos. Não sou mais nada em mim, nada além de um espectador

escravo e apavorado com todas as coisas que faço. Quero sair. Não consigo.

Ele não quer e eu fico, desesperado, tremendo, na poltrona onde ele me

mantém sentado. Quero simplesmente me levantar, me erguer, para acreditar

que sou senhor de mim mesmo. Não consigo! Estou preso a meu assento e

meu assento adere ao chão, de um modo tal que nenhuma força nos levantaria.

Então, de repente, é preciso, é preciso, é preciso que eu vá ao fundo do

jardim colher morangos e comê-los. E eu vou. Colho morangos e os como!

Ah! Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! Existe um Deus? Se existir,

liberte-me, salve-me! Socorra-me! Perdão! Piedade! Mercê! Salve-me! Ah!

Que sofrimento! Que tortura! Que horror!

15 de agosto — Claro, eis como estava possuída e dominada minha pobre

prima, quando veio me pedir cinco mil francos emprestados. Ela sofria de

uma vontade estranha que entrara nela, como uma outra alma, como uma

outra alma parasita e dominadora. Será que o mundo vai acabar?

Mas aquele que me governa, quem é ele, esse invisível? Esse desco-

nhecido, essa alma penada de uma raça sobrenatural?

Então os Invisíveis existem! Então, como, desde a origem do mundo, eles

ainda não se manifestaram de um modo preciso como fazem comigo? Eu

nunca li qualquer coisa que se parecesse com o que aconteceu em minha casa.

Ah! Se eu pudesse deixá-la, se eu pudesse ir embora, fugir e não voltar. Eu

estaria salvo, mas não consigo.

16 de agosto — Hoje consegui escapar por duas horas, como um prisioneiro

que encontra aberta, por acaso, a porta de sua cela. Senti que estava de repente livre e que ele estava longe. Mandei depressa atrelar um cavalo e fui a Rouen.

Ah! Que alegria poder dizer a um homem que obedece:

— Vá a Rouen!

Mandei parar diante da biblioteca e pedi que me prestassem o grande

tratado do dr. Hermann Herestauss sobre os habitantes desconhecidos do

mundo antigo e moderno.

Então, ria hora de subir em minha carruagem, eu quis dizer: "Para a estação!": e gritei — eu não disse, eu gritei — com uma voz tão alta que os passantes se viraram:

— Para casa! — E caí, louco de angústia, sobre o assento da viatura. Ele

me encontrara e retomara.

17 de agosto — Que noite! Que noite! E no entanto me parece que eu deveria

me alegrar. Li até uma hora da manhã! Hermann Herestauss, doutor em

fisiologia e teogonia, escreveu a história e as manifestações de todos os seres invisíveis que vagam em volta do homem ou são por ele sonhados. Descreve

suas origens, seu território, sua força. Mas nenhum deles se parece com o que

me assombra. Dir-se-ia que o homem,

desde que pensa, pressentiu e temeu um ser novo, mais forte que ele, seu sucessor neste mundo, e que, sentindo-o perto e não podendo prever a

natureza desse senhor, criou, em seu terror, todo o povo fantástico dos seres

ocultos, fantasmas vagos nascidos do medo.

Então, tendo lido até uma hora da manhã, fui depois me sentar junto à

janela aberta para refrescar minha cabeça e meu pensamento no vento calmo

da escuridão.

O tempo estava bom, fazia calor! Como eu teria gostado dessa noite,

antigamente!

Nenhuma lua. As estrelas cintilavam trêmulas contra o fundo do céu negro. Quem habita esses mundos? Que formas, que seres vivos, que animais,

que plantas há por lá? Que sabem mais do que nós aqueles que pensam nesses

universos distantes? O que podem mais do que nós? O que vêem eles que nós

não conhecemos? Irá um deles, um dia desses, atravessando o espaço,

aparecer em nossa terra para conquistá-la, como os normandos atravessaram

outrora o mar para escravizar povos mais fracos?

Somos tão enfermos, tão desarmados, tão ignorantes, tão pequenos, nós

aqui, sobre esse grão de lama que se desmancha numa gota d'água.

Adormeci sonhando assim ao vento fresco da noite.

Ora, tendo dormido cerca de quarenta minutos, reabri os olhos sem fazer

um movimento, desperto por não sei que emoção confusa e estranha.

Nada vi, no início, depois, de repente, pareceu-me que uma página do livro

deixado aberto sobre a mesa acabava de virar sozinha. Nenhum sopro de ar

entrara pela minha janela. Fiquei surpreso e esperei. Depois de mais ou menos

quatro minutos, eu vi, eu vi, é isso mesmo, eu vi com meus olhos uma outra

página se erguer e cair sobre a anterior, como se um dedo a houvesse

folheado. Minha poltrona estava vazia, parecia vazia; mas compreendi que ele

estava lá, ele, sentado em meu lugar, e que lia. Num pulo furioso, num pulo

de animal revoltado, que vai estripar seu domador, atravessei o quarto para

pegá-lo, para agarrá-lo, para matá-lo!... Mas a minha cadeira, antes que eu o

atingisse, virou como se alguém fugisse diante de mim... a mesa oscilou, a

lâmpada caiu e apagou, e minha janela se fechou como se um malfeitor

apanhado de surpresa se atirasse na noite, empurrando os batentes com as

mãos.

Então, ele tinha fugido; tinha sentido medo, ele, com medo de mim!

Então... então... amanhã... ou depois.... ou qualquer dia, eu poderia tê-lo

sob meu punho e esmagá-lo de encontro ao chão! Será que os cães, às vezes,

não mordem e estrangulam seus donos?

18 de agosto — Pensei o dia todo. Ah! Sim! Vou obedecer a ele, seguir seus impulsos, fazer todas as suas vontades, me fazer de humilde, submisso,

covarde. Ele é o mais forte. Mas vai chegar a hora...

19 de agosto — Eu sei... eu sei... eu sei de tudo! Acabo de ler isto aqui na

Revista do Mundo Científico:

Uma notícia um tanto curiosa nos chega do Rio de Janeiro. Uma

loucura, uma epidemia de loucura, comparável às demências contagiosas

que atingiram os povos da Europa da Idade Média, grassa neste momento

na província de São Paulo. Os habitantes apavorados deixam suas casas,

desertam de suas aldeias, abandonam suas culturas, dizendo-se

perseguidos, possuídos, governados como gado humano por seres

invisíveis, embora tangíveis, espécies de vampiros que se alimentam de

suas vidas durante o sono, e que, além disso, bebem leite e água, sem

parecer tocar em qualquer outro alimento.

O professor Dom Pedro Henríquez, acompanhado de diversos

pesquisadores médicos, partiu para a província de São Paulo a fim de

estudar in loco as origens e as manifestações dessa surpreendente

loucura, e de propor ao imperador medidas que lhe parecerão as
mais

adequadas a chamar à razão tais populações em estado de delírio.

Ah! Ah! Eu me lembro, lembro daquela bela barca brasileira de três

mastros que passou sob minhas janelas subindo o Sena, dia 8 de maio

passado! Eu a achei tão bonita, tão branca, tão alegre! O Ser estava a bordo,

vindo de lá, de onde sua raça nasceu! E ele me viu! Ele viu minha casa

também branca e saltou do navio na margem. Ah! Meu Deus!

Agora, eu sei, adivinho. Acabou o reinado do homem, acabou.

Ele chegou. Aquele que despertava os primeiros terrores dos povos

primitivos. Aquele que os padres inquietos exorcizavam, que os feiticeiros

evocavam nas noites sombrias, sem vê-lo ainda aparecer, a quem os

pressentimentos dos senhores passageiros do mundo emprestaram todas as

formas monstruosas ou graciosas de gnomos, espíritos, gênios, fadas,

duendes. Depois das grosseiras concepções do pavor primitivo, homens mais

perspicazes pressentiram-no com mais clareza. Mesmer o tinha adivinhado, e

os médicos, já há dez anos, descobriram, de modo preciso, a natureza de seu

poder antes que ele próprio o exercesse. Eles brincaram com essa arma do

novo Senhor, a dominação de uma misteriosa vontade

sobre a alma humana tornada escrava. Chamaram-na magnetismo,

hipnotismo, sugestão... sei lá! Eu os vi brincar como crianças imprudentes

com essa terrível força. Malditos sejamos nós! Maldito homem! Ele chegou,

o... o... como ele se chama... o... parece-me que ele me grita seu nome e eu

não o escuto... o... sim... ele grita... estou ouvindo... não consigo...
repete... o Horla... Ouvi... o Horla... é ele... o Horla... ele chegou!...

Ah! O abutre comeu a pombinha; o lobo comeu o carneiro; o leão
devorou

o búfalo de chifres pontiagudos; o homem matou o leão com a
flecha, com o

gládio, com a pólvora; mas o Horla vai fazer do homem o que nós
fizemos

com o cavalo e o boi: sua coisa, seu servo e seu alimento, pela
única força de sua vontade. Malditos sejamos nós!

Ainda assim o animal, às vezes, se revolta e mata aquele que o
domou... eu

também quero... eu poderia... mas é preciso conhecê-lo, tocá-lo,
vê-lo! Os

sábios dizem que o olho do animal, diferente do nosso, não enxerga
como o

nosso... E meus olhos não conseguem enxergar o recém-chegado
que me

oprime.

Por quê? Ah! Lembro-me agora das palavras do monge do monte
Saint-

Michel: "Será que vemos a centésima milésima parte do que existe?
Veja, aí está o vento, que é a maior força da natureza, que derruba
os homens, abate os prédios, desenraiza as árvores, suspende o
mar em montanhas de água, destrói

os penhascos e atira nas rochas os grandes navios, o vento que mata, que

assobia, que geme, que ruga — já o viu e consegue vê-lo? Mas ele existe."

E eu continuava a pensar: meus olhos são tão fracos, tão imperfeitos, que

nem mesmo enxerga os corpos duros, caso sejam transparentes como o

vidro!... Se uma vidraça sem manchas barrar meu caminho, eles me atiram

sobre ela como o pássaro que entrou num quarto quebra sua cabeça nos vidros

da janela. Mil coisas além dessa os enganam e iludem? O que há de surpreendente, então, no fato de que não saibam perceber um novo corpo que

a luz consegue atravessar.

Um novo ser? Por que não? Certamente ele deveria chegar. Por que seríamos nós os últimos? Não o enxergamos, assim como todos os outros

criados antes de nós? É porque sua natureza é mais perfeita, seu corpo mais

fino e mais bem acabado do que o nosso, do que o nosso tão frágil, tão

grosseiramente concebido, atulhado de órgãos sempre cansados, sempre

forçados como engrenagens complexas demais, do que o nosso, que vive

como uma planta e como um animal, nutrindo-se com dificuldade de ar, de

ervas e de carne, máquina animal presa de doenças,

de deformações, de putrefações, ofegante, mal regulado, primitivo e estranho, engenhosamente mal feito, obra mal acabada e delicada, esboço de ser que

poderia se tornar inteligente e magnífico.

Somos apenas alguns, tão pouco neste mundo, desde a ostra até o homem.

Por que não um a mais, uma vez decorrido o período que separa as sucessivas

aparições de todas as diversas espécies?

Por que não um a mais? Por que não, também, outras árvores de flores

imensas, brilhantes e capazes de perfumar regiões inteiras? Por que não outros elementos além de fogo, ar, terra e água? — são quatro, apenas quatro, esses

pais que nutrem os seres! Que lástima! Por que não são quarenta,

quatrocentos, quatro mil? Como tudo é pobre, mesquinho, miserável! Dado

com avareza, inventado com frieza, feito com descaso! Ah! O elefante, o

hipopótamo, quanta graça! O camelo, quanta elegância!

Mas, dirão vocês, a borboleta! Uma flor que voa! Sonho com uma que

seria do tamanho de cem universos, com asas das quais sequer consigo

exprimir a forma, a beleza, a cor e o movimento. Mas eu a vejo... ela vai de

estrela em estrela, refrescando-as e perfumando-as com o sopro harmonioso e

leve de sua passagem!... E os povos lá de cima a vêem passar, extasiados e

encantados!

* * *

O que tenho, afinal? É ele, ele, o Horla, que me obceca, que me faz pensar

tais loucuras! Ele está em mim, ele se torna minha alma; eu vou matá-lo!

19 de agosto — Vou matá-lo. Eu o vi! Sentei-me à mesa ontem à noite; e fingi

escrever com muita atenção. Eu sabia que ele viria rondar em volta de mim,

bem perto, tão perto que talvez eu conseguisse tocá-lo, agarrá-lo! E então...

então eu teria a força dos desesperados; eu teria minhas mãos, meus joelhos,

meu peito, minha testa, meus dentes para estrangulá-lo, esmagá-lo, mordê-lo,

rasgá-lo.

E eu o aguardava com todos os órgãos superexcitados.

Eu tinha acendido minhas duas lamparinas e as oito velas de minha lareira,

como se eu pudesse, naquela claridade, descobri-lo.

À minha frente, minha cama, uma velha cama de carvalho com colunas; à

direita, minha lareira; à esquerda, minha porta fechada com cuidado, depois

de tê-la deixado aberta por muito tempo, para atraí-lo; atrás de mim, um

armário muito alto com espelho, que todos os dias me

servia para me barbear, me vestir, e no qual eu costumava me olhar, da cabeça aos pés, sempre que passava diante dele.

Então, eu fingia escrever, para enganá-lo, pois ele também me espiava; e

de repente senti, tive certeza de que ele lia por cima de meu ombro, de que ele estava ali, roçando minha orelha.

Retesei-me, as mãos esticadas, virando tão depressa que quase caí.
E

daí?... Podia-se enxergar tudo como em pleno dia e eu não me vi no espe-

lho!... Ele estava vazio, claro, profundo, cheio de luz! Minha imagem não

estava lá dentro... e eu estava na frente dele! Eu via o grande vidro límpido de cima abaixo. E eu olhava para aquilo com olhos de louco; e não ousava mais

ir em frente, não ousava mais fazer um só movimento, ainda que sentindo

muito bem que ele estava ali, mas que me escaparia outra vez, ele, cujo corpo

imperceptível havia devorado meu reflexo.

Como tive medo! Depois eis que, de repente, comecei a me enxergar numa

bruma, no fundo do espelho, numa bruma como se através de um lençol

d'água; e me parecia que aquela água escorria da esquerda para a direita,

devagar, tornando, a cada segundo, minha imagem mais precisa. Era como o

fim de um eclipse. O que me escondia não parecia possuir contornos

claramente definidos, mas uma espécie de transparência opaca, clareando

pouco a pouco.

Consegui afinal me enxergar por completo, como faço todos os dias ao me

olhar.

Eu o tinha visto! O pavor ficou comigo, e ainda me faz estremecer.

20 de agosto — Matá-lo, como? Se não consigo atingi-lo? Veneno?
Mas ele

me veria misturando-o à água; e, aliás, será que nossos venenos
fariam efeito

em seu corpo imperceptível? Não... não... com certeza não... E
então? E

então?

21 de agosto — Mandei vir um serralheiro de Rouen e encomendei
para meu

quarto persianas de feno, como têm, em Paris, algumas residências
particulares, no térreo, por receio de ladrões. Ele me fará, além
disso, uma

porta igual. Estou fazendo papel de medroso, mas pouco se me &L..

* * *

10 de setembro — Rouen. Hotel Continental. Está feito... está
feito... mas será que ele está morto? Tenho a alma perturbada pelo
que vi.

Ontem, então, tendo o serralheiro colocado minha persiana e minha
porta de ferro, deixei tudo aberto, até meia-noite, embora
começasse a esfriar.

De repente, senti que ele estava lá, e uma alegria, uma alegria
louca tomou

conta de mim. Levantei-me devagar e andei para a direita, para a esquerda,

muito tempo, para que ele não adivinhasse coisa alguma; depois,

negligentemente, tirei as botinas e botei meus chinelos; então fechei a

persiana de ferro e, caminhando a passos tranquilos para a porta, fechei

também a porta com duas voltas da chave. Voltando então para a janela, fixei-

a com um cadeado, cuja chave botei no bolso.

De repente, compreendi que ele se agitava ao meu redor, que ele, por sua

vez, estava com medo, que me ordenava que abrisse. Quase cedi; não cedi,

mas, encostando-me à porta, eu a entreabri, o suficiente para que eu passasse, andando de costas, e, como sou muito alto, minha cabeça batia na verga. Eu

tinha certeza de que ele não tinha conseguido fugir e fechei-o, sozinho,

sozinho. Que alegria! Eu o prendera! Então desci, correndo; apanhei no salão,

abaixo de meu quarto, minhas duas lamparinas e joguei todo o óleo no tapete,

nos móveis, por toda parte; depois ateei fogo e fugi, depois de ter fechado

bem, com duas voltas de chave, a grande porta de entrada. E fui me esconder

no fundo do jardim, num grupo de loureiros. Como demorou! Como demorou! Tudo estava escuro, mudo, imóvel; nem um sopro de ar, nem uma

estrela, montanhas de nuvens que não se viam, mas que eu sentia sobre minha

alma, tão pesadas, tão pesadas.

Eu olhava para minha casa e esperava. Como demorou! Eu já achava que o

fogo tinha apagado sozinho, ou que Ele o tivesse apagado, quando uma das

janelas do térreo explodiu sob a pressão do incêndio e uma chama, uma

grande chama vermelha e amarela, comprida, mole, acariciante, subiu pela

parede branca e beijou-a até o telhado. Uma claridade correu pelas árvores,

pelos galhos, pelas folhas, e um tremor, um tremor de medo, também. Os

pássaros acordavam; um cão começou a uivar; pareceu-me que o dia estava

nascendo! Duas outras janelas explodiram logo depois e eu vi que todo o

andar de baixo de minha casa não era mais do que um pavoroso braseiro. Mas

um grito, um grito horrível, agudíssimo, dilacerante, um grito de mulher

percorreu a noite e duas mansardas se abriram! Eu me esquecera dos criados!

Vi seus rostos desesperados e seus braços que se agitavam!...

Então, desvairado de horror, comecei a correr para a aldeia, berrando:

"Socorro! Socorro! Fogo! Fogo!" Encontrei pessoas que já acorriam e voltei com eles, para ver.

A casa, agora, não era mais do que uma fogueira horrível e magnífica, uma

fogueira monstruosa, iluminando toda a terra, uma fogueira na qual queimavam homens e na qual ele também queimava. Ele. Ele, meu prisioneiro,

o Ser novo, o novo mestre, o Horla!

De repente, todo o teto desabou entre as paredes e um vulcão de chamas

jorrou até o céu. Por todas as janelas abertas sobre a fornalha, eu via a cuba de fogo e pensava que ele estava ali, naquele forno, morto...

Morto? Talvez!... Seu corpo? Seu corpo que a luz atravessava não seria

indestrutível pelos métodos que matam os nossos?

E se não estivesse morto?... Talvez apenas o tempo tenha controle sobre o

Ser Invisível e Temível. Por que aquele corpo transparente, aquele corpo

invisível, aquele corpo de Espírito, deveria temer, ele também, os males, as

feridas, as enfermidades, a destruição prematura?

A destruição prematura? Todo o pavor humano dela decorre! Depois do

homem, o Horla. — Depois daquele que pode morrer todos os dias, em todas

as horas, em todos os minutos, por todos os acidentes, veio aquele que só deve morrer no seu dia, na sua hora, no seu minuto, porque alcançou o limite de

sua existência!

Não... não... sem dúvida... sem dúvida... ele não está morto... Então...

então... vai ser preciso que eu me mate!...

Tradução de Celina Portocarrero

Ivan Turgueniev

Gógol. Dostoiévski. Tolstoi são os nomes que nos vêm à mente quando

pensamos em literatura russa do século XIX. Acrescente-se a eles Tchekhov e o quadro estaria completo, certo? Errado. O que dizer de outros tantos,

principalmente de Ivan Sergejevich Turgueniev (1818-1883), "o mais francês dos russos", autor de no mínimo duas obras-primas, o romance Pais e filhos e o livro de contos Notas de um caçador? Pois ei-lo aqui presente com este

conto em que o onírico, a insanidade, a busca de paternidade, o cotidiano e o fantástico se unem num simples sonho — sonho que, na verdade, representa

uma espécie de pesadelo da Razão.

Um sonho

I

EU MORAVA COM MINHA MÃE numa cidadezinha marítima e acabara de fazer 17

anos. Minha mãe não tinha nem 35 — casara-se bem jovem. Meu pai morrera

quando eu entrava em meu sétimo ano, mas lembrava-me muitíssimo bem

dele.

Mamãe era uma loura, de compleição frágil, com um rosto agradável, mas

sempre triste, uma voz cansada e surda, gestos tímidos. Já fora célebre pela

beleza e, desde então, nada perdera de seu encanto, apesar das marcas do

tempo. Nunca vi olhos mais profundos, mais doces e mais melancólicos que

os seus, cabelos mais finos e vaporosos, mãos mais graciosas. Eu a adorava e

ela me amava...

Entretanto, nossa existência não era das mais felizes; um mal secreto,

imerecido e incurável parecia estar corroendo minha mãe. E não era a dor de

ter perdido meu pai, que amara apaixonadamente e de quem guardava

devotadamente a lembrança no fundo do coração... Não, era uma coisa muito

diferente, uma espécie de aflição inexplicável que eu distinguia de modo

confuso, mas sem sombra de dúvida, ao olhar para seus olhos ternos e

imóveis, seus lábios belos e fechados, marcados por um vinco amargo.

Mamãe me amava, disse eu; apesar disso, acontecia de ela me rejeitar

como se minha presença se tornasse para ela subitamente insuportável.

Inspirava-lhe verdadeira repulsa; ela se arrependia em seguida, me apertava

de encontro ao coração, chorando, e me suplicava que a perdoasse. Eu atribuía essa espécie de acesso a sua saúde frágil, a sua dor... Não seria devido, em vez disso, a seu próprio caráter, a seus impulsos maldosos e até criminais, que

afloravam em mim, embora raramente?... Não acredito, pois os dois fenômenos não coincidiam jamais.

Minha mãe se vestia sempre de preto, como se continuasse a guardar luto,

mas vivíamos bem, dentro de nossas posses. Nossos amigos eram pouco

numerosos.

II

Eu era a única preocupação de mamãe, e nossas duas existências for-

mavam uma só unidade, por assim dizer. Essas relações entre pais e filhos

nem sempre são recomendáveis... Podem até se tornar nefastas. Junte-se a isso

eu ser filho único... e a maioria das crianças que estão no meu caso não

recebem uma educação normal. Ao educá-las, os pais pensam demais em si

mesmos... Isso não é bom. Eu não era nem mimado nem malcriado (dois

defeitos que assaltam todos os filhos únicos), mas meu sistema nervoso fora

arruinado prematuramente. Aliás, em geral, minha saúde deixava muitíssimo

a desejar; herdara isso de minha mãe, com quem me parecia muito, sob todos

os pontos de vista.

Evitava a companhia dos meninos de minha idade, a vida social e mesmo

minha própria mãe. Meus prazeres preferidos eram a leitura, os passeios

solitários e o devaneio, sobretudo o devaneio! Não me perguntem com que

sonhava, pois não saberia dizer. Algumas vezes, parecia que estava diante de

uma porta meio fechada, atrás da qual se escondiam mistérios insondáveis...

Eu estava lá, inquieto, trêmulo, me perguntando o que havia do outro lado...

não ousava de modo algum atravessar a soleira da porta... Esperava...

Esperava de novo e assim continuava, ou então... dormia.

Se tivesse a menor inclinação poética me poria certamente a escrever

versos; se fosse devoto, me tornaria monge... Não era nem um nem outro, eis

porque continuava a sonhar — e a esperar.

III

Já assinalei que me sucedia de dormir sob a influência de devaneios confusos. Dormia muito, em geral, e os sonhos desempenhavam, na minha

vida, um papel considerável: eu os tinha quase toda noite. Não os esquecia nunca, atribuía-lhes um sentido secreto e profético, tentava explicá-los a mim mesmo. Havia os que voltavam regularmente, e isso me surpreendia sempre.

Um de meus sonhos, sobretudo, me perturbava mais que os outros. Eu

caminhava ao longo de uma ruela estreita e mal pavimentada, margeada por

casas vetustas, de tetos pontiagudos. Estava à procura de meu pai, que não

morrera e se escondia em uma dessas estranhas construções. Eu penetrava

debaixo de um pórtico baixo e sombrio, atravessava um patiozinho

atravancado de tábuas e lenha e entrava enfim numa espécie de mansarda,

precariamente iluminada por duas lucarnas redondas. Meu pai se mantinha de

pé no meio da peça, vestindo um roupão, e fumava cachimbo. Mas não se

parecia, em absoluto, com meu verdadeiro pai: era alto, magro, moreno, com

um nariz aquilino, olhos sombrios e penetrantes, contando cerca de quarenta

anos. Estava irritado comigo por tê-lo encontrado e eu, de minha parte, não

estava nada feliz com o encontro: só experimentava um sentimento de

surpresa e mesmo estupefação. O homem se desviou de mim e começou a

resmungar alguma coisa, percorrendo a peça em passos miúdos... Em seguida,

se afastou pouco a pouco, sem parar de resmungar e lançando olhares para

trás, por sobre o ombro... As paredes da peça se distanciavam e se fundiam

numa névoa... Atemorizado ante a idéia de perder meu pai mais uma vez, eu

corria atrás dele, mas não o via mais, embora ouvisse sempre seu resmungo

irritado, um resmungo rabugento... Meu coração se apertava, eu acordava e

não conseguia readormecer... Todo o dia seguinte, pensava nesse sonho e não

achava para ele, como é evidente, explicação satisfatória.

IV

No mês de junho, nossa cidadezinha sempre conheceu uma retomada de

animação: numerosos navios iam atracar no porto, e rostos desconhecidos

circulavam nas ruas. Eu passeava com prazer ao longo do cais, em frente aos

restaurantes e às hospedarias, examinando os rostos dos marinheiros e dos

visitantes de além-mar, instalados à sombra das cortinas de tela e bebendo em

pequenos goles a cerveja que lhes era servida em copos de estanho.

Durante um desses passeios, um homem, numa mesa de calçada de

restaurante, atraiu irresistivelmente minha atenção. Mantinha-se imóvel

sobre a cadeira, de braços cruzados no peito, envolto num longo sobretudo negro, usando chapéu de palha. Mechas de cabelo raras e frisadas desciam

baixo sobre sua fronte, quase à altura do nariz; seus lábios se crispavam sobre a embocadura de um cachimbo curto. Sua silhueta, seus traços, sua tez

amarelada, crestada, tudo me parecia tão familiar que não pude me impedir de

parar em frente a ele e de me perguntar quem ele era, onde já o tinha visto.

Tendo sentido meu olhar pesando sobre si, ele ergueu seus olhos sombrios e

penetrantes... Abafei um grito...

Esse homem era meu outro pai, o que procurava em sonho!

Não podia me enganar, pois a semelhança era de fato evidente demais. O

próprio sobretudo evocava pela cor e pregas o roupão no qual aparecera para

mim.

— Será que estou dormindo? — perguntei-me — ... Não... o dia está claro,

o burburinho da multidão de passantes me rodeia, o sol brilha alto no céu

azul... E o ser não é um fantasma, mas um homem como eu.

Avistei uma mesinha vaga, lá me instalei, pedi cerveja e jornais e me pus

de vigia.

V

A fim de melhor observar meu estranho vizinho sem chamar sua atenção,

me escondi atrás do jornal.

O homem quase não se mexia, mal reerguendo, de vez em quando, a

cabeça pesada que voltava logo a cair sobre o peito. Tinha jeito de estar à

espera de alguém... Eu continuava olhando, bebia-o com os olhos... Por

momentos, me pareceu que era um brinquedo de minha imaginação e que não

havia nenhuma semelhança real, em absoluto, entre esse indivíduo e meu

"outro pai"... Mas não, bastava que fizesse um gesto ou virasse ligeiramente a cabeça para que eu o reconhecesse e abafasse um novo grito de estupefação.

Ele terminou por perceber minha indiscrição, me olhou primeiro com surpresa, depois com despeito, fez menção de se levantar e deixou cair a

bengala, que apoiara na mesinha. Eu me precipitei para agarrá-la e entregá-la

a ele. Meu coração batia como se fosse explodir.

Agradeceu-me com um sorriso forçado, aproximou seu rosto do meu,

ergueu as sobrancelhas e entreabriu os lábios, como se alguma coisa o

houvesse intrigado.

— Você é muito educado, rapaz — disse ele com uma voz brusca, nasal e gritada. — Isso é raro, hoje em dia. Permita que o felicite: vejo que recebeu

uma excelente educação.

Não sei mais o que respondi, mas o gelo estava quebrado. Soube que era

um compatriota, recém-chegado de volta da América, onde vivera longos

anos e para onde esperava retornar. Declarou ser o Barão de... não me lembro

mais de quê e, aliás, não ouvi direito, naquele momento. De modo parecido

com meu "outro pai", terminava tudo que dizia por uma espécie de resmungo indistinto.

O barão quis saber meu nome... Ao ouvi-lo, seu rosto exprimiu de novo a

mais viva surpresa. Em seguida, perguntou-me se fazia muito tempo que me

encontrava na cidade e com quem morava. Respondi-lhe que vivia com minha

mãe.

— E o senhor seu pai?

— Meu pai morreu há muito tempo.

Então, informou-se do nome de batismo de minha mãe, pôs-se a rir

acanhadamente, desculpando-se logo a seguir e me explicando que não devia

fazer caso disso, que era um tique trazido da América e que, em geral, era um

grande excêntrico. No momento de nos separarmos, exprimiu o desejo de

saber nosso endereço. Dei-lhe o endereço.

VI

A perturbação que me invadira no início de nossa conversa terminara por

se dissipar; no momento, estava surpreso por conhecê-lo, e só. Sem dúvida,

não gostava do sorrisinho de troça que flutuava no canto dos lábios do Sr.

Barão quando me fazia perguntas, nem de seus olhos inquisidores que me

furavam como verrumas... Havia, ao mesmo tempo, em seu olhar, algo de

cruel e de protetor... algo assustador. Esse olhar, eu nunca vira em sonho.

Curioso rosto o seu: gasto, murcho, cansado e, no entanto, jovem.

Desagradavelmente jovem! Além disso, meu "outro pai" não tinha na testa a cicatriz profunda que riscava a do barão, e não percebida por mim no início de nossa conversa.

Mal tivera tempo de indicar a meu novo conhecido o nome de nossa rua e

o número da casa, quando um negro alto, envolto numa capa, que lhe

dissimulava toda a parte de baixo do rosto, se aproximou, por trás, de meu

vizinho e lhe tocou o ombro. O outro se voltou murmurando:

— Ah! Ah! Enfim!

Depois me cumprimentou com um leve sinal de cabeça e desapareceu no

interior do estabelecimento com o negro.

Resolvi esperar sua volta: não para falar com ele (não sabia mais o que lhe

dizer), mas sim pôr à prova minha impressão inicial. Uma meia-hora se

passou, depois uma hora... Nada de barão... Fui a sua procura, atravessei todos os salões, mas não o encontrei em parte alguma: devia ter partido muito

tempo antes, com o negro, pela porta dos fundos.

Sentindo um pouco de dor de cabeça, decidi tomar ar e percorri o cais até a

vegetação do parque municipal, lá plantado fazia uns dois séculos. Após haver

perambulado cerca de duas horas sob os grandes plátanos, voltei para casa.

VII

Mal transpusera a entrada do vestíbulo, nossa criada se precipitou ao meu

encontro, com a fisionomia toda desfeita. Suspeitei que uma infelicidade

houvesse acontecido em minha ausência...

Efetivamente, uma hora antes, minha mãe, que ficara trancada no quarto,

dera um grande grito, e a criada, acudindo de imediato, a encontrara deitada

sobre o soalho, sem sentidos. Ao cabo de alguns minutos, mamãe voltara a si,

mas fora obrigada a guardar o leito. No momento, tinha um ar estranho e

assustado, não falava, não respondia a nenhuma pergunta, olhava em volta e

estremecia.

O médico, chamado de urgência por nosso jardineiro, prescreveu uma

poção calmante. Nem a ele mamãe quis dizer nada. O jardineiro julgava ter

visto, alguns segundos após o grito de minha mãe, um homem que

atravessava a toda pressa o canteiro de flores e se dirigia ao portão principal.

(Nós morávamos numa casinha de um andar, cujas janelas davam para um

jardim razoavelmente grande). Não pudera distinguir seus traços, mas o

homem era alto, magro, usava chapéu de palha enterrado até os olhos e uma

sobrecasaca de abas longas...

"É o bardo!", pensei imediatamente.

O jardineiro o perseguira, mas não conseguira alcançá-lo, ainda mais que a

criada o chamara para enviá-lo ao médico.

Entrei no quarto de minha mãe. Estava deitada na cama, mais branca que o

travesseiro no qual repousava a cabeça. Ela me reconheceu, sorriu fracamente

e estendeu a mão. Acomodei-me à cabeceira da cama e

perguntei o que se passara. No começo, ela não queria responder nada, mas, como insisti, confessou ter visto alguma coisa que a assustara terrivelmente.

— Alguém entrou aqui? — inquiri.

— Ah, não! — protestou ela —, mas tive a impressão de ver... um fantasma...

Calou-se e cobriu os olhos com as mãos. Tive vontade de revelar-lhe tudo

que o jardineiro me contara, de narrar o meu encontro com o barão... Não sei

por que, as palavras se detiveram à beira de meus lábios. Todavia, não

consegui me impedir de observar que os fantasmas não tinham, em geral, o

hábito de circular à luz do dia...

— Ah, me deixe! — murmurou ela — não me torture... Um dia você vai

saber de tudo...

Calou-se de novo. Suas mãos estavam geladas, seu pulso rápido e ir-

regular. Eu a fiz tomar sua poção e me afastei para não incomodar.

Ficou deitada até a noite, imóvel e silenciosa. Por vezes, suspirava, abria

os olhos e voltava a fechá-los, assustada.

Nós nos perguntávamos tudo que lhe acontecera.

VIII

Ao cair da noite, minha mãe sofreu um leve acesso de febre e me mandou

embora, mas, em vez de me retirar para meu quarto, resolvi deitar sobre um

divã, na peça vizinha. De 15 em 15 minutos, me levantava, me aproximava de

sua porta na ponta dos pés e escutava... Um silêncio de morte.
Contudo,

duvido muito que mamãe tenha fechado os olhos nessa noite.

De manhã cedo, me apresentei diante dela: seu rosto estava inflamado e

seus olhos brilhavam com um clarão peculiar.

À tarde, pareceu estar melhor, mas, à noite, a febre voltou a subir
cada vez

mais.

Até lá, guardara um mutismo obstinado; de repente, se pôs a falar
num tom

irregular e arquejante. Isso não era delírio, pois o que dizia tinha
sentido,

embora carecesse de elos lógicos. Um pouco antes da meia-noite,
ela se

ergueu bruscamente sobre o travesseiro (eu me mantinha sentado
à cabeceira)

e se lançou a uma longa confissão. Nem uma vez me olhou; de vez
em

quando, bebia um gole d'água, pousava o copo com um gesto
irritado, agitava

fracamente as mãos... Às vezes, também,

se detinha, fazia um esforço sobre si mesma e retomava o fio da
narrativa... E

eu tinha a impressão de que falava dentro de uma espécie de sonho, como se

não se desse conta do que fazia, como se alguma outra pessoa a substituísse

ou forçasse a sair de seu mutismo.

IX

— Escute bem o que vou dizer... Você não é mais criança, e está na hora

de saber de tudo... Tempos atrás, eu tinha uma grande amiga... Ela se casou

com um homem por quem estava apaixonadamente enamorada, e eles

viveram felizes. Depois do primeiro ano de união, resolveram ir a São

Petersburgo por algumas semanas, para se divertirem um pouco. Hospedados

num grande hotel, passavam todas as noites no teatro ou num baile. Minha

amiga era muito bem feita de corpo, era muito atraente e os jovens a

cortejavam, um rapaz principalmente... um oficial. Ele a seguia como uma

sombra onde quer que fosse; a moça sentia pesar sobre ela o olhar de seus

olhos negros, cruéis, espinhosos. Nunca tentou ser apresentado, nem lhe

dirigir a palavra, contentando-se em fitá-la com insolência maliciosa.

"Cansada de suportar essa peculiar perseguição, minha amiga se pôs a

suplicar a seu marido que partissem, já que os prazeres da capital não a

tentavam mais.

"Uma noite, ficou sozinha, pela primeira vez, pois seu esposo se deixara

levar para um clube por um grupo de oficiais do mesmo regimento que o

homem dos olhos cruéis... Primeiro, ela decidiu esperar a volta do

companheiro; depois, vendo que demorava, mandou embora sua camareira e

foi se deitar... De repente, viu-se invadida por uma estranha sensação de pavor e começou a tremer pelo corpo todo. Tivera a impressão de perceber um leve

barulho atrás da parede, como um cão arranhando uma porta. Virou os olhos.

Uma lamparina piscava no ângulo oposto; todas as paredes eram estofadas...

Subitamente, o tecido se mexeu, se ergueu, se deslocou... E o homem de olhos

cruéis pareceu sair da parede, todo vestido de preto!

"Ela quis gritar, mas nenhum som saiu da garganta, paralisada pelo terror.

O homem saltou sobre ela, como uma fera, e jogou-lhe alguma coisa sobre a

cabeça, alguma coisa sufocante, pesada, de cor branca... Que se passou em

seguida? Não me lembro mais... Não me lembro mais de nada! Parecia um

assassinato... Quando a névoa se dissipou e eu... e

minha amiga recobrou os sentidos, não havia mais ninguém na peça. Durante muito tempo, não teve forças para gritar... Enfim, soltou um berro estridente...

e tudo se anuviou de novo...

"Reconheceu o rosto do marido inclinado sobre ela, ansioso... Seus companheiros o haviam retido no clube até duas horas da manhã... Ele

começou a fazer perguntas, mas ela não quis lhe dizer nada... Depois sentiu-se mal... No entanto, sozinha no quarto, teve forças para examinar a parede e

descobriu uma porta secreta atrás do estofado...

"De repente, percebeu que estava sem aliança, uma velha relíquia familiar, um curioso anel, ornado por sete estrelas de ouro alternando com estrelas de

prata.

"Seu marido percebeu também a falta e lhe perguntou o que era feito do

anel; como ela não pôde evidentemente responder nada, achou que o perdera,

procurou-o em todos os cantos e não o encontrou. Fortemente abalados pelos

últimos acontecimentos, decidiram abandonar a capital o mais rapidamente

possível e se puseram a caminho assim que o médico permitiu a minha amiga

se locomover...

"Mas imagine!... No próprio dia de sua partida, cruzaram, na rua, com dois enfermeiros levando sobre uma maca um homem que acabara de ter o crânio

fendido por um golpe de sabre... E a vítima não era outro senão o estranho

visitante noturno... Fora morto durante uma partida de cartas!

"Minha amiga se refugiou no campo, tornou-se mãe pela primeira vez...

viveu alguns anos ainda com seu marido. Ele nunca soube de nada. Aliás, que

poderia dizer-lhe? Ela mesma ignorava tudo...

"Mas eles não saborearam nunca mais a felicidade de antes: um peso

inexplicável, uma tristeza sem nome assombrava sua existência... não tiveram

outros filhos... e esse filho..."

Minha mãe estremeceu, e escondeu o rosto entre as mãos.

— Diga-me com toda a franqueza — recomeçou ela com energia redobrada —: minha amiga era culpada? Ela podia se censurar alguma coisa?

Fora punida, mas não tinha o direito de clamar diante do próprio Deus que o

castigo lhe era imerecido?... Por que sucede então que ela seja devorada por

remorsos, como criminosa e que, depois de longos anos, seu passado ainda a

assuste?... Macbeth matara Banquo — nada de espantoso que o espectro de

sua vítima nunca tenha cessado de persegui-lo... enquanto eu...

A essa altura, suas palavras se tornaram tão confusas que nada pude

compreender... No momento, delirava; eu não tinha dúvida.

X

Deixo a vocês a tarefa de imaginar a impressão que me produziu a confissão de minha mãe. Desde as primeiras palavras, compreendera que ela

falava de si mesma, e seus lapsos só aumentaram essa convicção...
Fora pois

meu pai que me aparecera em sonho, depois na realidade! Não fora morto,

como acreditara mamãe, mas somente ferido... Viera vê-la e fugira, assustado

com seu terror!

De repente, entendi tudo: os acessos de repulsa passageira que eu inspirava

em minha mãe, sua tristeza, nosso isolamento voluntário... A minha cabeça

girava e eu fazia vão esforços para ficar calmo. Um pensamento sobretudo

me obcecava: estava resolvido a reencontrar o homem que era meu pai! Por

quê? Com que objetivo? Sentia-me impotente para precisá-lo, mas sentia que

precisava revê-lo e que isso era para mim uma questão de vida ou de morte!

Na manhã seguinte, minha mãe parecia voltar a si: a febre baixara, e ela

conseguira dormir. Eu aproveitava para confiá-la à guarda dos empregados e

de nossos vizinhos e me pus em campo.

XI

Para começar, fui ao restaurante onde encontrara o barão. Ninguém o

conhecia ou prestara atenção nele: era só um cliente de passagem. O

proprietário havia notado bem o negro, pois sua silhueta estranha não podia

passar despercebida, mas era incapaz de me informar a seu respeito e de me

dizer onde residia. Deixando o local, ao acaso, me pus a perambular pelas

ruas e ao longo do cais, entrando em todos os cafés, mas em lugar nenhum

descobri quem apresentasse a menor semelhança com o barão ou com seu

companheiro!... Ignorando o nome de meu verdadeiro pai, não tinha nem

mesmo o recurso de me dirigir à polícia; contudo, avistei dois representantes

da força pública e lhes prometi uma grande recompensa se conseguissem

reencontrar a pista dos dois personagens que lhes descrevi da melhor maneira

possível (minha conduta não deixava de despertar sua surpresa e mesmo sua

suspeita). Continuei minhas investigações até à refeição do meio-dia e voltei

para casa esgotado. Minha mãe estava de pé; uma espécie de surpresa

sonhadora se mesclava com sua tristeza habitual e me trespassava

dolorosamente o coração. Passei a noite em sua companhia e não falamos em

absoluto:

ela pôs as cartas e eu as olhei sem nada dizer. Nenhuma vez sequer aludiu a sua confissão, nem aos recentes acontecimentos. Alguém diria que fizéramos

uma combinação tácita de esquecer-los... Mamãe parecia irritada por ter

erguido o véu... Talvez também não se lembrasse muito bem do que me

revelara em seu delírio e contasse com minha generosidade... De fato, eu a

poupava e ela percebia, ainda que continuasse evitando me olhar.

Toda a noite, não pude fechar o olho.

Uma tempestade súbita agitou o mar. O vento fazia os vidros tremerem.

Lamentos e uivos desesperados reverberavam no ar, como se alguma coisa

estourasse, bem lá em cima, e roçasse, a gemer, os tetos das casas. De

madrugada, consegui enfim pegar no sono... De repente, pareceu-me que

alguém entrava no quarto e me chamava em voz baixa. Ergui a cabeça e não

vi ninguém. Coisa estranha, não fiquei em absoluto assustado: ao contrário,

experimentei um sentimento de reconforto, como se tivesse, agora, a certeza

de chegar a meus fins! Vesti-me rápido e saí.

XII

A tempestade silenciara, mas seus últimos sobressaltos sacudiam ainda a

atmosfera. O dia mal nascera; eu não cruzava com ninguém na rua, mas

percebia destroços de chaminés, telhas, tábuas e galhos de árvore que enchiam

abundantemente o solo... "Pobres navegadores!", disse a mim mesmo

pensando em todos que haviam passado a noite no mar. Tomei a direção do

porto, mas uma força irresistível me fez desviar. Dez minutos mais tarde, me

encontrava num bairro que nunca visitara antes. Avancei sem pressa, mas sem

me deter também, presa de uma estranha sensação: tinha o pressentimento de

algo que era extraordinário, impossível, mas que sobreviria apesar de sua

inverossimilhança.

XIII

E, subitamente, tudo se realizou! A uns vinte passos diante de mim, percebi o negro que viera reencontrar o barão na mesa ao ar livre do

restaurante. Envolto em sua capa negra, pareceu surgir do chão, me virou as

costas e se afastou através da estreita passagem! Quis alcançá-lo, mas ele

apressou o passo e desapareceu na primeira esquina. Corri o

mais que pude, atingi a extremidade da ruela e... ó prodígio! Diante de mim, uma via longa, estreita e deserta, a bruma da manhã a cobre de um véu de

chumbo que meus olhos conseguem no entanto penetrar... Eu a vejo toda, até

o fim, e posso contar as casas... Nenhum ser vivo, fora ou numa janela... O

negro alto desaparecera tão súbito quanto chegara... Fico estupefato, pelo

espaço de um instante somente, pois uma outra impressão expulsa a primeira:

reconheço essa ruela muda e morta! É a rua de meu sonho! Tremo de frio,

pois o alvorecer está glacial, mas retomo a marcha para a frente,
sem sombra

de apreensão.

Procuo em volta de mim... Eis minha casa, lá, à direita, avançando
pela

calçada, com seu portão ornado de um lado e do outro de chifres de
carneiro...

As lucarnas não são redondas, mas retangulares... pouco importa...
bato à

porta... uma vez... duas vezes... três vezes, cada vez mais forte...
Ela se abre lentamente, como um maxilar que boceja, e range
surdamente nos gonzos.

Uma jovem criada me encara, de cabelos desgrenhados e olhos mal
despertos.

Acaba de se levantar.

— É aqui que mora o Barão? — pergunto-lhe.

Enquanto isso, examino o patiozinho... Nenhuma dúvida possível, é
esse...

as mesmas tábuas e toras que vi em sonho.

— Não — me responde ela —, o Barão não mora aqui.

— Como?... É impossível!

— Não está mais aqui. Partiu ontem.

— Para onde?

— Para a América.

— Para a América! — repeti sem querer. — Disse se tinha a intenção de

voltar?

A criada me lançou um olhar cheio de desconfiança.

— Ignoro... Pode ser que o sr. Barão não volte nunca mais.

— Ele passou muito tempo aqui?

— Não, pouco mais de uma semana. Agora, não está mais.

— Como é o nome do Barão?

A moça me fitou com ar surpreso.

— Não sabe seu nome?... A gente o chama de Senhor Barão, simples-

mente... Ei. Pierrot, vem dar uma olhada aqui — gritou ela ao ver que eu fazia menção de ultrapassar a soleira. — Aqui tem um rapaz me fazendo um monte

de perguntas!

A silhueta desajeitada de um operário grandalhão avançou através do

patiozinho.

— O que há? O que está querendo? — perguntou-me ele numa voz rouca.

Depois de me escutar, aborrecido, repetiu palavra por palavra tudo que me

dissera a criada.

— Mas quem mora então aqui? — indaguei.

— Nosso patrão.

— Quem é?

— Um marceneiro. Só há marceneiros nesta rua.

— Poderia vê-lo?

— Não. Está dormindo.

— Posso entrar na casa?

— Não.

— Será que poderia ver seu patrão um pouco mais tarde?

— Por que não? É claro que poderá vê-lo, como todo mundo... é um comerciante. Vá, rapaz; seria melhor você voltar depois.

— E o outro, o negro? — disse eu de repente.

O empregado nos olhou com estupefação; para mim, primeiro; depois para

a criada.

— Um negro? Que negro? — murmurou enfim. — Vá, rapaz, vá. Volte

outra hora. Se precisa ver o patrão...

Afastei-me. A porta fechou-se atrás de mim, bruscamente, pesadamente,

mas sem ranger, como antes.

Marquei cuidadosamente a disposição dos lugares, mas não quis ainda

voltar para casa.

Estava decepcionado: tinha me acontecido alguma coisa de extraordinário,

de inconcebível; por que precisara terminar tão estupidamente, sem mais nem

menos? Em vez de reencontrar a mansarda que conhecia bem, e meu pai, o

barão, com seu roupão e seu cachimbo, dera com um marceneiro, um homem

como os outros, que todo mundo podia ver, a quem eu podia até encomendar

móveis, se me desse na telha...

E meu pai retornara para a América! Que faria, agora? Contar tudo a

minha mãe ou me calar e apagar em mim a menor lembrança desse encontro?

Decididamente, não queria admitir que acontecimentos tão sobrenaturais

pudessem ter um fim banal, sem graça! Eu seguia direto em frente, longe da

cidade.

XIV

Caminhava de cabeça baixa, vazio de idéias e de sensações,
curvado sobre

mim mesmo.

Um ruído surdo, igual e irritado me tirou de meu devaneio. Ergui a
cabeça

e descobri o mar que bramia a uns cinqüenta passos de mim. Meus
pés

escavavam a areia das dunas. Agitadas pelos últimos sobressaltos
da

tempestade noturna, as ondas se encapelavam até o horizonte e
vinham morrer

lentamente no litoral raso. Prossegui depressa e ladeei a faixa que
a maré

traçara sobre a areia amarela, pontilhada de restos de algas, de
moluscos e de espadanas, cujas bizarras sinuosidades desenhavam
arabescos caprichosos.

Gaivotas de asas pontiagudas surgiam do abismo das ondas,
vojavam, como

grandes flocos de neve, no céu cinzento e nublado, voltavam para
baixo

bruscamente, pareciam saltar de crista em crista e se perdiam de
novo,

semelhantes a centelhas prateadas, no meio das listras de espuma
branca.

Logo percebi algumas que ficavam dando voltas obstinadamente em torno de

uma pedra graúda, jogada lá como para mobiliar a monotonia da praia.

Espadanas selvagens saíam em punhados irregulares de um lado do rochedo e,

um pouco mais longe, lá onde a vegetação desgrenhada sustentava a areia das

dunas, uma massa sombria, oblonga, arredondada, de pequenas dimensões, se

recortava em negro sobre o fundo claro... Olhei mais atentamente... Sem

dúvida, havia uma forma imóvel, estendida bem perto da rocha... Seus

contornos se tornavam mais nítidos à medida que me aproximava...

Não estava a mais de trinta passos, somente...

Um corpo humano; provavelmente o de um afogado, arremessado à praia.

Atravessei rapidamente a distância que ainda me separava dele.

O barão!... Meu pai... Parei, petrificado, compreendendo de súbito que

desde o despertar fora guiado por uma força misteriosa... E, durante alguns

instantes, não houve nada em minha alma além do murmúrio regular do mar e

um terror mudo diante do destino que se apoderara de mim...

XV

Estava deitado de costas, levemente de lado, com o braço esquerdo atirado

para trás da cabeça e o direito dobrado sob o corpo. O limo

pegajoso abraçava suas pernas, calçadas com botas de marinheiro; sua jaqueta curta, de cor azul, esbranquiçada pelo sal, não estava nem um pouco

desabotoada; um *foulard* vermelho apertava estreitamente seu pescoço. Seu rosto bronzeado, voltado para o céu, parecia escarnecer de leve, e o lábio

superior, deformado pelo *rictus* da morte, deixava à mostra dentes miúdos e regulares; as pupilas, apagadas e molhadas, mal se destacavam do branco dos

olhos semi-cerrados; os cabelos, manchados de espuma, estavam espalhados

na areia, pondo a nu sua ampla testa riscada por um traço violáceo; o nariz,

delgado e pontiagudo, dividia como uma marca de alabastro o ocre das faces

côncavas.

A tempestade fizera seu trabalho. O homem nunca mais veria a costa da

América. Aquele que atacara minha mãe e destruíra toda sua existência, meu

pai — sim, meu pai! —, não tinha mais dúvida — jazia a meus pés, no limo.

Eu experimentava, ao mesmo tempo, uma intensa satisfação, piedade, repulsa

e horror... uma espécie de horror duplo diante do que via e do que acontecera.

Impulsos maldosos, criminais, como os que já assinaliei a vocês, tomavam

posse de meu ser e me sufocavam... "Eis aí", me dizia eu, "eis a quem os devo!"

Sem fazer um movimento, observava o cadáver, à espreita de um brilho

nas pupilas vitrificadas, um tremor nos lábios azulados... Nada. Tudo estava

imóvel. As próprias espadanas pareciam petrificadas e as gaivotas fugiam do

lugar em que a maré jogara o corpo. Nenhum destroço de naufrágio. O espaço

ilimitado, o vazio, o deserto. Somente ele, e eu, e o mar bramindo ao longe...

Olhei para o outro lado, atrás de mim — a mesma desolação, nenhum sinal

de vida, colinas estúpidas e inertes. Não queria abandonar o corpo nesse limo, servindo de pasto a vorazes peixes e pássaros; uma voz interior me ordenou

que fosse buscar homens — como se pudesse encontrá-los nesse deserto! —,

transportar o morto para um abrigo... De repente, um terror inominável tomou

conta de mim. Pareceu-me que este cadáver sabia que eu viria, que ele mesmo

havia organizado este último encontro, acreditei ouvir um resmungo surdo e

familiar... Afastei-me alguns passos... lancei um último olhar a meu pai...

Alguma coisa brilhava num dedo de sua mão esquerda... A aliança de minha

mãe. Ainda me lembro quanto me custou voltar sobre meus passos, sofrer o

contato gelado dos dedos imóveis. arrancar o anel, fechando os olhos e

cerrando os dentes...

Enfim, eu o tenho. Atiro-me para a frente, impetuosamente, e algo me

persegue e me agarra...

XVI

Todas essas emoções deviam estar estampadas em meu rosto quando voltei

para casa, pois minha mãe se levantou para ir a meu encontro e me encarou

com tanta insistência que, depois de ter em vão tentado balbuciar algumas

palavras confusas, só consegui estender-lhe a aliança sem outra explicação.

Ela empalideceu terrivelmente e seus olhos se arregalaram imóveis e

assustadores, como os do outro. Depois soltou baixinho um grito, pegou o

anel, titubeou, caiu sobre meu peito e se retesou, com a cabeça jogada para

trás, me olhando com seus olhos de demente.

Enlacei-a afetuosamente e lhe contei tudo, em voz baixa, sem me apressar:

meu sonho, meu encontro... e todo o resto... Ela me escutou sem me

interromper: só o seu peito me pareceu se erguer com mais força, enquanto

seus olhos readquiriam vida.

Quando parei, ela colocou a aliança em seu anular e fez questão de procurar seu chapéu e sua mantilha. Como lhe perguntei aonde tinha intenção

de ir, ela me encarou com surpresa, tentou responder, mas em vão, estremeceu

várias vezes, esfregou as mãos, como para se reaquecer, e proferiu enfim, com

esforço:

— Vamos... lá!

— Aonde, mãe?

— À praia... Quero vê-lo... Devo vê-lo... Tenho de identificá-lo...
Procurei

dissuadi-la, mas ela foi tomada por uma verdadeira crise de nervos
e tive que

me submeter.

XVII

Eis-me de novo sobre a duna, mas não estou mais sozinho. O braço
de

minha mãe se apóia sobre o meu. A maré bateu em retirada e vai
silenciar,

mas seu bramido surdo continua terrível e maléfico. Eis o rochedo e
as

espadanas. Procuro com os olhos a massa oblonga e não vejo nada.
Nós nos

aproximamos e eu diminuo, sem querer, meus passos... Onde está
o homem

morto?... Só as hastes das espadanas sobressaem na areia
amarela, já seca.

O rochedo... Nada de cadáver... Mas a praia guardou a marca do
corpo, dos

braços, das pernas... Ao redor, as espadanas foram pisadas e se distinguem

traços de passos que atravessam a duna e se perdem de repente nas rochas de

sílex.

Trocamos um olhar e cada um ficou assustado com o que leu no rosto do outro...

Será que conseguiu se levantar e ir embora?

— No entanto, ele estava bem morto, não é, quando você o viu? —
perguntou-me minha mãe, em voz baixa.

Só consegui balançar a cabeça afirmativamente. Não haviam se passado

três horas desde que descobrira o corpo do barão... Alguém o levava? Nesse

caso, era absolutamente necessário reencontrá-lo, saber o que acontecera.

Mas, primeiro, tinha que cuidar de mamãe.

XVIII

Enquanto andávamos, a febre voltou, mas ela foi capaz de se dominar. O

desaparecimento do corpo a abalou definitivamente, e receei que perdesse a

razão.

A muito custo, reconduzi-a para casa, fiz com que se deitasse e chamei o

médico com urgência. Logo que voltou a si, minha mãe exigiu que me

pusse imediatamente à procura "daquele homem". Forcei-me a isso, mas não obtive nenhum resultado apesar de todos os meus esforços. Estive várias

vezes na delegacia, empreendi investigações em todas as cidades vizinhas,

coloquei anúncios nos jornais, mas em vão.

Soube, no fim das contas, que o corpo de um afogado, arremessado à

praia, fora transportado a um lugarejo das redondezas. Precipitei-me até lá,

mas cheguei tarde demais: já o haviam enterrado e, aliás, a descrição do morto não correspondia à de meu pai.

Outras informações me fizeram saber que o navio a bordo do qual o barão

teria embarcado chegaria ao destino, ainda que o tivessem considerado

perdido por bastante tempo. Não sabendo mais o que fazer, recorri ao negro e

lhe ofereci uma grande soma, por meio dos jornais, para que se desse a

conhecer.

Um dia em que estava ausente, um negro alto, envolto numa capa preta, se

apresentou em nossa casa, mas se afastou depois de fazer algumas perguntas à

criada e nunca mais reapareceu.

Perdi qualquer vestígio de... meu pai, irremediavelmente desaparecido na

noite e no silêncio.

Não falamos mais sobre ele com mamãe. Uma só vez mamãe me per-

guntou por que não lhe contara meu sonho mais cedo e acrescentou quase

imediatamente:

— Então, ele é realmente... — Sem chegar ao fim de seu pensamento.

Mamãe ficou muito tempo doente. Depois de curada, nossas relações não

voltaram a ser as mesmas do passado. Ela ficava constrangida em minha

presença — constrangida é bem a palavra — e esse sentimento não a

abandonou mais até o último suspiro. E eu não podia ajudá-la.

É certo que o tempo apaga tudo, e as lembranças mais trágicas acabam

perdendo a força; mas se uma sensação de constrangimento se estabelece

entre dois íntimos, nada mais pode dissipá-la!

Não mais revi o sonho que me assustava tanto e não "procuro" mais meu pai. Contudo, ainda me acontece de ouvir, quando durmo, gemidos distantes,

lamentos lancinantes, que repercutem atrás de um muro que não consigo

escalar, e me dilaceram o coração. Choro, de olhos fechados, e não

compreendo se é um homem que soluça ou o mar que uiva para a morte,

irritado... De repente, o som se torna um resmungo rabugento — e eu acordo,

com o terror na alma.

Tradução de Augusto Alencastro

I.A. Ireland

Erudito inglês do século XIX (1871-?), publicou A Brief History of

Nightmares (1899), entre outros livros. O conto mínimo, ou miniconto,

escolhido é do livro Visitations (1919). Pequeno, mas suficientemente wit e metaliterário, a ponto de encantar Borges, que o incluiu na antologia

fantástica que organizou com Bioy Casares e Silvina Ocampo. Leia e releia e veja se o mestre não tem razão.

Final para um conto fantástico

— QUE ESTRANHO! — disse a garota, avançando com cautela. — Que

porta mais pesada, meu Deus! — E, ao falar, tocou-a e a porta acabou

fechando-se de um golpe.

— Deus do céu! — disse o homem. — Não é que não tem maçaneta do

lado de dentro? Agora estamos os dois trancados!

— Os dois, não — disse a garota. — Só você.

E passou através da porta e desapareceu.

Tradução de Flávio Moreira da Costa

Edgar Allan Poe

Há mais de um século, sua obra tem sido traduzida e retraduzida em praticamente todos os idiomas. Não é gratuito: Edgar Allan Poe (1809-1849) foi o

criador da literatura policial, com apenas três contos (vide Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal), um marco da literatura de horror (vide Os melhores contos de medo, horror e morte) e um renovador da literatura fantástica. Acrescente-se a isso a qualidade de sua ficção, que influenciou escritores do quilate de Baudelaire e Chesterton. Conan Doyle e

Paul Valéry. Horacio Quiroga e Borges. "William Wilson", aliás, tratando do problema do duplo, antecipa "Borges e eu" e outros textos do autor de O

aleph . Leia com cuidado, leitor — quem sabe duas vezes.

William Wilson

"Que dirá ela? Que dirá a horrenda consciência.

Aquele espectro no meu caminho?"

chamberlain, pharronida

PERMITI QUE. POR ENQUANTO, me chame William Wilson. A página imaculada

que agora se estende diante de mim não precisa ser manchada com meu nome

verdadeiro. Esse nome já foi por demais objeto de desprezo, de horror, de

abominação para minha família. Não terão os ventos indignados divulgado a

sua incomparável infâmia até as mais longínquas regiões do globo? Oh, o

mais abandonado de todos os proscritos! Não terás morrido para o mundo

eternamente? Para suas honras, para suas flores, para suas douradas

aspirações? E não está para sempre suspensa, entre tuas esperanças e o céu,

uma nuvem espessa, sombria e sem limites?

Não quereria, mesmo que o pudesse, aqui ou hoje, reunir as lembranças de

meus últimos anos de indizível miséria e de imperdoável crime. Essa época —

esses últimos anos — atingiu súbita elevação de torpeza, cuja origem, apenas,

é minha intenção atual expor. Os homens geralmente tornam-se vis pouco a

pouco. Mas de mim, num só instante, a virtude se desprende, realmente,

como uma capa. Duma perversidade relativamente trivial, passei, a passadas

de gigante, a enormidades maiores que as de Heliogábalo. Que acaso, que

único acontecimento trouxe essa maldição é o que vos peço permissão para

narrar. A morte se

aproxima e a sombra que a antecede lançou sobre meu espírito sua influência suavizante. Anseio, ao atravessar o sombrio vale, pela solidariedade — ia

quase dizer, pela compaixão — de meus semelhantes. De bom grado, fá-los-ia

acreditar que tenho sido, de algum modo, escravo de circunstâncias superiores

ao controle humano. Desejaria que eles descobrissem para mim, entre os

pormenores que estou a ponto de relatar, algum pequeno oásis de *fatalidade*, perdido num deserto de erros. Queria que eles admitissem — o que não

poderiam deixar de admitir — que, embora grandes tentações possam ter

outrora existido, homem algum jamais, pelo menos, foi assim tentado antes, e

certamente jamais assim caiu. E será, pois, por isso que ele jamais assim

sofreu? Não teria eu, na verdade, vivido em sonho? E não estarei agora

morrendo vítima do horror e do mistério da mais estranha de todas as visões

sublunares?

Descendo de uma raça que se assinalou, em todos os tempos, pelo seu

temperamento imaginativo e facilmente excitável. E desde a mais tenra

infância dei prova de ter plenamente herdado o caráter da família. À medida

que me adiantava em anos, mais fortemente se desenvolvia ele, tornando-se,

por muitas razões, causa de sérias inquietações para os meus amigos e de

dano real para mim mesmo. Tornei-me voluntarioso, afeito aos mais

extravagantes caprichos e presa das mais indomáveis paixões. Espíritos fracos

e afetados por enfermidades constitucionais semelhantes a minha própria,

muito pouco podiam fazer meus pais para deter as tendências más que me

distinguiam. Alguns esforços fracos e mal dirigidos resultavam em completo

fracasso, da parte deles, e, sem dúvida, em completo triunfo da minha. A

partir de então, minha voz era lei dentro de casa e, numa idade em que poucas

crianças deixaram as suas andadeiras, fui abandonado ao meu próprio arbítrio

e tornei-me, em tudo, menos de nome, o senhor de minhas próprias ações.

Minhas mais remotas recordações da vida escolar estão ligadas a uma

grande e extravagante casa de estilo elisabetano numa nevoenta aldeia da

Inglaterra, onde havia grande quantidade de árvores gigantescas e nodosas e

onde todas as casas eram extremamente antigas. Na verdade, aquela venerável

e velha cidade era um lugar de sonho e repouso para o espírito. Neste instante mesmo, sinto na imaginação o arrepio refrescante de suas avenidas

intensamente sombreadas, respiro a fragrância de seus mil bosquetes e

estremeço ainda, com indefinível prazer, à lembrança do som cavo e profundo

do sino da igreja quebrando a cada hora, com súbito e soturno estrondo, a

placidez da

atmosfera fusca em que se embebia e adormecia o gótico campanário ornado de gregas.

Demorar-me sobre mínimas recordações das coisas escolares é talvez o

maior prazer que me é dado agora experimentar, de certo modo. Imerso na

desgraça como estou — desgraça, ai de mim!, demasiado real —, merecerei

perdão por procurar alívio, por mais ligeiro e temporário que seja, nessas

poucas minúcias fracas e erradias. Aliás, embora extremamente vulgares e até

mesmo ridículas em si mesmas, assumem na minha imaginação uma

importância adventícia, por estarem ligadas a uma época e lugar em que

reconheço as primeiras advertências ambíguas do destino que veio depois tão

profundamente ensombrecer-me. Deixai-me, pois, recordar.

A casa, como disse, era velha e irregular. Os terrenos eram vastos e um

alto e sólido muro de tijolos, encimado por uma camada de argamassa e cacos

de vidro, circundava tudo. Aquela muralha, semelhante à de uma prisão,

formava o limite de nosso domínio; nossos olhos só iam além dele três vezes

por semana — uma, todo sábado à tarde, quando, acompanhados por dois

professores, tínhamos permissão de dar curtos passeios em grupo por alguns

dos campos vizinhos; e duas vezes, nos domingos, quando éramos reunidos,

da mesma maneira formal, para o serviço religioso da manhã e da noite, na

única igreja da aldeia. O pastor dessa igreja era o diretor de nossa escola. Com que profundo sentimento de maravilha e perplexidade tinha eu o costume de

contemplá-lo de nosso distante banco na tribuna, quando, com passo solene e

vagaroso, subia ele ao púlpito! Aquele personagem venerando, com seu rosto

tão modestamente benigno, com trajes tão lustrosos e tão clericalmente flu-

tuantes, com sua cabeleira postiça tão cuidadosamente empoadada, tão tesa e tão

vasta — poderia ser o mesmo que, ainda há pouco, de rosto azedo e roupas

sujas de rapé, fazia executar, de palmatória em punho, as draconianas leis do

colégio? Oh, gigantesco paradoxo, por demais monstruoso para ser resolvido!

A uma esquina da muralha maciça erguia-se, sombrio, um portão ainda

mais maciço, bem trancado e guarnecido de ferrolhos de ferro, e arrematado

por denteados espigões de ferro. Que impressões de intenso terror ele

inspirava! Nunca se abria senão para as três periódicas saídas e entradas já

mencionadas; então, a cada rangido de seus poderosos gonzos, descobríamos

uma plenitude de mistério — um mundo de solenes observações ou de

meditações ainda mais solenes.

O extenso recinto era de forma irregular, possuindo muitos recantos espaçosos, dos quais três ou quatro dos mais vastos constituíam o campo de

recreio. Era plano e recoberto dum cascalho fino e duro. Lembro-me bem de

que não havia árvores, nem bancos, nem qualquer coisa semelhante. Ficava,

naturalmente, na parte posterior da casa. Na frente, estendia-se um pequeno

jardim, plantado de buxo e outros arbustos; mas, por entre aquela sagrada

região só passávamos, realmente, em raras ocasiões — tais como a da

primeira ida ao colégio ou a da saída definitiva, ou talvez quando com um

parente ou amigo, tendo vindo buscar-nos, tomávamos alegremente o

caminho da casa paterna, pelas férias do Natal ou do São João.

Mas a casa! Que curioso casarão era aquele! Para mim, um verdadeiro

lugar de encantamentos! Não havia realmente fim para suas sinuosidades —

era um nunca acabar de subdivisões incompreensíveis. Era difícil, em

qualquer ocasião, dizer com certeza em qual dos seus dois andares se estava.

De cada aposento para outro era certo encontrarem-se três ou quatro degraus a

subir ou a descer. Depois as subdivisões laterais eram inúmeras —

inconcebíveis — e tão cheias de voltas e reviravoltas que as nossas idéias

mais exatas a respeito da casa inteira não eram mui diversas daquelas com que

imaginávamos o infinito. Durante os cinco anos de minha estada aqui, nunca

fui capaz de determinar, com precisão, em que remoto local estava situado o

pequeno dormitório que me cabia, bem como a uns dezoito ou vinte outros

estudantes.

A sala de aulas era a mais vasta da casa — e do mundo, não podia eu

deixar de pensar. Era muito comprida, estreita e sombriamente baixa, com

janelas góticas em ogiva e o forro de carvalho. A um canto distante, e que

inspirava terror, havia um recinto quadrado de dois a três metros, abrangendo

o sanctum, "durante as horas de estudo", ou nosso diretor, o reverendo dr.

Bransby. Era uma sólida construção, de porta maciça; e, a abri-la na ausência

de Mestre-Escola, teríamos todos preferido morrer de *la peine forte et dure*.

Em outros ângulos havia dois outros compartimentos idênticos, bem menos

respeitados, é certo, mas mesmo assim motivadores de terror. Um era a

cátedra do professor de "letras clássicas", e o outro a do professor de "inglês e matemática". Espalhados pela sala, cruzando-se e entrecruzando-se, numa

irregularidade sem fim, viam-se inúmeros bancos e carteiras, enegrecidos,

velhos e gastos pelo tempo, horrivelmente sobrecarregados de montões de

livros, manchados de dedos e tão retalhados de iniciais, de nomes por extenso, de

grotescas figuras e outros numerosos labores de faca, que haviam perdido inteiramente o pouco da forma original que lhes poderia ter cabido nos dias

mais remotos. Um enorme pote de água erguia-se a uma extremidade da sala,

e na outra um relógio de estupendas dimensões.

Encerrado entre as maciças paredes daquele venerável colégio, passei,

todavia, sem desgosto ou tédio, os anos do terceiro lustro de minha vida. O

cérebro fecundo da infância não exige um mundo exterior de incidentes para

com ele ocupar-se ou divertir-se; e a monotonia aparentemente triste de uma

escola estava repleta de mais intensa excitação que a minha mocidade mais

madura extraiu da luxúria, ou minha plena maturidade do crime. Todavia,

devo crer que meu primeiro desenvolvimento mental tivesse tido muito de

extraordinário — e mesmo muito de exagerado. Em geral, os acontecimentos

da primeira infância raramente deixam uma impressão definitiva sobre os

homens, na idade madura. Tudo são sombras cinzentas, recordações apagadas

e imprecisas, indistinto amontoado de débeis prazeres e de fantasmagóricos

pesares. Comigo tal não se deu. Devo ter na infância sentido, com a energia

de um homem, o que agora encontro estampado na memória em linhas tão

vivas, tão fundas, tão duradouras como os exergos das medalhas cartaginesas.

Contudo, de fato — na realidade do mundo em que eu vivia —, quão

pouco havia para recordar! O despertar pela manhã, as ordens à noite para

dormir, o estudo e recitação das lições, os periódicos semiferiados e passeios, o campo de recreio com suas disputas, seus jogos, suas intrigas — tudo isso,

graças a uma feitiçaria mental há muito esquecida, era de molde a envolver

uma imensidade de sensações, um mundo de vastos acontecimentos, um

universo de emoções variadas, de excitação, o mais apaixonado e

impressionante. *Oh, le bon temps, que ce siècle de fer! 1*

Na verdade, o ardor, o entusiasmo, a imperiosidade de minha natureza

depressa me tornaram notado entre meus colegas, e pouco a pouco, por

gradações naturais, deram-me ascendência sobre todos os que não eram muito

mais velhos do que eu; sobre todos, com uma única exceção. Essa exceção

encontrava-se na pessoa de um aluno que, embora não fosse parente, possuía

o mesmo nome de batismo e o mesmo sobrenome que eu — circunstância, de

fato, pouco digna de nota, pois, não obstante uma nobre linhagem, o meu era

um desses nomes cotidianos

1 Oh, que época boa aquela do século de ferro! (N. T.)

que parecem, por direito obrigatório, ter sido, desde tempos imemoriais, propriedade comum da multidão. Nessa narrativa designei-me, portanto, como

William Wilson, título de ficção, não muito diferente do verdadeiro. Só meu

xará, de todos os que, na fraseologia da escola, constituíam "nossa turma", atreveu-se a competir comigo nos estudos da classe, nos esportes e disputas

do recreio, a recusar implícita crença as minhas afirmativas e submissão a

minha vontade — realmente, a intrometer-se nos meus ditames arbitrários em

todos os casos possíveis. Se há na terra um despotismo supremo e absoluto, é

o despotismo de um poderoso cérebro juvenil sobre o espírito menos enérgico

de seus companheiros.

A rebeldia de Wilson era para mim fonte do maior embaraço; e tanto mais

o era quanto, a despeito das bravatas com que, em público, eu fazia questão de tratá-lo e as suas pretensões, no íntimo sentia medo dele e não podia deixar de considerar a igualdade que ele mantinha tão facilmente comigo como uma

prova de sua verdadeira superioridade, desde que me custava uma perpétua

luta não ser sobrepujado. Todavia essa superioridade, ou mesmo essa

igualdade, não era na verdade percebida por ninguém, senão por mim mesmo;

nossos companheiros, graças talvez a alguma cegueira inexplicável, nem

mesmo pareciam suspeitar disso. Na verdade, sua competição, sua resistência

e, especialmente, sua impertinente e obstinada interferência em meus

propósitos não se manifestavam exteriormente. Ele parecia ser destituído

também da ambição que me incitava, e da apaixonada energia de espírito que

me capacitava a sobressair-me. Poderia supor-se que, em sua rivalidade, ele

atuava somente por um desejo estranho de contradizer-me, espantar-me,

mortificar-me, embora ocasiões houvesse em que eu não podia deixar de

observar, com uma sensação composta de espanto, humilhação e res-

sentimento, que ele misturava a suas injúrias, seus insultos ou suas con-

tradições certa *afetuosidade* de maneira muito imprópria e seguramente muito desagradável. Só podia imaginar que essa singular conduta proviesse de uma

presunção consumada que assumia os aspectos vulgares de condescendência e

proteção.

Talvez tenha sido este último traço do procedimento de Wilson, conjugado

com a nossa identidade de nome e o simples acaso de termos entrado na

escola no mesmo dia, que trouxe à baila a idéia de que éramos irmãos, entre

as classes mais velhas do colégio. Estas não indagavam usualmente com

muita precisão dos negócios das classes menores. Já disse antes, ou deveria

ter dito, que Wilson não tinha parentesco com

a minha família, nem no mais remoto grau. Mas, seguramente, se tivéssemos sido irmãos, deveríamos ter sido gêmeos, pois, após ter deixado o colégio do

dr. Bransby, vim a saber, por acaso, que o meu xará tinha nascido no dia 19

de janeiro de 1813 — e isto é uma coincidência um tanto notável por ser

precisamente o dia do meu próprio nascimento.

Pode parecer estranho que, a despeito da contínua ansiedade que me

causavam a rivalidade de Wilson e seu intolerável espírito de contradição, não pudesse eu ser levado a odiá-lo totalmente. Tínhamos, é verdade, uma briga

quase todos os dias, na qual, concedendo-me publicamente a palma da vitória,

ele, de certo modo, me obrigava a sentir que não fora eu quem a merecera;

contudo, um senso de orgulho de minha parte e uma verdadeira dignidade da

dele conservavam-nos sempre no que se chama "relações cordiais", ao mesmo tempo em que havia muitos pontos de forte identidade em nossa índole agindo

para despertar em mim um sentimento que talvez somente nossa posição

impedisse de amadurecer em amizade. É difícil, na verdade, definir, ou

mesmo descrever, meus reais sentimentos para com ele. Formavam uma

mistura complexa e heterogênea; certa animosidade petulante que não era

ainda ódio, alguma estima, ainda mais respeito, muito temor e um mundo de

incômoda curiosidade. Para o moralista, não será necessário dizer, em

acréscimo, que Wilson e eu éramos os mais inseparáveis companheiros.

Foi, sem dúvida, o estado anômalo das relações existentes entre nós que

fez todos os meus ataques contra ele (e muitos eram, francos ou encobertos)

converterem-se em ironias ou mera brincadeira, ferindo, embora sob o aspecto

de simples troça, em vez de hostilidade mais séria e preconcebida. Mas

minhas tentativas nesse sentido não eram, de modo algum, uniformemente

bem-sucedidas, mesmo quando meus planos fossem os mais espiritualmente

idealizados, pois meu xará tinha muito, no caráter, daquela austeridade calma

e despretensiosa que, embora aprecie a agudez de suas próprias pilhérias, não

tem calcanhar-de-aquiles e recusa-se absolutamente a ser alvo de zombaria.

Eu pude descobrir, na realidade, apenas um ponto vulnerável e que,

consistindo numa peculiaridade pessoal nascida, talvez, de enfermidade

orgânica, teria sido poupada por qualquer antagonista menos incapaz de

revidar do que eu — meu rival tinha uma deficiência nos órgãos faucais ou

guturais que o impedia de elevar a voz, em qualquer ocasião, *acima de um*

sussurro muito baixo. Não deixei de tirar desse defeito todas as pobres vantagens que estavam em meu poder.

As represálias de Wilson eram de muitas espécies, e havia uma forma de sua virtual malícia que me perturbava além dos limites. Como sua sagacidade

descobriu logo, de qualquer modo, que coisa tão insignificante me

envergonhava é questão que jamais pude resolver; mas, tendo-a descoberto,

ele habitualmente me aborrecia com isso. Eu sempre sentira aversão a meu

sobrenome vulgar e a meu comuníssimo, senão plebeu, prenome. Tais

palavras eram veneno a meus ouvidos; e quando, no dia de minha chegada,

um segundo William Wilson chegou também ao colégio, senti raiva dele por

usar esse nome e duplamente antipatizei com o nome porque o usava um

estranho que seria causa de sua dupla repetição, que estaria constantemente na minha presença e cujos atos, na rotina comum das coisas da escola, deviam,

inevitavelmente, em virtude da detestável coincidência, confundir-se com os

meus.

O sentimento de desgosto assim engendrado tornava-se mais forte a cada

circunstância que tendesse a mostrar semelhança, moral ou física, entre meu

rival e eu mesmo. Não tinha então descoberto o fato notável de sermos da

mesma idade, mas via que éramos da mesma altura, e percebi que éramos,

mesmo, singularmente semelhantes no contorno geral da figura e nos traços

fisionômicos. Exasperava-me, também, o rumor corrente nas classes

superiores sobre nosso parentesco. Numa palavra: nada podia perturbar-me

mais seriamente (embora escrupulosamente escondesse tal perturbação) que

qualquer alusão a uma similaridade de espírito, pessoa ou posição existente

entre nós dois. Mas, na verdade, não tinha eu razão de acreditar que (com

exceção da questão de parentesco e no caso do próprio Wilson) essa

similaridade tivesse sido, alguma vez, assunto de comentários, ou mesmo

fosse observada de algum modo pelos nossos colegas. Que *e/le* a observasse em todas as suas faces e com tanta atenção quanto eu era coisa evidente; mas

que tenha descoberto, em semelhantes circunstâncias, um campo tão frutuoso

de contrariedades só pode ser atribuído, como disse antes, a sua sagacidade

fora do comum.

Sua estratégia, que era aperfeiçoar uma imitação de mim mesmo, consistia

em palavras e gestos, e ele desempenhava admiravelmente seu papel. Minha

roupa era coisa fácil de copiar; meu andar e maneiras gerais foram, sem

dificuldade, assimilados e, a despeito de seu defeito constitucional, até mesmo minha voz não lhe escapava. Naturalmente, não alcançava ele meus tons mais

elevados, mas o timbre era idêntico e *seu sussurro característico tornou-se o verdadeiro eco do meu.*

Não me atreverei agora a descrever até que ponto esse apurado retrato (pois não o poderia com justiça chamar de caricatura) me atormentava. Tinha

eu apenas um consolo — no fato de ser a imitação, ao que parecia, notada

somente por mim e ter eu de suportar tão-só o conhecimento e os sorrisos

estranhamente sarcásticos de meu próprio xará. Satisfeito por ter produzido no meu íntimo o efeito desejado, parecia ele rir em segredo com a alfinetada que

me dera, e mostrava-se singularmente desdenhoso dos aplausos públicos que

o êxito de seus mordazes esforços poderia ter tão facilmente conquistado. Que

a escola, realmente, não percebesse seu desígnio nem notasse sua realização,

ou participasse de seu sarcasmo, foi, durante ansiosos meses, um enigma que

eu não podia resolver. Talvez a *gradação* de sua cópia não a tornasse prontamente perceptível, ou, mais provavelmente, devia eu minha segurança ao ar

magistral do copista que, desdenhando a forma (coisa que os espíritos obtusos

logo percebem numa pintura), dava apenas o espírito completo de seu original

para minha meditação individual e pesar.

Já falei, mais de uma vez, do desagradável ar de condescendência que ele

assumia para comigo e de sua freqüente intromissão oficiosa na minha

vontade. Essa interferência tomava, muitas vezes, o caráter desagradável dum

conselho; conselho não abertamente dado, mas sugerido ou insinuado.

Recebia-o com uma repugnância que ganhava forças à medida que eu

ganhava idade. Entretanto, nesta época já tão distante, quero fazer-lhe a

simples justiça de reconhecer que não me recordo dum só caso em que as

sugestões de meu rival tivessem participado daqueles erros ou loucuras tão

comuns na sua idade, ainda carente de maturidade e de experiência; seu senso

moral, pelo menos, se não seu talento geral e critério mundano, era bem mais

agudo do que o meu, e eu poderia, hoje, ter sido um homem melhor e,

portanto, mais feliz, se não tivesse tão freqüentemente rejeitado os conselhos inclusos naqueles significativos sussurros, que só me inspiravam, então, ódio

cordial e desprezo amargo.

Sendo assim, afinal me tornei rebelde ao extremo a sua desagradável

vigilância e cada dia mais e mais abertamente detestei o que considerava sua

insuportável arrogância. Já disse que, nos primeiros anos de nossas relações

como colegas, meus sentimentos com referência a ele poderiam ter-se

amadurecido facilmente em amizade; mas, nos últimos meses de minha estada

no colégio, embora seus modos habituais de intrusão tivessem diminuído, fora

de dúvida, algum tanto, meus sentimentos, em

proporção quase semelhante, possuíam muito de positivo ódio. Certa ocasião, ele o percebeu, creio, e depois disso evitou-me ou fingiu evitar-me.

Foi mais ou menos na mesma ocasião, se bem me lembro, que, numa

violenta altercação com ele, em que se descuidou mais do que de costume e

falou e agiu com uma franqueza de maneiras bem estranhas a sua índole,

descobri, ou imaginei ter descoberto, em sua pronúncia, na sua atitude, no seu aspecto geral, algo que a princípio me chocou e depois me interessou

profundamente, por me lembrar sombrias visões de minha primeira infância

— tropel confuso e estranho de recordações de um tempo em que a própria

memória ainda não nascera. Não posso descrever melhor a sensação que então

me oprimiu do que dizendo que com dificuldade me era possível afastar a

crença de haver conhecido aquele ser que estava diante de mim em alguma

época muito longínqua — em algum ponto do passado, ainda que infinitamente remoto. A ilusão, porém, desvaneceu-se rapidamente como

chegara; e a menciono tão-só para assinalar o dia da última conversação que

ali mantive com meu singular homônimo.

A enorme e velha casa, com suas incontáveis subdivisões, tinha vários e

amplos aposentos que se comunicavam uns com os outros e onde dormia o

maior número de estudantes. Havia, também (como necessariamente deve

suceder em edifícios tão desajeitadamente planejados), muitos recantos ou

recessos, as pequenas sobras da estrutura; e deles a habilidade econômica do

dr. Bransby havia também feito dormitórios; contudo, como não passavam de

simples gabinetes, apenas eram capazes de acomodar uma só pessoa. Um

desses pequenos apartamentos era ocupado por Wilson.

Uma noite, por volta do encerramento de meu quinto ano na escola e

imediatamente após a alteração acima mencionada, verificando que todos

imergiam no sono, levantei-me da cama e, de lampião na mão, deslizei através

de uma imensidade de estreitos corredores do meu quarto para o de meu rival.

Longamente planejava uma dessas brincadeiras de mau gosto, à custa dele, em

que até então eu tão constantemente falhara. Era, agora, minha intenção pôr o

plano em prática e resolvi fazê-lo sentir toda a extensão da malícia de que eu estava imbuído. Tendo alcançado seu quartinho, entrei silenciosamente,

deixando o lampião do lado de fora, com um quebra-luz por cima. Avancei

um passo e prestei ouvidos ao som de sua respiração tranqüila. Certo de que

ele estava dormindo, voltei, apanhei a luz e com ela me aproximei da cama.

Cortinados fechados a rodeavam; prosseguindo em meu plano, abri-
os devagar e quietamente, caindo então sobre o adormecido, em
cheio, os raios

brilhantes de luz, ao mesmo tempo que meus olhos sobre seu rosto.
Olhei — e

um calafrio, uma sensação enregelante no mesmo momento me
atravessou o

corpo. Meu peito ofegou, meus joelhos tremeram, todo o meu
espírito se

tornou presa de um horror imotivado, embora intolerável.
Arquejando, baixei

a lâmpada até quase encostá-la no seu rosto. Eram aquelas...
aquelas as feições de William Wilson? Vi, de fato, que eram as dele,
mas tremi como

num acesso de febre, imaginando que não o eram. Que *havia* em
torno delas para me perturbarem desse modo? Contemplei —
enquanto meu cérebro

girava com uma multidão de pensamentos incoerentes. Não era
assim que ele

aparecia — certamente não era assim — na vivacidade de suas
horas

despertas. O mesmo nome! Os mesmos traços pessoais! O mesmo
dia de

chegada ao colégio! E, depois, sua obstinada e incompreensível
imitação de

meu andar, de minha voz, de meus costumes, de meus gestos!
Estaria, em

verdade, dentro dos limites da possibilidade humana que *o que eu então via* fosse, simplesmente, o resultado da prática habitual dessa imitação sarcástica?

Horrorizado, com um tremor crescente, apaguei o lampião, saí si-

lenciosamente do quarto e abandonei imediatamente os salões daquele velho

colégio, para neles nunca mais voltar a entrar.

Depois de um lapso de alguns meses, passados em casa em mera ociosi-

dade, vi-me como estudante em Eton. Esse curto intervalo fora suficiente para

enfraquecer em mim a recordação dos acontecimentos no colégio do dr.

Bransby, ou pelo menos para efetuar uma radical mudança na natureza dos

sentimentos com que eu os lembrava. A verdade — a tragédia — do drama

não existia mais. Eu achava, agora, motivos para duvidar do testemunho de

meus sentidos; e raramente recordei o assunto senão com espanto ante a

extensão da credulidade humana e com um sorriso para a viva força de

imaginação que eu possuía por herança. Nem era essa espécie de ceticismo

capaz de ser diminuído pela natureza da vida que eu levava em Eton. O

vórtice de desatino impensado em que ali tão imediata e irrefletidamente

mergulhei varreu tudo, exceto a espuma de minhas horas passadas, abismou

imediatamente todas as impressões sólidas e sérias e só deixou na memória as

leviandades de uma existência anterior.

Não desejo, contudo, traçar o curso de meu miserável desregramento aqui

— um desregramento que desafiava as leis, ao mesmo tempo em que iludia a

vigilância da instituição. Três anos de insensatez, passados

sem proveito, haviam me dado apenas os hábitos arraigados do vício e um acréscimo, em grau algo anormal, a minha estatura física. Foi quando, depois

de uma semana de animalesca dissipação, convidei um pequeno grupo dos

mais dissolutos estudantes para uma bebedeira secreta em meu quarto.

Encontramo-nos a horas tardias da noite, pois nossas orgias deviam

prolongar-se, religiosamente, até a manhã. O vinho corria à vontade, e não

havam sido esquecidas outras e talvez mais perigosas seduções; assim, a

plúmbea aurora já aparecera debilmente no oriente quando nossa delirante

extravagância estava no auge. Loucamente excitado pelo jogo e pela bebida,

eu estava a insistir num brinde de profanação mais do que ordinária, quando

minha atenção foi subitamente desviada pelo abrir-se da porta do aposento,

parcial embora violentamente, e pela voz apressada de um criado lá fora. Dis-

se ele que alguém, aparentemente com grande pressa, exigia falar comigo no

vestíbulo.

Sob a selvagem excitação do vinho, a inesperada interrupção mais me

deleitou do que surpreendeu. Saltei para a frente imediatamente e poucos

passos me levaram ao vestíbulo do prédio. Nessa sala pequena e baixa não

havia uma lâmpada, e nenhuma luz, de modo algum, ali penetrava, a não ser a

excessivamente fraca do alvorecer que se introduzia por uma janela semicircular. Ao transpor os batentes, distingui o vulto de um jovem mais ou

menos de minha própria altura, vestido com uma túnica matinal de casimira

branca, cortada à última moda, da mesma que eu trajava no momento. A fraca

luz habilitou-me a perceber isto, mas não pude distinguir as feições de seu

rosto. Depois que entrei, ele precipitou-se para mim, e, agarrando-me o braço

com um gesto de petulante impaciência, sussurrou ao meu ouvido as palavras:

"William Wilson!"

Em um segundo minha embriaguez se desvaneceu.

Havia algo no modo do desconhecido e no gesto trêmulo de seu dedo

levantado quando ele o pôs entre meus olhos e a luz que me encheu de

indefinível espanto; não foi, porém, isso o que me comoveu tão violenta-

mente. Foi a concentração de solene advertência na pronúncia singular, baixa,

silvante; e, acima de tudo, foram o caráter, o timbre, o tom daquelas poucas

sílabas, simples e familiares, embora sussurradas, que vieram com mil

atordoantes recordações dos dias idos e me agitaram a alma como o choque de

uma bateria elétrica. Logo que pude recuperar o uso de meus sentidos, ele já

havia partido.

Embora esse acontecimento não deixasse de ter um vivo efeito sobre minha imaginação desordenada, foi ele, contudo, tão fugaz quanto vivo.

Durante algumas semanas, na verdade, eu me entreguei a ansiosas pesquisas,

ou me envolvi numa nuvem de mórbidas investigações. Não fingi disfarçar,

em minha percepção, a identidade do singular indivíduo que tão

perseverantemente interferia com os meus assuntos e me perseguia com seus

conselhos insinuados. Mas quem era esse Wilson? E de onde vinha? E quais

eram suas intenções? Não pude obter satisfatória resposta a qualquer desses

pontos, verificando simplesmente, em relação a ele, que um súbito acidente

em sua família provocara sua saída do colégio do dr. Bransby na tarde do dia

em que eu fugira de lá. Mas em breve tempo deixei de pensar sobre o caso,

estando com a atenção completamente absorvida por uma projetada ida para

Oxford. Ali logo cheguei, pois a irrefletida vaidade de meus pais me fornecia

uma grande pensão anual que me habilitava a entregar-me ao luxo já tão caro

a meu coração — rivalizando, em profusão de despesas, com os mais

elevados herdeiros dos mais ricos condados da Grã-Bretanha.

Excitado ao vício por tais recursos, meu temperamento natural

interrompeu com redobrado ardor e espezinhei mesmo as comuns restrições

da decência na louca paixão de minhas orgias. Mas seria absurdo narrar em

pormenores as minhas extravagâncias. Bastará dizer que, em dissipações,

ultrapassei Herodes e que, dando nome a uma multidão de novas loucuras,

acrescentei um apêndice nada curto ao longo catálogo dos vícios então

habituais na mais dissoluta universidade da Europa.

Difícilmente pode ser crido, contudo, que eu tivesse, mesmo ali, caído tão

completamente da posição de nobreza a ponto de procurar conhecer as artes

mais vis dos jogadores profissionais, tornando-me adepto dessa desprezível

ciência, a ponto de praticá-la habitualmente como um meio de aumentar

minha já enorme renda à custa de meus colegas fracos de espírito. Tal

sucedeu, não obstante. E a própria enormidade desse atentado contra todos os

sentimentos probos e viris provou ser, inquestionavelmente, a principal, senão a única, razão de ser ele cometido. Quem, na verdade, entre meus mais

dissolutos companheiros, não teria antes duvidado do mais claro testemunho

de seus sentidos de preferência a ter suspeitado de que agisse assim o alegre, o franco, o generoso William Wilson, o mais nobre e o mais liberal dos

camaradas de Oxford. aquele cujas loucuras (diziam seus parasitas) eram

apenas as loucuras da imaginação jovem e desenfreada — cujos erros eram

apenas

caprichos inimitáveis — e cujos vícios negros eram apenas uma extravagância descuidada e magnífica?

Fazia dois anos que eu me ocupava desse modo, com amplo sucesso,

quando chegou à universidade um jovem, *parvenu* da nobreza. Glendenning, rico, dizia-se, como Herodes Ático, e de riqueza adquirida com igual

facilidade. Logo verifiquei que era de intelecto fraco e, naturalmente,

marquei-o como um digno objeto para minha astúcia. Freqüentemente levei-o

a jogar e fiz com que ele ganhasse, de acordo com a arte usual dos jogadores

profissionais, somas consideráveis para de modo eficiente prendê-lo em

minha teia. Afinal, estando maduros meus planos, encontrei-o (com a plena

intenção de que esse encontro seria final e decisivo) no aposento de um colega (sr. Preston), igualmente íntimo de nós ambos, mas que, para fazer justiça,

não tinha sequer a mais remota suspeita de meu desígnio. Para dar ao caso

melhor colorido, consegui reunir um grupo de oito ou dez e tive o mais estrito cuidado em que o aparecimento de cartas de baralho parecesse acidental,

originando-se de proposta da minha própria vítima em vista. Para ser breve

sobre tão vil tópico, nenhuma das baixas espertezas, tão habituais em ocasiões similares, foi omitida, e é mesmo motivo de admiração haver tantas pessoas

ainda tão tolas para cair como suas vítimas.

Prolongamos a vigília pela noite adentro, e afinal efetivei a manobra de

deixar Glendenning como meu único antagonista. O jogo, aliás, era o meu

favorito, *écarté*... **2** Os restantes do grupo, interessados na extensão de nossas apostas, abandonaram suas próprias cartas e ficaram em volta, como

espectadores. O *parvenu*, que fora induzido, por meus artifícios, no primeiro período da noite, a beber abundantemente, agora baralhava, cortava ou jogava

com estranho nervosismo de maneiras, para o qual sua embriaguez, pensava

eu, podia parcialmente, mas não inteiramente, servir de explicação. Em

período muito curto ele se tornara meu devedor de uma grande soma, e então,

tendo tomado um trago avultado de vinho do Porto, fez precisamente o que eu

estivera friamente prevendo — propôs dobrar nossa já extravagante aposta.

Com bem fingida mostra de relutância e não sem que minhas repetidas

2 Jogo de cartas entre dois parceiros, cada um dos quais recebe cinco cartas que, de comum acordo, podem ser trocadas por outras. O jogador que, em cada mão, faz mais vazas anota-se um ponto; outro, aquele que compra um rei do trunfo, ganhando o primeiro que somar cinco pontos. (N.T.)

recusas o levassem a palavras rudes, que deram um tom de desafio a meu consentimento, aceitei afinal. O resultado, naturalmente, apenas demonstrou

quanto a presa estava em minha teia; em menos de uma hora ele quadruplicara

sua dívida. Desde algum tempo seu rosto perdera a tintura álaque que lhe dava

o vinho; agora, porém, para meu espanto, percebi que ele se tornava de um

palor verdadeiramente horrível. Para meu espanto, digo. Glendenning fora

apresentado, em minhas ávidas indagações, como imensamente rico, e as

quantias que ele até então perdera, embora em si mesmas vastas, não podiam,

supunha eu, aborrecê-lo muito seriamente e muito menos afligi-lo tão

violentamente. A idéia de que ele estava perturbado pelo vinho que acabara de

tragar foi a que mais prontamente se me apresentou; e, mais para defender

meu próprio caráter aos olhos de meus companheiros do que por qualquer

motivo menos interesseiro, eu estava a ponto de insistir, peremptoriamente,

para cessarmos o jogo, quando certas expressões saídas dentre o grupo junto

de mim e uma exclamação demonstrativa de extremo desespero da parte de

Glendenning deram-me a compreender que eu causara sua ruína total sob

circunstâncias que, tornando-o um motivo de piedade para todos, deveriam tê-

lo protegido dos malefícios mesmo de um demônio.

Qual poderia ter sido então minha conduta é difícil dizer. A lastimável

situação de minha vítima atirara sobre tudo um ar de embaraçosa tristeza.

Durante alguns momentos, foi mantido um profundo silêncio, durante o qual

eu não podia deixar de sentir minhas faces formigarem sob os numerosos

olhares ardentes de desprezo ou reprovação que me lançavam os menos

perversos do grupo. Confessarei mesmo que um intolerável peso de angústia

foi retirado por breves instantes do meu peito pela súbita e extraordinária

interrupção que se seguiu. Os pesados e largos batentes da porta do aposento

escancararam-se, duma só vez, com tão vigorosa e impetuosa violência que se

apagaram, como por mágica, todas as velas da sala. Ao morrerem as luzes,

pudemos ainda perceber que um estranho havia entrado, mais ou menos de

minha altura e envolto apertadamente numa capa. A escuridão, porém, era

total, e podíamos apenas *sentir* que ele estava entre nós. Antes que qualquer de nós pudesse refazer-se do extremo espanto em que aquela violência nos

tinha lançado a todos, ouvimos a voz do intruso.

— Cavalheiros — disse ele, num *sussurro* baixo, distinto e inesquecível, que me fez estremecer até a medula dos ossos —, cavalheiros, não

peço desculpas por este meu modo de proceder, porque, assim agindo, estou apenas cumprindo um dever. Não estais, sem dúvida, informados do

verdadeiro caráter da pessoa que esta noite ganhou no *écarté* uma soma enorme de Lorde Glendenning. Vou, pois, propor-vos um

plano expedito e

decisivo para obterdes essa informação, verdadeiramente necessária. Tende a

bondade de examinar, à vontade, o forro do punho de sua manga esquerda e

os vários pacotinhos que podem ser achados nos bolsos um tanto vastos de

seu roupão bordado.

Enquanto ele falava, tão profundo era o silêncio que se poderia ouvir um

alfinete cair no assoalho. Ao terminar, partiu sem demora, e tão violentamente como havia entrado. Poderei eu descrever minhas sensações? Devo dizer que

senti todos os horrores dos danados? Por certo, tinha eu muito pouco tempo

para refletir. Muitas mãos me agarraram brutalmente, no mesmo instante, e

reacenderam-se logo em seguida as luzes. Seguiu-se uma busca. No forro de

minha manga foram encontradas todas as figuras essenciais do écarté e, nos

bolsos de meu roupão, certo número de baralhos, exatamente iguais aos que

utilizávamos em nossas reuniões, com a única exceção de que os meus eram

da espécie chamada, tecnicamente, *arrondées*, sendo as cartas de figuras levemente convexas nas pontas e as cartas comuns levemente convexas nos

lados. Com esta disposição, o ingênuo que corta, como de costume, ao com-

prido do baralho invariavelmente é levado a cortar dando uma figura a seu

parceiro, ao passo que o jogador profissional, cortando na largura, com toda a certeza nada cortará para sua vítima que possa servir de vantagem no

desenrolar do jogo.

Uma explosão de indignação ter-me-ia afetado menos do que o silêncio de

desprezo ou a calma sarcástica com que foi recebida a descoberta.

— Sr. Wilson — disse o dono da casa, abaixando-se para apanhar de sob

seus pés uma capa extremamente luxuosa de peles raras —, sr. Wilson, isto

lhe pertence. (O tempo estava frio e, ao deixar meu próprio quarto, lançara

uma capa sobre meu roupão, desfazendo-me dela ao chegar ao local de jogo.)

Presumo que seja supérfluo (e olhou as dobras da capa com um sorriso

amargo) procurar aqui qualquer outra prova a mais de sua habilidade. Na

verdade, já chega, é o bastante. O senhor reconhecerá a necessidade, assim o

espero, de abandonar Oxford — e, de qualquer modo, de abandonar instantaneamente minha casa.

Envilecido, humilhado até o pó, como então estava, é provável que eu

devesse ter-me vingado daquela mortificante linguagem com uma imediata

violência pessoal, não tivesse sido toda a minha atenção no momento detida por um fato da mais impressionante natureza. A capa que eu tinha usado era

de uma qualidade rara de pele, quão rara e quão extravagantemente custosa

não me aventurarei a dizer. Seu corte, também, era de minha própria e

fantástica invenção, pois eu era, em questões dessa frívola natureza, um

peralvilho exigente, até o grau mais absurdo. Quando, portanto, o sr. Preston

entregou-me aquilo que apanhara do chão, perto dos batentes da porta do

apartamento, foi com um espanto quase limítrofe ao terror que percebi minha

própria capa pendente já de meu braço (onde eu sem dúvida a tinha colocado

inadvertidamente) e da qual a outra que me apresentavam era apenas a exata

reprodução, em todos e até mesmo nos mínimos particulares possíveis. A

singular criatura que tão desastrosamente me havia comprometido estivera en-

volvida, lembrava-me, em uma capa, e nenhuma fora usada, absolutamente,

por qualquer dos membros de nosso grupo, com exceção de mim mesmo.

Conservando alguma presença de espírito, tomei a capa que me foi oferecida

por Preston, coloquei-a, sem que o percebessem, por cima de minha própria

capa, deixei o aposento com uma resoluta carranca de desafio e, na manhã

seguinte, antes mesmo do raiar do dia, iniciei precipitada viagem de Oxford

para o continente, num estado de perfeita angústia, de horror e de vergonha.

Fugi em vão. Minha má sorte me perseguiu, como se em triunfo, e mostrou realmente que a ação de seu misterioso domínio tinha apenas começado. Mal

tinha eu posto o pé em Paris, já possuía prova evidente do detestável interesse tomado por aquele Wilson a meu respeito. Anos passavam sem que eu

experimentasse alívio algum. Canalha! Em Roma, com que inoportuna,

embora espectral, solicitude intrometeu-se ele entre mim e minha ambição.

Em Viena também — em Berlim — e em Moscou! Onde, na verdade, não

tinha eu um amargo motivo para amaldiçoá-lo, do íntimo do coração? Da sua

inescrutável tirania eu fugia por fim, tomado de pânico, como de uma peste; e

até aos confins da terra *fugi em vão*.

E sempre, e sempre mais, em secreta comunhão com meu próprio espírito,

perguntava eu: "Quem é ele? De onde vem? E quais são os seus objetivos?"

Mas nenhuma resposta ali encontrava. E então eu pesquisava, com minuciosa

sondagem, as formas, os métodos e os traços principais de sua impertinente

vigilância. Mas mesmo aí havia muito pouco sobre que basear uma conjetura.

Era visível, de fato, que em nenhuma das

múltiplas vezes em que tivera recentemente cruzado meu caminho o fizera sem ser para frustrar aqueles planos ou perturbar ações que, se plenamente

realizadas, teriam resultado em acerbo mal. Pobre justificativa esta, na

verdade, para uma autoridade tão imperiosamente usurpada! Pobre indenização para os direitos naturais de livre arbítrio, tão pertinaz e tão

insultuosamente negados!

Fora também forçado a notar que meu carrasco, durante longo período de

tempo (enquanto escrupulosamente e com miraculosa habilidade mantinha

seu capricho de uma identidade de traje comigo), tinha-se arranjado de tal

maneira, em todas as ocasiões em que interferira com a minha vontade, que eu

não vira, em momento algum, as feições de seu rosto. Fosse Wilson quem

fosse, isto, pelo menos, era apenas o cúmulo da afetação ou da loucura. Podia

ele, por um instante, ter suposto que no meu admoestador de Eton, no

destruidor de minha honra em Oxford. naquele que frustrou minha ambição

em Roma, minha vingança em Paris, meu apaixonado amor em Nápoles, ou

aquilo que ele falsamente denominou de minha avareza no Egito,
que naquele

meu arquiinimigo e diabólico gênio eu deixaria de reconhecer o
William

Wilson de meus dias de colégio, o xará, o companheiro, o rival, o
odiado e

temido rival do colégio do dr. Bransby? Impossível! Mas apressemo-
nos a

descrever a última e culminante cena do drama.

Até então, eu sucumbira passivamente àquele imperioso domínio. O

sentimento de profundo temor com que habitualmente encarava o
caráter

elevado, a sabedoria majestosa, a aparente onipresença e
onipotência de

Wilson, acrescentado mesmo a uma sensação de terror que certos
outros

traços de sua natureza e de sua arrogância me inspiravam, tinha
conseguido,

até então, imprimir em mim uma idéia de minha própria fraqueza
extrema e

desamparo e sugerir uma submissão implícita, embora
amargamente relutante,

a sua vontade arbitrária. Mas, nos últimos dias, entregara-me
inteiramente ao

vinho; e sua enlouquecedora influência sobre meu temperamento hereditário

tornou-me cada vez mais insubmisso ao controle. Comecei a murmurar, a

hesitar, a resistir. E seria apenas a imaginação que me induzia a acreditar que, com o aumento de minha própria firmeza, a do meu carrasco sofria uma

diminuição proporcional? Fosse como fosse, comecei então a sentir o bafejo

de uma esperança e por fim nutri em meus pensamentos secretos uma re-

solução desesperada e austera de que não me submeteria por mais tempo à

escravidão.

Foi em Roma, durante o carnaval de 18... Assistia eu a um baile de máscaras, no palácio do napolitano duque Di Broglio. Eu me entregara, mais

livremente do que de costume, aos excessos do vinho, e agora a sufocante

atmosfera das salas apinhadas irritava-me insuportavelmente. A dificuldade,

também, em abrir caminho através dos grupos contribuía não pouco para

exasperar-me o gênio, pois eu estava ansioso à procura (permiti que não vos

diga com que indigna intenção) da jovem, da alegre, da bela
mulher do velho

e caduco Di Broglio. Com uma confiança igualmente inescrupulosa,
ela me

havia previamente revelado o segredo da fantasia com que estaria
trajada, e

agora, tendo-a vislumbrado, apressava-me em abrir caminho até
ela. Neste

momento, senti uma mão pousar levemente sobre meu ombro e
ouvi aquele

sempre lembrado, aquele baixo e maldito sussurro em meu ouvido.

Num total frenesi de cólera, voltei-me imediatamente para quem
assim me

interrompera e agarrei-o violentamente pelo pescoço. Trajava ele,
como eu

havia esperado, uma roupa inteiramente igual a minha: trazia uma
capa

espanhola de veludo azul, cingida em torno da cintura por um
cinturão

escarlate, que sustentava um florete. Uma máscara de seda preta
encobria-lhe

inteiramente o rosto.

— Canalha! — disse eu, numa voz rouca de raiva, ao passo que
cada

sílaba que eu pronunciava parecia alimentar cada vez mais minha fúria. —

Canalha! Impostor! Maldito vilão! Não mais, não mais você me perseguirá

como um cão até a morte! Siga-me, ou eu o atravessarei aqui mesmo, com

este florete! — E rompi caminho para fora da sala de baile, até uma pequena

antecâmara ao lado, arrastando-o comigo, sem encontrar resistência.

Depois de entrar, atirei-o furiosamente para longe. Ele bateu de encontro à

parede, enquanto eu fechava a porta com uma praga e lhe ordenava que

puxasse a arma. Ele hesitou, mas apenas um instante; depois, com leve

suspiro, puxou-a em silêncio e pôs-se em guarda.

A luta foi deveras curta. Eu estava frenético no paroxismo da excitação

selvagem e sentia no meu simples braço a energia e a potência de uma

multidão. Em poucos segundos obriguei-o, só pela força, a encostar-se ao

entablamento da parede e assim, tendo-o à mercê, mergulhei minha espada,

com bruta ferocidade e repetidamente, no seu peito.

Naquele instante, alguém tentou abrir a porta. Apressei-me em evitar uma

intromissão e, em seguida, voltei imediatamente para meu antagonista

moribundo. Mas que língua humana pode adequadamente retratar *aquela*

espanto, *aquela* horror, que de mim se apossou diante do

espetáculo que então se apresentou a minha vista? O curto instante em que desviei meus olhos, tinha sido suficiente para produzir, ao que parecia, uma

mudança positiva na disposição, na parte mais alta ou mais distante do quarto.

Um grande espelho — assim a princípio me pareceu na confusão em que me

achava — erguia-se agora ali, onde nada fora visto antes, e como eu

caminhasse para ele, no auge do terror, minha própria imagem, mas com as

feições lívidas e manchadas de sangue, adiantava-se ao meu encontro, com

um andar fraco e cambaleante.

Assim parecia, digo eu, mas não era. Era meu adversário — era Wilson

que então se erguia diante de mim, nos estertores de sua agonia.
Sua máscara

e sua capa jaziam ali no chão, onde ele as havia lançado. Nem um
fio em todo

o seu vestuário — nem uma linha em todas as acentuadas e
singulares feições

de seu rosto que não fossem, mesmo na mais absoluta identidade,
os meus

próprios!

Era Wilson, mas ele falava, não mais num sussurro, e eu podia
imaginar

que era eu próprio quem estava falando, enquanto ele dizia:

— Venceste e eu me rendo. Contudo, de agora por diante, tu
também estás

morto; morto para o Mundo, para o Céu, e para a esperança! Em
mim, tu

vivias; e, na minha morte, vê por esta imagem, que é a tua própria
imagem,

quão completamente assassinaste a ti mesmo!

Tradução de Oscar Mendes

A.P. Tchekhov

*Não são os mitos fantásticos? Ainda mais quando recriados, caso do
milénar mito de Fausto, transformado em dezenas de obras*

literárias, de Goethe a

Thomas Mann? E o maior contista da modernidade, isto é, a partir do final

do século XIX. Tchekhov (1860-1904), também deixou sua versão desse mito

milénar e tão atual do homem que vende ou tenta vender a alma ao diabo.

Não, claro. Tchekhov não é um autor de literatura fantástica, mas, neste

conto específico, sim. E o fez sem se afastar do seu mundo ficcional, que é o de pessoas comuns, em geral pobres, dentro de situações cotidianas, grande universo "pequeno" com o qual ele renovou o conto mundial.

O sapateiro e a força maligna

ERA VÉSPERA DE NATAL. Fazia tempo que Mária roncava sobre o fogão. Todo o

querosene queimara-se na lâmpada, mas Fiódor Nilov continuava sentado,

trabalhando. Teria deixado há muito o trabalho e saído para a rua, mas o

freguês do Beco dos Sinos, que lhe encomendara, duas semanas atrás, uns

canos de bota, viera na véspera, discutira e mandara concluir a encomenda,

sem falta, ainda antes da Missa do Galo.

— Vida de forçado! — rosnou Fiódor, enquanto trabalhava. — Uns estão

dormindo faz muito tempo, outros estão passeando, e você tem que ficar

sentado aí, como Caim, cosendo couro, diabo sabe para quem...

Para não adormecer sem querer, tirava a cada momento uma garrafa, que

estava sob a mesa, e bebia pelo gargalo; depois de cada gole, balançava a

cabeça e dizia alto:

— Por que, digam-me por favor, os fregueses passeiam e eu devo ficar

cosendo para eles? Por que eles têm dinheiro e eu sou um mendigo?

Odiava todos os fregueses, especialmente aquele que residia no Beco dos

Sinos. Era um senhor de ar sombrio, cabelos compridos, rosto amarelo, de

grandes óculos azuis e voz rouquenha. Tinha um sobrenome alemão, difícil de

pronunciar. Impossível perceber qual a sua condição social e de que se

ocupava. Quando, duas semanas atrás. Fiódor fora a sua casa, para tirar as

medidas, encontrara-o sentado no chão, pulverizando algo num
gal. Fiódor

não tivera tempo de dizer boa-tarde e o conteúdo do gal de
repente se

incendiou com uma chama vermelha, fulgurante, passando a sentir-
se um

fedor de enxofre e penas queimadas,

enquanto o quarto se enchia de uma fumaça densa e rósea, que fez
Fiódor espirrar umas cinco vezes. Voltando para casa, pensou:
"Uma pessoa que

teme a Deus não se ocupa de coisas assim."

Esvaziada a garrafa. Fiódor colocou as botas sobre a mesa e ficou

pensativo. Apoiou a cabeça pesada com o punho e pôs-se a pensar
em sua

pobreza, em sua vida difícil, miserável, e depois nos ricos, em suas
grandes

casas, carruagens e notas de cem rublos... Como seria bom, diabo
que os

carregue, se a essa gente rica se rachassem as casas, morressem
os cavalos,

desbotassem as peliças e os chapéus de zibelina! Como seria bom,
se os

ricos se convertessem, pouco a pouco, em mendigos, não
tivessem o que

comer, e o pobre sapateiro se tornasse um ricaço, passando ele próprio a

mostrar sua valentia contra um pobre sapateiro, numa véspera de Natal.

Devaneando assim. Fiódor lembrou-se, de repente, de seu trabalho e abriu

os olhos.

"Que coisa!", pensou, examinando as botas. "Faz muito tempo que terminei os canos de bota e continuo sentado aqui. Tenho que levar a

encomenda ao freguês!"

Embrulhou seu trabalho num lenço vermelho, vestiu-se e saiu de casa.

Caía neve miúda, áspera, que espetava o rosto como alfinetes. Fazia frio, a

noite estava escura, o chão, escorregadio, os lampiões a gás ardiam

palidamente e, sem se saber por quê, a rua cheirava a querosene, de modo que

Fiódor pôs-se a pigarrear e tossir. Gente rica passava de carruagem e cada

ricaço tinha nas mãos um pernil de porco e uma garrafinha de vodca.

Mocinhas ricas espiavam para Fiódor das carruagens e dos trenós,

mostravam-lhe a língua e gritavam, rindo:

— Mendigo! Mendigo!

Atrás de Fiódor, iam oficiais, estudantes, negociantes e generais, que

zombavam dele:

— Beberrão! Beberrão! Sapateiro pagão! Alma perdida! Mendigo!

Tudo aquilo era ofensivo, mas Fiódor permanecia calado, apenas cuspia.

Quando encontrou, porém, o mestre de sapataria Kuzmá Lebiédkin, de

Varsóvia, que lhe disse: "Eu me casei com mulher rica, tenho agora aprendizes trabalhando para mim, e você é um mendigo que não tem o que

comer". Fiódor não se conteve e correu atrás dele. Perseguiu-o até alcançar o Beco dos Sinos. Seu freguês morava na quarta casa a partir da esquina, no

último andar. Para ir até seu apartamento, era preciso atravessar um pátio

comprido e escuro, depois subir uma escada

escorregadia e muito alta, que balançava sob os pés. Quando Fiódor entrou ali, o freguês estava, tal como duas semanas atrás, sentado no chão,

pulverizando algo no gral.

— Vossa Alta Nobreza, eu trouxe as botinhas! — disse Fiódor, carrancudo.

O freguês levantou-se e pôs-se a experimentar, em silêncio, as botas.

Querendo ajudá-lo. Fiódor abaixou-se sobre um dos joelhos e tirou-lhe a bota

usada, mas, no mesmo instante, levantou-se de um salto e recuou, horrorizado, para a porta. Em vez de perna, o freguês tinha uma pata de

cavalo.

"Aí!", pensou Fiódor. "Nisso é que está a coisa!"

Em primeiro lugar, deveria fazer o sinal-da-cruz, depois deixar tudo e

correr para baixo. No mesmo instante, porém, refletiu que era a primeira vez,

e provavelmente a última, que encontrava a força maligna e que seria estúpido

deixar de aproveitar seus serviços. Dominou-se, por conseguinte, e resolveu

tentar a sorte. Colocando as mãos atrás, para não se persignar, tossiu

respeitosamente e começou:

— Dizem que não há coisa pior, nem mais repugnante no mundo que a

força maligna, mas eu penso. Vossa Alta Nobreza, que a força maligna é a

mais instruída. O diabo, perdoe-me, tem pata de cavalo e rabo, mas, em

compensação, é mais inteligente que muito estudante.

— Você me agrada por essas palavras — disse o freguês, lisonjeado. —

Obrigado, sapateiro! Mas, que quer você?

Sem perda de tempo, o sapateiro queixou-se de seu destino. Começou

dizendo que, desde a infância, invejara os ricos. Sempre lhe doera o fato de

que nem todos os homens vivessem em grandes casas e passeassem sobre

bons cavalos. Por que, perguntava, era ele pobre? Em que era pior que Kuzmá

Lebiëdkin, de Varsóvia, que possuía casa própria e cuja mulher usava

chapeuzinho? Ele. Fiódor, tinha o mesmo nariz, as mesmas mãos, pernas,

cabeça, costas, que os ricos; por que, então, era obrigado a trabalhar, enquanto os demais passeavam? Por que era casado com Mária e não com uma senhora

que cheirasse a perfume? Em casa dos fregueses ricos, acontecia-lhe muitas

vezes ver moças bonitas, que não reparavam nele sequer, e apenas às vezes

riam, murmurando entre si: "Que nariz vermelho tem esse sapateiro!"

Verdade que Mária era uma mulher boa, bondosa, trabalhadeira, mas,

realmente, tinha pouca instrução e mão pesada, com a qual sabia machucar de

verdade; quando se falava, em presença dela, de política ou

de outros assuntos de inteligência, intrometia-se e dizia bobagens tremendas.

— Que é que você quer, então? — interrompeu-o o freguês.

— Peço-lhe. Vossa Alta Nobreza. Diabo Ivânitch, que me faça a bondade

de me tornar um homem rico!

— Pois não. Mas, para isso, você tem que me entregar a alma! Enquanto

os galos ainda não cantaram, vem cá e assina, nesse papel, que você me

entrega a alma.

— Vossa Alta Nobreza! — disse Fiódor com delicadeza. — Quando o senhor me encomendou os canos de bota, eu não lhe pedi pagamento

adiantado. É preciso, antes, executar a encomenda e só depois exigir dinheiro.

— Ora, está bem! — concordou o freguês.

Uma chama refulgente surgiu de repente no gral, espalhou-se uma fumaça

densa e rósea e sentiu-se no quarto um fedor de penas queimadas e enxofre.

Depois que a fumaça dissipou-se. Fiódor esfregou os olhos e viu que já não

era Fiódor, nem sapateiro, mas uma outra pessoa, de colete e correntinha, de

calças novas, e que estava sentado numa poltrona, junto a uma grande mesa.

Dois lacaios serviam-lhe comida, com profundas reverências, dizendo:

— Tenha a bondade de comer. Vossa Alta Nobreza!

Que opulência! Os lacaios serviram um grande pedaço de carneiro assado

e um prato fundo com pepinos; em seguida, trouxeram ganso assado; um

pouco depois, carne cozida de porco e raiz-forte. E como tudo aquilo era

nobre, cheio de etiqueta! Fiódor comia e, antes de cada prato, bebia um

copázio de excelente vodca, como se fosse um general ou conde. Depois da

carne de porco, serviram-lhe *cacha*¹ com gordura de ganso, em seguida, uma omelete com toucinho e fígado frito. Não parava de comer, entusiasmado.

Bem, que mais? Serviram ainda pastelão com cebola, nabo cozido a vapor e

kvás². "Como é que os senhores não estouram com uma comida dessas?", pensou. Por fim, serviram-lhe um grande pote de mel. Depois do jantar,

apareceu o diabo de óculos azuis e perguntou-lhe, com profunda reverência:

— Está satisfeito com o jantar. Fiódor Pantieléitch?

1 Espécie de papa espessa, à base de cereais. (N.T.)

2 Bebida fermentada, muito popular na Rússia. (N.T.)

Mas Fiódor não conseguia dizer palavra, tão agoniado sentia-se depois do jantar. Aquela fartura era desagradável, pesada, e, para se distrair, começou a examinar a bota de sua perna esquerda.

— Por botas assim, eu não cobrava menos de sete rublos e meio. Quem foi

que as fez? — perguntou.

— Kuzmá Lebiédkin — respondeu o lacaio.

— Chame aquele imbecil!

Pouco depois, chegava Kuzmá Lebiédkin, de Varsóvia. Parou à porta, em

atitude respeitosa, e perguntou:

— O que manda. Vossa Alta Nobreza?

— Cale-se! — gritou Fiódor e bateu o pé. — Não se atreva a falar e lembre-se de sua condição de sapateiro, não se esqueça que tipo de pessoa

você é! Idiota! Não sabe fazer botas! Vou te dar em cheio, na cara! O que vem

fazer aqui?

— Vim buscar dinheiro.

— Que dinheiro? Fora daqui! Volte no sábado! Homem, dá-lhe um pescoção!

Mas, no mesmo instante, lembrou-se de como ele próprio fora tratado sem

consideração pelos fregueses, sentiu o coração oprimido e, para se distrair, tirou do bolso a gorda carteira e pôs-se a contar o dinheiro. Havia muito, mas

Fiódor queria mais ainda. O diabo de óculos azuis trouxe-lhe outra carteira,

mais gorda até, mas ele queria sempre mais, e quanto mais contava, menos

satisfeito se sentia.

Ao anoitecer, o maligno trouxe a sua presença uma patroa alta, peituda, de

vestido vermelho, e disse-lhe que era sua nova esposa. Até tarde da noite,

ficou beijando-a e comendo pão-de-ló. Depois, deitado sobre colchão macio

de penas, virava-se de um lado para outro, não conseguindo adormecer.

Vinha-lhe uma sensação de medo.

— Tenho muito dinheiro — dizia à mulher. — Olha que os ladrões são

capazes de entrar aqui em casa. Seria bom você ir espiar por aí, com uma

vela!

Não dormiu a noite toda, levantando-se a cada momento, para verificar se

o baú estava intacto. De manhãzinha, era preciso ir à missa. Na igreja, honra-

se do mesmo modo o rico e o pobre. Quando Fiódor era pobre, rezava na

igreja assim: "Perdoa. Senhor, a este pecador!" O mesmo dizia agora, depois de enriquecer. Qual era a diferença então? E, depois da morte, o rico Fiódor

não seria enterrado em ouro, nem em diamantes, mas na mesma terra negra

em que se enterrava o último dos

mendigos. Iria arder no mesmo fogo que os sapateiros. Sentia-se despeitado por tudo aquilo e, ao mesmo tempo, tinha um peso em todo o corpo, em

conseqüência do jantar; em lugar da oração, esgueiravam-se, para dentro de

sua cabeça, pensamentos sobre o baú de dinheiro, os ladrões, e sobre a alma

que vendera, irremediavelmente perdida.

Saiu da igreja zangado. Para expulsar os pensamentos maus, entoou, como

fazia antes, uma canção a plenos pulmões. Mas, apenas começara, acercou-se

dele um policial e disse-lhe com uma continência:

— Senhor, os cavalheiros não podem cantar na rua! O senhor não é um

sapateiro!

Fiódor encostou os ombros a um muro e pôs-se a pensar no que faria para

se distrair.

— Senhor! — gritou-lhe o zelador de uma casa. — Não se apóie muito no

muro, vai sujar a peliça!

Fiódor entrou numa venda e comprou a melhor gaita-de-boca, depois foi

andando pela rua, tocando. Todos os transeuntes apontavam-no com o dedo,

rindo.

— E é um senhor! — zombavam dele os cocheiros. — Parece um sapateiro...

— Pensa que os cavalheiros podem fazer baderna? — disse-lhe o policial.

— Só falta ir a um botequim!

— Senhor, uma esmolinha pelo amor de Deus! — imploravam os mendigos, cercando Fiódor por todos os lados. — Uma esmolinha!

Antes, quando era sapateiro, os mendigos não lhe davam atenção, mas

agora não o deixavam passar.

Em casa, foi recebido pela nova mulher, vestida de casaquinho verde e saia

vermelha. Quis acariciá-la e já levantara o braço para um safanão nas costas,

quando ela disse, zangada:

— Mujique! Ignorante! Não sabe lidar com senhoras! Se gosta de mim,

beije-me a mão, mas não vou permitir que me bata.

"Vida de excomungados!", pensou Fiódor. "Como vive essa gente! Não se pode cantar, nem tocar gaita; nem brincar com uma mulher... Irra!"

Apenas se sentara com a patroa para tomar chá, apareceu o maligno de

óculos azuis e disse:

— Bem. Fiódor Pantieléitch, eu cumpri fielmente a minha parte. Agora, o

senhor vai assinar um papelzinho e fazer o favor de me acompanhar. Já teve

ocasião de saber o que significa a vida de rico, chega!

E arrastou Fiódor para o inferno, diretamente para a fogueira, e os diabos acorreram de todas as partes, gritando:

— Bobalhão! Imbecil! Burro!

No inferno, havia um fedor horrível de querosene, podia-se sufocar.

Mas, de repente, tudo desapareceu. Fiódor abriu os olhos e viu sua mesa,

as botas, a lamparina de latão. O vidro da lamparina estava preto e a pequena

chama, que havia sobre o pavio, emitia, como uma chaminé, fumaça

fedorenta. Ao lado, estava o freguês de óculos azuis, gritando zangado:

— Bobalhão! Imbecil! Burro! Vou te ensinar uma coisa, trapaceiro!

Tomou a encomenda duas semanas atrás e as botas ainda não estão prontas!

Pensa que tenho tempo de vir a tua casa cinco vezes por dia, para buscar as

botas? Canalha! Animal!

Fiódor sacudiu a cabeça e pôs-se a trabalhar nas botas. O freguês ficou

ainda muito tempo dizendo impropérios, ameaçando-o. Depois que ele,

finalmente, se acalmou. Fiódor perguntou-lhe, carrancudo:

— Com o que se ocupa, patrão?

— Fabrico rojões e fogos de bengala. Sou pirotécnico.

Tocaram as matinas. Fiódor entregou as botas, recebeu o dinheiro e foi à

igreja.

Rua acima e abaixo, passavam carruagens e trenós com mantas de pele de

urso. Pela calçada, ao lado da gente do povo, caminhavam comerciantes,

senhoras, oficiais... Mas Fiódor não sentia já inveja e não maldizia mais a

sorte. Pareceu-lhe que ricos e pobres viviam igualmente mal. Uns tinham a

possibilidade de andar de carruagem, outros, de cantar a plenos pulmões e

tocar gaita, mas, em suma, esperava a todos o mesmo túmulo e nada existia na

vida que merecesse a pena de entregar ao maligno a menor partícula sequer da

alma.

Tradução de Boris Schnaiderman

Villiers de l' Isle Adam

Um estranho e, por que não, macabro prolongamento do amor; em clima e

estilo românticos. A fantasia, em crescendo de puro delírio, substituindo aos poucos a realidade. Em outras palavras, o delírio é puro fantástico, e o fantástico é delírio transcriado. Um olhar sobre o mundo que a história jamais registra — só as histórias, as ficções. E um autor quase ausente dos catálogos editoriais brasileiros. "Vera" não é o conto mais explicitamente fantástico dos Contes cruels, de Auguste Villiers de l'Isle Adam (1838-1889), mas é sua obra-prima, aqui publicada pela primeira vez, em uma tradução

cuidadosa e sensível.

Vera

A senhora condessa d'Osmoy.

"A forma do corpo lhe é mais essencial que sua substância."

A fisiologia moderna.

"O AMOR É MAIS FORTE DO QUE A MORTE", disse Salomão: "Sim, seu misterioso poder é ilimitado."

Caía a tarde sobre Paris, em um outono recente. Nas proximidades

sombrias do *faubourg* Saint-Germain, carros rolavam, já acesos, regressando tarde do bosque. Um deles parou diante do portal de uma vasta mansão

senhorial, circundada por jardins seculares; acima do arco destacava-se o

brasão de pedra com as armas da antiga família dos condes d'Athol: sobre

fundo azul, a estrela central em prata com a divisa *Pallida Victrix* sob a coroa debruada de arminho do barrete principesco. Os pesados batentes se abriram.

Um homem que teria entre trinta e 35 anos, de luto, com o rosto mortalmente

pálido, desceu. Na escadaria exterior, criados taciturnos elevavam archotes.

Sem vê-los, ele subiu os degraus e entrou. Era o conde d'Athol.

Cambaleando, subiu os degraus brancos que conduziam àquele quarto

onde, na mesma manhã, ele deitara, num ataúde forrado de veludo e coberto

de violetas, entre ondas de cambraia de linho, a senhora de sua volúpia, sua

pálida esposa. Vera, seu desespero.

Lá em cima, a porta silenciosa deslizou sobre o tapete; ele ergueu as

cortinas.

Todos os objetos estavam no lugar em que a condessa os deixara na

véspera. A morte, súbita, a havia fulminado. Na noite anterior, sua bem-

amada se desvanecera em alegrias tão profundas, se perdera em abraços tão

sublimes, que seu coração, alquebrado pelas delícias, falhara: seus lábios se

fizeram bruscamente úmidos, de um púrpura mortal. Mal tivera tempo de dar

em seu marido um beijo de adeus, sorrindo, sem uma

única palavra; em seguida, seus longos cílios, como véus de luto, se baixaram sobre a bela noite de seus olhos.

O dia sem nome se passara.

Por volta do meio-dia, o conde d'Athol, após a medonha cerimônia do

jazigo familiar, havia dispensado no cemitério o cortejo negro. Em seguida,

fechando-se, sozinho, com a defunta, entre as quatro paredes de mármore,

cerrara as suas costas a porta de ferro do mausoléu. O incenso queimava sobre

um tripé, diante do ataúde; uma coroa luminosa de lamparinas, na cabeceira

da jovem defunta, a recamava de estrelas.

De pé, meditativo, tendo como único sentimento uma ternura sem
esperança, ele havia ficado lá o dia todo. Às seis horas, ao
crepúsculo, deixara o local sagrado. Fechando o sepulcro, tirara da
fechadura a chave de prata e,

erguendo-se sobre o último degrau da soleira, jogara-a suavemente
no interior

do túmulo. Lançara-a sobre a laje interior através do ornamento em
forma de

trevo que se erguia acima do portal. Por que isso?... Com certeza
devido a

alguma resolução misteriosa de não mais regressar.

E agora ele reencontrava o quarto vazio.

A janela, sob as vastas pregas da cortina de caxemira violeta com
brocado

dourado, estava aberta: um último raio de sol iluminava, entre
molduras de

madeira antiga, o grande retrato da falecida. O conde viu, ao seu
redor, o

vestido jogado, na véspera, sobre uma poltrona; sobre a lareira, as
jóias, o

colar de pérolas, o leque parcialmente fechado, os pesados frascos
de perfume

cujo odor ela não sentiria mais. Sobre o leito de ébano com colunas
retorcidas, ainda desfeito, junto ao travesseiro em que o lugar da
cabeça adorada e divina ainda era visível em meio às rendas, ele
notou o lenço avermelhado pelas

gotas de sangue, no qual sua jovem alma batera asas por um instante, o piano

aberto sustentando uma melodia eternamente inacabada; os crisântemos que

ela colhera, na serra, e que morriam nos antigos vasos de porcelana de Saxe;

e, ao pé da cama, sobre uma peliça negra, os chinelinhos de veludo oriental,

em cuja parte superior uma divisa risonha de Vera brilhava, bordada em

pérolas: Ver Vera é amá-la. Os pés nus da bem-amada brincavam ali ontem

pela manhã, beijados, a cada passo, pela penugem dos cisnes! E ali, ali, na

sombra, o relógio de parede, cuja mola ele havia quebrado, para não ouvir

mais o soar das horas.

E assim ela havia partido!... Para onde!... Viver, agora? Com que pro-

pósito?... Era impossível, absurdo.

E o conde se perdia em pensamentos obscuros.

Recordava-se de toda a existência passada. Seis meses haviam transcorrido desde aquele casamento. Não fora no exterior, durante o baile de uma

embaixada, que ele a havia visto pela primeira vez?... Sim. Aquele instante

ressuscitava diante de seus olhos, com muita clareza. Ela lhe aparecia ali,

radiante. Naquela noite, seus olhares haviam se encontrado. Haviam se

reconhecido, intimamente, de natureza semelhante, e destinados a se amar

para sempre.

As segundas intenções, os sorrisos que observam, as insinuações, todas as

dificuldades que suscita o mundo para retardar a felicidade inevitável

daqueles que se pertencem haviam desaparecido diante da certeza tranqüila

que ambos tiveram, no mesmo instante, um acerca do outro.

Vera, cansada da insipidez cerimoniosa de seu círculo, tinha vindo na

direção dele quando a primeira contrariedade se apresentou, simplificando,

assim, de maneira augusta, os passos banais em que se perde o tempo precioso

da vida.

Ah! Como, às primeiras palavras, os vãos julgamentos daqueles que lhes

eram indiferentes pareceram-lhes uma revoada de pássaros noturnos

regressando às trevas! Que sorriso trocaram! Que abraços inefáveis!

No entanto, sua natureza era das mais estranhas, verdadeiramente! Eram

dois seres dotados de sentidos maravilhosos, mas exclusivamente terrestres.

As sensações se prolongavam neles com uma força inquietante. Faziam, de

tão intensas, com que perdessem a consciência de si mesmos. Em

compensação, certas idéias, a da alma, por exemplo, do infinito, *mesmo de*

Deus, eram como que veladas ao seu entendimento. A fé de um grande

número de pessoas nas coisas sobrenaturais não passava, para eles, de motivo

para vagas surpresas: carta lacrada com a qual não se preocupavam, não se

encontrando em posição de condenar ou legitimar. Do mesmo modo,

reconhecendo com clareza que o mundo lhes era estranho, isolaram-se, desde

o início de sua união, naquela mansão velha e sombria, onde a espessura dos

jardins amortecia os barulhos vindos de fora.

Ali, os dois amantes se embalsamaram no oceano dessas alegrias lânguidas

e perversas em que o espírito se mescla à carne misteriosa! Esgotaram a

violência dos desejos, os frêmitos e os carinhos apaixonados. Tornaram-se o

palpitar do ser um do outro. Neles, o espírito penetrava tão bem o corpo que

suas formas lhes pareciam intelectuais, e a malha incandescente de seus beijos unia-os numa fusão ideal. Longa fascinação! Subitamente, o encanto se

desfez; o acidente terrível os desuniu;

seus braços se desenlaçaram. Que sombra levara-lhe sua querida morta?

Morta! Não. Acaso a alma dos violoncelos é arrebatada pelo grito de uma

corda que se parte?

As horas se passaram.

Ele observava, pela vidraça da janela, a noite que avançava nos céus: e a

noite lhe surgia como algo pessoal; parecia-lhe uma rainha caminhando, com

melancolia, ao exílio, e a presilha de diamante em sua túnica de luto. Vênus,

brilhava solitária sobre as árvores, perdida nas profundezas do azul.

"É Vera", ele pensou.

Ao pronunciar esse nome, em voz baixa, estremeceu como um homem que

desperta; em seguida, erguendo-se, olhou ao seu redor.

Os objetos, no quarto, estavam agora iluminados por uma luz até então

imprecisa, a luz de uma lamparina, azulando as trevas, e que a noite,

ganhando o firmamento, fazia parecer uma outra estrela. Era a lamparina, com

perfume de incenso, de uma iconóstase, relíquia familiar de Vera. O tríptico,

de madeira antiga e valiosa, estava suspenso, por sua espartaria russa, entre o espelho e o quadro. Um reflexo do ouro em seu interior caía, vacilante, sobre

o colar, entre as jóias na lareira.

A auréola da Madona em hábitos celestes brilhava, decorada pela rosácea

da cruz bizantina cujo lineamento, delicado e vermelho, fundido no reflexo,

sombreava com um toque de sangue o oriente iluminado das pérolas. Desde a

infância. Vera pousava com compaixão seus grandes olhos sobre o rosto

maternal e tão puro da Madona hereditária, e por sua natureza, que pena!, não

podendo consagrar-lhe mais do que um amor supersticioso, era o que lhe

oferecia às vezes, ingênua, pensativamente, quando passava diante da

lamparina.

O conde, diante dessa visão, tocado pelas lembranças dolorosas no mais

profundo de sua alma, ergueu-se, soprou rapidamente o lume santo e, tateando

no escuro, esticou a mão na direção de um torçal, que fez soar.

Um criado apareceu: era um velho vestido de preto; segurava uma

lamparina, que colocou diante do retrato da condessa. Quando se virou, foi

com um arrepio de terror supersticioso que viu seu mestre de pé, sorrindo

como se nada tivesse acontecido.

— Raymond — disse tranqüilamente o conde —, esta noite estamos mortos de cansaço, a condessa e eu; sirva a ceia por volta das dez horas.

Aliás, decidimos nos isolar ainda mais, aqui, a partir de amanhã. Nenhum de

meus serviçais, exceto você, deverá passar a noite na mansão.

Pague-lhes o salário de três anos, e que se retirem. Em seguida, feche a barra do portal; acenda os castiçais lá embaixo, na sala de jantar; você será

suficiente para nós dois. Não receberemos mais ninguém no futuro.

O velho tremia e o fitava atentamente.

O conde acendeu um charuto e desceu até os jardins.

O criado pensou, a princípio, que a dor, por demais difícil de suportar, por

demais desesperada, havia enlouquecido o espírito de seu mestre. Conhecia-o

desde a infância; compreendeu, no mesmo instante, que o choque de um

despertar excessivamente súbito poderia ser fatal a esse sonâmbulo. Seu dever

era, em primeiro lugar, respeitar um segredo como aquele.

Baixou a cabeça. Uma cumplicidade devotada a esse sonho religioso?

Obedecer?... Continuar a servi-los sem levar em conta a Morte? Que estranha

idéia!... Teria ela uma noite?... Amanhã, amanhã, ai!... Ah! Quem saberia?...

Talvez!... Mas, afinal, um projeto sagrado! Com que direito ele refletia?...

Saiu do quarto, executou as ordens à risca e, na mesma noite, a existência

insólita começou.

Tratava-se de criar uma miragem terrível.

O incômodo dos primeiros dias se apagou rapidamente. Raymond, a princípio com estupor, depois com uma espécie de deferência e de ternura,

esforçou-se tanto em ser natural que três semanas ainda não se haviam

passado e ele se sentia, em alguns momentos, quase crédulo, de bom grado.

Suas reservas esvaneciam! Às vezes, experimentando uma espécie de

vertigem, tinha necessidade de se dizer que a condessa estava positivamente

defunta. Entregava-se a esse jogo fúnebre e esquecia a cada instante a

realidade. Logo lhe era necessário mais do que uma reflexão para se

convencer e retornar ao seu normal. Viu que acabaria por se abandonar por

inteiro ao magnetismo assustador que o conde espalhava pouco a pouco ao

redor deles. Tinha medo, um medo indeciso, suave.

D'Athol, com efeito, vivia inteiramente na inconsciência da morte de sua

bem-amada! Não tinha outra escolha senão senti-la sempre presente, tanto a

forma da jovem estava misturada a sua. Ora lia em voz alta, num banco do

jardim, nos dias de sol, as poesias que ela apreciava; ora, à noite, junto ao

fogo, as duas xícaras de chá sobre uma mesinha, conversava com a ilusão

sorridente, sentada, a seus olhos, na outra poltrona.

Os dias, as noites, as semanas voavam. Nenhum dos dois sabia o que

realizavam. Fenômenos singulares se davam agora, ou então tornava-se

difícil distinguir o ponto onde o imaginário e o real eram idênticos. Uma presença flutuava no ar: uma forma se esforçava em transparecer, em se

entrelaçar no espaço tornado indefinível.

D'Athol vivia duas vidas, como um visionário. Um rosto suave e pálido,

vislumbrado como um raio, entre um piscar de olhos e outro; um acorde frágil

tocado no piano, de repente; um beijo que lhe fechava a boca no momento em

que ia falar, afinidades de pensamentos femininos que despertavam nele, em

resposta ao que dizia; uma tal duplicação de si mesmo a ponto de fazê-lo

sentir, como em um nevoeiro fluido, o perfume vertiginosamente doce de sua

bem-amada junto de si; e, à noite, entre vigília e sono, ouvia palavras em voz baixa: tudo indicava um único fato. A negação da Morte elevada, enfim, a um

poderio desconhecido!

Uma vez, d'Athol a sentiu e viu tão bem ao seu lado que a tomou nos

braços: mas esse movimento fez com que ela se dissipasse.

— Criança! — murmurou ele, sorrindo.

E dormiu como um amante recusado por sua sorridente e sonolenta amada.

No dia de seu aniversário, colocou, por brincadeira, uma perpétua no

buquê que depositou sobre o travesseiro de Vera.

— Já que ela acha que está morta — disse.

Graças à profunda e onipotente vontade de M. d'Athol, que, pela força do

amor, forjava a vida e a presença de sua mulher na mansão solitária, essa

existência acabara por se transformar numa magia obscura e persuasiva. O

próprio Raymond já não sentia mais qualquer pavor, habituando-se gradualmente a essas impressões.

Um vestido de veludo negro percebido na curva de um caminho;
uma voz

risonha que o chamava no salão; o retinir da campainha pela manhã, ao

acordar, como outrora; tudo isso se tornara familiar: dir-se-ia que a morta

brincava de esconde-esconde, como uma criança. Ela se sentia tão amada! Era

bastante natural.

Um ano transcorrera.

Na noite do aniversário de morte da esposa, o conde, sentado junto ao

fogo, no quarto de Vera, acabava de ler para ela uma trova florentina:

Calímaco. Fechou o livro; depois, servindo-se de chá:

— Douschka — disse ele —, você se lembra do Vale das Rosas, das margens do Lahn, do Castelo das Quatro Torres?... Esta história lembrou

essas coisas, não é mesmo?

Levantou-se e, no espelho azulado, viu-se mais pálido que o habitual.

Pegou um bracelete de pérolas em um copo e observou as pérolas atentamente. Vera não as havia tirado do braço, havia pouco, antes de se

despir? As pérolas ainda estavam mornas e seu nácar mais suave, como pelo

calor de sua pele. E a opala daquele colar siberiano, que também amava o

belo seio de Vera a ponto de empalidecer, como se adoentada, em sua

armação de ouro, caso a jovem a esquecesse por algum tempo! Outrora, a

condessa amava por esse motivo a pedra fiel!... Esta noite, a opala brilhava

como se acabasse de ser removida, como se o sublime magnetismo da bela

falecida ainda a penetrasse. Recolocando no lugar o colar e a pedra preciosa, o conde tocou por acaso o lenço de cambraia de linho cujas gotas de sangue

estavam úmidas e vermelhas como cravos sobre a neve!... Ali, sobre o piano,

quem, afinal, havia virado a página final da melodia do passado? Ora!, a

lâmpada sagrada se havia acendido no relicário! Sim, sua chama dourada

lançava uma luz mística sobre o rosto de olhos fechados da Madona! E

aquelas flores orientais recém-colhidas, a desabrochar nos antigos vasos de

porcelana de Saxe, que mão acabava de colocá-las ali? O quarto parecia

alegre e cheio de vida, de uma forma mais significativa e mais intensa do que

o habitual. Mas nada podia surpreender o conde! Tudo lhe parecia tão normal

que ele sequer prestou atenção na hora que soava naquele relógio imobilizado

fazia um ano.

Naquela noite, contudo, dir-se-ia que, do fundo das trevas, a condessa

Vera se esforçava de modo sublime para regressar àquele quarto totalmente

impregnado de sua pessoa! Deixara ali tanto de si! Tudo o que havia

constituído sua existência a atraía de volta àquele local. Seu encanto flutuava ali; a força intensa exercida pela vontade apaixonada de seu marido deviam

ter desatado os vagos laços do Invisível ao redor dela!...

Ela era necessária ali. Tudo o que amava estava naquele lugar.

Devia ter vontade de se ver sorrir mais uma vez naquele espelho

misterioso onde havia tantas vezes admirado seu rosto com a brancura do

lírio! A adorável morta, lá embaixo, se sobressaltara, sem dúvida, em meio a

suas violetas, sob as lamparinas apagadas; a divina morta estremeceu, no

jazigo, sozinha, observando a chave de prata lançada sobre as pedras.

Também queria vir até ele! E sua vontade se perdia na idéia do incenso e do

isolamento. A Morte só é uma circunstância definitiva para aqueles que

esperam os céus, mas a Morte, e os Céus, e a Vida, para ela,

não eram os abraços que trocavam? E o beijo solitário de seu marido atraía seus lábios na penumbra. E o som passado das melodias, as palavras

inebriadas de outrora, os tecidos que cobriam seu corpo e retinham seu

perfume, aquelas pedrarias mágicas que a desejavam, em sua obscura

simpatia — e sobretudo a imensa e absoluta impressão de sua presença,

opinião compartilhada ao fim pelas próprias coisas, tudo a chamava àquele

local, e a atraía fazia tanto tempo, e tão imperceptivelmente, que, curada

enfim da Morte sonolenta, só o que faltava ali era *Ela própria!*

Ah!, as idéias são seres vivos!... O conde havia escavado no ar a forma de

seu amor, e era necessário que esse vazio fosse preenchido pelo único ser que

lhe era homogêneo; de modo contrário, o Universo desabaria. A impressão,

nesse momento, definitiva, simples, absoluta, era de que ela devia estar ali,

dentro do quarto! Ele tinha uma certeza tão tranqüila desse fato quanto de sua própria existência, e todas as coisas ao seu redor estavam saturadas com essa

convicção. Podia-se ver! E, como só o que faltava era a própria Vera,

tangível, exterior, era imperativo que ela ali se encontrasse e que o grande

Sonho da Vida e da Morte entreabrisse por um momento suas portas infinitas!

O caminho da ressurreição havia sido enviado a ela pela fé! Uma gargalhada

límpida e musical iluminou com sua alegria o leito nupcial; o conde se virou.

E ali, diante de seus olhos, feita de vontade e de lembrança, apoiada nos cotovelos, etérea, sobre o travesseiro de rendas, a mão segurando os pesados

cabelos negros, a boca deliciosamente entreaberta num sorriso que encerrava

um paraíso de delícias, linda de morrer, enfim!, a condessa Vera o fitava,

ainda sonolenta.

— Roger!... — disse ela, com uma voz distante.

Ele se aproximou. Seus lábios se uniram numa alegria divina, extasiada,

imortal!

E eles se deram conta, então, de que eram, realmente, um único ser. As

horas roçaram, em um vôo alheio, esse êxtase em que se mesclavam, pela

primeira vez, a terra e o céu.

Subitamente, o conde d'Athol estremeceu, como que atingido por uma

reminiscência fatal.

— Ah!, agora eu me lembro!... — disse ele. — Mas o que faço? Você está

morta!

No mesmo instante, diante dessa palavra, a mística lamparina da

iconóstase se apagou. A luz pálida da manhã — uma manhã banal, cinzenta e

chuvosa — penetrou no quarto, filtrada pelos interstícios das

cortinas. As velas empalideceram e se extinguíram, subsistindo apenas a fumaça acre que se elevava de seus pavios rubros; o fogo desapareceu sob

uma camada de cinzas mornas; as flores murcharam e secaram em poucos

instantes; o pêndulo do relógio voltou gradualmente a sua imobilidade. A

estabilidade de todos os objetos desapareceu subitamente. A opala, morta, já

não brilhava; as manchas de sangue também desbotaram, sobre a cambraia de

linho, ao seu lado; e, desaparecendo entre os braços desesperados que

desejavam em vão continuar a estreitá-la, a visão branca e ardente retornou

aos ares e ali se perdeu. Um suspiro débil de adeus, distinto, longínquo,

alcançou a alma de Roger. O conde se pôs de pé; dava-se conta naquele

momento de que estava sozinho. Seu sonho acabava de se dissipar,

subitamente; ele rompera o fio magnético de sua trama radiante com uma

única palavra. A atmosfera, agora, era a dos defuntos.

Como aquelas gotas de vidro em forma de lágrima, agregadas de maneira

ilógica, e no entanto tão sólidas que um golpe de martelo sobre a parte mais

espessa não conseguiria quebrá-las, mas que se transformam em súbito e

impalpável pó se a extremidade mais fina do que a ponta de uma agulha se

parte, tudo se dissolvera.

— Oh! — murmurou ele. — Então terminou! Ela se foi!... Está completamente só! Qual é o caminho, agora, para chegar até você? Indique-me o

caminho que pode me conduzir até você!...

Subitamente, como uma resposta, um objeto brilhante caiu do leito nupcial

sobre a peliça negra, com um ruído metálico: um raio do hediondo dia

terrestre o iluminou!... O abandonado se abaixou, apanhou-o, e um sorriso

sublime iluminou seu rosto, ao reconhecer o objeto: era a chave do túmulo.

Tradução de Adriana Lisboa

Charles Dickens

Um só autor, duas vertentes: no primeiro conto, a obra-prima "O sinaleiro", o fantástico ligado ao sobrenatural (um viés constante do

gênero); e no outro,

"A história dos duendes que raptaram um coveiro" — para quem NÃO

acredita em duendes —, o fantástico resgatado ou recriado a partir dos contos populares/folclóricos. Num e noutra, a mão firme de um mestre. Ah, sim, o nome dele é Charles Dickens (1812-1870), autor; para quem não sabe, de

romances marcantes da literatura mundial, como Oliver Twist e David

Copperfield. entre outros. "O sinaleiro", presente em outras antologias (inclusive na minha Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura

universal), aparece aqui em nova tradução. Já o segundo conto recupera uma tradução de José Paulo Paes, em sua homenagem.

O sinaleiro

— ALOOÔ! AÍ EMBAIXO!

Quando ouviu a voz gritar para ele, o sinaleiro estava à porta do posto,

segurando uma bandeirola enrolada em sua haste curta. Considerando-se a

natureza do terreno, não se imaginaria que o homem pudesse duvidar da

direção da voz; entretanto, em vez de erguer os olhos para o alto do corte

íngreme quase sobre sua cabeça, onde eu me encontrava, deu meia-volta e

observou os trilhos. Havia algo fora do comum no modo como o fez, embora

eu não conseguisse defini-lo nem se minha vida dependesse disso. Mas foi

marcante o suficiente para chamar a atenção, embora a figura do homem

estivesse diminuída e sombreada na trincheira profunda, e eu, bem acima

dele, tão embebido pelo fulgor do raivoso pôr-do-sol que protegera os olhos

com a mão antes mesmo de avistá-lo.

— ALOOÔ! AÍ EMBAIXO!

Após olhar os trilhos, ele deu meia-volta de novo e, erguendo os olhos, me

viu lá no alto.

— Existe algum caminho por onde eu possa descer e falar com o senhor?

Ele continuou me encarando sem responder e eu continuei fixando-o lá

embaixo, sem pressioná-lo com a repetição de minha pergunta frívola. Neste

exato momento senti uma vaga vibração na terra e no ar, transmutando-se

rapidamente numa violenta pulsação, e um jorro repentino avançou até mim e

me fez recuar rapidamente, como se aquilo

pudesse arrastar-me para baixo. Depois que o vapor do trem veloz chegou a minha altura e passou por mim, disseminando-se à distância através da

paisagem, olhei de novo para o homem lá embaixo e o vi enrolando a

bandeirola que exibira enquanto o trem passava.

Repeti minha pergunta. Depois de uma pausa em que pareceu olhar-me

fixamente, ele apontou com a bandeirola enrolada para um ponto situado no

nível de terreno onde eu me encontrava, a uns duzentos ou trezentos metros

de distância. "Está bem!", gritei para ele, e fui me dirigindo para lá. Só depois de muito esquadrihar a minha volta, descobri um caminho descendente

aberto num irregular zig-zague. Desci por ele.

O corte do terreno era extremamente profundo, caindo a pique de modo

inesperado; feito numa rocha úmida e escorregadia, tornava-se mais viscoso e

molhado à medida que eu avançava. Por esses motivos, o caminho me

pareceu longo o bastante para que eu lembrasse o estranho ar de relutância ou

compulsão com que fora indicado.

Quando descii pelo zigzague o suficiente para avistar de novo o sinaleiro,

vi-o em pé entre os trilhos por onde o trem acabara de passar, como se

estivesse esperando eu aparecer. Com a mão esquerda no queixo, o cotovelo

esquerdo descansando na mão direita e o antebraço cruzando-lhe o peito, sua

atitude era de tal expectativa e vigilância que parei um instante, pensativo.

Retomei a descida, chegando finalmente ao nível da estrada de ferro. Ao

me aproximar do homem notei que era sombrio, amarelado, com uma barba

escura e sobrancelhas espessas. Eu jamais vira local tão solitário e lúgubre

como aquele em que seu posto se situava. Nos dois lados, um muro de pedras

agudas e desiguais pingando umidade excluía qualquer vista, exceto uma

faixa do céu; de um lado, a perspectiva era apenas um prolongamento torto

dessa grande masmorra; a perspectiva na outra direção, mais curta, terminava

numa sinistra luz vermelha, e a entrada ainda mais sinistra de um túnel negro

cuja arquitetura maciça transmitia um ar bárbaro, deprimente e repulsivo. O

sol alcançava tão pouco esse local que se exalava dele um cheiro terroso,

morto, e um corredor de vento gelado soprava tão forte ali que fui percorrido

por um calafrio, como se tivesse deixado o mundo natural.

Antes que o homem se movesse, aproximei-me dele o bastante para tê-lo

tocado. Sem tirar os olhos de mim por um segundo, ele recuou um passo e

ergueu a mão.

Como eu já disse, ocupar tal posto era uma tarefa solitária, e isso chamara a minha atenção quando o divisei lá de cima, à distância. Qualquer visitante

devia ser uma raridade ali, imaginei; esperava não ser uma raridade

indesejada. O sinaleiro via em mim apenas alguém confinado a limites

estreitos a vida toda e que, finalmente livre, sentira seu interesse despertado por aquelas grandes obras. Com tal objetivo me dirigira a ele; contudo, estou

longe de ter certeza sobre os termos que usei, pois além de não me sentir

confortável iniciando uma conversa, havia algo no homem que me intimidava.

Ele olhou de um modo bastante estranho para a luz vermelha próxima à

boca do túnel, investigando tudo à volta dela, como se desse por falta de algo.

A seguir, fitou-me de novo.

— Também ficava encarregado daquela luz, não?

Respondeu em voz baixa:

— O senhor não sabe que fico?

Então, enquanto eu esquadrihava seus olhos fixos e o rosto saturnino, um

pensamento monstruoso me ocorreu: o de que tinha diante de mim um espírito

e não um homem. A partir dali cogitei se ele não teria um desequilíbrio

mental.

Recuei um passo. Ao fazer isso, no entanto, detectei em seus olhos um

certo medo latente de mim. Isso pôs em fuga o pensamento monstruoso.

— O senhor me olha como se tivesse pavor de mim — disse eu, forçando

um sorriso.

— Estava em dúvida se já o tinha visto antes — respondeu.

— Onde?

Apontou a luz vermelha na boca do túnel.

— Lá? — disse eu.

— Sim — disse ele (mas sem emitir som), vigiando-me atentamente.

— Meu bom amigo, o que faria eu lá? Seja como for, pode ter certeza de

que nunca estive naquele lugar.

— Acho que posso — disse ele. — É, com certeza, posso.

Então ficou mais tranqüilo, assim como eu. Respondeu prontamente as

minhas observações, e com palavras bem escolhidas. Tinha muito a fazer ali?

Sim; isto é, tinha bastante responsabilidade, que lhe exigia exatidão e

vigilância; mas quanto ao trabalho efetivo — trabalho braçal — era quase

nenhum. Mudar o sinal, ajustar aquelas luzes e manobrar essa manivela de

ferro de vez em quando era tudo o que tinha a fazer em termos de trabalho

manual. Quanto às longas e solitárias horas que eu

parecia encarar como uma grande carga, ele só podia dizer que a rotina de sua vida modelara-se dessa forma, e já se acostumara com ela. Aprendera sozinho

uma língua ali embaixo — se é que conhecê-la superficialmente e esboçar

idéias próprias e cruas de sua pronúncia podia ser chamado de aprendizado.

Também trabalhara com frações e decimais, e tentara um pouco de álgebra,

mas desde garoto fora fraco em números. Quando em serviço, precisava ficar

sempre naquele canal de ar úmido, sem nunca subir e receber um pouco de sol

entre os altos muros de pedra? Ora, isso dependia das épocas e circunstâncias.

Sob determinadas condições havia menos movimento na linha férrea, o

mesmo valendo para certas horas do dia e da noite. Com tempo bom, escolhia

momentos para subir um pouco além daquelas sombras inferiores; mas como

podia ser chamado pelo sino elétrico a qualquer instante, e como ficar atento a ele redobrava sua ansiedade, o benefício era menor

do que eu poderia supor.

Levou-me a seu posto, onde havia um fogo aceso, a mesa com um livro

oficial onde tinha que fazer certas anotações, um instrumento telegráfico com

seu mostrador e ponteiros, e o pequeno sino que mencionara. Quando me

desculpei por observar que sua instrução era bom e, acrescentei — esperava

poder dizê-lo sem ofensa —, talvez mais de que seu cargo pedia, ele replicou

que leves discrepâncias desse tipo geralmente estavam presentes em grandes

grupos de homens; que tinha conhecimento da ocorrência disso em fábricas,

na força policial e até mesmo naquele último e desesperado recurso, o

exército; e que sabia ser mais ou menos assim na equipe de qualquer grande

estrada de ferro . Quando jovem (se é que eu podia acreditar nisso, vendo-o

naquela cabana; ele mal o conseguia), havia estudado filosofia da natureza e

freqüentara palestras; mas vivera desregradamente, desperdiçara as

oportunidades, decaíra e jamais se erguera de novo. Não tinha nenhuma

queixa a fazer. Fizera a cama e deitara nela. Era tarde demais para fazer outra.

Tudo o que condensei aqui foi dito por ele de modo tranqüilo, com graves

olhares escuros divididos entre mim e o fogo. Lançava na conversa a palavra

"senhor" de vez em quando, especialmente ao referir-se a sua juventude —

como se me pedisse para entender que não reivindicava nada senão o que eu

descobria nele. Por diversas vezes foi interrompido pelo sino, e precisou ler as mensagens e enviar respostas. Outra vez teve que permanecer fora do posto,

exibir uma bandeirola enquanto um trem passava e comunicar-se verbalmente

com o maquinista. No

desempenho de seus deveres, observei que era extraordinariamente atento e preciso, interrompendo uma palavra ao meio e ficando em silêncio até

terminar o que tinha que ser executado.

Em suma, eu teria apontado esse homem como um dos mais seguros a

desempenhar-se de suas funções se, ao falar comigo, ele não tivesse por duas

vezes empalidecido, virado o rosto para o sino quando ele NÃO estava

tocando, aberto a porta do abrigo (fechada para que não entrasse o ar

insalubre), e olhado a luz vermelha lá fora junto à boca do túnel. Nessas duas ocasiões, ele voltara para junto do fogo com a expressão singular que eu

notara sem conseguir definir quando estávamos à distância um do outro.

— Estou quase achando que encontrei um homem satisfeito — disse eu,

ao me levantar para ir embora.

(Devo confessar que disse isso para incentivá-lo a falar.)

— Costumava sê-lo — retorquiu com a voz baixa que usara inicialmente.

— Mas ando perturbado, sabe? Bem perturbado.

Ele poderia ter repetido cada palavra, se precisasse. De qualquer forma, ele

já tinha falado, e lhe perguntei prontamente:

— Com o quê? Qual é o problema?

— É muito difícil transmitir isso. É muito, muito difícil falar a respeito. Se o senhor me visitar de novo algum dia, tento lhe contar.

— Mas não há dúvida que pretendo visitá-lo outra vez. Quando pode ser?

— Saio bem cedo e estou de volta amanhã às dez da noite.

— Então venho às onze.

Ele me agradeceu, acompanhando-me até o lado de fora.

— Vou sinalizar com a luz branca — disse em sua peculiar voz baixa
—

até o senhor encontrar o caminho da subida. Quando encontrá-lo,
não grite! E

quando estiver lá no alto, não grite!

Sua atitude fez o lugar me parecer ainda mais frio, mas respondi
apenas

que não o faria.

— E quando descer amanhã à noite, mais uma vez não grite. Vou
lhe fazer

uma última pergunta: por que gritou hoje, "Alooô! Aí embaixo!"?

— Só Deus sabe — disse eu. — Realmente, gritei algo assim...

— Algo assim não. O senhor disse exatamente isso. Lembro bem
das

palavras.

— É verdade, as palavras foram essas. Eu as disse sem dúvida
porque o vi

lá embaixo.

— Não teve outro motivo?

— Que outro motivo eu poderia ter?

— Não senti que lhe foram transmitidas de um modo sobrenatural?

— Não.

Ele me deu boa-noite e ergueu a lanterna. Andei ao lado dos trilhos (com a

sensação bem desagradável de que um trem vinha chegando por trás de mim)

até descobrir o caminho. Era mais fácil subir por ali do que descer, e voltei ao hotel sem qualquer novidade.

Chegando pontualmente para a minha visita na noite seguinte, pisei no

zigzague quando relógios distantes batiam onze horas. O sinaleiro esperava

por mim lá embaixo, com a luz branca acesa.

— Não gritei — disse eu, ao me aproximar. — Posso falar agora?

— À vontade, senhor.

— Então boa-noite — disse eu, estendendo a mão.

— Boa-noite. — Ele me cumprimentou e andamos lado a lado até o seu

posto onde, depois de fechar a porta, sentamo-nos junto ao fogo.

— Cheguei à conclusão — começou ele quase num sussurro, inclinando-

se para a frente — de que não precisa me perguntar de novo qual é o meu

problema. Ontem à noite, eu confundi o senhor com outra pessoa. Esse é o

meu problema.

— Esse engano?

— Não. Essa outra pessoa.

— Quem é?

— Não sei.

— Parece comigo?

— Não sei. Nunca vi seu rosto. Ela o cobre com o braço esquerdo e com o

direito acena freneticamente. Assim.

Com os olhos, acompanhei seus gestos e o vi gesticulando com o máximo

de paixão e veemência: "Pelo amor de Deus, saia do caminho!"

—Numa noite de luar — disse o homem — estava sentado aqui quando

ouvi um grito. "Alooô! Aí embaixo!" Num sobressalto, olhei daquela porta e vi aquela outra pessoa em pé junto à luz vermelha perto do túnel, acenando

como lhe mostrei agora. A voz parecia rouca de gritar mas continuava:

"Cuidado! Cuidado! "Olha aí! Olha aí!" E a seguir: "Alooô! Aí embaixo!

Cuidado!" Pus minha lanterna no vermelho e corri em direção à figura,

gritando: "O que houve? O que aconteceu? Onde?" A criatura mantinha-se

imóvel quase à boca escura do túnel. Então cheguei tão perto dela que me

perguntei por que continuava a cobrir os olhos

com a manga. Eu já estendia a mão para afastar seu braço do rosto quando a figura desapareceu.

— Dentro do túnel?

— Não. Corri uns quinhentos metros túnel adentro. Então parei, levantei a

lanterna bem alto e vi figuras a uma certa distância, assim como as manchas

molhadas escorrendo furtivamente pelas paredes e pingando da estrutura

curva. Diante disso corri ainda mais rápido (pois o lugar me causava uma

repugnância mortal), esquadrinhei em torno da luz vermelha com minha

própria lanterna, subi a escada de ferro até o alto da galeria lá em cima; desci de novo, e finalmente corri de volta para cá. Telegrafei nas duas direções.

"Foi dado um alarme. Aconteceu alguma coisa?" Das duas direções veio a resposta: "Está tudo bem."

Resistindo ao lento toque de um dedo gelado me subindo a espinha,

ponderei com o sinaleiro que a figura devia ser um engano de visão; e que tais figuras, originando-se de alguma afecção dos nervos delicados gerando as

funções do olho, haviam freqüentemente sido relatadas por pacientes com tal

desordem, sendo que alguns destes, conhecedores da natureza dessa aflicção, a

tinham comprovado por experiência própria.

— Quanto a um grito imaginário — acrescentei —, simplesmente ouça por

um momento o vento nesse vale fora do comum enquanto falamos tão baixo,

e a harpa alucinada em que ele transforma os fios do telégrafo.

Tudo isso estava muito bem, replicou o homem, após ficarmos à escuta

durante um tempo; ele conhecia o som do vento e dos fios, já que com tanta

freqüência passava ali longas noites de inverno, solitário e vigilante. Mas me pediu para observar que ainda não terminara.

Então desculpei-me e o sinaleiro, tocando-me o braço, lentamente continuou:

— Umas seis horas depois da aparição, ocorreu o memorável acidente

nesses trilhos, e em cerca de dez horas os mortos e feridos foram trazidos

através do túnel até o local onde a figura estivera.

Um desagradável tremor me percorreu, mas fiz o máximo para resistir a

ele. Não se podia negar que a coincidência era extraordinária, profundamente

calculada para impressionar sua mente, retruquei. Contudo, era inquestionável

que coincidências extraordinárias ocorriam com freqüência, e tinham que ser

levadas em conta ao se lidar com o assunto. Embora deva admitir, acrescentei

(achando que ele ia fazer tal objeção),

homens de bom senso não dariam muito espaço para coincidências ao analisar os aspectos comuns da vida.

Mais uma vez pediu-me para observar que não terminara.

Mais uma vez desculpei-me por interpretá-lo precipitadamente, e por

minhas interrupções.

— Isso aconteceu há um ano — disse ele, pondo novamente a mão no meu

braço e dando uma espiada por cima do ombro com olhos vazios. —
Seis ou

sete meses tinham passado, e eu me recobrava da surpresa e do
choque

quando, certa manhã, com o dia nascendo, eu estava à porta e, ao
olhar para a

luz vermelha, vi o espectro de novo. — O sinaleiro se deteve, o
olhar fixo em

mim.

— Ele gritou?

— Não. Ficou em silêncio.

— Fez movimentos com o braço?

— Não. Estava apoiado na haste da lâmpada, com as duas mãos no
rosto.

Assim.

Mais uma vez acompanhei seus movimentos com os olhos. Era uma
atitude de dor. Já vira expressões assim nas figuras de pedra
adornando

túmulos.

— O senhor foi até ele?

— Não, entrei e me sentei, em parte para pôr os pensamentos em
ordem,

em parte por achar que ia desmaiar. Quando cheguei à porta novamente, o dia

raicara e o fantasma se fora.

— Mas não aconteceu nada depois? Isso não teve nenhuma consequência?

Ele tocou meu braço com o indicador duas ou três vezes, a cada vez assentindo com um horripilante movimento de cabeça.

— Naquele mesmo dia, quando um trem saiu do túnel, notei algo que

parecia uma confusão de mãos e cabeças à janela de um vagão do meu lado.

Algo acenou. Eu o vi bem a tempo de fazer para o maquinista o sinal de

"Pare!". Ele deixou de acelerar, acionou o freio mas o trem ainda continuou por uns 150 metros ou mais. Corri atrás dele ouvindo terríveis gritos e choros enquanto me movia. Uma bela moça morrera instantaneamente num dos

vagões, tendo sido trazida para cá e deitada nesse chão entre nós.

Involuntariamente empurrei minha cadeira para trás, enquanto olhava as

tábuas que ele apontava.

— É verdade, a pura verdade. Estou lhe contando exatamente o que aconteceu.

Não consegui dizer nada, fosse o que fosse, e sentia a boca muito seca.

O vento e os fios assumiram a história com um longo gemido lamentoso.

Ele retomou a palavra.

— Agora preste atenção e julgue como minha mente está perturbada.

O espectro voltou há uma semana. Desde então aparece aqui de vez em

quando, de modo intermitente.

— Com a luz?

— Com a luz de "Perigo".

— E o que faz?

Ele repetiu, se possível com mais paixão e veemência, a gesticulação

anterior: "Pelo amor de Deus, saia do caminho!"

Então continuou:

— Por causa disso não tenho mais paz nem descanso. Ele grita agoniado

para mim, por muitos minutos: "Aí embaixo! Cuidado! Cuidado!" E fica acenando para mim: toca o meu sino...

Ative-me àquelas palavras.

— Ele tocou o sino ontem à noite quando eu estava aqui e o senhor foi até

a porta?

— Duas vezes.

— Ora, veja só como sua imaginação o engana — falei. — Eu estava

olhando para o sino e atento a qualquer som vindo dele; e tão certo como sou

um ser humano, o sino NÃO tocou naqueles momentos. Nem em qualquer

outra vez, a não ser no decorrer natural das coisas, quando a estação se

comunicava com o senhor.

Ele sacudiu a cabeça.

— Nunca me enganei a respeito disso até hoje. Nunca confundi o toque do

sino pelo espectro com o toque do sino por um homem. O toque do fantasma

é uma vibração estranha que nada mais produz. Também não afirmei que o

sacudir do sino é visível; não me espanta que o senhor não o tenha ouvido.

Mas eu ouvi.

— E o espectro parecia estar lá, quando o senhor olhou para fora?

— Ele ESTAVA lá.

— Nas duas vezes?

Ele repetiu com firmeza.

— Nas duas vezes.

— O senhor viria até a porta comigo agora e procuraria por ele?

O sinaleiro mordeu o lábio inferior como se não tivesse muita vontade, mas levantou. Abri a porta e fiquei na escada, enquanto ele parava à entrada.

Ali estava a luz de "Perigo". Ali, a desalentadora boca do túnel. Ali os altos e úmidos muros de pedra que cortavam o terreno. E as estrelas cintilando acima

deles.

— O senhor o vê? — perguntei, observando-lhe atentamente o rosto. Seus

olhos estavam arregalados e tensos, mas não mais talvez do que os meus

quando os focalizei intensamente no mesmo ponto.

— Não — respondeu. — Ele não está ali.

— De acordo — eu disse.

Entramos de novo, fechamos a porta e voltamos a nossos lugares. Eu

estava pensando qual seria a melhor maneira de ampliar essa vantagem, se

podemos chamá-la assim, quando ele retomou a conversa de um modo tão

natural, assumindo a tal ponto que não poderia haver divergência sobre o fato

entre nós, que me senti na mais fraca das posições.

— Nesse ponto o senhor já terá entendido totalmente — disse ele
— que o

que me perturba de modo tão horrível é: o que quer dizer o espectro?

Respondi não ter certeza de ter entendido totalmente.

— De que ele está me avisando? — disse ele, a ruminar com os olhos no

fogo e só às vezes virando-se para mim. — Qual é o perigo? Onde está o

perigo? Há perigo pairando em algum ponto dos trilhos. Alguma calamidade

medonha vai acontecer. Não se pode duvidar dessa terceira vez, depois do que

ocorreu antes. E não há dúvida que isso me assombra cruelmente. O que

posso fazer?

Puxou o lenço e enxugou as gotas na testa acalorada.

— Se eu telegrafar "Perigo" para uma das direções, ou para as duas, não posso dar nenhum motivo para isso — continuou, enxugando as palmas das

mãos. — Eu criaria problemas e não faria nenhum bem. Iam pensar que

enlouqueci. A coisa se desdobraria da seguinte maneira —
Mensagem:

"Perigo! Cuidado!" Resposta: "Que perigo? Onde?" Mensagem: "Não sei.

Mas pelo amor de Deus, tomem cuidado!" Eles me tirariam do posto. O que

mais poderiam fazer?

Sua aflição causava pena. Era a tortura mental de um homem consciente,

oprimido além dos limites por uma responsabilidade ininteligível envolvendo

vidas.

— Quando a figura apareceu pela primeira vez debaixo da luz de "Perigo"

— continuou ele, alisando o cabelo negro para trás e passando a

mão nas têmporas numa angústia febril — por que não me disse onde o acidente ocorreria, se tinha que ocorrer? Por que não dizer como poderia ser

evitado, se isso fosse possível? Quando ele escondeu o rosto, na segunda

aparição, por que não me dizer em vez disso, "Ela vai morrer. É melhor que a mantenham em casa"? Se ele veio nessas duas ocasiões só para me mostrar

que suas advertências eram verdadeiras, e com isso me preparar para a

terceira, por que simplesmente não me avisar agora? E Deus me ajude! Sou

apenas um pobre sinaleiro nesse posto solitário! Por que não fazer isso com

alguém em quem as pessoas acreditem, com poder para agir?

Vendo-o nesse estado, percebi que em benefício do pobre homem, assim

como da segurança pública, o melhor a fazer no momento era acalmar sua

mente. Assim, pondo de lado qualquer questionamento da realidade ou

irrealidade, fiz ver a ele que qualquer um que se desincumbisse tão

meticulosamente de suas funções devia fazê-lo bem, e que, pelo menos, o fato

dele entender seu serviço devia reconfortá-lo, mesmo não entendendo essas

desgraçadas aparições. Nisso fui mais bem-sucedido do que na tentativa de

dissuadi-lo de sua convicção. Ele se acalmou; as ocupações naturais do cargo

começaram a exigir mais sua atenção enquanto a noite avançava, e deixei-o às

duas da manhã. Ofereci-me para passar a noite lá, mas ele nem quis

considerar tal hipótese.

Não vejo nenhuma razão para esconder que olhei mais de uma vez para

trás na direção da luz vermelha ao subir o caminho; que não gostava da luz

vermelha; e que teria dormido muito mal se minha cama estivesse situada

debaixo dela. Da mesma forma como não vejo razão para esconder que não

gostei das duas seqüências do acidente e da moça morta.

Mas o que mais agitava meus pensamentos era imaginar como deveria

agir, tendo sido posto a par daquela revelação. Eu comprovava que o homem

era inteligente, vigilante, aplicado e preciso; mas por quanto tempo ele

permaneceria desse modo, naquele estado mental? Embora num posto

subalterno, sua função era de grande responsabilidade, e eu (por exemplo)

gostaria de apostar minha própria vida nas chances dele continuar a executá-la com precisão.

Incapaz de superar a sensação de que seria traiçoeiro de minha parte

comunicar o que ele tinha me contado a seus chefes na Companhia sem

primeiro abrir-me com ele e lhe propor uma ação intermediária, finalmente

resolvi me oferecer para acompanhá-lo (guardando seu segredo

por enquanto) ao melhor médico que existisse naquelas paragens, e pedir-lhe uma opinião. Uma mudança no turno de serviço do sinaleiro ocorreria na

noite seguinte, informara-me ele, fazendo-o ficar fora uma ou duas horas

depois do nascer do sol e estar lá novamente depois do pôr-do-sol. Eu

combinara voltar de acordo com seu horário.

A adorável noite seguinte me fez sair mais cedo para usufruí-la. O sol não

tinha se posto totalmente quando atravessei o campo-caminho até o alto do

profundo corte. Estenderia a caminhada por uma hora, disse a mim mesmo,

meia hora para ir e meia hora para voltar, o que me faria chegar pontualmente

ao posto do meu sinaleiro.

Antes de encetar a caminhada, fui até a borda do terreno e mecanicamente

olhei para baixo, para o local onde vira o sinaleiro pela primeira vez. Não

consigo descrever o calafrio que me tomou quando, perto da boca do túnel, vi

uma figura de homem com a manga esquerda cobrindo os olhos e acenando

desesperadamente com o braço direito.

O horror inominável que me oprimiu passou num instante, pois logo a

seguinte vi que a aparição era de fato um homem, e que parecia repetir o gesto

feito antes para o pequeno grupo de homens a uma curta distância dele. A

lâmpada de "Perigo" ainda não fora acesa. Contra sua haste fora feito um pequeno abrigo baixo, inteiramente novo para mim, com lona e alguns

suportes de madeira. Não parecia maior que uma cama.

Numa irresistível sensação de que algo estava errado — com um súbito

medo e autocensura de que um dano fatal ocorrera por eu ter deixado o

homem ali sem ninguém para supervisioná-lo ou corrigi-lo —, desci o

caminho a toda a velocidade que pude.

— O que aconteceu? — perguntei aos homens.

— O sinaleiro morreu esta manhã.

— O homem que trabalhava naquele posto?

— Sim.

— Será o homem que eu conheço?

— Se o conhecia, vai reconhecê-lo — disse um dos homens falando pelos

outros, descobrindo solenemente a própria cabeça e erguendo uma ponta da

lona — pois seu rosto está muito composto.

— Ah, como aconteceu isso, como aconteceu isso? — perguntei, virando-

me de um para o outro enquanto o abrigo era fechado novamente.

— Foi colhido por uma locomotiva. Ninguém melhor do que ele conhecia

seu trabalho na Inglaterra. Mas por alguma razão estava nos trilhos.

Aconteceu em plena luz do dia. O sinaleiro havia acendido a luz e

tinha a lanterna na mão. Estava de costas para a locomotiva quando ela saiu do túnel e o atingiu. Aquele ali era o maquinista, e estava mostrando como

aconteceu. Conte a esse senhor. Tom.

Vestido com uma roupa preta e grosseira, o homem recuou até o lugar que

ocupava antes na boca do túnel.

— Quando fiz a curva no túnel vi o homem lá no final como se fosse através de um binóculo — disse ele. — Não houve tempo para diminuir a

velocidade, e eu sabia que ele era muito cuidadoso. Como parecia não prestar

atenção ao apito, parei de apitar enquanto avançávamos em sua direção e

gritei para ele com todas as forças que pude.

— Gritou o quê?

— "Aí embaixo!! Cuidado! Cuidado! Pelo amor de Deus, saia do caminho!"

Estremeci.

— Ah! Foi um momento medonho, meu senhor. Não parei um segundo de

gritar para ele. Cobri os olhos com o braço para não ver, e fiz sinais com o

outro braço até o fim mas não adiantou.

Não quero prolongar a narrativa retardando-me mais numa circunstância

do que em outra. Para encerrar, porém, sublinho a coincidência do maquinista

incluir em seu aviso não só as palavras que assombravam o homem como

também as palavras que eu próprio ligara à gesticulação imitada pelo infeliz

sinaleiro.

Tradução de Myriam Campello

A história dos duendes que raptaram um coveiro

NUMA VELHA CIDADE ABACIAL, situada nesta parte do Condado, há muito, muito

tempo — tanto tempo que a história deve ser verdadeira, de vez que nossos

bisavós nela acreditaram implicitamente —, oficiava como sacristão e coveiro

no cemitério da igreja um certo Gabriel Grub. De modo algum, porém, se

infira que, pelo fato de ser coveiro e viver constantemente cercado de

símbolos mortuários, deva um homem tornar-se taciturno e melancólico; os

agentes funerários são os sujeitos mais alegres do mundo e, certa feita, tive a honra de privar com um deles que, na vida particular, e quando não em

serviço, era um sujeitinho cômico e jocoso, capaz de trautear uma canção

burlesca sem qualquer lapso de memória, ou de esvaziar um bom copo de um

só fôlego. Todavia, apesar de tais precedentes em contrário. Gabriel Grub era

rabugento, taciturno, azedo — um homem ensimesmado e solitário, que não

se dava com ninguém, a não ser consigo mesmo e com uma velha garrafa,

encapada de vime, que lhe cabia no amplo e fundo bolso do colete — e que

fitava cada rosto alegre que por si passasse com um olhar de malícia tão torva e mal-humorada que ninguém lhe suportaria o escrutínio sem sentir arrepios.

Pouco antes da meia-noite, certa véspera de Natal. Gabriel colocou a pá ao

ombro, acendeu a lanterna e encaminhou-se para o velho cemitério, pois tinha

de preparar uma cova para o dia seguinte; sentindo-se muito deprimido,

pensou que seu ânimo melhoraria se se pusesse logo a trabalhar. Enquanto

caminhava pela velha rua, viu a luz alegre dos fogos

crepitantes brilhar através das janelas antigas, e ouviu os risos altos e os gritos jubilosos daqueles que se haviam reunido à volta deles; observou os

alvorçados preparativos para a festa do dia seguinte e aspirou os numerosos

aromas apetitosos deles resultantes, escapando-se pelas janelas das cozinhas,

em nuvens. Tudo isso era fel e absinto para o coração de Gabriel Grub; e

quando bandos de crianças saltavam para fora das casas e, aos saltos,

atravessavam a rua e encontravam-se, antes de terem tido tempo de bater à

porta fronteira, com meia dúzia de moleques de cabelo encaracolado, que se

agrupavam em torno deles enquanto subiam para passar a noite em folgedos

natalinos. Gabriel sorria torvamente e apertava o cabo da pá com mais força,

ao pensar em sarampo, escarlatina, difteria, coqueluche e muitas outras fontes semelhantes de consolação.

Nesse feliz estado de espírito. Gabriel caminhava, respondendo aos cumprimentos bem-humorados dos vizinhos que por ele cruzavam com um

grunhido lacônico e rabugento; por fim, enfiou-se pela escura viela que levava ao cemitério. Gabriel estivera ansioso por chegar à viela porque o lugar era,

de modo geral, ermo e funéreo, e a gente da vila não se arriscava a andar por

ali senão durante o dia, quando brilhava o sol; por conseqüência, o coveiro

ficou assaz indignado ao ouvir uma voz infantil entoando uma alegre canção

de Natal no mesmo santuário que era chamado "Beco dos Caixões" desde os dias da velha abadia e dos monges de cabeça raspada. À

medida que Gabriel

caminhava e que a voz se tornava mais próxima, descobriu pertencer a um

menino que corria a juntar-se a um dos grupinhos da velha rua e que, em parte

para sentir-se acompanhado, em parte para preparar-se para a ocasião, berrava

a canção com toda a força dos pulmões. Gabriel esperou até que o menino

passasse por ele e, encurralando-o num canto, deu-lhe cinco ou seis pancadas

na cabeça com a lanterna, apenas para ensiná-lo a modular a voz. E enquanto

o menino fugia, com as mãos na cabeça, entoando canção bem diversa da

anterior. Gabriel Grub casquinou sozinho, alegremente, e entrou no cemitério,

fechando o portão atrás de si.

Tirou o casaco, pôs a lanterna no chão e, dirigindo-se à cova inacabada,

nela trabalhou durante uma hora ou mais, com gosto. Mas a terra estava

endurecida pela geada e não era coisa fácil cavá-la nem atirá-la para cima;

embora houvesse lua, era lua muito nova, que pouco iluminava a cova imersa

na sombra da igreja. Em qualquer outra ocasião, tais obstáculos teriam feito

Gabriel Grub sentir-se muito triste e miserável, mas estava tão satisfeito por ter acabado com a cantoria do menino, que mal

se deu conta dos pequenos progressos que fazia e, terminado o trabalho da noite, olhou para dentro da cova com soturna satisfação, murmurando,

enquanto reunia seus petrechos:

Bom quarto para a última dormida:

Sete palmos de terra, finda a vida;

Pedra aos pés e também à cabeceira,

Petisco para os vermes da valeira;

Relva em cima, de argila emparedado,

Belo quarto em terreno consagrado!

— Ho! ho! — riu Gabriel Grub, sentando-se num túmulo liso, que era seu

lugar de descanso favorito, e sacando a garrafa de vime. — Um esquite no

Natal! Um caixão natalino! Ho! ho! ho!

— Ho! ho! ho! — repetiu uma voz as suas costas.

Gabriel interrompeu, algo alarmado, o ato de levar a garrafa à boca e olhou

à volta de si. As profundezas do túmulo mais antigo ali existente não estavam

mais tranqüilas e silenciosas do que o próprio cemitério à pálida luz da lua. A branca e fria geada brilhava nas lousas tumulares e cintilava, qual fieira de

gemas, por entre os entalhes de pedra da velha igreja. Havia uma camada de

neve dura e crespa sobre o chão, amortalhando os montículos de terra com um

lençol tão alvo e macio, que mais pareciam estes uma fileira de cadáveres

cobertos apenas com suas mortalhas. Nenhum ruído, por leve que fosse,

quebrava a profunda tranqüilidade da paisagem solene. Tão frio e quieto era o

ambiente que até o próprio som parecia ter-se enregelado.

— Foram os ecos — concluiu Gabriel Grub. levando novamente a garrafa

à boca.

— Não foram, não — disse uma voz profunda.

Gabriel ergueu-se assustado e ficou interdito de espanto e de terror quando

seus olhos deram com uma aparição que lhe gelou o sangue nas veias.

Sentada numa tumba alta, perto dele, havia uma estranha figura supraterrena, que Gabriel constatou, desde logo, não ser gente deste mundo.

Suas pernas longas e fantásticas, que bem poderiam chegar ao chão, estavam

encolhidas e cruzadas de maneira esquisita e espantosa; trazia nus os braços

nervosos; suas mãos descansavam sobre os joelhos. O corpo curto e roliço

estava vestido de roupas apertadas e acuchiladas;

uma capa curta pendia-lhe das costas; a gola estava recortada em bicos curiosos, que serviam de gravata ou de golilha ao duende, e os sapatos tinham

longas pontas reviradas. Trazia na cabeça um chapéu em forma de pão de

açúcar, enfeitado com uma pena solitária, e coberto de branca geada; o

duende parecia estar sentado muito à vontade, na tumba, havia mais de

duzentos ou trezentos anos. Permanecia imóvel, com a língua zombeteira de

fora, careteando para Gabriel Grub com uma expressão que só os duendes são

capazes de assumir.

— Não foram os ecos — repetiu o duende.

Gabriel Grub estava paralisado e não soube responder.

— Que fazes aqui na véspera de Natal? — perguntou o duende, com voz

severa.

— Vim cavar uma cova, sir — balbuciou Gabriel Grub.

— Que homem é este que anda em meio a covas numa noite assim? —

exclamou o duende.

— Gabriel Grub! Gabriel Grub! — berrou um doido coro de vozes, que

parecia encher o cemitério. Gabriel olhou temerosamente à volta, mas não viu

ninguém.

— Que trazes aí nessa garrafa? — perguntou o duende.

— Genebra, sir — respondeu o sacristão, mais trêmulo do que nunca, pois

havia comprado-a de contrabandistas e julgou que talvez seu interlocutor

pertencesse ao departamento fiscal dos duendes.

— Quem bebe genebra sozinho num cemitério, numa noite como esta?

— exclamou o duende.

—Gabriel Grub! Gabriel Grub! — gritaram as doidas vozes novamente.

◆ duende olhou maliciosamente para o coveiro aterrorizado e, alçando a

voz, exclamou:

E quem é, então, nossa boa e legítima presa?

A tal pergunta, o coro invisível replicou, num uníssono que vibrava como

as vozes de muitos meninos cantando ao som poderoso do órgão da velha

igreja; um uníssono que, aos ouvidos do coveiro, parecia transportado por um

vento selvagem, e que, conforme passava, ia morrendo; mas o estribilho era

sempre o mesmo:

— Gabriel Grub! Gabriel Grub!

O duende fez uma careta maior do que as anteriores e disse:

—Bem. Gabriel, que achas disso?

O coveiro arquejou.

— Que achas disso. Gabriel? — repetiu o duende, atirando as pernas para o ar, de cada lado do túmulo, e olhando para as pontas reviradas dos sapatos

com tanta satisfação quanto se admirasse os mais elegantes calçados vendidos

em Bond Street.

— É... é... muito curioso, sir — replicou o coveiro, semimorto de terror. —

Muito curioso e muito bonito, mas acho que vou voltar ao trabalho para

terminá-lo, sir, se mo permitirdes.

— Trabalho! — exclamou o duende. — Que trabalho?

— A cova, sir; abrir uma cova — tartamudeou o coveiro.

— Oh!, a cova, hein? — disse o duende. — Quem é que se compraz em

abrir covas numa ocasião em que todos os outros homens se divertem?

Novamente, as vozes misteriosas repetiram:

— Gabriel Grub! Gabriel Grub!

— Receio que meus amigos te desejem. Gabriel — disse o duende, pondo

toda a língua de fora (e que língua. Santo Deus!). — Receio que meus amigos

te desejem. Gabriel.

— Por favor, sir — replicou o coveiro aterrorizado —, creio que não, sir;

eles não me conhecem, sir; não acredito que esses cavalheiros me hajam visto

antes, sir.

— Oh!, viram-te, sim — replicou o duende. — Bem conhecemos o

homem de cara amuada e cenho franzido que desceu a rua hoje à noite,

olhando as crianças com olhar maldoso, e apertando, raivoso, o cabo da pá.

Bem conhecemos o homem que, com o coração cheio de inveja e maldade,

surrou um menino, só porque esse menino podia ser alegre e ele não. Bem o

conhecemos, bem o conhecemos.

Nesse ponto, o duende riu um riso esganiçado, que os ecos devolveram

multiplicado, e, atirando as pernas para o ar, equilibrou-se, de cabeça para

baixo, ou melhor, sobre a ponta do chapéu em forma de pão de açúcar, à

beirada estreita do túmulo, de onde, numa cambalhota extremamente ágil, foi

cair bem aos pés do coveiro, assumindo a posição de um alfaiate entregue ao

seu ofício.

— Acho... acho que tenho de ir-me embora, sir — disse o coveiro, fazendo

um esforço para mover-se.

— Ir embora! — exclamou o duende. — Gabriel Grub vai embora. Ho!

ho! ho!

Enquanto o duende ria, o coveiro, olhando de relance para a igreja, viu-lhe

as janelas iluminadas, como se estivessem acesas todas as luzes

do edifício; a luz desapareceu, o órgão pôs-se a tocar uma melodia saltitante, e grupos inteiros de duendes, perfeitas reproduções do primeiro, derramaram-se

pelo cemitério e começaram a saltitar sobre as tumbas, jamais detendo-se, um

instante que fosse, para tomarem fôlego, mas cabriolando cada vez mais alto,

um depois do outro, com maravilhosa destreza. O primeiro dos duendes era

um saltador espantoso, e nenhum dos outros o ultrapassava; mesmo no auge

do terror, o coveiro não pôde deixar de observar que, enquanto seus

companheiros se contentavam em saltar por cima das tumbas de tamanho

ordinário, o primeiro piruetava sobre os jazigos familiares, com grades de

ferro e tudo, tão facilmente quanto se estes fossem marcos de estrada.

Por fim, a brincadeira chegou ao cúmulo da excitação; o órgão tocava cada

vez mais depressa, e os duendes pulavam cada vez mais rápidos,

enrodilhando-se sobre si mesmos, dando cambalhotas sobre o chão e saltando

sobre as tumbas quais bolas de futebol. O cérebro do coveiro girava com tanta

rapidez quanto a da agitação que contemplava, e suas pernas vergavam

conforme os espíritos lhe passavam diante dos olhos; subitamente, o rei dos

duendes, atirando-se sobre ele, agarrou-o pelo colarinho e com ele desapareceu pela terra adentro.

Quando Gabriel Grub conseguiu recuperar o fôlego, que a descida

vertiginosa lhe fizera perder, encontrou-se no que parecia ser uma vasta

caverna, circundado de todos os lados por multidões de duendes feios e

zombeteiros; no centro da caverna, num assento elevado, estava seu amigo do

cemitério e, logo atrás dele, sem poder mexer-se, o próprio Gabriel Grub.

— A noite está fria — disse o rei dos duendes —, muito fria. Tragam-lhe

algo quente para beber!

A esta voz de comando, meia dúzia de duendes oficiosos, com um perpétuo sorriso nas faces, que Gabriel Grub imaginou fossem cortesãos por

causa disso, desapareceram num átimo e logo voltaram com uma taça de fogo

líquido, que apresentaram ao rei.

— Ah! — exclamou o duende, cujas faces e garganta faziam-se trans-

parentes à medida que ia engolindo o líquido chamejante —, como isto

esquenta! Tragam uma caneca para Mi: Grub.

Foi em vão que o coveiro protestou não ser de seu hábito tomar o que quer

que fosse de quente à noite; um dos duendes segurou-o, enquanto outro lhe

derramava a beberagem incendiada pela garganta abaixo; toda a assembléia

torcia-se de rir ao vê-lo tossir, engasgar-se e enxugar as

lágrimas que lhe corriam abundantemente dos olhos, depois de ter engolido a causticante bebida.

— E agora — disse o rei, enfiando, num gesto fantástico, a ponta do seu

chapéu afunilado nos olhos do coveiro e provocando neste dor agudíssima —,

e agora mostrem ao homem da desgraça e da tristeza algumas pinturas do

nosso grande depósito!

A medida que o duende dizia tais palavras, uma nuvem espessa, que

obscurecia a extremidade mais remota da caverna, dissipou-se gradualmente e

pôs a descoberto, muito ao longe, segundo parecia, um aposento pequeno e

pobrementemente mobiliado, posto que limpo e bem-arrumado. Um bando de

crianças comprimia-se em torno do fogo alegre, agarradas às saias da mãe e

saltitando-lhe ao redor da cadeira. A mãe erguia-se, de quando em quando, e

descerrava as cortinas da janela, como se aguardasse a chegada de alguém;

uma refeição frugal estava servida sobre a mesa e uma cadeira de braços fora

disposta perto do fogo. Uma batida à porta fez-se ouvir; a mãe abriu-a, e as

crianças, acorrendo para lá, puseram-se a bater palmas de alegria ao verem

seu pai entrar. Estava molhado e tinha ar fatigado; sacudiu a neve das roupas, enquanto as crianças, apinhando-se em volta dele, tomaram-lhe a capa, o

chapéu, a bengala e as luvas e, com ar azafamado, levaram tudo para fora da

sala. Depois, quando o recém-vindo se sentou à mesa, ao pé do fogo, as

crianças treparam-lhe sobre os joelhos, a esposa acomodou-se ao seu lado, e

tudo se fez felicidade e aconchego.

Mas uma alteração, quase imperceptível, ocorreu no quadro. A cena era

agora um pequeno dormitório, no qual o mais lindo e o mais jovem dos filhos

jazia agonizante; o róseo havia-lhe desaparecido das faces e a luz fugira-lhe

dos olhos; enquanto o coveiro o olhava com um interesse que jamais havia

conhecido ou experimentado até então, a criança morreu. Seus pequenos

irmãos e irmãs rodearam-lhe o leito minúsculo e tomaram-lhe as mãozinhas

frias e langues, mas estremeeceram ao toque e olharam medrosamente para o

seu rosto infantil: era calmo e tranqüilo e revelava paz, mas a linda criança

estava morta e eles souberam que era agora um anjo a olhá-los e a abençoá-

los lá do céu luminoso e feliz.

Uma luz brilhante passou de novo pelo quadro e o seu tema alterou-se

outra vez. O pai e a mãe estavam agora velhos e alquebrados e o número de

filhos a rodeá-los diminuía de mais da metade; todavia, a felicidade e a

alegria brilhavam em todas as faces e reluziam em todos os olhos enquanto,

agrupada em volta do fogo, a família ouvia e contava velhas histórias dos dias idos. Lenta e tranqüilamente, o pai desceu

ao túmulo e, logo depois, a companheira de seus cuidados e aflições acompanhou-o àquele lugar de repouso. Os poucos sobreviventes ajoelharam-se ao lado de seus túmulos e regaram de lágrimas a verde relva que os

recobria; ergueram-se, depois, e afastaram-se, tristes e enlutados, mas não

com gritos amargos ou com lamentos desesperados, pois sabiam que os

encontrariam, novamente, algum dia; mais uma vez, mergulharam na azáfama

do mundo, e o contentamento e a jovialidade lhes voltaram. A nuvem desceu

sobre o quadro e ocultou-o dos olhos do coveiro.

— Que achas disso? — perguntou o duende, voltando seu rosto largo para

Gabriel Grub.

Gabriel murmurou algo a respeito de ter achado o quadro muito bonito, e

pareceu ficar um tanto envergonhado quando o duende o fitou com seus olhos

candentes.

— Tu, miserável criatura! — disse o duende, num tom de absoluto

desprezo. — Tu!

Parecia resolvido a acrescentar mais alguma coisa, mas a indignação

sufocou-o; erguendo uma de suas flexibilíssimas pernas, e agitando-a acima

da cabeça para firmar a pontaria, descarregou um belo pontapé em Gabriel

Grub; a esse exemplo os duendes se comprimiram em torno do pobre coveiro

e castigaram-no sem clemência, de acordo com o costume estabelecido e

invariável dos cortesãos deste mundo, que dão pontapés em quem a realeza

dá, e agradam a quem a realeza agrada.

— Mostrem-lhe algo mais! — ordenou o rei dos duendes.

A estas palavras, a nuvem dissipou-se e uma bela e rica paisagem fez-se

visível — a mesma que se contempla até hoje, a meia milha da velha cidade

abacial. O sol refulgia no céu límpido e azul; a água cintilava sob os seus

raios; as árvores pareciam mais verdes e as flores mais alegres a sua benéfica influência. A água murmurava com um ruído agradável; as árvores

farfalhavam à leve brisa que lhes agitava as folhas; os pássaros cantavam nos

ramos, e a cotovia, lá no alto, saudava o amanhecer. Sim, era manhã — uma

clara e balsâmica manhã estival; a menor das folhas, o mais diminuto dos

talos de grama palpitavam de vida. A formiga saía para seu labor cotidiano; a

borboleta, revolteando, aquecia-se aos cálidos raios de sol; miríades de

insetos estiravam as asas transparentes e gozavam a breve, posto que feliz,

existência. O homem caminhava, enlevado pela cena, e tudo era brilho e

esplendor.

— Tu, miserável criatura! — exclamou o rei dos duendes, em tom de

maior desprezo ainda. E, novamente, fez um floreio com a perna e

castigou os ombros do coveiro; novamente, os duendes circundantes imitaram o exemplo do chefe.

Muitas e muitas vezes a nuvem apareceu e desapareceu; e muitas e muitas

lições foram ensinadas a Gabriel Grub, que, embora lhe doessem os ombros,

devido ao reiterado castigo neles aplicado pelo pé do duende, assistia a tudo

com um interesse que nada lograva diminuir. Viu os homens que trabalhavam

arduamente para ganharem o escasso pão de cada dia, alegres e felizes; viu

que, mesmo para os mais ignorantes, o doce aspecto da Natureza era fonte

inesgotável de prazeres e alegrias.

Viu aqueles que haviam sido criados com mimos e que tinham crescido em

meio a carinhos, alegres, malgrado as privações, e superiores a sofrimentos

que teriam esmagado outros de mais rude constituição, porque traziam dentro

do peito as próprias fontes da felicidade, da alegria e da paz. Viu que as

mulheres, as mais ternas e frágeis entre todas as criaturas de Deus, eram

freqüentemente superiores à tristeza, à adversidade e à desgraça, porque

traziam, no fundo do coração, um manancial inesgotável de afeto e devoção.

Viu, sobretudo, que homens como ele, sempre a escarnecerem da jovialidade

e da alegria alheias, eram o pior joio que existia sobre a bela superfície da

terra; e, confrontando todo o bem do mundo com o mal nele existente, chegou

à conclusão de que o mundo, no fim das contas, era um lugar muito decente e

respeitável. Mal chegara a tal conclusão quando a nuvem que envolvera o

último quadro pareceu envolvê-lo também os sentidos, convidando-o ao

repouso. Um por um, os duendes desapareceram de sua vista e, quando o

último se desvaneceu, o coveiro mergulhou em sono profundo.

O dia já havia nascido quando Gabriel, despertando, se achou estirado

sobre a lápnea lisa do cemitério, tendo ao lado, vazia, a garrafa de vime, e o

casaco, a pá e a lanterna, recobertos da geada alvacenta da véspera,

espalhados no chão. A lousa sobre a qual vira o duende sentado pela primeira

vez erguia-se diante dele, e a cova em que trabalhara na noite anterior não

distava muito dali. A princípio, duvidou da realidade de suas aventuras, mas a dor aguda que sentiu nos ombros, quando tentou erguer-se, convenceu-o de

que os pontapés dos duendes não haviam sido de modo algum imaginários.

Titubeou, novamente, ao observar que não havia pegadas na neve que os

duendes tinham pinoteado, mas logo achou explicação para o fato, ao

lembrar-se de que, sendo eles espíritos, não haveriam de deixar impressão

visível atrás de si. Dessarte. Gabriel Grub pôs-se de pé, tão bem quanto lho

permitiu a dor nas costas, e, limpando a geada do casaco, vestiu-o e voltou o

rosto para a cidade.

Era, todavia, um homem mudado, e não suportava a idéia **de** retornar a um sítio onde seu arrependimento seria objeto de motejo e sua transformação, de

dúvida. Hesitou por alguns momentos; decidiu-se, depois, a buscar outro lugar

onde pudesse ganhar o pão.

A lanterna, a pá e a garrafa de vime foram encontradas no cemitério

naquele mesmo dia. Houve a princípio inúmeras conjecturas quanto ao

destino do coveiro, mas logo se concluiu que ele havia sido levado pelos

duendes; não faltaram, mesmo, algumas testemunhas dignas de crédito que o

havam visto, muito distintamente, transportado pelo ar no lombo de um

cavalo castanho, cego de um olho, com os quatro traseiros de leão e a cauda

de urso. Com o passar do tempo, chegou-se a crer piamente em tudo isso, e o

novo coveiro costumava exhibir aos curiosos, em troca de insignificante

propina, um bom pedaço do cata-vento da igreja que havia sido derrubado

acidentalmente pelo referido cavalo em sua fuga aérea, e que ele, coveiro,

encontrara no cemitério, um ou dois anos mais tarde.

Infortunadamente, estas histórias ficaram algo desmoralizadas pelo ines-

perado aparecimento de Gabriel Grub em pessoa, mais ou menos dez anos

depois; estava velho, reumático, esfarrapado e feliz. Contou sua história ao

vigário e também ao prefeito; com o tempo, sua narrativa passou a ser aceita

como fato histórico, forma sob a qual se perpetuou até hoje. Os que acreditam

no conto do cata-vento, tendo sido iludido na sua boa-fé, não se mostravam

mais dispostos a deixar-se iludir novamente, e assumindo ares de sabidos,

encolhiam os ombros, tocavam a fronte e murmuravam algo a respeito de

Gabriel Grub ter bebido toda a genebra e adormecido sobre a lápide lisa;

ofereciam explicação para o que ele havia visto na caverna dos duendes,

dizendo que, depois de haver corrido o mundo. Gabriel tornara-se mais

esperto. Mas tal opinião, que não chegou nunca a se popularizar, foi-se

extinguindo aos poucos. Seja como for, tendo Gabriel Grub padecido de

reumatismo até o fim de seus dias, sua história tem, ao menos, uma moral, à

falta de coisa melhor — a de que, se um homem ficar mal-humorado e beber

sozinho na véspera de Natal, pode ter a certeza de que não tirará muito

proveito disso, ainda que os espíritos da bebida sejam menos fortes ou estejam tantos graus acima do normal quanto aqueles que Gabriel Grub viu na caverna

dos duendes.

Tradução de José Paulo Paes

Honoré de Balzac

Os vários volumes da Comédia humana contêm, além dos romances famo-síssimos, como Eugénie Grandet . O pai Goriot e outros, várias histórias curtas, também elas conhecidas. É caso de "A grande Bretèche", incluído em Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal , "O

recruta", publicado em Os melhores contos de medo, horror e morte , e deste

"O elixir da longa vida", que costuma ser lembrado por outras antologias fantásticas. Aqui Balzac (1799-1850) desenvolve sua

versão de um mito da

modernidade (isto é, contrapondo-se aos mitos da Antiguidade): o mito de

dom Juan, o mesmo que levou Mozart a compor Don Giovanni e inspirou dezenas de outros escritores e artistas.

O elixir da longa vida

NUM Suntuoso palácio de Ferrara, numa noite de inverno, dom Juan

Belvidero recepcionava um príncipe da casa de Este. Naquela época, uma

festa era um maravilhoso espetáculo que apenas tesouros reais ou o poder de

um fidalgo poderiam oferecer. Sentadas ao redor de uma mesa iluminada por

velas perfumadas, sete mulheres alegres conversavam suavemente, entre

admiráveis obras-primas cujos mármore brancos se destacavam das paredes

de estuque vermelho e contrastavam com ricas tapeçarias turcas. Vestidas de

cetim, faiscantes de ouro e carregadas de pedrarias que brilhavam menos que

seus olhos, todas falavam de paixões intensas, mas diferentes como seus tipos

de beleza. Não diferiam nas palavras nem nas idéias; o ar, um olhar, alguns

gestos ou o tom serviam a suas palavras de comentários libertinos, lascivos,

melancólicos ou zombeteiros.

Uma parecia dizer:

— Minha beleza sabe aquecer o coração gelado dos velhos.

Outra:

— Gosto de ficar deitada sobre almofadas, para pensar loucamente naqueles que me adoram.

Uma terceira, novata naquelas festas, quase enrubescia:

— No fundo da alma, sinto remorsos! — dizia ela. — Sou católica e tenho

medo do inferno. Mas o amo tanto, ai, tanto, tanto, que poderia lhe sacrificar a eternidade.

A quarta, esvaziando uma taça de vinho de Chio, exclamava:

— Viva a alegria! Levo uma nova existência a cada aurora! Esquecida do passado, ébria ainda das paixões da véspera, esgoto todas as noites uma vida

de felicidade, uma vida cheia de amor.

A mulher sentada junto a Belvidero fitava-o com olhar inflamado. Estava

em silêncio.

— Quando será grão-duque? — perguntou a sexta ao príncipe, com uma

expressão de alegria assassina nos dentes e um delírio de bacante nos olhos.

— E quanto a você, quando morrerá seu pai? — disse a sétima rindo e

atirando seu buquê a dom Juan num delicioso gesto infantil. Era uma mocinha

inocente, acostumada a brincar com todas as coisas sagradas.

— Ah! Nem me fale! — exclamou o jovem e belo dom Juan Belvidero. —

Só existe um único pai eterno no mundo, e a desgraça quer que seja o meu!

As sete cortesãs de Ferrara, os amigos de dom Juan e o próprio príncipe

lançaram um grito de horror. Duzentos anos depois e sob o reinado de Luís

XV, as pessoas de bom gosto teriam rido daquela tirada. Mas talvez também,

no início de uma orgia, as almas ainda tivessem bastante lucidez. Apesar do

fogo das velas, do grito das paixões, do aspecto dos vasos de ouro e prata, do perfume dos vinhos, apesar da contemplação das mais deslumbrantes

mulheres, talvez ainda houvesse, no fundo dos corações, um pouco daquele

pudor pelas coisas humanas e divinas que luta até que a orgia o tenha afogado

nas últimas ondas de um vinho borbulhante. Já estavam entretanto murchas as

flores, os olhos se embotavam e a embriaguez se instalava conforme a frase

de Rabelais, até a sola dos pés. Nesse momento de silêncio, uma porta se

abriu e, como no festim de Baltazar. Deus se deu a conhecer, apareceu sob os

traços de um velho empregado de cabelos brancos, andar trêmulo,

sobrancelhas crispadas; ele entrou com ar triste, apagou com um olhar as

coroas, as taças de prata dourada, as pirâmides de frutas, o brilho da festa, o rubor dos rostos surpresos e as cores das almofadas amassadas pelo braço

branco das mulheres; enfim, trouxe o luto àquela loucura dizendo estas

palavras sombrias com voz cavernosa:

— Senhor, seu pai está morrendo.

Dom Juan levantou-se fazendo a seus hóspedes um gesto que pode se traduzir por: "Desculpem-me, isso não acontece todos os dias." A morte de um pai não surpreende com muita freqüência os jovens em meio aos

esplendores da vida, no seio das loucas idéias de uma orgia? A morte é tão

súbita em seus caprichos quanto uma cortesã em seus desdêns;
mas, mais fiel,

nunca enganou alguém.

Quando dom Juan fechou a porta da sala e caminhou por uma longa
galeria tão fria quanto escura, esforçou-se para assumir uma
postura teatral;

pois, pensando em seu papel de filho, atirara longe, com o
guardanapo, sua

alegria. A noite estava lúgubre. O silencioso serviçal que conduzia o
jovem

até uma câmara mortuária iluminava bastante mal o caminho de
seu patrão, de

modo que a morte, ajudada pelo frio, pelo silêncio, pela escuridão,
talvez por uma reação de embriaguez, foi capaz de introduzir
algumas reflexões na alma

daquele esbanjador e ele questionou sua vida e ficou pensativo
como um

acusado que se encaminha para o tribunal.

Bartolomeu Belvidero, pai de dom Juan, era um ancião nonagenário
que

passara a maior parte de sua vida em transações comerciais. Tendo
muitas

vezes atravessado as talismânicas terras do Oriente, lá adquirira
imensas

riquezas e conhecimentos mais preciosos, dizia ele, do que o ouro e os

diamantes, com os quais não mais se preocupava. "Prefiro um dente a um rubi e o poder ao saber", exclamava ele às vezes, sorrindo. Esse bom pai gostava de ouvir dom Juan lhe contar uma travessura de juventude e dizia num tom

zombeteiro, entregando-lhe dinheiro: "Filho querido, faz apenas as bobagens que te divertirem." Ele era o único ancião capaz de sentir prazer vendo um rapaz, o amor paterno iludia sua senilidade pela contemplação de tão brilhante vida. Aos sessenta anos, Belvidero se apaixonara por um anjo de paz e de

beleza. Dom Juan fora o único fruto desse tardio e passageiro amor. Há 15

anos lamentava o bom homem a perda de sua querida Juana. Seus inúmeros

serviçais e seu filho atribuíam àquela dor de velho os hábitos singulares que

ele criara. Refugiado na ala mais incômoda de seu palácio, Bartolomeu só saía

muito raramente e o próprio dom Juan não podia entrar nos aposentos do pai

sem ter para tanto permissão. Se esse voluntário anacoreta ia e vinha pelo

palácio ou pelas ruas de Ferrara, parecia buscar algo que lhe faltava;

caminhava sonhador, indeciso, preocupado como um homem em guerra com

uma idéia ou uma lembrança. Enquanto o rapaz dava festas suntuosas e o

palácio trepidava com suas explosões de

alegria, os cavalos empinavam nos pátios, os pajens discutiam jogando dados pelas escadas, Bartolomeu comia sete onças¹ de pão por dia e bebia água. Se precisava de alguma ave, era para dar os ossos a um cachorro preto, seu

companheiro fiel. Nunca se queixava do barulho. Durante sua doença, se o

som da trompa e os latidos dos cães o surpreendiam no sono, contentava-se

em dizer: "Ah! É dom Juan que está de volta!" Nunca houve sobre esta terra um pai tão compreensivo e tão indulgente; assim o jovem Belvidero,

habitado a tratá-lo sem-cerimônia, tinha todos os defeitos dos meninos

mimados; ele vivia com Bartolomeu como vive uma caprichosa cortesã com

um amante velho, fazendo desculpar uma impertinência por um sorriso,

vendendo seu bom humor e se deixando amar. Reconstruindo em pensamento

o quadro de sua juventude, dom Juan percebeu que lhe seria difícil encontrar

defeitos na bondade de seu pai. Ouvindo, no fundo de seu coração, nascer um

remorso, no momento em que atravessava a galeria, sentiu-se pronto a perdoar

Belvidero por ter vivido tanto. Voltava a sentimentos de piedade filial, como

um ladrão se torna honesto pelo gozo possível de um milhão, bem roubado.

Logo o rapaz atravessou os cômodos altos e frios que compunham os

apostos de seu pai. Depois de ter sentido os efeitos da atmosfera úmida,

respirado o ar pesado, o cheiro rançoso que exalavam as velhas tapeçarias e os armários cobertos de poeira, viu-se no quarto antigo do ancião, diante de um

leito nauseabundo, perto de uma lareira quase extinta. Um candeeiro,

colocado sobre uma mesa de formato gótico, lançava, a intervalos desiguais,

manchas de luz mais ou menos intensas sobre a cama e mostrava assim a

figura do velho sob aspectos sempre diversos. O frio assobiava pelas janelas

mal fechadas; e a neve, fustigando as vidraças, produzia um ruído surdo. Tal

cenário criava um contraste tão chocante com o que dom Juan acabava de

deixar que ele não pôde deixar de estremecer. Então sentiu frio, quando, ao se aproximar do leito, um violento clarão, empurrado por uma lufada de vento,

iluminou a cabeça de seu pai: os traços estavam descompostos, a pele

fortemente colada aos ossos tinha matizes esverdeados que a brancura do

travesseiro, sobre o qual repousava o ancião, tornava ainda mais horríveis;

contraída pela dor, a boca entreaberta e desprovida de dentes deixava passar

alguns suspiros cuja energia lúgubre era intensificada

1 Aproximadamente 200g, sendo a onça uma antiga unidade de medida de peso equivalente a 28,691g. (N.T.)

pelos uivos da tempestade. Apesar desses sinais de destruição, brilhava sobre aquela cabeça uma incrível e poderosa personalidade. Um espírito superior ali

combatia a morte. Os olhos, encovados pela doença, mantinham uma singular

fixidez. Parecia que Bartolomeu tentava matar, com seu olhar de moribundo,

um inimigo sentado aos pés de sua cama. Aquele olhar, fixo e frio, era ainda

mais apavorante porque a cabeça se mantinha numa imobilidade semelhante

àquela de crânios colocados sobre uma mesa nos consultórios dos médicos. O

corpo inteiramente desenhado pelos lençóis da cama demonstrava que os

membros do ancião tinham a mesma rigidez. Tudo estava morto, menos os

olhos. Os sons que saíam da boca tinham enfim algo de mecânico. Dom Juan

sentiu uma certa vergonha por chegar junto ao leito de seu pai moribundo

ainda com um buquê de cortesã em seu peito, trazendo para lá os perfumes de

uma festa e os odores do vinho.

— Estavas te divertindo! — exclamou o ancião percebendo o filho.

No mesmo instante, a voz pura e ligeira de uma cantora que encantava os

convidados, tornada mais forte pelos acordes da viola com a qual ela se

acompanhava, dominou o estertor do temporal e ecoou até naquela câmara

mortuária. Dom Juan desejou nada ouvir daquela selvagem resposta

afirmativa dada a seu pai.

Bartolomeu disse:

— Não estou zangado contigo, meu filho.

Aquela frase cheia de doçura fez mal a dom Juan, que não perdoou a seu

pai aquela pungente bondade.

— Como estou arrependido, meu pai! — disse hipocritamente.

— Pobre Juanino — continuou o moribundo com voz surda —, eu sempre

fui tão bom para ti a ponto de não desejares minha morte?

— Oh! — exclamou dom Juan. — Se fosse possível lhe devolver a vida

dando uma parte da minha! (Essas coisas sempre podem ser ditas, pensava o

esbanjador, é como se eu oferecesse o mundo a minha amante!)
Tão logo

concluiu seu pensamento, o velho cachorro latiu. Aquela voz inteligente fez

dom Juan estremecer, ele imaginou ter sido compreendido pelo cão.

— Eu sabia, meu filho, que podia contar contigo — exclamou o

moribundo. — Vou viver. Vai, ficarás contente. Vou viver, mas sem tirar um

único dos dias que te pertencem.

"Está delirando", disse dom Juan consigo mesmo. E então acrescentou

alto:

— Claro, meu querido pai, o senhor viverá, com certeza, tanto quanto eu, pois sua imagem estará para sempre em meu coração.

— Não se trata dessa vida — disse o velho senhor reunindo as forças para

se apumar na cama, pois se emocionara com uma daquelas suspeitas que só

nascem à cabeceira dos moribundos. — Ouça, meu filho — recomeçou com a

voz enfraquecida por aquele último esforço —, não tenho mais vontade de

morrer do que terias de ficar sem amantes, vinho, cavalos, falcões, cães e

ouro.

"Posso imaginar", pensou outra vez o filho ajoelhando-se à cabeceira da cama e beijando uma das mãos cadavéricas de Bartolomeu.

— Mas — continuou em voz alta — meu pai, meu querido pai, e preciso

se submeter à vontade de Deus.

— Deus sou eu — retrucou o ancião resmungando.

— Não blasfeme! — exclamou o rapaz vendo o ar ameaçador que

assumiram os traços do pai. — Tome cuidado, o senhor já recebeu a extrema-

unção e eu não suportaria vê-lo morrer em pecado.

— Queres me ouvir? — exclamou o moribundo cuja boca rangeu.

Dom Juan se calou. Um silêncio horrível reinou. Através dos silvos surdos

da neve, os acordes da viola e a voz deliciosa chegaram novamente, frágeis

como um dia que nasce. O moribundo sorriu.

— Agradeço por teres convidado cantoras, por teres trazido música!
Uma

feita, mulheres jovens e belas, brancas, de cabelos negros! Todos os prazeres

da vida, faze-os continuar, vou renascer.

— O delírio está no auge — disse dom Juan.

— Descobri uma maneira de ressuscitar. Olha! Procura na gaveta da mesa,

conseguirás abri-la apertando uma mola oculta pelo grifo.

— Aqui estou, meu pai.

— Então, aí, apanha um pequeno frasco de cristal de rocha.

— Ei-lo.

— Levei vinte anos para...

Nesse momento, o ancião sentiu aproximar-se seu fim e reuniu toda a sua

energia para dizer:

— Logo que eu tiver dado o último suspiro, vais me esfregar todo com

essa água e eu renascerei.

— Tem muito pouco — retrucou o rapaz.

Se Bartolomeu não conseguia mais falar, tinha ainda a faculdade de ouvir

e ver; a essas palavras, sua cabeça se virou para dom Juan num movimento de

assustadora brusquidão, seu pescoço ficou torcido como

o de uma estátua de mármore que a vontade do escultor condenou a olhar de lado, seus olhos esbugalhados assumiram medonha imobilidade. Estava

morto, morrera perdendo sua única, sua última ilusão. Buscando asilo no

coração de seu filho, encontrara um túmulo mais profundo do que os homens

cavam habitualmente para seus mortos. Também seus cabelos foram dispersos

pelo horror e seu olhar convulsionado falava ainda. Era um pai erguendo-se

raivoso de seu sepulcro para pedir vingança a Deus!

— Pronto! O homenzinho se foi! — exclamou dom Juan.

Ansioso para examinar o misterioso cristal à luz do candeeiro, como um

bebedor consulta sua garrafa ao final de uma refeição, ele não vira desbotar os olhos do pai. O cachorro, surpreso, contemplava alternativamente seu dono

morto e o elixir, do mesmo modo que dom Juan olhava ora para o pai, ora

para o frasco. O candeeiro lançava chamas ondulantes. O silêncio era

profundo, a viola emudecera. Belvidero estremeceu imaginando ver seu pai se

mover. Intimidado pela expressão rígida de seus olhos acusadores, fechou-os,

como teria empurrado uma persiana batida pelo vento numa noite de outono.

Ficou de pé, imóvel, perdido num mundo de pensamentos. De repente um

barulho alegre, parecendo o grito de uma mola enferrujada, rompeu aquele

silêncio. Dom Juan, surpreso, quase deixou cair o vidrinho. Um suor, mais

frio do que o aço de um punhal, saiu de seus poros. Um galo de madeira

pintada surgiu de um relógio e cantou três vezes. Era uma daquelas máquinas

engenhosas com a ajuda das quais os sábios da época se faziam despertar na

hora marcada para seus trabalhos. A aurora já avermelhava as janelas. Dom

Juan havia passado dez horas refletindo. O velho relógio era mais fiel a seu

serviço do que ele em relação a seus deveres para com Bartolomeu. Aquele

mecanismo era composto de madeira, roldanas, cordas, engrenagens,

enquanto ele possuía aquele mecanismo particular aos homens chamado

coração. Para não mais se arriscar a perder o misterioso licor, o cético dom

Juan recolocou-o na gaveta da mesinha gótica. Naquele momento solene,

ouviu nas galerias um tumulto surdo: eram vozes confusas, risos abafados,

passos leves, frufus de seda, enfim, o barulho de um bando alegre que tenta

se controlar. A porta se abriu e o príncipe, os amigos de dom Juan, as sete

cortesãs, as cantoras surgiram na estranha desordem em que ficam dançarinas

surpreendidas pelas luzes da manhã, quando o sol luta com o fogo

enfraquecido das velas. Chegavam todos para apresentar ao jovem herdeiro as

condolências de praxe.

— Ora, ora! Terá então o pobre dom Juan levado a sério essa morte? —

disse o príncipe ao ouvido de Brambilla.

— Mas seu pai era um homem muito bom — respondeu ela.

Entretanto, as meditações noturnas de dom Juan haviam imprimido a seus

traços uma expressão tão chocante que ela impôs silêncio ao grupo. Os

homens ficaram imóveis. As mulheres, cujos lábios estavam secos pelo vinho,

cujas faces estavam manchadas por beijos, ajoelharam-se e começaram a

rezar. Dom Juan não pôde conter um tremor ao ver os esplendores, as

alegrias, os risos, os cantos, a juventude, a beleza, o poder, toda a vida

personificada prosternando-se assim diante da morte. Mas, naquela adorável

Itália, a orgia e a religião conjugavam-se então a tal ponto que ali a religião era uma orgia e a orgia uma religião! O príncipe apertou com afeto a mão de

dom Juan; depois, tendo todos os rostos assumido simultaneamente uma

mesma expressão mesclada de tristeza e indiferença, aquela fantasmagoria

desapareceu, deixando a sala vazia. Era bem uma imagem da vida! Descendo

as escadas, o príncipe disse a Rivabarella:

— E então? Quem imaginava dom Juan um fanfarrão impiedoso? Ele ama

o pai!

— Reparou no cachorro preto? — perguntou Brambilla.

— Ei-lo imensamente rico! — observou, suspirando, Bianca Cavatolino.

— Pouco me importa! — exclamou a orgulhosa Varonèse, aquela que

havia quebrado a caixinha.

— Como, pouco importa? — exclamou o duque. — Com seu dinheiro ele

é tão príncipe quanto eu.

A princípio, dom Juan, sacudido por mil pensamentos, oscilou entre diversas opiniões. Depois de ter tomado conhecimento do tesouro amealhado

por seu pai, ele voltou, à noite, à câmara mortuária, a alma tomada por um

terrível egoísmo. Encontrou nos aposentos todos os criados da casa ocupados

em reunir os ornamentos do catafalco sobre o qual o finado senhor iria ser

exposto no dia seguinte, no centro de uma suntuosa câmara ardente, curioso

espetáculo que toda Ferrara deveria ir admirar. Dom Juan fez um sinal e seus

criados pararam todos, perplexos, trêmulos.

— Deixem-me sozinho aqui — disse ele com voz alterada. — Só voltarão

quando eu sair.

Quando os passos do velho serviçal que saía por último não ecoaram senão

levemente sobre os degraus, dom Juan fechou precipitadamente a porta e,

certo de estar sozinho, exclamou:

— Vamos tentar!

O corpo de Bartolomeu estava deitado sobre uma mesa comprida. Para

poupar todos os olhos do medonho espetáculo de um cadáver que uma

extrema decrepitude e a magreza tornavam semelhante a um esqueleto, os

embalsamadores haviam colocado sobre o corpo um lençol que o envolvia

todo, menos a cabeça. Aquela espécie de múmia jazia no meio de aposento e

o lençol, naturalmente leve, desenhava-lhe vagamente as formas, mas

pontudas, rígidas e descarnadas. O rosto já estava marcado por grandes

manchas violeta que indicavam a necessidade de terminal o embalsamamento.

Apesar do ceticismo do qual estava armado, dom Juan estremeceu ao

desarrolhar o mágico frasco de cristal. Quando chegou perto da cabeça,

chegou a ser obrigado a esperar um pouco, de tanto que tremia. Mas aquele

rapaz havia sido, desde cedo, habilmente corrompido pelos hábitos de uma

corte dissoluta; uma reflexão digna do duque de Urbino² veio então lhe dar uma coragem que espicaçava um vivo sentimento de curiosidade, parecia até

que o demônio lhe soprara as palavras que ecoaram em seu coração: "Molha

um olho!" Ele apanhou um lenço e, depois de tê-lo molhado

parcimoniosamente no precioso licor, passou-o de leve sobre a pálpebra

direita do cadáver. O olho se abriu.

— Ah ! Ah! — disse dom Juan apertando o frasco em sua mão como apertamos sonhando o galho ao qual estamos pendurados acima de um

precipício.

Via um olho cheio de vida, um olho de criança numa cabeça de morto, a

luz ali tremia em meio a um líquido juvenil e, protegida por belos cílios

negros, cintilava como aquelas luzes singulares que o viajante vislumbra num

campo deserto, nas noites de inverno. Aquele olho faiscante parecia querer se

atirar sobre dom Juan, e ele pensava, acusava, condenava, ameaçava, julgava,

falava, ele gritava, ele mordia. Todas as paixões humanas ali se agitavam.

Eram as mais ternas súplicas: uma cólera de rei, depois o amor de uma moça

pedindo mercê a seus carrascos; finalmente e olhar profundo que lança um

homem sobre os homens ao escalar o último degrau do cadafalso. Tanta vida

brilhava naquele fragmento de vida que dom Juan apavorado recuou, passou

pelo quarto, sem ousar olhar para aquele olho que revia no assoalho, nas

tapeçarias.

2 Provável referência a Frederico de Montefeltre, duque de Urbino (1422-1482), *condottiere* e patrono das artes na Itália. (N.T.)

O quarto estava semeado de pontas cheias de fogo, de vida, de inteligência.

Por toda parte brilhavam olhos que latiam para ele!

— Ele teria revivido cem anos! — exclamou, involuntariamente, no momento em que, levado outra vez para perto de seu pai por uma influência

diabólica, contemplava aquela faísca luminosa.

De repente, a pálpebra inteligente se fechou e bruscamente reabriu, como a

de uma mulher que consente. Se uma voz tivesse gritado "Sim!", dom Juan não teria ficado mais apavorado.

"O que fazer?", pensou ele. Teve a coragem de tentar fechar aquela pálpebra branca. Seus esforços foram inúteis.

"Furá-lo? Seria por acaso um parricídio?", perguntou-se.

"Seria, sim", disse o olho numa piscadela de espantosa ironia.

— Ah! Aí tem feitiçaria! — e aproximou-se do olho para esmagá-lo. Uma

grossa lágrima rolou sobre a face encovada do cadáver e caiu sobre a mão de

Belvidero.

— Está quente! — exclamou ele sentando-se.

Aquela luta o cansara como se tivesse lutado, a exemplo de Jacó, contra

um anjo.

Enfim levantou-se: "Contanto que não haja sangue!" Então, reunindo toda a coragem de que se precisa para ser covarde, esmagou o olho, comprimindo-o com um lenço, mas sem olhar para ele. Um gemido inesperado, mas terrível,

se fez ouvir. O pobre cachorro expirava uivando.

"Será que ele fazia parte do segredo?", perguntou-se dom Juan olhando para o fiel animal.

Dom Juan Belvidero passou por um filho piedoso. Ergueu um monumento

de mármore branco sobre o túmulo do pai e confiou sua execução das

esculturas aos mais célebres artistas da época. Só ficou inteiramente tranqüilo no dia em que a estátua paterna, ajoelhada diante da Religião, impôs seu peso

enorme àquela fossa, no fundo da qual enterrou o único remorso que possa ter

aflorado a seu coração nos momentos de exaustão física. Inventariando as

imensas riquezas amealhadas pelo velho orientalista, dom Juan se tornou

avarento, pois não teria duas vidas humanas a suprir com dinheiro. Seu olhar

profundamente escrutinador penetrou no princípio da vida social e abraçou

ainda mais o mundo por vê-lo através de um túmulo. Analisou os homens e as

coisas para acabar de uma só vez com o Passado, representado pela História;

com o Presente, configurado pela Lei; com o Futuro, desvendado pelas

Religiões. Tomou a alma e a matéria, atirou-as num cadinho, nada encontrou, e desde então se tornou DOM JUAN !

Mestre das ilusões da vida, lançou-se, jovem e belo, na vida, desprezando

o mundo mas se apoderando dele. Sua felicidade não poderia ser aquela

felicidade burguesa que se abastece de um caldo periódico, um suave

aquecedor no inverno, um candeeiro para a noite e chinelas novas a cada

trimestre. Não, ele se agarrou à existência como um macaco que apanha uma

noz e, sem com ela se distrair por muito tempo, eliminou com habilidade os

vulgares invólucros do fruto para discutir sua polpa saborosa. A poesia e os

sublimes arroubos da paixão humana não eram mais motivos de escárnio. Ele

não cometeu o erro daqueles homens poderosos que, imaginando às vezes que

as almas pequenas acreditam nas grandes, atrevem-se a trocar as altas

reflexões do futuro contra o troco de nossas idéias vulgares. Poderia muito

bem, como eles, andar com os pés na terra e a cabeça nos céus; mas preferia

sentar-se e secar, sob seus beijos, mais de um lábio de mulher terna, fresca e perfumada; pois, semelhante à Morte, por onde passava devorava tudo sem

pudor, querendo um amor de posse, um amor oriental, de prazeres longos e

fáceis. Amando apenas a mulher nas mulheres, fez da ironia uma postura

natural a sua alma. Quando suas amantes se serviam de uma cama para subir

aos céus onde iriam se perder no seio de um êxtase embriagador, dom Juan as

seguia até lá, grave, expansivo, tão sincero quanto pode ser um estudante

alemão. Mas ele dizia EU quando sua amante, louca, emocionada, dizia Nós!

Ele sabia muito bem se deixar levar por uma mulher. Era sempre bastante

hábil para fazê-la acreditar que tremia como um jovem colegial que diz a sua

primeira parceira, num baile: "A senhorita gosta de dançar?" Mas sabia também bradar no momento certo, puxar de sua poderosa espada e abater

comendadores. Havia zombaria em sua simplicidade e riso em suas lágrimas,

pois sempre soube chorar tanto quanto uma mulher quando diz a seu marido:

"Dá-me uma carruagem ou morrerei tuberculosa." Para os negociantes, o mundo é um pacote ou um monte de dinheiro vivo; para a maioria dos

rapazes, é uma mulher; para algumas mulheres, é um homem; para determinados espíritos, é um salão, um conciliábulo, um bairro, uma cidade;

para dom Juan, o universo era ele! Modelo de graça e nobreza, espírito

sedutor, ancorava seu barco em todas as margens; mas, fazendo-se levar, só ia

até onde desejava ser conduzido. Quanto mais via, mais duvidava.

Examinando os homens, adivinhava muitas vezes que a coragem era

temeridade;

a prudência, uma covardia; a generosidade, astúcia; a justiça, um crime; a delicadeza, uma tolice; a integridade, uma organização; e, por uma singular

fatalidade, percebeu que as pessoas realmente íntegras, delicadas, justas,

generosas, prudentes e corajosas não obtinham qualquer consideração entre os

homens.

— Que brincadeira cruel! — disse a si mesmo. — Não é obra de um deus.

Então, renunciando a um mundo melhor, nunca mais tirou o chapéu ao

ouvir pronunciar um nome, e considerou os santos de pedra nas igrejas como

obras de arte. E também, compreendendo o mecanismo das sociedades

humanas, nunca desafiava demais os preconceitos, porque não era tão

poderoso quanto o carrasco; mas contornava as leis sociais com a graça e o

espírito tão bem demonstrados em sua cena com o senhor Dimanche. Foi com

efeito o tipo do Dom Juan de Molière, do Fausto de Goethe, do Manfredo de

Byron e do Melmoth de Maturin. Grandes imagens traçadas pelos maiores

gênios da Europa e às quais os acordes de Mozart talvez não façam mais falta

do que a lira de Rossini. Imagens terríveis que o princípio do mal, existente

no homem, eterniza, e das quais algumas cópias reaparecem a cada século:

seja porque esse tipo dialogue com os homens encarnando-se em Mirabeau;

seja porque se contenta em agir em silêncio, como Bonaparte; ou em reduzir o

universo a uma ironia, como o divino Rabelais; ou ainda porque se ri dos

seres, em lugar de insultar as coisas, como o marechal de Richelieu; e, ainda

melhor talvez, seja porque zomba ao mesmo tempo dos homens e das coisas,

como o mais célebre de nossos embaixadores. Mas o gênio profundo de dom

Juan Belvidero resumiu, de antemão, todos esses gênios. De tudo ele

escarneceu. Sua vida era uma zombaria que englobava homens, coisas,

instituições, idéias. Quanto à eternidade, conversara intimamente por meia

hora com o papa Júlio II e, no fim da conversa, disse-lhe rindo: "Se for

mesmo preciso escolher, prefiro acreditar em Deus do que no diabo; o poder

unido à bondade sempre oferece mais recursos do que os que tem o Gênio do

Mal."

— É, mas Deus quer que se faça penitência neste mundo.

— Então o senhor continua a pensar em suas indulgências? — respondeu

Belvidero. — Muito bem! Eu tenho, para me arrepender dos erros de minha

primeira vida, toda uma existência de reserva.

— Ah! Se é assim que compreende a velhice — exclamou o papa —, corre

o risco de ser canonizado.

— Depois de sua elevação ao papado, pode-se acreditar em tudo.

E foram observar os operários ocupados em construir a imensa basílica

consagrada a São Pedro.

— São Pedro é o homem de gênio que nos instituiu nosso duplo poder —

disse o papa a dom Juan —, ele merece esse monumento. Mas às vezes, à

noite, penso que um dilúvio passará uma esponja sobre isto e será preciso

recomeçar!

Dom Juan e o papa se flagraram rindo, haviam se entendido. Um idiota

teria ido, no dia seguinte, divertir-se com Júlio II em casa de Rafael ou na

deliciosa Villa-Madama, mas Belvidero foi vê-lo officiar pontificalmente, a

fim de se convencer de suas dúvidas. Numa orgia. La Rovère³ poderia ter se desmentido e comentado o Apocalipse.

Esta lenda, entretanto, não foi formulada para fornecer material aos que

desejão escrever memórias sobre a vida de dom Juan, ela se destina a provar

às pessoas honestas que Belvidero não morreu em seu duelo com uma pedra,

como querem fazer crer alguns litógrafos. Quando dom Juan Belvidero

atingiu a idade de sessenta anos, foi se estabelecer na Espanha. Lá, em seus

dias de velhice, desposou uma jovem e deslumbrante andaluza. Mas, por

cálculo, não foi bom pai, nem bom marido. Observara que nunca somos tão

ternamente amados como pelas mulheres das quais não nos ocupamos. Dona

Elvira, santamente educada por uma velha tia no interior da Andaluzia, num

castelo, a algumas léguas de San-Lucar, era toda devoção e toda graça. Dom

Juan adivinhou que aquela moça seria mulher para combater longamente uma

paixão antes de a ela ceder, esperou então poder conservá-la virtuosa até sua

morte. Essa foi uma brincadeira séria, uma partida de xadrez que ele quis se

impedir de jogar durante seus dias de velhice. Consciente de todos os erros

cometidos por seu pai Bartolomeu, dom Juan resolveu dedicar os mínimos

atos de sua velhice ao sucesso do drama que deveria ter lugar em seu leito de

morte. Assim a maior parte de suas riquezas continuou escondida nos porões

de seu palácio em Ferrara, onde raramente ia. Quanto à outra metade de sua

fortuna, foi aplicada em títulos de renda vitalícia, a fim de render juros pela duração de sua vida e da de sua mulher e filhos, espécie de artifício que seu

pai deveria ter feito; mas tal especulação de maquiavelismo não lhe foi muito

necessária. O jovem Felipe Belvidero,

3 O nome de batismo do papa Júlio II era Giuliano della Rovère (de La Rovère, em francês).

(N.T.)

seu filho, tornou-se um espanhol tão conscienciosamente religioso quanto seu pai era ímpio, devido talvez ao provérbio: a pai avaro, filho pródigo. O abade de San-Lucar foi escolhido por dom Juan para dirigir as consciências da

duquesa de Belvidero e de Felipe. Esse eclesiástico era um santo homem, de

bela figura, admiravelmente bem proporcionado, com belos olhos negros,

uma cabeça de Tibério, cansada pelos jejuns, branca de maceração, e

diariamente tentado como são todos os solitários. O velho senhor esperava

talvez poder ainda matar um monge antes de terminar seu primeiro pacto de

vida. Mas, fosse porque o abade fosse tão forte quanto podia ser o próprio

dom Juan, fosse porque dona Elvira tivesse mais prudência ou virtude do que

a Espanha concede às mulheres, dom Juan foi obrigado a passar seus últimos

dias como um velho cura do campo, sem escândalos em casa. Às vezes ele

tinha prazer em apanhar seu filho ou sua mulher em falta com seus deveres

religiosos, e queria imperiosamente que ambos executassem todas as

obrigações impostas aos fiéis pela corte de Roma. Enfim, nunca ficava tão

feliz quanto quando ouvia o galante abade de San-Lucar, dona Elvira e Felipe

ocupados em discutir um caso de consciência. Entretanto, apesar dos

prodigiosos cuidados que dom Juan Belvidero dava a sua pessoa, os dias da

decrepitude chegaram; com essa idade de dor vieram os gritos da impotência,

gritos tanto mais dilacerantes quanto mais ricas eram as recordações de sua

borbulhante juventude e de sua voluptuosa maturidade. Aquele homem, em

quem o último grau de zombaria era convencer os outros a acreditar nas leis e

nos princípios dos quais escarnecia, adormecia à noite num talvez! Aquele

modelo do bom-tom, aquele duque, vigoroso numa orgia, soberbo nas cortes,

gracioso junto às mulheres cujos corações haviam por ele sido torcidos como

um camponês torce um feixe de vime, aquele homem de gênio tinha uma

pituitária intransigente, uma ciática importuna, uma gota brutal. Via seus

dentes abandonando-o como, no final de uma noitada, as damas mais brancas,

as mais enfeitadas, se vão, uma a uma, deixando o salão deserto e

desguarnecido. Enfim suas mãos hábeis tremeram, suas pernas esbeltas

vacilaram, e uma noite a apoplexia apertou-lhe o pescoço com suas mãos

aduncas e glaciais. Desde esse dia fatal, ele se tornou moroso e duro. Acusava a dedicação de seu filho e de sua mulher, afirmando às vezes que seus

cuidados tocantes e delicados só lhe eram tão ternamente prodigalizados

porque ele colocara toda a sua fortuna em títulos de renda vitalícia. Elvira e Felipe vertiam então lágrimas amargas e redobravam as carícias

com o malicioso ancião, cuja voz alquebrada se tornava afetuosa para lhes dizer:

— Meus amigos, minha esposa querida, vocês me perdoam, não é mesmo?

Infelizmente eu os atormento! Santo Deus! Como te serves de mim para pôr à

prova estas duas celestes criaturas? Eu, que deveria ser sua alegria, sou seu

flagelo.

Foi assim que ele os acorrentou à cabeceira de sua cama, fazendo-os

esquecer meses inteiros de impaciência e crueldade por uma hora em que,

para eles, expunha os tesouros sempre novos de sua graça e de uma falsa

ternura. Sistema paterno que lhe rendeu infinitamente mais do que o que havia

outrora seu pai usado com ele. Chegou, enfim, a um tal grau de doença que,

para colocá-lo na cama, era preciso manobrá-lo como um falucho⁴ entrando num canal perigoso. Chegou então o dia da morte. Aquele brilhante e cético

personagem, cujo entendimento era o único a sobreviver à mais terrível de

todas as destruições, viu-se entre um médico e um confessor, suas duas

antipatias. Mas foi jovial com eles. Não havia, para ele, uma luz cintilante por trás do véu do futuro? Sobre aquele véu, de chumbo

para os outros e diáfana

para ele, as leves, as encantadoras delícias da juventude brincavam como

sombras.

Foi por ocasião de uma bela noite de verão que dom Juan sentiu a aproximação da morte. O céu da Espanha estava de uma admirável pureza, as

laranjeiras perfumavam o ar, as estrelas destilavam vivas e frescas luzes, a

natureza parecia lhe dar garantias certas de sua ressurreição, um filho

piadoso e obediente o contemplava com amor e respeito. Por volta das onze

horas, ele quis ficar a sós com aquele cândido ser.

— Felipe — disse-lhe com uma voz tão terna e tão afetuosa que o rapaz

estremeceu e chorou de alegria. Jamais aquele pai inflexível pronunciara

daquele modo: "Felipe." — Ouve, meu filho — continuou o moribundo. —

Sou um grande pecador. E também, durante toda a minha vida, pensei em

minha morte. Fui outrora amigo do grande papa Júlio II. Esse ilustre pontífice receava que a excessiva irritação de meus sentidos me fizesse cometer algum

pecado mortal entre o momento em que eu expirasse e aquele em que

receberia os santos óleos, e me presenteou com um frasco no qual existe a

água santa que outrora jorrou dos rochedos, no deserto. Guardei segredo a

respeito dessa dilapidação do tesouro da Igreja, mas fui autorizado a revelar

esse mistério a meu

4 Navio pequeno, de três mastros e velas triangulares. (N.T.)

filho, *in articulo mortis***5** . Encontrarás esse frasco na gaveta daquela mesa gótica que nunca saiu da cabeceira de minha cama. O precioso cristal poderá

servir-lhe ainda, meu bem-amado Felipe. juras, pela tua salvação eterna,

executar fielmente minhas ordens?

Felipe olhou para o pai. Dom Juan conhecia bem demais a expressão dos

sentimentos humanos para não morrer em paz pela fé depositada em tal olhar,

como seu pai morrera em desespero pela fé depositada no seu.

— Merecias um outro pai! — continuou dom Juan. — Ouso confessar,

meu filho, que, no momento em que o respeitável abade de San-Lucar me

ministrava o viático, eu pensava na incompatibilidade de dois poderes tão

extensos quanto os do diabo e de Deus.

— Oh! Meu pai!

— E me dizia que, quando Satã se reconciliar, deverá, sob pena de ser um

grande miserável, estipular o perdão de seus aderentes. Esse pensamento me

persegue. Irei para o inferno, meu filho, se não cumprires minhas vontades.

— Oh! Diga-as sem demora, meu pai!

— Tão logo eu tenha fechado os olhos — continuou dom Juan____ , em

poucos minutos talvez, apanharás meu corpo, ainda quente, e o deitarás sobre

uma mesa no meio deste quarto. Depois apagarás esse candeeiro; a claridade

das estrelas te será suficiente. Tirarás minhas vestes e, ao mesmo tempo que

recitarás alguns *Pater* e *Ave* elevando tua alma a Deus, tomarás o cuidado de umedecer, com esta água santa, meus olhos, meus lábios, primeiro toda a

cabeça e depois sucessivamente os membros e o corpo. Mas, meu querido

filho, o poder de Deus é tão grande que com coisa alguma deverás te

assombrar!

Aqui, dom Juan, que sentiu a morte chegar, acrescentou com voz terrível:

— Segura bem o frasco!

Então expirou docemente nos braços de um filho cujas lágrimas abundantes correram sobre seu rosto irônico e pálido.

Era cerca de meia-noite quando dom Felipe Belvidero colocou o cadáver

de seu pai sobre a mesa. Depois de beijar a testa ameaçadora e os cabelos

grisalhos, apagou o candeeiro. A claridade suave,

5 No momento da morte. Em latim no original. (N.T.)

6 Alguns pais-nossos e ave-marias. Em latim no original. (N.T.)

produzida pela claridade da lua, cujos curiosos reflexos iluminavam o campo, permitiu ao piedoso Felipe distinguir indistintamente o corpo de seu pai,

como alguma coisa branca no meio da escuridão. O rapaz embebeu um lenço

no licor e, mergulhado em oração, ungiu fielmente aquela cabeça sagrada, em

profundo silêncio. Podia ouvir tremores indescritíveis, mas os atribuía às

brincadeiras da brisa nos galhos das árvores. Quando molhou o braço direito,

sentiu seu pescoço ser agarrado com força por um braço forte e vigoroso, o

braço de seu pai! Deu um grito dilacerante e deixou cair o frasco, que

quebrou. O licor evaporou. Os criados do castelo acorreram, armados de

tochas. Aquele grito os havia apavorado e espantado, como se a trombeta do

Juízo Final tivesse abalado o universo. Num instante, o quarto ficou cheio de

gente. A multidão trêmula avistou dom Felipe desmaiado, mas seguro pelo

braço forte de seu pai, que lhe apertava o pescoço. Então, coisa sobrenatural, a assembléia viu a cabeça de dom Juan, tão jovem, tão bela quanto a de

Antínoo⁷; uma cabeça de cabelos negros, olhos brilhantes, boca vermelha e que se agitava desesperadamente sem conseguir sacudir o esqueleto ao qual

pertencia. Um velho serviçal gritou: "Milagre!" e todos aqueles espanhóis repetiram: "Milagre!" Por demais piedosa para admitir os

milagres da magia, dona Elvira mandou buscar o abade de San-Lucar. Quando o sacerdote

contemplou com seus próprios olhos o milagre, decidiu dele se aproveitar na

qualidade de homem espirituoso e de abade que tudo o que deseja é aumentar

seus ganhos. Declarando de imediato que o senhor dom Juan seria in-

falivelmente canonizado, determinou a cerimônia da apoteose em seu

convento, que dali em diante se chamaria, disse ele. San-Juan-de-Lucar. A

essas palavras, a cabeça fez uma careta um tanto divertida.

O gosto dos espanhóis por esse tipo de solenidades é tão conhecido que

não deve ser difícil acreditar nas pompas religiosas com as quais a abadia de

San-Lucar celebrou o traslado do bem-aventurado dom Juan Belvidero para

sua igreja. Alguns dias depois da morte daquele ilustre senhor, o milagre de

sua imperfeita ressurreição era tão amplamente comentado de aldeia em

aldeia, num raio de mais de cinqüenta léguas em torno de San-Lucar, que era

por si só uma comédia a visão dos curiosos pelas estradas; eles vinham de

todos os lados, engabelados por um *Te Deum* cantado à luz de archotes. A antiga mesquita do mosteiro de

7 Jovem grego, amante do imperador Adriano, precocemente morto. (N.T.)

San-Lucar, maravilhosa construção erguida pelos mouros e cujas abóbadas ouviam há três séculos o nome de Jesus Cristo substituir o de Alá, não foi

suficiente para abrigar a multidão que acorrera para assistir a cerimônia.

Apressados como formigas, fidalgos em capas de veludo e armados de suas

melhores espadas mantinham-se de pé em volta das pilastras, sem encontrar

lugar para dobrar seus joelhos que só ali se dobravam. Encantadoras

camponesas, cujos saíotes lhes desenhavam as formas amorosas, davam o

braço a anciãos de cabelos brancos. Rapazes de olhos em fogo estavam ao

lado de velhas senhoras enfeitadas. E havia ainda casais trêmulos de alegria,

noivas curiosas levadas por seus bem-amados; recém-casados da véspera;

crianças que, receosas, se davam as mãos. Essa gente ali estava, rica em cores, brilhante de contrastes, carregada de flores, engalanada, criando um suave

tumulto no silêncio da noite. As portas da igreja se abriram. Aqueles que,

chegando tarde demais, ficaram de fora, vieram de longe, pelos três portões

abertos, um cenário do qual as vaporosas decorações de nossas Operas

modernas não conseguiriam dar uma fraca idéia. Devotos e pecadores, com

pressa de ganhar as boas graças de um novo santo, acenderam em sua

homenagem milhares de círios naquela enorme igreja, luzes interesseiras que

davam mágicos aspectos ao monumento. As arcadas sombrias, as colunas e

seus capitéis, as capelas profundas e brilhantes de ouro e prata, as galerias, os entalhes sarracenos, os mais delicados traços daquela deli- cada escultura, desenhavam-se naquela luz superabundante como figuras caprichosas que se

formam num braseiro escarlate. Era um oceano de fogo, dominado, no fundo

da igreja, pelo coro dourado no qual se erguia o altar-mor, cuja glória

rivalizaria com a de um sol nascente. Efetivamente, o esplendor dos

candeeiros de ouro, dos candelabros de prata, dos estandartes, das borlas, dos santos e dos ex-votos, empalidecia diante do relicário no qual se encontrava

dom Juan. O corpo do ímpio faiscava de pedrarias, de flores, de cristais, de

diamantes, de ouro, de plumas tão brancas quanto as asas de um serafim, e

substituía, no altar, um quadro do Cristo. Ao redor dele brilhavam inúmeros

círios que lançavam nos ares ondas flamejantes. O bom abade de San-Lucar,

paramentado com o hábito pontifical, usando sua mitra enriquecida de pedras

preciosas, seu roquete, seu báculo de ouro, sentava-se, rei do coro, numa

poltrona de um luxo imperial, em meio a todo o seu clero, composto por

impassíveis anciãos de cabelos prateados, vestidos de finas alvas, que o

cercavam, qual os santos confessores que os pintores

agrupam ao redor do Eterno. O grande-chantre e os dignitários do cabido, condecorados com brilhantes insígnias de suas vaidades eclesiásticas, iam e

vinham em meio às nuvens formadas pelo incenso, qual astros que circulam

no firmamento. Quando chegou a hora do triunfo, os sinos acordaram os ecos

do campo e aquela imensa assembléia lançou em direção a Deus o primeiro

grito de louvores pelo qual principia o *Te Deum*. Grito sublime! Era um grito de vozes puras e límpidas, vozes de mulheres em êxtase, mescladas às vozes

graves e fortes dos homens, milhares de vozes tão poderosas que o órgão não

lhes dominou o conjunto, apesar do mugir de seus tubos. Apenas as notas

agudas da voz juvenil dos meninos do coro e os tons intensos de alguns

barítonos suscitarão idéias graciosas, retrataram a infância e a força, naquele encantador concerto de vozes humanas confundidas em sentimento de amor.

— *Te Deum laudamus!*

Do âmago daquela catedral negra de mulheres e homens ajoelhados, esse

canto partiu qual uma luz que cintila repentinamente na noite, e o silêncio foi rompido como por uma trovoadas. As vozes subiram com as nuvens de incenso

que lançavam então véus diáfanos e azulados sobre as fantásticas maravilhas

da arquitetura. Tudo era riqueza, perfume, luz e melodia. No momento em

que essa música de amor e reconhecimento se dirigiu ao altar, dom Juan, por

demais polido para não agradecer, por demais espiritual para não distinguir

zombaria, respondeu com um riso hediondo e se pavoneou em seu relicário.

Mas, tendo o diabo feito com que pensasse no risco que corria de ser tomado

por um homem ordinário, por um santo, um Bonifácio⁸, um Pantaleão⁹, perturbou aquela melodia de amor por um urro ao qual se juntaram as mil

vozes do inferno. A terra bendizia, o céu amaldiçoava. A igreja tremeu sobre

suas antiqüíssimas fundações.

— *Te Deum laudamus!* **10** — dizia a assembleia.

— Vão para os quintos dos infernos, bestas imbecis que são todos vocês!

Deus. Deus! *Carajos demonios*, animais, vocês são idiotas com seu Deus-velhote!

E uma torrente de imprecações jorrou como um rio de lavas ardentes numa

erupção do Vesúvio.

8 São Bonifácio (c.675-754?), monge, missionário e mártir inglês. (N.T.) **9** São Pantaleão (século III), médico e mártir da Nicomédia,

na Ásia Menor (atual Turquia).

(N.T.)

10 Deus seja louvado! Em latim no original. (N.T.)

— Deus *sabaoth ! , sabaoth !* **11** — gritaram os cristãos.

— Vocês insultam a majestade do inferno! — respondeu dom Juan
cuja

boca rangia os dentes.

Logo o braço vivo conseguiu passar por cima do relicário e ameaçou
a

assembléia com gestos marcados de desespero e ironia.

— O santo nos dá sua bênção — disseram as velhas, as crianças e
os

noivos, gente crédula.

Eis como muitas vezes nos enganamos em nossas adorações. O
homem

superior zomba daqueles que o aclamam e por vezes aclama
aqueles dos quais

zomba no fundo de seu coração.

No momento em que o abade, prosternado diante do altar, cantava
"*Sancte Johannes, ora pro nobis!*" **12**, ouviu com bastante clareza:
"*O coglione.*" **13**

— Mas o que está acontecendo lá em cima? — exclamou o
coadjutor

vendo balançar o relicário.

— O santo banca o diabo — respondeu o abade.

Então aquela cabeça viva separou-se violentamente do corpo que não mais

vivia e caiu sobre o crânio amarelo do oficiante.

— Lembre-se de dona Elvira! — gritou a cabeça devorando a do abade.

Este último lançou um grito terrível, que perturbou a cerimônia. Todos os

padres acorreram e cercaram seu soberano.

— Imbecil! Diz agora que existe um Deus! — gritou a voz no instante em

que o abade, mordido no cérebro, expirava.

Paris, outubro de 1830.

Tradução de Celina Portocarrero

11 Deus dos exércitos. Em latim no original. (N.T.)

12 São João, orai por nós! Em latim no original. (N.T.)

13 Expressão chula em italiano, que poderia ser traduzido em português por "seu babaca". (N.T.)

Hans Christian Andersen

Ele publicou cerca de 156 contos, embora apenas muito poucos tenham sido

mais do que suficientes para criar sua reputação mundial. Vinte, trinta?

Menos ainda: contos como "A roupa nova do imperador", "Os sapatinhos vermelhos", "O soldadinho de chumbo" são lidos há pelo menos século e meio, por crianças principalmente, mas também por adultos. Este "A sombra", que não tem o público infantil como alvo, consta de muitas antologias de contos fantásticos. Há neste conto um clima do romantismo e de certa

exacerbação dos sentidos, com a marca indelével da melhor literatura do

século XIX. Ah, tão conhecido é o autor que quase me esqueço de escrever

seu nome. Ele é Hans Christian Andersen (1805-1875) — e o mundo inteiro

comemorou seu bicentenário de nascimento em 2005. Ler aqui "A sombra"

não seria uma forma de homenageá-lo?

A sombra

NOS PAÍSES QUENTES. O SOL QUEIMA DE VERDADE, deixando as pessoas

intensamente morenas, cor de mogno. Nos países mais quentes de todos, elas

são estorricadas até ficarem negras, mas não era tão quente assim neste país

aonde chegara um homem culto, vindo do frio Norte. Esperava andar por lá

do jeito que fazia na sua terra, mas logo descobriu que isso era um engano.

Ele e outras almas sensíveis tiveram que permanecer abrigados. As persianas

ficavam corridas, e as portas, fechadas o dia inteiro. Parecia que todos

estavam dormindo ou longe de casa. A rua estreita de casas altas onde ele

morava era de tal modo situada que, da manhã à noite, o sol batia —

insuportavelmente!

Para esse jovem e brilhante erudito do frio Norte, era como se estivesse

sentado num forno em brasa. Exauriu-se a ponto de ficar magérrimo, e até sua

sombra encolheu, ficou muito menor do que era em sua terra. Somente à

noite, depois que o sol se punha, o homem e sua sombra começavam a se

recuperar.

Ver isso era realmente uma alegria. Assim que a vela era trazida para

dentro do quarto, a sombra tinha que se esticar para retomar sua força.

Esticava-se até a parede — isso mesmo — e até ao longo do teto, de tanto que

encompridava. Para se esticar, o erudito ia para a sacada. Logo que as estrelas apareciam no céu esplendidamente claro, sentia como se voltasse à vida.

Nos países quentes toda janela tem uma sacada e, em todas as sacadas rua

acima e rua abaixo, as pessoas saem para respirar o ar fresco de

que necessitam, mesmo quando já se é moreno-mogno. Tanto acima quanto abaixo, as coisas ficavam animadas. Alfaiates, sapateiros — todo mundo —

saíam para a rua. Cadeiras e mesas eram levadas para fora, e velas eram

acesas; sim, velas aos milhares. Um homem falava, outro cantava, tinha gente

que passeava, carruagens passavam e burros iam a trote, dim-dom-dim, pois

seus arreios tinham sinos. Havia sinos de igreja tocando, hinos sendo

cantados, e cortejos fúnebres seguindo. Havia garotos na rua disparando

rojões. Ah, havia, sim, a maior animação naquela rua.

Apenas uma das casas era silenciosa — a que ficava diretamente em frente

de onde morava o estrangeiro erudito. Mas alguém morava lá, pois as flores

na sacada brotavam e vicejavam sob aquele sol quente, o que não seria

possível se elas não fossem regadas. Então, alguém as devia estar regando, e

devia ter gente na casa. Tarde da noite, de fato, a porta do outro lado da rua se abriu. Mas estava escuro lá dentro, ao menos na sala da frente. De algum

ponto da casa, lá atrás, vinha som de música. O estrangeiro erudito achou a

música maravilhosa, mas era bem possível que só estivesse imaginando isso,

pois lá nos países quentes ele achava que tudo era maravilhoso — exceto o

sol. O senhorio do estrangeiro disse não saber quem alugara a casa do outro

lado da rua. Ninguém nunca era visto lá e, quanto à música, achava-a

extremamente cansativa. Disse:

— É como se alguém sentasse ali, treinando uma peça que não consegue

dominar, sempre a mesmíssima peça. "Vou tocar direito, agora",

provavelmente diz, mas não consegue, por mais que tente.

Uma noite o estrangeiro acordou. Dormira e a janela que dava para a

sacada ficara aberta; quando a brisa afastou a cortina para o lado, teve a

impressão de que uma auréola maravilhosa emanava da sacada do outro lado

da rua. As cores de todas as flores eram brilhantes como chamas. No meio

delas estava uma donzela, esbelta e graciosa. Parecia que a auréola emanava

dela também. Chegou a ferir seus olhos, mas isso foi por tê-los aberto demais, ao acordar de repente.

Com um pulo, estava fora da cama. Sem fazer barulho, olhou para fora

através das cortinas, mas a donzela se fora. As flores não brilhavam mais,

embora vicejassem frescas e lindas como sempre. A porta estava entreaberta e

através dela chegou uma música tão deliciosa e suave que dava para se sentir

romântico. Era como mágica. Mas quem morava lá? Que entrada usavam? Em

frente à rua, no andar térreo da casa, havia

uma fileira de lojas, e não era possível ficar passando através delas o tempo todo.

Numa outra noite, o estrangeiro sentou na sacada. A vela ardia no aposento

atrás dele; então, naturalmente, sua sombra se projetava na parede do outro

lado da rua. Sentou-se entre as flores e, quando o estrangeiro se mexia, ela se mexia também.

"Acho que, de vivo, só tem minha sombra para se ver lá", pensou o

erudito. "Como fica à vontade entre as flores. A porta permanece entreaberta e, se minha sombra fosse esperta, iria entrar, dar uma olhada e voltar para me dizer o que tinha visto."

— É — disse de brincadeira —, seja útil. Por favor, vá até lá dentro. Não

vai, não? — Balançou a cabeça para a sombra e a sombra balançou a cabeça

de volta. — Vá agora, mas não deixe de voltar.

O estrangeiro se levantou e a sombra do outro lado da rua se levantou com

ele. O estrangeiro se virou, e a sombra se virou também. Se alguém estivesse

observando de perto, veria que a sombra entrou pela porta semi-aberta da

sacada da casa em frente, no mesmo instante em que o estrangeiro voltava

para o quarto e a cortina caía atrás de si.

De manhã, quando o erudito saiu para tomar café e ler os jornais, disse ao

sair para o sol:

— O que é isso? Estou sem sombra! Então ela realmente foi embora na

noite passada e não voltou. Que chato, isso!

O que o chateava mais não era tanto a perda da sombra, mas saber que já

havia uma história sobre um homem sem sombra. Todas as pessoas em sua

terra conheciam essa história. Se voltasse e contasse a elas sua história, diriam que ele estava apenas copiando a antiga. Ele não se importava em ser

considerado pouco original; portanto, decidiu não dizer nada a respeito, que

era o mais sensato a fazer.

Nessa noite, ele saiu novamente para a sacada. Colocara a vela diretamente

atrás de si, porque sabia que sombra sempre gosta de usar seu dono como tela,

mas não conseguiu persuadi-la. Abaixou-se bem, depois se levantou até o

alto, mas não havia sombra. Ela não aparecia. Tentou chamar a atenção

pigarreando e fazendo psiu, mas de nada valeu.

Era exasperante. Mas nos países quentes tudo cresce mais rápido e, ao fim

de uma semana mais ou menos, notou com grande satisfação, quando o sol

bateu, que uma nova sombra estava crescendo a seus pés. E que a raiz, com

certeza, permanecera. A nova sombra cresceu bem rápido; ao fim de três

semanas, tinha uma sombra bem apresentável e,

quando ele partiu de volta para o Norte, ela cresceu cada vez mais, até ficar tão grande que metade já seria suficiente.

O homem letrado, chegando a sua terra, escreveu livros sobre aquilo que,

no mundo, é verdadeiro, é bom e é belo.

Dias e anos se passaram; muitos e muitos anos, na verdade. Então, certa

noite em que estava sentado no quarto, ouviu baterem de leve a porta.

— Entre! — disse ele. Mas ninguém entrou. Abriu a porta e deu com um

homem tão magro que lhe causou uma sensação estranha. No entanto, o

homem estava impecavelmente vestido, parecendo uma pessoa distinta.

— Com quem tenho a honra de falar? — perguntou o erudito.

— Ah — disse o distinto visitante —, achei que não ia me reconhecer,

agora que tornei de carne e osso meu corpo e visto roupas. Acho que você

nunca esperou me ver em tão boas condições. Não reconhece sua antiga

sombra? Deve ter achado que eu nunca voltaria. As coisas andaram às mil

maravilhas comigo desde a última vez em que estive com você. Prosperei em

todos os sentidos, e se eu tiver que comprar minha liberdade, posso. —

Chocalhou um monte de berloques de valor que pendiam de seu relógio e

apontou a corrente de ouro maciço que usava em torno do pescoço. Ah!, como

seus dedos fulguravam com anéis de diamante — e todas essas jóias eram

verdadeiras.

— Não, não consigo botar isso na cabeça! — disse o erudito. — O que

isso tudo significa?

— Nada que seja comum, pode ter certeza — disse a sombra. — Mas você

não é uma pessoa comum e eu, como sabe, segui seus passos desde a infância.

Assim que você me achou experiente o bastante para me lançar ao mundo por

minha conta, segui meu caminho. Tem sido incomensurável meu êxito. Mas

senti certa vontade de vê-lo mais uma vez antes de você morrer — o que,

suponho, vai acontecer — e quis ver este país novamente. Você sabe como a

gente ama a terra natal. Sei que você possui outra sombra. Devo alguma coisa

a qualquer dos dois? Tenha a bondade de dizer.

— Bem, então é mesmo você? — disse o erudito. — Ora, isso é o que há

de mais extraordinário! Nunca pensei que a sombra de alguém pudesse voltar

em forma humana.

— Apenas me diga o quanto devo — disse a sombra —, porque não gosto

de ficar em dívida com ninguém.

— Como pode falar assim? — disse o estudioso. — Que dívida poderia haver? Sinta-se perfeitamente livre. Estou tremendamente satisfeito por saber

de sua boa sorte! Sente-se, meu velho amigo, e conte-me um pouco a respeito

de tudo o que aconteceu e do que você viu naquela casa do outro lado da rua,

em frente a nós, no país quente.

— Sim, vou contar-lhe tudo — disse a sombra, enquanto sentava. — Mas

você deve prometer que, se me encontrar em algum lugar, não dirá a ninguém

que eu fui sua sombra. Pretendo ficar noivo, pois posso com facilidade

sustentar uma família.

— Não se preocupe — disse o erudito —, não vou contar a ninguém quem

você é na realidade. Dou-lhe minha palavra. Prometo, e o que tem valor num

homem é sua palavra.

— E o que tem valor numa palavra é sua... sombra — disse a sombra, pois

não conseguia expressar-se de outro modo.

Era mesmo impressionante o quanto a sombra adquirira de humano, toda

vestida de preto, com o mais fino tecido, sapatos de verniz e um chapéu de

pasta que podia ser pressionado até a copa ficar na altura da aba,
para não

mencionar o que já sabemos — aquelas peles, aquela corrente de
ouro, e os

anéis de diamante. A sombra estava realmente bem-vestida, e era
isso que

fazia com que parecesse humana.

— Agora vou contar-lhe — disse a sombra, pisando com seus
sapatos de

verniz no braço da sombra nova do erudito, deitada a seus pés feito
um

cachorro. Isso era arrogância, talvez, ou pode ser que ela estivesse
tentando

fazer a sombra nova saber o seu lugar.

A sombra no chão permaneceu em silêncio e imóvel, ouvindo
atentamente,

para aprender como ficar livre e se tornar senhora de si.

— Sabe quem morava na casa do outro lado da rua, em frente a
nós? —

perguntou a antiga sombra. — Era a mais graciosa das criaturas —
era a

Poesia em pessoa. Morei lá três semanas, e foi como se tivesse
morado três

mil anos, lendo tudo que já foi escrito. Posso dizer — e é verdade!
— que vi

tudo e sei tudo.

— A Poesia! — exclamou o erudito. — Para estar segura, ela costuma

viver como eremita nas grandes cidades. A Poesia! Sim, eu mesmo a vi, por

um breve momento, mas meus olhos estavam pesados de sono. Estava de pé

na sacada e, em volta dela, uma auréola brilhava como uma de nossas auroras

boreais. Conte! Conte! Você estava na sacada. Você entrou pela porta, e aí...

— Aí dei com a ante-sala — disse a sombra. — Era a sala para a qual você ficava olhando de lá do outro lado da rua. Não tinha nenhuma vela por lá, e a

sala ficava na penumbra. Mas a outra porta estava aberta para uma série de

corredores e salões de iluminação ofuscante. Esse resplendor teria me matado

caso eu me aventurasse até a sala em que estava a donzela, mas fui cauteloso,

fiquei no meu canto.

— E aí o que foi que viu, meu velho amigo? — perguntou o erudito.

— Vi tudo e vou contar tudo a você, mas, não é que eu seja orgulhoso,

mas como sou um homem livre e instruído, para não mencionar
minha alta

posição e considerável fortuna, gostaria que não me chamasse de
seu velho

amigo.

— Desculpe! — disse o erudito. — É um velho hábito, difícil de
mudar.

Você está com toda a razão, meu caro senhor, e vou me lembrar.
Mas agora,

meu caro senhor, conte-me tudo o que viu.

— Tudo? — disse a sombra. — Pois eu vi tudo e sei tudo.

— Como eram os cômodos lá de dentro? — perguntou o erudito —
Como

mata virgem? Como templo sagrado? Eram os cômodos feito céu
estrelado

visto de alguma distante montanha?

— Tudo estava lá — disse a sombra. — Não cheguei a entrar. Fiquei
na

ante-sala escura, mas num lugar que era perfeito. Vi tudo e sei
tudo. Estive na antecâmara da corte da Poesia.

— Mas o que você viu? Os deuses da Antiguidade? Os heróis de eras
passadas? Sílfides e elfos dançando?

— Eu estava lá, estou lhe dizendo, e você deveria entender que vi
tudo o

que havia para ser visto. Se estivesse no meu lugar durante esse período

encantado, você se tornaria um ser superior ao homem; eu, que era só uma

sombra, avancei até a condição de homem. Além disso, aprendi a

compreender meu eu interior, o que nasceu em mim, e a relação entre mim e a

Poesia. Pois é, quando eu estava com você, não pensava nessas coisas, mas

você deve se lembrar de como eu me expandia maravilhosamente a cada

alvorecer e anoitecer. E, ao luar, eu quase parecia mais real que você. Na

época não compreendia a mim mesmo, mas naquela ante-sala vim a conhecer

minha verdadeira natureza. Eu era um homem! Saí completamente mudado.

No entanto você não estava mais no país quente. Sendo eu já um homem,

envergonhei-me ao me ver daquela forma. Faltavam-me sapatos, roupas, e

todo o verniz que faz um homem brilhar.

"Fui me esconder; isso é segredo, e você não deve contar em nenhum de seus livros. Fui me esconder sob as saias de uma mulher. Ela pouco sabia o

que escondia. Apenas à noite aventurei-me a sair. Percorri as ruas ao luar e

me espichava pelos muros. É uma forma agradável de alongar as costas.

Acima e abaixo, espiei dentro das mais altas janelas, de salões e de mansardas. Vi onde ninguém pode ver. Vi o que ninguém poderia, ou deveria,

ver. Considerando tudo, é um mundo vil. Eu não gostaria de ser humano se

isso não fosse considerado como algo sofisticado. Vi os mais incríveis

comportamentos em meio a homens e mulheres, pais e mães, e a essas

`gracinhas' de crianças. Vi o que ninguém conhece mas gostaria de conhecer,

e todas essas baixezas se repetiam de porta em porta. Se pusesse num

noticiário todas as perversidades, indignidades e intrigas que descobri,

ninguém leria outro jornal a não ser esse, em todo o universo. Mas que

inimigos arranjará!! Preferi tirar partido de minha clarividência e, por

intermédio de carta pessoal, dei a conhecer às pessoas que sabia de suas faltas.

Onde quer que eu passasse, vivia-se em sobressaltos terríveis; era detestado

como a morte mas, pela frente, mimavam-me, faziam festa, me cumulavam de

magníficos presentes e honras. Os acadêmicos me escolheram como um dos

seus, os alfaiates me vestiam em troca de nada, os fornecedores me davam o

que tinham de melhor para me calar a respeito de suas fraudes; os financistas

me enchiam de ouro; as mulheres diziam que não era possível imaginar um

homem mais bonito que eu. Eu me deixava levar; assim é que me tornei o

personagem que você está vendo. Vou deixá-lo agora, para ir tratar das

minhas coisas. Até logo. Aqui está meu cartão. Moro do lado em que bate o

sol; quando chove, dá para me encontrar sempre em casa.

A sombra foi embora.

— Extraordinário! — exclamou o erudito, e ficou absorto em suas reflexões sobre essa estranha aventura.

Dias e anos se passaram. Então, a sombra reapareceu.

— Como vai indo? — perguntou ela.

— Ai de mim — disse o erudito —, continuo a escrever sobre o Verdadeiro, o Bem e o Belo, mas ninguém gosta de ler sobre essas coisas.

Sinto-me bem desanimado, pois eu as levo profundamente a sério.

— Eu não — disse a sombra. — Estou engordando, como convém. Você

não sabe como é o mundo; daí sua saúde prejudicada. Você devia viajar.

Estou para fazer uma viagem neste verão. Vai comigo? Eu gostaria de ter companhia na viagem. Quer ir como minha sombra? Seria um grande prazer ter você por perto, e pagarei todas as despesas.

— Não, isso é um pouco demais — disse o erudito.

— Depende da maneira como se encara — disse a sombra. — Fará um

bem enorme a você, viajar. Vai ser minha sombra? A viagem não lhe custará

nada.

— Isso já foi longe demais! — disse o erudito.

— Bem, assim é o mundo — falou a sombra — e desse jeito continuará

sendo. — E dali se retirou.

O homem culto não estava nada bem. Mágoa e confusão o atormentavam,

e o que tinha a dizer a respeito do que é bom, verdadeiro e belo despertava na maioria das pessoas mais ou menos o que as rosas despertam numa vaca.

Acabou adoecendo.

— Você está mesmo parecendo uma sombra — diziam as pessoas, e ele

tremia ante esse pensamento.

— Você precisa visitar uma estação de águas — disse a sombra, que viera

vê-lo de novo. — Não há dúvida disso. Vou levar você, em nome da velha

amizade. Vou pagar a viagem, e você poderá escrever sobre ela, assim como

dar o melhor de si para me divertir no caminho. Também preciso ir a uma

estação de águas, pois minha barba não está crescendo como devia. É um tipo

de doença também, e não dá para ficar bem sem barba. Então, seja razoável e

aceite minha proposta. Viajemos como amigos!

Assim, a caminho se puseram. A sombra passara a ser o patrão; e o patrão,

a sombra. Ficaram juntos em carruagem, a cavalo e a pé, lado a lado, diante

ou atrás um do outro, dependendo de onde o sol batia. A sombra se

empenhava em ficar no lugar do patrão, e o erudito não dava muita importância, pois tinha um coração inocente, além de ser mais que afável e amistoso.

Certo dia, disse para a sombra:

— Como somos agora companheiros de viagem e crescemos juntos, que

tal se nos chamássemos pelos prenomes, do jeito que bons companheiros

devem fazer? É bem mais íntimo.

— É uma idéia esplêndida! — disse a sombra, que passara a ser o verdadeiro patrão. — O que está dizendo é muito franco e amigável. Serei

igualmente amigável e franco com você. Como erudito, está perfeitamente a

par de quão estranha é a natureza do homem. Alguns homens não suportam

tocar em papel velho. Sentem-se mal. Outros se encolhem

ao ouvir uma unha arranhar uma vidraça. De minha parte, incomoda-me exatamente do mesmo modo ouvir você me chamar por meu nome de

batismo. Eu me sinto espezinhado na terra, como eu era em minha primeira

condição. Compreenda. É uma questão de sensibilidade, não de orgulho. Não

posso deixar você me chamar por meu nome de batismo, mas ficarei satisfeito

de chamá-lo pelo seu, como solução conciliatória.

A partir de então, a sombra passou a chamar seu patrão de outrora pelo

nome de batismo.

"É passar dos limites", pensou o erudito, "eu ter que chamá-lo pelo sobrenome, enquanto ele me chama pelo prenome!" Mas ele tinha que

agüentar.

Finalmente chegaram à estação de águas. Entre as numerosas pessoas

estava uma graciosa princesa. A doença dela era ver as coisas com muita

clareza, o que pode se tornar bastante incômodo. Por exemplo, ela

imediatamente viu que o recém-chegado era um tipo de pessoa bem diferente

das outras.

— Dizem que está aqui para fazer a barba crescer. Mas eu vejo a verdadeira razão. Não consegue projetar sombra.

A curiosidade dela fora despertada e, durante o passeio, dirigiu-se ao

estranho diretamente. Sendo filha de rei, não precisava fazer cerimônia;

portanto, disse a ele sem rodeios:

— Seu problema é que não consegue projetar sombra.

— Vossa Alteza Real deve ter melhorado bastante — replicou a sombra.

— Sei que sua doença é ver claramente demais, mas está melhorando.

Acontece que tenho mesmo uma sombra nada corriqueira. Vê aquela figura

que sempre me acompanha? Outras pessoas têm uma sombra comum, mas eu

não gosto do que é comum a todos. Assim como, muitas vezes, possibilitamos

que nossos criados usem em suas librés tecidos melhores do que os que nós

usamos, também eu fiz minha sombra ser toda vestida como homem. Ora,

veja que até a equipei com uma sombra de si mesma. Sai caro, garanto-lhe,

mas gosto de ter algo fora do comum.

"Nossa!", pensou a Princesa, "posso mesmo estar curada? Aqui é a mais importante estação de águas do mundo e, ultimamente, a água apresenta

maravilhosos poderes medicinais. Mas não vou embora justamente quando o

lugar está ficando divertido. Estou gostando desse estrangeiro. Só espero que

a barba dele não cresça, pois aí terá que nos deixar."

À noite, a Princesa dançou com a sombra no grande salão de baile. Ela era leve, mas ele era ainda mais. Nunca dançara com um parceiro assim. Contou-lhe de que país vinha, e ele o conhecia bem. Estivera lá, mas na ausência dela.

Olhara para dentro de todas as janelas, altas ou baixas. Vira isto, vira aquilo.

Portanto, podia responder à Princesa e insinuar coisas que a deixavam pasma.

Estava convencida de que ele só podia ser o homem mais sábio do mundo.

Seu conhecimento a impressionou tão profundamente que, enquanto

dançavam, apaixonou-se por ele. Dava para a sombra perceber, pois os olhos

dela se fixavam nele de modo cada vez mais penetrante. Dançaram outra vez,

e ela quase lhe disse que o amava, mas era melhor não se precipitar. Tinha

que pensar em seu país, seu trono e nas muitas pessoas sobre as quais reinaria.

"É um homem brilhante", disse a si mesma, "e isso é uma boa coisa. Dança de modo encantador, e isso é bom também. Mas será que seu conhecimento

vai além do superficial? Isso tem idêntica importância; portanto, devo

examiná-lo bem."

Com tato, começou a fazer as mais difíceis perguntas, que ela mesma não

conseguiria responder. A sombra fez uma careta.

— Não consegue responder? — disse a Princesa.

— Eu já sabia tudo isso na minha infância — disse a sombra. — Ora, creio

que minha sombra, que está ali perto da porta, pode responder a você.

— Sua sombra! — disse a Princesa. — Isso seria mesmo impressionante!

— Não sei dizer ao certo — disse a sombra —, mas estou inclinado a

achar que sim, porque ela me seguiu de perto e me ouviu durante tantos anos.

É, estou inclinado a acreditar que sim. Mas Vossa Alteza Real deve me

permitir contar-lhe que ela se orgulha de passar por gente; portanto, para que ela se disponha a responder suas perguntas, deve ser tratada como se fosse

humana.

— Gosto disso! — disse a Princesa.

Então ela foi até o erudito, na soleira da porta, e falou com ele sobre o sol

e a lua, sobre gente, o que são por dentro e o que parecem ser na superfície.

Ele respondeu bem, com sabedoria.

"Que homem ele deve ser, para ter uma sombra tão sábia!", pensou ela.

"Será uma bênção para meu povo e para meu país se eu o escolher para

consorte. É o que vou fazer!"

A Princesa e a sombra chegaram a um entendimento, mas ninguém deveria saber a respeito até que ela voltasse para seu reino.

— Ninguém. Nem mesmo minha sombra! — disse a sombra. E tinha sua

razão particular para isso.

Finalmente chegaram ao país que a Princesa governava quando estava em

casa.

— Escute, meu bom amigo — disse a sombra ao erudito —, sou agora o

mais feliz e o mais forte possível; por isso, vou fazer algo especialíssimo por você. Você vai morar comigo em meu palácio,

viajar comigo na minha

carruagem real, e receber cem mil dólares por ano. No entanto, deve deixar

que todos o considerem uma sombra. Não deve em momento algum dizer que

é um homem e, uma vez por ano, enquanto eu estiver sentado na sacada ao

sol, deve deitar a meus pés como fazem as sombras. Pois digo-lhe que vou me

casar com a Princesa, e o casamento se fará esta noite mesmo.

— Não! Isso está passando dos limites! — disse o erudito. — Não vou,

não farei isso. Seria trair o país inteiro e a Princesa também. Vou contar-lhes tudo: que eu sou o homem e você, a sombra, meramente vestida como

homem.

— Ninguém acreditaria

disse a sombra. — Seja razoável, ou vou

chamar a guarda.

— Vou direto à Princesa — disse o erudito.

— Mas eu vou primeiro — disse a sombra —, e você vai para a prisão. E

para a prisão ele foi, pois os guardas obedeciam aquele que, sabiam, estava

prestes a se casar com a Princesa.

— Ora, você está tremendo — disse a Princesa, quando a sombra entrou

no quarto dela. — Que aconteceu? Você não pode adoecer esta noite, logo

quando estamos em via de nos casar.

— Acabo de passar pela mais terrível experiência que poderia acontecer a

qualquer um — disse a sombra. — Imagine só! É claro que a pobre cabeça de

uma sombra não agüenta muita coisa. Mas imagine! Minha sombra

enlouqueceu. Ela acha que é um homem e — imagine! — acha que eu sou sua

sombra.

— Que terrível! — disse a Princesa. — Espero que esteja trancafiada.

— Ah, claro. Receio que nunca se recupere.

— Pobre sombra — disse a Princesa. — Ela é muito infeliz. Seria um ato

de caridade aliviá-la do pouco de vida que lhe resta. E, depois de pensar

cuidadosamente, minha opinião é que será necessário colocá-la fora do

caminho.

— Isso é, com certeza, difícil, pois ela foi uma leal servidora — disse a sombra, e deu um jeito de soluçar.

— Você tem uma nobre alma — disse a Princesa.

A cidade inteira estava brilhantemente iluminada aquela noite. Os canhões

troaram e os soldados apresentaram armas. Era dessa categoria o casamento!

A Princesa e a sombra foram até a sacada para se mostrarem e serem

aclamados, várias vezes.

O erudito não ouviu nada disso, pois já tinham dado um fim nele.

Tradução de Augusto Alencastro

F. Marion Crawford

Uma viagem como qualquer outra, a bordo de um navio. Não fosse o mistério

do camarote 105... e um personagem que resolve pagar para ver E que acaba

vendo e enfrentando um fantasma. Histórias de fantasmas são um território

literário ocupado pelos ingleses, e, embora americano nascido na Itália.

Francis Marion Crawford (1854-1909) é um dos seus mais destacados

habitantes. Esta pérola do fantástico-terror, juntamente com o conto "Porque o sangue é vida" (incluído na antologia 13 dos melhores contos de vampiro), representam, para Alan Ryand, "duas das mais aterrorizantes histórias jamais escritas". Crawford morou na Índia, era um scholar em sânscrito e é autor, entre outros, de livros como Wandering Ghosts (1911).

Na cabine do navio

I

ALGUÉM PERGUNTOU ONDE ESTAVAM OS CHARUTOS. Tínhamos falado por um bom

tempo e a conversa começava a definhar; a fumaça de tabaco impregnara as

cortinas pesadas, o vinho embebera os cérebros, que começavam a ficar

pesados, e já estava perfeitamente evidente que, a menos que alguém fizesse

algo para estimular nossos lerdos espíritos, aquela reunião logo chegaria a sua conclusão natural, e nós, os convidados, imediatamente iríamos para casa e

com toda certeza dormiríamos. Ninguém dissera nada de muito notável; podia

ser que ninguém tivesse nada de notável a dizer. Jones nos contara todos os

detalhes de sua última caçada em Yorkshire. O sr. Tompkins, de Boston,

explicara longamente os princípios de trabalho que, através de uma manutenção devida e cuidadosa, fizeram com que a Estrada de Ferro de

Atchinson. Topeka e Santa Fé não apenas estendesse seu território, aumentasse sua influência departamental e transportasse gado sem deixá-lo

morrer de fome antes do dia da entrega, como também conseguiram, durante

anos, desapontar aqueles passageiros que compravam seus bilhetes na ilusão

de que a mencionada empresa fosse de fato capaz de transportar vidas hu-

manas sem as destruir. Signor Tombola tentara nos persuadir, com argu-

mentos que não nos foi difícil refutar, de que a unidade de seu país de modo

algum se assemelhava ao torpedo moderno, cuidadosamente planejado e

construído com todas as técnicas dos maiores arsenais

européus, mas, quando concluído, fadado a ser entregue por mãos ineficazes numa região onde devia indubitavelmente explodir, sem ser visto, ouvido ou

temido, dentro dos imensuráveis refugos do caos político.

É desnecessário entrar em maiores detalhes. A conversa assumira

proporções que teriam entediado Prometeu acorrentado a sua rocha, distraído

Tântalos e impellido Íxion a buscar relaxamento nos simples, porém instrutivos, diálogos de Herr Ollendorff¹, em vez de se submeter a um mal maior que era escutar nossa conversa. Fazia horas que estávamos sentados à

mesa; estávamos entediados, estávamos cansados, e ninguém dava sinais de ir

embora.

Alguém perguntou onde estavam os charutos. Instintivamente, todos

olhamos para o dono daquela voz. Brisbane era um homem de 35 anos de

idade, notável devido àqueles dons que atraem especialmente a atenção dos

seus semelhantes. Era um homem forte. As proporções externas de sua figura

não apresentavam nada de extraordinário à primeira vista, embora sua estatura

fosse superior à média. Tinha um pouco mais de 1,80m e ombros

razoavelmente largos; não parecia corpulento, mas, por outro lado, certamente

não era magro. Sua cabeça pequena era sustentada por um pescoço vigoroso,

rijo; suas mãos musculosas e enormes pareciam possuir a capacidade peculiar

de quebrar nozes sem o auxílio de um quebra-nozes e, observando-o de perfil,

era impossível não reparar na largura de seus braços e na incomum espessura

de seu peito. Era um desses homens normalmente considerados como falazes

nas conversas masculinas; isso quer dizer que, embora ele parecesse

extremamente forte, na realidade era muito mais forte do que parecia. Sobre

suas feições, pouco haveria a dizer: cabeça pequena, cabelos lisos, olhos

azuis, nariz largo, bigode curto e queixo quadrado. Todo mundo conhece

Brisbane, e quando ele pediu um charuto todos olharam para ele.

— É uma questão muito curiosa — disse Brisbane.

Houve um silêncio. A voz de Brisbane não era alta, mas possuía a

qualidade peculiar de penetrar no meio da conversa coletiva e cortá-la como

uma faca. Todos escutaram. Brisbane, percebendo que havia atraído a atenção

geral, acendeu seu charuto com imensa serenidade.

— Muito curiosa — prosseguiu — essa história de fantasmas. As pessoas

estão sempre perguntando se alguém viu um fantasma. Eu vi.

1 Possivelmente refere-se ao personagem de Mark Twain em *Roughing It*. (N.T.)

— Bobagem! Quem? Você? Você não está falando sério, Brisbane. Um homem da sua inteligência!

Um coro de exclamações reagiu à afirmação inesperada de Brisbane.

Todos pediram charuto, e Stubbs, o mordomo, apareceu de repente das

profundezas de lugar nenhum com uma nova garrafa de champanhe. A

situação estava salva; Brisbane ia contar uma história.

— Sou um velho homem do mar — disse Brisbane — e, como ainda atravesso o Atlântico com frequência, tenho minhas predileções. A maior

parte dos homens tem a sua. Já vi um sujeito esperando num bar da Broadway

durante 45 minutos por um determinado carro que ele preferia. Acredito que o

dono do bar ganhou pelo menos um terço de sua renda por conta da

predileção daquele homem. Eu tenho o hábito de esperar por certos navios,

quando sou obrigado a atravessar o oceano. Pode tratar-se de um preconceito,

porém nunca me enganei, senão uma única vez na minha vida. Lembro-me

muito bem; foi numa manhã quente de junho, e as autoridades da alfândega,

que estavam por ali aguardando um navio a vapor que se aproximava após seu

período de quarentena, exibiam uma aparência particularmente confusa e

preocupada. Eu não levava muita bagagem, nunca levo. Misturei-me à

multidão de passageiros, carregadores e sujeitos intrometidos, vestidos com

casacos azuis e botões de bronze, que pareciam brotar feito cogumelos do

convés de um navio atracado, para importunar com seus préstimos

desnecessários os passageiros independentes. Tenho observado

freqüentemente com certo interesse a manobra espontânea desses indivíduos.

Nunca estão lá quando chegamos; cinco minutos após o timoneiro gritar

`Vamos em frente!', eles, ou pelo menos seus casacos azuis de botões de

bronze, desaparecem completamente do convés e do passadiço, como se

tivessem sido fechados em seus armários, o que a tradição atribui a Davy

Jones². Mas no momento da partida, lá estão eles, perfeitamente barbeados, com seus casacos azuis, ávidos por uma gratificação. Subi a bordo

rapidamente. *O Kamtschatka* era um dos meus navios favoritos. Eu disse era, porque ele decididamente não o é mais. Não consigo conceber qualquer razão

capaz de me seduzir a fazer uma outra viagem nele. Sim, eu sei o que vocês

vão dizer. É um navio excepcionalmente limpo nas acomodações de popa,

tem a proa alta o bastante para manter-se seco, e os leitos inferiores são em

sua maioria duplos. A embarcação possui muitas

2 Espírito marítimo na mitologia náutica que se ocultava num armário. (N.T.)

vantagens, mas não atravessarei mais o oceano com ela. Desculpem-me a digressão. Subi a bordo. Chamei o comissário de serviço, cujo nariz vermelho

e costeletas ainda mais vermelhas eram igualmente familiares para mim.

"— 105, leito inferior — disse eu, naquele tom indiferente peculiar aos

homens para os quais uma travessia do Atlântico ou um uísque no Delmonico's, no centro da cidade, são a mesma coisa.

"O comissário apanhou minha mala, o sobretudo e a manta de viagem.

Nunca me esquecerei da expressão em seu rosto. Não que tenha ficado pálido.

Sustentam os mais eminentes sacerdotes que nem os milagres são capazes de

alterar o curso da natureza. Não hesito em dizer que ele não empalideceu;

mas, pela sua expressão, julguei que estivesse a ponto de se debulhar em

lágrimas, espirrar ou deixar minha mala cair no chão. Como esta continha

duas garrafas de um velho e excelente xerez dadas a mim pelo meu grande

amigo Snigginson van Pickyns, fiquei extremamente nervoso. Mas o comissário não fez nada disso.

"— Bem eu vou... — disse ele em voz baixa, indicando o caminho.

"Achei que meu Hermes, à medida que me conduzia a regiões inferiores

do barco, tivesse bebido um trago, mas não falei nada e segui seus passos. O

105 ficava a bombordo, próximo à popa. Não havia nada de extraordinário no

camarote. O leito inferior, como a maioria deles no *Kamtschatka*, era de casal.

Havia muito espaço; havia um lavatório comum, concebido para transmitir

uma idéia de luxo à mente de um índio norte-americano; havia os habituais e

ineficientes bagageiros em madeira marrom, dentro dos quais é mais fácil

manipular um grande guarda-chuva do que uma escova de dentes comum.

Sobre o colchão repulsivo estavam cuidadosamente dobrados aqueles

cobertores, que um grande humorista moderno apropriadamente comparou a

frias panquecas de trigo. A questão das toalhas havia sido deixada

inteiramente à imaginação. Os decantadores de vidro estavam cheios de um

líquido transparente levemente tingido de marrom, mas do interior deles um

odor menos fraco, porém não mais agradável, ascendia às narinas, como uma

reminiscência distante e enjoativa de máquinas lubrificadas. Cortinas de cores tristes escondiam parcialmente o leito superior. A luz vaporosa de um dia de

junho lançava uma vaga claridade sobre aquele pequeno cenário desolado.

Argh! Como detestei aquele camarote!

"O comissário largou meus pertences e olhou para mim, como se quisesse ir embora — provavelmente em busca de outros passageiros e outras

gratificações. É sempre uma boa estratégia começar bem a relação com esses

funcionários e, de forma correspondente, dei-lhe algumas moedas.

"— Vou tentar deixá-lo tão confortável quanto for possível — observou

ele, enfiando as moedas no bolso. Entretanto, havia uma entonação dúbia em

sua voz que me surpreendeu. Possivelmente, sua tabela de gratificação havia

aumentado e ele não ficara satisfeito; mas de um modo geral eu estava

inclinado a pensar que, como o próprio teria se exprimido, ele erà bom de

copo'. Eu estava errado, porém, e fui injusto com ele."

II

"Nada especialmente digno de menção ocorreu durante aquele dia.

Deixamos o cais pontualmente e foi muito agradável iniciar a viagem, pois o

tempo estava quente e abafado, e o movimento do navio produziu uma brisa

refrescante. Todos sabem como é o primeiro dia no mar. As pessoas andam

pelo convés, se observam umas as outras e, ocasionalmente, encontram

conhecidos que não sabiam que estivessem também a bordo. Existe aquela

incerteza habitual sobre se a comida é boa, ruim ou indiferente, até que as

duas primeiras refeições dissipem as dúvidas; existe a incerteza habitual em

relação às condições meteorológicas, até que o navio tenha passado pela Ilha

do Fogo. No começo, as mesas ficam apinhadas e então, repentinamente,

esvaziam. Passageiros pálidos se levantam de suas cadeiras e se precipitam na

direção da porta, e os velhos marujos respiram mais livremente quando o

vizinho enjoado se afasta correndo, deixando bastante espaço para os

cotovelos e o controle irrestrito do pote de mostarda.

"Uma travessia do Atlântico se parece muito com as outras, e nós que

viajamos com freqüência não o fazemos mais pela novidade. Baleias e

icebergs são de fato sempre motivo de interesse, mas, afinal de contas, uma baleia é igualzinha à outra, e raramente vemos um *iceberg* de perto. Para a maioria de nós, o momento mais prazeroso do dia, a bordo de um navio a

vapor, é quando acabamos de dar nossa última volta no convés, fumar o

último charuto e, tendo conseguido acumular um pouco de cansaço, sentimo-

nos livres para ir para cama com a consciência tranqüila. Naquela primeira

noite de viagem, eu me sentia particularmente preguiçoso, e fui me deitar no

camarote 105 bem mais cedo do que de

costume. Quando entrei, surpreendeu-me constatar que eu tinha um companheiro de cabine. Uma mala muito semelhante a minha encontrava-se

no canto oposto e, no leito superior, havia sido colocada uma manta impecavelmente dobrada, com uma bengala e um guarda-chuva. Eu esperava

ficar sozinho e aquilo me decepcionou; mas me perguntei quem seria a pessoa

com quem dividiria o camarote e decidi aguardar para ver de quem se tratava.

"Fazia pouco tempo que eu estava deitado quando ele entrou. Tratava-se,

até onde pude discernir, de um homem muito alto, muito magro e muito

pálido, com cabelos e costeletas ruivas e olhos cinza, inexpressivos. Envolvia-o, pareceu-me, um ar bastante suspeito; o tipo de homem que podemos ver em

Wall Street, sem sermos capazes de dizer precisamente o que está fazendo ali

— o tipo de pessoa que frequenta o Café Anglais, que sempre parece estar só

e que bebe champanhe; podemos encontrá-lo num hipódromo, mas ele não

parece tampouco estar fazendo alguma coisa ali. Vestia-se de um modo

exagerado — um pouco excêntrico. Existem sempre três ou quatro dessa

espécie em todo navio que cruza o oceano. Concluí que não fazia questão de

conhecê-lo, e adormeci dizendo a mim mesmo que estudaria seus hábitos de

modo a evitá-lo. Se ele se levantasse cedo, eu me levantaria tarde; se ele fosse para cama tarde, eu iria mais cedo. Não estava disposto a travar conhecimento

com ele. Uma vez que somos apresentados a essas pessoas elas não nos

largam mais. Pobre sujeito! Eu não precisava ter-me dado tanto trabalho para

chegar àquelas conclusões sobre ele, pois nunca mais voltei a vê-lo após

aquela primeira noite no 105.

"Eu dormia profundamente quando fui despertado, de forma brusca, por

um barulho alarmante. A julgar pelo som, meu companheiro de camarote

devia ter saltado de seu leito superior para o chão. Ouvi-o tateando o trinco da porta, que se abriu quase no mesmo instante, e então ouvi suas passadas à

medida que ele corria a toda velocidade pelo corredor, deixando a porta aberta atrás de si. O navio estava balançando um pouco e esperei ouvi-lo tropeçar e

cair, mas ele correu como se disso dependesse a própria vida. A porta oscilava sobre suas dobradiças com o movimento da embarcação, e o ruído me

incomodava. Levantei e fechei-a, depois voltei às cegas para meu leito. Dormi

novamente; mas não tenho idéia de quanto tempo.

"Quando acordei ainda estava bastante escuro, mas fazia um frio desconfortável e me pareceu que o ar ficara úmido. Vocês sabem, aquele

odor peculiar de uma cabine que foi encharcada com água do mar. Cobri-me o melhor que pude e cochilei outra vez, imaginando as reclamações que faria no

dia seguinte e escolhendo os epítetos mais poderosos do idioma. Pude ouvir

meu companheiro de camarote se virar no leito superior. Provavelmente, tinha

retornado enquanto eu dormia. Num dado momento, pensei tê-lo ouvido

gemer e me perguntei se estaria mareado. Esta é uma situação particularmente

incômoda, quando se está logo abaixo desta pessoa. De qualquer modo,

acabei dormindo até o raiar do dia.

"O navio jogava muito, bem mais do que na noite precedente, e a luz

cinzenta que atravessava a escotilha mudava de tonalidade a cada movimento,

segundo o ângulo que o bordo da embarcação impunha ao vidro, voltando-se

para o céu ou o mar. Estava muito frio — inexplicavelmente para o mês de

junho. Virei-me e olhei para a escotilha que, para minha surpresa, estava toda aberta e presa para trás. Acho que blasfemei em voz alta. Então me levantei e

a fechei. Quando me virei, observei o leito superior. As cortinas haviam sido

fechadas; meu companheiro provavelmente sentira frio também. Surpreendeu-

me o fato de eu ter conseguido dormir tanto. O camarote era desconfortável,

embora, estranho dizer, eu não pudesse sentir o cheiro da umidade que tinha

me incomodado na véspera. Meu companheiro ainda dormia — excelente

oportunidade para evitá-lo, assim, me vesti e fui para o convés. O dia estava

tépido e nublado e as águas exalavam um odor oleaginoso. Eram sete horas

quando saí — muito mais tarde do que imaginara. Cruzei com o médico que

dava sua primeira volta matinal para respirar o ar fresco. Era um jovem do

oeste da Irlanda — um camarada formidável, com seus cabelos negros e olhos

azuis, já propenso a tornar-se um homem robusto; ele tinha uma expressão

despreocupada e saudável que era muito cativante.

"— Linda manhã — comentei, à guisa de introdução.

"— Bem... — disse ele, olhando-me com um interesse imediato — é uma

linda manhã e não é uma linda manhã. Não acho que seja uma

especial.

"— Não, não está tão linda assim — disse eu.

"— É exatamente o que eu chamo de um clima abafado — retrucou o

médico.

"— Fez muito frio nesta noite — observei. — No entanto, quando olhei a

minha volta, descobri que a escotilha estava totalmente aberta. Não tinha

notado isso quando fui me deitar. E o camarote estava úmido também.

"— Úmido! — exclamou ele. — Qual é o seu camarote?

"— O 105.

"Para minha surpresa o médico teve um sobressalto e olhou-me fixamente.

"— Qual é o problema? — perguntei.

"— Oh... nada — respondeu. — Apenas todos têm se queixado desse

camarote nas últimas três viagens.

"— Também tenho reclamações — disse eu. — Certamente ele não foi

adequadamente arejado. É uma vergonha!

"— Não acho que possamos fazer alguma coisa — opinou o médico.
—

Acredito que haja algo... mas não convém assustar os passageiros.

"— Você não está me assustando — repliquei. — Consigo suportar qualquer grau de umidade. Se por acaso me resfriar irei vê-lo.

"Ofereci um charuto ao médico, que ele aceitou e examinou com um olhar

crítico.

"— Não é tanto a umidade — observou ele. — De qualquer maneira,

acredito que tudo se passará bem. Há mais alguém no camarote?

"— Sim, um camarada endiabrado que sai correndo no meio da noite e

deixa a porta aberta.

"Mais uma vez, o médico olhou-me com curiosidade. Em seguida, acendeu

o charuto e assumiu um ar grave.

"— Ele voltou depois? — perguntou prontamente.

"— Voltou. Eu estava dormindo, mas acordei, e o ouvi se mexendo. Então

senti frio e voltei a dormir. Hoje de manhã encontrei a escotilha aberta.

"— Preste atenção — disse o médico calmamente. — Eu não me importo

muito com este navio. Não dou a mínima para a sua reputação. Direi o que

devo dizer. Disponho de um camarote espaçoso aqui em cima. Posso dividi-lo

com você, embora nunca o tenha visto antes.

"Aquela proposta me surpreendeu bastante. Não entendi por que ele se

preocupava tanto com meu bem-estar. Contudo seu modo de falar do navio

era peculiar.

Você é muito gentil, doutor — disse eu. — Mas, realmente, acredito que,

mesmo agora, o camarote possa ser arejado, ou lavado talvez. Por que você

não se importa com o navio?

"— Não somos supersticiosos na minha profissão — respondeu o médico

—, mas o mar nos deixa assim. Não quero que seja prejudicado, e não

pretendo assustá-lo, mas se quiser meu conselho, mude-se para cá.

Se eu o visse cair no mar — disse ele com veemência —, você ou qualquer outro passageiro, saberia que estava ocupando o 105. "— Santo Deus!

Por quê? — indaguei.

"— Simplesmente porque, nas três últimas viagens, as pessoas que ocu-

param o seu camarote desapareceram no mar — respondeu gravemente.

"Aquela informação era assustadora e por demais desagradável, confesso.

Olhei firme para o médico de modo a ver se estava zombando de mim, mas

ele parecia estar falando sério. Agradei-o calorosamente pela sua oferta, mas lhe disse que pretendia ser a exceção à regra, segundo a qual quem dormisse

naquele camarote em particular acabaria caindo no mar. Ele não disse nada,

mas pareceu ainda mais sombrio e insinuou que, antes do final da travessia,

seria provável que eu reconsiderasse sua proposta. Em seguida, fomos tomar o

café da manhã e apenas um número pequeno de passageiros se encontrava

presente. Notei que um ou dois oficiais que tomavam café pareciam

preocupados. Após o café, fui para meu camarote a fim de pegar um livro. As

cortinas do leito superior ainda estavam cerradas. Não se ouvia nada. Meu

companheiro de cabine ainda dormia, era possível.

"Quando saí, encontrei o comissário que estava justamente a minha procura. Sussurrando, disse-me que o capitão queria me ver, depois sumiu

pelo corredor, como se quisesse evitar qualquer pergunta. Dirigi-me à cabine

do capitão e o encontrei a minha espera.

"— Gostaria de lhe pedir um favor — disse-me ao entrar.

"Respondi que faria qualquer coisa para ser útil.

"— O seu companheiro de camarote desapareceu — disse ele. — Pelo que

sabemos, ele foi se deitar cedo ontem à noite. Notou alguma coisa de

extraordinário em seus modos?

"A pergunta, feita daquela maneira, confirmando exatamente os receios do

médico meia hora antes, me chocou.

"— Não está querendo dizer que ele caiu no mar? — indaguei. "—

Receio que sim — foi sua resposta.

"— Que coisa mais surpreendente — disse eu.

"— Por quê?

"— Então ele é o quarto?! — exclamei. Respondendo outra pergunta do

capitão, expliquei, sem mencionar o médico, que havia ouvido a história sobre

o camarote 105. Ele pareceu bastante aborrecido com o fato de eu estar a par

daquilo. Contei-lhe então o que acontecera durante a noite.

"— O que está dizendo — replicou ele — coincide quase exatamente com o que me foi dito pelos companheiros de camarote dos passageiros

desaparecidos. Eles saltaram da cama e correram pelo corredor. Dois deles

foram vistos pelo vigia ao caírem no mar; nós paramos o navio e descemos os

escaleres, mas eles não foram encontrados. Ninguém, contudo, viu ou ouviu o

homem que desapareceu ontem à noite, se é que ele de fato desapareceu. O

comissário, que é um sujeito supersticioso, talvez, e esperava que alguma

coisa saísse errada, foi procurá-lo de manhã e encontrou seu leito vazio, mas

suas roupas estavam lá, da mesma forma como as tinha deixado. Somente o

comissário, a bordo deste navio, conhecia a aparência dele e já o procurou em

todos os lugares. Sumiu! Agora, quero pedir que não mencione este episódio a

nenhum dos passageiros; não quero que o navio fique com o nome sujo, e

nada prejudica mais um navio que atravessa o oceano do que histórias de

suicídios. Pode escolher qualquer uma das cabines dos oficiais, inclusive a

minha, para permanecer durante o resto da viagem. Não é uma oferta justa?

"— Justíssima — eu disse — e fico muito grato. Mas como estou sozinho

e tenho o camarote só para mim, prefiro permanecer lá. Se o comissário puder

remover os pertences daquele infeliz, ficarei onde estou. Não direi nada sobre o assunto e acho que posso prometer que não seguirei o caminho do meu

companheiro de camarote.

"O capitão tentou me dissuadir das minhas intenções, mas preferi ficar só no camarote a partilhar um alojamento com qualquer oficial a bordo. Não sei

se agi impensadamente, mas se tivesse seguido seu conselho nada mais teria a

contar. Permaneceria aquela desagradável coincidência de vários suicídios

ocorridos entre homens que ocuparam a mesma cabine, mas isso teria sido

tudo.

"O assunto, no entanto, não estava de modo algum terminado. Obsti-

nadamente, decidi que não seria perturbado por aquelas histórias, e cheguei

até a argumentar com o capitão. Havia algo de errado com o camarote, eu

disse. Ele estava muito úmido. A escotilha fora deixada aberta na noite

anterior. Meu companheiro poderia já estar doente quando veio a bordo, e

poderia ter sido tomado por alucinações após ter ido dormir. Poderia, naquele

exato instante, encontrar-se escondido em algum lugar da embarcação e

poderia ser achado mais tarde. O local precisava ser arejado e a tranca da

escotilha examinada. Se o capitão me desse licença, eu iria cuidar para que

aquelas providências fossem tomadas imediatamente.

"— Claro, é seu o direito de ficar onde achar melhor — retrucou ele, um tanto petulante —, mas gostaria que saísse de lá para eu poder interditar o

camarote e acabar com essa história.

"Eu não via as coisas do mesmo modo e deixei o capitão, após prometer

manter em sigilo o desaparecimento do meu companheiro de camarote. Ele

não tinha conhecido ninguém a bordo e não deram pela sua falta ao Longo do

dia. Quando a noite caiu, voltei a encontrar com o médico e ele me perguntou

se eu havia mudado de opinião. Eu lhe disse que não.

"— Então mudará muito em breve — disse-me com uma expressão muito

séria."

III

"Jogamos *bridge* à noite e fui me deitar tarde. Confessarei agora que tive uma sensação desagradável quando voltei para meu camarote. Não pude

deixar de pensar no homem alto que vira na noite anterior, que agora estava

morto, afogado, arremessado de um lado para outro pelas imensas ondas que

ficaram para trás. Seu rosto surgiu diante de mim enquanto me despia e

cheguei mesmo a abrir as cortinas do leito superior, como se quisesse me

convencer de que ele tinha de fato desaparecido. Também tranquei a porta do

camarote. De repente, me dei conta de que a escotilha estava aberta e a fechei.

Era mais do que eu podia suportar. Apressadamente, coloquei meu robe e saí

em busca de Robert, o comissário responsável por aquele corredor. Eu estava

furioso, me lembro, e quando o encontrei arrastei-o rudemente até a porta do

105 e o empurrei na direção da escotilha.

"— Que diabos você está pretendendo, seu patife, deixando a escotilha

aberta todas as noites? Não sabe que é contra os regulamentos? Não sabe que,

se o navio adernar e a água começar a entrar, nem dez homens seriam capazes

de fechá-la? Avisarei ao capitão, seu imbecil, que você está colocando a

embarcação em perigo!

"Eu estava extremamente irado. O homem tremia e empalidecera, e então

começou a fechar o vidro esférico com o pesado trinco de bronze.
"— Por que você não me responde?

"— Por favor, senhor — balbuciou Robert —, não há ninguém a bordo

capaz de manter essa escotilha fechada à noite. O senhor mesmo pode tentar.

Eu não viajo mais neste navio, senhor; nunca mais. Mas se eu

fosse o senhor, simplesmente saía daqui e iria dormir com o médico ou em outro lugar. Olhe só, senhor, está trancada com firmeza ou não está? Tente,

senhor, veja se consegue abri-la.

"Eu verifiquei e notei que estava perfeitamente trancada.

"— Pois bem, senhor — continuou Robert triunfante —, eu aposto a minha

reputação de comissário de primeira classe que em meia hora ela estará aberta

mais uma vez; e presa para trás também, senhor, e é isso o mais assustador!

"Examinei o grande parafuso e a presilha que o prendia.

"— Se voltar a abrir nesta noite. Robert, lhe darei uma gratificação. Não é possível que isso aconteça. Pode ir embora.

"— Uma gratificação, senhor? Muito bem. Obrigado, senhor. Boa noite.

Tenha um sono agradável e sonhos deliciosos, senhor.

"Robert se foi pelo corredor, satisfeito por ter sido liberado. É claro que eu pensei que ele estivesse tentando justificar sua negligência, contando uma

história absurda, destinada a me assustar e, por isso, não acreditei nele. A

conseqüência foi que ele ganhou sua gratificação, e eu passei uma noite

muito, mas muito desagradável.

"Fui me deitar e, cinco minutos depois de ter me posto sob os cobertores, o inexorável Robert apagou a luz que ardia atrás do candeeiro de vidro

esmerilhado, próximo à porta. Fiquei deitado imóvel no escuro, tentando

adormecer, mas logo percebi que seria impossível. Tinha sentido alguma

satisfação ao me zangar com o comissário, e aquela distração afastara a

incômoda sensação que experimentara no início, quando pensava no homem

afogado que havia sido meu companheiro de cabine; mas já não tinha mais

sono e fiquei deitado algum tempo, olhando de vez em quando para a

escotilha, que eu podia ver parcialmente de onde eu me encontrava, e que, na

escuridão, parecia-se com um prato de sopa meio luminoso suspenso nas

trevas. Acho que fiquei daquele jeito por uma hora e, pelo que me lembro,

estava a ponto de adormecer quando fui despertado por uma corrente de ar

frio e pela nítida sensação de receber uma borrifada de gotas do mar sobre o

rosto. Levantei-me imediatamente e, não tendo levado em conta no escuro o

balanço do navio, fui logo atirado com violência para o outro lado do

camarote, caindo sobre o sofá que se encontrava abaixo da escotilha. Mas

logo consegui me recompor e me levantei. A escotilha estava mais uma vez

aberta e presa por trás!

"Agora, o que segue são fatos. Eu estava bem desperto quando me levantei

e, seguramente, teria sido acordado pela queda, se ainda

estivesse sonolento. Além disso, machuquei bastante meus cotovelos e meus joelhos, e os ferimentos estavam lá na manhã seguinte para testemunhar o

fato, caso eu mesmo duvidasse. A escotilha estava toda aberta e presa por trás

— algo tão injustificável que lembro muito bem ter sido uma sensação de

espanto e não de medo que se apoderou de mim, ao descobrir o que

acontecera. Imediatamente, fechei a escotilha e aparafusei o ferrolho com toda a minha força. Estava muito escuro no camarote. Concluí que a escotilha com

certeza havia sido aberta uma hora depois de Robert a ter fechado diante de

mim, e decidi ficar observando para ver se ela abriria de novo. Aquelas

presilhas de bronze são pesadas e de modo algum fáceis de remover; eu não

podia acreditar que o grampo houvesse se soltado com a trepidação do

parafuso. Fiquei em pé, espiando através do vidro espesso os vestígios

brancos e cinzentos do mar que espumava sob o bordo da embarcação. Devo

ter permanecido assim durante 45 minutos.

"De repente, ouvi com clareza alguma coisa se mexendo atrás de mim em

um dos leitos e, logo em seguida, assim que me virei instintivamente para

olhar — embora, é claro, não conseguisse enxergar nada no escuro —, ouvi

um leve gemido. Atravessei com passos rápidos o camarote e abri as cortinas

do leito superior, apalpando-o para ver se havia alguém ali. Havia alguém.

"Lembro-me de que, ao colocar minhas mãos lá dentro, tive a sensação de

as estar introduzindo no interior de um porão úmido, e por trás das cortinas

veio uma lufada de vento que recendia com intensidade a água do mar

estagnada. Segurei alguma coisa que tinha a forma de um braço humano, mas

estava frouxo e molhado, e glacialmente frio. Mas de repente, quando recolhia

minhas mãos, a criatura saltou violentamente na minha direção, parecia uma

massa pegajosa e lamacenta, ainda assim dotada de uma força sobrenatural.

Cambaleei pelo camarote e, num instante, a porta se abriu e a coisa saiu às

pressas. Não tive tempo de ter medo e, me recuperando num segundo, saí

correndo pela porta na sua captura, mas era tarde demais. Dez metros na

minha frente, pude ver — tenho certeza de que vi — uma sombra escura se

movendo na tênue claridade do corredor, rápida como a sombra de um cavalo

veloz projetada pela lamparina na noite escura. Mas, num instante, ela desa-

pareceu e me encontrei segurando o corrimão que se estendia ao longo do

corredor, antes de chegar à porta. Meus cabelos estavam em pé, e um

suor frio escorria pelo meu rosto. Não tenho a menor vergonha de afirmar: eu estava terrivelmente apavorado.

"Ainda assim, eu desconfiava dos meus sentidos, e mais uma vez me

recompus. Era um absurdo, pensei. O Welsh-Rarebit³ que tinha comido não me fizera bem. Era um pesadelo. Voltei para o meu camarote e tive que me

esforçar para entrar. O lugar estava impregnado com o cheiro de água do mar

estagnada, como antes, quando eu tinha acordado na véspera. Foi-me preciso

imensa energia para entrar e buscar entre meus pertences uma caixa de velas.

Quando acendi uma lanterna de leitura, que sempre carrego na bagagem no

caso de querer ler quando está escuro, percebi que a escotilha estava

novamente aberta, e uma espécie de pavor arrepiante tomou conta de mim,

como nunca acontecera antes, e tampouco espero voltar a sentir. Avancei em

seguida com a lanterna e comecei a examinar o leito superior, esperando

encontrá-lo encharcado de água do mar.

"Mas fiquei desapontado. A cama havia sido usada, e o cheiro do mar era

forte; entretanto os lençóis estavam totalmente secos. Imaginei que Robert

não tivera coragem de arrumar a cama após o acidente da noite anterior —

fora um pesadelo abominável. Abri as cortinas o máximo que pude e examinei

o local com todo cuidado. Tudo perfeitamente seco. Mas a escotilha estava

aberta outra vez. Com uma espécie de apática perplexidade diante do horror,

fechei-a, aparafusei-a e bati com força usando minha bengala pesada, até o

espesso metal começar a vergar sob a pressão. Em seguida, deixei minha

lanterna de leitura sobre o encosto do sofá e sentei-me para tentar recuperar os sentidos. Fiquei ali sentado a noite toda, incapaz de pensar em descansar —

incapaz de pensar em qualquer coisa. Mas a escotilha permaneceu fechada e

eu não acreditava que ela pudesse ser reaberta sem que fosse empregada uma

força considerável.

"O dia finalmente raiou e me vesti com vagar, repensando no que ocorrera

na última noite. Fazia um belo dia e saí para o convés, me expondo com

prazer aos primeiros e puros raios de sol, e respirando a brisa que soprava das águas azuis, tão diferente do odor fétido e estagnado do meu camarote.

Instintivamente, virei-me para a popa e caminhei na direção da cabine do

médico. Lá estava ele, com um cachimbo na boca, em seu arejamento matinal,

exatamente como no dia precedente.

3 Receita à base de queijo derretido com pedaços de lingüiça, criada no País de Gales. (N.T.)

"— Bom dia — disse ele calmamente, porém me observando com evidente curiosidade.

"— Doutor, você tinha razão de fato — admiti. — Há algo estranho em

relação àquele lugar.

"— Eu achava mesmo que você mudaria de idéia — respondeu com um ar

triunfante. — Teve uma noite ruim, não? Posso lhe preparar um drinque?

Tenho uma receita da melhor qualidade.

"— Não, obrigado — respondi. — Mas gostaria de contar-lhe o que aconteceu.

"Tentei então explicar o mais claramente possível o que de fato havia

ocorrido, sem omitir aquele pavor que eu nunca havia experimentado em toda

a minha vida. Detive-me em particular no fenômeno da escotilha, que era um

detalhe que eu podia comprovar, ainda que todo o resto tivesse sido uma

ilusão. Eu a fechara duas vezes durante a noite, e na segunda vez, chegara a

empenar o trinco de bronze, forçando-o com minha bengala. Acredito ter

insistido um bocado neste pormenor.

"— Você parece pensar que eu duvide da sua história — disse o médico,

sorrindo ao ouvir minha narrativa detalhada sobre o estado da escotilha. —

Não duvido nem um pouco. Permita-me insistir no meu convite.
Traga seus

pertences e pode ficar com a metade de meu camarote.

"— Venha você e fique com a metade do meu por uma noite —
disse eu.

— Ajude-me a chegar ao fundo desse mistério.

"— Você chegará ao fundo de uma outra coisa, se tentar —
respondeu o

médico.

"— Do quê? — perguntei.

"— Ao fundo do mar. Eu vou deixar este navio. É mais prudente. "—
Então não me ajudará a descobrir...

"— Não — respondeu ele imediatamente. — Faz parte do meu
trabalho

conservar meu bom estado mental, não sair por aí descobrindo
mistérios

fantasmagóricos.

"— Acredita mesmo que se trata de um fantasma? — indaguei com
desdém. Todavia, enquanto eu falava, lembrei-me com detalhes da
sensação

horrível ante o sobrenatural que se abateu sobre mim durante a
noite. O

médico voltou a falar com certa rispidez:

"— Você tem uma explicação sensata a oferecer sobre esses eventos? —

perguntou. — Não, você não tem. Muito bem, você diz que encontrará uma

explicação. Eu digo que não, simplesmente porque não existe nenhuma

explicação.

"— Mas, meu caro — retorqui —, você, um homem das ciências, está me dizendo que tais coisas não podem ser explicadas?"

"— Estou — respondeu resolutamente. — E, se pudessem, eu não estaria

interessado na explicação.

"Eu não me importava de passar mais uma noite sozinho no camarote. Eu

estava determinado a alcançar a raiz daquele inquietante enigma. Não acredito

que haja muitos homens que dormiriam ali sozinhos, após passar duas noites

como aquelas. Mas eu estava decidido a tentar, já que não conseguia

encontrar ninguém que partilhasse a vigília comigo. O médico,

evidentemente, não estava inclinado a tal experimento. Alegou que era

médico e, no caso de um acidente qualquer se produzir a bordo, ele deveria

estar sempre de prontidão. Não podia permitir que seus nervos fossem

perturbados. Talvez tivesse razão, mas tendo a achar que sua precaução era

fruto de seu estado de espírito. Indagado, ele informou que não havia ninguém

a bordo capaz de se aliar a mim naquela investigação e, após conversarmos

mais um pouco, eu o deixei. Mais tarde, encontrei o capitão e lhe contei

minha história. Disse-lhe que, se ninguém poderia passar a noite comigo, eu

pediria permissão para que a luz no corredor fosse deixada acesa a noite toda, e tentaria descobrir o mistério sozinho.

"— Veja bem — disse-me ele —, já sei o que vou fazer: passarei eu

mesmo a noite com você e veremos o que acontece. Estou convicto de que

poderemos descobrir isso juntos. Pode haver algum sujeito, escondido a

bordo, querendo roubar o corredor dando sustos nos passageiros. É possível

que, simplesmente, haja algo de estranho na carpintaria daquele leito.

"Sugeri que chamasse o carpinteiro do navio para examinar o local; mas eu estava muito satisfeito com a oferta do capitão de passar a noite no meu

camarote. Como combinado, ele mandou o carpinteiro ir me procurar e fazer

o que eu lhe pedisse. Seguimos para o camarote. Toda a roupa de cama foi

retirada do leito superior e nós examinamos detalhadamente o lugar,

procurando uma tábuia solta ou um revestimento que pudesse ser aberto ou

removido. Verificamos todas as tábuas, abrimos o soalho, desatarraxamos os

encaixes do leito inferior e o desmontamos todo; resumindo, não houve uma

polegada do camarote que não tivesse sido examinada. Tudo se encontrava

em perfeita ordem, e reolocamos tudo no lugar. Quando estávamos

terminando nossa tarefa. Robert apareceu à porta e olhou para dentro.

"— E então, senhor, acharam alguma coisa? — perguntou, com um sorriso horripilante.

"— Você tinha razão em relação à escotilha. Robert — eu disse, entregando-lhe a gratificação prometida.

"O carpinteiro, silencioso, concluiu com destreza seu trabalho, seguindo

minhas orientações. Quando acabou, me disse:

"— Sou um homem simples, senhor. Mas acredito que seria melhor retirar

seus pertences daqui e me deixar trancar com uma dúzia de parafusos de

quatro polegadas a porta desta cabine. Este camarote nunca trouxe nada de

bom, senhor, essa é a verdade. Já foram perdidas quatro vidas aqui, que eu me

lembre, e em quatro viagens. Melhor desistir, senhor, melhor desistir!

"— Tentarei mais uma noite — disse eu.

"— Melhor desistir, senhor, melhor desistir! É uma tentativa inútil — repetiu o carpinteiro, colocando suas ferramentas numa sacola e saindo da cabine.

"Mas meu ânimo tinha melhorado consideravelmente com a perspectiva de

contar com a companhia do capitão, e eu estava decidido a ir até o fim

daquela estranha história. Abstive-me de Welsh-Rarebit e qualquer bebida

alcoólica naquela noite, e nem mesmo participei do costumeiro jogo de

bridge. Queria guardar meu sangue-frio e, por vaidade, estava ansioso para causar uma boa impressão ao capitão."

IV

"O capitão era um desses espécimes extremamente fortes e joviais da

humanidade navegante, cuja combinação de coragem, audácia e placidez

diante das adversidades lhes confere um alto grau de confiança. Não era um

homem que se deixasse levar por histórias infundadas, e o simples fato de

estar disposto a acompanhar-me naquela investigação era prova de que

concordava que havia algo bastante errado, que não podia ser resultado de

incipientes teorias, tampouco desprezado como uma banal superstição. De um

certo modo, também, sua reputação estava em jogo, assim como a reputação

do navio. Perder passageiros que caem no mar durante a viagem é algo

gravíssimo, e ele sabia disso.

"Por volta das dez horas, enquanto eu fumava meu último charuto, ele veio a mim e nos afastamos do grupo de passageiros que ocupava o convés

aproveitando o calor da noite.

"— Esse assunto é sério, Brisbane — disse ele. — Temos que nos preparar para duas possibilidades: ficar decepcionado ou enfrentar uma situação bem

difícil. Entenda que isso não é brincadeira e, o que quer que ocorra, pedirei

que assine seu nome num relatório. Se não acontecer nada hoje à noite,

tentaremos amanhã e na noite seguinte. Você está preparado?

"Descemos então pela escada e entramos no camarote. Antes de entrar,

pude notar Robert, o comissário, que nos observava no corredor, um pouco

adiante, com seu sorriso habitual, como se estivesse certo de que algo

horrendo estava prestes a acontecer. O capitão fechou a porta atrás de nós e a trancou.

"— Poderíamos colocar sua mala contra a porta — sugeri. — Um de nós

pode sentar-se sobre ela. Assim não haverá como alguém fugir do quarto. A

escotilha está fechada?

"Encontrei-a como a havia deixado pela manhã. Aliás, sem usar uma

alavanca, do modo que eu a deixara, ninguém poderia tê-la aberto. Descerrei

as cortinas do leito superior, de maneira que pudesse observar bem seu

interior. Seguindo o conselho do capitão, acendi minha lanterna de leitura e a coloquei sobre os lençóis brancos na cama de cima. Ele insistiu em sentar-se

sobre a mala, queria ser capaz de jurar depois que tinha sentado diante da

porta.

"Em seguida, pediu-me que vasculhasse todo o camarote, operação essa

rapidamente realizada, já que consistia apenas em olhar sob o leito inferior e sob o sofá, abaixo da escotilha. Ambos os locais estavam perfeitamente

vazios.

"— É impossível qualquer ser humano entrar aqui — disse eu — ou abrir a

escotilha.

"— Muito bem — concordou calmamente o capitão. — Se virmos alguma

coisa agora, será fruto de nossa imaginação ou algo sobrenatural. "Sentei na beira do leito inferior.

"— A primeira vez que isso aconteceu — disse o capitão, cruzando as

pernas e encostando-se contra a porta — foi em março. O passageiro que

dormia aqui, no leito superior, soubemos depois tratar-se de um lunático. De

qualquer modo, era tido como um desequilibrado e tinha comprado sua

passagem sem que seus conhecidos soubessem. Ele saiu correndo para fora no

meio da noite e se lançou ao mar, antes que o oficial do turno pudesse intervir.

Paramos o navio e descemos os escaleres; era uma noite calma, pouco antes

de a tempestade nos alcançar;

no entanto não conseguimos encontrá-lo. Evidentemente, seu suicídio foi depois atribuído a sua insanidade.

"— Imagino que isso aconteça com freqüência — comentei, distraidamente.

"— Não. Não com freqüência — disse o capitão. — Nunca acontecera

antes, na minha experiência, embora tenha ouvido falar de casos assim em

outros navios. Pois bem, como eu dizia, isso aconteceu em março. Na viagem

que se seguiu... O que você está olhando? — perguntou ele, interrompendo

bruscamente sua narrativa.

"Acho que não lhe respondi. Meus olhos se viraram para a escotilha.

Pareceu-me que o trinco de bronze estava começando a girar muito lentamente, tão lentamente que não tive certeza de que aquilo estava de fato

acontecendo. Observei atento, fixando na minha mente sua posição e tentando

certificar-me de que havia mexido. Vendo o que eu olhava, o capitão se

concentrou também na mesma direção.

"— Está se mexendo! — exclamou ele, com convicção. — Não, não está

— acrescentou logo em seguida.

"— Se fosse a vibração da rosca — disse eu —, ela teria se aberto durante o dia, mas a encontrei agora há pouco apertada como a deixei hoje de manhã.

"Levantei-me e verifiquei a porca do parafuso. Certamente, estava frouxa, pois com algum esforço pude movê-la com minhas mãos.

"— O que é estranho — disse o capitão — é que o segundo homem que

caiu no mar supostamente passou pela escotilha. Passamos um momento

difícil por causa disso. Aconteceu no meio da noite, e o tempo estava horrível; houve um alarme indicando que uma das escotilhas estava aberta e a água

entrando na cabine. Eu desci e encontrei tudo inundado, a água penetrando a

cada vez que a embarcação oscilava, e a escotilha balançando, presa apenas

aos ferrolhos superiores. Enfim, conseguimos fechá-la, mas a água causou

algum dano. Desde então este lugar exala de vez em quando o cheiro do mar.

Imaginamos que o passageiro tivesse passado pela abertura, embora Deus

saiba como teria conseguido. O comissário sempre me diz que não consegue

manter nada fechado aqui. Palavra de honra, posso senti-lo agora, você não?

— indagou ele, respirando com uma expressão desconfiada.

"— Posso, distintamente — respondi e estremei ao sentir aquele mesmo

odor de água do mar estagnada dentro da cabine. — Mas para ter um cheiro

assim, o lugar deveria estar encharcado — prossegui — e

no entanto, quando o examinei com o carpinteiro hoje de manhã, tudo estava seco. É algo extraordinário... o que houve?

"Minha lanterna de leitura, que fora colocada no leito superior, apagou-se repentinamente. Havia ainda bastante claridade vindo da lâmpada do corredor,

ao lado da porta. O navio balançava muito e a cortina do leito superior

agitava-se dentro do camarote. Ergui-me logo de onde estava sentado, no

bordo da cama, e o capitão, ao mesmo tempo, pôs-se de pé soltando um grito

de surpresa. Eu me levantara na intenção de apanhar a lanterna e examiná-la,

quando ouvi sua exclamação e logo em seguida seu pedido de socorro. Parti

na sua direção. Ele estava lutando com toda sua força para fechar a escotilha.

Apesar de seu empenho, ela parecia virar no sentido contrário. Apanhei minha

bengala, feita de carvalho resistente, que sempre carrego comigo, e tentei

ajudá-lo como podia. Mas a bengala se partiu e eu caí no sofá. Quando

consegui me levantar, a escotilha estava inteiramente aberta, e o capitão

estava em pé, as costas contra a porta, os lábios lívidos.

"— Há alguma coisa naquele leito! — berrou ele com uma voz estranha,

seus olhos esbugalhados. — Cuide da porta, enquanto eu olho. O que quer

que seja, não deixaremos escapar!

"Mas, em vez de tomar seu lugar, pisei sobre a minha cama e agarrei algo

que se encontrava no leito superior.

"Era alguma coisa fantasmagórica, tão horrível que não há palavras para

descrevê-la, e estava se mexendo sob minha mão. Era como o corpo de um

homem há muito afogado, e que ainda assim se movia, e tinha o vigor de dez

homens vivos; mas continuei segurando como podia aquela coisa

escorregadia, lodosa, terrível, os olhos brancos e mortos pareciam me fixar

dentro da penumbra; o odor pútrido de água do mar rançosa o envolvia, e os

cachos úmidos de seus cabelos lustrosos cobriam seu rosto defunto. Lutei com

a coisa morta; ela se lançou contra mim, fazendo-me recuar, e quase quebrou

meu braço; seu braço cadavérico agarrou meu pescoço e o morto-vivo me

subjugou, de tal modo que, por fim, eu berrei bem forte e, soltando-o, caí.

"Deitado no chão, vi a coisa passar por mim e, agora, parecia ter atacado o capitão. Este, na última vez que eu o vi, estava em pé,

o rosto pálido e os

lábios rígidos. Tive a impressão de que ele conseguira acertar um soco

violento na criatura morta e, em seguida, acabara também caindo no chão,

com um grito inarticulado de terror.

"Aquela coisa ficou imóvel por um instante, como se pairasse sobre o corpo prostrado do capitão, e eu poderia ter berrado outra vez de pavor, mas

tinha perdido a voz. A coisa sumiu repentinamente, e pareceu aos meus

sentidos perturbados que ela saíra pela escotilha, embora, considerando a

estreita abertura, aquilo fosse inimaginável. Fiquei um bom tempo estendido

no chão, o capitão deitado ao meu lado. Por fim, consegui recuperar um

pouco os sentidos e me mexi, percebendo de imediato que meu braço estava

quebrado — o osso do meu antebraço esquerdo, perto do pulso.

"De algum modo, consegui me erguer e com minha mão ilesa tentei

levantar o capitão. Ele gemeu e se moveu, finalmente voltando a si. Não

estava ferido, mas parecia de todo aturdido.

"Bem, vocês querem ouvir mais? Não há mais nada. É o fim da minha

história. O carpinteiro executou seu plano e trancou a porta do camarote 105

com tábuas e enormes parafusos; e se um dia vocês viajarem no *Kamtschatka*, podem solicitar um leito naquela cabine. Dirão que ela já está reservada.

Claro, reservada pela criatura morta.

"Concluí minha viagem no camarote do médico. Ele tratou do meu braço

fraturado e me aconselhou a não brincar com fantasmas e essas coisas' nunca

mais. O capitão manteve-se calado e jamais voltou a navegar naquele navio

que, apesar disso, ainda continua em atividade. E eu tampouco voltarei a

embarcar nele. Foi uma experiência desagradável demais e me assustou

muito, algo que detesto. Isso é tudo. Foi assim que eu vi um fantasma — se é

que era um fantasma. De qualquer maneira, estava morto."

Tradução de Mauro Pinheiro

Charles Baudelaire

O poeta maior que é Charles Baudelaire (1821-1867), como tradutor, é

responsável por Edgar Allan Poe até hoje ter mais prestígio na França do

que nos Estados Unidos. E Poe deixou no autor de As flores do mal sua

marca (depois de Hoffmann, que influenciou várias gerações francesas) não

só nos seus versos "malditos" quanto nos Pequenos poemas em prosa, livro em que são freqüentes os diálogos com o Diabo. Caso deste "O jogador

generoso", que vamos ler aqui em nova tradução.

O jogador generoso

ONTEM. NO MEIO DA MULTIDÃO DA AVENIDA, senti-me roçado por um ser misterioso

que sempre desejei conhecer e que imediatamente reconheci, embora

jamais o tivesse visto. Ele, por sua vez, sem dúvida nutria, em relação a

mim, desejo análogo, pois me lançou, ao passar, um piscar de olho

significativo, que me apressei a obedecer. Segui-o atentamente e logo

desci atrás dele até uma morada subterrânea, ofuscante, de onde irrompia

um luxo do qual nenhuma das habitações superiores de Paris poderia

fornecer um exemplo aproximado. Pareceu-me inexplicável que eu tivesse podido passar tantas vezes ao lado daquele fascinante refúgio sem

lhe adivinhar a entrada. Reinava ali uma atmosfera sedutora, embora

inebriante, que fazia esquecer quase de imediato todos os penosos

horrores da vida; respirava-se ali uma beatitude obscura, semelhante

àquela que devem ter experimentado os comedores de lótus quando,

desembarcando numa ilha encantada, iluminada pela claridade de uma

eterna tarde, sentiram neles nascer, aos sons hipnóticos das melodiosas

cascatas, o desejo de jamais rever seus lares, suas mulheres, seus

filhos, e jamais voltarem ao cimo das altas ondas do mar.

Havia ali rostos estranhos de homens e mulheres, marcados por uma

beleza fatal, que me parecia já ter visto em épocas e países dos quais me

era impossível lembrar com clareza e que mais me inspiravam uma simpatia

fraterna do que aquele receio que em geral nasce à visão do desconhecido. Se eu quisesse tentar definir de alguma forma a expressão singular de seus olhares, diria que nunca vira olhos brilharem mais intensamente de horror ao tédio e de desejo imortal de se sentir viver.

Meu anfitrião e eu já éramos, ao nos sentarmos, velhos e perfeitos amigos.

Comemos, bebemos além da conta todo tipo de vinhos extraordinários, e,

coisa não menos extraordinária, parecia-me, depois de várias horas, que eu

não estava mais embriagado do que ele. Entretanto o jogo, esse prazer sobre-

humano, interrompera por diversas vezes nossas freqüentes libações, e devo

dizer que eu havia jogado e perdido minha alma, em partida justa, com

desenvoltura e leviandade heróicas. A alma é uma coisa tão impalpável, tão

freqüentemente inútil e algumas vezes tão constrangedora, que apenas senti,

em relação a tal perda, um pouco menos de emoção do que se tivesse perdido,

num passeio, meu cartão de visitas.

Fumamos por longo tempo alguns charutos cujo sabor e perfume incomparáveis tornavam a alma nostálgica de países e felicidades desco-

nhecidas e, ébrio de todas essas delícias, ousei, num acesso de familiaridade

que não pareceu desagradar-lhe, exclamar, apossando-me de uma taça cheia

até a borda:

— À vossa imortal saúde, Bode velho!

Conversamos também sobre o universo, sua criação e sua futura des-

truição, da grande idéia do século, ou seja, do progresso e do aperfeiçoa-

mento; e, em geral, de todas as formas da vaidade humana. A esse respeito.

Sua Alteza não poupava pilhérias entusiastas e irrefutáveis e exprimia-se com

uma suavidade de dicção e uma tranqüilidade na galhofa que não encontrei

em nenhum dos mais célebres conversadores da humanidade. Explicou-me o

absurdo das diferentes filosofias que haviam até então tomado posse do

cérebro humano e chegou a se dignar me confidenciar alguns princípios

fundamentais cujos benefícios e cuja propriedade não me convém partilhar

com quem quer que seja. De forma alguma queixou-se da má reputação que

goza em todo o mundo, assegurou-me que era, pessoalmente, a criatura mais

interessada na destruição da superstição e confessou-me que só havia temido,

em relação a seu próprio poder, uma única vez, no dia em que ouvira um

pregador, mais sutil do que seus pares, exclamar do púlpito:

— Meus caros irmãos, jamais se esqueçam, quando ouvirem elogios ao

progresso das luzes, que a mais bela astúcia do diabo é persuadi-los de que ele não existe!

A lembrança desse célebre orador conduziu-nos naturalmente para o

assunto das academias, e meu estranho conviva afirmou-me que não

desdenhava, em muitos casos, inspirar a pena, a palavra e a consciência

dos pedagogos e que assistia quase sempre em pessoa, ainda que invisível, a todas as seções acadêmicas.

Encorajado por tantas amabilidades, pedi-lhe notícias de Deus, e se ele o

vira nos últimos tempos. Ele me respondeu, com um desprendimento eivado

de certa tristeza:

— Cumprimentamo-nos quando nos encontramos, mas como dois velhos

cavalheiros, nos quais uma polidez inata não seria capaz de apagar por

completo a lembrança de antigos rancores.

É improvável que Sua Alteza tenha alguma vez concedido tão longa audiência a um simples mortal, e eu receava abusar. Enfim, quando a aurora

tiritante lavava as vidraças, esse célebre personagem, cantado por tantos

poetas e servido por tantos filósofos que trabalham para a sua glória sem se

darem conta, me disse:

— Quero que guarde de mim uma boa lembrança, e quero provar-lhe que

Eu, de quem se fala tão mal, sou às vezes um bom diabo, para me servir de

uma de suas expressões vulgares. A fim de compensar a perda irremediável

que sofreu de sua alma, dou-lhe o lance que teria ganho se a sorte estivesse a seu favor, ou seja, a possibilidade de aliviar e vencer,

por toda a sua vida, essa curiosa afecção do Tédio, que é a fonte de todas as vossas enfermidades e de

todos os vossos miseráveis progressos. Jamais um desejo seu será formulado

sem que eu o ajude a realizá-lo; reinará sobre seus vulgares semelhantes; será cercado de lisonjas e até mesmo de adorações; o dinheiro, o ouro, os

diamantes, os palácios feéricos, virão procurá-lo e implorarão que os aceite,

sem que tenha feito qualquer esforço para ganhá-los; mudará de pátria e

território tantas vezes quantas ditar a sua fantasia, poderá inebriar-se de

volúpias, sem fastio, em países encantadores nos quais faz sempre calor e

onde as mulheres cheiram tão bem quanto as flores, *et cetera, et cetera...* —

acrescentou ele erguendo-se e me despedindo com um belo sorriso.

Não fosse o temor de me humilhar diante de tão grande platéia, eu teria

com gosto caído aos pés daquele jogador generoso, para agradecer sua

inaudita munificência. Mas pouco a pouco, depois que o deixei, a incurável

desconfiança penetrou em meu íntimo; não mais ousava acreditar em tão

prodigiosa felicidade e, ao deitar, fazendo ainda minhas preces por um resto

de hábito obtuso, repeti em minha sonolência:

— Meu Deus! Senhor, meu Deus! Fazei com que o diabo mantenha a

palavra dada!

Tradução de Celina Portocarrero

3

Atravessando o Século XX

Marcel Schwob

Basta dizer que Marcel Schwob (1867-1905) foi um dos mestres de um

mestre incontestável. Sim, será que Jorge Luis Borges teria escrito sua His-tória universal da infâmia sem ter lido Vidas imaginárias ? Este é só um exemplo de uma admiração confessa do bruxo argentino pela obra toda

deste simbolista francês que morreu cedo, depois de se refugiar em sonho,

drogas e erudição. Sua obra ainda aguarda um revival da própria crítica

francesa, pois apenas alguns de seus livros estão hoje reeditados, como

Coeur Doublé e Le livre de Monelle . *(Há uma tradução de Vidas imaginárias editada no Brasil.) Esta antologia só se enriquece em poder*

incluir contos como "A cidade adormecida", aliás até hoje inédito em português.

A cidade adormecida1

A COSTA ERA ALTA E SOMBRIA à luz azul clara da aurora. O Capitão da bandeira

negra ordenou a abordagem. Porque as bússolas se haviam quebrado na

última tempestade, não mais sabíamos qual a nossa rota ou que terra se

estendia à nossa frente. O oceano era tão verde que poderíamos ter acreditado

que ela acabara de brotar em plena água, por encanto. Mas a visão do

penhasco nos perturbava; os que haviam consultado os tarôs durante a noite e

os que estavam tontos com a erva de seu país e os que estavam vestidos de um

jeito diferente embora não houvesse mulheres a bordo e os que estavam

mudos tendo tido a língua cortada e aqueles que, depois de terem atravessado,

acima do abismo, a prancha estreita dos piratas, haviam ficado loucos de

terror, todos os nossos companheiros negros ou amarelos, brancos ou

sanguinolentos, apoiados nos alcatrates, olhavam a terra nova enquanto seus

olhos tremiam.

Sendo de todos os países, de todas as cores, de todas as línguas, não tendo

sequer os gestos em comum, só estavam unidos por uma paixão idêntica e por

assassinatos coletivos. Pois eles tanto haviam afundado embarcações,

avermelhado plainas com o corte sangrento de seus machados,
estripado

paíóis com suas alavancas de manobra, estrangulado

¹ Estas páginas foram encontradas num livro oblongo com capa de madeira, a maioria das folhas estava em branco. Na lamina superior estavam grosseiramente gravados dois fêmures encimados por um crânio e o livro emergia da areia dourada de um deserto até então inexplorado (nota de Marcel Schwob).

em silêncio homens em suas redes, tomado de assalto os galeões com um enorme grito, que se haviam reunido na ação; eram semelhantes a uma

colônia de animais malfeitores e díspares, habitando uma ilhota flutuante;

habitados uns aos outros, sem consciência, comum instinto total guiado

pelos olhos de um só.

Agiam sempre e não mais pensavam. Viviam em sua própria multidão o

dia todo e toda a noite. Seu navio não continha silêncio, mas um prodigioso

ruído contínuo. Sem dúvida o silêncio lhes teria sido funesto. Eles tinham, no mau tempo, a luta da manobra contra as ondas, na calmaria a embriaguez

sonora e as canções dissonantes, e o rugido da batalha quando embarcações os

cruzavam.

O Capitão da bandeira negra sabia de tudo isso e era o único a compreender; ele mesmo só vivia na agitação e seu horror do silêncio era tal

que durante os minutos tranqüilos da noite ele puxava por seu longo manto

seu companheiro de rede, a fim de ouvir o som inarticulado de uma voz

humana.

As constelações do outro hemisfério empalideciam. Um sol incandescente

furou o grande lençol do céu, agora de um azul profundo, e os Companheiros

do Mar, tendo lançado âncora, empurraram os compridos escaleres na direção

de uma enseada esculpida no penhasco.

Ali se abria um corredor rochoso, cujas paredes verticais pareciam se

encontrar no ar, tão altos eram; mas em vez de sentir um frescor subterrâneo,

o Capitão e seus companheiros ressentiam a opressão de um extraordinário

calor, e os riachos de água marinha que se infiltravam na areia secavam tão

depressa que toda a praia crepitava com o solo do corredor.

Aquela galeria de rocha desembocava num campo plano e estéril, acidentado no horizonte. Alguns buquês de plantas cinzentas cresciam na

vertente da falésia, animais minúsculos, marrons, redondos ou compridos,

com delgadas asas tremeluzentes de gaze, ou altas patas articuladas, zumbiam

ao redor das folhas aveludadas ou faziam a terra estremecer em alguns pontos.

A natureza inanimada havia perdido a vida movediça do mar e o crepitar

da areia; o ar do alto-mar fora parado pela barreira dos penhascos; as plantas pareciam fixas como a rocha e os animais marrons, rastejantes ou alados,

mantinham-se numa faixa estreita fora da qual não havia movimento.

Ora, se o Capitão da bandeira negra não tivesse imaginado, apesar da

ignorância da região na qual estavam, que as últimas indicações das bússolas

havam levado o navio ao País Dourado no qual todos os

Companheiros do Mar desejam aterrar, não teria levado adiante a aventura, e o silêncio daquelas terras o teria apavorado.

Mas ele pensou que aquela costa desconhecida era a margem do País

Dourado e disse a seus companheiros palavras emocionadas que lhes puseram

desejos diversos nos corações. Caminhamos de cabeça baixa, sofrendo com a

calmaria; pois os horrores da vida passada, tumultuados, elevavam-se em nós.

Na extremidade da planície, encontramos uma muralha de areia de ouro

faiscante. Um grito se elevou dos lábios já secos dos Companheiros do Mar;

um grito brusco e que morreu de repente, como se abafado no ar, porque,

naquele lugar onde o silêncio parecia aumentar, não mais havia eco.

Pensando o Capitão que aquela terra aurífera era mais rica depois dos

montes de areia, os Companheiros subiram com dificuldade; o chão fugia sob

nossos passos.

E do outro lado tivemos uma estranha surpresa, pois a muralha de areia era

o contraforte dos muros de uma cidade, na qual gigantescas escadarias

desciam do caminho de guarda.

Nenhum ruído vital se erguia do coração daquela cidade imensa.
Nossos

passos ressoavam enquanto passávamos sobre as lajes de
mármore e o som

extinguiu. A cidade não estava morta, pois as ruas estavam cheias
de carroças, de homens e de animais: padeiros pálidos, carregando
pães redondos,

açougueiros sustentando sobre suas cabeças peitos vermelhos de
bois,

ladrilheiros curvados sobre carrinhos baixos sobre os quais se
entrecruzavam

as fileiras de azulejos cintilantes, vendedoras de peixes com seus
cestos,

pregoeiras de charque, mangas arregaçadas, com chapéus de palha

encarapitados no alto da cabeça, carregadores escravos ajoelhados
sob liteiras drapeadas de tecidos com flores de metal, corredores
parados; mulheres de

véus afastando ainda com o dedo a prega que lhes cobria os olhos,
cavalos

empinados ou puxando, exaustos, numa parelha de pesadas
correntes, cães de

focinho erguido ou dentes arreganhados. Ora, todas essas figuras
estavam

imóveis, como na galeria de um escultor que molda estátuas de
cera; seu

movimento era o gesto intenso da vida bruscamente suspensa; só se

distinguiam dos vivos por essa imobilidade e por sua cor.

Pois aqueles que haviam tido a face colorida se haviam tornado

completamente vermelhos, a carne injetada; e aqueles que haviam sido

pálidos se haviam tornado lívidos, tendo o sangue fugido para o coração; e

aqueles cujo rosto fora outrora escuro apresentavam agora um semblante fixo

de ébano; e aqueles que haviam tido a pele tisonada de sol se

havam repentinamente amarelado e suas faces eram cor de limão; de modo que entre os homens vermelhos, brancos, negros e amarelos, os Companheiros

do Mar passavam como seres vivos e ativos em meio a uma reunião de gente

morta.

A terrível calma daquela cidade nos fazia apressar o passo • agitar os

braços, gritar palavras confusas, rir, chorar, sacudir a cabeça como alienados; pensávamos que um daqueles homens que haviam sido de carne talvez nos

respondesse; pensávamos que aquela agitação fictícia interromperia nossas

reflexões sinistras, pensávamos nos livrar da maldição do silêncio.
Mas as

grandes portas abandonadas bocejavam em nosso caminho; as
janelas eram

como olhos fechados, as torrinhas das vigias nos telhados
alongavam-se

indolentes em direção ao céu. O ar parecia ter um peso de coisa
corpórea; os

pássaros, planando sobre as ruas, na beira dos muros, entre as
pilastras, num passeio imóvel e suspenso, pareciam animais
multicores aprisionados num

bloco de cristal.

E a sonolência daquela cidade adormecida nos pôs nos membros
uma

profunda lassidão. O horror do silêncio nos envolveu. Nós que
buscávamos na

vida ativa o esquecimento de nossos crimes, nós que bebíamos a
água do

Lates, tingida pelos peixes narcóticos e pelo sangue, nós que
empurrávamos

de onda em onda sobre o mar rumoroso uma existência sempre
nova, nós em

poucos instantes fomos dominados por laços invisíveis.

Ora, o silêncio que de nós se apoderou tornou delirantes os
Companheiros

do Mar. E, dentre as pessoas de quatro cores que nos olhavam fixamente,

imóveis, escolheram em sua fuga apavorada, cada um, a lembrança de sua

pátria distante; os da Ásia abraçaram os homens amarelos e ganharam sua cor

açafroada de cera impura; e os da África seguraram os homens negros e

ficaram escuros como o ébano; e os do país situado além da Atlântida

estreitaram os homens vermelhos e se tornaram estátuas de acaju; e os das

terras da Europa lançaram os braços ao redor dos homens brancos e seu rosto

tomou a cor da cera virgem.

Mas eu, o Capitão da bandeira negra, que não tenho pátria, nem lembranças que me possam tornar vítima do silêncio enquanto meu

pensamento está de vigia, eu me atirei aterrorizado para longe dos

Companheiros do Mar, para fora da cidade adormecida; e, apesar do sono e da

terrível lassidão que me ganha, vou tentar reencontrar, pelas modulações da

areia dourada, o oceano verde que eternamente se agita e sacode sua espuma.

Tradução de Celina Portocarrero

Guillaume Apollinaire

Guillaume (na realidade Wilhelm) Apollinaire (Apollinaris de Kostrowitski), francês nascido em Roma (1880-1918), praticamente liderou a poesia simbolista francesa para novos caminhos que levariam ao surrealismo. Autor de Alcools (1913) e Calligrammes (1918), seus livros mais marcantes. Amigo de Picasso e Cocteau, foi crítico de arte, o que não o impediu de escrever livros eróticos. E contos, alguns marcantes como "O marujo de Amsterdã", e este surrealista avant la lettre que vamos ler.

O desaparecimento de Honoré Subrac

APESAR DAS MAIS MINUCIOSAS BUSCAS, a polícia não conseguiu elucidar o

mistério do desaparecimento de Honoré Subrac.

Ele era meu amigo e, como eu conhecia a verdade a respeito de seu caso,

considerarei meu dever colocar a justiça a par do que se passara. O juiz que

recolheu minhas declarações assumiu para comigo, depois de ouvir meu

relato, um tom de polidez tão assustado que não tive qualquer dificuldade para entender que me tomava por louco. Disse-lhe isso. Ele se tornou ainda mais

polido e então, levantando-se, empurrou-me em direção à porta e vi seu

escrivão, de pé, punhos cerrados, prestes a pular sobre mim se eu bancasse o

alucinado.

Não insisti. O caso de Honoré Subrac é, de fato, tão estranho que a verdade parece inacreditável. Soube-se pelas notícias dos jornais que Subrac

passava por ser original. Fosse inverno ou verão, ele vestia apenas um casacão e nos pés só usava chinelos. Era muito rico e, como sua maneira de vestir me

surpreendesse, perguntei-lhe um dia a razão:

— É para me despir mais depressa, em caso de necessidade — respondeu

ele. — Com o tempo, a gente se acostuma a sair com pouca roupa. Passa-se

muito bem sem roupas de baixo, meias e chapéu. Vivo assim desde os vinte e

cinco anos de idade e nunca fiquei doente.

Tais palavras, em vez de me esclarecerem, aguçaram minha curiosidade.

"Mas afinal", pensei, "por que Honoré Subrac precisa se despir tão depressa?"

E eu fazia um sem-número de suposições...

Numa noite em que voltava para casa — poderia ser uma hora, 1h15 —

ouvi meu nome pronunciado em voz baixa. Pareceu-me vir da muralha perto

da qual passava. Parei, desagradavelmente surpreso.

— Não há mais ninguém na rua? — recomeçou a voz. — Sou eu. Honoré

Subrac.

— Mas onde você está? — exclamei, olhando para todos os lados sem

conseguir fazer idéia do lugar onde meu amigo poderia estar escondido.

Descobri apenas o famoso casacão estendido na calçada, ao lado de seus

não menos famosos chinelos.

"Eis um caso", pensei, "no qual a necessidade forçou Honoré Subrac a se despir num piscar de olhos. Vou finalmente conhecer um belo mistério." E

disse em voz alta:

— A rua está deserta, meu amigo, pode aparecer!

De repente. Honoré Subrac de alguma maneira se despreendeu da muralha

contra a qual eu não o avistara. Estava completamente nu e, antes de tudo,

apanhou seu casacão que vestiu e abotoou o mais depressa que pôde. Calçou-

se a seguir e, em tom decidido, falou comigo acompanhando-me até minha

porta:

— Você ficou surpreso! — disse ele. — Mas entende agora a razão pela

qual me visto de modo tão estranho. Entretanto, não compreendeu como

consegui escapar tão completamente de seu olhar. É muito simples. Só deve

ver nisso um fenômeno de mimetismo... A natureza é uma boa mãe. Ela

concedeu aos filhos que são ameaçados pelos perigos e que são fracos demais

para se defenderem o dom de se confundir com o que os cerca... Mas você

conhece tudo isso. Sabe que as borboletas se parecem com as flores, que

alguns insetos se assemelham a folhas, que o camaleão pode assumir a cor

que melhor o dissimula, que a lebre polar se tornou branca como as regiões

glaciais por onde, tão covarde quanto a de nossas campinas, foge quase

invisível.

"É assim que esses frágeis animais escapam de seus inimigos por uma

engenhosidade instintiva que modifica seu aspecto.

"E eu, a quem um inimigo persegue sem trégua, eu, que sou medroso e me

sinto incapaz de me defender numa luta, sou como esses animais: confundo-

me, à vontade e por terror, com o meio ambiente.

"Exerci pela primeira vez essa faculdade instintiva há um certo número de anos. Eu tinha 25 anos e, em geral, as mulheres me achavam

agradável e bem-apegoado. Uma delas, que era casada, testemunhou-me tanta amizade que não pude resistir. Ligação fatal!... Uma noite, estava eu na casa da minha amante. Seu marido, por assim dizer, havia partido por vários

dias. Estávamos nus como divindades quando de repente se abriu a porta e o

marido surgiu, revólver na mão. Meu pavor foi indescritível e só quis uma

coisa, covarde que era e que sou ainda: desaparecer. Encostando-me à parede,

desejei me confundir com ela. E o acontecimento imprevisto realizou-se de

imediatamente. Fiquei da cor do papel pintado e, meus membros se achatando num

estiramento voluntário e inconcebível, pareceu-me que eu aderira à parede e

que ninguém mais me via. Era verdade. O marido me procurava para me

matar. Ele havia me visto e era impossível que eu tivesse fugido. Ficou

enlouquecido e, voltando sua raiva contra a mulher, matou-a com selvageria

com seis tiros de revólver na cabeça. Então se foi, chorando

desesperadamente. Depois de sua partida, por instinto, meu corpo retomou sua

forma normal e sua cor natural. Vesti-me e consegui sair dali antes que

chegasse alguém... Conservei desde então essa feliz faculdade, que tem a ver

com o mimetismo. O marido, não me tendo matado, dedicou sua existência ao

cumprimento dessa tarefa. Persegue-me há muito tempo pelo mundo todo e eu

acreditava ter-lhe escapado vindo viver em Paris. Mas vi esse homem, alguns

instantes antes que você passasse. O terror me fazia bater os dentes. Só tive

tempo para me despir e me confundir com a muralha. Ele passou perto de

mim, olhando com curiosidade para aquele casacão e aqueles chinelos

abandonados na calçada. Você percebe como tenho razão de me vestir

sumariamente. Minha faculdade mimética não se poderia manifestar se eu

estivesse vestido como todos os outros. Eu não conseguiria me despir

depressa o bastante para escapar de meu carrasco e é preciso, antes de tudo,

que eu esteja nu, para que minhas roupas, achatadas contra a muralha, não

tornem inútil meu desaparecimento defensivo."

Cumprimentei Subrac por uma faculdade da qual eu tinha provas e que

invejava...

Nos dias que se seguiram, eu só pensava naquilo e me surpreendia, por

qualquer motivo, concentrando minha vontade com o objetivo de modificar

minha forma e minha cor. Tentei me transformar em ônibus, em torre Eiffel,

em acadêmico, em ganhador da loteria. Meus esforços foram em vão. Aquilo

não era para mim. Minha vontade não tinha força

suficiente e além disso me faltava aquele bendito terror, aquele formidável perigo que despertara os instintos de Honoré Subrac...

Eu não o via já há algum tempo quando ele um dia apareceu, descon-

trolado:

— Aquele homem, meu inimigo — disse ele —, me espreita por toda

parte. Consegui escapar três vezes, exercendo minha faculdade, mas estou

com medo, estou com medo, meu amigo.

Vi que havia emagrecido, mas evitei dizer-lhe.

— Só lhe resta uma coisa a fazer — declarei. — Para escapar de um inimigo tão implacável: vá embora! Esconda-se numa aldeia. Deixe-me cuidar

de seus negócios e vá para a estação de trem mais próxima.

Ele me apertou a mão, dizendo:

— Venha comigo, eu lhe suplico. Estou com medo!

Na rua, caminhamos em silêncio. Honoré Subrac virava constantemente a

cabeça, com ar inquieto. De repente, deu um grito e começou a fugir livrando-

se de seu casacão e de seus chinelos. E vi que um homem vinha atrás de nós,

correndo. Tentei pará-lo. Mas ele me escapou. Tinha um revólver que

apontava na direção de Honoré Subrac. Este acabava de alcançar um

comprido muro de quartel e desapareceu como por encanto.

O homem do revólver parou estupefato, lançando uma exclamação de

raiva e, como para se vingar do muro que parecia lhe ter roubado a vítima,

descarregou seu revólver no local em que Honoré Subrac havia desaparecido.

Depois se foi, correndo...

Juntou gente, a polícia veio dispersar. Chamei então meu amigo. Mas ele

não me respondeu.

Tateei a muralha, *ela ainda estava morna* e percebi que, das seis balas do revólver, três haviam atingido a altura *do coração de um homem*, enquanto as outras haviam arranhado o gesso, mais alto, lá onde me pareceu distinguir,

vagamente, o contorno de um rosto.

Tradução de Celina Portocarrero

Saki

Com um personagem chamado Clovis, o inglês H. Munro (1870-1916) foi um

dos mais populares contistas da Inglaterra. Sob o pseudônimo de Saki,

publicava seus contos nos jornais. Em livro, sua obra completa, editada no seu país, e ainda esparsa pelo mundo afora, reúne centenas de pequenas

histórias. Era uma espécie de cronista da era vitoriana. Seus contos fantásticos são raros, como este que une o poder maléfico à infância (como Henry James desenvolveria à perfeição em A volta do parafuso).

Sredni Vashtar

I

QUANDO CONRADIN TINHA DEZ ANOS, um médico deu sua opinião profissional

dizendo que o menino não chegaria aos 15. O médico era incompetente e de

pouca reputação e seu parecer não contava muito, porém, foi endossado pela

sra. De Ropp, cujas opiniões pesavam em quase todos os assuntos. A sra. De

Ropp era prima e guardiã de Conradin e, aos olhos dele, ela representava

aqueles três quintos do mundo que são necessários, desagradáveis e reais; os

outros dois quintos, em perpétuo antagonismo com os precedentes, resumiam-

se nele mesmo e na sua imaginação. Naquela época. Conradin pensou que

sucumbiria sob a suprema pressão das coisas necessárias e fastidiosas — tais

como as doenças, as restrições de afeto e os longos momentos de enfado. Sem

sua imaginação, que era exuberante sob a espora da solidão, ele teria há muito sucumbido.

A sra. De Ropp nunca confessaria a si mesma, mesmo em seus momentos

de maior honestidade, que não gostava de Conradin, embora estivesse

vagamente consciente de que contrariá-lo "para seu próprio bem" era um dever que não considerava de forma alguma maçante. Conradin a odiava com

uma desesperada sinceridade que conseguia disfarçar com perfeição. Desta

forma, os pequenos prazeres que podia inventar para si próprio ganhavam um

sabor mais intenso com a probabilidade de estarem desagradando sua guardiã,

e do reino de sua imaginação ela era excluída — como uma coisa impura, que

deveria ficar de fora.

No monótono e sombrio jardim, sob a mira de tantas janelas que poderiam abrir a qualquer momento com uma mensagem para não fazer isso ou aquilo,

ou uma advertência sobre a hora de tomar os remédios, ele encontrava pouca

distração. As escassas árvores frutíferas que ali existiam estavam plantadas

longe de seu alcance, parecendo espécimes raras florescendo no deserto; seria

difícil encontrar um jardineiro profissional que oferecesse dez xelins pela

produção anual daquele pomar. Num canto esquecido, contudo, quase oculto

atrás de um triste matagal, havia um barracão de ferramentas fora de uso que

tinha proporções respeitáveis, e entre suas paredes Conradin encontrou um

refúgio, um lugar que assumia vários aspectos, desde um quarto de

brinquedos até uma catedral. Ele povoou o local com uma legião de fantasmas

familiares, evocados a partir de fragmentos de histórias e de seu próprio cérebro, mas ali também se encontravam dois habitantes de carne e osso. Num

canto vivia uma galinha de plumagem longa e eriçada da raça Houdan, a qual

o menino dedicava uma afeição que de outro modo não conseguia exprimir.

Ao fundo, na parte mais sombria do barracão, numa enorme caixa, dividida

em dois compartimentos, um dos quais fechado com estreitas barras de ferro,

morava uma grande doninha, que um simpático ajudante de açougueiro certa

vez trouxera às escondidas, já encarcerada em troca de um punhado de

moedas de prata por muito tempo guardadas em sigilo. Conradin sentia um

medo terrível do animal ágil e de dentes afiados, porém, ele era seu bem mais

valioso. Sua presença no barracão gerava uma alegria secreta e temerosa, a ser mantida a todo custo fora do conhecimento da Mulher, como ele

confidencialmente batizara sua prima. E um dia, sabem os céus a razão,

inventou para o bicho um nome maravilhoso, e a partir daquele momento,

nasceu um deus e um credo. A Mulher também se dedicava à religião uma vez

por semana, numa igreja próxima, e levava Conradin com ela; mas para ele a

missa na igreja era um rito estranho na casa de Rimon¹. Todas as quintas-feiras, no opaco e bolorento silêncio do barracão, ele realizava uma cerimônia mística e elaborada diante da caixa de madeira, onde habitava Sredni Vashtar,

a grande doninha. Flores vermelhas, quando era a época, e frutos silvestres

escarlates no inverno eram oferecidos ao seu santuário, pois se tratava de um

deus que dava especial ênfase ao aspecto imediato das coisas, ao contrário da

religião da Mulher, que, até onde

1 Entidade pagã citada no Antigo Testamento (N.T.)

Conradin podia observar, seguia muito além na direção oposta. E nos importantes festejos, nozes-moscadas eram espalhadas em frente da caixa,

sendo que um detalhe imprescindível da oferta determinava que as nozes-

mascadas fossem roubadas. Esses festejos ocorriam com irregularidade, e

eram principalmente designados para celebrar algum evento passageiro. Certa

ocasião, quando a sra. De Ropp foi acometida de uma aguda dor de dente

durante três dias. Conradin manteve os festejos durante todo esse tempo, e

quase conseguiu convencer a si mesmo que Sredni Vashtar havia sido

responsável pela dor de dente da prima. Tivesse a dor durado mais um dia, o

suprimento de nozes-moscadas teria acabado.

II

A galinha Houdan nunca tomava parte no culto a Sredni Vashtar. Conradin

há muito tempo decidira que ela era uma anabatista. Ele não tinha a mais

remota idéia do que era um anabatista, mas, em segredo, esperava que fosse

algo de provocador e não muito respeitável. A sra. De Ropp era a fonte

essencial da qual extraía sua aversão a toda respeitabilidade.

Passado algum tempo, a dedicação de Conradin ao barracão começou a

chamar a atenção de sua guardiã. "Não é bom para ele ficar zanzando dentro daquele lugar o tempo todo", ela resolveu de repente e, certa manhã, ao

tomarem café, ela avisou-lhe que a galinha Houdan tinha sido vendida e

levada embora durante a noite. Com sua visão míope, ela encarou Conradin,

esperando uma erupção de raiva e contrição, que seria rebatida prontamente

com uma torrente de preceitos e reflexões valorosos_ Mas Conradin nada

disse: nada havia a ser dito. Talvez algo em sua feição pálida tivesse causado nela certa apreensão, pois na hora do chá havia torradas sobre a mesa, uma

cortesias em geral banidas, com o argumento de que era ruim para ele; e

também porque a preparação "dava trabalho", um inconveniente mortal aos seus olhos de mulher de classe média.

— Pensei que você gostasse de torradas — exclamou ela, com uma expressão ofendida, vendo que ele sequer tocara nelas.

— Às vezes — disse Conradin.

Dentro do barracão, naquela noite, houve uma inovação no culto ao seu

deus cativo. Conradin tinha o hábito de entoar suas preces, mas daquela vez

pediu uma dádiva.

— Faça uma coisa por mim. Sredni Vashtar.

Mas não especificou o quê. Como Sredni Vashtar era um deus, supôs que

ele deveria saber. E reprimindo um soluço, ao olhar para o outro canto vazio.

Conracin voltou para o mundo que tanto odiava.

E todas as noites, na bem-vinda escuridão do seu quarto, e todos os fins de

tarde, na penumbra do barracão. Conradin entoava sua amarga litania: "Faça uma coisa por mim. Sredni Vashtar."

A sra. De Ropp notou que as visitas ao barracão não haviam cessado, e um

dia ela fez outra visita de inspeção.

— O que você guarda trancado dentro daquela caixa? — perguntou.
—

Acho que são porquinhos-da-índia. Vou ter de retirá-los dali.

Conradin não disse nada, mas a Mulher vasculhou seu quarto até encontrar

a bem escondida chave e, sem demora, seguiu em direção ao barracão para

concluir sua descoberta. A tarde estava fria, e Conradin fora obrigado a ficar dentro de casa. Da janela na extremidade da sala de jantar, podia-se ver a

porta do barracão, logo atrás do matagal, e foi ali que Conradin se posicionou.

Viu a Mulher entrar e imaginou-a abrindo a tampa da caixa sagrada e

observando com seus olhos míopes o leito de palha espessa onde, escondido,

repousava seu deus. Talvez remexesse a palha num gesto de pura impaciência.

E Conradin sussurrou febrilmente sua prece pela última vez. Mas percebeu,

enquanto rezava, que ele não acreditava. Sabia que aquela Mulher sairia do

barracão a qualquer instante, com aquele sorriso atravessado que ele tanto

detestava na cara e, em uma hora ou duas, o jardineiro levaria embora seu

deus maravilhoso, agora não mais um deus, mas uma simples doninha

marrom dentro de uma gaiola. E ele sabia que a Mulher triunfaria sempre,

como acabara de triunfar naquele momento, e sabia que sua vida continuaria

sendo cada vez mais doentia sob a tirania, a opressão e a superior sabedoria

dela, até o dia em que nada mais importasse para ele e o médico visse

cumprido seu prognóstico. E no tormento e desgraça de sua derrota, ele

começou a cantar em voz alta o hino de seu ídolo ameaçado.

III

Sredni Vashtar seguiu em frente

Seu espírito tingido por rubros pensamentos e seus dentes bem brancos.

Seus inimigos pediam paz, mas ele deu-lhes a morte.

O belo Sredni Vashtar.

E então, bruscamente, ele parou de cantar e se aproximou mais da janela.

A porta do barracão ainda estava entreaberta e os minutos passavam. Eram

longos minutos, mas ainda assim passavam. Conradin observou os pássaros

correrem e revoarem em pequenos bandos sobre o gramado; contou-os várias

vezes, um olho sempre na porta oscilante do barracão. Uma criada de

expressão rabugenta veio preparar a mesa para o chá, e Conradin continuou

em pé, esperando e observando. A esperança cresceu um pouco no seu

coração, e então uma expressão de triunfo incendiou seus olhos, que só

conheciam a resignação melancólica da derrota. Em seguida, sussurrando, ele

começou outra vez seu hino de vitória e destruição. Logo depois, seus olhos

foram recompensados: pela passagem da porta entreaberta, saiu um animal

comprido e rasteiro de pelagem castanha, com os olhos piscando por causa da

claridade do dia, manchas escuras e úmidas em torno dos pêlos que envolviam

suas mandíbulas e seu pescoço. Conradin caiu de joelhos. A poderosa doninha

correu na direção de um pequeno riacho no final do jardim, bebeu um pouco

d'água e, em seguida, atravessou uma ponte de madeira e sumiu dentro do

mato. Assim foi a partida de Sredni Vashtar.

— O chá está pronto — disse a criada rabugenta. — Onde está a patroa?

— Ela desceu até o barracão já faz algum tempo — respondeu Conradin.

Quando a criada se afastou para avisar sua patroa que o chá estava pronto.

Conradin apanhou um garfo na gaveta da mesa e começou a tostar um pedaço

de pão. E, enquanto assava o pão e o lambuzava de manteiga com vontade,

antes de saboreá-lo. Conradin ouviu os ruídos e silêncios que lhe chegavam

em curtos espasmos lá de fora. O berro agudo e assustado da criada, a

resposta em coro de exclamações de espanto vinda da cozinha, os passos

apressados e os chamados urgentes em busca de ajuda exterior e então, após

um instante de calma, os soluços intensos e o arrastar dos pés daqueles que transportavam um enorme fardo para dentro de casa.

— Quem vai contar para o menino? Eu não seria capaz, juro! — exclamou

uma voz estridente. E enquanto eles debatiam o assunto. Conradin começou a

preparar mais uma torrada.

Tradução de Mauro Pinheiro

Horacio Quiroga

Uma obra-prima de técnica narrativa, o conto em questão é notável por sua

simplicidade e pela fantástica" realização desta mesma técnica. É a história de quatro cachorros e de um homem, o dono deles. Sobre o homem pouco

ficamos sabendo. A história é narrada do ponto de vista dos cães. Que, aliás, sabem que ele vai morrer: "soube, pela experiência de seus companheiros, que quando uma coisa vai morrer, à coisa' aparece antes". Sem usar os estereótipos explícitos da literatura

fantástica, o olhar inusitado e inesperado do gênero confunde-se aqui com o olhar (isto é, o ponto de vista) dos cães.

Horacio Quiroga (1878-1937) começou sob forte influencia de Poe, mas "A insolação" mostra a força de sua própria originalidade.

A insolação

O CACHORRO OLD SAIU PELA PORTA e atravessou o pátio com passo firme e

preguiçoso. Deteve-se no limite do pasto, tomou o rumo do monte, entrecerrando os olhos, o focinho inquieto, e se sentou tranqüilo. Via a

monótona planura do Chaco, com suas alternâncias de campo e monte, monte

e campo, sem mais cor do que o bege do pasto e o negro do monte. Este

fechava o horizonte, a duzentos metros, por três lados da chácara. Em direção

ao oeste, o campo se alargava e se estendia num vale, que entretanto a

iniludível linha sombria marcava ao longe.

Naquela hora em que ainda era cedo, a distância, ofuscante de luz ao meio-

dia, adquiria repousada nitidez. Não havia uma nuvem ou um sopro de vento.

Sob a calma do céu prateado o campo emanava tônica frescura que trazia à

alma pensativa, ante a certeza de outro dia de seca, melancolias de um

trabalho mais bem recompensado.

Milk, o pai do cachorro, cruzou por sua vez o pátio e se sentou ao lado

dele, com um preguiçoso gemido de bem-estar. Ambos permaneciam imóveis,

pois ainda não havia moscas.

Old, que olhava fazia tempo a encosta do morro, observou:

— A manhã está fresca.

Milk acompanhou o olhar do cachorro e se imobilizou com a vista fixa,

piscando distraído. Depois de um tempo disse:

— Naquela árvore há dois falcões.

Desviaram a vista indiferente para um boi que passava e continuaram

olhando as coisas por hábito.

Entretanto, o oriente começava a adquirir um tom púrpura e o horizonte tinha já perdido sua precisão matinal. Milk cruzou as patas dianteiras e, ao

fazê-lo, sentiu uma leve dor. Olhou seus dedos sem mover-se, decidindo-se

por fim a cheirá-los. No dia anterior havia arrancado uma farpa e, à recordação do que havia sofrido, lambeu longamente o dedo enfermo.

— Não conseguia caminhar — exclamou em conclusão.

Old não compreendeu a que se referia e Milk acrescentou:

— Há muitas farpas.

Desta vez o cachorro compreendeu. E retrucou por sua vez, depois de um

bom tempo:

— Há muitas farpas.

Um e outro calaram de novo, convencidos.

O sol saiu e, ao primeiro banho de sua luz, os pavões do monte lançaram

ao ar puro o tumultuoso alarido de sua cantoria. Os cães, dourados ao sol

oblíquo, semicerraram os olhos, dulcificando sua moleza com beatífico

pestanejar. Pouco a pouco a dupla foi aumentando com a chegada dos outros

companheiros: Dick, o taciturno preferido; Prince, cujo lábio superior,

rasgado por um quati, deixava ver os dentes; e Isondú, de nome indígena. Os

cinco *fox terriers*, estendidos e inebriados de bem-estar, dormiram.

Ao cabo de uma hora ergueram a cabeça; do lado oposto do bizarro rancho

de dois andares — o inferior de barro e o superior de madeira, com corredores

e varanda de chalé —, haviam sentido os passos de seu dono, que vinha

descendo a escada. Mister Jones, toalha ao ombro, deteve-se um momento no

canto do rancho e olhou o sol, já alto. Tinha ainda o olhar baço e o lábio

pendente depois de seu solitário serão de uísque, mais prolongado do que os

habituais.

Enquanto se lavava, os cachorros se aproximaram e lhe cheiraram as botas,

abanando o rabo com preguiça. Como as feras amestradas, os cães conhecem

o menor indício de bebedeira de seu dono. Afastaram-se com lentidão, para se

estirar outra vez ao sol. Porém o calor crescente logo os fez abandonar a

claridade pela sombra dos corredores.

O dia avançava igual aos precedentes de todo esse mês: seco , límpido,

com 14 horas de sol calcinante que parecia conservar o céu em fusão e que

num instante gretava a terra esfaqueada em crostas esbranquiçadas. *Mister*

Jones foi à chácara, contemplou o trabalho do dia anterior e retornou ao

rancho. Em toda essa manhã, nada fez. Almoçou e subiu para dormir a sesta.

Os peões voltaram às duas para a capina, não obstante a hora de fogo, pois as ervas não abandonavam o algodoal. Atrás deles foram os cachorros, muito

amigos do cultivo desde o inverno passado, quando aprenderam a disputar

com os falcões os vermes brancos que o arado levantava. Cada cachorro se

jogou sob um pé de algodão, acompanhando com seu arquejo os golpes

surdos da enxada.

Entretanto o calor crescia. Na paisagem silenciosa e cegante de sol, o ar

vibrava de todos os lados, maltratando a vista. A terra removida exalava bafo

de forno, que os peões suportavam sobre a cabeça, envolta até as orelha; no

lenço flutuante, com o mutismo de seus trabalhos de chácara. Os cachorros

trocavam a todo momento de planta, à procura de sombra mais fresca.

Estendiam-se de comprido, mas a fadiga os obrigava a sentarem-se nas patas

traseiras, para respirar melhor.

Reverberava agora a sua frente um pequeno descampado de argila que nem

se tentara arar. Ali, o cachorro viu de imediato *Mister Jones*, sentado sobre um tronco, fitando-o fixamente. Old se pôs de pé abanando o rabo. Os outros

também se levantaram, mas eriçados.

— É o patrão — disse o cachorro, surpreendido pela atitude dos demais.

— Não, não é — replicou Dick.

Os quatro cães estavam reunidos, grunhindo surdamente, sem tirar os

olhos de *Mister Jones*, que continuava imóvel, olhando-os. O cachorro, incrédulo, começou a avançar, mas Prince lhe mostrou os dentes:

— Não é ele, é a Morte.

O cachorro se eriçou de medo e retrocedeu para o grupo.

— O patrão está morto? — perguntou ansioso. Os outros, sem responder,

puseram-se a ladrar com fúria, sempre em atitude temerosa. Mas já *Mister*

Jones se desvanecia no ar ondulante.

Ao ouvir os latidos, os peões haviam erguido os olhos, sem nada divisar.

Viraram a cabeça para ver se algum cavalo havia entrado na chácara e outra

vez se curvaram.

Os *fox terriers* voltaram a passo rápido para o rancho. O cachorro, ainda eriçado, adiantava-se e retrocedia em curtos trotes nervosos e soube, pela

experiência de seus companheiros, que quando uma coisa vai morrer, a morte

aparece antes.

— E como sabem que esse que vimos não era o patrão vivo? —

perguntou.

— Porque não era ele — responderam-lhe displicentes.

Logo viria a Morte, e com ela a troca de dono, as misérias, os pontapés!

Passaram o resto da tarde ao lado de seu patrão, sombrios e alertas. Ao menor

ruído grunhiam, sem saber em direção a quê.

Por fim, o sol sumiu por trás do negro palmeiral do arroio e, na calma da

noite prateada, os cachorros se puseram em redor do rancho, em cujo andar

superior *Mister Jones* recomeçava sua vigília de Uísque. À meia-noite ouviram seus passos, em seguida, as botas caindo rio piso de tábuas; e a luz se apagou. Os cães então sentiram mais a próxima troca de dono e, sozinhos ao

pé da casa adormecida, começaram a chorar. Choravam em coro, soltando

soluços convulsivos e secos, como que mastigados, num uivo de desolação,

que a voz caçadora de Prince sustentava, enquanto os outros tornavam a

soluçar. O cachorro só podia ladrar. A noite avançava e os quatros cães mais

velhos, agrupados à luz da lua, o focinho estendido e intumescido de lamentos

— bem alimentados e acariciados pelo dono que iam perder —, continuaram

chorando alto sua miséria doméstica.

Na manhã seguinte *Mister Jones* foi pessoalmente buscar as mulas,

atrelou-as à capinadeira, e trabalhou até as nove. No entanto, não estava

satisfeito. Além de a terra nunca ter sido bem rastreada, as lâminas não tinham fio e, com o passo rápido das mulas, a capinadeira saltava. Levou-a de volta e afiou as relhas; mas um parafuso, em que já havia notado uma falha ao

comprar a máquina, se quebrou quando ele a montava. Mandou um peão à

oficina próxima, recomendando-lhe cuidado com o cavalo, um bom animal,

porém feroso. Levantou a cabeça para o sol de derreter do meio-dia e insistiu

para que não galopasse em nenhum momento. Almoçou em seguida e subiu.

Os cães, que durante a manhã não haviam se afastado de seu patrão um

segundo sequer, deixaram-se ficar pelos corredores.

A sesta pesava, agoniada de luz e silêncio. Todo o entorno estava brumoso

pela canícula. Ao redor do rancho a terra esbranquiçada do pátio ofuscava no

sol a pino, parecia deformar-se em trêmulo fervor, que adormecia os olhos

pestanejantes dos fox *terriers*.

— Não apareceu mais — disse Milk.

Old. ao ouvir a palavra aparecer, levantou vivamente as orelhas. Incitado

pela evocação, o cachorro se pôs de pé e latiu, buscando o quê. Depois de um

tempo calou, entregando-se com seus companheiros a sua defensiva caçada de

moscas.

— Não veio mais — acrescentou Isondú.

— Havia uma lagartixa sob a raiz — recordou pela primeira vez Prince.

Uma galinha, de bico aberto e asas afastadas do corpo, cruzou o pátio

incandescente com seu pesado trote calorento. Prince a seguiu pregui-

çosamente com os olhos e saltou de um golpe.

— Lá vem outra vez — gritou.

Pelo norte do pátio avançava sozinho o cavalo em que o peão havia ido.

Os cães se arquearam sobre as patas, ladrando com fúria contra a Morte, que

se aproximava. O cavalo vinha de cabeça baixa, aparentemente indeciso sobre

que rumo devia seguir. Ao passar em frente ao rancho, deu alguns passos na

direção do poço e foi se desvanecendo progressivamente na luz crua.

Mister Jones desceu; não tinha sono. Dispunha-se a continuar a montagem da capinadeira, quando viu chegar inesperadamente o peão a cavalo. Apesar

de sua ordem, tinha de ter galopado para voltar a essa hora. Mal se viu livre, concluída sua missão, o pobre cavalo, em cujos arquejos era impossível contar

as palpitações, tremeu baixando a cabeça e caiu de lado. *Mister* Jones mandou o peão para a chácara, ainda de chapéu e rebenque, para não ter de despedi-lo, se continuasse a ouvir suas desculpas jesuíticas.

Porém os cães estavam contentes. A Morte, que buscava a seu dono, se

havia conformado com o cavalo. Sentiam-se alegres, livres de preocupação, e

por isso dispunham-se a ir à chácara atrás do peão quando ouviram *Mister*

Jones que gritava para ele, pedindo-lhe o parafuso. Não havia parafuso: o

armazém estava fechado, o encarregado dormia etc. *Mister* Jones, sem

replicar, pegou o chapéu e saiu ele próprio em busca do utensílio. Resistia ao sol como um peão e o passeio fazia maravilhas contra seu mau humor.

Os cães saíram com ele, mas se detiveram à sombra do primeiro

algodoeiro; fazia calor demais. Dali, firmes sobre as patas, o cenho contraído e atento, viam distanciar-se o dono. Por fim o temor da solidão foi mais forte e, com agoniado trote, seguiram atrás dele. *Mister* Jones conseguiu seu parafuso e voltou. Para cortar caminho, desde o início, evitando a poeirenta

curva da estrada, seguiu em linha reta para a sua chácara. Chegou ao riacho e

se embrenhou pelo matagal, o diluviano matagal de Saladito, que tem

crescido, secado e revivescido desde que existem ervas rasteiras no mundo,

sem conhecer fogo. A vegetação, arqueada em abóbada à altura de seu peito,

se entrelaça em blocos maciços. A tarefa de atravessá-la já seria muito dura

com o dia fresco. *Mister*

Jones a atravessou, no entanto, bracejando entre o mato farfalhante e poeirento por causa do barro que deixavam as enchentes, assolado pela fadiga

e pelas acres exalações de nitrato.

Saiu por fim e se deteve na linha divisória; era porém impossível

permanecer parado sob esse sol e com esse cansaço. Caminhou de novo. Ao

calor abrasador que aumentava sem cessar fazia já três dias, agregava-se

agora a sufocação do tempo impiedoso. O céu estava branco e não se sentia

um sopro de vento. O ar faltava, com angústia cardíaca que não permitia

concluir a respiração.

Mister Jones se convenceu de que havia transposto seu limite de

resistência. Há algum tempo lhe golpeava os ouvidos o latejar das carótidas.

Sentia-se zozzo, como se de dentro da cabeça lhe empurrassem o crânio para

cima. Mareava-se olhando o pasto. Apressou a marcha para acabar com isso

de uma vez... E em seguida voltou a si e se achou num local diferente: havia

caminhado uns cinqüenta metros sem dar-se conta de nada. Olhou para trás e

a cabeça se perdeu em uma nova vertigem.

Enquanto isso os cachorros seguiam atrás dele, trotando com a língua toda

de fora. Às vezes, asfixiados, detinham-se à sombra de um esparto; sentavam-

se, precipitando seu arquejar, para em seguida voltarem ao tormento do sol.

Por fim, como a casa já estava próxima, apressaram o trote.

Foi nesse momento que Old. que ia na frente, viu, para além do alambrado

da chácara. Mister Jones, vestido de branco, caminhando na direção deles. O

cachorro, com súbita lembrança, voltou a cabeça para seu dono e o advertiu.

— A Morte, a Morte! — uivou.

Os outros haviam visto também e ladravam eriçados e por um instante

acreditaram que ia se equivocar; porém, quando chegou a cem metros, se

deteve, olhou o grupo com seus olhos celestes e seguiu em frente.

— Que o patrão não caminhe ligeiro! — exclamou Prince.

— Vai esbarrar nele! — uivaram todos.

Com efeito, a outra, após breve hesitação, havia avançado, não diretamente

sobre eles como antes, mas numa linha oblíqua e aparentemente errônea, que

no entanto devia levá-la exatamente ao encontro de Mister Jones. Os

cachorros compreenderam que desta vez tudo chegava ao fim, porque seu

dono continuava caminhando no mesmo passo como um autômato, sem se dar

conta de nada. A outra já estava chegando. Os

cães baixaram o rabo e correram de lado, ladrando. Passado um segundo, o esbarrão aconteceu. Mister Jones se deteve, girou sobre si mesmo e desabou.

Os peões, que o viram cair, o levaram apressados para o rancho, mas toda

a água foi inútil; morreu sem voltar a si. *Mister Moore*, seu irmão por parte de mãe, chegou de Buenos Aires, passou uma hora na chácara, em quatro dias

liquidou tudo, voltando em seguida para o sul. Os índios dividiram entre si os cachorros, que viveram daí por diante magros e sarmentos e iam toda noite

com faminto sigilo roubar espigas de milho nas chácaras alheias.

Tradução de Rubem Mauro Machado

Franz Kafka

O pesadelo do século xx foi anunciado (a alienação do ser humano em A metamorfose , a arbitrariedade da justiça dos homens e dos deuses em O

castelo e O processo , e o próprio absurdo da vida nestes livros e em dezenas de contos) pela obra deste judeu checo de formação alemã (principalmente), ao mesmo tempo em que ele, com mais alguns autores, como Joyce. Proust e

Faulkner; mudava o rumo da literatura mundial. O conto que se vai ler — um dos últimos do autor, ainda nos seus 40 e poucos anos — mostra uma

mudança quase que estilística em relação a sua obra anterior; e tem reflexos de sua aproximação no fim da vida com sua cultura judaica de origem. Ou

não será esta fantástica trajetória de uma cantora do "povo dos ratos" uma alegoria da própria história e destino do povo judeu?

Josefina, a cantora ou o Povo dos Ratos

NOSSA CANTORA SE CHAMA JOSEFINA. Quem não a ouviu não conhece o poder

do canta . Não há quem não se deixe arrebatado por seu canto,
prova maior de

seu valor uma vez que, em geral, nossa raça não aprecia a música.
A quietude

é nossa música preferida; nossa vida é dura, não somos mais
capazes, mesmo

quando tentamos nos livrar das preocupações do dia-a-dia, de nos
elevantar a

algo tão distante de nossa rotina visual quanto a música. Mas não
nos

lamentamos muito, nem mesmo nos queixamos; uma certa astúcia
prática, que

admitimos nos ser praticamente indispensável, é o que
consideramos ser nossa

maior virtude, e com um sorriso proveniente dessa mesma astúcia

pretendemos nos consolar de todos os problemas, mesmo quando
nos invade

— o que jamais acontece — a falta da felicidade que talvez produza
a música.

Josefina é a exceção; ela ama a música e sabe como transmiti-la;
ela é a única; com sua more, também a música — quem sabe por
quanto tempo — desaparecera de nossas vidas.

Já me perguntei muitas vezes o que realmente significa a sua
música.

Porque somos totalmente não-musicais; como podemos então
compreender o

canto de Josefina ou pelo menos, já que Josefina afirma que não o fazemos.

pensar que o compreendemos? A resposta mais simples seria que a beleza de

seu canto é tão grande que nem mesmo os mais insensíveis podem ignorá-la,

mas essa resposta é insuficiente. Se realmente assim fosse, seu canto deveria proporcionar a quem o ouve uma imediata e duradoura sensação de algo

extraordinário, a sensação de que de sua

garganta ressoa algo que nunca ouvimos antes e nem mesmo temos capacidade de ouvir, algo que somente Josefina, e ninguém mais, faz com que

sejamos capazes de ouvir. Na verdade, minha opinião é outra, não é isso o que

sinto e nunca percebi que outros o sentissem. Entre amigos, admitimos

claramente que, como canto, o canto de Josefina nada tem de extraordinário.

Para começar, é de canto que se trata? Apesar de nossa falta de

musicalidade, temos uma tradição de canto; em tempos remotos, nosso povo

cantava; isso é mencionado em lendas e algumas canções chegaram a

sobreviver, ainda que atualmente ninguém seja capaz de cantá-las. Temos

então uma idéia do que seja o canto e é evidente que a arte de Josefina não

corresponde a tal idéia. Assim, é de canto que se trata? Não seria talvez um

simples chiado? E sabemos todos que o chiado é a real aptidão artística de

nosso povo, ou, mais do que uma aptidão, nossa característica expressiva

vital. Todos nós chamamos, mas evidentemente a ninguém ocorre que nosso

chiado seja uma arte, chamamos sem pensar, até mesmo sem perceber, e há

muitos entre nós que sequer sabem que chiar é uma de nossas características.

Então, se fosse verdade que Josefina não canta mas apenas chia e talvez,

como parece pelo menos a mim, seu chiado não ultrapasse os limites de um

chiado comum — talvez até sua força nem mesmo chegue a igualar nosso

chiado habitual, enquanto um simples lavrador pode chiar o dia inteiro sem se

cansar, mesmo fazendo o seu trabalho —; se tudo isso fosse verdade, seriam

então de imediato refutadas as alegadas habilidades vocais de Josefina, o que

apenas traria à luz o verdadeiro enigma a ser solucionado, a enorme influência por ela exercida.

Porque, afinal, é um chiado o som que ela produz. Se nos pomos à escuta

bem longe dela, ou melhor, se colocamos à prova nosso discernimento

tentando identificar sua voz quando seu canto nos chega misturado a outras

vozes, só conseguimos perceber, sem sombra de dúvida, um vulgar chiado

que, no máximo, difere dos outros por sua delicadeza ou sua fragilidade. Se,

entretanto, estamos diante dela, já não ouvimos um mero chiado; para

compreender sua arte é necessário não apenas ouvi-la mas também vê-la.

Ainda que se tratasse de nosso habitual chiado cotidiano, haveria, antes de

tudo, esta peculiaridade a considerar, o fato de estarmos diante de alguém que se prepara solenemente para executar um ato cotidiano. Quebrar uma noz não

é exatamente um grande feito, portanto ninguém se atreveria a reunir uma

platéia a fim de entretê-la

com quebra-nozes. Mas se ainda assim alguém o faz e com isso consegue entreter a platéia, então já não se trata de simplesmente

quebrar nozes. Ou

talvez se trate simplesmente de quebrar nozes, mas então descobrimos que

havíamos negligenciado por completo a arte de quebrar nozes porque nela

éramos mestres e que esse recém-chegado quebrador de nozes nos está

mostrando pela primeira vez sua verdadeira essência, chegando até a

considerar importante aparentar ser menos hábil em quebrar nozes do que a

maioria de nós.

Talvez aconteça o mesmo com o canto de Josefina; admiramos nela o que

não admiramos em nós mesmos; a respeito disso, devo dizer, ela concorda

inteiramente conosco. Eu estava presente, uma vez, quando alguém, como

muitas vezes acontece, referiu-se ao chiado popular que se ouvia por toda

parte, referência aliás bastante tímida, mas para Josefina aquilo era mais que o suficiente. Eu nunca tinha visto sorriso mais sarcástico e arrogante do que o

seu naquele instante; ela, que aparenta ser a personificação da delicadeza,

destacando-se mesmo em meio a nosso povo tão rico de tais tipos femininos,

chegou naquele momento a parecer realmente vulgar; aliás, com sua extrema

sensibilidade, ela imediatamente se deu conta do que fazia e se controlou. A

qualquer preço ela nega qualquer relação entre sua arte e o prosaico chiado.

Por aqueles cuja opinião é contrária, sente apenas desprezo e, provavelmente,

um ódio inconfesso. Não se trata de simples vaidade, porque tais opositores,

com os quais de certa forma concordo, com certeza não a admiram menos do

que a multidão, mas Josefina não se conforma com a simples admiração, quer

ser admirada exatamente do modo que determina, a simples admiração a

deixa indiferente. E, quando nos sentamos diante dela, podemos compreendê-

la; a oposição só é possível à distância; quando se está diante dela, sabe-se: seus chiados não são chiados.

Como chiar é um de nossos hábitos inconscientes, poder-se-ia supor que as

pessoas na platéia de Josefina também chiariam; sua arte faz com que nos

sintamos felizes e, quando estamos felizes, chiamos; mas sua platéia nunca

chia, ficam todos quietos como ratos; como se nos tornássemos parte da paz

que tanto desejamos, da qual nosso próprio chiado nos afastaria, nos calamos.

É seu canto que nos encanta ou será ainda mais o solene silêncio que envolve

sua voz pequenina e frágil? Uma vez, enquanto Josefina cantava, uma

criaturinha começou inocentemente a chiar também. Ora, era exatamente o

mesmo que Josefina nos fazia ouvir; diante de nós o som do chiado que,

apesar de todos os

ensaios, era ainda inseguro, e na platéia o involuntário chiado de uma criança; teria sido impossível distinguir a diferença; mas ainda assim saíamos e

assobiamos para calar o intruso, embora na verdade isso não fosse necessário,

pois o mesmo teria imediatamente se retirado com medo e vergonha,

enquanto Josefina lançava suas notas mais triunfais e chegava a ficar fora de

si, abrindo os braços e esticando o pescoço até não poder mais.

Ela é sempre assim, qualquer ninharia, qualquer incidente Inesperado,

qualquer aborrecimento, um estalo no assoalho, um ranger de dentes, um

defeito na iluminação, tudo lhe serve de pretexto para ressaltar o efeito de seu canto; ela de algum modo acredita que canta para ouvidos surdos; aprovação e

aplauso não lhe faltam, mas há muito aprendeu a não esperar pela verdadeira

compreensão, do modo como a concebe. Por isso toda perturbação lhe é bem-

vinda; qualquer interferência externa que ofusque a pureza de seu canto, a ser superada com um pequeno esforço, até mesmo sem esforço algum, pelo

simples confronto, pode ajudar a acordar as multidões, a ensinar-lhes talvez

não a compreensão mas um respeito intimidado.

E, se os pequenos contratempos lhe prestam tal serviço, o que não fazem

os grandes! Nossa vida é muito agitada, cada novo dia nos traz surpresas,

apreensões, esperanças e terrores, tanto que seria impossível para um único

indivíduo suportá-la se não puder contar, dia e noite, com o apoio de seus

companheiros; mas ainda assim tudo fica às vezes muito difícil; com

freqüência, pelo menos mil pares de ombros tremem sob uma carga na

verdade destinada a um só. Josefina, então. acredita que sua hora chegou.

Então se ergue, a delicada criatura, abalada por vibrações sobretudo debaixo

do osso esterno, a tal ponto que nos preocupamos com ela, como se ela tivesse

concentrado toda a sua força em seu canto, como se toda a energia tivesse

sido retirada de tudo nela que não seja diretamente destinado ao canto, quase

toda a força vital, como se ela se tivesse desnudado, abandonado, entregue

apenas aos cuidados dos anjos da guarda, como se então, estando ela tão

inteiramente absorvida e vivendo apenas em seu canto, um sopro frio lançado

sobre ela pudesse matá-la.

Mas exatamente quando ela assim se apresenta, nós que nos declaramos

seus oponentes costumamos dizer:

— Ela nem mesmo consegue chiar; tem que fazer um esforço tão terrível

para conseguir emitir um canto — não podemos chamar aquilo de canto —

mas algo parecido com nosso habitual chiado comum.

Assim nos parece, mas tal impressão, ainda que, como eu já disse, inevitável, é efêmera e fugaz. Mergulhamos nós também no sentimento da

multidão que, corpos calorosamente comprimidos uns contra os outros, a

escuta com a respiração suspensa.

E para reunir ao seu redor esse nosso povo que está quase sempre com

pressa e correndo de um lado para outro por razões nem sempre muito claras.

Josefina praticamente nada precisa fazer além de se levantar, cabeça jogada

para trás, boca semi-aberta, olhos voltados para cima, na posição que revela

sua intenção de cantar. Ela pode fazer isso onde quiser, não é preciso que seja um lugar visível de longe, qualquer cantinho escondido escolhido no capricho

do momento fará o mesmo efeito. A notícia de que ela vai cantar corre

imediatamente e logo para lá acorrem procissões inteiras. Mas às vezes, do

mesmo modo, obstáculos aparecem. Josefina prefere cantar exatamente

quando as coisas estão mais agitadas, diversas preocupações e perigos nos

forçam então a seguir por caminhos errados, nem com a maior boa vontade do

mundo poderíamos nos reunir tão depressa quanto quer Josefina, e nessas oca-

siões ela fica lá, solene, por um bom tempo, à espera de um público suficiente

— então ela fica realmente furiosa, sapateia, xinga de um modo nada virginal,

chega até a morder. Mas nem mesmo tal comportamento mancha sua

reputação; em vez de refrear um pouco suas exageradas exigências, as pessoas

se empenham em satisfazê-las; mensageiros são enviados para convocar

novos ouvintes; ela é mantida na ignorância do que está sendo feito; pelas

estradas vizinhas podem ser vistas sentinelas lá postadas, acenando aos

recém-chegados para apressá-los; isso continua até que se consegue reunir

uma platéia razoavelmente numerosa.

O que leva o povo a fazer tanto esforço por Josefina? Pergunta tão difícil

de responder quanto a que se referia ao canto de Josefina, à qual está

intimamente ligada. Poderíamos suprimi-la e combinar ambas numa nova

pergunta, se seria possível garantir que por causa de seu canto as pessoas

eram tão incondicionalmente devotadas a Josefina. Mas não é o caso; a

devoção incondicional é muito pouco conhecida entre nós; somos um povo

que ama a astúcia acima de tudo, sem qualquer malícia, certamente, e os

cochichos ingênuos e a tagarelice inocente, uma tagarelice superficial,

certamente, mas gente desse tipo não se entrega à devoção incondicional, e

isso Josefina com certeza percebe, e é contra isso que luta com toda a força de sua frágil garganta. Ao fazer declarações tão generalizadas, é claro, não

deveríamos ir longe demais, nosso

povo é realmente devotado a Josefina, só que não incondicionalmente. Por exemplo, ninguém seria capaz de rir de Josefina. É preciso admitir, há muita

coisa em Josefina capaz de provocar o riso; e o riso em si mesmo nunca está

distante de nós; apesar de toda a miséria de nossas vidas, o riso tranqüilo está sempre, por assim dizer, nos rondando; mas de Josefina não rimos. Tive

muitas vezes a impressão de que nosso povo interpreta sua relação com

Josefina desta maneira, como se ela, essa frágil criatura, precisando de

proteção e de certo modo notável — notável pela sua força lírica, na opinião

dela —, fosse sua responsabilidade e como se devessem cuidar dela; a razão

de tal sentimento não é clara, mas o fato parece indiscutível. Mas o que é

responsabilidade de alguém não pode ser motivo de riso; rir seria faltar ao

dever; a maledicência maior de que o mais maledicente entre nós é capaz em

relação a Josefina é dizer de vez em quando: "A visão de Josefina já basta para fazer alguém parar de rir."

Assim cuida o povo de Josefina, como cuidaria um pai da criança cuja

mãozinha — não se pode afirmar se para pedir ou exigir — lhe é estendida.

Poder-se-ia pensar que nosso povo não é feito para desempenhar tais funções

paternas, mas na verdade ele as desempenha, pelo menos nesse caso,

admiravelmente bem; nenhum indivíduo poderia fazer o que a esse respeito é

capaz de fazer a totalidade do povo. Em verdade, a diferença em força entre o

povo e o indivíduo é tão enorme que basta ao protegido ser envolvido pelo

calor de sua proximidade para estar suficientemente protegido. Com Josefina,

sem dúvida, ninguém se atreve a mencionar tais idéias. "Sua proteção não

vale uma velha canção", diz ela. Está bem, está bem, velha canção, pensamos nós. E além do mais, seu protesto não é bem uma teimosia, é mais um jeito

infantil de ser e uma gratidão infantil, enquanto o jeito de ser de um pai é não dar muita atenção a isso. Mas há algo mais por trás disso que não é tão fácil

de explicar através da relação entre o povo e Josefina. Josefina, é preciso que se diga, pensa exatamente o contrário, acredita que é ela quem protege o

povo. Quando estamos numa crise política ou econômica, seu canto é nossa

salvação, nada menos do que isso, e, se não afasta o mal, ao menos nos dá

forças para enfrentá-la. Ela não o diz com essas palavras ou com quaisquer

outras, de qualquer modo ela fala muito pouco, fica calada entre os tagarelas, mas o que pensa jorra de seus olhos, e em sua boca fechada — poucos dentre

nós conseguimos manter a boca fechada. mas ela consegue — tudo é perfeitamente legível. Sempre que

recebemos más notícias — e em muitos dias as más notícias chegam umas atrás das outras, mentiras e meias-verdades incluídas — ela de imediato se

levanta, já que em geral fica sentada distraída no chão, se levanta e estica o pescoço e tenta ver por sobre as cabeças de seu rebanho como um pastor antes

da tempestade.

É sem dúvida um hábito das crianças, no seu jeito indomado e impulsivo,

fazer tais alegações, mas as de Josefina não são tão infundadas quanto as das

crianças. Por certo ela não nos salva e não nos dá forças, é fácil para alguém posar de salvador do nosso povo, habituado que ele está ao sofrimento,

temerário, rápido nas decisões, familiarizado com a morte, acanhado apenas

na aparência, na atmosfera de despreocupada audácia que respira sem cessar,

e além disso tão prolífico quanto corajoso; é fácil, digo, alguém posar, *a posteriori*, de salvador do nosso povo, que de algum modo sempre conseguiu se salvar, mesmo a custo de sacrifícios que deixam os historiadores — em

geral ignoramos por completo a pesquisa histórica — horrorizados. É também

verdade, entretanto, que exatamente nas emergências prestamos mais atenção

do que em outros tempos à voz de Josefina. As ameaças suspensas sobre nós

nos tornam mais quietos, mais humildes, mais submissos à dominação de

Josefina; gostamos de ficar juntos, gostamos de nos amontoar uns contra os

outros, sobretudo em momentos que nada têm a ver com os problemas que

nos preocupam; é como se estivéssemos bebendo com muita pressa — sim, é

preciso pressa. Josefina com freqüência se esquece — de uma taça de paz em

comum antes da batalha. Trata-se menos de um espetáculo de canto do que de

uma assembléia do povo, e uma assembléia onde, exceto pela vozinha que

chia à frente de todos, reina um absoluto silêncio; o momento é grave demais

para que o desperdicemos em conversas.

Uma relação desse tipo, certamente, jamais satisfaria Josefina. Apesar de

todo o estado de nervos que toma conta de Josefina devido ao fato de que sua

posição nunca ficou muito clara, ainda há muita coisa que ela não vê, cega por sua presunção, e ela pode com muita facilidade ser levada a desconsiderar

muitas outras: um enxame de adutores está sempre cuidando disso,

prestando assim um serviço público — para ser apenas uma intérprete

incidental e despercebida, num cantinho, em meio a um agrupamento do

povo, ainda que em si não fosse pouca coisa, por isso ela não faria por nós o

sacrifício de cantar.

Nem precisa fazer, pois sua arte não passa despercebida. Ainda que

estejamos no fundo preocupados com muitas outras coisas e não seja

em absoluto porque ela canta que a quietude prevalece e embora mais de um ouvinte sequer olhe para cima e esconda a cara no pêlo de seu vizinho, de tal

modo que Josefina de pé lá na frente pareça estar se esforçando à toa, ainda

assim há algo — não se pode negar — que irresistivelmente nos atinge a

partir do chiado de Josefina. Esse chiado, que se eleva quando todos os

demais estão entregues ao silêncio, chega quase como uma mensagem de todo

o povo a cada indivíduo; o tênue chiado de Josefina em meio às graves

decisões é quase como a precária existência de nosso povo em meio ao

tumulto de um mundo hostil. Josefina se esforça, uma coisinha de nada em

voz, uma coisinha de nada em interpretação, ela se impõe e nos chega à alma;

pensar nisso nos faz bem. Nesses momentos, não conseguiríamos suportar um

cantor realmente experiente, supondo que pudesse haver algum entre nós, e

unânimes daríamos as costas à insensibilidade de semelhante espetáculo. Que

Josefina nunca descubra que o simples fato de a escutarmos é a prova de que

não é uma cantora. Alguma idéia a respeito ela deve ter, ou não afirmaria com

tanta veemência que não a ouvimos, mas continua cantando e chiando para

afastar essa idéia.

Há outras coisas, porém, que poderiam consolá-la: nós realmente a ouvimos, num certo sentido, talvez do mesmo modo que se ouve uma cantora

experiente; ela consegue efeitos que um grande artista tentaria em vão

conquistar entre nós e que só são alcançados exatamente por serem seus

recursos tão inadequados. Para tanto, sem dúvida, contribui sobretudo nosso

modo de viver.

Em nosso povo não se conhece a juventude e a muito custo há uma curta

infância. Regularmente, é verdade, surgem projetos para que se concedam às

crianças uma liberdade especial, uma proteção especial, para que seu direito

de ser um pouco despreocupadas, de ter um pouco de fantasia inconsistente,

um pouco de brincadeira, para que tal direito seja respeitado e encorajado o

exercício do mesmo; tais projetos são apresentados e quase todos os aprovam,

nada merece maior aprovação, mas nada também, na realidade de nossa vida

diária, tem menos probabilidades de ser aprovado; tais projetos são aprovados, tentativas são feitas para pô-los em prática, mas bem depressa

estão de volta os velhos tempos. Nossa vida é tal que uma criança, tão logo

pode correr um pouco e perceber um pouco da diferença entre uma coisa e

outra, já deve ganhar a vida, como um adulto; as regiões nas quais, por razões econômicas, precisamos viver dispersos, são vastas demais, nossos

inimigos numerosos demais, os perigos à espreita por toda parte incalculáveis demais — não podemos manter nossas crianças ignorantes da luta pela

sobrevivência, se assim fizéssemos, isso as levaria à morte prematura. Tais

deprimentes considerações são reforçadas por outra, que não é deprimente: a

fertilidade de nossa raça. Uma geração — e cada uma é maior que a anterior

— vem nos calcanhares da outra, as crianças não têm tempo de ser crianças.

Outras raças podem criar seus filhos com cuidado, escolas podem ser

construídas para suas crianças, dessas escolas podem fluir diariamente

crianças, o futuro da raça, e são sempre as mesmas crianças que delas saem,

todos os dias, por muito tempo. Não temos escolas, mas de nossa raça brotam

a brevíssimos intervalos nossos inúmeros bandos de crianças, alegremente

ciciando ou chilrando enquanto não sabem ainda chiar, rolando ou girando

sob a pressão geral enquanto não podem correr, arrastando desajeitadamente

tudo a sua frente enquanto não podem ver, nossas crianças! E não as mesmas

crianças, como naquelas escolas, não, sempre novas crianças, mais e mais,

sem fim, sem trégua, tão logo surge uma criança e já não é mais criança,

enquanto atrás dela novas carinhas infantis já se amontoam tão depressa e tão

juntas que se tornam indistinguíveis, rosadas de felicidade. Na verdade, por

mais encantador que isso possa ser e embora muitos outros possam, com

razão, nos invejar por isso, simplesmente não podemos dar às nossas crianças

uma verdadeira infância. E isso tem conseqüências. Uma espécie de

inesgotável e arraigada infantilidade atinge o nosso povo; em direta oposição

com o que há de melhor em nós, nosso infalível senso prático, com freqüência

nos portamos com a mais rematada insensatez, exatamente a mesma

insensatez das crianças, inconscientes, desperdiçadores, grandiosos,

irresponsáveis, e tudo isso muitas vezes em nome de alguma diversão trivial.

E ainda que nosso prazer daí derivado não possa, é claro, ser tão intenso

quanto o prazer de uma criança, algo desse prazer sem dúvida sobrevive.

Dessa infantilidade de nosso povo também Josefina se aproveita desde o

início.

Mas nosso povo não é apenas infantil, somos também em certo sentido

prematuramente velhos. A infância e a velhice não nos chegam como aos

outros. Não temos juventude, logo somos todos adultos e então

permanecemos adultos por tempo demais, daí se originando um certo cansaço

e uma certa desesperança que deixa uma profunda marca na natureza do nosso

povo, em geral resistente e esperançoso. Nossa falta de dotes musicais está

com certeza relacionada a isso; somos velhos

demais para a música, sua emoção, seu arrebatamento não convêm ao nosso peso, cansados, nós a pomos de lado; contentamo-nos com o chiado; um

pouco de chiado aqui e ali nos é suficiente. Quem sabe, talvez haja entre nós

talentos para a música; mas se os houvesse, o temperamento de nosso povo os

anularia antes que pudessem desabrochar. Josefina, por outro lado, pode chiar

tanto quanto queira, ou cantar, ou como ela preferir chamá-lo, isso não nos

perturba, isso nos convém, podemos perfeitamente tolerar; qualquer música

que possa aí existir é reduzida a sua menor expressão, uma certa tradição

musical é preservada, sem que nos cause o menor desconforto.

Mas nosso povo, sendo como é, ganha algo mais com Josefina. Em seus

concertos, sobretudo em tempos de estresse, só os muito jovens se interessam

pelo seu canto enquanto canto, apenas eles a observam com assombro quando

ela franze os lábios, expele o ar por entre seus lindos dentes da frente, quase desfalece de puro deslumbramento com os sons que ela própria produz e

depois de tal desmaio eleva seu desempenho a novas e mais incríveis alturas,

enquanto a verdadeira massa do povo —é fácil perceber — está mergulhada

em si mesma. Aqui, nos breves intervalos entre suas lutas, o povo sonha, é

como se os membros de cada um se soltassem, como se o mais atormentado

indivíduo pudesse de vez em quando relaxar e se espreguiçar à vontade no

amplo e aquecido leito da comunidade. E nesses sonhos o chiado de Josefina

goteja nota a nota; ela o chama de gotas de pérola, nós o chamamos *staccato*; mas de qualquer modo ele ali está no lugar certo, como em nenhum outro,

encontrando o momento — esperamos por ele — como raramente a música

consegue. Há ali algo de nossa pobre e breve infância, algo de felicidade

perdida que nunca mais pode ser encontrada, mas também algo da ativa vida

diária, de suas pequenas alegrias, irresponsáveis e ainda assim borbulhantes e impossíveis de se conter. Tudo isso se exprime não em sons profundos, mas

suavemente, aos sussurros, em confidências, às vezes um pouco roucos. Sem

dúvida é uma espécie de chiado. Por que não? O chiado é a fala diária de

nosso povo, só que muitos chamam por toda a vida e não sabem, enquanto aqui

o chiado se liberta das amarras da vida diária e também nos liberta por alguns instantes. Com certeza não queremos ficar sem esses espetáculos.

Mas há uma grande, grande distância entre isso e a afirmação de Josefina

de que ela nos dá novas forças e daí por diante. Para as pessoas comuns, ao

menos, não para seu séqüito de adutores.

— Que outra explicação pode haver? — dizem eles com descarado

atreuimento. — De que outro modo se poderia explicar a grande afluência do

público, sobretudo quando o perigo é iminente, que mais de uma vez impediu

que as devidas precauções fossem tomadas a tempo para afastar o perigo?

Ora, essa última pergunta é infelizmente verdadeira, mas dificilmente pode

ser considerado um título de glória para Josefina, sobretudo considerando-se

que, quando tais grandes platéias foram arrasadas de surpresa pelo inimigo e

muitos dos nossos ali deixados para morrer. Josefina, a responsável por tudo

isso, e que talvez tenha até mesmo com seu canto atraído o inimigo, sempre

ocupou o lugar mais seguro e foi sempre a primeira a escapar depressa e em

silêncio, sob a proteção de seu guarda-costas. Todos sabem disso e ainda

assim as pessoas continuam a afluir a qualquer lugar escolhido por Josefina, a qualquer momento em que ela se levante para cantar. Poder-se-ia diante disso

argumentar que Josefina se coloca acima da lei, que ela faz o que bem

entende, arriscando-se a pôr em perigo a comunidade, e que tudo lhe é

perdoado. Se assim fosse, até mesmo as queixas de Josefina seriam totalmente

compreensíveis, sim, nessa liberdade que lhe é concedida, nessa

extraordinária vantagem que lhe é concedida e a ninguém mais, em direta

contravenção legal, poder-se-ia ver uma admissão do fato de que o povo não

compreende Josefina, exatamente como ela afirma, de que ele se deslumbra,

impotente, diante de sua arte e dela se sente indigno, tenta amenizar a mágoa

que lhe provoca fazendo por ela sacrifícios realmente desesperados e, assim

como sua arte está além de sua compreensão, considera sua arte sua

personalidade e seus desejos além de sua jurisdição. Bem, isso está longe de

ser verdade; talvez, enquanto indivíduos, o povo possa se render facilmente a

Josefina, mas, como um todo, esse povo não se rende incondicionalmente, a

ninguém e também não a ela.

Desde há muito, talvez desde o início de sua carreira artística. Josefina

vem lutando pela isenção de todo o trabalho diário, por conta de seu canto; ela seria dispensada de qualquer responsabilidade de ganhar seu pão de cada dia e

de se envolver na luta geral pela sobrevivência, que deveria ser —

aparentemente — em seu nome transferida para o povo como um todo. Um

crédulo entusiasta — e já os houve — pode argumentar, diante do insólito de

tal reivindicação e da atitude espiritual necessária para apresentá-la, que há nela uma justificativa. Mas nosso povo tira outras conclusões e com

tranqüilidade a recusa. Sequer se preocupa muito em

contestar seus fundamentos. Josefina argumenta, por exemplo, que o esforço do trabalho é prejudicial a sua voz, que evidentemente o esforço do trabalho

nada é diante do esforço de cantar, mas ele a impede de ser capaz de

descansar o suficiente depois de cantar e de se recuperar para cantar mais,

suas forças são completamente exauridas e ela, em tais circunstâncias, jamais

consegue chegar ao ápice de suas possibilidades. O povo ouve seus

argumentos e não lhes dá atenção. Nosso povo, capaz de com tanta facilidade

se comover, às vezes por nada se comove. Sua recusa é às vezes tão clara, que

até mesmo Josefina é apanhada de surpresa, parece se submeter, faz sua

própria cota de trabalho, canta o melhor que pode, mas sempre por algum

tempo; então, com força renovada — para esse objetivo suas forças parecem

inesgotáveis — parte outra vez para o ataque.

É evidente, porém, que o verdadeiro desejo de Josefina não é o que ela

coloca em palavras. Ela é honrada, não é preguiçosa, fugir do trabalho, aliás, é algo praticamente desconhecido entre nós, se sua reivindicação fosse aceita

ela com certeza continuaria a viver como antes, o trabalho não lhe atrapalharia o canto nem cantaria ela muito melhor — o que ela deseja é o reconhecimento

público, inequívoco e permanente de sua arte, muito acima de qualquer outro

precedente até então conhecido. Mas embora quase tudo mais pareça ao seu

alcance, tal reconhecimento lhe foge sem cessar. Talvez ela devesse adotar

uma outra linha de ataque desde o início, talvez ela própria percebesse que

sua abordagem não é adequada, mas agora ela não pode voltar atrás, recuar

seria desleal para com ela mesma, agora é obrigada a lutar ou morrer por sua

reivindicação.

Se ela realmente tivesse inimigos, como diz, eles poderiam se divertir

muito observando essa luta, sem ter que mover um dedo. Mas ela não tem

inimigos e, mesmo que seja criticada aqui e ali, ninguém acha divertida sua

luta. Exatamente porque o povo se mostra aqui sob um frio aspecto de juiz,

poucas vezes visto entre nós. E embora alguns possam aprovar tal atitude, a

simples idéia de que tal aspecto possa algum dia se voltar contra eles mesmos

impede que qualquer conclusão daí derive. O importante, tanto na recusa do

povo quanto na reivindicação de Josefina, não é o ato em si, mas o fato de que o povo é capaz de apresentar uma barreira empedernida e impenetrável a um

dos seus e que tal barreira é ainda mais impenetrável porque em outros

aspectos ele demonstra um cuidado paternal e ansioso, e até mais do que um

cuidado paterno, em relação a esse mesmo membro de sua comunidade.

Suponhamos que, em vez do povo, tivéssemos que lidar com um indivíduo: poder-se-ia imaginar que tal homem tivesse se curvado todo o tempo

diante de Josefina e simultaneamente nutrido um ardente desejo de um belo

dia pôr um ponto final a sua submissão; que ele tivesse feito sacrifícios sobre-humanos por Josefina na firme convicção de que

haveria um limite natural a

sua capacidade de sacrifício; sim, que ele se tivesse sacrificado mais do que

seria necessário apenas para acelerar o processo, apenas para corromper

Josefina e encorajá-la a reivindicar mais e mais até que ela realmente

chegasse ao limite máximo com um último pedido; e que ele então acabasse

com ela, com uma recusa final que seria lacônica por ter sido guardada por

muito tempo. Ora, não é assim que se passam as coisas, o povo não precisa de

tais artimanhas, além disso, seu respeito por Josefina é genuíno e comprovado

e as reivindicações de Josefina são antes de tudo tão exageradas que qualquer

criancinha lhe poderia ter dito qual seria o resultado; mas pode ser que tais

considerações façam parte do modo de Josefina ver as coisas e tenham assim

somado uma certa amargura à dor da recusa. Mas sejam quais forem suas

idéias a respeito, ela não as deixa detê-la em sua luta. Há pouco tempo,

chegou a intensificar seus ataques; até então usava apenas palavras como

armas, mas agora começa a recorrer a outros meios, que na sua opinião se

provarão mais eficazes mas que nós pensamos poder colocá-la em perigos

maiores.

Muitos acreditam que Josefina esteja se tornando tão insistente porque se

sente envelhecer e sente sua voz começando a falhar, então pensa ter chegado

a hora de travar sua última batalha pelo reconhecimento. Eu não acredito.

Josefina não seria Josefina se isto fosse verdade. Para ela, não existe velhice, nem enfraquecimento de sua voz. Se faz exigências, não é devido a

circunstâncias externas e sim a sua lógica interior. Se almeja os mais altos

louros não é por estarem no momento mais acessíveis, mas por serem os mais

altos; se dependesse dela, estariam mais altos ainda.

Essa desconsideração pelas dificuldades externas, para dizer a verdade,

não a impede de empregar os piores métodos. Seus direitos lhe parecem

inquestionáveis; então não importa como os faz valer, sobretudo se nesse

mundo, como ela o vê, os métodos lícitos estão fadados ao fracasso? Talvez

por isso tenha transferido a luta pelos seus direitos do campo da canção para

outro que lhe interessa muito pouco. Seus simpatizantes fizeram saber que,

em suas próprias palavras, ela se sente perfeitamente

capaz de cantar de tal modo que todos os níveis de público, mesmo os mais ferrenhos centros de oposição, considerariam um verdadeiro deleite, um

verdadeiro deleite não pelos padrões populares, pois o povo afirma que seu

canto sempre lhe deu prazer, mas um deleite de acordo com seus próprios

padrões. Entretanto, acrescenta ela, já que não pode adular os mais altos

padrões nem corromper os mais baixos, seu canto terá que ficar como é. Mas

quando se trata de sua campanha pela isenção do trabalho, a história é outra;

trata-se, é claro, de uma campanha em prol de seu canto, mas como não está

lutando diretamente com a inestimável arma de seu canto, qualquer

instrumento é válido. Difundiu-se, então, por exemplo, o boato de que

Josefina estaria decidida a cortar drasticamente todos os floreados em seu

canto, caso sua petição não fosse aceita. Eu nada entendo de floreados, e

nunca os percebi no canto de Josefina. Mas Josefina vai reduzir seus floreados, não, por enquanto, eliminá-los por completo, apenas reduzi-los. É

possível que tenha cumprido sua ameaça, embora no que me diz respeito

nenhuma diferença se perceba em sua apresentação. O povo ouviu como

sempre, sem fazer qualquer observação relativa aos floreados, nem mudou

uma vírgula em sua resposta à petição. É preciso admitir que o modo de

pensar de Josefina, como sua aparência, é muitas vezes encantador. Assim por

exemplo, depois daquele espetáculo, como se sua decisão quanto aos

floreados tivesse sido severa demais ou representasse uma mudança repentina

demais para o povo, ela anunciou que na próxima vez voltaria a cantar com

todos os floreados. Mas depois do concerto seguinte voltou a mudar de idéia,

teria que suprimir em definitivo aquelas grandes árias com floreados e não

voltaria a cantá-las até que fosse favorável o parecer relativo a sua petição.

Bem, o povo deixou que todos aqueles avisos, decisões e contradecisões

entrassem por um ouvido e saíssem por outro, como um adulto imerso em

pensamentos que ouvisse sem dar atenção o balbuciar de uma criança, em

princípio sem más intenções, mas inacessível.

Josefina, entretanto, não desiste. Outro dia, por exemplo, declarou que

havia machucado o pé enquanto trabalhava, então era-lhe difícil ficar de pé

para cantar; mas, como não podia cantar sem ser em pé, suas canções

precisariam ser agora abreviadas. Embora ela manque e se apóie em seus

simpatizantes, ninguém acredita que esteja realmente machucada. Admitindo

que seu frágil corpo fosse hipersensível, ela ainda é uma de nós e nós somos

uma raça de trabalhadores; se começássemos a

mancar a cada vez que nos arranhássemos, o povo inteiro jamais deixaria de mancar. Mas ainda que ela se deixe carregar como uma inválida, ainda que se

apresente nessas patéticas condições mais vezes do que o normal, o povo

continua, tão agradecido e encantado como antes, a ouvir seu canto, mas não

se incomoda muito com a abreviação de suas canções.

Como não pode continuar mancando para sempre, ela pensa em outra

coisa, alega que está cansada, não tem ânimo para cantar, que se sente fraca.

Então temos um espetáculo teatral somado ao espetáculo musical. Vemos os

simpatizantes de Josefina ao fundo, pedindo e implorando que cante. Ela

gostaria de atendê-los, mas não pode. Eles a confortam e a acariciam com sua

adulação, quase a carregam para o local de antemão escolhido para que se

apresentasse. Finalmente, explodindo inexplicavelmente em lágrimas, ela

cede, mas quando se ergue para cantar, visivelmente sem forças, exausta, com

os braços não abertos como sempre, mas inertes e caídos ao longo do corpo, o

que dá a impressão de que talvez sejam um pouco curtos demais —

exatamente quando parece que vai começar, pronto, não consegue fazê-lo

afinal, um involuntário tremor de sua cabeça assim nos demonstra, e ela

desmaia diante de nossos olhos. Sem dúvida ela se refaz e canta, para mim

mais ou menos como sempre, talvez alguém que tenha um bom ouvido para

os mais sutis matizes de expressão possa perceber que ela está cantando com

um sentimento especial, o que talvez seja excelente. E, no final, na verdade

menos cansada do que antes, pisando firme, se alguém pode usar tal imagem

para definir seus passinhos trôpegos, ela se vai, recusando qualquer ajuda de

seus simpatizantes e medindo com olhos frios a multidão que respeitosamente

lhe abre caminho.

Isso aconteceu há um ou dois dias; mas a última notícia é que ela havia

desaparecido, exatamente quando deveria cantar. Não apenas seus

simpatizantes procuram por ela, muitos se dedicam à busca, mas é tudo em

vão: Josefina evaporou-se, não cantará, sequer poderá ser bajulada para que

cante, dessa vez ela desertou por completo.

É estranho o quanto ela pode estar equivocada em suas maquinações, a

astuta criatura, tão equivocada que se poderia acreditar que não há qualquer

maquinação, mas que ela está apenas sendo conduzida pelo seu próprio

destino, que no nosso mundo não pode deixar de ser um triste destino. Por

vontade própria ela abandona o canto, por vontade própria destrói o poder que

havia conseguido sobre o coração de todos.

Como poderia ela ter conseguido tal poder, se conhece tão pouco a respeito do nosso coração? Ela se esconde e não canta, mas nosso povo,

calmamente, sem qualquer desapontamento visível, massa autoconfiante em

perfeito equilíbrio, de tal modo constituída que, mesmo que as aparências o

neguem, pode apenas dar e nunca receber, nem mesmo de Josefina, nosso

povo continua seu caminho.

O caminho de Josefina. entretanto, deve declinar. Logo chegará o momento em que suas últimas notas se ouvirão e se converterão em silêncio.

Ela é um pequeno episódio na história eterna de nosso povo, e o povo

superará sua perda. Não será fácil; como poderão nossos encontros acontecer

em absoluto silêncio? Mas afinal, não eram eles silenciosos mesmo quando

Josefina estava presente? Seria seu chiado muito mais alto e mais vivo do que

será sua lembrança? Não terá sido porque o canto de Josefina estivesse muito

à frente de seu tempo que nosso povo, em sua sabedoria, tanto o apreciou?

Então talvez não sintamos tanta falta dela, afinal, enquanto Josefina,

redimida das dores terrenas que segundo ela se destinam a todos os eleitos, se perderá alegremente em meio à incalculável massa de heróis do nosso povo e

logo, já que não somos historiadores, atingirá as alturas da redenção e será

esquecida como todos os seus irmãos.

Tradução de Celina Portocarrero

Rudyard Kipling

Romancista (Kim, entre outros títulos), contista (O livro das selvas , que alegrou muitas infâncias de antigamente) e poeta (seu poema "Se" correu o mundo). Rudyard Kipling (1865-1936), que nasceu e viveu na Índia sob

colonização britânica, foi o primeiro escritor inglês a ganhar o Nobel — em 1907. Seus contos misturam o domínio literário da elite inglesa com o imaginário hindu mais "primitivo". Em muitas de suas histórias, os animais falam

— mas não como nas velhas fábulas ocidentais: são personagens "reais"

(quem não se lembra de Mogli, o Menino Lobo?) de um mundo entre o

mágico tropical e o fantástico mais primitivo. É só escutar o que diz "Rikki-tikki-tavi".

Rikki-tikki-tavi

Olho escarlate convocou Pele Escamosa

Na toca onde este se abrigou.

Ouçam o que diz Olho Escarlate:

"Nag, vem para fora bailar com a morte!"

Olho com olho e frente com frente

(Sustenta-te. Nag.)

Com um de nós morto nossa dança finda

(Estou às ordens. Nag.)

Recua, vira, revira!

(Corre e protege-te. Nag.)

Ah! O capelo da morte falhou!

(Maldito sejas. Nag!)

AQUI ESTÁ A HISTÓRIA DO GRANDE COMBATE que Rikki-tikki-tavi levou a efeito,

sem mais ninguém que o auxiliasse, nos banheiros de uma grande casa

campestre, em Segowlee. Darzee, o pássaro-alfaiate, deu-lhe uma pequena

ajuda; também Chuchundra, o rato almiscarado, que, prevenindo-se contra

riscos, anda grudado às paredes e jamais chega até o centro do piso, deu-lhe

alguns conselhos. Mas o corpo-a-corpo, a este somente Rikki-tikki-tavi se

atirou.

Rikki era mangusto, espécie de animal que se assemelha muito ao gato no

tipo de pêlo e cauda, e à doninha, quanto à cabeça e aos hábitos. Os olhos e o nariz têm cor rosada. É capaz de coçar-se em qualquer lugar do corpo, seja

com as patas traseiras, seja com as dianteiras. Inflava a cauda de tal modo que parecia uma pequena vassoura. Seu grito de

guerra, enquanto se lançava a toda carreira pela relva, era "*Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!*"

Certa ocasião, as águas de uma chuva forte de verão arrebataram-no da

toca onde habitava com os pais. Foi grunhindo e debatendo-se pela valeta

água abaixo, até que se agarrou a um ramalhete de erva que ia flutuando na

correnteza; perdeu os sentidos, e quando recobrou a consciência viu-se

deitado ao sol num jardim, ouvindo um juvenzinho que dizia:

— O mangusto está morto. Vamos enterrá-lo.

— Não! — objetou a mãe. — Vamos levá-lo para casa e enxugá-lo. Pode

ser que não esteja morto.

Assim fizeram, e o pai — um inglês a quem os bichos do jardim chamavam de Homem Grande — tomou-o entre os dedos, olhou-o e disse que

não estava morto, mas apenas muito judiado. Aqueceram-no com um pano

flanelado, e logo ele abriu os olhos e espirrou.

— Agora, não o intimidem, vamos deixá-lo quietinho e ver o que fará —

disse o pai.

É coisa sumamente difícil intimidar um mangusto, desde que a curiosidade

é sua marca principal. O lema que acompanha a raça dos mangustos é "Vai e descobre tudo", e Rikki-tikki era um mangusto legítimo. Olhou para o

pequeno cobertor, viu que não era coisa comestível; deu uma volta em torno

da mesa, sentou-se, penteou o pêlo e em seguida pulou para o ombro do

menino.

— Não estranhe. Teddy — observou o pai. — Esse é seu jeito de fazer-se

amigo.

— Uh! Sinto cócegas no pescoço!

Rikki-tikki olhou dentro da gola da camisa, cheirou a orelha, depois pulou

de volta para o chão, e aí ficou friccionando o nariz.

— Que coisa! — exclamou a mãe. — Nem parece um animal selvagem!

Imagino que está assim dócil porque o acolhemos.

— Os mangustos são assim — disse o pai. — Se Teddy não o segurar pelo

rabo, nem prendê-lo em gaiola, vai viver entrando e saindo de casa todo dia.

Precisamos dar-lhe algo para comer.

Buscaram um pedaço de carne crua. Ele gostou muito da refeição, e,

terminado o prato, saiu para a varanda, sentou-se para tomar sol e armou os

pêlos para que secassem bem. E parecia estar muito melhor.

"Esta casa tem muito mais coisas por descobrir do que minha família teria para a vida inteira", pensou. "Eu descobrirei tudo."

Vagueou o dia todo pela casa. Esteve prestes a se afogar na banheira, mergulhou o nariz num tinteiro e, por fim, subiu ao colo do Homem Grande,

curioso de ver como se escrevia, e aí queimou-se na ponta do charuto. À

noite, foi para o quarto de Teddy, desejoso de ver como se acendem os

candeeiros, e logo que o menino foi para a cama, ele imediatamente fez o

mesmo. Porém, era uma companhia inquieta: ao menor ruído noturno pulava

da cama para investigar de onde o ruído provinha e o que lhe dera causa. A

mãe e o pai entraram para visitar o filho antes de dormir e deram com Rikki-

tikki deitado sobre o travesseiro.

— Não me agrada nada disso — preocupou-se a mãe —, pode morder o

nosso filho.

— Não fará isso — garantiu o pai. — Esse animalzinho lhe proporciona

mais segurança do que um cão de guarda. Se entrasse uma cobra...

Mas a mãe afastou esse pensamento, pois lhe parecia um acontecimento

horrível.

Pela manhã. Rikki-tikki foi tomar o seu café acomodado ao ombro de

Teddy. Comeu banana e ovo cozido, e passou pelo colo de todos, um por vez.

É ambição de todos os mangustos bem criados chegar a ser um animal

doméstico e viver numa casa com salas para correr. A sua mãe, que vivera na

casa do general, em Segowlee, instruíra o pequeno Rikki sobre o modo como

deveria conduzir-se caso alguma vez se visse diante de homens brancos.

Saiu e foi ao jardim, interessado em ver o que lá havia. Era extenso,

contudo só em parte trabalhado. Havia um grande roseiral que se entrelaçava

formando um ramalhal, tílias e laranjeiras, moitas espessas de bambu e tufos

de ervas altas. Rikki-tikki lambeu a boca.

— É um excelente lugar para caçar — disse consigo. E esse pensamento

excitou-lhe a cauda, tornando-a inflada. Começou a ir de um lado para outro,

farejando, espreitando tudo, e, por fim, ouviu vozes queixosas vindas de uma

árvore.

As vozes eram de Darzee, o pássaro-alfaiate, e da companheira. Estavam

pousados sobre a extremidade de um ninho, e isto o fazia oscilar. Tinham-no

feito com duas folhas grandes, unidas com cerdas, o interior preenchido com

algodão e plumas. Os dois companheiros choravam à beira dele.

— O que houve? — quis saber Rikki-tikki.

— Estamos muito amargurados — desabafou Darzee. — Caiu do ninho

um de nossos filhotes e Nag o comeu.

— Hum! — balbuciou Rikki-tikki. — Isso é deveras triste; não sou daqui.

Quem é Nag?

Darzee e a companheira recolheram-se no ninho e não pronunciaram

qualquer resposta, intimidados por um silvo vindo de entre uma ramagem de

ervas. O som, frio e intimidante, fez Rikki-tikki pular cerca de dois pés para trás. E logo viu levantar, pouco a pouco, do meio da ramagem a cabeça e o

capelo armado de Nag. Tratava-se da grande cobra negra de cinco pés de

comprimento. Tendo alçado um terço do corpo, ficou oscilando de um lado

para outro, tal como um dente-de-leão oscila com o vento. Olhou Rikki-tikki

com os olhos malignos da serpente, olhos que são permanentemente

malignos, independente do que os tocam ou deixam de tocar.

— Quem é Nag? — Era o próprio Nag que repetia a pergunta. — Eu sou

Nag. O grande Deus Brahma, com a finalidade de impedir que o sol o

atingisse, imprimiu sua marca no nosso povo assim que a primeira serpente

armou o capelo. Vê e assusta!

Estendeu o capelo tanto quanto lhe foi possível; Rikki-tikki pôde perceber

um sinal, muito semelhante a óculos guarnecidos com cordões nas hastes.

Rikki teve, de fato, um princípio de susto, mas a um mangusto pouco dura

essa sensação. E já vira cobras, ainda que apenas as mortas com que sua mãe

o alimentara. Ademais, conhecia perfeitamente que caçar cobras constitui a

razão de ser essencial dos mangustos. Nag igualmente o sabia, e, apesar de

seu coração frio, sentia no íntimo de si uma ponta de medo.

— Muito bem — começou Rikki-tikki, e a cauda começou a inflar

novamente —, com marcas ou sem marcas, pensa que pode comer as

avezinhas que caem dos ninhos?

Nag achava-se concentrado num pensamento consigo próprio e, ao mesmo

tempo, observava o movimento das ervas imediatamente atrás de Rikki-tikki.

A presença de mangustos no jardim implicava morte certa para os da sua

gente, mas tencionava fazê-lo baixar a diligência. Assim pretendendo,

arqueou minimamente a cabeça, deixou-a pender para o lado e prosseguiu:

— Devemos conversar — principiou. — Você come ovos. Qual a razão

por que eu não deva comer aves?

— Cuidado! Olha para trás! — alertou Darzee.

Rikki-tikki, em vez de perder o mínimo tempo com olhar para trás, saltou

para o ar o mais alto que pôde. Logo abaixo resvalou a cabeça de

Nagaina, a perversa companheira de Nag. Tencionando aniquilar Rikki--

tikki, aproximou-se pelas costas, aproveitando a ocasião em que ele estava

ocupado em conversar com Nag. Rikki-tikki veio cair de volta quase em cima

do dorso de Nagaina. Caso fosse adulto, saberia que essa era a ocasião exata

de quebrar-lhe os ossos e matá-la com apenas uma mordida. Ficou, contudo,

apreensivo, com receio do contragolpe da cobra. Mordeu-a até, mas não

suficientemente, e saltou a tempo de escapar da chicotada da cauda, deixando-

a machucada e furiosa.

— Darzee, como você é mau! — repreendeu Nag, alongando-se o máximo

possível em direção ao ninho. O máximo que conseguiu, entretanto, foi ficar

oscilando no ar, frustrado em sua tentativa de alcançar a ave, pois Darzee

construía o ninho em local mais alto, salvo do alcance das cobras.

Os olhos dos mangustos tornam-se vermelhos toda vez que estão furiosos,

e Rikki-tikki sentiu seus olhos tornarem-se tal naquela hora. Sustentou-se

sobre as patas traseiras como um canguru, olhou em torno e trincou com fúria

os dentes. Mas, a esta altura. Nag e Nagaina já tinham desaparecido no meio

da relva. Uma cobra fica em silêncio toda vez que erra um assalto, do mesmo

modo que não deixa o outro ver suas intenções futuras. Rikki-tikki não tentou

perseguí-las, uma vez que não estava seguro de poder sustentar uma luta com

duas cobras a um só tempo. Saiu correndo para junto da casa, sentou-se e pôs-

se a pensar. Aquela era uma questão muito importante para ele.

Consta nos livros de história natural que os mangustos, quando mordidos

em luta com uma cobra, comem uma erva capaz de curá-los. Porém, isso não

é verdadeiro. A vitória é mais uma questão de vista aguçada e de rapidez do

salto, ante o golpe veloz da cobra contra o salto do mangusto. Na verdade, não há olhos que conseguem apanhar o movimento da cabeça de uma cobra

quando ataca. E assim sendo, escapar ao seu golpe torna-se um fato mais

espantoso do que os poderes mágicos de uma erva qualquer. Rikki-tikki tinha

consciência de que era apenas um mangusto jovem, sem experiência. O fato

de ter escapado ao golpe de uma cobra tornava-o mais satisfeito consigo,

fazia-o sentir-se mais confiante, e, quando Teddy veio correndo ao seu

encontro, ele estava pronto para se deixar acariciar.

Ocorreu que, no momento em que Teddy inclinou-se, alguma coisa

tremulou no pó, e uma voz pronunciou:

— Cuidado! Eu sou a morte! — Estava ali Karait, a cobrinha castanha que

gosta de viver principalmente misturada no pó da terra. Sua

mordida é tão perigosa como a das outras cobras; entretanto, porque é demasiadamente pequena, ninguém lhe dá importância. Por isso, é a que mais

frequentemente faz mal às pessoas.

Os olhos de Rikki-tikki colocaram-se em brasa, e moveu-se em direção a

Karait no gingado característico que lhe adveio dos antecedentes. É uma

dança engraçada, a princípio, mas é o que propicia ao salteador promover o

ângulo eficiente para o salto. E, em se tratando de cobras, é uma habilidade

essencial. Rikki não tinha consciência de que aquela luta era mais perigosa do que se bater com Nag, pois Karait, por causa do seu pequeno tamanho, revira-se com incrível velocidade. Se a quisesse derrotar, teria de golpeá-la na nuca, pois, de outro modo, receberia o contragolpe nos olhos ou na boca. Os olhos

em fogo, dançava para cá e para lá, investigando o ponto exato que o

sustentaria. Karait atacou primeiro. Rikki-tikki saltou e retornou para o

contragolpe, mas a cabecinha opaca de pó tremulou sobre seu ombro, e ele

precisou volver-se numa cambalhota rápida.

— Venham ver! O nosso mangusto está matando uma cobra — gritou

Teddy. E nesse instante. Rikki ouviu a mãe de Teddy lançar um grito. O pai

veio correndo armado de um pau, mas já encontrou a cobra morta. Karait

tinha assaltado de novo, mas com mais ímpeto, forçando Rikki a pular sobre

seu dorso; em seguida, cravou-lhe os dentes na nuca. O golpe paralisou a

cobra. Rikki já se preparava para devorá-la a partir da cauda, conforme o

modo da família, mas recordou-se de que o comer demasiado torna os

mangustos vagarosos. Como queria resguardar a sua força e agilidade, acabou

por fugir dali.

O pai surrava a cobra, despercebido de que ela já estava morta. Enquanto

isso. Rikki desaparecia entre os arbustos, resolvido a banhar-se no pó. "Para que tudo aquilo?", pensou. "Eu já fiz o serviço todo." A mãe apareceu entre os arbustos, tomou-o, acarinhou-o, dizendo que Rikki salvara o filho, o pai

proclamava que o mangusto era uma providência divina e Teddy, por sua vez,

tinha os olhos arregalados de susto. Rikki-tikki divertia-se com toda aquela

louvação, de que afinal não entendia nada. Para ele, elogiar o filho por ter ido brincar no pó teria o mesmo significado, e ele achava tudo muito engraçado.

Ao jantar, poderia bem ter se regalado com todas aquelas coisas deliciosas,

enquanto passeava entre os copos sobre a mesa. Apesar dos afetos que recebia

da mãe de Teddy e das subidas ao ombro do rapaz, tinha o pensamento em

Nag e Nagaina e seus olhos, vez por outra, se acendiam em brasas, e ele

lançava seu longo grito de guerra "*Rikk-tikk-tikk-tikk-tchk!*"

Teddy foi para a cama, levando-o consigo, e fez questão de que ele dormisse abraçado ao seu pescoço. Rikki era muito dócil e, por certo, não o

arranharia. Logo que o rapaz adormeceu, saltou da cama para fazer a sua

ronda noturna pela casa. Tropeçou no escuro com Chuchundra, o rato

almiscarado, que andava sempre grudado às paredes. Chuchundra é um

ratinho muito infeliz. Vive suas noites chorando, sempre buscando ânimo para

ir ao meio da sala, mas nunca lá vai.

— Não me mate — pediu o rato, meio choroso. — Não me mate.
Rikki-

tikki.

— Então pensa que quem mata cobras também mata ratos
almiscarados?

— perguntou, meio desdenhosamente.

— Quem mata cobras é morto por cobras — disse o outro, mais
choroso

ainda. — Como posso assegurar-me de que Nag não me confundirá
contigo

em qualquer noite dessas?

— Quanto a isso, fica tranqüilo. Nag vive no jardim e, pelo que sei,
você

não vai lá nunca.

— Chua, meu primo, disse-me...

— Disse o quê?

— Psiu! Nag está em todo lugar. Rikki-tikki. Você devia ter
conversado

com Chua no jardim.

— Não conversei. Você terá de me dizer. Rápido. Chuchundra, se
não

quer levar uma mordida.

Chuchundra sentou-se e chorou copiosamente.

— Sou um desventurado — lamentou. — Faltou-me sempre coragem para

me aventurar a ir até o meio da sala. Psiu! Não posso te dizer nada. Não está

ouvindo?

Rikki-tikki aguçou os ouvidos. Toda a casa se guardava em completo

silêncio. Entretanto, pareceu-lhe ouvir um breve roçar, qualquer coisa muito

amena, como o esvoaçar de uma vespa pela vidraça, o deslizar seco das

escamas de uma serpente pelas paredes. "Deve ser Nag ou Nagaina", pensou Rikki-tikki. "Está indo para os canos do banheiro."

— Você está certo. Chuchundra. Eu devia ter conversado com Chua.

Correu para o banheiro do quarto de Teddy, mas não encontrou nada. Foi

ao banheiro do quarto da mãe, e percebeu que na parede de gesso ao fundo

havia uma abertura para o escoamento da água. Aproximou-se e ouviu Nag e

Nagaina conversarem do lado de fora ao luar.

— Quando já não houver ninguém habitando a casa — dizia Nagaina ao

companheiro —, ele irá embora, e o jardim será novamente nosso.

Entra com cautela e não esqueça que deve morder em primeiro lugar o homem que matou Karait. Depois volta para cá e iremos atrás de Rikki-tikki.

— Você está segura de que a morte dessas pessoas nos será vantajosa? —

perguntou Nag.

— Existia entre nós algum mangusto quando a casa estava vazia? Com a

casa desabitada somos o rei e a rainha do jardim. É bom que não esqueça que

nossos ovos aninhados no canteiro de melões estarão em breve chocados, e

isto pode ser para amanhã mesmo. Nossos filhotes vão precisar de espaço e

tranqüilidade.

— É verdade, não me ocorrera isso. Vou então, mas penso que não haverá

necessidade de perseguir Rikki-tikki. Dou cabo do homem, da mulher e do

menor se puder, e volto para cá sem o menor barulho. A casa ficará deserta e

Rikki-tikki não terá outra alternativa, a não ser ir embora.

Rikki ouviu toda a conversa; a fúria o dominou de tal modo, que estremeceu-se todo. Pouco tempo depois, a cabeça de Nag apareceu no cano, e

logo atrás o seu longo e gélido corpo de cinco pés. Apesar da grande fúria.

Rikki-tikki levou um grande susto quando viu o tamanho da cobra. Nag

encaracolou o corpo, levantou a cabeça e examinou o recinto no escuro.

Rikki-tikki podia ver os olhos de Nag luzindo na escuridão.

"Se eu acabar com ele aqui. Nagaina descobrirá em breve; se o assaltar em pleno piso, a vantagem será dele. Que faço?", pensou Rikki. A cobra começou a balançar a cabeça, e Rikki-tikki pôde perceber que ela bebia a água do vaso

maior, usado para encher a banheira.

— O homem matou Karait com um pedaço de pau — lembrou Nag. —

É possível que ainda o tenha. De manhã, porém, quando vier para o banho,

não o portará consigo. Vou esperá-lo aqui. Nagaina, você pode me ouvir? Vou

ficar esperando aqui até o dia amanhecer.

Não houve nenhuma resposta, e Rikki-tikki percebeu que ela tinha ido

embora. Nag enrolou-se na base do vaso, e Rikki-tikki manteve-se o mais

quieto possível. Esperou uma hora, e começou a movimentar-se muito

sorratamente em direção ao jarro. Nag dormia. Rikki-tikki examinou-lhe o

dorso, procurando saber qual o melhor ponto para aplicar a mordida. "Caso não lhe arrebe a espinha no primeiro salto, terá condições de lutar, e, nesse caso, você cairá em desgraça. Rikki." Examinou a espessura do pescoço

abaixo do capelo, e concluiu que era demasiado para ele. Uma dentada na

cauda para nada serviria, a não ser

para excitar a fúria de Nag. "Terá de ser na cabeça, acima do capelo", pensou.

"E, dado o golpe, não posso soltar a presa."

Preparou-se e saltou. A cabeça estava um pouco afastada do vaso. Ao

cravar-lhe os dentes. Rikki-tikki firmou as costas contra a parede do vaso.

Calculava com isso reter a cabeça da sua presa. Essa estratégia garantiu-lhe

um aumento de força que, embora tenha durado apenas um segundo, ele

tratou de aproveitar bem. No instante seguinte, foi sacudido de um lado para

outro do mesmo modo que um rato é sacudido por um cão. Agarrou-se ao

corpo da cobra com todo vigor, e seus olhos eram todo brasas. Nag chicoteava

pelo chão, virou a saboneteira, a escova de banho e batia fortemente contra a

banheira. O mangusto apertava os dentes sempre com mais força, pois estava

certo de que ia morrer esborrachado. Por honra da família, era melhor que

morresse com os dentes cerrados. Sentia dores fortes e lhe parecia estar se

desmanchando aos pedaços. Subitamente qualquer coisa explodiu atrás dele;

um vento morno soprou-lhe rente às orelhas e ele caiu sem sentidos. O pai

acordara com o barulho, e descarregou os dois canos da espingarda na cabeça

de Nag.

Rikki-tikki manteve os olhos fechados, certo de estar morto. O pai tomou-

o nas mãos e disse:

— É o mangusto novamente. Alice. Desta vez ele salvou nossas vidas.

A mãe de Teddy entrou pálida e viu o que havia sobrado de Nag. Rikki-

tikki arrastou-se para o quarto do rapaz e passou boa parte da noite Tateando e sondando o corpo para certificar-se de que não estava transformado em

dezenas de pedaços.

Pela manhã, achou-se todo alquebrado, porém orgulhoso de si.
"Tenho

ainda de cuidar de Nagaina, e com ela a coisa será muito pior do
que foi com

Nag. Ademais, não se pode fazer a mínima idéia de quando os ovos
dela

estarão chocados. Tenho de falar com Darzee."

Não esperou sequer pelo café da manhã, foi imediatamente
procurar

Darzee, que entoava um canto triunfal com todo o vigor que lhe era
possível.

Todo o jardim sabia da morte de Nag, uma vez que o criado jogara
o corpo na

lata de lixo.

— Ah! Você, novelo de penas estúpido! — bradou Rikki bastante
enervado. — É esta uma ocasião para cantorias?

— Nag morreu! Morreu! Morreu! O corajoso Rikki-tikki agarrou-o
pela

cabeça e não vacilou. O homem grande veio com o pau-de-fogo, e
Nag veio

ao chão despedaçado! Nunca mais comerá os meus filhotes.

— Isso tudo não deixa de ser verdade. Mas onde está Nagaina? —

perguntou Rikki-tikki, pesquisando em torno com atenção.

— Nagaina foi à entrada do cano de escoamento de água e chamou por

Nag — prosseguiu Darzee. — Ele apareceu pendurado na ponta de uma vara,

trazido pelo criado que o tirou de lá e o lançou no lixo. Cantemos em honra do grande Rikki-tikki de olhos escarlates! — A ave respirou fundo e começou a

cantar.

— Se eu pudesse alcançar o teu ninho, tirava-lhe os teus filhotes — disse

Rikki-tikki. — Não sabe fazer as coisas no momento adequado. Está resguardado em teu ninho, mas aqui embaixo tenho uma guerra para

enfrentar. Deixa de cantar ao menos por um minuto. Darzee.

— Já que é o grande e formidável Rikki-tikki que assim me pede, paro de

cantar — respondeu o outro. — Que deseja, ó grande Rikki-tikki, matador do

terrível Nag?

— Outra vez te pergunto, onde está Nagaina?

— Perto do estábulo, na lixeira, chorando a morte de Nag. Grande Rikki-

tikki dos dentes brancos!

— Para o inferno com meus dentes brancos! Sabe onde estão os ovos

dela?

— No canteiro dos melões, no lado mais próximo da parede, onde o sol

bate quase o dia todo. Guardou-os lá há três semanas.

— E nunca ocorreu-lhe que devia contar-me esse fato? No lado perto da

parede, não é?

— Rikki-tikki, não está pensando em comer-lhe os ovos, está?

— Não seria exatamente comê-los. Darzee, se você conseguisse ter um

pouco de senso, iria até o estábulo e fingiria que te quebrou uma asa; depois, faria com que Nagaina te perseguisse até este arbusto. Preciso ir até os melões e se for para lá agora, ela me verá.

Darzee era lerdo, e sua cabeça não conseguia reter ao mesmo tempo mais

de uma idéia. Porque os filhos de Nagaina, como igualmente os seus, nasciam

de ovos, não conseguia conceber que se podiam destruí-los. Sua companheira,

contudo, era ave de melhor visão. Sabia que os ovos das cobras transformam-

se em cobrinhas mais tarde. Por isso, voou do ninho, deixando Darzee

encarregado de aquecer os filhotes e ocupado em cantar a morte de Nag.

Darzee se assemelhava em alguns aspectos aos homens.

Esvoaçou perto da lixeira, bem diante de Nagaina, e começou a agitar

desordenadamente as asas, dizendo:

— Ai, ai, minha asa está quebrada! O rapaz da casa quebrou-me a asa com uma pedrada. — Em seguida, pôs-se a esvoaçar ainda mais aflita. Nagaina.

alçou a cabeça e silvou:

— Você alertou Rikki-tikki na ocasião em que eu estava para o matar. O

caso agora é que veio lamentar sua asa quebrada em péssimo terreno. — E

dirigiu-se para a ave, avançando sobre o pó.

— O rapaz quebrou-me a asa com uma pedrada! — prosseguiu ela.

— Se lhe é possível algum consolo, afirmo que, depois de você estar

morta, cuidarei de tirar desforra do rapaz. Meu companheiro está na lixeira

esta manhã, porém digo que o rapaz já antes do anoitecer estará imóvel como

pedra. De que te adianta fugir? Eu te apanharei por certo. Olha cá, tola!

Ela sabia que não deveria obedecer-lhe, pois a ave que fixa os olhos de

uma obra assombra-se tanto, que fica imobilizada. Prosseguiu, pois, a

esvoaçar e piar de dor, sempre à beira do chão, avançando pelo caminho.

Nagaina foi forçada a segui-la.

Rikki-tikki percebeu que elas avançavam pelo caminho, vindo para o arbusto, a tratou de ir imediatamente ao canteiro dos melões; exatamente na

extremidade mencionada por Darzee, abafados pela folhagem dos frutos,

encontrou engenhosamente escondidos vinte e cinco ovos, de tamanho

aproximado aos da galinha, distintos apenas pelo fato de apresentarem no

lugar da casca uma pele esbranquiçada.

— Cheguei no momento exato — disse Rikki-tikki, vendo através da pele

transparente as cobrinhas enroladas. Ele sabia que estariam prontas para matar um homem tão logo estivessem libertas do ovo. Rompeu a cúpula dos ovos

com os dentes o mais rapidamente possível, cuidando de estraçalhar as crias.

Feito isso, tratou de vasculhar uma vez mais entre a folhagem para certificar-

se de que não havia ficado nem um remanescente. Faltavam ainda três ovos e,

estando na iminência de terminar o serviço. Rikki-tikki começou a rir baixinho. Foi então que ouviu o grito da companheira de Darzee:

— Rikki-tikki, trouxe Nagaina e a guiei para perto da casa. Ela entrou na

varanda e tenciona matar alguém. Vem depressa!

Rikki-tikki esmagou ainda dois ovos, saiu com o terceiro na boca,

correndo alucinadamente em direção à varanda. A família estava lá reunida,

torrando a refeição da manhã. Rikki notou, contudo, que não tocavam na

comida, todos estavam completamente paralisados e com o semblante pálido.

Nagaina estava entre eles, enrolada sobre o tapete, de tal

modo próxima da cadeira de Teddy, que podia dali lançar-se muito facilmente contra a perna nua do garoto. Ela manifestava seu triunfo cantando e

balançando o corpo.

— Filho do Homem Grande que matou Nag — pronunciou ela —, fica

quieto. Estou me preparando. Espera ainda. Todos fiquem imóveis.
Um único

movimento, e eu ataco; da mesma forma atacarei se não fizerem movimento.

Infelizes imbecis que mataram meu Nag!

Teddy parou os olhos fixos no pai, e tudo o que este podia fazer era dizer-

Ihe que permanecesse absolutamente quieto.

— Não faça o mínimo movimento. Teddy. Teddy, não se mexa.

Rikki-tikki lançou então seu grito:

— Vira para cá. Nagaina. Vira e luta!

— Cada coisa a seu tempo — respondeu ela, mantendo os olhos imóveis.

— Daqui a pouco resolverei minha questão contigo. Agora, veja como teus

amigos estão completamente imóveis. Estão com medo. Não se arriscarão a

mover-se, e se você avançar mais um passo, vou ao ataque.

— Fosse eu, iria dar uma olhadinha nos ovos que estão chocando no

canteiro dos melões — disse ele. — Vai lá. Nagaina.

Ela voltou-se e deparou com o ovo.

— Ah! Entrega-me! — suplicou.

Rikki-tikki envolveu o ovo com as duas patas, seus olhos completamente

em brasa, tão vermelhos quanto o sangue.

— Que preço paga por um ovo de cobra? E o preço de uma cobrinha? E de

uma cobrinha de família nobre? Pelo último exemplar, último de fato, que

sobrou do ninho? Os demais que lá ficaram já estão sendo devorados pelas

formigas.

Nagaina voltou-se inteiramente, esquecida de tudo o mais, tendo em vista

que ali estava o último ovo. Rikki-tikki viu que o pai de Teddy arrebatou-o

com as mãos, puxando-o para fora do alcance de Nagaina.

— Trapaça! Trapaça! Trapaça! Rikki-tchk-tchk! — troçou Rikki-tikki.
—

O rapaz está salvo, e fui eu que ataquei Nag ontem no banheiro e mordi-lhe o

capelo. — Pôs-se então a pular com as quatro patas simultaneamente, a

cabeça próxima do chão. — Ele chocalhou-me desenfreadamente, mas não

conseguiu livrar-se de mim. Estava já morto quando o homem grande o

decepcionou. *Rikki-tikki-tck-tck!* Fui eu! Apressa-te Nagaina, vem lutar comigo.

Não ficará viúva por mais tempo.

Nagaina percebeu que perdera a oportunidade de matar o menino. E agora.

Rikki-tikki estava de posse do ovo, mantendo-o entre as patas.

— Devolve o meu ovo. Rikki-tikki. Devolve o último que sobrou dos meus ovos, e me comprometo a ir-me daqui e não voltar — prometeu

Nagaina, desarmando o capelo.

— Certo, irá mesmo embora e não voltará nunca, desde que também você

irá para a lixeira acompanhar Nag que lá já está. Luta! O homem grande foi

buscar a espingarda. Luta!

Rikki-tikki dançava em torno de Nagaina, mantendo-se estrategicamente

afastado da possibilidade dos seus golpes. Os olhos estavam acesos,

reluzentes como brasa. Nagaina armou-se e assaltou-o. Rikki-tikki saltou para

cima e para trás. Ela prosseguiu, repetiu o assalto mais três vezes; a sua

vítima, entretanto, voava ligeira, e a cabeça dela batia contra o ponto vazio

com um ruído surdo. Ela voltava à posição tão habilmente como se fosse uma

mola. Rikki-tikki descreveu um círculo e tentou assaltá-la por trás, mas ela

girou para mantê-lo sob sua mira. Toda essa movimentação de cauda e

escamas enchia o ambiente de um som semelhante a folhas secas carregadas

pelo vento.

Rikki-tikki acabou esquecendo-se do ovo, largado na varanda. Nagaina ia

aproximando-se sempre, até que achou ocasião de tomá-lo na boca e bater-se

em retirada. O mangusto parara um segundo para tomar fôlego, e quando

percebeu, já ela ia descendo as escadas da varanda disparada em fuga. Ele

imediatamente correu a persegui-la. Mas, quando uma cobra foge, vai tão

veloz como o traçado breve de um raio.

Rikki-tikki sabia que não podia deixá-la escapar. Caso isso ocorresse, o

problema continuaria a rondar. Ela foi diretamente para o maciço de erva

perto da árvore, ponto de residência de Darzee, que persistia cantando sua tola nota triunfal. Rikki ouviu-o enquanto disparava atrás de Nagaina. Felizmente,

a companheira do parvo Darzee era mais sensata. Por isso, logo que Nagaina

se aproximou, ela voou do ninho e bateu as asas bem em frente da cabeça

dela. Se Darzee tivesse ajudado, poderiam tê-la feito voltar, mas Nagaina

apenas baixou a cabeça e prosseguiu. Mesmo assim, aquele breve obstáculo

contribuiu para que Rikki-tikki a alcançasse e a pegasse pela cauda justamente no momento em que ela entrava no buraco onde morava. Resultou daí que ele

mergulhou na toca junto com sua caça. São raros os mangustos, até mesmo os

mais idosos e experientes, que se atrevem a perseguir uma cobra a ponto de

penetrar em seu ninho. O buraco estava escuro, e Rikki-tikki não podia prever

quando ele se abriria fornecendo espaço à inimiga para o atacar. Apertou os

dentes com todo vigor para manter-se firme na cauda da

cobra, arremetendo as patas traseiras para trás a fim de fazê-las de freio e sustentar-se na descida da toca escura e úmida.

Logo depois a erva que ocultava a entrada da toca parou de agitar-se, e

Darzee lamentou:

— Está tudo terminado para Rikki-tikki! Agora temos de cantar para ele

uma canção fúnebre. O corajoso Rikki-tikki morreu! Com toda certeza

Nagaina o matou!

Pôs-se imediatamente a cantar a sua nota lamentosa, criada de improviso,

e, quando já se aproximava do trecho mais comovente, a erva novamente

tremulou. A cabeça de Rikki-tikki apontou, por fim, na entrada da toca; saiu

uma perna, depois veio a outra e saltou inteiro para fora, todo empoeirado;

aprumou-se e começou a lavar os bigodes com a língua. Darzee interrompeu a

canção e em seu lugar emitiu um grito de espanto. Nesse instante o mangusto

sacudiu o pêlo e espirrou.

— Está tudo acabado — disse. — A viúva não vai nunca mais sair da toca.

— As formigas vermelhas ouviram-no, pelo que irromperam em fila para a

toca em busca de confirmação do que tinham ouvido.

Rikki-tikki envolveu-se na erva e ali mesmo adormeceu. Dormiu longas

horas, até o fim da tarde, cansado da espinhosa tarefa que o ocupou. Logo que

despertou, disse:

— Tenho de voltar para casa. Darzee, pede ao Caldeireiro para contar a

todos que vivem no jardim que Nagaina está morta.

O Caldeireiro é uma ave que emite um som igual às pancadas de um

martelo sobre um recipiente de cobre. Ocupa-se nisso porque é o pássaro

anunciador das novidades para aqueles interessados em sabê-las. Todo jardim

indiano é habitado por um deles. Ao subir pelo caminho. Rikki ouviu suas

chamadas noticiosas, semelhantes a um som de batidas de sino, desses

empregados para convocar os comensais para o jantar. Em seguida, o ritmado

anúncio:

— Ding-dong! Nag está morto, dong! Nagaina está morta! Ding-dong!

Dado o anúncio, as aves começaram a cantar e os sapos a coaxar.
Nag e

Nagaina comiam não apenas aves bebês, mas também sapos.

Chegando em casa, toda a família foi a seu encontro, praticamente em

lágrimas. A mãe, principalmente, estava excessivamente pálida, visto que

perdera os sentidos. Agraciaram-lhe com todas as guloseimas apreciáveis,

fartamente oferecidas. Fartou-se regaladamente, e seguiu para a cama sentado

sobre o ombro de Teddy, onde a mãe o encontrou quando foi visitar o filho

noite alta.

— Ele salvou a minha vida, a tua e a de Teddy — disse ao marido.

—É

uma loucura, salvou-nos a todos!

Rikki-tikki acordou subitamente — os mangustos têm o sono muito leve;

por isso, é comum acordarem mediante mínimo ruído no meio da noite.

— Hum! Vejo que são vocês! — pronunciou ele. — Mas que razão há

para inquietarem-se? As cobras já estão mortas. Ainda que não estivessem, eu

estou aqui!

O feito de Rikki-tikki compunha uma boa causa para ele orgulhar-se de si.

Entretanto, não se tornou um mero presunçoso. Guardou o jardim com zelo,

cumprindo com vigor o mister de sua raça, com dentes e saltos, mordidas e

golpes, e não houve mais cobra que ousasse penetrar para dentro de seus

muros.

Tradução de Vilma Maria da Silva

Anatole France

Misticismo e sobrenatural, uma mistura sempre presente no gênero. Uma

igreja, uma missa e algumas almas penadas. Só isso. Suficiente para que

Anatole France (1844-1924) crie um clima que parece escrito nos vitrais e

sobretudo na arquitetura (incluindo aí a presença do tempo escrita nas ve-

lhas paredes escurecidas) das centenárias igrejas espalhadas pelo interior da França. Houve uma época em que a leitura de Anatole France era quase

obrigatória, tal a sua qualidade e popularidade: romances como Os deuses têm sede . A ilha dos pingüins e contos como "Cranquebille" (presente em Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal) e "A missa das almas" marcaram, e marcam, a presença do escritor no imaginário

ocidental.

A missa das almas

Ao sr. Jean-François Bladé, de Agen, o

"copista piedoso", que coligiu os contos

populares da Gasconka.

EIS O QUE O SACRISTÃO DA IGREJA DE SANTA EULÁLIA, em Neuville-d'Aumont, me

contou debaixo da parreira do Cavallo Branco, numa bela noite de verão,

bebendo uma garrafa de vinho velho à saúde de um morto muito conveniente,

que ele, naquele dia mesmo, enterrara com honras, sob um lençol cravejado

de belas lágrimas de prata.

— Meu falecido pai, coitado (é o sacristão que fala), era em vida coveiro.

Tinha bom gênio, sem dúvida um efeito de sua profissão, pois a gente observa

que as pessoas que trabalham nos cemitérios são de humor jovial.
A morte

não os assusta nada: nunca pensam nela. Este que lhe fala,
cavalheiro, entra

num cemitério, à noite, tão tranqüilamente quanto debaixo do
caramanchão do

Cavalo Branco. E se, por acaso, encontro uma alma do outro
mundo, não me

perturbo de jeito nenhum, por considerar que ela pode muito bem
vir tratar

das suas coisas, assim como trato das minhas. Conheço os hábitos
dos mortos

e suas características. Sobre esse assunto, sei de coisas que os
próprios padres não sabem. E se contasse tudo o que vi, o senhor
ficaria espantado. Mas nem

todas as verdades se deve dizer, e meu pai, mesmo gostando de
contar

histórias, não revelou a vigésima parte do que sabia. Em
compensação, repetia

com freqüência os mesmos relatos, e narrou umas cem vezes, pelo
que sei, a

aventura de Catherine Fontaine.

Catherine Fontaine era uma solteirona que recordava ter visto
quando

menino. Eu não ficaria nada espantado se ainda houvesse na região
até três

velhotes que se lembrassem de ter ouvido falar nela, pois era bem conhecida e

de boa reputação, ainda que pobre. Morava na esquina da rua das Freiras, na

torrezinha que o senhor ainda pode ver,

pertencente a um velho palácio que dá para o Jardim das Ursulinas. Há sobre essa torrezinha figuras e inscrições meio apagadas. O finado cura de Santa

Eulália, sr. Levasseur, assegurava que está dito em latim que o amor é mais

forte que a morte. Entendido, acrescentava, como amor divino.

Catherine Fontaine vivia só nessa pequenina habitação. Era rendeira. O

senhor sabe que as rendas feitas em nossas terras já foram muito renomadas.

Dela não se conheciam nem parentes nem amigos. Dizia-se que aos 18 anos

amara o jovem cavaleiro de Aumont-Cléry, de quem fora secretamente noiva.

Mas as pessoas de bem não queriam acreditar em nada disso e diziam ser uma

história que fora imaginada por Catherine ter mais ar de dama que de

trabalhadora, por guardar sob os cabelos brancos os restos de uma grande

beleza, por ter um ar triste e por se ver no seu dedo um anel desses sobre os

quais o ourives colocou duas mãozinhas unidas, que se tinha o costume, nos

tempos antigos, de dar um ao outro, nos noivados. O senhor já vai saber o que

era.

Catherine Fontaine vivia santamente. Freqüentava as igrejas e, toda

manhã, chovesse ou fizesse sol, ia assistir à missa das seis horas na Santa

Eulália.

Ora, uma noite de dezembro, enquanto estava deitada em seu quartinho,

foi acordada pelo som dos sinos; não tendo dúvida alguma de que soavam a

missa primeira, a piedosa moça se vestiu e desceu para a rua, onde a noite

estava tão escura que nada se via das casas e nenhuma claridade se mostrava

no céu negro. E havia um tal silêncio nessas trevas que nem um cachorro que

fosse latia ao longe, e a gente se sentia separado de qualquer criatura viva.

Mas Catherine Fontaine, que conhecia cada uma das pedras onde botava o pé

e que poderia ir à igreja de olhos fechados, chegou sem dificuldade à esquina

da rua das Freiras com a rua da Paróquia, onde se ergue a casa de madeira que

tem uma árvore de Jessé esculpida sobre uma trave. Chegando a esse lugar,

viu que as portas da igreja estavam abertas e que de lá safa uma grande

claridade de círios. Continuou a andar e, tendo atravessado o pórtico, deu com uma assistência numerosa que enchia a igreja. Mas não reconhecia nenhum

dos espectadores, e estava surpresa de ver toda essa gente vestida de veludo e brocado, com plumas no chapéu e carregando a espada à moda do tempo

antigo. Havia lá fidalgos que empunhavam compridas bengalas com castão de

ouro e damas com uma touca de renda segura por um pente na posição de

diadema. Cavaleiros de são

Luís davam a mão a essas damas, que escondiam sob o leque um rosto pintado, do qual só se viam a têmpora empoada e uma mosca no canto do

olho! E todos iam a seus lugares sem nenhum ruído, e não se ouviam,

enquanto andavam, nem o som dos passos sobre as lajes nem o roçar dos

tecidos. As naves laterais se enchiam com uma multidão de jovens artesãos,

de túnica parda, calções de fustão e meias azuis, que seguravam pela cintura

moças muito bonitas, rosadas, de olhos baixos. E, junto às pias de água benta, camponesas de saia vermelha e corpete de laço sentavam-se no chão com a

tranqüilidade dos animais domésticos, enquanto rapazes novos, de pé atrás

delas, arregalavam os olhos e remexiam entre os dedos seus chapéus. Todos

esses rostos silenciosos pareciam eternizados no mesmo pensamento, doce e

triste. Ajoelhada em seu lugar costumeiro. Catherine Fontaine viu o padre se

dirigir para o altar, precedido de dois ecônomos. Não reconheceu nem o

padre, nem os ajudantes. A missa começou. Era uma missa silenciosa, onde

não se ouvia nenhum som dos lábios que se mexiam, nem o tilintar do sininho

agitado em vão. Catherine Fontaine se sentia sob a vista e sob a influência de seu vizinho misterioso e, tendo olhado para ele sem quase voltar a cabeça,

reconheceu o jovem cavaleiro de Aumont-Cléry, que a amara e estava morto

fazia 45 anos. Reconheceu-o por um pequeno sinal que tinha sob a orelha

esquerda e sobretudo pela sombra que seus longos cílios negros faziam sobre

suas bochechas. Estava vestido com roupa de caça, vermelha com galões de

ouro, que usava no dia em que, tendo-a encontrado no bosque de São

Leonardo, pedira-lhe de beber e pegara um beijo. Guardara a juventude e a

boa forma. Seu sorriso mostrava ainda dentes de lobinho. Catherine disse-lhe

baixinho:

— Meu senhor, que foi meu amigo e a quem dei outrora o que uma moça

tem de mais precioso. Deus o tenha em Sua graça! Possa Ele me inspirar

enfim o remorso pelo pecado que cometi com o senhor; pois a verdade é que,

de cabelos brancos e perto da morte, não me arrependo ainda de tê-lo amado.

Mas, amigo falecido, meu belo senhor, diga-me quem são essas pessoas à

moda de antigamente que assistem aqui a essa missa silenciosa.

O cavaleiro de Aumont-Cléry respondeu numa voz mais fraca do que um

sopro, porém mais clara do que o cristal:

— Catherine, esses homens e essas mulheres são almas do purgatório que

ofenderam Deus pecando como nós por amor às criaturas, mas nem por isso

afastadas de Deus, pois seu pecado foi, como o nosso, sem malícia.

"Enquanto, separados do que amavam sobre a terra, se purificam no fogo lustral do purgatório, sofrem as dores da ausência, e esse sofrimento é para

eles o mais cruel. São tão infelizes que um anjo do céu se apiedou de sua

aflição amorosa. Com a permissão de Deus, reúne todo ano, durante uma hora

noturna, os enamorados na sua igreja paroquial, onde lhes é permitido assistir à missa das almas segurando as mãos. Essa é a verdade. Se me é dado vê-la

aqui antes da sua morte. Catherine, é uma coisa que só acontece com a

permissão de Deus."

E Catherine Fontaine lhe respondeu:

— Eu gostaria de morrer para voltar a ser bela como nos dias, meu

falecido senhor, em que lhe dava de beber na floresta.

Enquanto falavam assim baixinho, um cônego velhíssimo fazia a coleta e

apresentava uma grande travessa de cobre aos espectadores que lá deixavam

cair, sucessivamente, antigas moedas fora de circulação há muito: escudos de

seis libras, florins, ducados e ducaton, jacobus, nobles, e as moedas caíam

em silêncio. Quando a travessa de cobre lhe foi apresentada, o cavaleiro

colocou um luís que não sou mais do que as outras moedas de ouro e prata.

Depois o velho cônego parou em frente a Catherine Fontaine, que remexeu

o bolso sem lá achar nada. Então, não querendo recusar uma oferenda,

destacou do dedo o anel que o cavaleiro lhe dera na véspera de sua morte, e o

jogou na bandeja de cobre. O anel de ouro, ao cair, sou como pesada batida

de sino e, diante do ruído reverberante que fez, o cavaleiro, o cônego, o

celebrante, os ajudantes, as damas, os cavaleiros, a assistência toda

desapareceu; os círios se apagaram e Catherine Fontaine permaneceu só nas

trevas.

Tendo acabado desse modo o relato, o sacristão bebeu um grande gole de

vinho, ficou por um momento sonhador e depois retomou nestes termos:

— Contei-lhe essa história tal qual meu pai me contou várias vezes e

acredito ser ela verídica, pois está de acordo com tudo o que observei dos usos e costumes dos defuntos. Convivo com os mortos desde minha infância e sei

que sua praxe é voltar a seus amores.

"Assim é que os mortos avarentos erram, à noite, perto dos tesouros que

esconderam em vida. Fazem guarda em torno de seu ouro; mas os cuidados

que tomam, longe de servi-los, acabam prejudicando-os, e não é raro

descobrir dinheiro enfiado na terra cavando-se o lugar assombrado por um

fantasma. Também os maridos defuntos vêm atormentar, à

noite, suas mulheres casadas em segundas núpcias, e eu poderia nomear vários que, mortos, cuidaram mais das esposas do que o fizeram vivos.

"Esses são reprováveis pois, de justiça, os defuntos não deveriam de modo algum bancar os ciumentos. Mas relato ao senhor o que observei.

com o que se precisa tomar cuidado ao desposar uma viúva. Aliás, a

história que lhe contei foi comprovada da maneira seguinte:

"De manhã, após essa noite extraordinária. Catherine Fontaine foi encontrada morta em seu quarto. E o guarda suíço de Santa Eulália achou na

travessa de cobre que servia às coletas um anel de ouro com duas mãos

unidas. Aliás, não sou homem de contar histórias das quais se ria. Que tal

pedirmos outra garrafa de vinho?..."

Tradução de Augusto Alencastro

Akutagawa Ryunosuke

Akutagawa Ryunosuke (1892-1927), expoente da literatura japonesa, só

ganhou fama mundial quando Akira Kurosawa transformou dois de seus

contos num filme que se tornaria clássico: Roshomon. Muito pouco de sua

obra foi publicada no Brasil. Este aparentemente singelo "Sennin", por exemplo, só agora aparece em português. O conto começa como uma crônica

de costumes ou social e acaba como pura abstração: a fantasia, ou a

espiritualidade da tradição oriental, assume ares de realidade concreta e

efetiva. Detalhe: na tradição japonesa, o que chamamos no Ocidente (ou na

Inglaterra?) de "fantasma", fruto do imaginário ou da credice popular, recebe o nome de "espírito", uma presença no cotidiano das pessoas. A leitura deste conto de Akutagawa, assim como o de Lafcadio Hearn nesta

mesma antologia, só se enriquece tendo em vista esta particularidade: os

espíritos são presenças reais que alteram, quando não determinam, nossas

vidas.

Sennin

UM HOMEM QUE QUERIA SE EMPREGAR como criado chegou uma vez à cidade de

Osaka. Não sei seu verdadeiro nome, todos o conheciam pelo nome de criado.

Gonsuke, pois ele era, afinal, um criado para qualquer trabalho.

Esse homem (a quem chamaremos Gonsuke) foi a uma agência de COLOCAÇÕES PARA QUALQUER TRABALHO e disse ao funcionário, que estava

fumando seu comprido cachimbo de bambu:

— Por favor, senhor funcionário, eu gostaria de ser um sennin. **1** O senhor teria a gentileza de procurar uma família que me queira como criado e me

ensine o segredo de sê-lo, enquanto trabalho como criado?

O funcionário, atônito, perdeu a fala por alguns instantes, diante do ambicioso pedido de seu cliente.

— O senhor não me ouviu, sr. Funcionário? — disse Gonsuke. — Eu desejo ser um *sennin*. Poderia o senhor procurar uma família que me

empregue como criado e me revele o segredo?

— Lamentamos desiludi-lo — murmurou o empregado, voltando a fumar

seu cachimbo —, mas nem uma única vez em nossa extensa carreira

comercial precisamos procurar um emprego para aspirantes ao posto de

sennin. Se o senhor for a outra agência, talvez...

1 Na mitologia japonesa, o espírito imortal de um santo eremita que vive nas montanhas, capaz de realizar milagres devido aos incontáveis méritos adquiridos através de seu ascetismo. (N.T.)

Gonsuke chegou mais perto, roçando-o com seus petulantes joelhos, cobertos pelas calças azuis, e começou a argumentar desta maneira:

— Alto lá, senhor, isso não está certo. Sua tabuleta então não diz

COLOCAÇÕES PARA QUALQUER TRABALHO? Já que promete qualquer trabalho, o

senhor deve conseguir qualquer trabalho que se queira. Se não cumpre o que

promete, trata-se então de uma mentira proposital.

Diante de argumento tão razoável, o funcionário não censurou aquela

explosão de raiva:

— Posso garantir-lhe, senhor forasteiro, que não há engano algum. Tudo

está correto — apressou-se a explicar o funcionário —; mas se insiste em seu

estranho desejo, peço-lhe que volte aqui amanhã. Tratarei de conseguir o que

nos pede.

Para se livrar, o funcionário fez essa promessa e conseguiu que, mo-

mentaneamente. Gonsuke se fosse. Desnecessário dizer, entretanto, que não

havia qualquer possibilidade de se conseguir uma casa onde pudessem ensinar

aos criados os segredos para se tornarem um sennin. De modo que, ao sair o

visitante, o funcionário correu à casa de um médico vizinho.

Contou-lhe a história do estranho cliente e perguntou-lhe ansioso:

— Doutor, que família o senhor acredita poderia fazer desse rapaz um

sennin, com rapidez?

Aparentemente, a pergunta desconcertou o médico, que ficou pensando

por um instante, com os braços cruzados sobre o peito, contemplando

vagamente um grande pinheiro no jardim. Foi a mulher do médico, uma

mulher muito astuta, conhecida como a Raposa Velha, quem respondeu por

ele, ao ouvir a história do funcionário:

— Nada mais simples. Mande-o aqui. Em alguns anos faremos dele um

sennin.

— Conseguirá mesmo, senhora? Seria maravilhoso! Não sei como

agradecer seu oferecimento tão amável. Mas confesso que imaginei desde o

começo que alguma relação existe entre um médico e um sennin.

O funcionário, que felizmente ignorava as intenções da mulher, agradeceu

outra vez e se afastou com imensa alegria.

Nosso médico seguiu-o com o olhar; parecia muito contrariado e logo,

voltando-se para a mulher, repreendeu-a mal-humorado:

— Sua louca! Você viu a sandice que acabou de dizer e fazer? O que faria

se o fulano, depois de alguns anos, começasse um dia a se queixar que não lhe

ensinamos nem um pingo do que você tinha prometido?

A mulher, longe de pedir desculpas, foi até ele e grasnou:

— Idiota! É melhor não se meter! Um otário estúpido como você não

consegue nem arrumar o suficiente neste mundo maldito para manter juntos a

alma e o corpo.

Essa frase calou o marido.

Na manhã seguinte, como combinado, o empregado levou seu humilde

cliente à casa do médico. Como fora criado no campo. Gonsuke apresentou-se

naquele dia cerimoniosamente vestido, de *kaori* e *hakama*², talvez em honra de tão importante ocasião. Na aparência. Gonsuke em nada se diferenciava do

camponês comum, o que foi uma surpresa para o médico, que esperava ver

algo inusitado na figura do aspirante a *sennin*. O médico olhou-o com

curiosidade, como se fosse um animal exótico trazido da Índia longínqua, e

logo falou:

— Disseram-me que deseja ser um *sennin* e estou muito curioso para saber quem lhe meteu essa idéia na cabeça.

— Bem, senhor, não tenho muita coisa a lhe dizer — respondeu Gonsuke.

— Foi realmente muito simples. Quando eu vim pela primeira vez a esta

grande cidade e olhei para o grande castelo, pensei desta maneira: que até o

nosso grande governante Tayko, que vive ali, deve morrer algum dia; que

alguém pode viver com luxo, mas ainda assim voltará ao pó como o resto de

nós. No fim das contas, que toda a nossa vida é um sonho passageiro... era

exatamente o que eu sentia naquele instante.

— Então — bem depressa a Velha Raposa se meteu na conversa —, você

faria qualquer coisa para se tornar um *sennin*?

— Sim, senhora, contanto que me torne um.

— Muito bem. Então viverá e trabalhará aqui durante vinte anos a partir de

hoje e, ao final do prazo, será o feliz possuidor do segredo.

— É verdade, senhora? Ficarei muito agradecido.

— Mas — acrescentou ela —, durante vinte anos não receberá de nós nem

um centavo de salário. Concorda?

— Sim, senhora. Obrigado, senhora. Concordo com tudo.

Começaram assim a transcorrer os vinte anos que passou Gonsuke a

serviço do médico. Gonsuke carregava água do poço, cortava lenha, preparava

as refeições e fazia todo o trabalho de casa. Mas não era tudo;

2 Tradicional quimono preto japonês, usado com casaco, o traje formal da época, equivalente ao terno da civilização ocidental. (N.T.)

tinha que acompanhar o médico em suas visitas, carregando em seus ombros a enorme mala de remédios. Nem mesmo por esse trabalho pediu Gonsuke um

único centavo. Na verdade, em todo o Japão, não se poderia encontrar melhor

serviçal por menor salário.

Passaram-se afinal os vinte anos e Gonsuke, outra vez vestido cerimoniaisamente com seu *kaori* engomado, como da primeira vez em que o

viram, apresentou-se diante dos donos da casa.

Expressou-lhes seu agradecimento por toda a bondade recebida durante os

vinte anos decorridos.

— E agora, senhor? — perguntou Gonsuke. — Podem os senhores me

ensinar hoje como se chega a ser um sennin e a alcançar a juventude eterna e

a imortalidade?

E agora? O que fazemos? — suspirou o médico ao ouvir o pedido. Depois

de tê-lo feito trabalhar por vinte longos anos por nada? Como poderia em

nome da humanidade dizer agora a seu criado que nada sabia a respeito do

segredo dos sennins? O médico se desculpou dizendo que somente sua mulher

conhecia o segredo. — Precisa pedir a ela que lhe diga! — e grosseiramente

se afastou.

A mulher, entretanto, suave e imperturbável, disse:

— Muito bem, então eu ensinarei; mas considere que precisa fazer tudo o

que eu disser, por mais difícil que pareça. De outro modo, nunca poderia ser

um sennin e, além disso, teria que trabalhar para nós outros vinte anos sem

pagamento, do contrário, acredite em mim, o Deus Todo-Poderoso o destruirá

no mesmo instante.

— Muito bem, senhora, farei qualquer coisa, por mais difícil que seja —

respondeu Gonsuke. Estava muito contente e esperava que ela falasse.

— Bem — disse ela —, então suba nesse pinheiro do jardim.

Desconhecendo por completo os segredos, suas intenções haviam sido

simplesmente impor-lhe qualquer tarefa impossível de ser cumprida para

garantir seus serviços gratuitos por outros vinte anos. Ao ouvir a ordem,

porém. Gonsuke começou a subir na árvore, sem vacilar.

— Mais alto — gritava ela —, mais alto, até o topo.

De pé na beira da varanda, ela erguia o pescoço para ver seu melhor criado

sobre a árvore; viu seu kaori flutuando lá em cima, por entre os galhos mais

altos daquele pinheiro tão alto.

— Agora solte a mão direita.

Gonsuke agarrou-se o mais que pôde ao pinheiro com a mão esquerda e

cuidadosamente deixou livre a direita.

— Solte também a mão esquerda.

— Chega, chega, minha boa mulher — disse-lhe afinal o marido, olhando

para as alturas. — Você sabe muito bem que, se o camponês soltar o galho,

ele vai cair. Aqui embaixo há uma grande pedra e, tão certo como eu sou um

médico, ele será um homem morto.

— Neste momento não quero nenhum de seus preciosos conselhos. Deixe-

me em paz. Ei, homem! Solte a mão esquerda! Está me ouvindo?

Enquanto ela falava. Gonsuke levantou sua trêmula mão esquerda.
Com as

duas fora do galho, como poderia se manter em cima da árvore?
Então,

quando o médico e sua mulher recuperaram o fôlego. Gonsuke e
seu *kaori*

puderam ser vistos soltando-se do galho e logo... e logo... Mas, o
que era

aquilo? Gonsuke parou! Parou! Parou no meio do ar, em vez de cair
como um

tijolo, e lá ficou, lá em cima, em plena luz do meio-dia, suspenso
como uma

marionete.

— Estou agradecido a ambos, do mais fundo do meu coração. Os
senhores

fizeram de mim um *sennin* — disse Gonsuke lá do alto.

Viram-no se inclinar numa respeitosa reverência e logo começou a
subir

mais alto, dando suaves passos no céu azul, até transformar-se
num pontinho

e desaparecer entre as nuvens.

Tradução de Celina Portocarrero

Oscar Wilde

Como, um conto "infantil" numa antologia para adultos!? Sim. Oscar Wilde (1854-1900) pretendeu escrever Histórias de fadas para crianças. Mas a literatura infantil, que também pode ser lida por adultos quando de qualidade, é cheia de situações de peso e gravidade em relação ao ser humano. A

crueldade na chamada literatura infantil já foi bastante estudada e não seria de estranhar a inclusão de um conto como "O Barba Azul", de Charles Perrault, numa antologia de horror, por exemplo. (Ele, aliás, está presente na antologia Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal .) Leiam e julguem.

O foguete notável

O FILHO DO REI IA SE CASAR, de modo que todo mundo estava em festa. Ele

havia esperado um ano inteiro por sua noiva, e ela finalmente havia chegado.

Ela era uma Princesa russa, e tinha vindo desde lá da Finlândia em um trenó

puxado por seis renas. O trenó era do feitio de um enorme cisne dourado, e

entre as asas do cisne ficava a própria Princesinha. Sua longa capa de arminho chegava até os pés; na cabeça ela usava uma boininha pequena de tecido

prateado, e ela era tão pálida quanto o Palácio de Neve no qual sempre havia

vivido. Ela era tão pálida que quando passou pelas ruas todos ficaram

espantados.

— Ela parece uma rosa branca! — gritavam, e atiravam flores de seus

balcões.

No portão do Castelo, o Príncipe estava esperando para recebê-la. Ele tinha

olhos violeta, sonhadores, e seus cabelos pareciam ouro refinado. Ao vê-la,

ele abaixou-se sobre o joelho e beijou-lhe a mão.

— Seu retrato era lindo — murmurou ele —, mas você é mais linda do que

seu retrato — e a Princesinha enrubesceu.

— Antes ela parecia uma rosa branca — disse um jovem Pajem a seu

vizinho —, mas agora ela parece uma rosa vermelha — e toda a Corte ficou

encantada.

Durante os três dias que se seguiram todo mundo andava de lá para cá

dizendo "Rosa branca. Rosa vermelha. Rosa branca. Rosa vermelha" e o Rei deu ordem para dobrar o salário do Pajem. Como ele não recebia qualquer

salário, a ordem não adiantou muito, mas foi considerada uma grande honra, e

publicada na Gazeta da Corte.

Ao fim desses três dias o casamento foi celebrado. Foi uma cerimônia magnífica, e a noiva e o noivo passaram, de mãos dadas, sob um dossel de

veludo roxo bordado de pérolas. Depois houve um Banquete de Estado, que

durou cinco horas. O Príncipe e a Princesa sentaram-se na extremidade do

Grande Salão e beberam numa taça de cristal transparente. Só pessoas que

realmente se amam é que podiam beber nesta taça, porque se lábios falsos a

tocassem ela ficaria cinzenta e opaca.

— É evidente que esses dois se amam — disse o pequeno Pajem. — Está

claro como cristal!

E o Rei dobrou o seu salário uma segunda vez.

— Que grande honra — exclamaram todos os cortesãos.

Depois do banquete haveria um Baile. O noivo e a noiva iam dançar juntos

a Dança da Rosa, e o Rei prometeu tocar flauta. Ele tocava muito mal, mas

ninguém jamais ousara dizer isso a ele, porque ele era o Rei. Para falar a

verdade, ele só sabia duas melodias, e nunca sabia direito qual das duas ele

estava tocando; mas não importava, pois fizesse o que fizesse, todo mundo

gritava "Que encanto! Que encanto!".

O último evento do programa era uma grande queima de fogos de artifício,

a ter lugar exatamente à meia-noite. A Princesinha jamais vira fogos de

artifício em sua vida, de modo que o Rei tinha dado ordens ao Pirotécnico

Real para que ele mesmo estivesse de serviço no dia do casamento.

— Como são os fogos de artifício? — perguntou ela ao Príncipe, certa

manhã, quando estava passeando no terraço.

— Eles parecem com a Aurora Boreal — disse o Rei, que sempre

respondia perguntas dirigidas a outras pessoas —, só que muito mais natural.

Eu pessoalmente os prefiro às estrelas, porque sempre se sabe quando eles vão

aparecer, e são tão deliciosos quanto o som de minha flauta. Você não pode

deixar de vê-los.

De modo que no fundo do jardim do Rei uma arquibancada foi construída,

e logo que o Pirotécnico Real arrumou tudo em seu lugar certo, os fogos

começaram a conversar uns com os outros.

— O mundo certamente é muito bonito — disse uma Estrelinha. — Olhem

só aquelas tulipas amarelas. Puxa! Se elas fossem bombinhas de verdade não

poderiam ser mais bonitas. Fico muito contente de ter viajado. A viagem

enriquece a mente, e acaba com nossos preconceitos.

— O jardim do Rei não é o mundo, sua estrelinha tola — disse um grande

Repuxo. — O mundo é um lugar enorme, e você levaria três dias para

conhecê-lo por inteiro.

— Todo lugar em que se ama é o mundo para você — exclamou,

pensativa, a Rodinha, que fora ligada a uma velha caixa de pinho logo no

início da vida e orgulhava-se de seu coração partido. — Mas o amor não está

mais em moda, os poetas o mataram. Escreveram tanto a respeito que

ninguém acreditou mais neles, o que não me surpreende. O verdadeiro amor

sofre, e cala. Lembro que eu mesma, certa vez... mas não importa agora. O

romantismo pertence ao passado.

— Bobagem! — disse o Pistolão. — O romantismo nunca morre. É como

a lua, que vive para sempre. A noiva e o noivo, por exemplo, amam-se

profundamente. Eu soube tudo a respeito deles, hoje de manhã, de um

cartucho comum, desses de papel pardo, que por acaso ficou na mesma gaveta

que eu e me contou todas as novidades da Corte.

Mas a Rodinha sacudiu a cabeça.

— O romantismo morreu, o romantismo morreu, o romantismo morreu —

murmurou ela. Era uma dessas pessoas que acham que se uma coisa é repetida

muitas vezes se torna verdade.

Repentinamente, uma tosse aguda e seca foi ouvida, e todos se viraram

para ver do que se tratava.

A tosse vinha de um Foguete alto e com ares de superioridade, amarrado à

ponta de uma vara comprida. Ele sempre tossia antes de fazer qualquer

observação, a fim de atrair a atenção de todos.

— Rã-rã! — disse ele, e todos prestaram atenção, menos a pobre da

Rodinha, que ainda estava sacudindo a cabeça e murmurando "O romantismo

morreu!".

— Ordem! Ordem! — gritou uma Bombinha.

Ele era um tanto quanto político, sempre desempenhava papel importante

nas eleições locais, e sabia usar todas as expressões parlamentares adequadas.

— Completamente morto — sussurrou a Rodinha, que então adormeceu.

Tão logo o silêncio se tornou absoluto, o Foguete tossiu uma terceira vez e

começou. Ele falava com uma voz lenta e clara, como se estivesse ditando

suas memórias, e sempre olhava por cima do ombro da pessoa com a qual

estava falando. Na verdade, tinha modos muito distintos.

— Que felicidade para o filho do Rei — notou ele. — Casar-se exatamente

no dia em que vou ser lançado!

Realmente, se tudo houvesse sido planejado com antecedência, as coisas não poderiam ter saído melhor para ele: mas os Príncipes sempre têm sorte.

— Minha nossa! — disse a Estrelinha. — Eu pensei que era exatamente o

contrário: que nós íamos ser queimados em honra do Príncipe!

— Talvez para você — respondeu ele. — Na verdade, não tenho dúvidas

de que assim seja. Mas o meu caso é completamente diferente. Sou um

Foguete muito notável, e descendo de notáveis pais. Minha mãe foi a Rodinha

mais célebre de seu tempo, renomada por sua graciosa dança. Quando ela fez

sua grande exibição pública, girou 19 vezes antes de se apagar, atirando sete

estrelas cor-de-rosa a cada volta. Tinha um metro de diâmetro e era feita com

a melhor pólvora que existe. Meu pai era um Foguete, como eu mesmo, e de

origem francesa. Voou tão alto que todo mundo teve medo de que ele nunca

mais caísse. Mas caiu, porque era de muito boa índole, executando uma

brilhantíssima descida de chuva de ouro. Os jornais escreveram a respeito de

sua atuação nos termos mais lisonjeiros. Para falar a verdade, a *Gazeta da Corte* chamou-o um triunfo da arte Pilotécnica.

— Pirotécnica, você quer dizer Pirotécnica — disse um Fogo-de-Bengala.

— Eu sei que é Pirotécnica porque li na minha própria lata.

— Bem, pois eu disse Pilotécnica — respondeu o Foguete, com tom de

voz severo, e o Fogo-de-Bengala sentiu-se tão arrasado que começou a

implicar com as estrelinhas, a fim de mostrar que continuava sendo uma

pessoa importante. — Dizia eu — continuou o Foguete —, dizia eu... O que é

que eu dizia?

— Estava falando de si mesmo — retrucou o Pistolão.

— Claro! Eu sabia que estava discorrendo sobre algum assunto interessante quando fui tão rudemente interrompido. Detesto grosseria e toda

espécie de maus modos, pois sou extremamente sensível. Ninguém no mundo

é tão sensível quanto eu, disso tenho absoluta certeza.

— O que é uma pessoa sensível? — perguntou a Bombinha ao Pistolão.

— É uma pessoa que, só porque tem calos, sempre pisa nos dedos dos pés

dos outros — respondeu o Pistolão sussurrando baixinho, e a Bombinha quase

estourou de rir.

— Por favor, do que é que estão rindo? — indagou o Foguete. — Eu não

estou rindo.

— Eu estou rindo porque estou contente — respondeu a Bombinha.

— Essa é uma razão bem egoísta — disse o Foguete, com raiva. — Que direito tem você de estar contente? Deveria estar pensando nos outros. Para

falar a verdade, deveria estar pensando em mim. Eu estou sempre pensando

em mim mesmo, e espero que todos os outros façam o mesmo. É isso que se

chama solidariedade. É uma bela virtude, que eu possuo no mais alto grau.

Suponha, por exemplo, que alguma coisa acontecesse comigo hoje à noite,

que infelicidade isso seria para todos! O Príncipe e a Princesa jamais

tornariam a ser felizes, toda a sua vida de casados ficaria estragada. E quanto ao Rei, sei que ele não conseguiria superar isto. Realmente, quando começo a

pensar na importância da minha posição, quase chego às lágrimas.

— Se quiser dar prazer aos outros — gritou o Pistolão —, é melhor tratar

de ficar seco.

— Isso mesmo — exclamou o Fogo-de-Bengala, que já estava se sentindo

melhor. — Isso nada mais é do que bom senso.

— Bom senso, pois sim! — disse o Foguete, indignado. — Vocês se esquecem que eu sou muito incomum, e muito notável. Ora, bom senso

qualquer um pode ter, desde que não tenha imaginação. Mas eu tenho

imaginação, e jamais penso nas coisas assim como elas são. Sempre penso

que podem ser algo completamente diferente. E quanto a me manter seco, é

óbvio que por aqui não há ninguém capaz de apreciar uma natureza realmente

emotiva. Felizmente para mim, pouco me importa. A única coisa que sustenta

uma pessoa pela vida afora é a consciência da enorme inferioridade de todos

os que a cercam, sentimento esse que venho cultivando assiduamente. Mas

nenhum de vocês tem coração, pois ficam todos rindo e se divertindo como se

o Príncipe e a Princesa não tivessem acabado de se casar.

— Ora, realmente — exclamou um Balãozinho. — E por que não? Trata-

se de uma ocasião muito feliz, e quando eu subir para o ar pretendo contar

tudo às estrelas. Vocês vão ver só como elas vão brilhar quando eu falar a

respeito da linda noiva.

— Ah! Que visão mesquinha da vida! — disse o Foguete. — Mas era só

isso mesmo que eu esperava. Não há nada dentro de vocês. Vocês são ocios e

vazios. Ora, pode ser que o Príncipe e a Princesa vão morar em um país onde

haja um rio fundo, e é possível que eles tenham um filho único, um menininho louro, de olhos violeta como os do próprio Príncipe. E pode ser

que um dia ele saia para passear com a sua ama, e pode

ser que a ama adormeça, ao lado de uma árvore, e pode ser que o menino caia no rio fundo e se afogue. Que terrível infelicidade! Pobre gente, perder seu

filhinho único! E realmente uma desgraça! Eu jamais superarei o caso!

— Mas eles não perderam seu filhinho único — disse o Pistolão —, nenhuma desgraça lhes aconteceu.

Nem eu jamais disse que haviam perdido — respondeu o Foguete.

— Eu disse que poderiam perder. Se eles tivessem perdido seu filhinho

único, não haveria nada mais a dizer a respeito. Detesto gente que chora sobre o leite derramado. Mas quando penso que eles poderiam perder seu único

filho, isso certamente me afeta muito.

— Sem a menor dúvida! — gritou o Fogo-de-Bengala. — Para falar a verdade, você é a pessoa mais afetada que eu conheço.

— Você é a pessoa mais rude que eu jamais conheci — disse o Foguete.

— E não pode sequer compreender minha amizade pelo Príncipe.

— Ora essa, você nem sequer o conhece — grunhiu o Pistolão.

— Eu jamais disse que o conhecia — respondeu o Foguete. — E

ousou dizer que se o conhecesse eu não seria seu amigo, em absoluto. É muito

perigosa essa história de se conhecer os amigos.

— Olhe, o melhor na verdade é você tratar de ficar seco — disse a

Girândola. — Isso é muito importante.

— Muito importante para você, sem dúvida — respondeu o Foguete.
Mas

eu choro se quiser.

E ele efetivamente desatou-se em lágrimas de verdade, que
escorreram por

sua vara como gotas de chuva, e quase afogaram dois besourinhos
que

estavam pensando em morar juntos e procuravam um cantinho
seco para

montar sua casa.

— Ele deve ser de natureza realmente romântica — disse a Rodinha
—,

pois chora quando não há o menor motivo para chorar — e soltou
um suspiro

profundo, pensando em sua caixa de pinho.

Mas o Pistolão e o Fogo-de-Bengala estavam absolutamente
indignados, e

ficavam repetindo "Fingido! Fingido!" em voz bem alta. Eles eram

extremamente práticos, e sempre que não concordavam com
qualquer coisa

diziam que era fingimento.

Então a lua apareceu como um maravilhoso escudo de prata, as
estrelas

começaram a brilhar, e do palácio saiu um som de música.

O Príncipe e a Princesa estavam conduzindo a dança. Eles dançavam de

modo tão bonito que os lírios brancos mais compridos espiavam

pelas janelas para vê-los, enquanto as grandes papoulas vermelhas acenavam com a cabeça para marcar o compasso.

E então bateram dez horas, depois onze, e depois doze, e na última batida

da meia-noite todo mundo saiu para o terraço, e o Rei mandou chamar o

Pirotécnico Real.

— Que comecem os fogos — disse o Rei.

O Pirotécnico Real, depois de uma profunda reverência, marchou para o

fundo do jardim. Iam com ele seis ajudantes, cada um dos quais levava uma

tocha acesa na ponta de uma vara comprida.

Foi sem dúvida um espetáculo magnífico.

Vvvvsh! Vvvvsh!, fazia a Rodinha enquanto girava e girava. Bum!
Bum!,

respondeu o Pistolão. Então as Estrelinhas dançaram por toda parte, e os

Fogos-de-Bengala fizeram tudo parecer vermelho. "Adeus!", gritou o Balão ao partir para o céu, pingando faíscas azuis. Pá! PA!,

responderam as

Bombinhas, que estavam se divertindo imensamente. Todo mundo fez muito

sucesso, menos o Foguete Notável. Ele estava tão encharcado de tanto chorar

que não haveria jeito de subir. A melhor coisa que havia nele era a pólvora,

agora tão molhada com as lágrimas que não prestava mais para nada. Todos

os seus parentes pobres, com os quais ele jamais falava, a não ser para fazer

pouco, dispararam para o céu como maravilhosas flores douradas com pétalas

de fogo.

— Viva! Viva! — gritava toda a Corte, e a Princesinha ria de contente.

— Suponho que estejam me reservando para alguma grande ocasião —

disse o Foguete. — Não há dúvida de que foi isso o que aconteceu — e

assumiu uma posição ainda mais pretensiosa do que a de costume.

No dia seguinte, os operários chegaram para arrumar tudo.

— Obviamente essa é uma delegação — disse o Foguete. — Vou recebê-

la com a devida dignidade.

Então botou o nariz bem para cima, e começou a franzir bastante o cenho,

como se estivesse pensando em alguma coisa muito séria. Mas nenhum dos

operários sequer notou-o, até quase a hora de ir embora. Foi então que um

deles reparou.

— Ora essa! — exclamou. — Olha só que foguete imprestável! — e atirou-o por cima do muro, em uma vala.

— *Foguete imprestável? Que não presta?* — disse ele, enquanto voava pelos ares. — Impossível! *Foguete notável*, foi isso que o homem disse.

Imprestável e notável têm quase o mesmo som, e para falar a verdade são praticamente a mesma coisa — e caiu na lama. — Não há o menor

conforto aqui — comentou ele —, mas sem dúvida deve tratar-se de alguma estação de águas em moda, onde me mandaram para recuperar minha saúde.

Meus nervos andam muito abalados, e eu preciso de repouso.

Foi então que um Sapinho, com olhinhos brilhantes como pedras preciosas

e a pele verde toda malhadinha, nadou para perto dele.

— Estou vendo gente nova! — disse o Sapo. — Afinal, não há nada como

a lama. Dêem-me um bom tempo chuvoso e uma vala, que eu fico mais que

contente. Acha que teremos uma tarde molhada? Eu espero que sim. Mas o

céu está azul e sem nuvens. Que pena!

— Rã-rã! — disse o Foguete, começando a tossir.

— Que voz encantadora a sua! — gritou o Sapo. — Realmente parece

mesmo com um coaxo, e o coaxar, naturalmente, é o som mais musical do

mundo. Hoje à noite você irá ouvir nosso coral. Nós nos sentamos no velho

lago dos patos, perto da casa do fazendeiro, e começamos logo que a lua

aparece. É tão fascinante que todo mundo fica acordado, escutando. Na

verdade, ainda ontem eu ouvi a mulher do fazendeiro dizendo que não

conseguiu pregar o olho a noite inteira por nossa causa. É muito gratificante

saber-se assim tão popular.

— Rã-rã! — disse o Foguete, furioso. Ele estava muito aborrecido de não

conseguir dizer uma só palavra.

— Uma voz encantadora, sem dúvida — continuou o Sapo. — Espero que

venha até o lago dos patos. Eu vou dar uma volta para procurar minhas filhas.

Tenho seis filhas lindas, e muito medo que o Lúcio as encontre. Ele é um

perfeito monstro, e não hesitaria nem um segundo em comê-las todas no café

da manhã. Bom, até logo, gostei muito da nossa conversa.

— Conversa, pois sim! — disse o Foguete. — Você falou sozinho o tempo

todo. Isso não é conversa.

— Alguém tem de escutar — respondeu o Sapo —, e eu gosto de ser quem

faz toda a parte de falar. Poupa tempo e evita discussões.

— Mas eu gosto de discussões — disse o Foguete.

— Espero que não — retrucou o Sapo com complacência. — As discussões são extremamente vulgares, já que na boa sociedade todos têm

exatamente as mesmas opiniões. Mais uma vez, até logo, estou vendo minhas

filhas lá longe — e o Sapinho saiu nadando.

— Você é uma pessoa muito irritante — disse o Foguete —, e muito mal-

educada. Eu detesto gente que fica falando a respeito de si mesma, como você, quando outras pessoas querem ficar falando a respeito de si mesmas, como eu. É isso que eu chamo de egoísmo, e egoísmo é uma coisa

detestável, particularmente para qualquer pessoa com o meu temperamento,

pois sou conhecido como altruísta. Na verdade, você deveria me tomar como

exemplo, não poderia ter melhor modelo. Agora que tem essa oportunidade, é

melhor que faça proveito dela, pois eu irei de volta para a Corte quase

imediatamente. Eu sou um dos grandes favoritos da Corte. Para falar a

verdade, o Príncipe e a Princesa casaram-se ontem, em minha honra. É claro

que você não entende nada de tais assuntos, já que não passa de um

provinciano.

— Não adianta nada falar com ele — disse uma Libélula que estava

pousada na ponta de um junco marrom. — Nada mesmo, porque ele já foi

embora.

— Bem, quem perde com isso é ele, e não eu — respondeu o Foguete. —

Não vou parar de falar com ele só porque ele não presta atenção.
Eu gosto de

me ouvir falar. É um dos meus maiores prazeres. Frequentemente
mantenho

longas conversas comigo mesmo, e sou tão inteligente que muitas
vezes não

compreendo uma só palavra do que estou dizendo.

— Então com certeza você deveria dar aulas de Filosofia _____
disse

a

Libélula, e, abrindo suas lindas asas esgazeadas, voou para o céu.

— Que bobagem dele não ficar aqui! — disse o Foguete. — Tenho
certeza

de que não é sempre que ele tem uma tal oportunidade de
aprimorar sua

mente. No entanto, pouco me importa. Um gênio como eu algum
dia terá de

ser devidamente apreciado — e afundou um pouco mais na lama.

Depois de algum tempo, uma grande Pata Branca nadou até ele.
Tinha as

pernas amarelas, pele entre os dedos do pé, e era considerada uma
grande

beleza por conta de seu andar gingado.

— Quac, quac, quac — disse ela. — Que feitio curioso é o seu! Permite

indagar se nasceu assim, ou se é o resultado de algum acidente?

— É óbvio que a senhora sempre morou no campo — respondeu o

Foguete —, pois de outro modo saberia quem sou eu. No entanto, perdoarei

sua ignorância. Não seria justo esperar que as outras pessoas fossem tão

notáveis quanto nós mesmos. Sem dúvida, a senhora há de ficar espantada ao

saber que eu sou capaz de voar pelos ares, descendo depois como uma chuva

de ouro.

— Não me parece grande coisa — disse a Pata. — Não vejo como isso

possa ser proveitoso para quem quer que seja. Se o senhor pudesse arar

um campo como o boi, ou puxar uma carroça como o cavalo, ou tomar conta de um rebanho, como o cão pastor, seria diferente.

— Minha boa senhora — exclamou o Foguete com o mais presunçoso tom

de voz que conseguiu —, já vi que pertence às ordens inferiores. Pessoas da

minha posição jamais são úteis. Temos certos talentos, e isto é mais que o

bastante. Pessoalmente, não tenho afinidade com qualquer tipo de ofício, e

muito menos ainda do gênero que a senhora parece aplaudir. Na verdade,

sempre fui da opinião de que o trabalho pesado é apenas o refúgio das pessoas

que não têm absolutamente nada para fazer.

— Ora, veja só — disse a Pata, que era de temperamento muito pacífico e

jamais brigava com quem quer que fosse. — Todo mundo tem gostos

diferentes. Espero, de qualquer modo, que esteja pensando em estabelecer

residência aqui.

— De modo algum! — exclamou o Foguete. — Sou apenas um visitante,

um visitante ilustre. Para falar a verdade, acho este lugar um tanto tedioso.

Por aqui não há nem sociedade, nem solidão. De fato, trata-se de um local

essencialmente suburbano. É provável que eu volte para a Corte, pois sei que

estou destinado a causar sensação no mundo.

— Cheguei a pensar em abraçar a vida pública eu mesma, certa vez —

comentou a Pata. — Há tanta coisa precisando de reforma. Na verdade,

presidi uma reunião algum tempo atrás e aprovamos uma resolução condenando tudo aquilo de que não gostamos. Entretanto, ela não parece ter

tido maiores conseqüências. Hoje em dia dedico-me à vida doméstica e cuido

de minha família.

— Eu fui feito para a vida pública — disse o Foguete. — Do mesmo modo

que todos os meus parentes, até o mais humilde deles. Sempre que aparecemos provocamos a mais viva atenção. Eu, efetivamente, ainda não

apareci em pessoa, mas quando o fizer será um espetáculo magnífico. Quanto

à vida doméstica, ela causa um envelhecimento precoce, e distrai nosso

pensamento de questões mais elevadas.

— Ah! as coisas elevadas da vida, como são refinadas! — disse a Pata.

— O que me lembra da fome que estou sentindo — e afastou-se, nadando pelo rio abaixo, dizendo: — Quac, quac, quac.

— Volte aqui! Volte aqui! — gritou o Foguete. — Eu tenho muito a lhe

dizer.

Mas a Pata não prestou a menor atenção.

— Alegro-me que tenha ido embora — disse ele consigo mesmo —, pois tinha mentalidade nitidamente de classe média.

E tornou a afundar um pouquinho mais na lama, enquanto refletia sobre a

solidão dos gênios, quando de repente apareceram correndo pela margem dois

menininhos, de aventais brancos, que carregavam uma chaleira e uns

gravetos.

— Essa deve ser a delegação — disse o Foguete, e tentou ficar com aspecto muito digno.

— Olá! — gritou um dos meninos. — Olhe só essa vara estragada, só fico

pensando como terá vindo dar aqui — e tirou o foguete da vala.

— *Vara estragada!* — disse o Foguete. — Impossível! *Vara dourada*, foi isso o que ele disse. Vara Dourada é um termo muito elogioso. Para falar a

verdade, creio que ele me tomou por um dos dignitários da Corte.

— Vamos joga-la no fogo! — disse o outro menino. — Para ajudar a chaleira a ferver.

De modo que, ao empilhar seus gravetos, atiraram junto o Foguete e

acenderam o fogo.

— Mas que maravilha! — exclamou o Foguete. — Eles vão me soltar em

pleno dia, para todo mundo poder me ver.

— Agora vamos dormir — disseram os meninos —, e quando acordarmos

a água da chaleira já estará fervendo — e, deitando na grama, fecharam os

olhos.

O Foguete estava muito úmido, de modo que levou muito tempo para

começar a queimar. Finalmente, no entanto, o fogo pegou.

— Agora lá vou eu! — gritou ele, e botou-se muito durinho e esticado. —

Eu sei que vou subir mais alto do que as estrelas, muito mais alto do que a lua, muito mais alto do que o sol. Na verdade, eu subirei tanto que...

Vvvvv! Vvvvvv! Vvvvvv!, e lá subiu ele pelos ares.

— Que delícia! — gritou. — Vou continuar assim para sempre. Eu sou um

sucesso incrível!

Mas ninguém o viu.

E de repente ele começou a sentir uma sensação de arrepio que o tomava

por inteiro.

—Agora vou explodir — gritou ele. — Vou incendiar o mundo e fazer tanto barulho que todos vão ficar só falando disso durante um ano inteiro.

E ele realmente explodiu. Bang! Bang! Bang!, fez a pólvora. Sobre isso

não há a menor dúvida.

Mas ninguém ouviu, nem ao menos os dois meninos, que dormiam

profundamente.

E aí só o que sobrou dele foi a vara, que caiu nas costas de um Ganso que

estava passeando perto da vala.

— Ai, meu Deus! — gritou o Ganso. — Agora vai chover varas — e correu para mergulhar na água.

— Eu sabia que ia causar uma grande sensação — disse o Foguete em seu

último alento, e se apagou.

Tradução de Bárbara Heliadora

Ambrose Bierce

Ambrose Bierce (1842-1913), o contista por excelência da Guerra de

Secessão, com "In the midst of life", desapareceu ele mesmo num outro campo de batalha, no México de Zapata e Pancko Villa. Mas os mortos não

voltam, não estão vivos, como sugere a leitura de "O estranho"? Sim, porque o próprio Bierce nunca deixou de existir, seja como autor dos contos

referidos acima, e ainda de um famoso e satírico Dicionário do Diabo e de

Fábulas fantásticas, seja como personagem (no caso, em Gringo velho, de

Carlos Fuentes). Autor da obra-prima "Um acontecimento na ponte de Owl Creek" (do livro Os melhores contos de medo, horror e morte), o forte de Ambrose Bierce é mesmo o registro de situações vividas, porém recriadas

com tons, subtons e atmosferas entre o macabro e o fantástico. "O homem é como uma árvore", diz o personagem do conto. Estranha árvore.

O estranho

UM HOMEM CAMINHOU DA ESCURIDÃO para o pequeno círculo iluminado pela

nossa fogueira que se extinguia e sentou-se sobre uma pedra.

— Vocês não são os primeiros a explorar esta região — disse ele, solene.

Ninguém contestou sua declaração; ele próprio era a prova daquele fato,

pois não era do nosso grupo e devia estar por perto quando acampamos. E

mais, devia ter companheiros não muito longe dali; não estávamos num lugar

onde se pudesse viver ou viajar sozinho. Por mais de uma semana as únicas

coisas vivas que tínhamos visto, além de nós mesmos e de nossos animais,

foram cascavéis e sapos-boi. Num deserto do Arizona não se coexiste por

muito tempo só com criaturas como essas: é preciso ter animais de carga,

suprimentos, armas — um "enxoval". E tudo isso inclui companheiros. Foi talvez uma dúvida quanto a que espécie de homens poderiam pertencer os

companheiros daquele rude estranho, somada a algo em suas palavras

interpretável como um desafio, que fez com que todos, em nossa meia dúzia

de "aventureiros cavalheiros", se pusessem em posição sentada e levassem a mão a pousar sobre uma arma — atitude que significava, naquele local e hora,

uma política de expectativa. O estranho não deu ao fato qualquer atenção e

recomeçou a falar no mesmo tom estudado e monocórdio em que dissera sua

primeira frase:

— Há trinta anos Ramon Gallegos, William Shaw. George W. Kent e

Berry Davis, todos de Tucson, cruzaram as montanhas de Santa Catalina

e viajaram para oeste, tanto quanto permitia a configuração da região. Es-távamos explorando e era nossa intenção, se nada encontrássemos, prosseguir

até o rio Gila, em algum ponto próximo de Big Bend. onde acreditávamos

haver um povoado. Tínhamos um bom equipamento, mas nenhum guia; só

Ramon Gallegos, William Shaw. George W. Kent e Berry Davis.

O homem repetia os nomes vagarosa e distintamente, como se para fixá-

los na memória de sua platéia, da qual cada indivíduo o observava agora com

atenção, mas com menos apreensão quanto a seus possíveis companheiros em

algum lugar na escuridão que parecia nos encerrar como uma parede negra;

nas maneiras desse historiador voluntário não havia qualquer sugestão de

propósitos hostis. Sua atitude era mais a de um inofensivo lunático do que a

de um inimigo. Não éramos tão novatos na região a ponto de não saber que a

vida solitária da maioria dos homens da planície tende a desenvolver

excentricidades de conduta e caráter nem sempre facilmente distinguíveis da

aberração mental. Um homem é como uma árvore: numa floresta ao lado de

seus companheiros, crescerá tão reto quanto permite sua natureza genérica e

individual; sozinho na clareira, cede às deformadoras tensões e torções que o

cercam. Alguns pensamentos como esse percorriam minha mente enquanto eu

observava o homem da sombra do meu chapéu, enterrado para quebrar a luz

do fogo. Um sujeito estúpido, sem dúvida, mas o que estaria fazendo ali no

coração de um deserto?

Tendo começado a contar sua história, gostaria de poder descrever a

aparência do homem; seria algo natural a fazer. Infelizmente, e de certo modo

estranhamente, vejo-me incapaz de fazê-lo com algum grau de confiabilidade,

porque depois do acontecido nenhum de nós concordou a respeito do que ele

vestia e de que aparência tinha e quando tento definir minhas impressões elas

me fogem. Qualquer um pode contar algum tipo de história, a narrativa é um

dos poderes elementares da raça. Mas o talento para a descrição é um dom.

Ninguém tendo quebrado o silêncio, o visitante prosseguiu, dizendo:

— Esta região não era então o que é hoje. Não havia um só rancho entre o

Gila e o Golfo. Havia um pouco de caça aqui e ali nas montanhas e, junto aos

raros poços, grama suficiente para que nossos animais não morressem de

fome. Se tivéssemos a sorte de não encontrar índios, conseguíamos passar.

Mas numa semana o propósito da expedição mudara da busca da riqueza para

a preservação da vida. Tínhamos ido longe demais para voltar, pois o que

havia à frente não poderia ser pior do que

o que ficara para trás, portanto prosseguimos, cavalgando à noite para evitar os índios e o calor intolerável, e nos escondendo o melhor que podíamos

durante o dia. Às vezes, tendo exaurido nossa provisão de carne de caça e

esvaziado nossos barris, passávamos dias sem comida ou bebida; então um

poço ou espelho-d'água no fundo de um arroio restaurava nossa força e

sanidade para que fôssemos capazes de atirar em alguns dos animais

selvagens que também o tinham visto. Às vezes era um urso, às vezes um

antílope, um coioote, um puma, o que Deus quisesse; tudo era comida.

"Um dia, quando contornávamos uma cadeia de montanhas, em busca de

uma passagem praticável, fomos atacados por um bando de apaches que

seguira nossa trilha por uma ravina — não fica longe daqui. Sabendo que nos

eram superiores na proporção de dez para um, não tomaram quaisquer de suas

covardes precauções habituais, mas se atiraram para cima de nós a galope,

atirando e gritando. Lutar estava fora de questão: impelimos nossos frágeis

animais ravina acima, enquanto havia lugar para pisarem, então nos atiramos

para fora das selas e nos agarramos ao chaparral de uma das encostas,

abandonando ao inimigo todo o nosso equipamento. Mas conservamos nossos

rifles, todos os homens — Ramon Gallegos, William Shaw. George W. Kent

e Berry Davis."

— A mesma velha turma — disse o humorista do nosso grupo. Era um

homem do leste, pouco familiarizado com a apropriada observância das regras

sociais. Um gesto de desaprovação de nosso líder silenciou-o e o estranho

continuou com sua história:

— Os selvagens também desmontaram e alguns deles correram ravina

acima, além do ponto de onde tínhamos saído, impedindo qualquer retirada

naquela direção e nos obrigando a subir a encosta. Infelizmente o chaparral se estendia por pequena distância ladeira acima e quando chegamos a campo

aberto recebemos os tiros de uma dúzia de rifles; mas apaches atiram mal

quando têm pressa e quis então Deus que nenhum de nós caísse. Uns vinte

metros acima, depois do final das moitas, havia penhascos verticais, nos

quais, exatamente à nossa frente, havia uma estreita abertura. Para lá

corremos, alcançando uma caverna mais ou menos do tamanho de um quarto

normal numa casa. Ali, por algum tempo, estávamos a salvo: um só homem,

com um rifle de repetição, poderia defender a entrada contra todos os apaches

sobre a terra. Mas contra a fome e a sede não tínhamos defesa. Coragem ainda

tínhamos, mas a esperança era só uma recordação.

"Nenhum daqueles índios foi por nós visto dali em diante, mas pela fumaça e pelo clarão de suas fogueiras na ravina, sabíamos que dia e noite

eles estavam à espreita com rifles engatilhados do outro lado do matagal —

sabíamos que se saíssemos dali nenhum homem entre nós viveria para dar três

passos a céu aberto. Por três dias, vigiando, resistimos, antes que nosso

sofrimento se tornasse insuportável. Então — foi na manhã do quarto dia —

Ramon Gallegos disse:

"— *Señores*, não sei direito do bom Deus e de que Ele gosta. Eu vivo sem religião e não sou familiar com a de vocês. Perdão, *señores*, se vou chocar vocês, mas para mim chegou a hora de ganhar o jogo do apache.

"Ajoelhou-se no chão de pedra da caverna e apontou a pistola para a

cabeça.

"— *Madre de Dios* — disse ele — aí vai a alma de Ramon Gallegos.
"E

assim ele nos deixou — William Shaw. George W. Kent e Berry Davis.

"Eu era o líder, tinha que falar:

"— Ele foi um homem valente — falei. — Soube quando morrer, e como.

É uma estupidez enlouquecer de sede e cair sob as balas dos apaches, ou ser

escalpelado vivo — é de muito mau gosto. Vamos nos juntar a Ramon

Gallegos.

"— Tudo bem — disse William Shaw.

"— Tudo bem — disse George W. Kent.

"Estendi os membros de Ramon Gallegos e pus um lenço sobre seu rosto.

Então William Shaw disse:

"— Eu gostaria de ficar como ele — por algum tempo.

"E George W. Kent disse que pensava o mesmo.

"— Que assim seja — falei. — Os diabos vermelhos esperarão uma semana. William Shaw e George W. Kent, saquem as armas e ajoelhem-se.

"Eles assim fizeram e fiquei de pé diante deles.

"— Deus todo-poderoso, nosso Pai — eu disse.

"— Deus todo-poderoso, nosso Pai — disse William Shaw.

"— Deus todo-poderoso, nosso Pai — disse George W. Kent.

"— Perdoa os nossos pecados — eu disse.

"— Perdoa os nossos pecados — disseram eles.

"— E recebe as nossas almas.

"— E recebe as nossas almas.

"— Amém.

"— Amém.

"Deitei-os ao lado de Ramon Gallegos e cobri seus rostos."

Houve uma rápida comoção do lado oposto do acampamento: um de nós

ficara de pé, pistola na mão.

— E você? — gritou ele. — Teve coragem de escapar? — Tem coragem

de estar vivo? Seu cão covarde, vou mandar você pra junto deles, nem que me

enforcuem por isso.

Mas, num salto de pantera, o capitão estava em cima dele, agarrando-lhe o

pulso.

— Calma. Sam Yountsey, calma!

Estávamos agora todos de pé, exceto o estranho, que continuou sentado

sem se mexer e aparentemente distraído. Alguém segurou o outro braço de

Yountsey.

— Capitão — falei. — Tem alguma coisa errada aqui. Este camarada é um

lunático ou então é só um mentiroso — um puro e simples mentiroso que

Yountsey não tem direito de matar. Se este homem fazia parte desse grupo, o

grupo tinha cinco membros, um dos quais — provavelmente ele mesmo — ele

não mencionou.

— É verdade — respondeu o Capitão largando o rebelde, que se sentou.

— Tem alguma coisa... fora do lugar. Anos atrás, quatro cadáveres de homens

brancos, escalpelados e vergonhosamente mutilados foram encontrados na

entrada daquela caverna. Foram enterrados lá, eu mesmo vi os túmulos...

amanhã todos nós os veremos.

O estranho se levantou, parecendo muito alto à luz do fogo que se

extinguia, pois em nossa atenção total a sua história nos esquecemos de

alimentar a fogueira.

— Eram quatro — disse ele. — Ramon Gallegos, William Shaw. George

W. Kent e Berry Davis.

Repetindo sua chamada dos mortos, ele caminhou para a escuridão e não

mais o vimos. Naquele momento, um dos nossos, que estivera de guarda, veio

até nós, rifle na mão e um tanto agitado.

— Capitão! — disse ele. — Na última meia hora três homens ficaram ali

fora, no platô.

Ele apontou para a direção tomada pelo estranho:

— Pude vê-los muito bem, porque a lua está alta, mas como não tinham

revólveres e eu os tinha na mira do meu, pensei que iam ter que se mexer.

Eles não se mexeram, mas os malditos me deram nos nervos!

— Volte para o seu posto e fique lá até vê-los de novo — disse o Capitão.

— Vocês outros, deitados de novo, ou vou chutar todos pra dentro da

fogueira.

O sentinela, obediente, se retirou praguejando e não voltou. Enquanto arrumávamos nossos cobertores, o impetuoso Yountsey falou:

— Desculpe. Capitão, mas quem diabos o senhor acha que são?

— Ramon Gallegos, William Shaw e George W. Kent.

— Mas e o Berry Davis? Eu devia ter atirado nele.

— Totalmente desnecessário; não poderia tê-lo deixado mais morto. Vá

dormir.

Tradução de Celina Portocarrero

Lafcadio Hearn

Este estranho americano nascido na Grécia — Lafcadio Hearn (1850-1904)

— morou em vários lugares do mundo, mas foi no Japão, de 1890 a 1894, que

encontrou "seu lar espiritual". Seu livro mais conhecido é Kwaidan, mas suas obras póstumas chegam a vinte volumes. Ele se transformou num "grande intérprete da cultura japonesa", segundo Leonard Woolf. O conto aqui

publicado pertence ao volume A Japanese Miscellany e, como o conto de Ryunosuke publicado nesta antologia, trata a idéia de "espírito" não como os nossos fantasmas ocidentais, mas como parte da mentalidade e do cotidiano

das pessoas — conforme a tradição milenar japonesa.

Uma promessa quebrada

I

— EU NÃO TENHO MEDO DE MORRER - disse a esposa agonizante —; só há uma

coisa que me inquieta neste momento. Gostaria de poder conhecer quem

tomará meu lugar nesta casa.

— Minha querida — respondeu o marido desolado —, ninguém jamais

tomará seu lugar em minha casa. Nunca mais me casarei.

No instante em que disse isso, ele falava do fundo de seu coração, pois

amava a mulher que estava prestes a perder.

— Palavra de samurai? — indagou a esposa, com um débil sorriso nos

lábios.

— Palavra de samurai — respondeu ele, acariciando seu rosto pálido e

magro.

— Então, meu querido — disse ela —, você deixará que eu seja enterrada

no jardim, próxima daquelas ameixeiras que plantamos lá no fundo? Faz

muito tempo que eu queria pedir isso, mas achei que, caso você se casasse

novamente, não ia querer meu túmulo tão perto. Agora, você prometeu que

nenhuma outra mulher tomará meu lugar, e não preciso mais hesitar em pedi-

lo... Eu quero tanto ser enterrada no jardim! Acho que, no jardim, poderei

ouvir sua voz de vez em quando e serei capaz de ver as flores na primavera.

— Sua vontade será feita — anuiu o esposo. — Mas não fale de enterro:

você não está tão doente a ponto de termos perdido toda a esperança.

— Eu perdi — retrucou ela —, vou morrer hoje de manhã... Mas você me enterrará no jardim?

— Enterrarei — disse ele —, sob a sombra das ameixeiras que plantamos;

e você terá um belo túmulo.

— E você me dará um pequeno sino?

— Um sino?

— Sim... Quero que ponha um sino dentro do caixão, um daqueles

pequenos sinos que os peregrinos budistas carregam. Posso ter um igual?

— Você terá seu sino e o que mais desejar.

— Não desejo mais nada — disse ela. — Meu querido, você sempre foi

muito bom para mim. Agora posso morrer feliz.

Em seguida, ela fechou os olhos e morreu serenamente como uma criança

sonolenta que adormecesse. Estava linda quando morreu; e havia um sorriso

no seu rosto.

Ela foi sepultada no jardim, sob a sombra das árvores que amava; e um

pequeno sino foi enterrado com ela. Sobre o túmulo foi erguida uma linda

lápide decorada com o brasão da família, com o *kaimyo*¹: "Grande Irmã Anciã. Sombra-Luminosa-da-Flor-da-Ameixeira, que reside na Mansão do

Grande Mar da Compaixão."

* * *

Todavia, 12 meses após o falecimento de sua esposa, os parentes e os

amigos do samurai começaram a insistir que ele deveria se casar de novo.

"Você ainda é jovem", disseram, "filho único e sem filhos. É o dever de um samurai se casar. Se você morrer sem deixar filhos, quem estará aqui para

fazer as oferendas e recordar seus ancestrais?"

Depois de tanta insistência, ele foi enfim persuadido a casar-se novamente.

A esposa tinha apenas 17 anos; e ele achou que poderia amá-la ternamente,

não obstante a muda repreensão da sepultura no jardim.

II

Nada aconteceu que pudesse perturbar a felicidade da jovem esposa até o

sétimo dia após o casamento, quando seu marido foi convocado para

1 No budismo, nomes religiosos dados aos mortos e inscritos em suas lápides. (N.T.)

executar algumas tarefas que exigiam a presença dele no castelo durante a noite. Na primeira vez que foi obrigado a deixá-la sozinha, ela se sentiu

indisposta de um modo que não soube explicar, vagamente assustada sem

saber por quê. Quando se deitou, não conseguiu dormir. Podia sentir uma

estranha opressão na atmosfera, uma densidade inexplicável, como ocorre

algumas vezes nos momentos que precedem uma tempestade.

Quase na Hora do Boi, ² ela ouviu, no lado de fora, um sino tocar, o sino dos peregrinos budistas; e se perguntou que peregrino poderia estar passando

pelo bairro do samurai àquelas horas. Logo em seguida, após uma pausa, o

sino soou muito mais perto. Com certeza, o peregrino estava se aproximando

da casa; mas por que o faria pelos fundos, onde sequer havia uma rua?... De

repente, os cães começaram a ganir e uivar de uma maneira incomum e

apavorante; e ela sentiu-se tomada pelo medo, como o medo que tinha dos

sonhos... Aquele som vinha certamente do jardim... Ela tentou se levantar para acordar um serviçal. No entanto, percebeu que não conseguia se erguer, se

mover e nem mesmo falar... E o som do sino mais perto, cada vez mais perto;

e, nossa!, como os cães estavam uivando!... Então, ligeira como uma sombra

furtiva, uma Mulher entrou no quarto, embora todas as portas estivessem

trancadas e todas as janelas fechadas, era uma Mulher vestida numa mortalha

, carregando um sino de peregrino. Cega, pois estava morta havia muito

tempo, ela se aproximou... e seus cabelos soltos escorriam pelo rosto; e sem

visão ela olhou através do emaranhado da sua cabeleira e falou sem a língua:

— Você não pode ficar nesta casa! Ainda sou a senhora deste lar. Vá

embora; e não diga a ninguém a razão de sua partida. Se contar para ELE, eu

te deixarei em pedaços!

Dizendo isso, a assombração desapareceu. A nova esposa do samurai ficou

entorpecida de medo. E assim permaneceu até o dia raiar.

Todavia, com a agradável luz da manhã, ela duvidou da realidade do que

tinha visto e ouvido à noite. Entretanto, a lembrança daquela ameaça ainda

pesava sobre ela com tanta força, que não ousou falar sobre a visão que tivera, nem com seu marido, nem com ninguém; acabou,

² Um dia chinês é composto de 12 horas (com 120 minutos cada). A Hora do Boi ocorre entre 1h e 3h da madrugada. (N.T.)

porém, quase conseguindo persuadir a si mesma de que tudo havia sido apenas um pesadelo que a deixara indisposta.

Na noite seguinte, porém, não teve dúvidas. Novamente, na Hora do Boi,

os cães começaram a uivar e ganir; novamente o sino soou, aproximando-se

lentamente pelo jardim; novamente ela tentou em vão se levantar e chamar

alguém; novamente a falecida entrou no quarto e lhe sussurrou:

— Vá embora; e não conte a ninguém o motivo de sua partida! Se você

sequer contar para ELE, eu te deixarei em pedaços!

Desta vez, a assombração chegou perto da cama, curvou-se sobre ela e

murmurou, como se pairasse no ar...

Na manhã seguinte, quando o samurai voltou do castelo, sua jovem esposa

se prostrou diante dele e suplicou:

— Eu imploro — disse ela —, perdoe minha ingratidão e minha extrema

rudeza dirigindo-me desta forma a você: mas eu quero voltar para casa; quero

ir embora imediatamente.

— Você não é feliz aqui? — perguntou ele com sincera surpresa. —

Alguém ousou ser indelicado com você na minha ausência?

— Não, não é isso — soluçou a moça. — Todos têm sido muito bons co-

migo... Mas não posso continuar sendo sua esposa; tenho que ir embora...

— Minha querida — exclamou o samurai, incrivelmente espantado —, é

muito doloroso saber que alguma coisa nesta casa causou-lhe infelicidade.

Mas não posso imaginar um motivo para você ir embora, a menos que alguém

tenha sido indelicado contigo... Espero que você não esteja dizendo que

pretende se divorciar.

Tremendo e chorando, ela respondeu:

— Se você não me der o divórcio, morrerei!

Ele ficou em silêncio durante um instante, tentando inutilmente descobrir

alguma causa para aquela surpreendente declaração. Então, sem demonstrar

qualquer emoção, disse:

— Deixá-la voltar para sua família, sem nenhuma falha da sua parte, seria

um ato vergonhoso. Se você me der uma boa razão para esta sua vontade,

qualquer razão que me permita explicar honrosamente o que houve, eu

concederei o divórcio. Mas, a menos que me dê uma razão, uma boa razão,

você não terá o divórcio, pois a honra deste lar deve ser mantida acima de

qualquer opróbrio.

E assim ela se sentiu obrigada a falar; e lhe contou tudo, acrescentando,

numa agonia de terror:

— Agora que contei para você, ela me matará! Ela me matará!...

Embora fosse um homem de coragem, e pouco inclinado a crer em fantasmas, o samurai ficou bastante sobressaltado por um instante. Mas uma

explicação simples e natural logo veio-lhe ao espírito.

— Minha querida __ disse ele —, você está muito nervosa agora; e receio que tenham lhe contado histórias absurdas. Não posso conceder-lhe o

divórcio apenas porque você teve um pesadelo nesta casa. Mas lamento

realmente que esteja sofrendo de tal modo durante minha ausência. Esta noite,

também, tenho que ir ao castelo; mas você não ficará sozinha.
Ordenarei a

dois serviçais que vigiem seu quarto; e você poderá dormir em paz.
São

pessoas da minha confiança e cuidarão muito bem de você.

Em seguida, falou com ela de um modo tão atencioso e afetuoso
que a

moça se sentiu quase envergonhada do seu terror, e resolveu
permanecer

naquela casa.

Os dois serviçais encarregados de cuidar da jovem esposa eram
homens

simples, fortes e corajosos, que tinham experiência em proteger
mulheres e

crianças. Eles contaram à moça histórias divertidas para alegrá-la.
Ela

conversou com eles por um bom tempo, riu de suas tiradas bem-
humoradas, e

quase esqueceu seus receios. Quando finalmente ela se deitou para
dormir, os

dois guardiões tomaram seus lugares no canto do quarto, atrás da
tela, e

iniciaram um jogo de *go*, falando apenas em sussurros, para não
incomodá-la.

Ela adormeceu feito uma criança.

Porém, mais uma vez, na Hora do Boi, ela despertou com um gemido de

terror ao ouvir o sino lá fora!... O som já estava perto e cada vez se aproximava mais. Ela teve um sobressalto e gritou; mas não notou nenhum

movimento no quarto, havia somente um silêncio sepulcral, um silêncio

crescente, cada vez mais denso. Ela correu na direção de seus guardiões: estes estavam sentados diante do tabuleiro, imóveis, miravam-se um ao outro com

os olhos fixos. A moça os chamou, os sacudiu: eles permaneceram paralisados, como se estivessem congelados...

Mais tarde, eles disseram ter ouvido o sino, e também o grito da jovem

esposa, até chegaram a sentir que ela os sacudia para despertá-los; e que, no

entanto, não foram capazes de se mover nem de falar. No momento exato em

que pararam de ouvir e enxergar, submergiram num sono sinistro.

* * *

Ao entrar no quarto de casal, de madrugada, o samurai viu, na claridade de

uma luz evanescente, o corpo sem cabeça de sua jovem esposa, deitado numa

poça de sangue. Ainda agachados diante do jogo inconcluso, os dois serviçais

dormiam. Ao ouvirem o grito do senhor eles despertaram, e com uma

expressão estúpida, afrontaram o horror no chão...

Não encontraram a cabeça; e a ferida horrenda mostrava que ela não havia

sido cortada, mas arrancada. Um rastro de sangue se estendia do quarto até

um ângulo da varanda, onde as portas que protegem das intempéries pareciam

ter sido rachadas. Os três homens seguiram o rastro até o jardim, passando

pelo gramado, pelos canteiros de areia, ao longo da margem de um lago

iridescente sob a sombra espessa de cedros e bambus. E, repentinamente, num

desvão, encontraram-se face a face com uma coisa horripilante que se agitava

como um morcego: a figura da mulher há muito enterrada, ereta diante de seu

túmulo, numa das mãos o sino, na outra a cabeça ainda gotejante... Por um

momento, os três ficaram entorpecidos. Em seguida, um dos serviçais,

pronunciando uma prece budista, avançou e desferiu um golpe sobre aquele

vulto. Imediatamente o vulto se esfarelou no chão, não passava de um amon-

toado de trapos de pano, ossos e cabelos; e o sino rolou retinindo para longe

daquele dejetos humano. Mas a mão direita, descarnada, mesmo decepada do

pulso, ainda se contorcia; e seus dedos comprimiam a cabeça ensangüentada,

dilacerando-a e desfigurando-a, como as tenazes dos caranguejos amarelos

estraçalhando uma fruta que caiu da árvore...

* * *

[— Esta é uma história cruel — disse eu ao amigo que acabara de contá-la. —

Se a falecida queria se vingar de alguém, deveria ter escolhido o marido.

— É assim que os homens pensam — respondeu. — Mas não é desse

modo que as mulheres agem...

Ele tinha razão.

Tradução de Mauro Pinheiro

Léon Bloy

"Os gozos deste mundo seriam os tormentos do inferno, vistos ao contrário, num espelho", escreveu Léon Bloy (1846-1917), no livro Le vieux de la montagne . Frase que, de certa forma, define este autor muito cultuado no

começo do século passado, dono de um estilo "fechado" que nunca sacrifica sua voz própria, tantas vezes não destituída de perversidade mental ou de

mauvaise conscience, em tentativas de glamourizar ou agradar o leitor. "Os prisioneiros de Longjumeau", um dos contos do autor favorito de Borges, é um bom exemplo da tonalidade cinza da sua concepção de fantástico.

Os prisioneiros de Longjumeau

O *POSTILHÃO DE LONGJUMEAU* anunciava ontem o fim deplorável dos dois Fourmi. Esse jornal, recomendado com justa razão pela abundância e

qualidade de suas informações, perdia-se em conjecturas quanto às causas

misteriosas do desespero que acaba de levar ao suicídio esses esposos que

todos imaginavam felizes.

Casados quando muito jovens e há vinte anos em lua-de-mel, não haviam

saído da cidade nem por um único dia.

Livres, pela providência de seus criadores, de todas as preocupações com

dinheiro capazes de envenenar a vida conjugal e, pelo contrário, amplamente

supridos de todo o necessário para aparelhar um tipo de união sem dúvida

legítima mas tão pouco conforme à necessidade de vicissitudes amorosas que

em geral preocupa os instáveis humanos, eles realizam, aos olhos do mundo, o

milagre da ternura perpétua.

Uma bela noite de maio, no dia seguinte à queda do sr. Thiers, o trem

circular os havia trazido, juntamente com seus pais, que ali estavam para

instalá-los na deliciosa propriedade que deveria abrigar sua alegria.

Os longjumelianos de coração puro contemplaram enternecidos aquele

lindo casal que o veterinário sem hesitar comparou a Paulo e Virgínia.

Eles realmente estavam, naquele dia, muito bem e pareciam pálidos filhos

da aristocracia.

Mestre Piécú, o tabelião mais importante do cantão, lhes comprara, às

portas da cidade, um ninho de verdura que os mortos teriam invejado.

Pois é preciso admitir que o jardim fazia pensar num cemitério abandonado.

Tal aspecto não lhes desagradou, sem dúvida, pois ali não introduziram, nos

anos seguintes, qualquer modificação e deixaram crescer em liberdade os

vegetais.

Para me servir de uma expressão por demais original do mestre Piécu, eles

viveram *nas* nuvens, não recebendo praticamente ninguém, não por malícia ou desdém, mas simplesmente porque nunca pensaram nisso.

Além disso, teria sido preciso deixar de se abraçar por algumas horas ou

alguns minutos, interromper o êxtase e, por Deus!, considerando a brevidade

da vida, esses esposos extraordinários não tinham tal coragem.

Um dos maiores homens da Idade Média, mestre Jean Tauler, conta a

história de um ermitão a quem um visitante inoportuno foi pedir um objeto

que se encontrava em sua cela. O ermitão se viu no dever de entrar em casa

para apanhar o objeto. Mas, ao entrar, esqueceu-se do que se tratava, pois a

imagem das coisas exteriores não conseguia permanecer em seu espírito. Saiu

então, e pediu ao visitante que lhe dissesse o que desejava. Este renovou o

pedido. O ermitão voltou a entrar mas, antes de apanhar o tal objeto, a

lembrança do mesmo o abandonou. Depois de diversas tentativas, foi

obrigado a dizer ao inoportuno:

— Entre e procure o senhor mesmo aquilo de que precisa, pois *não consigo guardar comigo a sua imagem* tempo suficiente para fazer o que me pede.

O sr. e a sra. Fourmi muitas vezes me lembraram esse ermitão. Teriam

dado de boa vontade tudo o que lhes fosse pedido, caso disso conseguissem se

lembrar por um único instante.

Suas distrações eram famosas, falava-se delas até em Corbeil. Os dois,

entretanto, não aparentavam sofrer por causa delas e a "funesta" resolução que lhes terminou a existência por todos invejada deve parecer inexplicável.

* * *

Uma carta já antiga desse infeliz Fourmi, que conheci antes de seu casamento, permitiu-me reconstituir, por dedução, toda a sua lamentável história.

Aqui está a carta. Veremos, talvez, que meu amigo não era nem louco nem imbecil.

"...Pela décima ou vigésima vez, caro amigo, nós te faltamos com a palavra, de forma absurda. Por maior que seja a tua paciência, imagino

que devas estar cansado de nos convidar. A verdade é que desta última

vez, como das anteriores, minha mulher e eu não temos desculpas.

Tínhamos dito por escrito que poderias contar conosco e não tínhamos

absolutamente nada para fazer. Entretanto, perdemos o trem, como sempre.

Há 15 anos perdemos todos os trens e todas as conduções públicas, por mais que tentemos. É infinitamente idiota, é de um ridículo atroz,

mas começo a acreditar que o mal não tem remédio. É uma espécie de

fatalidade grotesca da qual somos vítimas. Não há o que fazer. Já nos

aconteceu de nos levantarmos às três horas da manhã ou mesmo de

passar a noite sem dormir para não perder o trem das oito, por

exemplo. Pois bem, meu caro, a lareira se incendiava no último

instante, eu torcia o tornozelo no meio do caminho, o vestido de Julieta

ficava preso em algum arbusto, nós adormecíamos no sofá da sala de

espera, sem que a chegada do trem ou o chamado do encarregado nos

acordasse a tempo, etc., etc. Da última vez, eu havia esquecido a carteira.

Enfim, repito, há 15 anos isso dura e sinto que aí está nosso

princípio de morte. Por causa disso, como não ignoras, falhei em tudo,

briguei com todo mundo, passei por um monstro de egoísmo, e minha

pobre Julieta foi naturalmente envolvida nas mesmas queixas. Desde

nossa chegada neste lugar maldito, faltei a 74 enterros, 12 casamentos,

trinta batismos, um milhão de visitas ou atividades indispensáveis.

Deixei morrer minha sogra sem tê-la revisto uma só vez, embora ela

tenha estado doente quase um ano, o que nos valeu sermos privados de

três quartos de sua herança, que ela furiosa nos tirou na véspera de sua

morte, por um codicilo.

Eu não terminaria se me dedicasse a enumerar as faltas e desventu-

ras ocasionadas por essa inacreditável circunstância de nunca termos

conseguido nos afastar de Longjumeau. Para resumir numa palavra,

somos prisioneiros, para sempre privados de esperança, e vemos se

aproximar o momento em que essa condição de encarcerados deixará

de nos ser suportável..."

Suprimo o resto, onde meu triste amigo me confiava coisas por demais

íntimas para que eu as possa publicar. Mas dou a minha palavra de honra que

não se tratava de um homem vulgar, que ele foi digno da admiração de sua

mulher e que esses dois seres mereciam algo melhor do que acabar da forma

estúpida e sórdida como acabaram.

Determinadas particularidades que peço permissão de guardar para mim me fazem pensar que o desafortunado casal era realmente vítima de uma

maquinação tenebrosa do Inimigo dos homens que os conduziu, pela mão de

um tabelião evidentemente infernal, àquele maléfico rincão de Longjumeau

do qual nada foi capaz de arrancá-los.

Acredito realmente que eles não *conseguiram* fugir, que havia, em volta de sua casa, um cordão de *tropas* invisíveis escolhidas com cuidado para atacá-

los e contra as quais nenhuma energia poderia prevalecer.

* * *

O sinal, para mim, de uma influência diabólica, era que os Fourmi viviam

devorados pela paixão das viagens. Aqueles prisioneiros eram, por natureza,

essencialmente migradores.

Antes de se unirem, tiveram sede de correr o mundo. Quando eram ainda

apenas noivos, haviam sido vistos em Enghien, em Choisy-le-Roi, em

Meudon, em Clamart, em Montretout. Um dia, chegaram mesmo a se

aventurar até Saint-Germain.

Em Longjumeau, que lhes parecia uma ilha da Oceania, essa fúria de

explorações audaciosas, de aventuras por terra e por mar, só fizera se

exasperar.

Sua casa era atulhada de globos e planisférios, possuíam Atlas ingleses e

Atlas germânicos. Tinham até mesmo um mapa da lua publicado em Gotha

sob a direção de um pedante chamado Justus Perthes.

Quando não faziam amor, liam juntos histórias de navegadores famosos

que eram o conteúdo exclusivo de sua biblioteca e não havia um diário de

viagens, uma *Volta do Mundo* ou um Boletim de sociedade geográfica do qual não fossem assinantes. Horários de estradas de ferro e prospectos de agências

marítimas choviam sem cessar sobre sua casa.

Coisa que ninguém acreditará, suas malas estavam sempre prontas.

Estiveram sempre prontos para partir, fazer uma interminável viagem aos

países mais distantes, mais perigosos ou mais inexplorados.

Recebi quarenta avisos anunciando sua partida iminente para Bornéu.

Terra do Fogo. Nova Zelândia ou Groenlândia.

Por diversas vezes, na verdade, faltou muito pouco para que partissem.

Mas afinal não partiam, nunca partiram, porque não podiam e não deviam

partir. Os átomos e as moléculas se aliavam para puxá-los para trás.

Um dia , no entanto, há uns dez anos, eles decididamente acreditaram poder fugir. Haviam conseguido, contra toda esperança, se atirar num vagão

de primeira classe que deveria levá-los a Versailles. Liberdade! Agora, sem

dúvida, o círculo mágico se romperia.

O trem começou a andar, mas eles não se moveram. Tinham, é claro,

entrado num vagão destinado a ficar na estação. Era preciso recomeçar tudo.

A única viagem à qual não faltariam era evidentemente a que acabam de

fazer, coitados!... e seu temperamento que bem conheci me leva a crer que

para ela se prepararam bem trêmulos.

Tradução de Celina Portocarrero

Leopoldo Lugones

*Escritor argentino de sólida reputação e de clássica formação.
Leopoldo*

Lugones (1874-1938) "exerceu com felicidade a lírica, a biografia, a história, os estudos homéricos e a ficção", nas palavras de Borges-Casares-Silvana O

campo que assim o introduzem na Antologia de la literatura fantástica . Eis um conto de rica e inesperada fabulação, de um andamento e realização

exemplares. Como em outro conto marcante do autor — "A chuva de fogo"

(incluído na antologia Os melhores contos bíblicos) — há alguma coisa de apocalíptico no surreal criado por Lugones. Temos certeza que para muitos

— como foi para o organizador desta antologia —, a leitura de "Os cavalos de Abdera" será uma grata surpresa. E um arrepio, com a possibilidade da chegada dos anjos da destruição. Ou não serão anjos, não será destruição?

Os cavalos de Abdera

ABDERA. A CIDADE TRÁCIA DO EGEU, que atualmente é Balastra e que não deve

ser confundida com a sua homônima bética¹, era célebre por seus cavalos.

Destacar-se na Trácia por seus cavalos não era pouco; e ela destacava-se a

ponto de ser única. Todos os habitantes esmeravam-se na educação de tão

nobre animal; e essa paixão, cultivada com empenho ao longo de muitos anos,

até tornar-se parte das tradições fundamentais, havia produzido efeitos

maravilhosos. Os cavalos de Abdera gozavam de fama excepcional, e todas as

populações trácias, dos cícones aos bisaltos, rendiam homenagem por isso aos

bistones, habitantes da mencionada cidade. Deve-se acrescentar que

semelhante empenho, unindo o proveito à satisfação, ocupava desde o rei até

o último dos cidadãos.

Essas circunstâncias haviam contribuído ainda para tornar mais íntimas as

relações entre o animal e seus donos, muito mais do que era e é habitual no

restante das nações; chegava-se a considerar as cavaliças como um

prolongamento da localidade e, levando-se ao extremo os naturais exageros de

toda paixão, até admitiam-se os cavalos à mesa. Eram corcéis realmente

notáveis, mas não deixavam de ser animais. Alguns dormiam em cobertores

de lã; algumas baias tinham afrescos simples, pois não poucos veterinários

acreditavam no gosto artístico da raça cavalar; e o cemitério eqüino ostentava entre pompas burguesas, certamente ornamentadas até o exagero, duas ou três

obras-primas. O mais

¹ Bética, antigo nome da região espanhola hoje conhecida como Andaluzia. (N.T.)

formoso templo da cidade estava consagrado a Arion, o cavalo que Netuno fez sair da terra com um golpe de seu tridente; e creio que a moda de

arrematar as proas com cabeças de cavalo tenha igual proveniência; sendo

certo, em todo caso, que os baixos-relevos hípicas foram o ornamento mais

comum de toda aquela arquitetura. O monarca era quem mais tomava partido

pelos corcéis, chegando até a tolerar os seus verdadeiros crimes, que os

converteram em seres singularmente bravios; de um modo tal que os nomes

de Podargos e de Lampón destacavam-se em fábulas sombrias; pois é bom

advertir que os cavalos tinham nomes como as pessoas.

Tão adestrados estavam aqueles animais que os bridões eram desne-

cessários, sendo conservados apenas como adornos, muito apreciados desde o

início por esses cavalos. A palavra era o meio usual de comunicação com

eles; e observando-se que a liberdade favorecia o desenvolvimento de suas

boas condições, permitiam-lhes, durante todo o tempo em que não eram

requeridos para a sela e o cabresto, cruzar em liberdade em toda a sua

extensão os magníficos prados formados nos arredores, às margens do

Kossínites, para seu recreio e alimentação.

Ao som de trompas os convocavam quando necessário; e tanto para o

trabalho quanto para a forragem eram de grande pontualidade. Beirava o

inacreditável a sua habilidade para todo o tipo de jogos de circo e até de salão, sua bravura nos combates e sua discrição nas cerimônias solenes. Desse

modo, o hipódromo de Abdera, suas companhias de equilibristas eqüestres,

sua cavalaria encouraçada de bronze e seus funerais haviam alcançado tal

renome que de toda parte acudia gente para admirá-los; mérito compartilhado

por igual entre domadores e corcéis.

Aquela educação persistente, aquele forçado desenvolvimento de con-

dições e, para dizer tudo com uma única palavra, aquela humanização da raça

eqüina, iam engendrando um fenômeno que os bistonos festejavam como uma

glória nacional. A inteligência dos cavalos começava a desenvolver-se parelha

com sua consciência, produzindo casos anormais que davam pasto aos

comentários gerais.

Uma égua exigira espelhos em sua baia, que arrancara com os dentes da

própria alcova dos donos, além de ter destruído a coices os espelhos de três

painéis, quando não atenderam seu pedido. Depois de satisfeito seu capricho,

ela dava mostras explícitas de coqueteria. Balios, o mais belo potro da

comarca, um branco elegante e sentimental que fizera duas campanhas

militares e se regozijava ante a recitação de hexâmetros heróicos, acabava de

morrer de amor por uma dama. Era a mulher de um general, dono do animal

enamorado, e certamente não ocultava o

ocorrido. Até acreditava-se que isso afagava sua vaidade, sendo por sua vez tal coisa considerada muito natural em tão eqüestre metrópole.

Notavam-se também casos de infanticídio, cujo aumento de forma

alarmante foi necessário corrigir com a presença de velhas mulas adotivas; um

gosto crescente pelo pescado e pelo cânhamo, cujas plantações os animais

saqueavam; e várias rebeliões isoladas que, sendo insuficiente o chicote,

exigiram correção pelo uso do ferro incandescente. Esta prática só se fez

crescer, pois o instinto de rebeldia aumentava apesar de tudo.

Os bistones, cada vez mais encantados com seus cavalos, não se detinham

para refletir a esse respeito. Outros feitos mais significativos produziram-se em breve. Duas ou três parselhas haviam feito causa comum contra um

carreiteiro que açoitava sua égua rebelde. Os cavalos resistiam cada vez mais

ao atrelamento e ao jugo, de tal modo que se passou a dar preferência ao asno.

Havia animais que não aceitavam determinado arreio; mas como pertenciam

aos ricos, relevava-se sua insurreição, classificando-a mimosamente de mero

capricho.

Um dia os cavalos não responderam ao som da trompa e foi mister

constrangê-los à força; entretanto nos dias que se seguiram a rebelião não se

repetiu.

Por fim ela eclodiu, certa ocasião em que a maré cobriu a praia de peixes

mortos, como costumava suceder. Os cavalos se aborreceram com isso e

foram vistos regressando ao campo suburbano com lentidão sombria.

À meia-noite estalou o conflito singular.

De imediato um trovão surdo e persistente abalou todo o âmbito da cidade.

E que todos os cavalos se colocaram em movimento para investir contra ela; o

que foi logo percebido, ainda que inadvertido a princípio na escuridão da

noite e na surpresa do inesperado.

Como os prados de pastoreio ficavam entre as muralhas, nada pôde deter o

ataque; e acrescentando-se a isso o conhecimento minucioso que os animais

tinham dos domicílios, ampliou-se a catástrofe.

Noite memorável entre todas, seus horrores só apareceram quando o dia

veio pô-los em evidência, multiplicando-os ainda mais. As portas rebentadas a

coices jaziam no chão, dando passagem a ferozes manadas que se sucediam

quase sem interrupção. Correram muito sangue, já que não poucos habitantes

caíram esmagados sob os cascos e os dentes do bando, em cujas fileiras as

armas humanas também causaram estragos.

Abalada pelos tropéis, a cidade escurecia-se com a poeira que engen-

dravam; e um estranho tumulto formado por gritos de ira ou de dor,

relinchos variados como palavras às quais mesclavam-se um que outro doloroso zurro, e estampidos de coices contra as portas atacadas, unia seu

espanto ao pavor visível da catástrofe. Uma espécie de terremoto incessante

fazia vibrar o solo com o trote da massa rebelde, exaltado a cada momento,

como uma vaga de furacão, por frenéticos tropéis sem direção e sem objetivo;

pois havendo saqueado todas as plantações de cânhamo e até algumas

bodegas, alvos da cobiça daqueles corcéis pervertidos pelos refinamentos da

mesa, grupos de animais ébrios aceleravam a obra de destruição. E para o lado

do mar era impossível fugir. Os cavalos, conhecendo a missão dos navios,

fechavam o acesso ao porto.

Só a fortaleza permanecia incólume e nela começava a se organizar a

resistência. De imediato cobria-se de dardos a todo cavalo que cruzava por ali; e quando tombava próximo era arrastado para o interior como mantimento.

Entre os habitantes refugiados circulavam os mais estranhos rumores. O

primeiro ataque não fora senão um saque. Derrubadas as portas, as manadas

introduziram-se nas habitações, atentas só para os arreios suntuosos com que

tentavam revestir-se, às jóias e objetos brilhantes. A oposição a seus desígnios foi o que suscitou a sua fúria.

Outros falavam de monstruosos amores, de mulheres atacadas e afastadas

em seus próprios leitos com ímpeto bestial; e até se deixou "assinalar" uma nobre donzela que, soluçando, narrava entre duas crises seus contratempos:

despertara na alcova à meia-luz, roçados os seus lábios pelo ignóbil focinho

de um potro negro que respingava de prazer os beijos que deixavam à mostra

sua dentadura asquerosa; seu grito de pavor ante aquele animal convertido em

fera, com o resplendor humano e malévolo de seus olhos incendiados de

lubricidade; e o mar de sangue com que a inundara, ao cair atravessado pela

espada de um serviçal...

Mencionavam-se vários assassinatos em que as éguas se haviam divertido

com sanha feminil, esmigalhando com dentadas as vítimas. Os asnos haviam

sido exterminados e as mulas também se sublevaram, porém com torpeza

inconsciente, destruindo por destruir, e particularmente encarniçadas contra os cães. O troar das correrias loucas continuava

a estremecer a cidade e o fragor dos desabamentos ia aumentando. Era urgente organizar uma saída, por mais

que o número e a força dos assaltantes a tornasse singularmente perigosa, se

não se quisesse abandonar a cidade à mais insensata destruição.

Os homens começaram a se armar; mas passado o primeiro momento de

dissipação, os cavalos também tinham decidido atacar.

Um brusco silêncio precedeu o ataque. Da fortaleza distinguia-se o terrível exército que se congregava, não sem esforço, no hipódromo. Aquilo levou

várias horas, pois quando tudo parecia pronto, súbitos corcoveios e

agudíssimos relinchos, cuja causa era impossível discernir, desorganizavam

profundamente as fileiras.

O sol já declinava quando ocorreu a primeira carga. Não foi, se se permite

a expressão, mais que uma demonstração, pois os animais se limitaram a

passar correndo diante da fortaleza. Em troca, tombaram crivados de flechas

dos defensores.

Vindos do mais remoto extremo da cidade, lançaram-se outra vez e seu

choque contra as defesas foi formidável. A fortaleza retumbou inteira sob

aquela tempestade de cascos e suas imponentes muralhas dóricas ficaram,

para dizer a verdade, profundamente abaladas.

Sobreveio um rechaço, ao qual logo se sucedeu um novo ataque.

Os empenhados na demolição eram cavalos e mulas ferrados que caíam às

dezenas; porém, logo suas fileiras cerravam-se com furioso encarniçamento,

sem que a massa parecesse diminuir. O pior é que alguns haviam conseguido

vestir suas armaduras de combate, em cujas malhas de aço os dardos se

debilitavam. Outros levavam debruns de tecido vistoso, e outros colares; e

pueris em seu furor único, ensaiavam inesperados movimentos.

Eram reconhecidos das muralhas. Dinos, Aetho, Ameteo, Xanthos! E eles

saudavam, relinchavam gozosamente, arqueavam a cauda, voltando à carga

em seguida, espalhando respingos ferosos. Um deles, um chefe certamente,

erguendo-se sobre os jarretes, caminhou assim um trecho golpeando

galhardamente o ar como se dançasse num ritmo marcial, contorcendo o

pescoço com serpentina elegância, até que um dardo foi se cravar no meio de

seu peito ...

Entretanto, o ataque ia triunfando. As muralhas começavam a ceder.

De repente, um alarme paralisou os animais. Uns sobre os outros,

apoiando-se em ancas e lombos, esticaram o pescoço em direção à alameda

que bordeava a margem do Kossínites; e os defensores, voltando-se para a

mesma direção, contemplaram um espetáculo terrível.

Dominando o arvoredado negro, espantosa contra o céu da tarde, uma

colossal cabeça de leão olhava em direção à cidade. Era uma dessas feras

antediluvianas, cujos exemplares cada vez mais raros devastavam de tempos

em tempos os montes Ródopes. Mas nunca se havia visto nada tão

monstruoso, pois aquela cabeça estava acima das mais altas árvores, mis-

turando as grenhas de sua melena às folhas tingidas de crepúsculo.

Suas presas enormes brilhavam claramente, percebia-se seus olhos franzidos diante da luz, chegava no hálito da brisa seu olor bravio. Imóvel

entre a palpitância da folhagem, enferrujada pelo sol sua gigantesca crina ao

ponto de quase dourar-se, alçava-se ante o horizonte como um desses blocos

em que o pelasgo², contemporâneo das montanhas, esculpiu suas bárbaras

divindades.

E de repente se pôs a andar, lento como o oceano. Ouvia-se o rumor das

frondes que seu peito apartava, seu alento de frágua que sem dúvida iria

estremecer a cidade ao se converter num rugido.

Apesar de sua força prodigiosa e de seu número, os cavalos sublevados

não resistiram à semelhante aproximação. Um único ímpeto os arrastou pela

praia, em direção à Macedônia, levantando um verdadeiro furacão de areia e

de espuma, pois não poucos disparavam através das ondas.

Na fortaleza reinava o pânico. O que poderiam contra semelhante inimigo?

Que gonzo de bronze resistiria as suas mandíbulas? Que muro as suas

garras...?

Começavam já a preferir o risco passado (pelo menos era uma luta contra

animais civilizados), sem alento nem para armar seus arcos, quando o monstro

saiu da alameda.

Não foi um rugido que brotou de sua garganta, mas um grito de guerra

inumano, o bélico "ialaié!" dos combates, respondido com regozijo triunfal pelos "hoyohei" e os "hoyotohó" da fortaleza.

Glorioso prodígio!

Sob a cabeça do felino, irradiava luz superior ao rosto de um nume; e

mesclados soberbamente com a pele dourada, ressaltavam-se seu peito

marmóreo, seus braços de carvalho, seus músculos estupendos.

E um grito, um só grito de liberdade, de reconhecimento, de orgulho,

encheu a tarde:

— Hércules, é Hércules que chega!

Tradução de Rubem Mauro Machado

2 Povo que, em época pré-histórica, ocupou partes da Grécia e da Itália. (N.T.)

Jorge Luis Borges

Este argentino bem nascido e muito bem educado (em Genebra e em

Cambridge), de indiscutível vocação universal, tornou-se um ícone do que

melhor existe em literatura a partir da segunda metade do século XX. Depois de alguns volumes de poemas e ensaios, lançou a História universal da infâmia em 1935. (Vide introdução ao conto de Marcel Schwob.) Sua fama

mundial viria logo, com a publicação de O jardim dos caminhos que se

bifurcam (1941). Ficções (1944) e O aleph (1949). Ele próprio autor de

várias antologias, entre elas uma de literatura fantástica (na qual se auto-inclui com. o mesmo conto que aqui apresentamos). Jorge Luis Borges

(1899-1986) é um nome que honra qualquer antologia. É preciso ler "Tlön, Uqbar; Orbis Tertius" com cuidado e atenção, como quem lida com um

mundo novo e desconhecido. Caso contrário, podemos sucumbir ao espanto:

"o mundo será Tlön. "

I

DEVO À CONJUNÇÃO DE UM ESPELHO e de uma enciclopédia o descobrimento de

Uqbar. O espelho inquietava o fundo de um corredor numa quinta da rua

Gaona, em Ramos Mejía; a enciclopédia falazmente se chama *The Anglo-*

American Cyclopædia (Nova York, 1917) e é uma reimpressão literal, mas também tardia, da *Encyclopædia Britannica* de 1902. O acontecimento

ocorreu faz uns cinco anos. Bioy Casares jantara comigo naquela noite e

demorou-nos uma vista polêmica sobre a elaboração de um romance na

primeira pessoa, cujo narrador omitisse ou desfigurasse os fatos e incorresse

em diversas contradições, que permitissem a poucos leitores — a muito

poucos leitores — a adivinhação de uma realidade atroz ou banal. Do fundo

remoto do corredor, o espelho nos espreitava. Descobrimos (na noite alta esta

descoberta é inevitável) que os espelhos têm algo de monstruoso. Então Bioy

Casares recordou que um dos heresiarcas de Uqbar declarara que os espelhos

e a cópula são abomináveis, porque multiplicam o número dos homens.

Perguntei-lhe a origem dessa memorável sentença e ele me respondeu que

The *Anglo-American Cyclopædia* a consignava, em seu artigo sobre Uqbar. A quinta (que havíamos alugado mobiliada) possuía um exemplar dessa obra.

Nas últimas páginas do volume XLVII achamos um artigo sobre Upsala; nas

primeiras do XLVII, um sobre *Ural-Altai Languages* mas nem uma palavra a respeito de Uqbar. Bioy um pouco perturbado, consultou os

volumes do índice. Esgotou em vão todas as lições imagináveis: Ukbar, Uqbar. Ooqbar. Oukbahr... Antes de sair, explicou-me que era uma região do

Iraque ou da Ásia Menor. Confesso que assenti com certo mal-estar.

Conjetei que esse país indocumentado e esse heresiarca anônimo eram uma

ficção improvisada pela modéstia de Bioy para justificar uma frase. O exame

estéril de um dos atlas de Justus Perthes fortaleceu minha dúvida.

No dia seguinte, Bioy me telefonou de Buenos Aires. Disse-me que tinha à

vista o artigo sobre Uqbar, no volume XLVII da Enciclopédia. Não constava

o nome do heresiarca, mas sim a notícia de sua doutrina, formulada em

palavras quase idênticas às repetidas por ele, ainda que — talvez —

literariamente inferiores. Ele concordava: *Copulation and mirrors are*

abominable. O texto da Enciclopédia dizia: *Para um desses gnósticos, o universo visível era uma ilusão ou (mais precisamente) um sofisma. Os*

espelhos e a paternidade são abomináveis (mirrors and fatherhood are

abominable) *porque o multiplicam e o divulgam*. Eu lhe disse, sem faltar à verdade, que gostaria de ver esse artigo. Em poucos dias ele o trouxe. O que

me surpreendeu, porque os escrupulosos índices cartográficos da Erdkunde de

Ritter ignoravam completamente o nome de Uqbar.

O volume que Bioy trouxe era efetivamente o XLVI da *Anglo-American*

Cyclopædia. No ante-rostro e na lombada, a indicação alfabética (Tor — Ups) era a de nosso exemplar, mas em vez de 917 páginas constava de 921. Essas

quatro páginas adicionais compreendiam o artigo sobre Uqbar; não previsto

(como terá o leitor observado) pela indicação alfabética. Depois

comprovamos que não havia outra diferença entre os volumes. Os dois

(conforme creio haver apontado) eram reimpressões da décima *Encyclopædia*

Britannica. Bioy adquirira seu exemplar num de tantos leilões.

Lemos com certo cuidado o artigo. A passagem recordada por Bioy era

talvez a única surpreendente. O resto parecia muito verossímil, muito ajustado ao tom geral da obra e (como é natural) um pouco maçante. Relendo-o,

descobrimos sob sua rigorosa forma uma fundamental vaguidade. Dos 14

nomes que figuravam na parte geográfica, apenas reconhecemos três —

Jorasã, Armênia, Erzerum — interpolados no texto de um modo ambíguo.

Dos nomes históricos, um só: o impostor Esmerdis, o mago, invocado mais

como metáfora. A nota parecia precisar as fronteiras de Uqbar, mas seus

nebulosos pontos de referência eram rios e crateras e cadeias dessa mesma

região. Lemos, por exemplo, que as

terras baixas de Tsai Jaldun e o delta do Axa definem a fronteira do Sul e que nas ilhas desse delta procriam os cavalos selvagens. Isso, no começo da

página 918. Na seção histórica (página 920) soubemos que, por causa das

perseguições religiosas do século XIII, os ortodoxos buscaram amparo nas

ilhas, onde ainda perduram seus obeliscos e onde não é raro exumar seus

espelhos de pedra. A seção *idioma e literatura* era breve. Um único traço memorável: anotava que a literatura de Uqbar era de caráter fantástico e

que suas epopéias e suas lendas não se referiam nunca à realidade mas às

duas regiões imaginárias de Mlejnas e de Tlön... A bibliografia enumerava

quatro volumes que não encontramos até agora, embora o terceiro — Silas

Haslam: *History of the Land called Uqbar*, 1874 — figure nos catálogos da livraria de Bernard Quaritch¹. O primeiro. *Lesbare und lesenswerthe Bemerkungen über das Land Ukkbar in Klein-Asien*, data de 1641 e é obra de Johannes Valentinus Andreä. O fato é significativo; um par de anos

depois, deparei com esse nome nas inesperadas páginas de De Quincey

(*Writings*, volume XIII) e soube que era o de um teólogo alemão que, em princípios do século XVII, descreveu a imaginária comunidade da Rosa

Cruz — que outros fundaram, à imitação do prefigurado por ele.

Aquela noite visitamos a Biblioteca Nacional. Em vão molestamos atlas,

catálogos, anuários de sociedades geográficas, memórias de viajantes e

historiadores: ninguém estivera jamais em Uqbar. O índice geral da en-

ciclopédia de Bioy tampouco registrava esse nome. No dia seguinte. Carlos

Mastronardi (a quem eu relatara o assunto) reparou numa livraria de

Corrientes e Talcahuano as pretas e douradas lombadas da *Anglo-American*

Cyclopædia. Entrou e consultou o volume XLVI. Naturalmente, não en-

controu o menor indício de Uqbar.

II

Alguma lembrança limitada e diluída de Herbert Ashe, engenheiro das

ferrovias do Sul, persiste no Hotel de Adrogué, entre as efusivas

madressilvas e no fundo ilusório dos espelhos. Em vida padeceu de

irrealidade, como tantos ingleses; morto, não é sequer o fantasma que já era

então. Era alto e enfatiado, e sua cansada barba retangular fora

1 Haslam publicou também *A General History of Labyrinths*.

ruiva. Acho que era viúvo, sem filhos. De tempos em tempos ia à Inglaterra: visitar (julgo por umas fotografias que nos mostrou) um relógio de sol e uns

carvalhos. Meu pai estreitava com ele (o verbo é excessivo) uma dessas

amizades inglesas que começam por excluir a confiança e que muito

depressa omitem o diálogo. Costumavam manter intercâmbio de livros e de

jornais; costumavam medir-se ao xadrez, taciturnamente... Recordo-o no

corredor do hotel, com um livro de matemática na mão, contemplando, às

vezes, as cores irrecuperáveis do céu. Uma tarde falamos do sistema

duodecimal de numeração (no qual 12 se escreve dez). Ashe disse que

precisamente estava trasladando não sei que tabelas duodecimais a

sexagesimais (nas quais sessenta se escreve dez). Acrescentou que esse

trabalho lhe fora encomendado por um norueguês: no Rio Grande do Sul. Há

oito anos que o conhecíamos e nunca se referira a sua estada naquela região...

Falamos de vida pastoril, de *Capangas*, da etimologia brasileira da palavra *gaucho* (que alguns velhos orientais ainda pronunciam *gaúcho*) e nada mais se disse — Deus me perdoe — de funções duodecimais. Em setembro de

1937 (nós não estávamos no hotel). Herbert Ashe morreu da ruptura de um

aneurisma. Dias antes recebera do Brasil um pacote lacrado e registrado. Era

um livro em oitavo maior. Ashe deixou-o no bar, onde — meses depois — o

encontrei. Pus-me a folheá-lo e senti uma ligeira vertigem de assombro que

não descreverei, porque esta não é a história de minhas emoções, mas de

Uqbar e Tlön e Orbis Tertius. Numa noite do Islã, que se chama a "Noite das Noites", abrem-se de par em par as secretas portas do céu e é mais doce a água nos cântaros; se essas portas se abrissem, não sentiria o que senti

naquela tarde. O livro estava redigido em inglês e o compunham 1001

páginas. Na amarela lombada de couro li estas curiosas palavras que o ante-

rosto repetia: *A First Encyclopædia of Thin. Vol. XI. Hlaer to Jangi*: Não havia indicação de data nem de lugar. Na primeira página e numa folha de

papel de seda que cobria uma das lâminas coloridas, estava impresso um

óvalo azul com esta inscrição: *Orbis Tertius*. Fazia dois anos que eu descobrira num volume de certa enciclopédia pirática uma sumária descrição

de um falso país; agora o acaso me mostrava algo de mais precioso e mais

árduo. Agora tinha nas mãos um vasto fragmento metódico da história total

de um planeta desconhecido, com suas arquiteturas e seus debates, com o

pavor de suas mitologias e o rumor de suas línguas, com seus imperadores e

seus mares, com seus minerais e seus pássaros e seus peixes, com sua álgebra

e seu fogo, com

sua controvérsia teológica e metafísica. Tudo isso articulado, coerente, sem visível propósito doutrinal ou tom paródico.

No "11º volume" de que falo, há alusões a volumes ulteriores e precedentes. Nestor Ibarra, num artigo já clássico da *N.R.E*, negou a existência de tais volumes; Ezequiel Martinez Estrada e Drieu La Rochelle refutaram,

quicá vitoriosamente, essa dúvida. O fato é que até agora as pesquisas mais

diligentes têm sido estéreis. Em vão desarrumamos as bibliotecas das

Américas e da Europa. Alfonso Reyes, saturado dessas fadigas subalternas

de índole policial, propõe que todos empreendamos a obra de reconstruir os

muitos e maciços volumes que faltam: *ex ungue leonem*. Calcula, entre

jocoso e sério, que uma geração de *tlönistas* pode bastar. Esse arriscado computo nos retrai ao problema fundamental: quais os inventores de Tlön?

O plural é inevitável, porque a hipótese de um só inventor —de um infinito

Leibniz trabalhando na treva e na modéstia — fora descartada

unanimemente. Conjectura-se que este *brave new world* é obra de uma sociedade secreta de astrônomos, de biólogos, de engenheiros, de metafísicos, de poetas, de químicos, de algebristas, de moralistas, de pintores, de geômetras... dirigidos por um obscuro homem de gênio. Muitos são os

indivíduos que dominam essas disciplinas diversas, mas não os capazes de

invenção e menos os capazes de subornar a invenção a um rigoroso plano

sistemático. Esse plano é tão vasto que a contribuição de cada escritor é

infinitesimal. No começo pensou-se que Tlön era um mero caos, uma

irresponsável licença da imaginação; agora se sabe que é um cosmos e as

íntimas leis que o regem foram formuladas, ainda que de modo provisório.

Basta-me recordar que as contradições aparentes do Décimo Primeiro

Volume são a pedra fundamental da prova de que existem os outros: tão

lúcida e tão justa é a ordem que nele se observou. As revistas populares

divulgaram, com perdoável excesso, a zoologia e a topografia de Tlön;

acredito que seus tigres transparentes e suas torres de sangue não merecem,

talvez, a contínua atenção de *todos* os homens. Atrevo-me a pedir alguns minutos para seu conceito do universo.

Hume notou em definitivo que os argumentos de Berkeley não admitiam

a menor réplica e não causavam a menor convicção. Esse ditame é

totalmente verídico em sua aplicação à Terra; totalmente falso em Tlön. As

nações desse planeta são — congenitamente — idealistas. Sua linguagem e

as derivações de sua linguagem — a religião, as letras, a metafísica —

pressupõem o idealismo. O mundo para eles não é um concurso de objetos

no espaço; é uma série heterogênea de atos

independentes. É sucessivo, temporal, não espacial. Não há substantivos na conjetural *Ursprache* de Tlön, da qual procedem os idiomas "atuais" e os dialetos: há verbos impessoais, qualificados por sufixos (ou prefixos)

monossilábicos de valor adverbial. Por exemplo: não há palavra que

corresponda à palavra *lua*, mas há um verbo que seria em espanhol *lunecer* ou *lunar*. *Surgiu a lua sobre o rio* diz-se *hlör u fang axaxaxas mlö*, ou seja, em sua ordem: para cima (*upward*) atrás duradouro-fluir lualuziu. (Xul Solar traduz sinteticamente: *upa tras perfluyue lunó. Upward. behind the*

onstreaming, in mooned.)

O que antes foi dito se refere aos idiomas do hemisfério austral. Nos do

hemisfério boreal (sobre cuja *Ursprache* há bem poucos dados no Décimo Primeiro Volume) a célula primordial não é o verbo, mas o adjetivo monossilábico. O substantivo se forma por acumulação de adjetivos. Não se

diz *lua*: diz-se *aéreo-claro sobre escuro-redondo* ou qualquer outro acréscimo. No caso escolhido, a massa de adjetivos corresponde a um

objeto real; o fato é puramente fortuito. Na literatura desse hemisfério

(como no mundo subsistente de Meinong), são muitos os objetos ideais,

convocados e dissolvidos num momento, conforme as necessidades

poéticas. Determina-os, às vezes, a mera simultaneidade. Há objetos

compostos de dois termos, um de caráter visual e outro auditivo: a cor do

nascente e o remoto grito de um pássaro. Há alguns de múltiplos: o sol e a

água contra o peito do nadador, o vago rosa trêmulo que se vê com os olhos

fechados, a sensação de quem se deixa levar por um rio e também pelo

sonho. Esses objetos de segundo grau podem combinar-se com outros; o

processo, mediante certas abreviaturas, é praticamente infinito. Há poemas

famosos compostos de uma só enorme palavra. Essa palavra integra um

objeto poético criado pelo autor. O fato de que ninguém acredite na

realidade dos substantivos faz, paradoxalmente, que seja interminável seu

número. Os idiomas do hemisfério boreal de Tlön possuem todos os nomes

das línguas indo-européias — e muitos outros mais.

Não é exagero afirmar que a cultura clássica de Tlön abrange uma única

disciplina: a psicologia. As outras estão subordinadas a ela. Mencionei que

os homens desse planeta concebem o universo como uma série de processos mentais, que não se desenvolvem no espaço, mas de modo

sucessivo no tempo. Spinoza confere a sua inesgotável divindade os atributos da extensão e do pensamento; ninguém compreenderia em Tlön a

justaposição do primeiro (que apenas é típico de certos estados) e do

segundo — que é um sinônimo perfeito do cosmos. Antes, com

outras palavras: não concebem que o espacial perdure no tempo. A percepção de uma fumaceira no horizonte e depois do campo incendiado e

depois do charuto meio apagado que produziu a queimada é considerada

um exemplo da associação de idéias.

Esse monismo ou idealismo total invalida a ciência. Explicar (ou julgar)

um fato é uni-lo a outro; essa vinculação, em Tlön, é um estado posterior do

sujeito, que não pode afetar ou iluminar o estado anterior. Todo estado

mental é irreduzível: o simples fato de nomeá-lo — *id est*, de classificá-lo

— importa em falseio. Disso caberia deduzir que não há ciências em Tlön.

— nem sequer raciocínios. Mas a paradoxal verdade é que existem, em

quase incontável número. Com as filosofias acontece o que sucede com os

substantivos no hemisfério boreal. O fato de que toda filosofia seja de

antemão um jogo dialético, uma *Philosophie des Als Ob*, contribui para multiplicá-las. Sobram os sistemas incríveis, mas de construção agradável

ou de tipo sensacional. Os metafísicos de Tlön não buscam a verdade, nem

sequer a verossimilhança: buscam o assombro. Julgam que a metafísica é

um ramo da literatura fantástica. Sabem que um sistema não é outra coisa

que a subordinação de todos os aspectos do universo a qualquer um deles.

Até a frase "todos os aspectos" é inaceitável, porque supõe a impossível adição do instante presente e dos pretéritos. Nem é lícito o plural "os

pretéritos", porque supõe a outra operação impossível... Uma das escolas de Tlön chega a negar o tempo: argumenta que o presente é indefinido, que o

futuro não tem realidade senão como lembrança presente². Outra escola

declara que transcorreu já *todo o tempo* e que nossa vida é apenas a lembrança ou reflexo crepuscular, e sem dúvida falseado e mutilado, de um

processo irrecuperável. Outra, que a história do universo — e nela nossas

vidas e o pormenor mais tênue de nossas vidas — é a escritura que produz

um deus subalterno para entender-se com um demônio. Outra, que o

universo é comparável a essas criptografias nas quais não valem todos os

símbolos e que só é verdade o que sucede cada trezentas noites. Outra, que

enquanto dormimos aqui, estamos despertos em outro lado e que assim

cada homem é dois homens.

Entre as doutrinas de Tlön, nenhuma mereceu tanto escândalo como o

materialismo. Alguns pensadores o formularam, com menos clareza

2 RUSSEL. (*The analysis of mind*. 192, página 159) supõe que o planeta foi criado há poucos minutos, provido de uma humanidade que "recorda" um passado ilusório. (N.T.)

que fervor, como quem expõe um paradoxo. Para facilitar o entendimento dessa tese inconcebível, um heresiarca do século XI ideou o sofisma das

nove moedas de cobre, cujo renome escandaloso equivale em Tlön ao das

aporias eleáticas. Desse "raciocínio especioso" há muitas versões, nas quais o número de moedas e o número de achados variam; eis aqui a mais

comum:

Terça-feira, X atravessa um caminho deserto e perde nove moedas de

cobre. Quinta-feira, Y encontra no caminho quatro moedas, um pouco

enferrujadas pela chuva de quarta-feira. Sexta-feira à tarde, Z descobre

três moedas no caminho. Sexta-feira de madrugada, X encontra duas

moedas no corredor de sua casa. O heresiarca queria deduzir dessa história a realidade — id est, a continuidade — das nove moedas recuperadas . É

absurdo (afirmava) imaginar que quatro das moedas não existiram entre

terça e quinta-feira, três entre terça feira e a tarde de sexta-feira, duas entre terça feira e a madrugada de sexta-feira. É lógico pensar que

existiram — ainda que de algum modo secreto, de compreensão vedada

aos homens — em todos os momentos desses três prazos.

A linguagem de Tlön se opunha a formular esse paradoxo; os demais

não o entenderam. Os defensores do sentido comum limitaram-se, no

início, a negar a veracidade do episódio. Repetiram que era uma falácia

verbal, embasada no emprego temerário de duas vozes neológicas, não

autorizadas pelo uso e alheias a todo pensamento severo: os verbos en-

contrar e perder, que comportavam uma petição de princípio, porque pressupunham a identidade das nove primeiras moedas e das últimas.

Recordaram que todo substantivo (homem, moeda, quinta-feira, quarta-

feira, chuva) somente tem um valor metafórico. Denunciaram a pérfida

circunstância um *pouco enferrujadas pela chuva de quarta-feira*, que

pressupõe o que se procura demonstrar: a persistência das quatro moedas

entre quinta e terça-feira. Explicaram que uma coisa é *igualdade* e outra, *identidade* e formularam uma espécie de *reductio ad absurdum*, ou seja, o caso hipotético de nove homens que em nove noites sucessivas padecem

uma dor viva. Não seria ridículo — perguntaram — pretender que essa dor

fosse a mesma³ ? Disseram que ao heresiarca movia-o

3 Hoje em dia, uma das igrejas de Tlön sustenta, platonicamente, que tal dor, que tal matiz verdoso do amarelo, que tal temperatura, que tal som, são a única realidade. Todos os homens, no vertiginoso instante do coito, são o mesmo homem. Todos os homens que repetem uma linha de Shakespeare *são* William Shakespeare.

apenas o blasfematório propósito de atribuir a divina categoria de ser a umas simples moedas e que, as vezes, negava a pluralidade e outras, não.

Argumentaram: se a igualdade abrangesse a identidade, seria necessário

admitir, do mesmo modo, que as nove moedas eram uma só.

Incrivelmente, essas refutações não resultaram definitivas. Ao fim de

cem anos de proposição do problema, um pensador não menos brilhante

que o heresiarca, mas de tradição ortodoxa, suscitou uma hipótese muito

audaz. Essa conjetura feliz afirmava que há um só sujeito, que esse sujeito

indivisível é cada um dos seres do universo e que estes são os órgãos e

máscaras da divindade, X é Y e Z, Z descobre três moedas, porque se

lembra que X as perdeu; X encontra duas nos corredor porque se lembra

que foram recuperadas as outras... O décimo primeiro volume deixa entender que três razões capitais determinaram a vitória total desse

panteísmo idealista. A primeira, o repúdio do solipsismo; a segunda, a

possibilidade de conservar a base psicológica das ciências; a terceira, a

possibilidade de conservar o culto dos deuses. Schopenhauer (o apaixonado

e lúcido Schopenhauer) formula uma doutrina muito semelhante no primeiro volume de *Parerga und Paralipomena*,

A geometria de Tlön compreende duas disciplinas um pouco distintas: a

visual e a tátil. A última corresponde à nossa e a subordinam à primeira. A

base da geometria visual é a superfície, não o ponto. Essa geometria

desconhece as paralelas e declara que o homem que se desloca modifica as

formas que o circundam. O fundamento de sua aritmética é a noção de

números indefinidos. Acentuam a importância dos conceitos de maior e

menor, que nossos matemáticos simbolizam por $>$ e por $<$. Afirmam que a

operação de contar modifica as quantidades e as converte de indefinidas em

definidas. O fato de que vários indivíduos que contam uma mesma

quantidade obtenham resultado igual é, para os psicólogos, um exemplo de

associação de idéias ou de bom exercício da memória. Já sabemos que em

Tlön o sujeito do conhecimento é *uno e eterno*,

Nos hábitos literários é também todo-poderosa a idéia de um sujeito

único. É raro que os livros estejam assinados. Não existe o conceito do

plágio: estabeleceu-se que todas as obras são obra de um só autor. que é

intemporal e anônimo. A crítica costuma inventar autores: escolhe duas

obras dissimiles — o *Tiro Te King* e as *As mil e uma noites*, digamos —, atribui-as a um mesmo escritor e logo determina com probidade a

psicologia desse interessante *homme de lettres*...

Também os livros são diferentes. Os de ficção abarcam um único argumento, com todas as permutações imagináveis. Os de natureza filosó-

fica invariavelmente contêm a tese e a antítese, o rigoroso pró e contra de

uma doutrina, Um livro que não encerre seu contralivro é considerado

incompleto,

Séculos e séculos de idealismo não deixaram de influir na realidade.

Não é freqüente, nas regiões mais antigas de Tlön. a duplicação de objetos

perdidos. Duas pessoas buscam um lápis; a primeira o encontra e não diz

nada; a segunda encontra um segundo lápis não menos real, contudo mais

ajustado a sua expectativa. Esses objetos secundários se chamam *hrönir* e

são, ainda que de forma desairada, mais compridos. Até há pouco os *hrönir*

eram filhos fortuitos da distração e do esquecimento. Parece mentira que

sua metódica produção conte apenas cem anos, mas assim está referido no

Décimo Primeiro Volume. Os primeiros intentos foram estéreis. O *modus*

operandi, no entanto, merece ser recordado. O diretor de um dos cárceres do Estado comunicou aos presos que no antigo leito de um rio havia certos

sepulcros e prometeu a liberdade aos que trouxessem um achado

importante. Durante os meses que precederam à escavação, apresentaram-

lhes fotografias do que iam encontrar. Essa primeira tentativa provou que a

esperança e a avidez podem inibir; uma semana de trabalho com a pá e a

picareta não conseguiu exumar outro *hrön*. salvo uma roda enferrujada, de

data posterior ao experimento. Esta experiência foi mantida em segredo e

depois repetida em quatro colégios. Em três, foi quase total o fracasso; no

quarto (cujo diretor morreu casualmente durante as primeiras escavações),

os discípulos exumaram — ou produziram — uma máscara de ouro, uma

espada arcaica, duas ou três ânforas de barro e o limoso e mutilado torso de

um rei com uma inscrição no peito que ainda não se logrou decifrar. Desco-

briu-se assim a improcedência de testemunhas que conhecessem a natureza

experimental da busca... As investigações em massa produzem objetos

contraditórios; agora preferem-se os trabalhos individuais e quase

improvisados. A metódica elaboração de *hrönir* (diz o Décimo Primeiro

Volume) prestou serviços prodigiosos aos arqueólogos. Permitiu examinar

e até modificar o passado, que agora não é menos plástico e menos dócil

que o futuro. Fato curioso: os *hrönir* de segundo e de terceiro grau — os

hrönir derivados do *hrön* de um *hrön* — exageram as aberrações do inicial; os de quinto, são quase uniformes; os de nono, confundem-se com os ele

segundo: nos de décimo primeiro, há uma pureza de linha

que os originais não têm. O processo é periódico: o *hrön* de décimo segundo grau já começa a decair. Mais estranho e mais puro que todo *hrön*

é, às vezes, o *ur*: a coisa produzida por sugestão, o objeto eduzido pela esperança. A grande máscara de ouro que mencionei é um ilustre exemplo,

As coisas duplicam-se em Tlön; propendem simultaneamente a apagar-

se e a perder as particularidades, quando se as esquece, É clássico o

exemplo do umbral que perdurou enquanto o visitava um mendigo e que se

perdeu de vista com sua morte, Às vezes alguns pássaros, um cavalo,

salvaram as ruínas de um anfiteatro,

1940. Salto Oriental.

Pós-escrito de 1947. Reproduzo o artigo anterior tal como apareceu na

Antologia da literatura fantástica, 1940, sem outro corte senão o de algumas metáforas e de uma espécie de resumo zombeteiro que se tornou

frívolo. Tantas coisas se passaram desde aquela data... Limitar-me-ei a

recordá-las,

Em março de 1941, foi descoberta uma carta manuscrita de Gunnar Erfjord num livro de Hinton que fora de Herbert Ashe. O envelope tinha o

carimbo postal de Ouro Preto; a carta elucidava completamente o mistério

de Tlön. Seu texto corrobora as hipóteses de Martinez Estrada. Em princípios do século XVII, numa noite de Lucerna ou de Londres, começou

a esplêndida história. Uma sociedade secreta e benévola (que entre seus

adeptos contou com Dalgarno e depois com George Berkeley) surgiu para

inventar um país. No vago programa inicial figuravam os "estudos

herméticos", a filantropia e a cabala. Dessa primeira época, data o curioso livro de Andreä. Ao cabo de alguns anos de conciliábulos e de síntese

prematuras, compreenderam que uma geração não bastava para articular um

país. Resolveram que cada um dos mestres que a integravam escolhesse um

discípulo para a continuação da obra. Essa disposição hereditária

prevaleceu; depois de um hiato de dois séculos, a perseguida fraternidade

ressurge na América. Por volta de 1824, em Memphis (Tennessee), um dos

adeptos conversa com o ascético milionário Ezra Buckley. Este o deixa

falar com certo desdém — e ri da modéstia do projeto. Diz-lhe que na

América é absurdo inventar um país e propõe-lhe a invenção de um planeta.

A essa gigantesca idéia acrescenta outra, filha de seu niilismo⁴: a de manter em sigilo a empresa enorme. Circulavam,

4 Buckley era livre-pensador, fatalista e defensor da escravidão,

então, os vinte volumes da *Encyclopædia Britannica*: Buckley sugere uma enciclopédia metódica do planeta ilusório. Deixar-lhes-á suas cordilheiras

auríferas, seus rios navegáveis, suas várzeas pisadas pelo touro e pelo bisão, seus negros, seus prostíbulos e seus dólares, sob uma condição: "A obra não pactuará com o impostor Jesus Cristo", Buckley não acredita em Deus, mas

quer demonstrar ao Deus inexistente que os homens mortais são capazes de

conceber um mundo, Buckley é envenenado em Baton Rouge, em 1828; em

1914 a sociedade remete a seus colaboradores, que são trezentos, o volume

final da Primeira Enciclopédia de Tlön. A edição é secreta: os quarenta

volumes que compreende (a obra mais vasta que os homens empreenderam)

seriam a base de outra mais minuciosa, não já redigida em inglês, mas em

algumas das línguas de Tlön. Essa revisão de um mundo ilusório se

denomina provisoriamente *Orbis Tertius* e um de seus modestos demiurgos foi Herbert Ashe, não sei se como agente de Gunnar Erfjord ou como

adepto. Seu recebimento de um exemplar do Décimo Primeiro Volume

parece favorecer a segunda hipótese. Mas, e os outros? Aí por volta de 1942,

recrudesceram os fatos. Lembro-me com singular nitidez de um dos primeiros e acho que vislumbrei algo de seu caráter premonitório. Sucedeu

num apartamento da rua Laprida, frente a uma clara e alta sacada, voltada

para o acaso. A Princesa de Faucigny Lucinge recebera de Poitiers sua

baixela de prata. Do vasto interior de um caixote rubricado de carimbos

internacionais, iam saindo finas coisas imóveis: prataria de Utrecht e de

Paris com dura fauna heráldica, um samovar. Entre elas — com um

perceptível e tênue tremor de pássaro adormecido — latejava misterio-

samente uma bússola. A princesa não a reconheceu. A agulha azul indicava

o norte magnético; a caixa de metal era côncava; as letras da esfera

correspondiam a um dos alfabetos de Tlön. Tal foi a primeira intrusão do

mundo fantástico no mundo real. Um acaso que me inquietava fez que

também fosse testemunha da segunda. Aconteceu uns meses depois, na

venda de um brasileiro, na Cuchilla Negra. Amorim e eu regressávamos de

Santana, Uma enchente do rio Taquarembó nos obrigou a provar (e a

suportar) essa rudimentar hospitalidade. O vendeiro acomodou-nos em

catres rangentes numa peça ampla, entorpecida de barris e couros. Deitamo-

nos, mas não nos deixou dormir até o amanhecer a bebedeira de um vizinho

fantasma, que alternava injúrias inextricáveis com trechos de milongas —

ou melhor, com trechos de uma só milonga. Como é de supor, atribuímos à

fogosa cachaça do hospedeiro essa

gritaria insistente... Pela madrugada, o homem estava morto no corredor. A aspereza da voz nos enganara: era um rapaz moço. Durante o delírio

caíram-lhe do tirador algumas moedas e um cone reluzente, do diâmetro de

um dado. Em vão um menino tentou recolher esse cone. Apenas um homem mal conseguiu levantá-lo. Peguei-o na palma da mão por alguns

minutos: lembro-me de que seu peso era intolerável e que, depois de

retirado o cone, persistiu a opressão. Também me lembro do preciso círculo

que me gravou na carne. Essa evidência de um objeto muito pequeno e ao

mesmo tempo pesadíssimo deixava a impressão desagradável de asco e de

medo. Um lavrador propôs que o arremessassem à correnteza do rio:

Amorim o adquiriu por alguns pesos. Ninguém sabia nada sobre o morto,

exceto que "procedia da fronteira". Esses cones pequenos e muito pesados (feitos de um metal que não é deste mundo) são imagem da divindade, em

certas religiões de Tlön.

Aqui termino a parte pessoal de meu relato. O resto está na memória

(quando não na esperança ou no temor) de todos os meus leitores,
É

suficiente para mim recordar ou mencionar os fatos subseqüentes,
com

mera brevidade de palavras que a cônica lembrança geral
enriquecerá ou

ampliará. Por volta de 1944, um investigador do jornal *The American* (de Nashville, Tennessee) exumou numa biblioteca de Memphis os quarenta

volumes da Primeira Enciclopédia de Tlön. Até o dia de hoje se discute se

esse descobrimento foi casual ou se o consentiram os detectores do
ainda

nebuloso *Orbis Tertius*, É aceitável a segunda hipótese. Alguns traços incríveis do Décimo Primeiro Volume (por exemplo, a multiplicação dos

hrönir) foram eliminados ou atenuados no exemplar de Memphis; é

razoável imaginar que essas supressões obedecem ao plano de
exibir um

mundo que não seja demasiadamente incompatível com o mundo
real. A

disseminação de objetos de Tlön em diversos países
complementaria esse

plano... **5** O fato é que a imprensa internacional apregoou
infinidamente o

"achado". Manuais, antologias. resumos, versões literais, reimpressões autorizadas e reimpressões piréticas da Obra Maior dos Homens

abarroaram e continuam abarroando a Terra. Quase imediatamente, a

realidade cedeu em mais de um ponto. O certo é que desejava ceder. Há dez

anos, qualquer simetria com aparência de ordem — o materialismo dialético, o anti-semitismo, o nazismo —

5 Rica, naturalmente, o problema da matéria de alguns objetos.

bastava para atrair os homens. Como não submeter-se a Tlön, à minuciosa e larga evidência de um planeta ordenado? Inútil responder que a realidade

também está ordenada. Quem sabe o esteja, mas conforme leis divinas —

explico: leis inumanas — que nunca percebemos completamente. Tlön será

um labirinto, mas um labirinto urdido por homens, um labirinto destinado a

ser decifrado pelos homens.

O contato e o hábito de Tlön desintegraram este mundo. Encantada por

seu rigor, a humanidade esquece e torna a esquecer que é um rigor de

enxadristas, não de anjos. Penetrou nas escolas o (conjectural) "idioma

primitivo" de Tlön; já o ensino de sua história harmoniosa (e cheia de

episódios comovedores) obliterou o que presidiu minha infância; já nas

memórias um passado fictício ocupa o lugar de outro, do qual nada

sabemos com certeza — nem, ao menos, que é falso. Foram reformadas a

numismática, a farmacologia e a arqueologia. Acho que a biologia e a

matemática aguardam também seu avatar... Uma dispersa dinastia de

solitários mudou a face do mundo. Sua tarefa prossegue. Se nossas pre-

visões não errarem, daqui a cem anos alguém descobrirá os cem volumes

da Segunda Enciclopédia de Tlön.

Então desaparecerão do planeta o inglês e o francês e o simples espa-

nhol. O mundo será Tlön. Não me importo, continuo revisando, nos

plácidos dias de Hotel Adrogué, uma indecisa tradução quevediana (que

não tenciono publicar) do *Urn Burial*, de Browne.

Tradução de Carlos Nejar

Julio Cortazar

Tirar coelho de cartola faz parte do ofício de mágico. E é, até certo ponto, um expediente fácil. Difícil — pois é coisa de mago e artista — e

desconfortável é descobrir alguém que vomite coelhos. Julio Cortázar

(1914-1984) sabia disso, não fosse ele um dos maiores contistas da América Latina. Já o era com seus primeiros livros de narrativas curtas,

Bestiário , de 1951 (de onde foi extraído o conto desta antologia), e Final de jogo , de 1956, embora Cortázar tenha ficado internacionalmente

conhecido com o conto "O perseguidor", que tem Charles Parker como personagem, incluído em As armas secretas, de 1959. A obra deste

argentino nascido em Bruxelas e que passou sua vida profissional em

Paris é extensa e inclui romances como O jogo da amarelinha , que o colocou na linha de frente do chamado boom da literatura latino-americana nos anos 1970. Foi nesta época, com Alejo Carpentier e seu

"real maravilhoso", e com Garcia Márquez de Cem anos de solidão que se consagrou a expressão "realismo mágico", que nada mais é

do que um prolongamento da velha literatura fantástica, com as cores telúricas da

América Latina.

Carta a uma senhorita em Paris

ANDRÉE. EU NÃO QUERIA VIVER EM SEU APARTAMENTO da Calle Suipacha. Não

tanto pelos coelhinhos, mas porque me desagrada entrar em uma ordem

fechada, construída até nas mais finas malhas do ar, essas que em sua casa

preservam a música da lavanda, o adejar de um cisne, o jogo de violino e

viola no quarteto de Rará. Para mim é duro entrar em um ambiente onde

alguém que vive confortavelmente dispôs tudo como uma reiteração de sua

alma, aqui os livros (de um lado em espanhol, do outro em francês e inglês),

ali os almofadões verdes, neste exato lugar da mesinha, o cinzeiro de cristal

que se parece com uma bolha de sabão, e sempre um perfume, um som, um

crescer de plantas, uma fotografia do amigo morto, um ritual de bandejas com

chá e pinças de açúcar... Ah, querida Andrée, que difícil opor-se, embora

aceitando-a com inteira submissão do próprio ser, à minuciosa ordem que

uma mulher instaura em sua agradável residência. Como é condenável pegar

uma tacinha de metal e pô-la no outro extremo da mesa, pô-la ali

simplesmente porque alguém trouxe seus dicionários de inglês e é deste lado,

ao alcance da mão, que deverão estar. Mexer nessa tacinha equivale a pôr um

horrível e inesperado vermelho em meio a uma modulação de Ozenfant, como

se de repente as cordas de todos os contrabaixos rebentassem ao mesmo tem-

po, com o mesmo espantoso chicotaço, no instante mais suave de uma

sinfonia de Mozart. Mexer nessa tacinha altera o jogo de relações de toda a

casa, de um objeto com outro, de cada momento de sua alma com a alma

inteira da casa e sua distante moradora. E eu não posso

aproximar os dedos de um livro, ajustar de leve o cone de luz de um lampião, abrir a tampa da caixa de música, sem que um sentimento de

ultraje e desafio me passe pelos olhos como um bando de pardais.

Você sabe por que vim a sua casa, a sua tranqüila sala festejada de sol.

Tudo parece tão natural, como sempre, que não se sabe a verdade. Você foi

a Paris, eu fiquei com o apartamento da Calle Suipacha, elaboramos um

simples e satisfatório plano de mútua conveniência, até que setembro traga-a

de novo a Buenos Aires e me atire a alguma casa onde talvez... Mas não lhe

escrevo por isso, envio esta carta por causa dos coelhinhos, parece-me justo

informá-la; e porque gosto de escrever cartas, e talvez porque chove,

Mudei-me na quinta-feira passada, às cinco da tarde, entre névoa e tédio.

Fechei tantas malas em minha vida, passei tantas horas preparando bagagens

que não levavam a parte nenhuma, que a quinta-feira foi um dia cheio de

sombras e correias, porque quando vejo as correias das malas é como se

visse sombras, partes de um látigo que me açoita indiretamente, da maneira

mais sutil e mais horrível. Mas fiz as malas, avisei sua criada que viria

instalar-me, e subi de elevador. Precisamente entre o primeiro e o segundo

andar, senti que ia vomitar um coelhinho. Nunca lhe contara antes, não

acredite que por deslealdade, mas naturalmente a gente não vai ficar

explicando a todos que, de quando em quando, vomita um coelhinho. Como

isso sempre me tem sucedido estando só, escondia o fato como se escondem tantos detalhes do que acontece (ou a gente faz acontecer) na intimidade

total. Não me censure. Andrée, não me censure. De quando em quando me

acontece vomitar um coelhinho. Não é razão para não viver em qualquer

casa, não é razão para que a gente tenha de se envergonhar e estar isolado e

andar se calando,

Quando sinto que vou vomitar um coelhinho, ponho dois dedos na boca

como uma pinça aberta, e espero sentir na garganta a penugem morna que

sobe como uma efervescência de sal de frutas. Tudo é rápido e higiênico,

transcorre em um brevíssimo instante. Tiro os dedos da boca, e neles trago

preso pelas orelhas um coelhinbo branco. O coelhinbo parece contente, é um

coelhinbo normal e perfeito, só que muito pequeno, pequeno como um

coelhinbo de chocolate, mas branco e inteiramente um coelhinbo. Ponho-o

na palma da mão, levanto sua penugem com uma carícia dos dedos, o

coelhinbo parece satisfeito de haver nascido e bole e esfrega o focinho na

minha pele, mexendo-o com essa

trituração silenciosa e cosquenta do focinho de um coelhinbo contra a pele de uma mão. Procura comer, e então eu (falo de quando isto ocorria em

minha casa de campo) o levo comigo à varanda e o ponho no grande vaso

onde cresce o trevo que plantei com esse fim. O coelhinbo levanta suas

orelhas, envolve o trevo novo com um veloz molinete do focinho, e eu sei

que posso deixá-lo e ir embora, continuar por algum tempo uma vida não

diferente da de tantos que compram seus coelhos nas granjas,

Entre o primeiro e o segundo andar. André, como um aviso do que seria

minha vida em sua casa, soube que ia vomitar um coelhinho. Em seguida

tive medo (ou era surpresa? Não, medo da mesma surpresa, talvez), porque

antes de deixar minha casa, só dois dias antes, tinha vomitado um coelhinho

e estava livre por um mês, por cinco semanas, talvez seis com um pouco de

sorte. Veja você, eu tinha resolvido inteiramente o problema dos coelhinhos.

Plantava trevo na varanda de minha outra casa, vomitava um coelhinho,

punha-o no trevo e, ao fim de um mês, quando suspeitava que de um

momento para outro... então dava o coelho já crescido à sra. de Molina, que

pensava ser um *hobby* meu e se calava. Já em outro vaso vinha crescendo um trevo novo e apropriado, eu esperava sem preocupação a manhã em que

a cosquinha de uma penugem subindo fechava-me a garganta, e o novo

coelhinho repetia desde aquela hora a vida e os costumes do anterior. Os

costumes. Andrée, são formas concretas do ritmo, são a cota do ritmo que

nos ajuda a viver. Não era tão terrível vomitar coelhinhos uma vez que isso

havia entrado no ciclo invariável, no método. Você quererá saber por que

todo esse trabalho, por que todo esse trevo e a sra. de Molina. Teria sido

preferível matar em seguida o coelhinho e... Ah, você teria de vomitar tão-

somente um, pegá-lo com dois dedos e colocá-lo na mão aberta, ainda

aderido a você pelo ato mesmo, pela aura inefável de sua proximidade

apenas rompida, Um mês distancia tanto; um mês é tanto, pêlos compridos,

saltos, olhos selvagens, diferença absoluta. Andrée, um mês é um coelho,

faz de verdade um coelho; mas o minuto inicial, quando a mecha morna e

bulidora encobre uma presença imutável... Como um poema nos primeiros

minutos, o fruto de uma noite de Iduméia: tão da gente que a gente mesmo...

c depois tão não a gente, tão isolado e distante em seu raso mundo branco

tamanho mapa.

Decidi, contudo, matar o coelhinho mal nascesse. Eu viveria quatro meses em sua casa: quatro — talvez, com sorte, três — colheradas de

álcool no focinho, (Você sabe que a misericórdia permite matar instantaneamente um coelhinho dando-lhe de beber uma colherada de álcool? Sua

carne então sabe melhor, dizem, embora eu... Três ou quatro colheradas de

álcool, logo o banheiro ou um pacote somando-se ao lixo,)

Ao passar o terceiro andar o coelhinho se mexia em minha mão aberta.

Sara esperava em cima, para ajudar-me a entrar com as malas... Como

explicar-lhe que um capricho, uma lojinha de animais? Envolvi o coelhinho

em meu lenço, coloquei-o no bolsinho do sobretudo, deixando o sobretudo

solto para não espremê-lo. Mal se mexia. Sua miúda consciência devia estar

revelando fatos importantes: que a vida é um movimento para cima com um

click final, e que é também um céu baixo, branco, envolvente e cheirando a lavanda, no fundo de um poço morno,

Sara não viu nada, fascinava-a muito o duro problema de ajustar seu

sentido de ordem a minha mala-roupeiro, meus papéis e minha displicência

diante de suas demoradas explicações, onde abunda a expressão "por

exemplo". Tão logo pude, me fechei no banheiro; matá-lo agora, Uma fina

zona de calor rodeava o lenço, o coelhinho era branquíssimo e acho que

mais lindo do que os outros. Não me olhava, somente bulia e estava

contente, o que era o mais horrível modo de me olhar. Encerrei-o no pequeno armário vazio e me voltei para desfazer as malas, desorientado mas

não infeliz, não culpado, não ensaboando as mãos para tirar delas uma

última convulsão,

Compreendi que não podia matá-lo. Mas nessa mesma noite vomitei um

coelhinho negro. E dois dias depois um branco. E na quarta noite um

coelhinho cinza,

Você deve gostar do belo armário do seu quarto, com a grande porta que se

abre generosa, as prateleiras vazias à espera da minha roupa.
Agora guardo-

os ali. Ali dentro. Verdade que parece impossível; nem Sara
acreditaria.

Porque Sara não desconfia de nada, e não desconfia de nada por
causa da

minha horrível tarefa, uma tarefa que consome meus dias e minhas
noites

num só golpe de gatilho e vai me queimando por dentro e
endurecendo

como aquela estrela-do-mar que você pôs sobre a banheira e que a
cada

banho parece encher o corpo da gente de sal e açoites de sol e
grandes

rumores de profundidade,

De dia dormem. São dez. De dia dormem. Com a porta fechada, o

armário é uma noite diurna somente para eles, lá dormem sua
noite com

sossegada obediência. Levo comigo as chaves do quarto ao sair
para o

trabalho. Sara deve pensar que ponho em dúvida sua honradez e
olha-

me desconfiada, noto todas as manhãs que está para me dizer
algo, mas por fim se cala, e eu fico tão contente... (Quando arruma
o quarto, das nove às

dez, faço ruído na sala, ponho um disco de Benny Carter que toma todo o

ambiente, e como Sara é também amiga de *saetas* e *pasodobles*, o armário parece silencioso e talvez esteja, porque para os coelhos agora é noite e

hora de descanso.)

Seu dia principia nessa hora que vem depois da janta, quando Sara leva a

bandeja com um miúdo tilintar de pinças de açúcar, deseja-me boa-noite —

sim, deseja. Andrée, o mais triste é que me deseja boa-noite — e fecha-se

em seu quarto e imediatamente estou só, só com o armário condenado, só

com meu dever e minha tristeza,

Deixo-os sair, lançarem-se ágeis pela sala, cheirando vivamente o trevo

que meus bolsos ocultavam e agora fazem no tapete efêmeras rendas que

eles alteram, removem, consomem num instante. Comem bem, calados e

corretos, até aquele instante nada tenho a dizer, somente os olhos do sofá,

com um livro inútil na mão — eu que queria ler todos os seus Giraudoux.

Andrée, e a história argentina de Lopez que você tem na prateleira
mais

baixa —; e comem o trevo.

São dez. Quase todos brancos. Levantam a morna cabeça para as
lâmpadas da sala, os três sóis imóveis do seu dia, eles que amam a
luz por-

que sua noite não tem lua nem estrelas nem lampiões. Olham seu
triplo sol e

estão contentes. Por isso, pulam pelo tapete, pelas cadeiras, dez
suaves

manchas movimentam-se como uma constelação móvel, de um
lado para

outro, embora eu quisesse vê-los quietos, vê-los a meus pés e
quietos — um

pouco o sonho de todo deus. Andrée, o sonho jamais cumprido dos
deuses

—, não assim, insinuando-se atrás do retrato de Miguel de
Unamuno, em

torno do grande jarro verde-claro, pela negra cavidade da
escrivaninha,

sempre menos de dez, sempre seis ou oito, e eu me perguntando
onde

andarão os dois que faltam, e se Sara se levantasse por qualquer
coisa, e a

presidência de Rivadavia que eu queria ler na história de Lopez,

Não sei como resisto. Andrée. Você recorda que vim descansar em sua

casa. Não é culpa minha se de quando em quando vomito um coelhinho, se

esta mudança me alterou também por dentro — não é nominalismo, não é

magia, apenas que as coisas não podem mudar assim de pronto, às vezes as

coisas mudam brutalmente e quando você esperava a bofetada direita...

Assim. Andrée, ou de outro modo, mas sempre assim.

Escrevo-lhe de noite. São três da tarde, mas escrevo-lhe na noite deles.

De dia dormem. Que alívio este escritório coberto de gritos, ordens, máquinas Royal, vice-presidentes e mimeógrafos! Que alívio, que paz, que

horror. Andrée! Agora me chamam ao telefone, são os amigos que se

inquietam com minhas noites recolhidas, é Luis que me convida a caminhar

ou Jorge que reservou entrada para um concerto. Quase não me atrevo a

dizer-lhes que não, invento prolongadas e ineficazes histórias de má saúde,

de traduções atrasadas, de evasão. E quando volto e subo de elevador —

aquela passagem, entre o primeiro e o segundo andar — renovo noite a noite

irremediavelmente a vã esperança de que não seja verdade,

Faço o que posso para que não destrocem suas coisas. Roeram um pouco

os livros da prateleira mais baixa, você os encontrará escondidos para que

Sara não note. Você gostava muito de seu lampião com o ventre de porcelana cheio de mariposas e cavaleiros antigos? O trincado mal se

percebe, trabalhei toda a noite com um cimento especial que me venderam

em uma casa inglesa — você sabe que as casas inglesas têm os melhores

cimentos — e agora fico ao lado dele para que nenhum o alcance outra vez

com as patas (é quase belo ver como gostam de se pôr em pé, lembrança do

humano distante, talvez imitação de seu deus deambulando e os olhando

carrancudo; além disso você terá percebido — em sua infância, talvez —

que se pode deixar um coelhinho em penitência contra a parede, de pé, as

patinhas apoiadas e muito quieto horas e horas),

Às cinco da manhã (dormi um pouco, estirado no sofá verde e desper-

tando a cada corrida aveludada, a cada tilintar) coloco-os no armário e faço a limpeza. Por isso Sara encontra tudo em ordem, embora às vezes eu tenha

notado nela algum assombro contido, um ficar olhando um objeto, uma leve

descoloração do tapete, e de novo o desejo de perguntar-me algo, mas eu

assobiando as variações sinfônicas de Franck, de maneira que nada. Para

que contar-lhe. Andrée, as minúcias desventuradas desse amanhecer surdo e

vegetal, em que caminho entredormido levantando cabos de trevo, folhas

soltas, pêlos brancos, aos encontrões nos móveis, louco de sono, e meu Gide

que se atrasa. Troyat que não traduzi, e minhas respostas a uma senhora

distante que já estará se perguntando se... para que continuar tudo isto, para que continuar esta carta que escrevo entre telefones e entrevistas,

Andrée, querida Andrée, meu consolo é que são dez e não virão mais.

Faz 15 dias segurei na palma da mão um último coelhinho, depois nada,

somente os dez comigo, sua diurna noite e crescendo, agora feios e nascendo-lhes o pêlo comprido, agora adolescentes e cheios de necessidades e

caprichos, saltando sobre o busto de Antínoo¹ (é Antínoo, verdade, aquele rapaz que olha cegamente?) ou se perdendo no living onde seus movimentos

criam ruídos ressonantes, tanto que dali devo tirá-los, com medo de que Sara

os ouça e apareça horripilada, talvez em camisola — porque Sara deve ser

assim, de camisola —, e então... Somente dez, pense você nessa pequena

alegria que tenho, afinal de contas, na crescente calma com que dou volta

aos duros céus do primeiro e do segundo andar,

Interrompi esta carta porque devia participar de um trabalho de comissões.

Continuo-a aqui em sua casa. Andrée, sob um mudo e grisalho amanhecer, É

de fato o dia seguinte. Andrée? Um pedaço em branco da página será para

você o intervalo, apenas a ponte que une meu escrito de ontem ao meu

escrito de hoje. Dizer-lhe que nesse intervalo tudo terminou, onde você vê a

ponte aberta ouço eu quebrar-se a cintura furiosa da água, para mim este

lado do papel, este lado da minha carta não continua a calma com que eu

vinha escrevendo, quando a deixei para participar de um trabalho de

comissões. Em sua cúbica noite sem tristeza dormem 11 coelhinhos; talvez

agora mesmo, mas não, não agora — no elevador, logo, ou ao entrar; já não

importa onde, se o quando é agora, se pode ser em qualquer agora dos que

me restam,

Agora chega, escrevi isto porque me interessa provar-lhe que não fui tão

culpado na destruição irrecuperável de sua casa. Deixarei esta carta

esperando-a, seria sórdido que o correio a entregasse em alguma clara

manhã de Paris, À noite passada repus os livros da segunda estante; já os

alcançavam, pondo-se de pé ou saltando, roeram as lombadas para afiar os

dentes — não por fome, têm todo o trevo que lhes compro e armazeno nas

gavetas da escrivaninha. Rasgaram as cortinas, os forros das cadeiras, a

moldura do auto-retrato de Augusto Torres, encheram de pêlos o tapete e

também gritaram, estiveram dando voltas sob o lampião, em círculo e como

me adorando, e logo gritavam, gritavam como eu não acredito que gritem os

coelhos,

¹Antínoo é um co-protagonista do romance *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, que Cortázar verteu para o espanhol. (N.T.)

Quis em vão tirar os pelos que estragam o tapete, arranjar a moldura da tela roída, fechá-los de novo no armário. O dia chega, talvez Sara se levante

agora. É quase estranho que Sara não me importe. E quase estranho que não

me importe vê-los correr em busca de brinquedos. Não tive tanta culpa,

você verá quando chegar que muitos dos destroços estão bem reparados com

o cimento que comprei em uma casa inglesa, eu fiz o que pude para evitar-

Ihe um desgosto... Quanto a mim, do dez ao 11 há como um vazio insuperável. Você vê: dez estava bem, com um armário, trevo e esperança,

quantas coisas se podem construir. Mas não com 11, porque dizer 11 é

certamente dizer 12. Andrée, 12 que será 13. Então está o amanhecer e uma

fria solidão na qual cabem a alegria, as recordações, você e talvez tantos

outros. Está esta sacada sobre Suipacha cheia de aurora, os primeiros sons

da cidade. Não acho que seja difícil juntar 11 coelhinhos salpicados sobre os

paralelepípedos, talvez nem os notem, atarefados com o outro corpo que

convém levar logo, antes que passem os primeiros colegiais.

Tradução de Remy Gorga Filho

Dino Buzzati

Diferente do fantástico do século XIX, pois passa de uma maneira indelével pela marca da ficção de Kafka, como se transformasse assim

algum aspecto insólito da vida em absurdo da própria vida — um absurdo

construído com uma lógica interna rigorosa —. Dino Buzzati (1906-1972)

leva magistralmente este tipo de literatura à contemporaneidade

narrativa. Não é à toa que se trata de um dos maiores contistas do século

xx. Aqui, como se não bastasse, ele foi buscar seu ponto de partida na

fantasia da infância de cada um de nós — e a transforma em realidade da

sociedade dita adulta, Uma realidade ficcional, é verdade, como

costumam fazer os grandes ficcionistas. Quem não teve medo do bicho-

papão na sua (nossa) mais remota infância? Mas atenção: "O bicho-papão" está longe de ser literatura infantil,

O bicho-papão

O ENGENHEIRO ROBERTO PAUDI, vice-diretor da COMPRAX e assessor do

departamento de Urbanística, enfureceu-se certa noite, ao surpreender a babá

Ester, que, para acalmar as manhas do pequeno Franco, lhe dizia:

— Olhe, se você não ficar quieto, o bicho-papão aparece,
Era intolerável para ele que, na educação das crianças, ainda se usassem
superstições bobas que podiam criar dolorosos complexos na psique imatura. Passou uma descompostura na moça, que saiu chorando, e pôs ele
mesmo o filho na cama, o qual se acalmou imediatamente,
Na mesma noite, o bicho-papão, levitando a meia-altura, como era seu
hábito, apresentou-se no quarto onde o engenheiro dormia sozinho, causando-lhe alguns minutos de agitação,
Como se sabe, o bicho-papão assumia diversas formas, segundo os países
e os costumes locais. Naquela cidade, desde tempos imemoriais, tinha a
aparência de um animal gigantesco, escuro, cuja figura era uma mistura de
hipopótamo e de tapir. Horrível à primeira vista. Mas, observando bem, com
olhos imparciais, notava-se, pelo vinco bondoso da boca e o brilho quase
afetuoso das pupilas, relativamente minúsculas, uma expressão, ao contrário, absolutamente sem maldade,

É claro que, em circunstâncias de certa gravidade, sabia incutir tremor e

ate medo. Mas normalmente executava suas tarefas com discrição. Tendo-se

aproximado da caminha do menino que devia ser repreendido, nem mesmo

o acordava, limitando-se a penetrar em seus sonhos, nos quais

deixava, isto sim, traços imperecíveis. De fato, sabemos perfeitamente que mesmo os sonhos das criancinhas tem uma capacidade ilimitada e acolhem,

sem esforço algum, animais mastodônticos como o bicho-papão, que podem

realizar todas as evoluções necessárias em plena liberdade.

Naturalmente, ao apresentar-se ao dr. Paudi, a antiga criatura não tinha

uma cara muito afável, muito pelo contrário, pois assumira a fisionomia,

evidentemente agigantada, do professor Gallurio, nomeado, havia dois

meses, fiscal extraordinário da COMPRAX, sociedade que estava navegando

em águas difíceis. E esse professor Gallurio, homem muito severo, para não

dizer intratável, era profundamente odiado por Paudi, cuja alta posição na

firma podia, em tal regime, correr grandes riscos,

Tendo acordado num sudário de gélida transpiração. Paudi só teve tempo

de perceber o visitante que fugia através da parede (a janela não teria sido

suficiente para tanta corpulência), mostrando-lhe a monumental cúpula de

seu traseiro.

Na manhã seguinte. Paudi não se desculpou com a pobre Ester. Pelo contrário, o fato de ter constatado ele próprio que o bicho-papão realmente

existia aumentava, junto com sua indignação, a firme determinação de tudo

fazer para afastar o sujeito,

Nos dias seguintes, naturalmente em tom de brincadeira, começou a

sondar o terreno com a mulher, os amigos e os colaboradores. E ficou

espantado ao saber que a existência do bicho-papão era geralmente

considerada coisa natural, como um acontecimento comum da natureza,

como a chuva, o terremoto e o arco-íris. Apenas o dr. Gemonio, do

Departamento Jurídico, parecia ter caído das nuvens: claro, quando era

criança ouvira falar vagamente na coisa, mas depois convencera-se per-

feitamente de que era uma história idiota, sem sentido,

Como se percebesse sua forte aversão, o bicho-papão começou então a

freqüentar com assiduidade a casa do engenheiro, sempre com as de-

sagradáveis feições do professor Gallurio, fazendo caretas, puxando-o pelos

pés, sacudindo sua cama e, certa noite, chegou a acocorar-se sobre seu peito,

a ponto de quase sufocá-lo,

Portanto, não foi de surpreender que, na primeira reunião do Conselho

Municipal, tivesse tocado no assunto com alguns colegas: seria possível

aceitar, numa metrópole que se orgulhava de pertencer à vanguarda, o

perpetuar-se de uma tal indecência, digna da Idade Média? Não seria o caso

de tomar uma atitude, de uma vez por todas, para resolver o problema?

A princípio, foram rápidos *pour parler* de corredores, trocas informais de pontos de vista. Em breve, o prestígio do dr. Paudi abriu-lhe o caminho. Em

menos de dois meses, o problema foi levado ao Conselho Municipal. É

evidente que, para evitar o ridículo, na agenda do dia nada constava sobre o

bicho-papão, mas o item cinco falava de "um deplorável fator de perturbação da calma noturna da cidade",

Ao contrário do que Paudi esperava, não só o assunto foi encarado por

todos com grande seriedade, mas sua tese, que poderia parecer óbvia,

encontrou acirradas oposições. Algumas vozes se levantaram para defender

uma pitoresca e inofensiva tradição que se perdia na noite dos tempos,

insistindo na completa inocuidade do monstro noturno, aliás, absolutamente

silencioso, e ressaltando os benéficos efeitos educativos de sua presença.

Alguns falaram claramente num "atentado contra o patrimônio cultural da

cidade" caso se recorresse a medidas repressivas. E o orador foi

calorosamente aplaudido.

Por outro lado, quanto ao mérito da questão, prevaleceram enfim os

irresistíveis argumentos aos quais apela, com demasiada freqüência, o

chamado progresso para destruir as últimas cidadelas do mistério. O bicho-

papão foi acusado de deixar uma marca nociva nas almas infantis, de

suscitar, às vezes, pesadelos contrários aos princípios da correta pedagogia.

Também foram discutidas questões de higiene: sim, é verdade, o mastodonte

noturno não sujava a cidade nem espalhava nenhum tipo de excremento,

mas quem poderia garantir que não fosse portador de germes e vírus?

Também nada se sabia de positivo sobre seu credo político: como excluir o

fato de que suas sugestões, aparentemente tão elementares, se não

simpplórias, escondessem insídias subversivas?

Os debates, aos quais os jornalistas não haviam sido admitidos, dada a

delicadeza do assunto, terminaram às duas da madrugada. A proposta de

Paudi foi aprovada com uma pequena maioria de cinco votos. Quanto a sua

aplicação prática, nomeou-se para isso uma comissão de peritos, da qual o

próprio Paudi foi eleito presidente,

De fato: proclamar o ostracismo do bicho-papão era uma coisa, conseguir

eliminá-lo era outra bem diferente, É claro que não se podia confiar na

disciplina cívica,, tanto mais que não se sabia se ele tinha capacidade de

compreender a língua. Tampouco se podia pensar em capturá-lo e

encaminhá-lo ao zôo municipal: que jaula poderia reter um animal, caso

fosse um animal, capaz de sumir através das paredes? Mesmo o veneno

devia ser descartado: o bicho-papão nunca fora visto comendo ou

bebendo. Então o lança-chamas? Uma pequena bomba de napalm? O risco para a população era excessivo,

Em suma, a solução se apresentava, se não impossível, pelo menos bastante

problemática. E Paudi já sentia que o almejado sucesso lhe escapava das

mãos quando lhe ocorreu uma dúvida: sim, a composição química e a

estrutura física do bicho-papão eram desconhecidas, mas, como acontece

com muitas criaturas registradas no cartório das lendas, não poderia ele, por

acaso, ser muito mais fraco e vulnerável do que se supunha? Quem sabe

bastava uma simples bala no ponto certo e estava feita justiça?

As forças da segurança pública, após a deliberação do Conselho Municipal referendada pelo prefeito, tiveram de colaborar. Dentro da brigada

móvel foi instituída uma patrulha especial, dotada de viaturas velozes e

interligadas por rádio. A coisa foi simples, Uma única circunstância estranha: uma certa relutância, entre os suboficiais e os agentes, em participar da

batida; seria medo? O temor obscuro de violar uma porta proibida? ou

simplesmente um nostálgico apego a certas lembranças perturbadoras da

infância?

O confronto aconteceu numa gélida noite de lua cheia. A patrulha, colocada numa esquina escura da praça Cinquecento, avistou o vagabundo

que flutuava tranqüilo a uns trinta metros de altura, como um jovem

dirigível. Os agentes avançaram com metralhadoras apontadas. Ao redor não

havia viva alma. O breve estalido das rajadas repercutiu ao longe, levado pelo

eco,

Foi uma cena estranha. Lentamente, o bicho-papão rodou sobre si mesmo,

sem um único estremecimento e, com as patas para cima, foi caindo até

pousar na neve. Onde ficou deitado de costas, imóvel para sempre. A luz da

lua se refletia sobre o ventre enorme e enrijecido, brilhante como guta-

percha.

— Uma coisa que gostaria de não ver nunca mais — disse depois o cabo

Onofrio Cottafavi, Uma mancha de sangue alargou-se extraordinariamente

sob a vítima, negra sob o luar,

Foram logo chamados os lixeiros para retirar os restos. Não chegaram a

tempo. Em poucos minutos a coisa gigantesca, como os balões furados,

contraíu-se a olhos vistos, reduziu-se a uma pobre larva, tornou-se um

vermezinho preto sobre a neve branca, e finalmente também o vermezinho

desapareceu, dissolvendo-se no nada. Permaneceu

apenas a abjeta mancha de sangue que, antes do amanhecer, as mangueiras da limpeza pública apagaram.

Disseram que no céu, enquanto a criatura morria, não apenas uma, mas

duas luas brilhavam. Contaram que, por toda a cidade, pássaros noturnos e

cães se lamentaram longamente. Correu o boato de que muitas mulheres,

velhas e meninas, despertadas por um chamado sombrio, saíram das casas,

ajoelhando-se e rezando ao redor do pobre infeliz. Nada disso foi comprovado historicamente.

De fato, a lua continuou inabalável sua viagem prescrita pela astronomia,

as horas escoaram regularmente uma depois da outra e todas as crianças do

mundo continuaram a dormir tranqüilas, sem imaginar que seu engraçado

amigo-inimigo se fora para sempre.

Era muito mais delicado e suave do que se pensava. Era feito daquela

substância impalpável que geralmente se chama fábula ou ilusão:
ainda que

fosse verdadeiro.

Galopa, foge, galopa, imorredoura fantasia. Louco por destruir-te, o
mundo civil te persegue, nunca te deixará em paz.

Tradução de Fulvia M.L. Moretto

4

O fantástico em bom português

Manuel Bernardes

*Contam que, antes de morrer; disse o padre Antônio Vieira (a quem
Fernando Pessoa chamou de Príncipe da Língua — e duvidar quem
haveria de?) que a língua portuguesa estava entregue em boas
mãos. As*

*mãos e o talento, como ficcionista, eram os de padre Manuel
Bernardes*

*(1644-1710). Sua densa e variada obra é Nova floresta , em vários
volumes, cujo subtítulo reza: "Silva (Selva] de vários apotegmas e
ditos sentenciosos espirituais, e morais, com reflexões, em que o
útil da*

doutrina se acompanha com o vário da erudição, assim Divina como

humana." Bem à maneira da época, Um escritor católico, sim, e com todas as marcas antigas da religião. Mas esqueçam a "mensagem" e observem nele o escritor. E como curiosidade extra: a idéia desta "Lenda dos bailarins" é praticamente a mesma — séculos depois — de um conto

do inglês Jerome K. Jerome, "O dançarino" (incluído em Os melhores contos de medo, horror e morte) e do romance do americano Horace

McCoy, que se transformou num filme famoso de Sydney Pollack: A noite

dos desesperados (They shoot horses, don't they?), É a dança da ficção ao longo dos séculos e das artes. Ao leitor o próximo passo.

Lenda dos bailarins

NO ANO DA SALVAÇÃO HUMANA, 1012, imperando Henrique II, sucedeu em

Saxônia que um sacerdote por nome Ruperto, presbítero da Igreja de s.

Magno Mártir, havendo começado a celebrar a primeira missa da noite de

Natal, não podia prosseguir, por se achar distraído com os estrondos de um

baile, que ali perto se fazia. E era que um homem plebeu, por nome Otério,

com outros 15 companheiros, e três mulheres, dançando e cantando todos

juntos no cemitério, faziam notável ruído. Mandou-lhes pois o sacerdote dizer

pelo sacristão que se quisessem aquietar; porque não era aquele o modo

agradável a Deus de festejar noite tão santa. E zombando eles do recado com

risadas, e dichotes, como gente de pouco entendimento, e menos temor de

Deus, o sacerdote acendendo-se em zelo da honra divina, e do decoro que a

seu ministro sacerdotal se devia, disse:

— Praza a Deus que um ano inteiro bailem, sem parar.

Caso estupendo, ainda somente ouvido, quanto mais visto! A boca do

sacerdote o disse, e a mão do Onipotente assim o executou. Amanheceu e

anoiteceu o seguinte dia, e eles a bailar. Entrou a roda de novo ano, e eles

sem saírem da mesma roda da sua dança: *In circuitu impii ambulant*¹, Passou um mês, e outro mês: acudia a gente atônita com tão raro

espetáculo: dançando os achava, e dançando os deixava. Perguntavam-lhes

uns uma coisa, e outros outra: a nada respondiam, nem atendiam: o

1 *In circuitu impii ambulat* (latim): "Os ímpios andam a roda."

seu destino, a sua tarefa, que continuavam com incessante diligência, era sô andar à roda, uns atrás dos outros, seguindo aos que os guiavam, e todos

instigados do aguilhão daquela praga do sacerdote: Deus meus *pone illos ut rotam***2**. Não comiam, não bebiam, não mostravam cansaço, não se lhes gastou o calçado, nem se lhes rompeu o vestido, nem caiu sobre eles chuva.

Da contínua pista, ou calcadura, sumiram-se pela terra até mais acima dos

joelhos: a si mesmos parece que intentavam sepultar-se vivos, ou abrir

caminho, por onde descessem a dançar ao inferno. Quis certo mancebo tirar

da roda a uma das três mulheres, que era sua irmã. E pegando-lhe do braço

com violência, este lhe veio na mão desmembrado do corpo, como se de

uma pedra de linho separasse fora alguma estriga; ou metendo a mão na

massa lêvada**3**, trouxesse algum pouco no punho. E ela, como se o braço

fosse alheio, nada disse, nem gemeu, e foi prosseguindo a dança do seu

fado, sem da ferida manar sangue. Finalmente ao cumprir-se o ano, pelo

Natal de 1013, veio àquele lugar s. Heriberto, arcebispo de Colônia, e os

absolveu da maldição, e introduzidos na Igreja, os reconciliou com Deus. As

três mulheres, como sexo mais fraco, expiraram logo. Pouco também

duraram alguns dos homens: dos quais se diz que, depois de mortos, obrou

Deus por eles alguns milagres, como significando o perdão de seus pecados,

que por meio de tão custosa penitência tinham alcançado. Os mais que

sobreviveram, sempre com o tremor de membros e espanto dos olhos,

mostravam bem o terrível caso, que por eles havia passado. E cada um deles

era uma estátua do escarmento, erigida para protestaço da reverência que se

deve aos Mistérios, aos Ministros e aos lugares Sagrados,

2 *Deus meus pone illos ut rotam* (latim): "Deus meu, faze-os rodar."
"

3 Lêvada: feminino de *lêvado*, variante antiga de *lêvedo*, "que fermentou, fermentado",

Machado de Assis

Sem em nada lembrar o fantástico exasperado e romântico de Hoffmann

(que, como vimos, contaminou quase que todo o século XIX), as tentativas

primeiras de Machado fantástico estão mais para Theophile Gautier e

Poe. No entanto, as excursões mais maduras no gênero do nosso Machado

de Assis (1839-1908) são de um contorno mais alegórico, exemplificado

aqui por "As academias de Sião". São muitas as aproximações de Machado com o gênero: já houve até quem (R. Magalhães Jr.) publicasse uma

antologia de contos fantásticos de sua autoria,

As academias de Sião

CONHECEM AS ACADEMIAS DE SIÃO? Bem sei que em Sião nunca houve

academias: mas suponhamos que sim, e que eram quatro, e escutem-me,

I

As estrelas, quando viam subir, através da noite, muitos vaga-lumes cor de

leite, costumavam dizer que eram os suspiros do rei de Sião, que se divertia

com as suas trezentas concubinas. E, piscando o olho umas às outras,

perguntavam:

— Reais suspiros, em que é que se ocupa esta noite o lindo Kalaphangko?

Ao que os vaga-lumes respondiam com gravidade:

— Nós somos os pensamentos sublimes das quatro academias de Sião;

trazemos conosco toda a sabedoria do universo,

Uma noite, foram em tal quantidade os vaga-lumes, que as estrelas, de

medrosas, refugiaram-se nas alcovas, e eles tomaram conta de uma parte do

espaço, onde se fixaram para sempre com o nome de Via-Láctea,

Deu lugar a essa enorme ascensão de pensamentos o fato de quererem as

quatro academias de Sião resolver este singular problema: — por que é que há

homens femininos e mulheres másculas? E o que as induziu a isso foi a índole

do jovem rei, Kalaphangko era virtualmente uma dama. Tudo nele respirava a

mais esquisita feminilidade: tinha os olhos doces, a voz argentina, atitudes

moles e obedientes e um cordial horror às armas. Os guerreiros siameses

gemiam, mas a nação vivia alegre, tudo

eram danças, comédias e cantigas, à maneira do rei que não cuidava de outra coisa. Daí a ilusão das estrelas,

Vai senão quando, uma das academias achou esta solução ao problema:

— Umas almas são masculinas, outras femininas. A anomalia que se

observa é uma questão de corpos errados,

— Nego, bradaram as outras três; a alma é neutra; nada tem com o contraste exterior.

Não foi preciso mais para que as velas e águas de Bangkok se tingissem de

sangue acadêmico. Veio primeiramente a controvérsia, depois a

descompostura, e finalmente a pancada. No princípio da descompostura tudo

andou menos mal; nenhuma das rivais arremessou um impropério que não

fosse escrupulosamente derivado do sânscrito, que era a língua acadêmica, o

latim de Sião. Mas dali em diante perderam a vergonha. A rivalidade

desgrenhou-se, pôs as mãos na cintura, baixou à lama, à pedrada, ao murro, ao

gesto vil, até que a academia sexual, exasperada, resolveu dar cabo das outras, e organizou um plano sinistro... Ventos que passais, se quisésseis levar

convosco estas folhas de papel, para que eu não contasse a tragédia de Sião!

Custa-me (ai de mim!), custa-me escrever a singular desforra. Os acadêmicos

armaram-se em segredo, e foram ter com os outros, justamente quando estes,

curvados sobre o famoso problema, faziam subir ao céu uma nuvem de vaga-

lumes. Nem preâmbulo, nem piedade. Caíram-lhes em cima, espumando de

raiva. Os que puderam fugir, não fugiram por muitas horas; perseguidos e ata-

cados, morreram na beira do rio, a bordo das lanchas, ou nas vielas escusas.

Ao todo, 38 cadáveres. Cortaram uma orelha aos principais, e fizeram delas

colar e braceletes para o presidente vencedor, o sublime U-Tong, Ébrios da

vitória, celebraram o feito com um grande festim, no qual cantaram este hino

magnífico: "Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a luminária do

universo".

A cidade acordou estupefata. O terror apoderou-se da multidão. Ninguém

podia absolver uma ação tão crua e feia; alguns chegavam mesmo a duvidar

do que viam... Uma só pessoa aprovou tudo: foi a bela Kinnara, a flor das

concubinas régias.

II

Molemente deitado aos pés da bela Kinnara, o jovem rei pedia-lhe uma

cantiga.

— Não dou outra cantiga que não seja esta: creio na alma sexual.

— Crês no absurdo, Kinnara.

— Vossa Majestade crê então na alma neutra?

— Outro absurdo, Kinnara. Não, não creio na alma neutra, nem na alma

sexual.

— Mas então em que é que Vossa Majestade crê, se não crê em nenhuma

delas?

— Creio nos teus olhos, Kinnara, que são o sol e a luz do universo.

— Mas cumpre-lhe escolher: ou crer na alma neutra, e punir a academia

viva, ou crer na alma sexual, e absolvê-la.

— Que deliciosa que é a tua boca, minha doce Kinnara! Creio na tua boca: é a fonte da sabedoria.

Kinnara levantou-se agitada. Assim como o rei era o homem feminino, ela

era a mulher máscula — um búfalo com penas de cisne. Era o búfalo que

andava agora no aposento, mas daí a pouco foi o cisne que parou, e,

inclinando o pescoço, pediu e obteve do rei, entre duas carícias, um decreto

em que a doutrina da alma sexual foi declarada legítima e ortodoxa, e a outra

absurda e perversa. Nesse mesmo dia, foi o decreto mandado à academia

triunfante, aos pagodes, aos mandarins, a todo o reino. A academia pôs

luminárias; restabeleceu-se a paz pública,

III

Entretanto, a bela Kinnara tinha um plano engenhoso e secreto, Uma noite,

como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os

impostos eram pagos com pontualidade.

— *Ohimè!* — exclamou ele, repetindo essa palavra que lhe ficara de um

missionário italiano, — Poucos impostos têm sido pagos. Eu não quisera

mandar cortar a cabeça aos contribuintes... Não, isso nunca... Sangue? sangue?

Não, não quero sangue...

— E se eu lhe der um remédio a tudo?

— Qual?

— Vossa Majestade decretou que as almas eram femininas e masculinas

— disse Kinnara depois de um beijo, — Suponha que os nossos corpos estão

trocados, Basta restituir cada alma ao corpo que lhe pertence. Troquemos os

noossos...

Kalaphangko riu muito da idéia, e perguntou-lhe como é que fariam a

troca. Ela respondeu que pelo método Mukunda, rei dos hindus, que se

meteu no cadáver de um brâmane, enquanto um truão se metia no dele Mukunda — velha lenda passada aos turcos, persas e cristãos. Sim, mas a

fórmula da invocação? Kinnara declarou que a possuía; um velho bonzo

achara cópia dela nas ruínas de um templo.

—

Valeu?

— Não creio no meu próprio decreto, redargüiu ele rindo; mas vá lá, se

for verdade, troquemos... mas por um semestre, não mais. No fim do semestre

destrocaremos os corpos,

Ajustaram que seria nessa mesma noite. Quando toda a cidade dormia, eles

mandaram vir a piroga real, meteram-se dentro e deixaram-se ir à toa.

Nenhum dos remadores os via. Quando a aurora começou a aparecer,

fustigando as vacas rútilas, Kinnara proferiu a misteriosa invocação;
a alma

desprendeu-se-lhe, e ficou pairando, à espera que o corpo do rei
vagasse

também. O dela caíra no tapete.

—

Pronto? — disse Kalaphangko.

—

Pronto, aqui estou no ar esperando. Desculpe Vossa Majestade a
indignidade da minha pessoa...

Mas a alma do rei não ouviu o resto. Lépidamente e cintilante, deixou o
seu vaso

físico e penetrou no corpo de Kinnara, enquanto a desta se
apoderava do

despojo real. Ambos os corpos ergueram-se e olharam um para o
outro,

imagine-se com que assombro. Era a situação do Buoso e da cobra,
segundo

conta o velho Dante; mas vede aqui a minha audácia. O poeta
manda calar

Ovídio e Lucano, por achar que a sua metamorfose vale mais que a
deles do

us. Eu mando-os calar a todos três, Buoso e a cobra não se
encontram mais, ao

passo que os meus dous heróis, uma vez trocados continuam a falar e a viver

juntos — coisa evidentemente mais dantesca, em que me pese à modéstia,

— Realmente — disse Kalaphangko —, isto de olhar para mim mesmo e

dar-me majestade é esquisito. Vossa Majestade não sente a mesma coisa?

Um e outro estavam bem, como pessoas que acham finalmente uma casa

adequada. Kalaphangko espreguiçava-se todo nas curvas femininas de

Kinnara. Esta inteiriçava-se no tronco rijo de Kalaphangko. Sião tinha,

finalmente, um rei.

IV

A primeira ação de Kalaphangko (daqui em diante entenda-se que é o

corpo do rei com a alma de Kinnara, e Kinnara o corpo da bela siamesa

com a alma do Kalaphangko) foi nada menos que dar as maiores honrarias à academia sexual. Não elevou os seus membros ao mandarinato, pois eram

mais homens de pensamento que de ação e administração, dados à filosofia e à

literatura, mas decretou que todos se prosternassem diante deles, como é de

uso aos mandarins. Além disso, fez-lhes grandes presentes, cousas raras ou de

valia, crocodilos empalhados, cadeiras de marfim, aparelhos de esmeralda

para almoço, diamantes, relíquias. A academia, grata a tantos benefícios, pediu mais o direito de usar oficialmente o título de Claridade do Mundo, que lhe foi outorgado.

Feito isso, cuidou Kalaphangko da fazenda pública, da justiça, do culto e do

cerimonial. A nação começou a sentir o peso grosso, para falar como o excelso

Camões, pois nada menos de 11 contribuintes remissos foram logo

decapitados. Naturalmente os outros, preferindo a cabeça ao dinheiro,

correram a pagar as taxas, e tudo se regularizou. A justiça e a legislação

tiveram grandes melhoras. Construíram-se novos pagodes e a religião pareceu

até ganhar outro impulso, desde que Kalaphangko, copiando as antigas artes

espanholas, mandou queimar uma dúzia de pobres missionários cristãos que

por lá andavam; ação que os bonzos da terra chamaram a pérola do reinado,

Faltava uma guerra, Kalaphangko, com um pretexto mais ou menos diplomático, atacou a outro reino, e fez a campanha mais breve e gloriosa do

século. Na volta a Bangkok, achou grandes festas esplêndidas. Trezentos

barcos, forrados de seda escarlate e azul, foram recebê-lo. Cada um destes

tinha na proa um cisne ou um dragão de ouro, e era tripulado pela mais fina

gente da cidade; músicas e aclamações atroaram os ares. De noite, acabadas as

festas, sussurrou-lhe ao ouvido a bela concubina:

—

Meu jovem guerreiro, paga-me as saudades que curti na ausência:.

dize-me que a melhor das festas é a tua meiga Kinnara.

Kalaphangko respondeu com um beijo.

— Os teus beijos têm o frio da morte ou do desdém — suspirou ela.

Era verdade, o rei estava distraído e preocupado: meditava uma tragédia. Ia-

se aproximando o termo do prazo em que deviam destrocicar os corpos, e ele

cuidava em iludir a cláusula, matando a linda siamesa. Hesitava por não saber

se padeceria com a morte dela visto que o corpo era seu, ou mesmo se teria de

sucumbir também. Era esta a dúvida de Kalaphangko; mas a idéia da morte

sombreada-lhe a fronte, enquanto ele afagava ao peito um frasquinho com

veneno, imitado dos Bórgias.

De repente, pensou na douta academia; podia consultá-la, não claramente, mas por hipótese. Mandou chamar os acadêmicos; vieram todos menos o

presidente, o ilustre U-Tong, que estava enfermo. Eram 13; prosternaram-se e

disseram ao modo de Sião:

—

Nós, desprezíveis palhas, corremos ao chamado de Kalaphangko,

—

Erguei-vos — disse benevolmente o rei,

— O lugar da poeira é o chão, teimaram eles com os cotovelos e joelhos

em terra,

— Pois serei o vento que subleva a poeira — redargüiu Kalaphangko; e,

com um gesto cheio de graça e tolerância, estendeu-lhes as mãos.

Em seguida. começou a falar de cousas diversas. para que o principal

assunto viesse de si mesmo; falou nas últimas notícias do ocidente e nas leis

de Manu. Referindo-se a U-Tong, perguntou-lhes se realmente era um grande

sábio, como parecia; mas, vendo que mastigavam a resposta, ordenou-lhes que

dissessem a verdade inteira. Com exemplar unanimidade, confessaram eles

que U-Tong era um dos mais singulares estúpidos do reino, espírito raso, sem

valor, nada sabendo e incapaz de aprender nada, Kalaphangko estava

pasmado, Um estúpido?

—

Custa-nos dizê-lo, mas não é outra cousa; é um espírito raso e chocho.

O coração é excelente, caráter puro, elevado...

Kalaphangko, quando voltou a si do espanto, mandou embora os aca-

dêmicos, sem lhes perguntar o que queria, Um estúpido? Era mister tirá-lo da

cadeira sem molestá-lo. Três dias depois, U-Tong compareceu ao chamado do

rei. Este perguntou-lhe carinhosamente pela saúde, depois disse que queria

mandar alguém ao Japão estudar uns documentos, negócio que só podia ser

confiado a pessoa esclarecida. Qual dos seus colegas da academia lhe parecia

idôneo para tal mister? Compreende-se o plano artificioso do rei: era ouvir

dous ou três nomes, e concluir que a todos preferia o do próprio U-Tong; mas

eis o que este lhe respondeu:

—

Real Senhor, perdoai a familiaridade da palavra: são 13 camelos, com

a diferença que os camelos são modestos, e eles não; comparam-se ao Sol e à

Lua. Mas, na verdade, nunca a Lua nem o Sol cobriram mais singulares pulhas

do que esses 13... Compreendo o assombro de Vossa Majestade; mas eu não

seria digno de mim se não dissesse isto com lealdade, embora

confidencialmente...

Kalaphangko tinha a boca aberta. Treze camelos? Treze, 13, U-Tong

ressalvou tão-somente o coração de todos, que declarou excelente; nada

superior a eles pelo lado do caráter, Kalaphangko, com um fino gesto de complacência, despediu o sublime U-Tong, e ficou pensativo. Quais fossem as

suas reflexões, não o soube ninguém. Sabe-se que ele mandou chamar Os

outros acadêmicos, mas desta vez separadamente, a fim de não dar na vista, e

para obter maior expansão. O primeiro que chegou, ignorando aliás a opinião

de U-Tong, confirmou-a integralmente com a única emenda de serem 12 os

camelos, ou 13, contando o próprio U-Tong. O segundo não teve opinião

diferente, nem o terceiro, nem os restantes acadêmicos. Diferiam no estilo; uns diziam camelos, outros usavam circunlóquios e metáforas, que vinham a dar

na mesma cousa. E, entretanto, nenhuma injúria ao caráter moral das pessoas,

Kalaphangko estava atônito.

Mas não foi esse o último espanto do rei. Não podendo consultar a

academia, tratou de deliberar por si, no que gastou dous dias, até que a linda Kinnara lhe segredou que era mãe. Esta notícia fê-lo recuar do crime. Como

destruir o vaso eleito da flor que tinha de vir com a primavera próxima? Jurou ao céu e à terra que o filho havia de nascer e viver. Chegou ao fim do

semestre; chegou o momento de destrococar os corpos.

Como da primeira vez, meteram-se no barco real, à noite, e deixaram-se ir

águas abaixo, ambos de má vontade, saudosos do corpo que iam restituir um

ao outro. Quando as vacas cintilantes da madrugada começaram a pisar

vagarosamente o céu, proferiram eles a fórmula misteriosa, e cada alma foi

devolvida ao corpo anterior. Kinnara, tornando ao seu, teve a comoção

materna, como tivera a paterna, quando ocupava o corpo de Kalaphangko.

Parecia-lhe até que era ao mesmo tempo mãe e pai da criança.

— Pai e mãe? — repetiu o príncipe restituído à forma anterior.

Foram interrompidos por uma deleitosa música, ao longe. Era algum junco

ou piroga que subia o rio, pois a música aproximava-se rapidamente. Já então

o sol alagava de luz as águas e as margens verdes, dando ao quadro um tom de

vida e renascença, que de algum modo fazia esquecer aos dous amantes a

restituição psíquica. E a música vinha chegando, agora mais distinta, até que

numa curva do rio. apareceu aos olhos de ambos um barco magnífico,

adornado de plumas e flâmulas. Vinham dentro os 14 membros da academia

(contando U-Tong) e todos em coro mandavam aos ares o velho hino: "Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a claridade do mundo!"

A bela Kinnara (antigo Kalaphangko) tinha os olhos esbugalhados de assombro. Não podia entender como é que 14 varões reunidos em academia

eram a claridade do mundo, e separadamente uma multidão de camelos,

Kalaphangko, consultado por ela, não achou explicação. Se alguém descobrir

alguma, pode obsequiar uma das mais graciosas damas do Oriente, mandando-

lha em carta fechada, e, para maior segurança, sobrescritada ao nosso cônsul

em Xangai. China.

Aluísio Azevedo

É quase um clichê didático: Aluísio Azevedo (1857-1913), autor de O

cortiço . Casa de pensão e O mulato , entre outros, é o grande nome do nosso Naturalismo. Mas isso seria mais a exceção do que a regra,

segundo Wilson Martins, pensando nos seus folhetins melodramáticos que

não foram poucos. Aluísio passeou também pelo conto de humor/de costumes, como o ótimo "O seringueiro" e aqui, nesta que talvez seja uma das melhores criações fantásticas da nossa literatura, deixa correr seu

imaginário entre o pesadelo e um andamento visionário de fantástico

herdado dos românticos. Tudo com uma medida acurada, nada "solta", fazendo com que o ritmo narrativo se acelere e "segure" o leitor: Sem sustos. Ou melhor; com muito susto: "Por todas aquelas camas, que eu

percorria como um louco, só tateava corpos enregelados e hirtos."

Demônios

O MEU QUARTO DE RAPAZ SOLTEIRO era bem no alto; um mirante isolado, por

cima do terceiro andar de uma grande e sombria casa de pensão da rua do

Riachuelo, com uma larga varanda de duas portas, aberta contra o nascente, e

meia dúzia de janelas desafrentadas, que davam para os outros pontos,

dominando os telhados da vizinhança.

Um pobre quarto, mas uma vista esplêndida! Da varanda, em que eu tinha

as minhas queridas violetas, as minhas begônias e os meus tinhorões, únicos

companheiros animados daquele meu isolamento e daquela minha triste vida

de escritor, descortinava-se amplamente, nas encantadoras nuances da

perspectiva, uma grande parte da cidade, que se estendia por ali a fora, com a sua pitoresca acumulação de arvores e telhados, palmeiras e chaminés, torres

de igreja e perfis de montanhas tortuosas, donde o sol, através da atmosfera,

tirava, nos seus sonhos dourados, os mais belos efeitos de luz. Os morros,

mais perto, mais longe, erguiam-se alegres e verdejantes, ponteados de

casinhas brancas, e lá se iam desdobrando, a fazer-se cada vez mais azuis e

vaporosos, até que se perdiam de todo, muito além, nos segredos do horizonte,

confundidos com as nuvens, numa só coloração de tintas ideais e castas.

Meu prazer era trabalhar aí, de manhã bem cedo, depois do café,
olhando

tudo aquilo pelas janelas abertas defronte da minha velha e singela
mesa de carvalho, bebendo pelos olhos a alma dessa natureza
inocente e namorada,

que me sorria, sem fatigar-me jamais o espírito, com a sua graça
ingênua e

com a sua virgindade sensual.

E ninguém me viesse falar em quadros e estatuetas; não! queria as
paredes nuas, totalmente nuas, e os móveis sem adornos, porque a
arte me parecia

mesquinha e banal em confronto com aquela fascinadora realidade,
tão

simples, tão despretensiosa, mas tão rica e tão completa,

O único desenho que eu conservava à vista, pendurado à cabeceira
da

cama, era um retrato de Laura, minha noiva prometida, e esse feito
por mim mesmo, a pastel, representando-a com a roupa de andar
em casa, o pescoço nu

e o cabelo preso ao alto da cabeça por um laço de fita cor-de-rosa.

* * *

Quase nunca trabalhava à noite; às vezes, porém, quando me
sucedia

acordar fora de horas, sem vontade de continuar a dormir, ia para a
mesa e

esperava lendo ou escrevendo que amanhecesse.

Uma ocasião acordei assim, mas sem consciência de nada, como se viesse

de um desses longos sonos de doente a decidir; desses profundos e silenciosos, em que não há sonhos, e dos quais, ou se desperta vitorioso para entrar em

ampla convalescença, ou se sai apenas um instante para mergulhar logo nesse

outro sono, ainda mais profundo, donde nunca mais se volta.

Olhei em torno de mim, admirado do longo espaço que me separava da

vida e, logo que me senti mais senhor das minhas faculdades, estranhei não

perceber o dia através das cortinas do quarto, e não ouvir, como de costume,

pipilarem as cambachieras defronte das janelas por cima dos telhados.

"É que naturalmente ainda não amanheceu. Também não deve tardar

muito...", calculei, saltando da cama e enfiando o roupão de banho, disposto a esperar sua alteza o Sol, assentado à varanda a fumar um cigarro,

Entretanto, coisa singular! parecia-me ter dormido em demasia; ter

dormido muito mais da minha conta habitual. Sentia-me estranhamente farto

de sono; tinha a impressão lassa de quem passou da sua hora de acordar e foi

entrando, a dormir, pelo dia e pela tarde, como só nos acontece depois de uma

grande extenuação nervosa ou tendo anteriormente perdido muitas noites

seguidas.

Ora, comigo não havia razão para semelhante coisa, porque, justamente

naqueles últimos tempos, desde que estava noivo, recolhia-me sempre cedo, e

cedo, me deitava. Ainda na véspera, lembro-me bem,

depois do jantar saíra apenas a dar um pequeno passeio, fizera à família de Laura a minha visita de todos os dias, e às dez horas já estava de volta,

estendido na cama, com um livro aberto sobre o peito, a bocejar. Não

passariam de onze e meia quando peguei no sono.

"Sim! Não havia dúvida que era bem singular não ter amanhecido!..."

pensei, indo abrir uma das janelas da varanda.

Qual não foi, porém, a minha decepção quando, interrogando o nascente,

dei com ele ainda completamente fechado e negro, e, baixando o olhar, vi a

cidade afogada em trevas e sucumbida no mais profundo silêncio!

Oh! Era singular, muito singular!

No céu as estrelas pareciam amortecidas, de um bruxulear difuso e pálido;

nas ruas os lampiões mal se acusavam por longas reticências de uma luz

deslavada e triste. Nenhum operário passava para o trabalho; não se ouvia o

cantarolar de um ébrio, o rodar de um carro, nem o ladrar de um cão.

Singular! Muito singular!

Acendi a vela e corri ao meu relógio de algibeira. Marcava meia-noite.

Levei-o ao ouvido, com avidez de quem consulta o coração de um moribundo;

já não pulsava: tinha esgotado toda a corda. Fi-lo começar a trabalhar de novo, mas as suas pulsações eram tão fracas, que só com extrema dificuldade

conseguia eu distingui-las.

"É singular! Muito singular!" — repetia, calculando que, se o relógio

esgotara toda a corda, era porque eu então havia dormido muito mais ainda do

que supunha! Eu então atravessara um dia inteiro sem acordar e entrara do

mesmo modo pela noite seguinte.

Mas, afinal, que horas seriam?...

Tornei à varanda, para consultar de novo aquela estranha noite, em que as

estrelas desmaiavam antes de chegar a aurora. E a noite nada me respondeu,

fechada no seu egoísmo surdo e tenebroso.

Que horas seriam?... Se eu ouvisse algum relógio da vizinhança!...

Ouvir?... Mas se em torno de mim tudo parecia entorpecido e morto?

E veio-me a dúvida de que eu tivesse perdido a faculdade de ouvir, durante

aquele maldito sono de tantas horas; fulminado por essa idéia, precipitei-me

sobre o tímpano da mesa e vibrei-o com toda a força.

O som fez-se, porém, abafado e lento, como se lutasse com grande resistência para vencer o peso do ar.

E só então notei que a luz da vela, à semelhança do som do tímpano, também não era intensa e clara como de ordinário e parecia oprimida por uma

atmosfera de catacumbas.

Que significaria isto?... que estranho cataclismo abalaria o mundo?...
Que

teria acontecido de tão transcendente durante aquela minha
ausência da vida,

para que eu, à volta, viesse encontrar o som e a luz, as duas
expressões mais

impressionadoras do mundo físico, assim trôpegas e assim
vacilantes, nem que

toda a natureza envelhecesse maravilhosamente enquanto eu tinha
os olhos

fechados e o cérebro em repouso?!...

— Ilusão minha, com certeza! Que louca és tu, minha pobre
fantasia!

Daqui a nada estará amanhecendo, e todos estes teus caprichos,
teus ou da

noite, essa outra doida, desaparecerão aos primeiros raios do sol. O
melhor é

trabalharmos! Sinto-me até bem disposto para escrever!
Trabalhemos, que

daqui a pouco tudo reviverá como nos outros dias! De novo os vales
e as

montanhas se farão esmeraldinas e alegres; e o céu transbordará
da sua

refulgente concha de turquesa a opulência das cores e das luzes; e
de novo

ondulará no espaço a música dos ventos; e as aves acordarão as
rosas dos

campos com os seus melodiosos duetos de amor! Trabalhemos!
Trabalhemos!

Acendi mais duas velas, porque só com a primeira quase que me
era

impossível enxergar; arranjei-me ao lavatório; fiz uma xícara de
café bem

forte, tomei-a, e fui para a mesa de trabalho.

Daí a um instante, vergado defronte do tinteiro, com o cigarro
fumegando

entre os dedos, não pensava absolutamente em mais nada, senão
no que o bico

da minha pena ia desfiando caprichoso do meu cérebro para lançar,
linha a

linha, sobre o papel.

Estava de veia, com efeito! As primeiras folhas encheram-se logo.
Minha

mão, a princípio lenta, começou, pouco a pouco, a fazer-se nervosa,
a não

querer parar, e afinal abriu a correr, a correr, cada vez mais
depressa;

disparando por fim às cegas, como um cavalo que se esquentava e se
inflama na

vertigem do galope. Depois, tal febre de concepção se apoderou de
mim, que

perdi a consciência de tudo e deixei-me arrebatado por ela,
arquejante e sem

fôlego, num vôo febril, num arranco violento, que me levava de
rastros pelo

ideal aos tropeções com as minhas doidas fantasias de poeta.

E páginas e páginas se sucederam. E as idéias, que nem um bando
de demônios, vinham-me em borbotão, devorando-as umas às
outras, num delírio

de chegar primeiro; e as frases e as imagens acudiam-me como
relâmpagos,

fuzilando, já prontas e armadas da cabeça aos pés. E eu, sem
tempo de molhar

a pena, nem tempo de desviar os olhos do campo da peleja, ia
arremessando

para trás de mim, uma após outra, as tiras escritas, suando,
arfando,

sucumbido nas garras daquele feroz inimigo que me aniquilava.

E lutei! E lutei! E lutei!

De repente, acordo desta vertigem, como se voltasse de um
pesadelo

estonteado, com o sobressalto de quem, por uma briga de
momento, se

esquece do grande perigo que o espera. Dei um salto da cadeira;
varri inquieto o olhar em derredor. Ao lado da minha mesa havia um
monte de folhas de

papel cobertas de tinta; as velas bruxuleavam a extinguir-se; o meu cinzeiro

estava pejado de pontas de cigarro.

Oh! Muitas horas deviam ter decorrido durante essa minha nova ausência,

na qual o sono agora não fora cúmplice. Parecia-me impossível haver

trabalhado tanto, sem dar o menor acordo do que se passava em torno de mim.

Corri à janela.

Meu Deus! O nascente continuava fechado e negro; a cidade deserta e

muda. As estrelas tinham empalidecido ainda mais, e as luzes dos lampiões

transpareciam apenas, através da espessura da noite, como sinistros olhos que

me piscavam da treva.

Meu Deus! Meu Deus, que teria acontecido?!...

Acendi novas velas, e notei que as suas chamas eram mais lívidas que o

fogo fátuo das sepulturas. Concheei a mão contra o ouvido e fiquei longo

tempo a esperar inutilmente que do profundo e gelado silêncio lá de fora me

viesses um sinal de vida.

Nada! Nada!

Fui à varanda; apalpei as minhas queridas plantas; estavam fanadas, e as

suas tristes folhas pendiam molemente para fora dos vasos, como embevecidos membros de um cadáver ainda quente. Debrucei-me sobre as

minhas estremecidas violetas e procurei respirar-lhes a alma embalsamada. Já

não tinham perfume!

Atônito e ansioso volvi os olhos para o espaço. As estrelas, já sem contornos, derramavam-se na tinta negra do céu, como indecisas nódoas

luminosas que fugiam lentamente.

Meu Deus! Meu Deus, que iria acontecer ainda?

Voltei ao quarto e consultei o relógio. Marcava dez horas.

Oh! Pois já dez horas se tinham passado depois que eu abrira os olhos?...

Por que então não amanhecera em todo esse tempo?... Teria eu enlou-

quecido?...

Já trêmulo, apanhei do chão as folhas de papel, uma por uma; eram muitas,

muitas! E por melhor esforço que fizesse, não conseguia lembrar-me do que

eu próprio nelas escrevera.

Apalpei as frentes; latejavam. Passei as mãos pelos olhos, depois consultei

o coração; batia forte.

E só então notei que estava com muita fome e estava com muita sede.

Tomei a bilha d'água e esgotei-a de uma assentada. Assanhou-se-me a fome.

Abri todas as janelas do quarto, em seguida a porta, e chamei pelo criado.

Mas a minha voz, apesar do esforço que fiz para gritar, saía frouxa e abafada, quase indistinguível.

Ninguém me respondeu, nem mesmo o eco.

Meu Deus! Meu Deus!

E um violento calafrio percorreu-me o corpo. Principiei a ter medo de tudo;

principiei a não querer saber o que se tinha passado em torno de mim durante

aquele maldito sono traiçoeiro; desejei não pensar, não sentir, não ter

consciência de nada. O meu cérebro, todavia, continuava a trabalhar com a

precisão do meu relógio, que ia desfiando os segundos inalteravelmente,

enchendo minutos e formando horas.

E o céu era cada vez mais negro, e as estrelas cada vez mais apagadas,

como derradeiros e tristes lampejos de uma pobre natureza que morre! Meu

Deus! Meu Deus! O que seria?

Enchi-me de coragem; tomei uma das velas e, com mil precauções para

impedir que ela se apagasse, desci o primeiro lance de escadas.

A casa tinha muitos cômodos e poucos desocupados. Eu conhecia quase

todos os hóspedes. No segundo andar morava um médico; resolvi bater de

preferência à porta dele.

Fui e bati; mas ninguém me respondeu.

Bati mais forte. Ainda nada.

Bati então desesperadamente, com as mãos e com os pés. A porta tremia,

abalava, mas nem o eco respondia.

Meti ombros contra ela e arrombei-a. O mesmo silêncio. Espichei o

pescoço, espiei lá para dentro. Nada consegui ver; a luz da minha vela

iluminava menos que a brasa de um cigarro.

Esperei um instante. Ainda nada.

Entrei.

* * *

O médico estava estendido na sua cama, embrulhado no lençol. Tinha

contraída a boca e os olhos meio abertos.

Chamei-o; segurei-lhe o braço com violência e recuei aterrado, porque lhe

senti o corpo rígido e frio. Aproximei, trêmulo, a minha vela contra o seu

rosto imóvel; ele não abriu os olhos; não fez o menor gesto. E na palidez das

faces notei-lhe as manchas esverdeadas da carne que vai entrar em decomposição.

E o meu terror cresceu. E apoderou-se de mim o medo do incompreensível;

o medo do que se não explica; o medo do que se não acredita. E saí do quarto

querendo pedir socorro, sem conseguir ter voz para gritar e apenas resbunando

uns vagidos guturais de agonizante.

E corri aos outros quartos, e já sem bater fui arrombando as portas que

encontrei fechadas. A luz da minha vela, cada vez mais lívida, parecia, como

eu, tiritar de medo.

Oh! Que terrível momento! Que terrível momento! Era como se em torno

de mim o Nada insondável e tenebroso escancarasse, para devorar-me, a sua

enorme boca viscosa e sôfrega. Por todas aquelas camas, que eu percorria

como um louco, só tateava corpos enregelados e hirtos.

Não encontrava ninguém com vida; ninguém!

Era a morte geral! A morte completa! Uma tragédia silenciosa e terrível

com um único espectador, que era eu. Em cada quarto havia um cadáver pelo

menos! Vi mãos apertando contra o seio sem vida os filhinhos mortos; vi

casais abraçados, dormindo aquele derradeiro sono, enleados ainda pelo

último delírio de seus amores; vi brancas figuras de mulher estateladas no

chão, descompostas na impudência da morte; estudantes cor de
cera

debruçados sobre a mesa de estudo, os braços dobrados sobre o
compêndio

aberto, defronte da lâmpada para sempre extinta. E tudo frio, e
tudo imóvel,

como se aquelas vidas fossem de improviso apagadas pelo mesmo
sopro; ou

como se a terra, sentindo de repente uma grande fome,
enlouquecesse para

devorar de uma só vez todos os seus filhos.

Percorri os outros andares da casa; sempre o mesmo abominável

espetáculo!

Não havia mais ninguém! não havia mais ninguém! Tinham todos
de-

sertado em massa!

E por quê? E para onde tinham fugido aquelas almas, num só vô,

arribadas como um bando de aves forasteiras?...

Estranha greve! Mas por que não me chamaram, a mim também,
antes de

partir?... Por que me abandonaram sozinho entre aquele pavoroso
despojo

nauseabundo?...

Que teria sido, meu Deus? que teria sido tudo aquilo?... Por que toda

aquela gente fugia em segredo, silenciosamente, sem a extrema despedida dos

moribundos, sem os gritos de agonia?... E eu, execrável exceção! Por que

continuava a existir, acotovelando os mortos e fechado com eles dentro da

mesma catacumba?...

Então, uma idéia fuzilou rápida no meu espírito, pondo-me no coração um

sobressalto horrível. Lembrei-me de Laura. Naquele momento estaria ela,

como os outros, também inanimada e gélida; ou, triste retardatária! Ficaria a

minha espera, impaciente por desferir o misterioso vôo?... Em todo o caso era

para lá, para junto dessa adorada e virginal criatura, que eu devia ir sem perda de tempo; junto dela, viva ou morta, é que eu devia esperar a minha vez de

mergulhar também no tenebroso pélagos!

Morta?! Mas por que morta?... Se eu vivia era bem possível que ela também vivesse ainda!...

E que me importava o resto, que me importavam os outros todos, contanto

que eu a tivesse viva e palpitante nos meus braços?!...

Meu Deus! E se nós ficássemos os dois sozinhos na Terra, sem mais ninguém, ninguém?... Se nos víssemos a sós, ela e eu, estreitados um contra o

outro, num eterno egoísmo paradisíaco, assistindo recomeçar a criação em

torno do nosso isolamento?... Assistindo, ao som dos nossos beijos de amor,

formar-se de novo o mundo, brotar de novo a vida, acordando toda a natureza,

estrela por estrela, asa por asa, pétala por pétala?...

Sim! Sim! Era preciso correr para junto dela!

* * *

Mas a fome torturava-me cada vez com mais fúria. Era impossível levar

mais tempo sem comer. Antes de socorrer o coração era preciso socorrer o

estômago.

A fome! O amor! Mas, como todos os outros morriam em volta de mim e eu pensava em amor e eu tinha fome!... A fome, que é a voz mais poderosa do

instinto da conservação pessoal, como o amor é a voz do instinto da

conservação da espécie! A fome e o amor, que são a garantia da vida; os dois

inalteráveis pólos do eixo em que, há milhões de séculos, gira misteriosamente o mundo orgânico!

E, no entanto, não podia deixar de comer antes de mais nada. Quantas

horas teriam decorrido depois da minha última refeição?... Não sabia; não

conseguia calcular sequer. O meu relógio, agora inútil, marcava estupidamente

doze horas. Doze horas de quê? Doze horas!... Que significaria esta palavra?...

Arremessei o relógio para longe de mim, despedaçando-o contra a parede.

O meu Deus! se continuasse para sempre aquela incompreensível noite,

como poderia eu saber os dias que se passavam?... Como poderia marcar as

semanas e os meses?... O tempo é o sol; se o sol nunca mais voltasse, o tempo

deixaria de existir!

E eu me senti perdido num grande Nada indefinido, vago, sem fundo e sem

contornos.

Meu Deus! Meu Deus! Quando terminaria aquele suplicio?

Desci ao andar térreo da casa, apressando-me agora para aproveitar a

mesquinha luz da vela que, pouco a pouco, me abandonava também.

Oh! só a idéia de que era aquela a derradeira luz que me restava!...

A idéia

da escuridão completa que seria depois, fazia-me gelar o sangue.

Trevas e

mortos, que horror!

Penetrei na sala de jantar. A porta tropecei no cadáver de um cão;

passsei

adiante. O criado jazia estendido junto à mesa, espumando pela

boca e pelas

ventas; não fiz caso. Do fundo dos quartos vinha já um bafo

enjoativo de

putrefação ainda recente.

Arrombei o armário, apoderei-me da comida que lá havia e devorei-

a,

como um animal, sem procurar talher. Depois bebi, sem copo, uma

garrafa de

vinho. E, logo que senti o estômago reconfortado e logo que o vinho

me

alegrou o corpo, foi-se-me enfraquecendo a idéia de morrer com os

outro e

foi-me nascendo a esperança de encontrar vivos lá fora, na rua. Mas

era que a

luz da vela minguava tanto que agora brilhava menos que um
pirilampo.

Tentei acender outras. Vão esforço! A luz ia deixar de existir,

E, antes que ela me fugisse para sempre, comecei a encher as
algibeiras

com o que sobrou da minha fome.

Era tempo! Era tempo porque a miserável chama, depois de
espreguiçar-se um instante, foi-se contraindo, a tremer,
bruxuleando, até sumir-se de todo,

como o extremo lampejo do olhar de um moribundo.

E fez-se então a mais completa, a mais cerrada escuridão que é
possível

conceber. Era a treva absoluta; treva de morte; treva de caos; treva
que só

compreende quem tiver os olhos arrancados e as órbitas entupidas
de terra.

Foi terrível o meu abalo, fiquei espavorido, como se ela me
apanhasse de

surpresa, Inchou-me por dentro o coração, sufocando-me a
garganta; gelou-se-

me a medula e secou-se-me a língua. Senti-me como entalado
ainda vivo no

fundo de um túmulo estreito; senti desabar sobre minha pobre
alma, com todo

o seu peso de maldição, aquela imensa noite negra e devoradora.

Imóvel, arquejei por algum tempo nesta agonia. Depois estendi os braços e,

arrastando os pés, procurei tirar-me dali às apalpadelas.

Atravessei o longo corredor, esbarrando em tudo, como um cego sem guia,

e conduzi-me lentamente até ao portão de entrada.

Saí.

Lá fora, na rua, o meu primeiro impulso foi olhar para o espaço; estava tão

negro e tão mudo como a terra. A luz dos lampiões apagara-se de todo e no

céu já não havia o mais tênue vestígio de uma estrela.

Treva! Treva! Treva e só treva!

Mas eu conhecia muito bem o caminho da casa de minha noiva, e havia de

lá chegar, custasse o que custasse!

Dispus-me a partir, tenteando o chão com os pés, sem despregar das

paredes as minhas duas mãos abertas na altura do rosto.

Passo a passo venci até a primeira esquina. Esbarrei com um cadáver

encostado às grades de um jardim; apalpei-o: era um polícia. Não me detive;

segui adiante, dobrando para a rua transversal.

Começava a sentir frio, Uma densa umidade saía da terra, tornando aquela

maldita noite ainda mais dolorosa. Mas não desanimei, prossegui

pacientemente, medindo o meu caminho, palmo a palmo, e procurando

reconhecer pelo tato o lugar em que me achava.

E seguia, seguia lentamente.

Já me não abalavam os cadáveres com que eu topava pelas calçadas. Todo

o meu sentido se me concentrava nas mãos; a minha única preocupação era me

não desorientar e perder na viagem.

E lá ia, lá ia, arrastando-me de porta em porta, de casa em casa, de rua em

rua, com a silenciosa resignação dos cegos desamparados.

De vez em quando, era preciso deter-me um instante, para respirar mais à vontade. Doíam-me os braços de os ter continuamente erguidos. Secava-se-me

a boca. Um enorme cansaço invadia-me o corpo inteiro. Há quanto tempo

durava já esta tortura? Não sei; apenas sentia claramente que, pelas paredes, o bolor principiava a formar altas camadas de uma vegetação aquosa, e que

meus pés se encharcavam cada vez mais no lodo que o solo ressumbrava.

Veio-me então o receio de que eu, daí a pouco, não pudesse reconhecer o

caminho e não lograsse por conseguinte chegar ao meu destino. Era preciso,

pois, não perder um segundo; não dar tempo ao bolor e à lama de esconderem

de todo o chão e as paredes.

E procurei, numa aflição, aligeirar o passo, a despeito da fadiga que me

acabrunhava. Mas, ah! era impossível conseguir mais do que arrastar-me

penosamente, como um verme ferido.

E o meu desespero crescia com a minha impotência e com o meu sobressalto.

Miséria! Agora já me custava até distinguir o que meus dedos tateavam,

porque o frio os tornara dormentes e sem tato. Mas arrastava-me, arquejante,

sequioso, coberto de suor, sem fôlego; mas arrastava-me.

Arrastava-me.

Afinal, uma alegria agitou-me o coração; minhas mãos acabavam de

reconhecer as grades do jardim de Laura. Reanimou-se-me a alma.
Mais

alguns passos somente, e estaria a sua porta!

Fiz um extremo esforço e rastejei até lá.

Enfim!

E deixei-me cair prostrado, naquele mesmo patamar, que eu,
dantes, tantas

vezes atravessara ligeiro e alegre, com o peito a estalar-me de
felicidade.

A casa estava aberta. Procurei o primeiro degrau da escada, e aí caí
de rojo,

sem forças ainda para galgá-la.

E resfoleguei, com a cabeça pendida, os braços abandonados ao
descanso,

as pernas entorpecidas pela umidade. E, todavia, ai de mim! As
minhas

esperanças feneciam ao frio sopro de morte que vinha lá de dentro.

Nem um rumor! Nem o mais leve murmúrio! Nem o mais ligeiro
sinal de

vida! Terrível desilusão aquele silêncio pressagiava!

As lágrimas começaram a correr-me pelo rosto, também silenciosas.

Descansei longo tempo! Depois ergui-me e pus-me a subir a
escada,

lentamente, lentamente.

Ah! Quantas recordações aquela escada me trazia!... Era aí, nos seus Últimos degraus, junto às grades de madeira polida, que eu, todos os dias, ao

despedir-me de Laura, trocava com esta o silencioso juramento de nosso olhar.

Foi aí que eu pela primeira vez lhe beijei a sua formosa e pequenina mão de

brasileira.

Estaquei, todo vergado lá para dentro, escutando.

Nada!

Entrei na sala de visitas, vagarosamente, abrindo caminho com os braços

abertos, como se nadasse na escuridão. Reconheci os primeiros objetos em

que tropecei; reconheci o velho piano em que ela costumava tocar as suas

peças favoritas; reconheci as estantes, peçadas de partituras, em que nossas

mãos muitas vezes se encontraram, procurando a mesma música; e depois,

avanzando alguns passos de sonâmbulo, dei com a poltrona, a mesma poltrona

em que ela, reclinada, de olhos baixos e chorosos, ouviu corando o meu

protesto de amor, quando, também pela primeira vez, me animei a confessar-

Iho.

Oh! como tudo isso agora me acabrunhava de saudade!...
Conhecemo-nos

havia coisa de cinco anos; Laura então era ainda quase uma criança
e eu ainda

não era bem um homem. Vimo-nos um domingo, pela manhã, ao
sairmos da

missa. Eu ia ao lado de minha mãe, que nesse tempo ainda existia
e...

Mas, para que reviver semelhantes recordações?... Acaso tinha eu o
direito

de pensar em amor?... Pensar em amor, quando em torno de mim o
mundo

inteiro se transformava em lodo?...

Esbarrei contra uma mesinha redonda, tateei-a, achei sobre ela,
entre outras

coisas uma bilha d'água; bebi sequiosamente. Em seguida procurei
achar a

porta, que comunicava com o interior da casa; mas vacilei. Tremiam-
me as

pernas e arquejava-me o peito.

Oh! Já não podia haver o menor vislumbre de esperança! Aquele
canto

sagrado e tranqüilo, aquela habitação da honestidade e do pudor, também

tinham sido varridos pelo implacável sopro!

Mas era preciso decidir-me a entrar. Quis chamar por alguém; não

consegui articular mais do que o murmúrio de um segredo indistinguível.

Fiz-me forte; avancei às apalpadelas. Encontrei uma porta; abri-a. Penetrei

numa saleta; não encontrei ninguém. Caminhei para diante; entrei na primeira

alcova, tateei o primeiro cadáver.

Pelas barbas reconheci logo o pai de Laura. Estava deitado no seu leito; tinha a boca úmida e viscosa.

Limpei as mãos à roupa e continuei a minha tenebrosa revista.

No quarto imediato a mãe de minha noiva jazia ajoelhada defronte do seu

oratório; ainda com as mãos postas, mas o rosto já pendido para a terra. Corrilhe os dedos pela cabeça; ela desabou para o lado, dura como uma estátua. A

queda não produziu ruído.

Continuei a andar,

O quarto que se seguia era o de Laura; sabia-o perfeitamente. O coração

agitou-se-me sobressaltado; mas fui caminhando sempre, com os braços

estendidos e a respiração convulsa.

Nunca houvera ousado penetrar naquela casta alcova de donzela, e um

respeito profundo imobilizou-me junto à porta, como se pesasse profanar com

a minha presença tão puro e religioso asilo do pudor. Era, porém,

indispensável que eu me convencesse de que Laura também me havia

abandonado como os outros; que me convencesse de que ela consentira que a

sua alma, que era só minha, partisse com as outras almas desertoras; que eu

disso me convencesse, para então cair ali mesmo a seus pés, fulminado,

amaldiçoando a Deus e a sua loucura!

E havia de ser assim! Havia de ser assim, porque antes, mil vezes antes,

morto com ela do que vivo sem a possuir!

Entrei no quarto. Apalpei as trevas. Não havia sequer o rumor da asa de

uma mosca. Adiantei-me.

Achei uma estreita cama, castamente velada por ligeiro cortinado de

cambraia. Afastei-o e, continuando a tatear, encontrei um corpo mimoso, e

franzino, todo fechado num roupão de flanela. Reconheci aqueles formosos

cabelos cetinosos: reconheci aquela carne delicada e virgem; aquela pequenina

mão, e também reconheci a aliança, que eu mesmo lhe colocara num dos

dedos.

Mas oh! Laura, a minha estremecida Laura. estava tão fria e tão inanimada

como os outros!

E um fluxo de soluços, abafados e sem eco, saiu-me do coração.

Ajoelhei-me junto à cama e, tal como fizera com as minhas violetas,

debrucei-me sobre aquele pudibundo rosto já sem vida, para respirar-lhe o

bálsamo da alma. Longo tempo meus lábios, que as lágrimas ensopavam,

àqueles frios lábios se colaram, no mais sentido, no mais terno e profundo

beijo que se deu sobre a terra.

— Laura! — balbuciei trememente, — O minha Laura! Pois será possível que tu, pobre e querida flor, casta companheira das minhas esperanças! será

possível que tu também me abandonastes... sem uma palavra ao menos...

indiferente e alheia como os outros?... Para onde tão longe e tão

precipitadamente partiste, doce amiga, que do nosso mísero amor nem a mais

ligeira lembrança me deixaste?...

E, cingindo-a nos meus braços, tomei-a contra o peito, a soluçar de dor e

de saudade.

— Não; não! — disse-lhe sem voz, — Não me separarei de ti, adorável

despojo! Não te deixarei aqui sozinha, minha Laura! Viva, eras tu que me

conduzias às mais altas regiões do ideal e do amor; viva, eras tu que davas

asas ao meu espírito, energia ao meu coração e garras ao meu talento! Eras tu, luz de minha alma, que me fazias ambicionar futuro, glória, imortalidade!

Morta, hás de arrastar-me contigo ao insondável pélago do Nada!
Sim!

Desceremos ao abismo, os dois, abraçados, eternamente unidos, e lá ficaremos

para sempre, como duas raízes mortas, entretecidas e petrificadas no fundo da

terra!

E, em vão tentando falar assim, chamei-a de todo contra meu corpo,
entre

soluços, osculando-lhe os cabelos.

Ó meu Deus! Estaria sonhando?... Dir-se-ia que a sua cabeça
levemente se

movera para melhor repousar sobre meu ombro!... Não seria ilusão
do meu

próprio amor despedaçado?...

— Laura! — tentei dizer, mas a voz não me passava da garganta. E
colei

de novo os meus lábios contra os lábios dela.

—

Laura! Laura!

Oh! Agora sentira perfeitamente. Sim! Sim! Não me enganava! Ela
vivia!

Ela vivia ainda, meu Deus!

E comecei a bater-lhe na palma das mãos, a soprar-lhe os olhos, a
agitar-

lhe o corpo entre meus braços, procurando chamá-la à vida.

E não haver uma luz! E eu não poder articular palavra! E não dispor
de

recurso algum para lhe poupar ao menos o sobressalto que a
esperava quando

recuperasse os sentidos! Que ansiedade! Que terrível tormento!

E, com ela recolhida ao colo, assim prostrada e muda, continuei a murmurar-lhe ao ouvido as palavras mais doces que toda a minha ternura

conseguia descobrir nos segredos do meu pobre amor.

Ela começou a reanimar-se; seu corpo foi a pouco e pouco procurando o calor perdido.

Seus lábios entreabriram-se já, respirando de leve.

— Laura! Laura!

Afinal senti as suas pestanas roçarem-me na face. Ela abria os olhos.

— Laura!

Não me respondeu de nenhum modo, nem tampouco se mostrou

sobressaltada com a minha presença. Parecia sonâmbula, indiferente à es-

curidão.

— Laura! Minha Laura!

Aproximei os lábios de seus lábios ainda frios, e senti um murmúrio suave

e medroso exprimir o meu nome.

Oh! Ninguém, ninguém pode calcular a comoção que se apossou de mim!

Todo aquele tenebroso inferno por um instante se alegrou e sorriu.

E, nesse transporte de todo o meu ser, não entrava, todavia, o menor

contingente dos sentidos. Nesse momento todo eu pertencia a um delicioso

estado místico, alheio completamente à vida animal. Era como se me

transportasse para outro mundo, reduzido a uma essência ideal e indissolúvel,

feita de amor e bem-aventurança. Compreendi então esse vôo etéreo de duas

almas aladas na mesma fé, deslizando juntas pelo espaço em busca do paraíso.

Senti a terra mesquinha para nós, tão grandes e tão alevantados no nosso

sentimento. Compreendi a divinal e suprema volúpia do noivado de dois

espíritos que se unem para sempre.

— Minha Laura! Minha Laura!

Ela passou-me os braços em volta do pescoço e trêmula uniu sua boca a

minha, para dizer que tinha sede.

Lembrei-me da bilha d'água. Ergui-me e fui, às apalpadelas, buscá-la onde

estava.

Depois de beber. Laura perguntou-me se a luz e o som nunca mais voltariam. Respondi vagamente, sem compreender como podia ser que ela se

não assustava naquelas trevas e não me repelia do seu leito de donzela.

Era bem estranho o nosso modo de conversar. Não falávamos, apenas

movíamos com os lábios. Havia um mistério de sugestão no comércio das

nossas idéias; tanto que, para nos entendermos melhor, precisávamos às vezes

unir as cabeças frente com frente.

E semelhante processo de dialogar em silêncio fatigava-nos, a ambos, em extremo. Eu sentia distintamente, com a testa colada à testa de Laura, o

esforço que ela fazia para compreender bem o meu pensamento.

E interrogamos um ao outro, ao mesmo tempo, o que seria então de nós,

perdidos e abandonados no meio daquele tenebroso campo de mortos? Como

poderíamos sobreviver a todos os nossos semelhantes?...

Emudecemos por longo espaço, de mãos dadas e com as frentes unidas.

Resolvemos morrer juntos.

Sim! Era tudo que nos restava! Mas, de que modo realizar esse intento?...

Que morte descobriríamos capaz de arrebatá-nos aos dois de uma só vez?...

Calamo-nos de novo, ajustando melhor as frentes, cada qual mais absorto

pela mesma preocupação.

Ela, por fim, lembrou o mar. Sairíamos juntos à procura dele, e abraçados

pereceríamos no fundo das águas. Ajoelhou-se e rezou, pedindo a Deus por

toda aquela humanidade que partira antes de nós; depois ergueu-se, passou-me

o braço na cintura e começamos juntos a tatear a escuridão, dispostos a

cumprir o nosso derradeiro voto.

* * *

Lá fora a umidade crescia, liquefazendo a crosta da terra. O chão tinha já uma sorvedora acumulação de lodo, em que o pé se atolava. As ruas estreitavam-se

entre duas florestas de bolor que nasciam de cada lado das paredes.

Laura e eu, presos um ao outro pela cintura, arriscamos os primeiros passos

e pusemo-nos a andar com extrema dificuldade, procurando a direção do mar,

tristes e mudos, como os dois enxotados do Paraíso.

Pouco a pouco foi-nos ganhando uma profunda indiferença por toda aquela

lama, em cujo ventre, nós, pobres vermes, penosamente nos movíamos. E

deixamos que os nossos espíritos, desarmados da faculdade de falar, se

procurassem e se entendessem por conta própria, num misterioso idílio em que

as nossas almas se estreitavam e se confundiam.

Agora, já não nos era preciso unir as frentes ou os lábios para trocar idéias

e pensamentos. Nossos cérebros travavam entre si um contínuo e silencioso

diálogo, que em parte nos adoçava as penas daquela triste viagem para a

Morte; enquanto os nossos corpos esquecidos iam maquinalmente prosseguindo, passo a passo, por entre o limo pegajoso e úmido.

Lembrei-me das provisões que trazia na algibeira; ofereci-lhas; Laura recusou-as, afirmando que não tinha fome.

Reparei então que eu também não sentia agora a menor vontade de comer

e, o que era mais singular, não sentia frio.

E continuamos a nossa peregrinação e o nosso diálogo. Ela, de vez em

quando, repousava a cabeça no meu ombro, e parávamos para descansar.

Mas o lodo crescia, e o bolor condensava-se de um lado e de outro lado,

mal nos deixando uma estreita vereda, por onde no entanto prosseguíamos

sempre, arrastando-nos abraçados.

Já não tateávamos o caminho, nem era preciso, porque não havia que

recear o menor choque. Por entre a densa vegetação do mofo, nasciam agora

da direita e da esquerda, almofadando a nossa passagem, enormes cogumelos

e fungões, penugentos e veludados, contra os quais escorregávamos como por

sobre arminhos podres.

Àquela absoluta ausência do sol e do calor, formavam-se e cresciam esses

monstros da treva, disformes seres úmidos e moles; tortulhos gigantescos,

cujas polpas esponjosas, como imensos tubérculos de tísico, nossos braços não

podiam abarcar. Era horrível senti-los crescer assim fantasticamente, inchando ao lado e defronte uns dos outros como se toda a atividade molecular e toda a

força agregativa e atômica que povoava a terra, os céus e as águas, viessem

concentrar-se neles, para neles resumir a vida inteira. Era horrível, para nós, que nada mais ouvíamos, senti-los inspirar e respirar, como animais sorvendo

gulosamente o oxigênio daquela infindável noite.

Ai! desgraçados de nós, minha querida Laura! De tudo que vivia à luz do

sol só eles persistiam; só eles e nós dois, tristes privilegiados naquela fria e tenebrosa desorganização do mundo!

Meu Deus! Era como se nesse nojento viveiro, borbulhante de lodo e da

treva, viera refugiar-se a grande alma do Mal, depois de repelida por todos os infernos.

Respiramos um momento, sem trocar uma idéia, depois, resignados,

continuamos a caminhar para diante, presos à cintura um do outro, como dois

miseros criminosos condenados a viver eternamente.

* * *

Era-nos já de todo impossível reconhecer o lugar por onde andávamos, nem

calcular o tempo que havia decorrido depois que estávamos juntos,
Às vezes

se nos afigurava que muitos e muitos anos nos separavam do

último sol; outras vezes nos parecia a ambos que aquelas trevas
tinham-se fechado em torno de nós apenas alguns momentos antes.

O que sentíamos bem claro era que os nossos pés cada vez mais se
entranhavam no lodo, e que toda aquela umidade grossa, da lama e
do ar

espesso, já não nos repugnava como a princípio e dava-nos agora,
ao

contrário, certa satisfação voluptuosa embeber-nos nela, como se
por todos os

nossos poros a sorvêssemos para nos alimentar.

Os sapatos foram-se-nos pouco a pouco desfazendo, até nos
abandonarem

descalços completamente; e as nossas vestimentas reduziram-se a
farrapos

imundos. Laura estremeceu de pudor com a idéia de que em breve
estaria

totalmente despida e descomposta; soltou os cabelos para se
abrigar com eles

e pediu-me que apressássemos a viagem, a ver se alcançávamos o
mar, antes

que as roupas a deixassem de todo. Depois calou-se por muito
tempo.

Comecei a notar que os pensamentos dela iam progressivamente rareando,

tal qual sucedia aliás comigo mesmo.

Minha memória embotava-se. Afinal, já não era só a palavra falada que nos

fugia; era também a palavra concebida. As luzes da nossa inteligência

desmaiavam lentamente, como no céu as trêmulas estrelas, que pouco a pouco

se apagaram para sempre. Já não víamos; já não falávamos; íamos também

deixar de pensar.

Meu Deus! Era a treva que nos invadia! Era a treva, bem o sentíamos! que

começava, gota a gota, a cair dentro de nós.

Só uma idéia, uma só, nos restava por fim: descobrir o mar, para pedir-lhe

o termo daquela horrível agonia. Laura passou-me os braços em volta do

pescoço, suplicando com o seu derradeiro pensamento que eu não a deixasse

viver por muito tempo ainda.

E avançamos com maior coragem, na esperança de morrer,

* * *

Mas, à proporção que o nosso espírito por tal estranho modo se neutralizava,

fortalecia-se-nos o corpo maravilhosamente, a refazer-se da seiva no meio

nutritivo e fertilizante daquela decomposição geral. Sentíamos perfeitamente o misterioso trabalho de revisceração que se travava dentro de nós; sentíamos o

sangue enriquecer de fluidos vitais e ativar-se nos nossos vasos, circulando

vertiginosamente a martelar por todo o

corpo. Nosso organismo transformava-se num laboratório, revolucionado por uma chusma de demônios.

E nossos músculos robusteceram-se por encanto, e os nossos membros

avultaram num contínuo desenvolvimento. E sentimos crescer os ossos, e

sentimos a medula pulular engrossando e aumentando dentro deles. E

sentimos as nossas mãos e os nossos pés tornarem-se fortes, como os de um

gigante; e as nossas pernas encorpam, mais consistentes e mais ágeis; e os

nossos braços se estenderem, maciços e poderosos.

E todo o nosso sistema muscular se desenvolveu de súbito, em prejuízo do

sistema nervoso que se amesquinhava progressivamente. Fizemo-nos

hercúleos, de uma pujança de animais ferozes, sentindo-nos capazes cada qual

de afrontar impávidos todos os elementos do globo e todas as lutas pela vida

física.

Depois de apalpar-me surpreso, tateei o pescoço, o tronco e os quadris de

Laura. Parecia-me ter debaixo das minhas mãos de gigante a estátua colossal

de uma deusa pagã. Seus peitos eram fecundos e opulentos; suas ilhargas

cheias e grossas como as de um animal bravo.

E assim refeitos pusemo-nos a andar familiarmente naquele lodo, como se

fôramos criados nele. Também já não podíamos ficar um instante no mesmo

lugar, inativos; uma irresistível necessidade de exercício arrastava-nos, a

despeito da nossa vontade, agora fraca e mal segura. E, quanto mais se nos

embrutecia o cérebro, tanto mais os nossos membros reclamavam atividade e

ação; sentíamos gosto em correr, correr muito, cabriolando por ali a fora, e

sentíamos ímpetos de lutar, de vencer, de dominar alguém com a nossa força.

Laura atirava-se contra mim, numa carícia selvagem e pletórica, apanhando-me a boca com os seus lábios fortes de mulher irracional e

estreitando-se comigo sensualmente, a morder-me os ombros e os braços.

E lá íamos inseparáveis naquela nossa nova maneira de existir, sem memória de outra vida, amando-nos com toda a força dos nossos impulsos;

para sempre esquecidos um no outro, como os dois últimos parasitas do

cadáver de um mundo.

Certa vez, de surpresa, nossos olhos tiveram a alegria de ver.

Uma enorme e difusa claridade fosforescente estendia-se defronte de nós, a

perder de vista. Era o mar.

Estava morto e quieto.

Um triste mar, sem ondas e sem soluços, chumbado à terra na sua profunda

imobilidade de orgulhoso monstro abatido.

Fazia dó vê-lo assim, concentrado e mudo, saudoso das estrelas,
viúvo do luar. Sua grande alma branca, de antigo lutador, parecia
debruçar-se ainda

sobre o resfriado cadáver daquelas águas silenciosas, chorando as
extintas

noites, claras e felizes, em que elas, como um bando de náiades
alegres,

vinham aos saltos, tontas de alegria, quebrar na praia as suas
risadas de prata.

Pobre mar! Pobre atleta! Nada mais lhe restava agora sobre o
plúmbeo

dorso fosforescente do que tristes esqueletos dos últimos navios, ali
fincados, espectrais e negros, como inúteis e partidas cruces de um
velho cemitério

abandonado.

Aproximamo-nos daquele pobre oceano morto. Tentei invadi-lo, mas
meus

pés não acharam que distinguir entre sua fosforescente gelatina e a
lama negra da terra. Tudo era igualmente lodo.

Laura conservava-se imóvel como que aterrada defronte do imenso
cadáver

luminoso. Agora, assim contra a embaciada lâmina das águas,
nossos perfis se

destacavam tão bem, como, ao longe, se destacavam as ruínas dos
navios. Já

não nos recordávamos da nossa intenção de afogar-nos juntos. Com um gesto

chamei-a para meu lado. Laura, sem dar um passo, encarou-me com espanto,

estranhando-me. Tornei a chamá-la; não veio. Fui ter então com ela; ao ver-

me porém aproximar, deu medrosa um ligeiro salto para trás e pôs-se a correr

pela extensão da praia, como se fugisse a um monstro desconhecido.

Precipitei-me também, para alcançá-la. Vendo-se perseguida, atirou-se ao

chão, a galopar, quadrupedando que nem um animal. Eu fiz o mesmo, e coisa

singular! notei que me sentia muito mais à vontade nessa posição de

quadrúpede do que na minha natural posição de homem.

Assim galopamos longo tempo à beira-mar; mas, percebendo que a minha

companheira me fugia assustada para o lado das trevas, tentei detê-la, soltei

um grito, soprando com toda a força o ar dos meus pulmões de gigante. Nada

mais consegui do que dar um ronco de besta; Laura, todavia, respondeu com

outro. Corri para ela, e os nossos berros ferozes perderam-se longamente por

aquele mundo vazio e morto.

Alcancei-a por fim; ela havia caído por terra, prostrada de fadiga. Deitei-

me ao seu lado, rosnando ofegante de cansaço. Na escuridão reconheceu-me

logo; tomou-me contra o seu corpo e afagou-me instintivamente.

Quando resolvemos continuar a nossa peregrinação, foi de quatro pés que nos pusemos a andar ao lado um do outro, naturalmente sem dar por isso.

Então meu corpo principiou a revestir-se de um pêlo espesso. Apalpei as

costas de Laura e observei que com ela acontecia a mesma coisa.

Assim era melhor, porque ficaríamos perfeitamente abrigados do frio, que

agora aumentava.

Depois, senti que os meus maxilares se dilatavam de modo estranho, e que

as minhas presas cresciam, tornando-se mais fortes, mais adequadas ao ataque,

e que, lentamente, se afastavam dos dentes queixais; e que meu crânio se

achatava; e que a parte inferior do meu rosto se alongava para a frente,

afilando como um focinho de cão; e que meu nariz deixava de ser aquilino e

perdia a linha vertical, para acompanhar o alongamento da mandíbula; e que

enfim as minhas ventas se patenteavam, arregaçadas para o ar, úmidas e frias.

Laura, ao meu lado, sofria iguais transformações.

E notamos que, à medida que se nos apagavam uns restos de inteligência e

o nosso tato se perdia, apurava-se-nos o olfato de um modo admirável,

tomando as proporções de um faro certo e sutil, que alcançava léguas.

E galopávamos contentes ao lado um do outro, grunhindo e sorvendo o ar,

satisfeitos de existir assim. Agora, o fartum da terra encharcada e das matérias em decomposição, longe de enjoar-nos, chamava-nos a vontade de comer. E

os bigodes, cujos fios se inteiriçavam como cerdas de porco, serviam-me para

sondar o caminho, porque as minhas mãos haviam afinal perdido de todo a

delicadeza do tato.

Já não me lembrava, por melhor esforço que empregasse, uma só palavra

do meu idioma, como se eu nunca tivera falado. Agora, para entender-me com

Laura era preciso uivar; e ela me respondia do mesmo modo.

Não conseguia também lembrar-me nitidamente de como fora o mundo

antes daquelas trevas e daquelas nossas metamorfoses, e até já não me

recordava bem de como tinha sido a minha própria fisionomia primitiva, nem

a de Laura. Entretanto, meu cérebro funcionava ainda, lá a seu modo, porque,

afinal, tinha eu consciência de que existia e preocupava-me em conservar

junto de mim a minha companheira, a quem agora sô com os dentes aflagava.

Quanto tempo se passou assim para nós, nesse estado de irracionais, é o

que não posso dizer; apenas sei que, sem saudades de outra vida,

trotando ao lado um do outro, percorríamos então o mundo, perfeitamente familiarizados com a treva e com a lama, esfocinhando no chão, à procura de

raízes, que devorávamos com prazer; e sei que, ao sentir-nos cansados, nos

estendíamos por terra, juntos e tranqüilos, perfeitamente felizes, porque não

pensávamos e porque não sofríamos.

* * *

De uma feita, porém, ao levantar-me do chão, senti os pés trôpegos, pesados, e como que propensos a se entranharem por ele. Apalpei-os e

encontrei as unhas moles e abaladas, a despregarem-se. Laura, junto de mim,

observou em si a mesma coisa. Começamos logo a tirá-las com os dentes, sem

experimentarmos a menor dor; depois passamos a fazer o mesmo com as das

mãos; as pontas dos nossos dedos, logo que se acharam despojadas das unhas,

transformaram-se numa espécie de ventosa de polvo, numas bocas de

sanguessuga que se dilatavam e contraíam incessantemente, sorvendo gulosas

o ar e a umidade. Começaram-nos os pés a radiar em longos e ávidos

tentáculos de pólipos; e os seus filamentos e as suas radículas minhocaram pelo lodo fresco do chão, procurando sôfregos internar-se bem na terra, para ir lá

dentro beber-lhes o húmus azotado e nutriente; enquanto os dedos das mãos

esgalhavam, um a um, ganhando pelo espaço e chupando o ar

voluptuosamente pelos seus respiradores, fuçando e fungando, irrequietos e

morosos, como trombas de elefantes.

Desesperado, ergui-me em toda a minha colossal estatura de gigante e

sacudi os braços, tentando dar um arranco, para soltar-me do solo. Foi inútil.

Nem só não consegui despregar meus pés enraizados no chão, como fiquei de

mãos atiradas para o alto, numa postura mística, como arrebatado num êxtase

religioso, imóvel. Laura, igualmente presa à terra, ergueu-se rente comigo,

peito a peito, entrelaçando nos meus braços esgalhados e procurando unir sua

boca a minha boca.

E assim nos quedamos para sempre, aí plantados e seguros, sem nunca

mais nos soltarmos um do outro, nem mais poderemos mover os nossos duros

membros contraídos. E, pouco a pouco, nossos cabelos e nossos pêlos se nos

foram desprendendo e caindo lentamente pelo corpo abaixo. E cada poro que

eles deixavam era um novo respiradouro que se abria para beber a
noite

tenebrosa. Então sentimos que o nosso sangue ia-se a mais e mais
se

arrefecendo e desfibrinando, até ficar de todo

transformado numa seiva linfática e fria. Nossa medula começou a
endurecer e revestir-se de camadas lenhosas, que substituíam os
ossos e os músculos; e

nós fomos surdamente nos lignificando, nos encascando, a fazer-nos
fibrosos

desde o tronco até às hastes e às estipulas.

E os nossos pés, num misterioso trabalho subterrâneo, continuavam
a

lançar pelas entranhas da terra as suas longas e insaciáveis raízes; e
os dedos das nossas mãos continuavam a multiplicar-se, a crescer, e
a esfolhar, como

galhos de uma árvore que reverdece. Nossos olhos desfizeram-se
em goma

espessa e escorreram-nos pela crosta da cara, secando depois como
resina; e

das suas órbitas vazias começaram a brotar muitos rebentões
viçosos. Os

dentes despregaram-se, um por um, caindo de *per si*, e as nossas
bocas murcharam-se inúteis, vindo, tanto delas, como de nossas
ventas já sem faro,

novas vergôntes e renovos que abriam novas folhas brácteas. E agora só por

estas e pelas extensas raízes de nossos pés é que nos alimentávamos para

viver.

E vivíamos.

Uma existência tranqüila, doce, profundamente feliz, em que não havia

desejos, nem saudades; uma vida imperturbável e surda, em que os nossos

braços iam por si mesmos se estendendo preguiçosamente para o céu, a

reproduzirem novos galhos, donde outros rebentavam, cada vez mais copados

e verdejantes. Ao passo que as nossas pernas, entrelaçadas num sô caule,

cresciam e engrossavam, cobertas de armaduras corticais, fazendo-se

imponentes e nodosas, como os estalados troncos desses velhos gigantes das

florestas primitivas.

* * *

Quietos e abraçados na nossa silenciosa felicidade, bebendo longamente

aquela inabalável noite, em cujo ventre dormiam mortas as estrelas,
que nós

dantes tantas vezes contemplávamos embevecidos e amorosos,
crescemos

juntos e juntos estendemos os nossos ramos e as nossas raízes, não
sei por

quanto tempo.

Não sei também se demos flor ou se demos frutos; tenho apenas

consciência de que depois, muito depois, uma nova imobilidade,
ainda mais

profunda, veio enrijar-nos de todo. E sei que as nossas fibras e os
nossos

tecidos endureceram a ponto de cortar a circulação dos fluidos que
nos

nutriam; e que o nosso polposo âmago e a nossa medula se foi
alcalinando, até

de todo se converter em grés siliciosa e calcária; e que afinal fomos

perdendo gradualmente a natureza de matéria orgânica para
assumirmos os caracteres do mineral.

Nossos gigantescos membros, agora completamente desprovidos da
sua

folhagem, contraíram-se hirtos, sufocando os nossos poros; e nós
dois, sempre

abraçados, nos inteiriçamos numa só mole informe, sonora e maciça,
onde as

nossas veias primitivas, já secas e tolhidas, formavam sulcos ferruginosos,

feitos como que do nosso velho sangue petrificado.

E, século a século, a sensibilidade foi-se-nos perdendo numa sombria

indiferença de rocha. E, século a século, fomos de grés, de xisto, ao supremo

estado de cristalização.

E vivemos, vivemos, e vivemos, até que a lama que nos cercava principiou

a dissolver-se numa substância líquida, que tendia a fazer-se gasosa e a

desagregar-se, perdendo o seu centro de equilíbrio; uma gaseificação geral,

como devia ter sido antes do primeiro matrimônio entre as duas primeiras

moléculas que se encontraram e se uniram e se fecundaram, para começar a

interminável cadeia da vida, desde o ar atmosférico até ao sílex, desde o

eozyon até ao bípede.

E oscilamos indolentemente naquele oceano fluido.

Mas, por fim, sentimos faltar-nos o apoio, e resvalamos no vácuo, e precipitamo-nos pelo éter.

E, abraçados a princípio, soltamo-nos depois e começamos a percorrer o

firmamento, girando em volta um do outro, como um casal de estrelas errantes

e amorosas, que vão espaço a fora em busca do ideal.

Ora aí, fica leitor paciente, nessa dúzia de capítulos desenxabidos, o que

eu, naquela maldita noite de insônia, escrevi no meu quarto de rapaz solteiro, esperando que Sua Alteza, o Sol, se dignasse de abrir a sua audiência matutina com os pássaros e com as flores.

Afonso Arinos

O que há por trás deste conto — extraído do livro-marco do nosso

regionalismo. P elo sertão — de Afonso Arinos (1868-1916) é a tradição popular e folclórica do Brasil Profundo, as antigas histórias de

assombração que corriam e ainda correm pelo interior do país. Uma

história de se arrepiar os cabelos, como se dizia. É só entrar no clima —

um clima caipira, porém fantástico.

Uma noite sinistra

MANUEL ALVES. AO CAIR DA NOITE, sentindo-se refeito pelo jantar,

endireitou-se para a tapera, caminhando vagarosamente. Antes de sair,

descarregou os dois canos da garrucha num cupim e carregou-a de novo,

metendo em cada cano uma bala de cobre e muitos bagos de chumbo grosso.

Sua franqueira, aparelhada de prata, levou-a também, enfiada no correão da

cintura. Não lhe esqueceu o rolo de cera, nem um maço de palhas. O arrieiro

partira calado. Não queria provocar a curiosidade dos tropeiros. Lá chegando,

penetrou no pátio pela porteira escancarada.

Era noite.

Tateando com o pé, reuniu um molho de gravetos secos e, servindo-se das

palhas e da binga, fez fogo. Ajuntou mais lenha, arrastando paus de cercas

velhas, apanhando pedaços de tábuas e peças em ruína, e com isso formou

uma grande fogueira. Assim alumiado o pátio, o arrieiro acendeu o rolo e

começou a percorrer as estrebarias meio apodrecidas, os paióis, as senzalas

em linha, uma velha oficina de ferreiro com o fole esburacado e a bigorna

ainda em pé,

— Quero ver se tem alguma coisa escondida por aqui. Talvez alguma cama de bicho do mato,

E andava escarafunchando por aquelas dependências de casa nobre, ora

desbeijadas, sítio preferido das lagartixas, dos ferozes lacraus e dos caranguejos cerdosos!

— Senhor! Por que seria? — inquiriu de si para si o cuiabano; e parou à

porta de uma senzala, olhando para o meio do pátio, onde uma caveira

alvadia de boi espácio, fincada na ponta de uma estaca, parecia ameaçá-lo com a grande armação aberta,

Encaminhou-se para a escadaria que levava ao alpendre e que se abria em

duas escadas, de um lado e de outro, como dois lados de um triângulo,

fechando no alpendre, seu vértice. No meio da parede e erguida sobre a

sapata, uma cruz de madeira negra avultava; aos pés desta, cavava-se um

tanque de pedra, bebedouro do gado da porta, noutro tempo.
Manuel subiu

cauteloso e viu a porta aberta, com a grande fechadura sem chave,
uma tranca

de ferro caída e um espeque de madeira atirado a dois passos no
assoalho.

Entrou. Viu a sala da frente, sua rede armada, e, no canto da
parede,

embutido na alvenaria, um grande oratório com portas de almofadas
entreabertas. Subiu a um banco de recosto alto, unido à parede, e
chegou o

rosto perto do oratório, procurando examiná-lo por dentro, quando
um

morcego enorme, alvoroçado, tomou susto, ciciando, e foi pregar-se
ao teto,

donde os olhinhos redondos piscaram ameaçadores.

— Que é lá isso, bicho amaldiçoado? Com Deus adiante e com paz
na

guia, encomendando Deus e a Virgem Maria!...

O arrieiro voltou-se, depois de ter murmurado as palavras de
esconjuro, e,

cerrando a porta de fora, especou-a com firmeza. Depois, penetrou
na casa,

por um corredor comprido, pelo qual o vento corria veloz, sendo-lhe
preciso

amparar com a mão espaldada a luz vacilante do rolo. E foi dar na sala de

jantar, onde uma mesa escura e de rodapés torneados, cercada de bancos

esculpidos, estendia-se, vazia e negra.

O teto de estuque, oblongo e escantilhado, rachara, descobrindo os caibros

e rasgando uma nesga de céu por uma frincha de telhado. Por aí corria uma

goteira no tempo das chuvas e, embaixo, o assoalho podre ameaçava tragar

quem se aproximasse despercebido. Manuel recuou e dirigiu-se para os

cômodos do fundo. Enfiando por um corredor que parecia conduzir à cozinha,

viu, ao lado, o teto abatido de um quarto, cujo soalho tinha no meio um

montículo de escombros. Olhou para o céu e viu, abafando a luz apenas

adivinhada das estrelas, um bando de nuvens escuras, roldando. Um outro

quarto havia junto deste, e o olhar do arrieiro deteve-se, acompanhando a luz

do rolo no braço esquerdo erguido, sondando as prateleiras fixas da parede,

onde uma coisa branca luzia. Era um caco velho de prato antigo.
Manuel

Alves sorriu para uma figurinha de mulher, muito colorida, cuja
cabeça

aparecia ainda pintada ao vivo na porcelana alva.

Um zunido de vento impetuoso, constringido na fresta de uma janela
que olhava para fora, fez o arrieiro voltar o rosto de repente e
prosseguir o exame do casarão abandonado. Pareceu-lhe ouvir
nesse instante a zoadá plangente de

um sino ao longe. Levantou a cabeça, estendeu o pescoço e inclinou
o ouvido,

alerta: o som continuava zoando, zoando, parecendo ora morrer de
todo, ora

vibrar ainda, mas sempre ao longe.

—

E o vento, talvez, no sino da capela.

E penetrou num salão enorme, escuro. A luz do rolo, tremendo,
deixou no

chão uma réstia avermelhada. Manuel foi adiante e esbarrou num
tamborete

de couro, tombado aí. O arrieiro foi seguindo, acompanhando uma
das

paredes. Chegou ao canto e entesou com a outra parede.

—

Acaba aqui, murmurou.

Três grandes janelas, ao fundo, estavam fechadas.

—

Que haverá aqui atrás? Talvez o terreiro de dentro. Deixe ver.

Tentou abrir uma janela, que resistiu. O vento, fora, disparava, às vezes

reboando como uma vara de queixadas em redemoinho no mato.

Manuel fez vibrar as bandeiras da janela a choques repetidos. Resistindo

elas, o arneiro recuou e, de braço direito estendido, deu-lhes um empurrão

violento. A janela, num grito estardalhaçante, escancarou-se e uma rajada

rompeu por ela adentro latindo qual matilha enfurecida; pela casa toda houve

um tatarar das portas, um ruído de reboco que cai das paredes altas e se

esfarinha no chão.

A chama do rolo apagou-se à lufada e o cuiabano ficou só, babatando na

treva.

Lembrando-se da binga, sacou-a do bolso da calça; colocou a pedra com

jeito e bateu-lhe o fuzil; as centelhas saltavam para a frente, impelidas pelo vento, e apagavam-se logo. Então, o cuiabano deu uns passos para trás,

apalpando até tocar a parede do fundo. Encostou-se nela e foi andando para os

lados, roçando-lhes as costas, procurando o entrevão das janelas. Aí, acocorou-se e tentou de novo tirar fogo: uma faiscazinha chamuscou o

isqueiro e Manuel Alves soprou-a delicadamente, alentando-a com carinho; a

princípio, ela animou-se, quis alastrar-se, mas de repente sumiu-se. O arrieiro apalpou o isqueiro, virou-o nas mãos e achou-o úmido; tinha-o deixado no

chão, exposto ao sereno, na hora em que fazia a fogueira no pátio e percorria

as dependências deste.

Meteu a binga no bolso e disse:

— Espera, diaba, que tu hás de secar com o calor do corpo!

Neste entrementes, a zoadá do sino fez-se ouvir de novo, dolorosa e longínqua. Então o cuiabano pôs-se de gatinhas, atravessou a faca entre os

dentes e marchou como um felino, sutilmente, vagarosamente, de olhos

arregalados, querendo varar a treva. Súbito um ruído estranho fé-lo estacar,

arrepiado e encolhido como um jaguar que prepara o bote.

No teto, soaram uns passos apressados de tamancos paracatando e uma voz

rouquenha pareceu proferir uma imprecação. O arrieiro assentou-se nos

calcanhares, apertou o ferro nos dentes e puxou da cinta a garrucha; bateu

com os punhos cerrados nos fechos da arma, chamando a pólvora aos ouvidos

e esperou. O ruído cessara; a zoadá do sino continuava, intermitentemente.

Nada aparecendo. Manuel tocou para diante, sempre de gatinhas; mas,

desta vez, a garrucha, aperrada na mão direita, batia no chão a intervalos

rítmicos, como a úngula de um quadrúpede manco. Ao passar junto ao quarto

do teto esboroadado, o cuiabano lobrigou o céu e orientou-se. Seguiu então pelo

corredor afora, apalpando. Novamente parou, ouvindo um farfalhar distante,

um sibilo como o da refega no buritizal.

Pouco depois, um estrépito medonho abalou o casarão escuro e a ventania

— alcatéia de lobos rafados — investiu uivando e passou à disparada,

estroando uma janela. Saindo por aí, voltaram de novo os austros furentes,

perseguido-se, precipitando-se, gargalhando sarcasticamente pelos salões

vazios.

Ao mesmo tempo, o arrieiro sentiu no espaço um arfar de asas, um soído

áspero de aço que ringe e, na cabeça, nas costas, umas pancadinhas assustadas. Pelo espaço todo ressoou um *psiu, psiu, psiu!*... e um bando enorme de morcegos sinistros torvelinhou no meio da ventania.

Manuel foi impelido para a frente, à corrimaça daqueles mensageiros do

negrume e do assombramento. De músculos crispados, num começo de reação

selvagem contra a alucinação que o invadiam, o arrieiro alapardava-se,

erichando-se-lhe os cabelos; depois, seguia de manso, com o pescoço estendido

e os olhos acesos, assim como um sabujo que negaceia. E foi rompendo a

escuridão, à caça desse ente maldito, que fazia o velho casarão falar ou gemer, ameaçá-lo ou repeli-lo, num conluio demoníaco com o vento, os morcegos e a

treva.

Começou a sentir que tinha caído num laço armado, talvez, pelo maligno.

De vez em quando, parecia-lhe que uma cousa lhe arrepelava os cabelos e uns

animálculos desconhecidos perlustravam seu coro em

carreira vertiginosa. Ao mesmo tempo, um rir abafado, uns cochichos de escárnio pareciam acompanhá-lo de um lado e de outro.

— Ah! vocês não me hão de levar assim, não! — exclamava o arrieiro

para o invisível, — Pode ser que eu seja onça presa na arataca. Mas eu

mostro! Eu mostro!

E batia com força a coronha da garrucha no solo ecoante.

Súbito, uma luz indecisa, coada por alguma janela próxima, fê-lo

vislumbrar um vulto branco, esguio, semelhante a uma grande serpente,

coleando-se, sacudindo-se. O vento trazia vozes estranhas das socavas da

terra, misturando-se com os lamentos do sino, mais acentuados agora.

Manuel estacou com as fontes latejando, a goela constricta e a respiração

curta. A boca semi-aberta deixou cair a faca: o fôlego, a modo de um sedenho,

penetrou-lhe na garganta seca, sarjando-a, e o arrieiro roncou como um barrão

acuado pela cachorrada. Correu a mão pelo soalho e agarrou a faca: meteu-a

de novo entre os dentes, que rangeram no ferro; engatilhou a garrucha e

apontou para o monstro; uma pancada seca do cão de aço do ouvido mostrou-

lhe que a sua arma fiel o traía. A escorva caíra pelo chão e a garrucha negou

fogo. O arrieiro arrojou contra o monstro a arma traidora e gaguejou em meio

a uma risada de louco:

— Mandingueiros do inferno! Botaram mandinga na minha arma de fiança! Tiveram medo dos dentes de minha garrucha! Mas vocês não de

conhecer homem, sombrações do demônio!

Deu um salto, arremeteu contra o inimigo; a faca, vibrada com ímpeto

feroz, ringou uma coisa e foi enterrar a ponta na tábua do assoalho, onde o

sertanejo, apanhado pelo meio do corpo num laço forte, tombou pesadamente.

A queda assanhou-lhe a fúria e o arrieiro, erguendo-se, deu um pulo, rasgou, numa facada, um farrapo branco que ondulava no ar; deu-lhe um bote

e estrincou nos dedos algo como um tecido grosso. Durante alguns momentos,

ficou no lugar, hirto, suando, rugindo.

Pouco a pouco, foi correndo a mão cautelosamente, tateando aquele corpo

estranho, que seus dedos arrochavam; era um pano, da sua rede talvez, que o

Venâncio armara na sala da frente.

Neste instante, pareceu-lhe ouvir chascos de mofa nas vozes do vento e

nos assobios dos morcegos; ao mesmo tempo, percebia que o chamavam lá

dentro; "*Manuel. Manuel. Manuel!*", em frases tartamudeadas. O arrieiro avançou como um possesso, dando pulos, esfaqueando sombras que fugiam.

Foi dar na sala do jantar, onde, pelo rasgão do telhado, pareciam descer umas formas longas, esvoaçando, e uns vultos alvos, em que por vezes

passavam chamas rápidas, dançavam-lhe diante dos olhos incendiados.

O arrieiro não pensava mais. A respiração se lhe tornara estertorosa;

horríveis contrações musculares repuxavam-lhe o rosto e ele, investindo às

sombras, uivava:

— Traíçoeras! eu queria carne para rasgar com este ferro! Eu queria osso

para esmigalhar num murro!

As sombras fugiam, esilravam as paredes em ascensão rápida,

iluminando-lhe subitamente o rosto, brincando-lhe um momento nos cabelos

arrepitados, ou dançando-lhe na frente. Era como uma chusma de meninos

endemoinhados a zombarem dele, puxando-o daqui, beliscando-o d'acolá,

açulando-o como a um cão de rua.

O arrieiro dava saltos de tigre, arremetendo contra o inimigo, nesta luta

fantástica, rangia os dentes e parava depois, ganindo como a onça esfaimada a

que se escapa a presa.

Houve momento em que uma coréia demoníaca se concertava ao redor

dele, entre uivos e guinchos, risadas ou gemidos. Manuel ia recuando, e

aqueles círculos infernais o iam estringindo; as sombras giravam correndo,

precipitando-se, entrando numa porta, saindo noutra, esvoaçando, rojando no

chão ou saracoteando desenfreadamente.

Um longo soluço despedaçou-lhe a garganta, num ai sentido e profundo, e

o arrieiro deixou cair pesadamente a mão esquerda espalmada num portal,

justamente quando um morcego, que fugia amedrontado, lhe deu uma forte

pancada no rosto.

Então Manuel pulou novamente para diante, apertando nos dedos o cabo

da franqueira fiel; pelo rasgão do telhado, novas sombras desciam e algumas,

quedas, pareciam dispostas a esperar o embate.

O arrieiro rugiu:

— Eu mato! Eu mato! Mato! E acometeu com fúria de alucinado aqueles

entes malditos.

De um salto, foi cair no meio das formas impalpáveis e vacilantes: um

fragor medonho se fez ouvir; o assoalho podre cedeu e um barrote, roído de

cupins, baqueou sobre uma coisa que se desmoronava embaixo da casa.

O corpo de Manuel, tragado pelo buraco que se abriu, precipitou-se e

tombou lá embaixo. Ao mesmo tempo, um som vibrante de metal, um

tilintar como de moedas derramando-se pela fenda de uma frisqueira que se racha, acompanhou o baque do corpo do arrieiro.

Manuel, lá no fundo, ferido, ensangüentado, arrastou-se ainda, cravando as

unhas na terra como um ururau golpeado pela morte; em todo o corpo

estendido com o ventre na terra perpassava-lhe ainda uma crispação de luta;

sua boca proferiu ainda: "*Eu mato! Eu mato! Ma...*" — e um silêncio trágico pesou sobre a tapera.

Eça de Queiroz

O mestre do realismo em língua portuguesa Eça de Queiroz (1845-1900),

que anda meio fora da moda editorial, seria um grande escritor em

qualquer país, em qualquer idioma. O romancista de Os Maias . O primo Basílio e A cidade e as serras também foi um Ótimo contista.

Mas

curiosamente, mesmo entre as reedições de seus contos, este "O defunto"

quase não é lembrado. Talvez por sua extensão, talvez por destoar da

classificação de autor realista que imputaram ao autor Pois aqui se

distanciando historicamente de sua época — o conto passa-se no final da

Idade Média, num Portugal sombrio de aldeias cheias de crenças e

crendices religiosas —. Eça transforma seu realismo (que por definição

reporta-se sempre à sociedade da época do autor) num inesperado relato

em que a consistência e a atmosfera nos levam a um crescendo que só um

mestre consegue nos levar Ou a um sufoco — um sufoco marcante,

O defunto

I

NO ANO DE 1474. QUE FOI POR TODA A CRISTANDADE tão abundante em mercês

divinas, reinando em Castela El-Rei Henrique IV, veio babitar na cidade de

Segóvia, onde herdara moradias e uma horta, um cavaleiro moço, de muito

limpa linhagem e gentil parecer, que se chamava d. Rui de Cárdenas.

Essa casa, que lhe legara seu tio, arcediago e mestre em cânones, ficava

ao lado e na sombra silenciosa da igreja de Nossa Senhora do Pilar; e, em

frente, para além do adro, onde cantavam as três bicas de um chafariz

antigo, era o escuro e gradeado palácio de d. Alonso de Lara, fidalgo de

grande riqueza e maneiras sombrias, que já na madureza da sua idade, todo

grisalho, desposara uma menina falada em Castela pela sua alvura, cabelos

cor de sol claro, e colo de garça real. D. Rui tivera justamente por

madrinha, ao nascer. Nossa Senhora do Pilar, de quem sempre se conservou

devoto e fiel servidor; ainda que sendo de sangue bravo e alegre, amava as

armas, a caça, os saraus bem galanteados, e mesmo por vezes uma noite

ruidosa de taverna com dados e picheis de vinho. Por amor, e pelas

facilidades desta santa vizinhança, tomara ele o piedoso costume, desde a

sua chegada a Segóvia, de visitar todas as manhãs, à hora de prima, a sua

divina madrinha e de lhe pedir, em três ave-marias, a bênção e a graça.

Ao escurecer, mesmo depois de alguma rija correria por campo e monte

com lebréus ou falcão, ainda voltava para, à saudação de vésperas, murmurar

docemente uma salve-rainha.

E todos os domingos comprava no adro, a uma ramalleteira mourisca, algum ramo de junquinhos, ou cravos, ou rosas singelas, que espalhava, com

ternura e cuidado galante, em frente ao altar da Senhora.

A esta venerada igreja do Pilar vinha também cada domingo d. Leonor, a

tão falada e formosa mulher do senhor de Lara, acompanhada por uma aia

carrancuda, de olhos mais abertos e duros que os de uma coruja, e por dois

possantes lacaios que a ladeavam e guardavam como torres. Tão ciumento era

o senhor d. Alonso que só por lho haver severamente ordenado o seu

confessor, e com medo de ofender a Senhora, sua vizinha, permitia esta visita

fugitiva, a que ele ficava espreitando sofregamente, de entre as reixas de uma

gelosia, os passos e a demora. Todos os lentos dias da lenta semana os passava a senhora d. Leonor no encerro do gradeado solar de granito negro, não tendo,

para se recrear e respirar, mesmo nas calmas do estio, mais que um fundo de

jardim verde-negro, cercado de tão altos muros, que apenas se avistava,

emergindo deles, aqui, além, alguma ponta de triste cipreste. Mas essa curta

visita a Nossa Senhora do Pilar bastou para que d. Rui se enamorasse dela,

tresloucadamente, na manhã de maio em que a viu de joelhos ante o altar,

numa réstia de sol, aureolada pelos seus cabelos de ouro, com as compridas

pestanas pendidas sobre o *Livro de horas*, o rosário caindo de entre os dedos finos, fina toda ela e macia, e branca, de uma brancura de lírio aberto na

sombra, mais branca entre as rendas negras e os negros cetins que à volta do

seu corpo cheio de graça se quebravam, em pregas duras, sobre as lajes da

capela, velhas lajes de sepulturas. Quando depois de um momento de enleio e

de delicioso pasmo se ajoelhou, foi menos para a Virgem do Pilar, sua divina

madrinha, do que para aquela aparição mortal, de quem não sabia o nome nem

a vida, e só que por ela daria vida e nome, se ela se rendesse por tão incerto preço, Balbuciando, com uma pressa ingrata, as três ave-marias com que cada

manhã saudava Maria, apanhou o seu sombreiro, desceu levemente à nave

sonora e no portal se quedrou, esperando por ela entre os mendigos lazarentos

que se catavam ao sol. Mas, quando ao cabo de um tempo em que d. Rui

sentiu no coração um desusado bater de ansiedade e medo, a senhora d.

Leonor passou e se deteve molhando os dedos na pia de mármore de água

benta, os seus olhos, sob o véu descido, não se ergueram para ele, ou tímidos

ou desatentos. Com a aia de olhos muito abertos colada aos vestidos, entre os

dois lacaio, como entre duas torres, atravessou vagarosamente o adro, pedra

por pedra, gozando decerto, como

encarcerada, o desafogado ar e o livre sol que o inundavam. E foi um espanto para d. Rui quando ela penetrou na sombria arcada, de grossos pilares, sobre

que assentava o palácio, e desapareceu por uma esguia porta recoberta de

ferragens. Era, pois. essa a tão falada d. Leonor, a linda e nobre senhora de

Lara...

Então começaram sete arrastados dias, que ele gastou sentado a um poial

da sua janela, considerando aquela negra porta recoberta de ferragens como se

fosse a do Paraíso, e por ela devesse sair um anjo para lhe anunciar a bem-

aventurança. Até que chegou o vagaroso domingo: e passando ele no adro, à

hora de prima, ao repicar dos sinos, com um molho de cravos amarelos para a

sua divina madrinha, cruzou d. Leonor, que saía de entre os pilares da escura

arcada, branca, doce e pensativa, como uma Lua de entre nuvens. Os cravos

quase lhe caíram naquele gostoso alvoroço em que o peito lhe arfou mais que

um mar, e a alma toda lhe fugiu em tumulto através do olhar com que a

devorava. E ela ergueu também os olhos para d. Rui, mas uns olhos repousados, uns olhos serenos, em que não luzia curiosidade, nem mesmo

consciência de se estarem trocando com outros, tão acesos e enegrecidos pelo

desejo. O moço cavaleiro não entrou na igreja, com piedoso receio de não

prestar a sua madrinha divina a atenção que decerto lhe roubaria toda aquela

que era só humana, mas dona já do seu coração, e nele divinizada.

Esperou sofregamente à porta, entre os mendigos, secando os cravos com o

ardor das mãos trêmulas, pensando quanto era demorado o rosário que ela

rezava. Ainda d. Leonor descia a nave, já ele sentia dentro da alma o doce

rugir das sedas fortes que ela arrastava nas lajes. A branca senhora passou — e o mesmo distraído olhar, desatento e calmo, que espalhou pelos mendigos e

pelo adro, o deixou escorregar sobre ele, ou porque não compreendesse aquele

moço que de repente se tornara tão pálido, ou porque não o diferenciava ainda

das coisas e das formas indiferentes.

D. Rui abalou, com um fundo suspiro; e, no seu quarto, pôs devotamente

ante a imagem da Virgem as flores que não oferecera, na igreja, ao seu altar.

Toda a sua vida se tornou então um longo queixume por sentir tão fria e

desumana aquela mulher, única entre as mulheres, que prendera e tornara sério

o seu coração ligeiro e errante. Numa esperança, a que antevia bem o

desengano, começou a rondar os muros altos do jardim — ou embuçado numa

capa, com o ombro contra uma esquina, lentas horas se quedava contemplando

as grades das gelosias, negras e

grossas Como as de um cárcere. Os muros não se fendiam, das grades não saía sequer um rasto de luz prometedor. Todo o solar era como um jazigo onde

jazia uma insensível e por trás das frias pedras ainda havia um frio peito. Para se desafogar compôs, com piedoso cuidado, em noites veladas sobre o

pergaminho, trovas gementes que o não desafogavam. Diante do altar da

Senhora do Pilar, sobre as mesmas lajes onde a vira ajoelhada, pousava ele os

joelhos, e ficava, sem palavras de oração, num cismar amargo e doce,

esperando que o seu coração serenasse e se consolasse sob a influência

d'Aquela que tudo consola e serena. Mas sempre se erguia mais desditoso e

tendo apenas a sensação de quanto eram frias e rígidas as pedras sobre que

ajoelhara. O mundo todo só lhe parecia conter rigidez e frieza.

Outras claras manhãs de domingo encontrou d. Leonor: e sempre os olhos

dela permaneciam descuidados e como esquecidos, ou quando se cruzavam

com os seus era tão singelamente, tão limpos de toda a emoção, que d. Rui os

preferiria ofendidos e faiscando de ira, ou soberbamente desviados com

soberbo desdém. Decerto d. Leonor já o conhecia — mas, assim, conhecia

também a ramalheteira mourisca agachada diante do seu cesto à beira da

fonte; ou os pobres que se catavam ao sol diante do portal da Senhora. Nem d.

Rui já podia pensar que ela fosse desumana e fria. Era apenas soberanamente

remota, como uma estrela que nas alturas gira e refulge, sem saber que, em

baixo, num mundo que ela não distingue, olhos que ela não suspeita a

contemplam, a adoram e lhe entregam o governo da sua ventura e sorte.

Então d. Rui pensou: "Ela não quer, eu não posso: foi um sonho que findou, e Nossa Senhora a ambos nos tenha na sua graça!"

E como era cavaleiro muito discreto, desde que a reconheceu assim inabalável na sua indiferença, não a procurou, nem sequer ergueu mais os

olhos para as grades das suas janelas, e até nem penetrava na igreja de Nossa

Senhora quando casualmente, do portal, a avistava ajoelhada, com a sua

cabeça, tão cheia de graça e de ouro, pendida sobre o Livro *de horas*,

II

A velha aia, de olhos mais abertos e duros que os de uma coruja, não

tardara em contar ao senhor de Lara que um moço audaz, de gentil parecer,

novo morador nas velhas casas do arcediogo, constantemente se atravessava

no adro, se postava diante da igreja para atirar o coração

pelos olhos à senhora d. Leonor. Bem amargamente o sabia já o ciumento fidalgo, porque quando da sua janela espreitava, como um falcão, a airoso

senhora a caminho da igreja, observara os giros, as esperas, os olhares

dardejados daquele moço galante — e puxara as barbas de furor. Desde então,

na verdade, a sua mais intensa ocupação era odiar d. Rui, o impudente

sobrinho do cônego, que ousava erguer o seu baixo desejo até à alta senhora

de Lara. Constantemente agora o trazia vigiado por um serviçal — e conhecia

todos os seus passos e pousos, e os amigos com quem caçava ou folgava, e até

quem lhe talhava os gibões, e até quem lhe polia a espada, e cada hora do seu

viver. E mais ansiosamente ainda vigiava d. Leonor — cada um dos seus

movimentos, os mais fugitivos modos, os silêncios e o conversar com as aias,

as distrações sobre o bordado, o jeito de cismar sob as árvores do jardim, e o ar e a cor com que recolhia da igreja... Mas tão inalteradamente serena, no seu sossego de coração, se mostrava a senhora d. Leonor, que nem o ciúme mais

imaginador de culpas poderia achar manchas naquela pura neve.

Redobradamente áspero então se voltava o rancor de d. Alonso
contra o

sobrinho do cônego, por ter apetecido aquela pureza, e aqueles
cabelos cor de

sol claro, e aquele colo de garça real, que eram sô seus, para
esplêndido gosto da sua vida. E quando passeava na sombria galeria
do solar sonora e toda de

abóbada, embrulhado na sua samarra orlada de peles, com o bico
de barba

grisalha espetado para diante, a grenha crespa eriçada para trás e
os punhos

cerrados, era sempre remoendo o mesmo fel:

— Tentou contra a virtude dela, tentou contra a minha honra... E
culpado

por duas culpas e merece duas mortes!

Mas ao seu furor quase se misturou um terror, quando soube que d.
Rui já

não esperava no adro a senhora d. Leonor, nem rondava
amorosamente os

muros do palacete, nem penetrava na igreja quando ela lá rezava,
aos

domingos; e que tão inteiramente se alheava dela que uma manhã,
estando

rente da arcada, e sentindo bem ranger e abrir a porta por onde a senhora ia

aparecer, permanecera de costas voltadas, sem se mover, rindo com um

cavaleiro gordo que lhe lia um pergaminho. Tão bem afetada indiferença só

servia decerto (pensou d. Alonso) a esconder alguma bem danada tenção! Que

tramava ele, o destro enganador? Tudo no desabrido fidalgo se exacerbou —

ciúme, rancor, vigilância, pesar da sua idade grisalha e feia. No sossego de d.

Leonor suspeitou manha e fingimento — e imediatamente lhe vedou as visitas

à Senhora do Pilar.

Nas manhãs costumadas corria ele a igreja para rezar o rosário, a levar as desculpas de d. Leonor — *"que no puede venir* (murmurava curvado diante do altar) *por lo que sabeis. Virgen Purísima!"* Cuidadosamente visitou e reforçou todos os negros forrolhos das portas do seu solar.

De noite soltava dois mastins nas sombras do jardim murado.

À cabeceira do vasto leito, junto da mesa onde ficava a lâmpada, um

relicário e o copo de vinho quente com canela e cravo para lhe retemperar as

forças — luzia sempre uma grande espada nua. Mas, com tantas
seguranças,

mal dormia — e a cada instante se solevava em sobressalto de entre
as fundas

almofadas, agarrando a senhora d. Leonor com mão bruta e sôfrega,
que lhe

pisava o colo, para rugir muito baixo, numa ânsia: "Diz que me
queres só a mim!..." Depois, com a alvorada, lá se empoleirava, a
espreitar, como um

falcão, as janelas de d. Rui. Nunca o avistava, agora, nem à porta da
igreja às horas de missa, nem recolhendo do campo, a cavalo, ao
toque de ave-marias.

E por o sentir assim sumido dos sítios e giros costumados — é que
mais o

suspeitava dentro do coração de d. Leonor.

Enfim, uma noite, depois de muito trilhar o lajedo da galeria,
remoendo

surdamente desconfianças e ódios, gritou pelo intendente e ordenou
que se

preparassem trouxas e cavalgadas. Cedo, de madrugada, partiria,
com a

senhora d. Leonor, para a sua herdade de Cabril, a duas léguas de
Segóvia! A

partida não foi de madrugada, como uma fuga de avarento que vai
esconder

longe o seu tesouro — mas realizada com aparato e demora, ficando a liteira

diante da arcada, a esperar longas horas, de cortinas abertas, enquanto um

cavaliço passeava pelo adro a mula branca do fidalgo, enxairelada à

mourisca, e do lado do jardim a récua de machos, carregados de baús, presos

às argolas, sob o sol e a mosca, aturdiam a viela com o tilintar dos guizos.

Assim d. Rui soube a jornada do senhor de Lara — e assim a soube toda a

cidade.

Fora um grande contentamento para d. Leonor, que gostava de Cabril, dos

seus viçosos pomares, dos jardins, para onde abriam, rasgadamente e sem

grades, as janelas dos seus aposentos claros: aí ao menos tinha largo ar, pleno sol, e alegretes a regar, um viveiro de pássaros, e tão compridas ruas de

loureiro ou teixo, que eram quase a liberdade. E depois esperava que no

campo se aligeirassem aqueles cuidados que traziam, nos derradeiros tempos,

tão enrugado e taciturno seu marido e senhor. Mas não logrou esta esperança,

porque ao cabo de uma semana ainda se não desanuviara a face de d. Alonso

— nem decerto havia

frescura de arvoredos, sussurros de águas correntes, ou aromas esparsos nos rosais em flor, que calmassem agitação tão amarga e funda. Como em

Segóvia, na galeria sonora de grande abóbada, sem descanso passava,

enterrado na sua samarra, com o bico da barba espetado para diante, a grenha

basta eriçada para trás, e um jeito de arreganhar silenciosamente o beijo,

como se meditasse maldades a que gozava de antemão o sabor acre. E todo o

interesse da sua vida se concentrara num serviçal que constantemente

galopava entre Segóvia e Cabril, e que ele por vezes esperava no começo da

aldeia, junto ao cruzeiro, ficando a escutar o homem que desmontava,

ofegante, e logo lhe dava novas apressadas.

Uma noite em que d. Leonor, no seu quarto, rezava o terço com as aias, à

luz de uma tocha de cera, o senhor de Lara entrou muito vagarosamente,

trazendo na mão uma folha de pergaminho e uma pena mergulhada no seu

tinteiro de osso. Com um rude aceno despediu as aias, que o temiam como a

um lobo. E, empurrando um escabelo para junto da mesa, volvendo para d.

Leonor a face a que impusera tranqüilidade e agrado, como se apenas viesse

por coisas naturais e fáceis:

—

Senhora, quero que me escrevais aqui uma carta que muito me convêm escrever...

Tão costumada era nela a submissão, que, sem outro reparo ou curiosidade,

indo apenas pendurar na barra do leito o rosário em que rezara, se acomodou

sobre o escabelo, e os seus dedos finos, com muita aplicação, para que a letra fosse esmerada e clara, traçaram a primeira linha curta que o senhor de Lara

ditara e era: "Meu cavaleiro..." Mas quando ele ditou a outra, mais longa, e de um modo amargo, d. Leonor arrojou a pena, como se a pena a escaldasse, e,

recuando da mesa, gritou, numa aflição:

— Senhor, para que convêm que eu escreva tais coisas e tão falsas?...

Num brusco furor, o senhor de Lara arrancou do cinto um punhal, que lhe

agitou junto à face, rugindo surdamente:

— Ou escreveis o que vos mando e que a mim me convém, ou, por Deus,

que vos varo o coração!...

Mais branca que a cera da tocha que os alumia, com a carne arrepiada

ante aquele ferro que luzia, num tremor supremo e que tudo aceitava, d.

Leonor murmurou:

— Pela Virgem Maria, não me façais mal!... Nem vos agasteis, senhor,

que eu vivo para vos obedecer e servir... Agora, mandai, que eu escreverei.

Então, com os punhos cerrados nas bordas da mesa, onde pousara o punhal, esmagando a frágil e desditosa mulher sob o olhar duro que fuzilava, o senhor

de Lara ditou, atirou roucamente, aos pedaços, aos repelões, uma carta que

dizia, quando finda e traçada em letra bem incerta e trêmula:

" *Meu cavaleiro,*

Muito mal haveis compreendido, ou muito mal pagais o amor que vos

tenho, e que não vos pude nunca, em Segóvia, mostrar claramente... Agora

aqui estou em Cabril, ardendo por vos ver; e se o vosso desejo corresponde ao meu, bem facilmente o podeis realizar; pois que meu marido se acha

ausente noutra herdade, e esta de Cabril é toda fácil e aberta. Vinde esta noite, entrai pela porta do jardim, do lado da azinhaga, passando o tanque, até ao terraço. Aí avistareis uma escada encostada a uma janela da casa, que é a janela do meu quarto, onde sereis bem docemente agasalhado por quem

ansiosamente vos espera..."

— Agora, senhora, assinai por baixo o vosso nome, que isso sobretudo

convém!

D. Leonor traçou vagarosamente o seu nome, tão vermelha como se a

despisses diante de uma multidão.

— E agora — ordenou o marido mais surdamente, através dos dentes

cerrados — endereçai a d. Rui de Cárdenas!

Ela ousou erguer os olhos, na surpresa daquele nome desconhecido.

— Andai!... A d. Rui de Cárdenas! — gritou o homem sombrio. E ela endereçou a sua desonesta carta a d. Rui de Cárdenas.

D. Alonso meteu o pergaminho no cinto, junto ao punhal que embainhara,

e saiu em silêncio com a barba espetada, abafando o rumor dos passos nas

lajes do corredor.

Ela ficara sobre o escabelo, as mãos cansadas e caídas no regaço, num

infinito espanto, o olhar perdido na escuridão da noite silente. Menos escura

lhe parecia a morte que essa escura aventura em que se sentia envolvida e

levada! Quem era esse d. Rui de Cárdenas, de quem nunca ouvira, que nunca

atravessara a sua vida, tão quieta, tão pouco povoada de memórias e de

homens? E ele decerto a conhecia, a encontrara, a

seguira ao menos com os olhos, pois que era coisa natural e bem ligada receber dela carta de tanta paixão e promessa...

Assim, um homem, e moço decerto bem nascido, talvez gentil, penetrava

no seu destino bruscamente, trazido pela mão de seu marido? Tão intimamente

mesmo se entranhara esse homem na sua vida, sem que ela se apercebesse,

que já para ele se abria de noite a porta do seu jardim, e contra a sua janela, para ele subir, se arrumava de noite uma escada!... E era seu marido que muito secretamente escancarava a porta, e muito secretamente levantava a escada...

Para quê?...

Então, num relance, d. Leonor compreendeu a verdade, a vergonhosa

verdade, que lhe arrancou um grito ansiado e mal sufocado. Era uma cilada! O

senhor de Lara atraia a Cabril esse d. Rui com uma promessa magnífica, para

dele se apoderar, e decerto o matar, indefeso e solitário! E ela, o seu amor, o seu corpo, eram as promessas que se faziam rebrilhar ante os olhos seduzidos

do moço desventuroso. Assim seu marido usava a sua beleza, o seu leito,

como a rede de ouro em que devia cair aquela presa estouvada! Onde

houvesse maior ofensa? E também quanta imprudência! Bem poderia esse d.

Rui de Cárdenas desconfiar, não aceder a convite tão abertamente amoroso, e

depois mostrar por toda a Segóvia, rindo e triunfando, aquela carta em que lhe fazia oferta do seu leito e do seu corpo a mulher de Alonso de Lara! Mas não!

O desventurado correria a Cabril — e para morrer. miseravelmente morrer no

negro silêncio da noite, sem padre, nem sacramentos, com a alma encharcada

em pecado de amor! Para morrer, decerto — porque nunca o senhor de Lara

permitiria que vivesse o homem que recebera tal carta. Assim, aquele moço

morria por amor dela, e por um amor que, sem lhe valer nunca um gosto, lhe

valia logo a morte! Decerto por amor dela — pois que tal ódio do senhor de

Lara, ódio que, com tanta deslealdade e vilania, se cevava, só podia nascer de ciúmes, que lhe escureciam todo o dever de cavaleiro e de cristão. Sem dúvida

ele surpreendera olhares, passos, tenções deste senhor d. Rui, mal acutelado

por bem namorado.

Mas como? Quando? Confusamente se lembrava ela de um moço que um

domingo a cruzara no adro, a esperara ao portal da igreja, com um molho de

cravos na mão... Seria esse? Era de nobre parecer, muito pálido, com grandes

olhos negros e quentes. Ela passara — nem pensara... Os cravos que segurava

na mão eram vermelhos e amarelos... A quem os levava?... Ah! se o pudesse

avisar, bem cedo, de madrugada!

Como, se não havia em Cabril serviçal ou aia de quem se fiasse?
Mas deixar que uma bruta espada varasse traiçoeiramente aquele
coração, que

vinha cheio dela, palpitando por ela, todo na esperança dela!...

Oh! A desabrida e ardente correria de d. Rui, desde Segóvia a Cabril,
com

a promessa do encantador jardim aberto, da escada posta contra a
janela, sob a mudez e proteção da noite! Mandaria realmente o
senhor de Lira encostar uma

escada à janela? Decerto, para com mais facilidade o poderem
matar, pobre, e

doce, e inocente moço, quando ele subisse, mal seguro sobre um
frágil degrau,

as mãos embaraçadas, a espada a dormir na bainha... E assim, na
outra noite,

em face ao seu leito, a sua janela estaria aberta, e uma escada
erguida contra a sua janela à espera de um homem! Emboscado na
sombra do quarto, seu

marido seguramente mataria esse homem...

Mas se o senhor de Lara esperasse fora dos muros da quinta,
assaltasse

brutalmente, nalguma azinhaga, aquele d. Rui de Cárdenas, e, ou
por menos

destro, ou por menos forte, num terçar de armas, caísse ele
traspassado, sem

que o outro conhecesse a quem matara? E ela, ali, no seu quarto, sem saber, e

todas as portas abertas, e a escada erguida, e aquele homem assomando à

janela na sombra macia da noite tépida, e o marido que a devia defender morto

no fundo de uma azinhaga... Que faria ela. Virgem Mãe? Oh! decerto repeliria,

soberbamente, o moço temerário. Mas o espanto dele e a cólera do seu desejo

enganado! "Por vós é que eu vim chamado, senhora!" E ali trazia, sobre o coração, a carta dela, com seu nome, que a sua mão traçara. Como lhe poderia

contar a emboscada e o dolo? Era tão longo de contar, naquele silêncio e

solidão da noite, enquanto os olhos dele, úmidos e negros, a estivessem

suplicando e traspassando... Desgraçada dela se o senhor de Lara morresse, a

deixasse solitária, sem defesa, naquela vasta casa aberta! Mas quanto

desgraçada também se aquele moço, chamado por ela, e que a amava, e que

por esse amor vinha correndo deslumbrado, encontrasse a morte no sítio da

sua esperança, que era o sítio do seu pecado, e, morto em pleno pecado,

rolasse para a eterna desesperança... Vinte e cinco anos, ele — se era o mesmo de quem se lembrava, pálido, e tão airoso, com um gibão de eludo roxo e um

ramo de cravos na mão, à porta da igreja, em Segóvia...

Duas lágrimas saltaram dos cansados olhos de d. Leonor. E dobrando os

joelhos, levantando a alma toda para o céu, onde a Lua se começava a

levantar, murmurou, numa infinita mágoa e fé:

— Oh! Santa Virgem do Pilar. Senhora minha, vela por nós ambos, vela por todos nós!...

III

D. Rui entrava, pela hora da calma, no fresco pátio da sua casa, quando de

um banco de pedra, na sombra, se ergueu um moço do campo, que tirou de

dentro do surrão uma carta, lhe entregou, murmurando:

— Senhor, dai-vos pressa em ler, que tenho de voltar a Cabril, a quem me

mandou...

D. Rui abriu o pergaminho: e, no deslumbramento que o tomou, bateu com

ele contra o peito, como para o enterrar no coração... O moço do campo

insistia, inquieto:

— Aviai, senhor, aviai! Nem precisais responder. E só que me deis um

sinal de vos ter vindo o recado...

Muito pálido, d. Rui arrancou uma das luvas bordadas a retrós, que o moço

enrolou e sumiu no surrão. E abalava na ponta das alpercatas leves. Com um

aceno. d. Rui ainda o deteve:

—

Escuta. Que caminho tomas tu para Cabril?

— O mais curto e sozinho para gente afoita, que é pelo Cerro dos Enforcados.

— Bem.

D. Rui galgou as escadas de pedra, e no seu aposento, sem mesmo tirar o

sombreiro, de novo leu junto da gelosia aquele pergaminho divino, em que d.

Leonor o chamava de noite ao seu quarto, a posse inteira do seu ser. E não o

maravilhava esta oferta — depois de uma tão constante,
imperturbada

indiferença. Antes nela logo percebeu um amor muito astuto, por ser
muito

forte, que, com grande paciência, se esconde ante os estorvos e os
perigos, e

mudamente prepara a sua hora de contentamento, melhor e mais
delicioso por

tão preparado. Sempre ela o amara, pois, desde a manhã bendita
em que os

seus olhos se tinham cruzado no portal de Nossa Senhora. E
enquanto ele

rondava aqueles muros do jardim, maldizendo uma frieza que lhe
parecia mais

fria que a dos frios muros, já ela lhe dera a sua alma, e, cheia de
constância, com amorosa sagacidade, recalçando o menor suspiro,
adormecendo

desconfianças, preparava a noite radiante em que lhe daria também
o seu

corpo.

Tanta firmeza, tão fino engenho nas coisas do amor, ainda lhe
tornavam

mais bela e mais apetecida!

Com que impaciência olhava então o sol, tão desapressado nessa
tarde em descer para os montes! Sem repouso, no seu quarto, com
as gelosias cerradas

para melhor concentrar a sua felicidade, tudo aprontava amorosamente para a

triunfal jornada: as finas roupas, as finas rendas, um gibão de veludo negro e as essências perfumadas. Duas vezes desceu à cavalaria a verificar se o seu

cavalo estava bem ferrado e bem folgado. Sobre o soalho, vergou e revergou,

para a experimentar, a folha da espada que levaria à cinta... Mas o seu maior

cuidado era o caminho para Cabril, apesar de bem o conhecer, e a aldeia

apinhada em torno ao mosteiro franciscano, e a velha ponte romana com o seu

Calvário, e a azinhaga funda que levava à herdade do senhor de Lara. Ainda

nesse inverno por lá passara, indo montar com dois amigos de Astorga, e

avistara a torre dos de Lara, e pensara: "Eis a torre da minha ingrata!" Como se enganava! As noites agora eram de lua, e ele sairia de Segóvia caladamente,

pela Porta de s. Mauros. Um galope curto o punha no Cerro dos Enforcados...

Bem o conhecia também, esse sítio de tristeza e pavor, com os seus quatro

pilares de pedra, onde se enforcavam os criminosos, e onde ficavam,

balouçados da ventania, ressequidos do sol, até que as cordas apodrecessem e

as ossadas caíssem, brancas e limpas da carne pelo bico dos corvos. Por trás

do cerro era a lagoa das Donas. A derradeira vez que por lá andara, fora em

dia do apóstolo s. Matias, quando o corregedor e as confrarias de caridade e

paz, em procissão, iam dar sepultura sagrada às ossadas caídas no chão negro,

esburgadas pelas aves. Dai o caminho, depois, corria liso e direito a Cabril.

Assim d. Rui meditava a sua jornada venturosa, enquanto a tarde ia caindo.

Depois, quando escureceu, e em torno às torres da igreja começaram a girar os

morcegos, e nas esquinas do adro se acenderam os nichos das almas, o valente

moço sentiu um medo estranho, o medo daquela felicidade que se acercava e

que lhe parecia sobrenatural. Era, pois, certo, que essa mulher de divina

formosura, famosa em Castela, e mais inacessível que um astro, seria sua, toda sua, no silêncio e segurança de uma alcova, dentro em breves instantes,

quando ainda se não tivessem apagado diante dos retábulos das
almas aqueles

lumes devotos? E o que fizera ele para lograr tão grande bem?
Pisara as lajes

de um adro, esperara no portal de uma igreja, procurando com os
olhos outros

dois olhos, que não se erguiam, indiferentes ou desatentos. Então,
sem dor,

abandonara a sua esperança... E eis que de repente aqueles olhos
distráídos o

procuram, e aqueles braços fechados se lhe abrem, largos e nus, e
com o corpo

e com

a alma aquela mulher lhe grita: "Oh! mal-avisado, que não me
entendeste!

Vem! Quem te desanimou já te pertence!" Houvera jamais igual
ventura? Tão alta, tão rara, que decerto atrás dela, se não erra a lei
humana, já devia

caminhar a desventura! Já na verdade caminhava — pois quanta
desventura

em saber que depois de tal ventura, quando de madrugada, saindo
dos divinos

braços, ele recolhesse a Segóvia, a sua Leonor, o bem sublime da
sua vida, tão inesperadamente adquirido por um instante, recairia
logo sob o poder de outro

amo!

Que importava! Viessem depois dores e zelos! Aquela noite era esplendidamente sua, o mundo todo uma aparência vã e a única realidade esse

quarto de Cabril, mal alumado, onde ela o esperaria, com os cabelos soltos!

Foi com sofreguidão que desceu a escada, se arremessou sobre o seu cavalo.

Depois, por prudência, atravessou o adro muito lentamente, com o sombreiro

bem levantado da face, como num passeio natural, a procurar fora dos muros a

frescura da noite. Nenhum encontro o inquietou até à Porta de S. Mauros. Aí,

um mendigo, agachado na escuridão de um arco, e que tocava monotonamente

a sua sanfona, pediu, em lamúria, à Virgem e a todos os santos, que levassem

aquele gentil cavaleiro na sua doce e santa guarda. D. Rui parara para lhe

atirar uma esmola, quando se lembrou que nessa tarde não fora à igreja, à hora de vésperas, rezar e pedir a bênção a sua divina madrinha. Com um salto,

desceu logo do cavalo; porque justamente, rente ao velho arco, tremeluzia uma

lâmpada alumando um retábulo. Era uma imagem da Virgem com o peito

traspassado por sete espadas. D. Rui ajoelhou, pousou o sombreiro nas lajes e

com as mãos erguidas, muito zelosamente, rezou uma salve-rainha. O clarão

amarelo da luz envolvia o rosto da Senhora, que, sem sentir as dores dos sete

ferros, ou como se eles só dessem inefáveis gozos, sorria com os lábios muito

vermelhos. Enquanto ele rezava, no Convento de S. Domingos, ao lado, a

sineta começou a tocar a agonia. De entre a sombra negra do arco, cessando a

sanfona, o mendigo murmurou:

— Lá está um frade a morrer!

D. Rui disse uma ave-maria pelo frade que morria. A Virgem das sete

espadas sorria docemente — o toque de agonia não era, pois, de mau

presságio! D. Rui cavalgou alegremente e partiu.

Para além da Porta de S. Mauros, depois de alguns casebres de oleiros, o

caminho seguia, esguio e negro, entre altas piteiras. Por trás das colinas, ao fundo da planície escura, subia o primeiro clarão, amarelo e

lânguido, da lua cheia, ainda escondida. E d. Rui marchava a passo, receando chegar a Cabril muito cedo, antes que as aias e os moços findassem o serão e o rosário. Por que não lhe marcara d. Leonor a hora, naquela carta tão clara e tão pensada?... Então a sua imaginação corria adiante, rompia pelo jardim de

Cabril, galgava aladamente a escada¹ prometida — e ele largava também atrás, numa carreira sôfrega, que arrancava as pedras do caminho mal junto. Depois

sofreava o cavalo ofegante. Era cedo, era cedo! E retomava o passo penoso,

sentindo o coração contra o peito, como ave presa que bate às grades.

Assim chegou ao cruzeiro, onde a estrada se fendia em duas, mais juntas

que as pontas de uma forquilha, ambas cortando através de pinheiral.

Descoberto diante da imagem crucificada, d. Rui teve um instante de angústia,

pois não recordava qual delas levava ao Cerro dos Enforcados. Já se embrenhara na mais cerrada, quando, de entre os pinheiros calados, uma luz

surgiu, dançando no escuro. Era uma velha em farrapos, com as longas

melenas soltas, vergada sobre um bordão e levando uma candeia.

— Para onde vai este caminho? — gritou d. Rui.

A velha balançou mais ao alto a candeia, para mirar o cavaleiro.

—
Para Xarama.

E luz e velha imediatamente se sumiram, fundidas na sombra, como se ali

tivessem surgido somente para avisar o cavaleiro do seu caminho errado... Já

ele virara arrebatadamente; e, rodeando o Calvário, galopou pela outra estrada mais larga, até avistar, sob a claridade do céu, os pilares negros, os madeiros negros do Cerro dos Enforcados. Então estacou, direito nos estribos. Num

cômoro alto, seco, sem erva ou urze, ligados por um muro baixo, todo

esbrechado, lá se erguiam, negros, enormes, sob a amarelidão do luar, os

quatro pilares de granito semelhantes aos quatro cunhais de uma casa desfeita.

Sobre os pilares pousavam quatro grossas traves. Das traves pendiam quatro

enforcados negros e rígidos, no ar parado e mudo. Tudo em torno era morto

como eles.

Gordas aves de rapina dormiam empoleiradas sobre os madeiros. Para

além, rebrilhava lividamente a água morta da Lagoa das Donas. E, no céu, a

Lua ia grande e cheia,

D. Rui murmurou o padre-nosso devido por todo o cristão àquelas
almas

culpadas. Depois impeliu o cavalo, e passava — quando, no imenso

1Arcada no texto base.

silêncio e na imensa solidão, se ergueu, ressoou uma voz, uma voz
que o chamava, suplicante e lenta:

—

Cavaleiro, detende-vos, vinde cá!...

D. Rui colheu bruscamente as rédeas e, erguido sobre os estribos,
atirou os

olhos espantados por todo o sinistro ermo. Só avistou o cerro
áspero, a água

rebrilhante e muda, os madeiros, os mortos. Pensou que fora ilusão
da noite ou ousadia de algum demônio errante. E, serenamente,
picou o cavalo, sem

sobressalto ou pressa, como numa rua de Segóvia. Mas, por trás, a
voz tornou,

mais urgentemente o chamou, ansiosa, quase aflita:

—

Cavaleiro, esperai, não vos vades, voltai, chegai aqui!...

De novo d. Rui estacou e, virado sobre a sela, encarou afoitamente os

quatro corpos pendurados das traves. Do lado dele soava a voz, que, sendo

humana, sô podia sair de forma humana! Um desses enforcados, pois, o

chamara, com tanta pressa e ânsia.

Restaria nalgum, por maravilhosa mercê de Deus, alento e vida? Ou seria

que, por maior maravilha, uma dessas carcaças meio apodrecidas o detinha

para lhe transmitir avisos de além da campa?... Mas que a voz rompesse de um

peito vivo ou de um peito morto, grande covardia era abalar, espavoridamente,

sem a atender e a servir.

Atirou logo para dentro do cerro o cavalo, que tremia; e, parando, direito e

calmo, com a mão nailharga, depois de fitar, um por um, os quatro corpos

suspensos, gritou:

—

Qual de vós, homens enforcados, ousou chamar por d. Rui de

Cárdenas?

Então aquele que voltava as costas à lua cheia respondeu, do alto da corda,

muito quieta e naturalmente, como um homem que conversa da sua janela para

a rua:

— Senhor, fui eu.

D. Rui fez avançar para diante dele o cavalo. Não lhe distinguia a face.

enterrada no peito, escondida pelas longas e negras melenas pendentes. Só

percebeu que tinha as mãos soltas e desamarradas, e também soltos os pés nus,

já ressequidos e da cor do betume.

— Que me queres?

O enforcado, suspirando, murmurou:

— Senhor, fiz-me a grande mercê de me cortar esta corda em que estou

pendurado,

D. Rui arrancou a espada, e de um golpe certo cortou a corda meio

apodrecida. Com um sinistro som de ossos entrechocados o corpo caiu

no chão, onde jazeu um momento, estirado. Mas imediatamente se endireitou sobre os pés mal seguros e ainda dormentes — e ergueu para d. Rui uma face

morta, que era uma caveira com a pele muito colada, e mais amarela que a Lua

que nela batia. Os olhos não tinham movimento nem brilho. Ambos os beiços

se lhe arreganhavam num sorriso empedernido. De entre os dentes, muito

brancos, surdia uma ponta de língua muito negra,

D. Rui não mostrou terror, nem asco. E embainhando serenamente a espada:

— Tu estás morto ou vivo? — perguntou.

O homem encolheu os ombros com lentidão:

— Senhor, não sei... Quem sabe o que é a vida? Quem sabe o que é a

morte?

— Mas que queres de mim?

O enforcado, com os longos dedos descarnados, alargou o nó da corda que

ainda lhe laçava o pescoço e declarou muito serena e firmemente:

— Senhor, eu tenho de ir convosco a Cabril, onde vós ides.

O cavaleiro estremeceu num tão forte assombro, repuxando as rédeas, que

o seu bom cavalo se empinou como assombrado também.

— Comigo a Cabril?!...

O homem curvou o espinhaço, a que se viam os ossos todos, mais agudos

que os dentes de uma serra, através de um longo rasgão da camisa de

estamena.

— Senhor — suplicou —, não mo negueis. Que eu tenho a receber grande

salário se vos fizer grande serviço!

Então d. Rui pensou de repente que bem podia ser aquela uma traça formidável do Demônio. E, cravando os olhos muito brilhantes na face morta

que para ele se erguia, ansiosa, à espera do seu consentimento — fez um lento

e largo sinal-da-cruz.

O enforcado vergou os joelhos com assustada reverência:

—

Senhor, para que me experimentais com esse sinal? Só por ele

alcançamos remissão, e eu só dele espero misericórdia.

Então d. Rui pensou que, se esse homem não era mandado pelo Demônio,

bem podia ser mandado por Deus! E logo devotamente, com gesto submisso

em que tudo entregava ao Céu, consentiu, aceitou o pavoroso companheiro:

—

Vem comigo, pois a Cabril, se Deus te manda! Mas eu nada te pergunto e tu nada me perguntes.

Desceu logo o cavalo à estrada, toda alumiada da Lua. O enforcado seguia ao seu lado, com passos tão ligeiros, que mesmo quando d. Rui galopava ele

se conservava rente ao estribo, como levado por um vento mudo. Por vezes,

para respirar mais livremente, repuxava o nó da corda que lhe enroscava o

pescoço. E, quando passavam entre sebes onde errasse o aroma de flores

silvestres, o homem murmurava com infinito alívio e delícia:

— Como é bom correr!

D. Rui ia num assombro, num tormentoso cuidado, Bem compreendia

agora que era aquele um cadáver reanimado por Deus, para um estranho e

encoberto serviço. Mas para que lhe dava Deus tão medonho companheiro?

Para o proteger? Para impedir que d. Leonor, amada do Céu pela sua piedade,

caísse em culpa mortal? E, para tão divina incumbência de tão alta
mercê, já

não tinha o Senhor anjos no Céu, que necessitasse empregar um
supliciado?...

Ah! como ele voltaria alegremente a rédea para Segóvia, se não fora
a galante

lealdade de cavaleiro, o orgulho de nunca recuar, e a submissão às
ordens de

Deus, que sentia sobre si pesarem...

De um alto da estrada, de repente, avistaram Cabril, as torres do
convento

franciscano alvejando ao luar, os casais adormecidos entre as hortas.
Muito

silenciosamente, sem que um cão ladrasse de trás das cancelas ou
de cima dos

muros, desceram a velha ponte romana. Diante do Calvário, o
enforcado caiu

de joelhos nas lajes, ergueu os lívidos ossos das mãos, ficou
longamente

rezando, entre longos suspiros. Depois, ao entrar na azinhaga,
bebeu muito

tempo, e consoladamente, de uma fonte que corria e cantava sob as
frondes de

um salgueiro. Como a azinhaga era muito estreita, ele caminhava
adiante do

cavaleiro, todo curvado, os braços cruzados fortemente sobre o peito, sem um

rumor.

A Lua ia alta no céu. D. Rui considerava com amargura aquele disco. cheio

e lustroso, que espargia tanta claridade, e tão indiscreta, sobre o seu segredo!

Ah! como se estragava a noite que devia ser divina! Uma enorme Lua surdia

de entre os montes para tudo alumiar. Um enforcado descia da forca para o

seguir e tudo saber. Deus assim o ordenara. Mas que tristeza chegar à doce

porta, docemente prometida, com tal intruso ao seu lado, sob aquele céu todo

claro!

Bruscamente, o enforcado estacou, erguendo o braço, donde a manga

pendia em farrapos. Era o fim da azinhaga que desembocava em caminho mais

largo e mais batido — e diante deles alvejava o comprido muro

da quinta do senhor de Lara, tendo aí um mirante, com varandins de pedra, e todo revestido de hera.

— Senhor — murmurou o enforcado, segurando com respeito o estribo de

d. Rui — logo a poucos passos deste mirante é a porta por onde deveis

penetrar no jardim. Convém que aqui deixeis o cavalo, amarrado a uma

árvore, se o tendes por seguro e fiel. Que na empresa em que vamos, já é

demais o rumor dos nossos pés!...

Silenciosamente d. Rui apeou, prendeu o cavalo, que sabia fiel e seguro, ao

tronco de um álamo seco.

E tão submisso se tornara àquele companheiro imposto por Deus, que sem

outro reparo o foi seguindo rente do muro que o luar batia.

Com vagarosa cautela, e na ponta dos pés nus, avançava agora o enforcado,

vigiando o alto do muro, sondando a negrura da sebe, parando a escutar

rumores que só para ele eram percebíveis — porque nunca d. Rui conhecera

noite mais fundamente adormecida e muda,

E tal susto, em quem devia ser indiferente a perigos humanos, foi

lentamente enchendo também o valoroso cavaleiro de tão viva desconfiança,

que tirava o punhal da bainha, enrodilhava a capa no braço, e marchava em

defesa, com o olhar faiscando, como num caminho de emboscada e briga.

Assim chegaram a uma porta baixa, que o enforcado empurrou, e que se abriu

sem gemer nos gonzos. Penetraram numa rua ladeada de espessos teixos até

um tanque cheio de água, onde boiavam folhas de nenúfares, e que toscos

bancos de pedra circundavam, cobertos pela rama de arbustos em flor.

—

Por ali! — murmurou o enforcado, estendendo o braço mirrado.

Era, além do tanque, uma avenida que densas e velhas árvores abobadavam

e escureciam. Por ela se meteram, como sombras na sombra, o enforcado

adiante, d. Rui seguindo muito sutilmente, sem roçar um ramo, mal pisando a

areia. Um leve fio de água sussurrava entre relvas. Pelos troncos subiam rosas trepadeiras, que cheiravam docemente. O coração de d. Rui recomeçou a bater

numa esperança de amor.

— Chut! — fez o enforcado.

E d. Rui quase tropeçou no sinistro homem que estacara, com os braços

abertos como as traves de uma cancela. Diante deles quatro degraus de pedra

subiam a um terraço, onde a claridade era larga e livre. Agachados, treparam

os degraus — e ao fundo de um jardim sem árvores, todo em canteiros de

flores bem recortados, orlados de buxo curto, avistaram um

lado da casa batido pela lua cheia. Ao meio, entre as janelas de peitoril fechadas, um balcão de pedra, com manjericões aos cantos, conservava as

vidraças abertas, largamente. O quarto, dentro, apagado, era como um buraco

de treva na claridade da fachada que o luar banhava. E, arrimada contra o

balcão, estava uma escada com degraus de corda.

Então o enforcado empurrou d. Rui vivamente dos degraus para a

escuridão da avenida. E aí, com um modo urgente, dominando o cavaleiro,

exclamou:

— Senhor! Convém agora que me deis o vosso sombreiro e a capa! Vós

quedais aqui na escuridão destas árvores. Eu vou trepar àquela escada e

espreitar para aquele quarto... E se for como desejais, aqui voltarei,
e com

Deus sede feliz...

D. Rui recuou no horror de que tal criatura subisse a tal janela!

E bateu o pé, gritou surdamente:

— Não, por Deus!

Mas a mão do enforcado, lívida na escuridão, bruscamente lhe
arrancou o

sombreiro da cabeça, lhe puxou a capa do braço. E já se cobria, já se

embuçava, murmurando agora, numa súplica ansiosa:

— Não mo negueis, senhor, que se vos fizer grande serviço, ganharei
grande mercê!

E galgou os degraus — estava no alumiado e largo terraço.

D. Rui subiu, atontado, e espreitou. E, oh maravilha!, era ele, d. Rui,
todo

ele, na figura e no modo, aquele homem que, por entre os canteiros
e o buxo

curto, avançava, airoso e leve, com a mão na cintura, a face erguida
risonhamente para a janela, a longa pluma escarlate do chapéu
balançando em

triunfo. O homem avançava no luar esplêndido. O quarto amoroso lá
estava

esperando, aberto e negro. E d. Rui olhava, com olhos que faiscavam,

tremendo de pasmo e cólera. O homem chegara à escada: destracou a capa,

assentou o pé no degrau de corda!

— Oh! lá sobe, o maldito! — rugiu d. Rui.

O enforcado subia. Já a alta figura, que era dele, d. Rui, estava a meio da

escada, toda negra contra a parede branca. Parou!... Não! Não parara: subia,

chegava — já sobre o rebordo da varanda pousara o joelho cauteloso. D. Rui

olhava, desesperadamente, com os olhos, com a alma, com todo o seu ser... E

eis que, de repente, do quarto negro surge um negro vulto, uma furiosa voz

brada:

— Vilão, vilão! — e uma lâmina de adaga faísca, e cai, e outra vez se

ergue, e rebrilha, e se abate, e ainda refulge, e ainda se embebe!... Como

um fardo, do alto da enseada, pesadamente, o enforcado cai sobre a terra mole.

Vidraças, portadas do balcão logo se fecham com fragor. E não houve mais

senão o silêncio, a serenidade macia, a Lua muito alta e redonda no céu de

verão.

Num relance d. Rui compreendera a traição, arrancara a espada, recuando

para a escuridão da avenida — quando, oh maravilha!, correndo através do

terraço, aparece o enforcado, que lhe agarra a manga e lhe grita:

— A cavalo, senhor, e abalar, que o encontro não era de amor, mas de

morte!...

Ambos descem arrebatadamente a avenida, costeiam o tanque sob o

refúgio dos arbustos em flor, metem pela rua estreita orlada de teixos, varam a porta — e um momento param, ofegantes, na estrada, onde a Lua, mais

refulgente, mais cheia, fazia como um puro dia.

E então, só então, d. Rui descobriu que o enforcado conservava cravada no

peito, até aos copos, a adaga, cuja ponta lhe saía pelas costas, luzidia e

limpa!... Mas já o pavoroso homem o empurrava, o apressava:

— A cavalo, senhor, e abalar, que ainda está sobre nós a traição!

Arrepiado, numa ânsia de findar aventura tão cheia de milagre e de horror,

d. Rui colheu as rédeas, cavalgou sofregamente. E logo, em grande pressa, o

enforcado saltou também para a garupa do cavalo fiel. Todo se arrepiou o bom

cavaleiro, ao roçar nas suas costas aquele corpo morto, dependurado de uma

forca, atravessado por uma adaga. Com que desespero galopou então pela

estrada infundável! Em carreira tão violenta o enforcado nem oscilava, rígido

sobre a garupa, como um bronze num pedestal. E d. Rui a cada momento

sentia um frio mais regelado que lhe regelava os ombros, como se levasse

sobre eles um saco cheio de gelo. Ao passar no cruzeiro murmurou:

—

Senhor, valei-me!

Para além do cruzeiro, de repente, estremeceu com o quimérico medo de

que tão fúnebre companheiro, para sempre, o ficasse acompanhando, e se

tornasse seu destino galopar através do mundo, numa noite eterna, levando um

morto à garupa... E não se conteve, gritou para trás, no vento da carreira que os vergastava:

—

Para onde quereis que vos leve?

O enforcado, encostando tanto o corpo a d. Rui que o magoou com os

copos da adaga, segredou:

—

Senhor, convém que me deixeis no Cerro!

Doce e infinito alívio para o bom cavaleiro — pois o Cerro estava perto, e já lhe avistava, na claridade desmaiada, os pilares e as traves

negras... Em breve estacou o cavalo, que tremia, branqueado de espuma,

Logo o enforcado, sem rumor, escorregou da garupa, segurou, como

bom serviçal, o estribo de d. Rui. E com a caveira erguida, a língua negra

mais saída de entre os dentes brancos, murmurou em respeitosa súplica:

— Senhor, fazei-me agora a grande mercê de me pendurar outra vez da

minha trave.

D. Rui estremeceu de horror:

— Por Deus! Que vos enforque, eu?...

O homem suspirou, abrindo os braços compridos:

— Senhor, por vontade de Deus é, e por vontade d'Aquela que é mais cara

a Deus!

Então, resignado, submisso aos mandados do Alto, d. Rui apeou — e começou a seguir o homem, que subia para o Cerro pensativamente, vergando

o dorso, donde saía, espetada e luzidia, a ponta da adaga. Pararam ambos sob a trave vazia. Em torno das outras traves pendiam as outras carcaças. O silêncio era mais triste e fundo que os outros silêncios da Terra. A água da lagoa

enegrecera. A Lua descia e desfalecia.

D. Rui considerou a trave onde restava, curto no ar, o pedaço de corda que

ele cortara com a espada.

— Como quereis que vos pendure? — exclamou. — Àquele pedaço de

corda não posso chegar com a mão: nem eu só basto para lá vos içar.

— Senhor — respondeu o homem — aí a um canto deve haver um longo

rolo de corda, Uma ponta dela me atareis a este nó que trago no pescoço: a

outra ponta a arremessareis por cima da trave, e puxando depois, forte como

sois, bem me podereis reenforçar.

Ambos curvados, com passos lentos, procuraram o rolo de corda. E foí o

enforcado que o encontrou, o desenrolou... Então d. Rui descalçou as luvas. E

ensinado por ele (que tão bem o aprendera do carrasco) atou uma ponta da

corda ao laço que o homem conservava no pescoço, e arremessou fortemente a

outra ponta, que ondeou no ar, passou sobre a trave, ficou pendurada rente ao

chão. E o rijo cavaleiro, fincando os pés, retesando os braços, puxou, içou o

homem, ate ele se quedar, suspenso, negro no ar, como um enforcado natural

entre os outros enforcados.

— Estais bem assim?

Lenta e sumida, veio a voz do morto:

— Senhor, estou como devo.

Então d. Rui, para o fixar, enrolou a corda em voltas grossas ao pilar de pedra. E tirando o sombreiro, limpando com as costas da mão o suor que o

alagava, contemplou o seu sinistro e miraculoso companheiro.
Estava já rígido

como antes, com a face pendida sob as melenas caídas, os pés
inteiriçados,

todo puído e carcomido como uma velha carcaça. No peito
conservava a adaga

cravada. Por cima, dois corvos dormiam quietos.

— E agora que mais quereis? — perguntou d. Rui, começando a
calçar as

luvas.

Sumidamente, do alto, o enforcado murmurou:

— Senhor, muito vos rogo agora que, ao chegar a Segóvia, tudo
conteis

fielmente a Nossa Senhora do Pilar, vossa madrinha, que dela espero
grande

mercê para a minha alma, por este serviço que, a seu mandado, vos
fiz o meu

corpo!

Então, d. Rui de Cárdenas tudo compreendeu — e, ajoelhando devo-
tamente sobre o chão de dor e morte, rezou uma longa oração por
aquele bom

enforcado.

Depois galopou para Segóvia. A manhã clareava, quando ele
transpôs a

Porta de s. Mauros. No ar fino os sinos claros tocavam a matinas. E entrando

na igreja de Nossa Senhora do Pilar, ainda no desalinho da sua terrível

jornada, d. Rui, de rojo ante o altar, narrou a sua Divina Madrinha a ruim

tenção que o levara a Cabril, o socorro que do Céu recebera, e, com quentes

lágrimas de arrependimento e gratidão, lhe jurou que nunca mais poria desejo

onde houvesse pecado, nem no seu coração daria entrada a pensamento que

viesse do Mundo e do Mal.

IV

A essa hora, em Cabril, d. Alonso de Lara, com olhos esbugalhados de

pasmo e terror, esquadrihava todas as ruas e recantos e sombras do seu

jardim.

Quando ao alvorecer, depois de escutar à porta da câmara onde nessa noite

encerrara d. Leonor, ele descera sutilmente ao jardim e não encontrara,

debaixo do balcão, rente à escada, como deliciosamente esperava, o corpo de

d. Rui de Cárdenas, teve por certo que o homem odioso, ao tombar, ainda com

um resto débil de vida, se arrastara sangrando e arquejando, na tentativa de

alcançar o cavalo e abalar de Cabril... Mas, com aquela rija adaga que ele três vezes lhe enterrara no peito, e que no

peito lhe deixara, não se arrastaria o vilão por muitas jardas, e nalgum canto devia jazer frio e inteiriçado. Rebuscou então cada rua, cada sombra, cada

maciço de arbustos. E, oh maravilha!, não descobria o corpo, nem pegadas,

nem terra que houvesse sido remexida, nem sequer rasto de sangue sobre a

terra! E todavia, com mão faminta e certa, três vezes ele lhe embebera a

adaga no peito, e no peito lha deixara!

E era Rui de Cárdenas o homem que ele matara — que muito bem o

conhecera logo, do fundo apagado do quarto donde espreitava, quando ele, à

claridade da Lua, veio através do terraço, confiado, ligeiro, com a mão na

cintura, a face risonhamente erguida e a pluma do sombrero meneando em

triunfo! Como podia ser coisa tão rara — um corpo mortal sobrevivendo a um

ferro que três vezes lhe vara o coração e no coração lhe fica cravado? E a

maior raridade era que nem no chão, debaixo da varanda, onde corria ao longo

do muro uma tira de goivos e cecéns, deixara um vestígio aquele corpo forte,

caindo de tão alto pesadamente, inertemente, como um fardo! Nem uma flor

machucada — todas direitas, viçosas, como novas, com gotas leves de

orvalho! Imóvel de espanto, quase de terror, d. longo de Lara ali parava,

considerando o balcão, medindo a altura da escada, olhando esgazeadamente

os goivos direitos, frescos, sem uma haste ou folha vergada. Depois

recomeçava a correr loucamente o terraço, a avenida, a rua de teixos, na

esperança ainda de uma pegada, de um galho partido, de uma nódoa de sangue

na areia fina.

Nada! Todo o jardim oferecia um desusado arranjo e limpeza nova, como

se sobre ele nunca houvesse passado nem o vento que desfolha, nem o sol que

murcha.

Então, ao entardecer, devorado pela incerteza e mistério, tomou um cavalo,

e sem escudeiro ou cavalariaço, partiu para Segóvia. Curvado e

escondidamente, como um foragido, penetrou no seu palácio pela porta do

pomar: e seu primeiro cuidado foi correr à galeria de abóbada, destrancar as

portadas da janela e espreitar avidamente a casa de d. Rui de Cárdenas. Todas

as gelosias da velha morada do arcediogo estavam escuras, abertas, respirando

a fresquidão da noite — e à porta, sentado num banco de pedra, um moço de

cavalariaço afinava preguiçosamente a bandurra.

D. Alonso de Lara desceu a sua câmara, lívido, pensando que não houvera

certamente desgraça em casa onde todas as janelas se abrem para refrescar, e

no portão da rua os moços folgam. Então bateu as palmas, pediu furiosamente

a ceia. E, apenas sentado, ao topo da mesa,

na sua alta sede de couro lavrado, mandou chamar o intendente, a quem ofereceu logo, com estranha familiaridade, um copo de vinho velho. Enquanto

o homem, de pé, bebia respeitosamente, d. Alonso, metendo os dedos pelas

barbas e forçando a sua sombria face a sorrir, perguntava pelas novas e

rumores de Segóvia. Nesses dias da sua estada em Cabril, nenhum caso criara

pela cidade espanto e murmuração?... O intendente limpou os beiços, para

afirmar que nada ocorrera em Segóvia de que andasse murmuração, a não ser

que a filha do senhor d. Gutierres, tão moça e tão rica herdeira, tomara o véu no Convento das Carmelitas Descalças. D. Alonso insistia, fitando vorazmente

o intendente. E não se travara uma grande briga?... Não se encontrara ferido,

na estrada de Cabril, um cavaleiro moço, muito falado?... O intendente

encolhia os ombros: nada ouvira, pela cidade, de brigas ou de cavaleiros

feridos. Com um aceno desabrido, d. Alonso despediu o intendente.

Apenas ceara, parcamente, logo voltou à galeria a espreitar as janelas de d.

Rui. Estavam agora cerradas; na última, da esquina, tremeluzia uma claridade.

Toda a noite d. Alonso velou, remoendo incansavelmente o mesmo espanto.

Como pudera escapar aquele homem, com uma adaga atravessada no coração?

Como pudera?... Ao luzir da manhã, tomou uma capa, um largo sombreiro,

desceu ao adro, todo embuçado e encoberto, e ficou rondando por diante da

casa de d. Rui. Os sinos tocaram a matinas. Os mercadores, com os gibões mal

abotoados, saíam a erguer as portadas das lojas, a pendurar as tabuletas. Já os hortelões, picando os burros carregados de seiras, atiravam os pregões da

hortaliça fresca, e frades descalços, com o alforje aos ombros, pediam esmola, benziam as moças.

Beatas embiocadas, com grossos rosários negros, enfiavam gulosamente

para a igreja. Depois o pregoeiro da cidade, parando a um canto do adro, tocou uma buzina, e numa voz tremenda começou a ler um edital.

O senhor de Lara, parara junto do chafariz, pasmado, como embebido no

cantar das três bicas de água. De repente pensou que aquele edital, lido pelo

pregoeiro da cidade, se referia talvez a d. Rui, ao seu desaparecimento...

Correu à esquina do adro — mas já o homem enrolara o papel, se afastava

majestosamente, batendo nas lajes com a sua vara branca. E, quando se

voltava para espiar de novo a casa, eis que os seus olhos atônitos encontram d.

Rui, d. Rui que ele matara — e que vinha caminhando para a igreja de Nossa

Senhora, ligeiro, airoso, a face risonha e erguida no fresco ar da manhã, de

gibão claro, de plumas claras,

com uma das mãos pousando na cinta, a outra meneando distraidamente um bastão de borlas e torçal de ouro!

D. Alonso recolheu então a casa com passos arrastados e envelhecidos. No

alto da escadaria de pedra, achou o seu velho capelão, que o viera saudar, e

que, penetrando com ele na antecâmara, depois de pedir, com reverência,

novas da senhora d. Leonor, lhe contou logo de um prodigioso caso, que

causava pela cidade grave murmuração e espanto. Na véspera, de tarde, indo o

corregedor visitar o cerro das forcas, pois se acercava a festa dos Santos

Apóstolos, descobrira, com muito pasmo e muito escândalo, que um dos

enforcados tinha uma adaga cravada no peito! Fora gracejo de um pícaro

sinistro? Vingança que nem a morte saciara?... E para maior prodígio ainda, o

corpo fora despendurado da forca, arrastado em horta ou jardim (pois que

presas aos velhos farrapos se encontraram folhas tenras) e depois novamente

enforcado e com corda nova!... E assim ia a turbulência dos tempos, que nem

os mortos se forraram a ultrajes!

D. Alonso escutava com as mãos a tremer, os pêlos arrepiados. E

imediatamente, numa ansiosa agitação, bradando, tropeçando contra as portas,

quis partir, e por seus olhos verificar a fúnebre profanação. Em duas mulas

ajaezadas à pressa, ambos abalaram para o Cerro dos Enforcados, ele e o

capelão arrastado e aturdido. Numeroso povo de Segóvia se juntara já no

cerro, pasmando para o maravilhoso horror — o morto que fora morto!...

Todos se arredaram ante o nobre senhor de Lara, que se arremessara pelo

cabeço acima; estacou a olhar, esgazeado e lívido, para o enforcado e para a

adaga que lhe varava o peito. Era a sua adaga — fora ele que matara o morto!

Galopou espavoridamente para Cabril. E ai se encerrou com o seu segredo,

começando logo a amarelecer, a definhar, sempre arredado da senhora d.

Leonor, escondido pelas ruas sombrias do jardim, murmurando palavras ao

vento, até que na madrugada de s. João, uma serva, que voltava da fonte com a

sua bilha, o encontrou morto, por baixo do balcão de pedra, todo estirado no

chão, com os dedos encravados no canteiro de goivos, onde parecia ter

longamente esgaravatado a terra. e procurado...

V

Para fugir a tão lamentáveis memórias, a senhora d. Leonor, herdeira de

todos os bens da Casa da Lara, recolheu ao seu palácio de Segóvia.

Mas como agora sabia que o senhor d. Ruí de Cardenas escapara

miraculosamente à emboscada de Cabril, e como cada manhã, espreitando de

entre as gelosias, meio cerradas, o seguia, com olhos que se não fartavam e se umedeciam, quando ele cruzava o adro para entrar na igreja, não quis ela, com

receio das pressas e impaciências do seu coração, visitar a Senhora do Pilar

enquanto durasse o seu luto. Depois, uma manhã de domingo, quando, em vez

de crepes negros, se pôde cobrir de sedas roxas, desceu a escadaria do seu

palácio, pálida de uma emoção nova e divina, pisou as lajes do adro, transpôs

as portas da igreja. D. Rui de Cardenas estava ajoelhado diante do altar, onde depusera o seu ramo votivo de cravos amarelos e brancos. Ao rumor das sedas

finas, ergueu os olhos com uma esperança muito pura e toda feita de graça

celeste, como se um anjo o chamasse. D. Leonor ajoelhou, com o peito a arfar,

tão pálida e tão feliz que a cera das tochas não era mais pálida, nem mais

felizes as andorinhas que batiam as asas livres pelas ogivas da velha igreja.

Ante esse altar, e de joelhos nessas lajes, foram eles casados pelo bispo de

Segóvia, d. Martinho, no outono do ano da graça de 1475, sendo já reis de

Castela Isabel e Fernando, muito fortes e muito católicos, por quem Deus

operou grandes feitos sobre a terra e sobre o mar.

Raul Brandão

Um rei que vivia enclausurado num castelo inóspito e que "odiava a vida", uma árvore que servira de forca, o amor de dois mendigos — e a morte

que "em lugar da foice simbólica, pela primeira vez trazia nas mãos um ramo de árvore". Eis o conto. Eis um escritor marcante da melhor

literatura portuguesa, que aqui publicamos, salvo erro, pela primeira vez

entre nós. Fausto Cunha, há muitos anos, foi quem me falou deste

simbolista e decadentista convicto. Mais cio que isto: Raul Brandão

(1867-1930) foi um precursor do realismo e do romance moderno, com

Húmus (1917); escreveu, entre outros. Os pescadores (1923) e os contos de A morte do palhaço e O mistério da árvore (1926). À sombra desta árvore, um Conto para ser admirado, um autor para ser notado.

O mistério da árvore

ESGALHADA E SECA. OS SEUS FRUTOS ERAM CADÁVERES OU CORVOS. Ninguém se

lembrava que tivesse dado folhas nem flor, a árvore enorme que havia séculos

servia de forca: ninguém se deitava à sua sombra, e até o sol fugia da árvore

estarrécida e hirta que havia séculos servia de forca.

Em frente ficava o Palácio real, construído num bloco de pedra escura, e sô

o Rei, de alma igual à sua alma, nua e trágica, se pusera a amá-la, a árvore

triste que havia séculos servia de forca.

Que doença estranha, lenta mas tenaz, matava o Rei?... Só amava os

crepúsculos, as agonias da luz, o passado, e a multidão silenciosa vinha vê-lo, ao fim da tarde, de cabeça encostada aos vidros das janelas, fixo o olhar nas

águas verdes e limosas e no espectro da árvore levantada diante do Palácio.

Tudo que era vivo fugira de ao pé dele, porque o Rei mandava punir a

mocidade e o amor, e dez léguas à roda o país tinha sido assolado pelos seus

guerreiros brutais. Mandara queimar tudo, devastar tudo no seu reino. Nem

uma folha nem uma ave — nem um sinal de vida. De pé unicamente a árvore,

desde séculos estarrecida e hirta, a árvore maldita que no seu reino servia de força.

No silêncio tumular do Palácio os passos do Rei ecoavam pelos corredores

desertos, lentos ou precipitados, conforme o pensamento tenaz que o

devorava, gastando pouco a pouco as lajes duras do chão. Não podia amar.

Nem a voluptuosidade, nem o ideal, nem o amor, nem a carne láctea das

mulheres tudo the era vedado. Horas atrás de horas se

ouviam no Palácio os passos do Rei doente, toda a noite, toda a noite a rondar...

Sucedeu que veio a primavera e todas as árvores, para lá do território

assolado, estremeceram e se cobriram de flor, Borboletas nascidas do seu

hálito noivavam no azul, e dois mendigos amorosos, de países lendários,

entraram e perderam-se naquela terra praguenta, ela envolta na poalha dos

cabelos louros, ele feliz e esbelto, preso ao seu olhar. Eram pobres. E assim, apenas vestidos, vieram enlaçados com a primavera, cobrindo a terra erma,

que calcavam, de vida e de amor. Eram pobres e felizes. Flores esvoaçavam

pela sua nudez, e as macieiras dos quintais deitavam galhos fora dos muros, de propósito para os ver passar.

Azul, sonho, entontecimento, toda a atmosfera estremecia. Só o Rei no

Palácio deserto vivia braço a braço com a dor. A vida, a luz, as árvores

enojavam-no. Queria todo o país negro, deserto e escaldado; e o amor que

trespassava a terra e os bichos, a própria morte que tudo transforma, lhe

pareciam abominação e afronta. Odiava a vida. Mas deitava-se e sentia

palpitar as fragas: os montes eram seios duros, as árvores cabelos ao vento.

Para não ver, encerrava-se no Palácio construído dum bloco de pedra, e

sozinho ficava então de olhos postos na árvore. Contemplava-a. Como o Rei,

ela era seca e hirta — fora-o sempre — e os seus frutos cadáveres ou corvos.

À passagem de Abril e dos mendigos, tudo à volta se transformava: só ela

quedava inerte diante da vida e do amor, a árvore trágica que havia séculos

servia de forca.

Um dia o Rei soube que dois seres felizes haviam transposto as fronteiras e

mandou-os logo prender. Nas últimas noites sentira-os nos espinheiros

túmidos, nos sapos dos caminhos que pareciam extáticos, nas coisas que

estremeciam, na noite magnética cheia de murmúrios, no vento que atirava

para o castelo ramos de árvores luminosos. Punha-se de ouvido à escuta, e a

terra, a noite e o mar sufocados iam talvez falar, iam enfim falar!...

Quando os soldados os trouxeram ao Palácio, com eles entrou um bafo

novo: cheiravam a sol e à lama dos caminhos e pegava-se-lhes húmus aos pés

descalços. A vida rompeu por aquele túmulo dentro e, pois que iam morrer,

dir-se-ia que a morte, em lugar da foice simbólica, pela primeira vez trazia nas mãos um ramo de árvore.

Dois mendigos e amavam-se! Nem sequer eram extraordinariamente belos,

mas deles irradiava uma força imensa — daquela moça sardenta, com

resquícios de palha pegados aos cabelos, daquele homem cuja

carne aparecia entre os farrapos. Não davam pelo Rei, não davam pela Morte.

Amavam-se. Atreviam-se num país que ele mandara assolar para que nunca

mais diante de seus olhos pudesse aparecer a imagem da vida e do amor!

Olhou-os o Rei durante alguns minutos em silêncio, e depois fez um gesto

aos carrascos, que logo se apoderaram deles e os levaram. Sorriam-se os

mendigos cheios de terra e ervas, e, enlevados, olharam um para o outro,

ignorando o que se passava em volta — olhos nos olhos, mãos nas mãos...

Noite negra, o Rei subiu sozinho ao terraço. Restos de nuvens, restos de

mantos esfarrapados arrastavam-se pelo céu. A árvore onde os dois haviam

sido enforcados, mal se distinguia no escuro; mas de lá vinha um frêmito, a

sua agonia talvez, e uma claridade, os seus corpos decerto. Em vão reduzira

tudo a cinzas — por baixo das cinzas latejava a vida. Toda a terra parecia

fermentar. Ouvia murmúrios. Se as árvores falassem! se as árvores e as coisas

dissessem tudo que sabem! A água chalrava, perdia-se em fios pela terra. Mas

então ele não mandara secar as fontes? Vozes, mais vozes ainda no escuro, a

voz baixinha e humilde das árvores cheias de folha, que o vento chegava umas

para as outras... Mas então ele não mandara despir para sempre as árvores?

Pior... Mais fundo ainda, no negrume opaco da noite, o sussurro da vida —

como se ele não tivesse mandado espezinhar a vida!... Encostado à muralha,

passou a noite absorto. As nuvens galopavam, o grasnido dos corvos aflagia-

o... Porque não iria ele também ser macieira, mendigos, húmus? transformar a

dor em felicidade? beber o sol arrastado na aluvião da vida? Oh como odiava a

mocidade, a ternura, os lábios moços que se beijam!...

Só a árvore esgalhada e seca o prendia ainda. a árvore sinistra que no seu

reino servia de força.

Ficou até de manhã de olhos postos naquele fantasma triste e enorme,

negro como as idéias negras que tecia, seco como a sua própria alma — a

árvore desmedida que no seu reino servia de força... Começaram os cerros a

tingir-se de violeta, as árvores a azular, e a força, em que se absorvia, a

destacar-se de entre a névoa, a árvore esgalhada e imensa que havia séculos

perdera a seiva e a vida.

Súbito ficou imóvel de espanto. Aquecida com o amor de dois mendigos,

tinha o galho em que pendiam enforcados cheiinho de flor. Dura e má como as

pragas juntara no ramo que os cobria toda a flor que a terra assolada não

puñera produzir. Era nada, quase nada. algumas flores

miudinhas prestes a sumirem-se ao primeiro sopro — era dor estreme e sonho estreme. Nos seus braços haviam sido enforcados muitos desgraçados e as

suas raízes mortas pelas lágrimas de aflição. Tolhida com os gritos, não bebia água nem sugava húmus. Vira passar homens, primaveras e reinados, sem se

comover, mão arrepelada a amaldiçoar a terra e o castelo. Assistira a

transformações de solo, a tempestades, a cataclismos e a guerras, sempre

petrificada como a morte — e naquela noite, trespassada pelo amor dos dois

mendigos, desentranhara-se em ternura, como se nela se concentrasse toda a

paixão, a primavera e o noivado da terra — a árvore maldita que desde séculos

servia de força.

João Guimarães Rosa

O fantástico nesse conto — e isso valeria para tantas páginas de Grande sertão : veredas — não tem as tintas fortes que caracterizaram, por

exemplo, o fantástico do século XIX. Ele vem com cores suaves,

aqueledas quase, mesclando-se com tonalidades metafísicas ou, vã lã,

espirituais. Na tranqüila cidadezinha de Serro Frio, em Minas, "deram-se os fatos de pavoroso acontecer". Nas palavras de Jose Kekende, uma

versão capiau do "idiota da aldeia": "... o rojo de vento e grandeza de nuvem, em resplendor, e nela, entre fogo, se movendo uma artimanha

amarelo-escuro, avoante trem, chato e redondo, com redoma de vidro

sobreposta, azulosa, e que, pousando, de dentro, desceram os arcanjos,

mediantes rodas, labaredas e rumores." Disco voador; seres

extraterrestres? O que importa aqui é a chegada de um estranho perso-

nagem (arcanjo?) na comunidade: não um anjo exterminador — como na

Bíblia, em Buñuel ou Pasolini. Apenas um homem muito branco: "Tão

branco; mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado

de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade." E o que

ele provoca nos matutos do Serro Frio roseano e na ação da estória, é o

que o leitor vai ler: "Um moço muito branco" é um dos mais marcantes contos de Primeiras Estórias (1962). Nos sessenta anos da publicação de

Sagarana e cinqüenta de Grande sertão: veredas (em 2006, quando termino esta antologia), incluir João Guimarães Rosa numa antologia

vale como tripla homenagem: a ele, ao leitor e a nós, organizadores, pois, como se sabe, é rara a presença do autor em obras coletivas.

Um moço muito branco

NA NOITE DE 11 DE NOVEMBRO DE 1872, na comarca do Serro Frio.
em Minas

Gerais, deram-se fatos de pavoroso suceder, referidos nas folhas da época e

exarados nas Efemérides. Dito que um fenômeno luminoso se projetou no

espaço, seguido de estrondos, e a terra se abalou, num terremoto que sacudiu

os altos, quebrou e entulhou casas, remexeu vales, matou gente sem conta;

caiu outrossim medonho temporal, com assombrosa e jamais vista inundação,

subindo as águas de rio e córregos a sessenta palmos da plana. Após os

cataclismos, confirmou-se que o terreno, em raio de légua, mudara de feições:

só escombros de morros, gotas escancaradas, riachos longe transportados,

matos revirados pelas raízes, solevados novos montes e rochedos, fazendas

sovertidas sem resto — rolamentos de pedra e lama tapando o estado do chão.

Mesmo a distância do astroso arredor, a muita criatura e criação pereceu,

soterradas ou afogadas. Outros vagavam ao deus-dar, nem sabendo mais, no

avesso, os caminhos de outrora.

Donde, no termo de semana, dia de São Felix, confessor, o caso de vir ao

pátio da Fazenda do Casco, de Hilário Cordeiro, com sede quase dentro da rua

do Arraial do Oratório, um coitado fugitivo desses, decerto persuadido da

fome: o moço, pasmo. O que foi quando subitamente, e era moço de distintas

formas, mas em lástima de condições, sem o restante de trapos com que se

compor, pelo que enrolado em pano, espécie de manta de cobrir cavalos,

achada não se supõe onde; e, assim em acanho, foi ele avistado, de muito

manhã, aparecendo e se

escondendo por detrás do cercado das vacas. Tão branco; tuas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter

por dentro da pele uma segunda claridade. Sobremodo se assemelhava a esses

estrangeiros que a gente não depara nem nunca viu; fazia para si outra raça.

Seja que da maneira ainda hoje se conta, mas transtornado incerto, pelo

decorrer do tempo, porquanto narrado por filhos ou netos dos que eram

rapazes, quer ver que meninos, quando em boa hora o conheceram, Hilário Cordeiro, sendo homem cordial para os pobres. temente e bom, e

mais ainda nesse pós-tempo de calamidade, em que parentes dele mesmo

tinham sofrido morte e arrastos totais, não duvidou em lhe deferir

hospedamento, cuidando de adequar-lhe roupa e botinas, desde lhe dar o de

comer. E o que era mister de benemerência, porquanto o moço, com os sustos

e baques, passara por desgraça extraordinária: perdida a completa memória de

si, sua pessoa, além do uso da fala. Esse moço, pois, para ele sendo igual

matéria o futuro que o passado? Nada ouvindo, não respondia, nem que não,

nem que sim; o que era coisa de compaixão e lamentosa. Nem fizesse por

entender, isto é, entendia, às vezes ao contrário, os gestos. Dado que uma

graça já devia de ter, não se lhe podia pôr outro nome, não adivinhado; nem se soubesse de que geração fosse — o filho de nenhum homem.

De tanto que chegou lá, e nos dias, compareceram os vários moradores, por

sua causa, de há-de o que achassem. Tonto, não era. Só aquela intenção

sonhosa, o certo cansaço do ar. Surpreendente, contudo, o que assaz observava, resguardado, até espreitasse por miúdo os vezos de coisas e

peçoas; o que, porém, melhor se viu pelo depois. Gostou-se dele. Quiçá mais

o preto José Kakende, escravo meio alforriado de um músico sem juízo, e ele

próprio de idéia conturbada; por último, então, delirado varrido, pelo fato de padecidos os grandes pavores, no lugar do Condado: girava agora por aqui e

ali, a pronunciar advertências e desorbitadas sandices — querendo pôr em pé

de verdade portentosa aparição que teria enxergado, nas margens do Rio do

Peixe, na véspera das catástrofes. Do moço, pois, só não se engraçou, antes já de abinício o malquerendo — e o reputando por vago e malfeitor a rebuço,

digno, noutros tempos, de degredo em África e nos ferros de el-rei — um

chamado Duarte Dias, pai da mais bela moça, por nome Viviana; e do qual se

sabia ser homem de gênio forte, além de maligno e injusto, sobre

prepotências: naquele coração não caía nunca uma chavinha. Não se lhe deu

exata atenção.

Mas levaram o moço à missa, e ele portou-se, não fez modos de crer nem inerer. Cantoria e músicas do coro, escutasse, no sério sentimental. Triste,

dito, não; mas: como se conseguisse, em si, mais saudade que as demais

pessoas, saudade inteirada, a salvo do entendimento, e que por tanto se

apurava numa maior alegria — coração de cão com dono. Seu sorriso às vezes

parava, referido a outro lugar, outro tempo. Sorrindo mais com o rosto, senão

com os olhos; suposto que nunca se lhe viram os dentes. Padre Bayão, antes

de com ele bondosamente conferir, de improviso lhe representou diante o

signo-da-cruz: e ele não mostrou o desagrado da matéria. Estava nas altas

atmosferas, aumentava a sua presença. " *Comparados com ele, nós todos, comuns, temos os semblantes duros e o aspecto de má fadiga constante.*"

Traços estes consignados pelo mesmo padre, em carta de punho e firma, para

testemunho do esquisito, ao cônego Lessa Cadaval, da Sé de Mariana. Na qual

igualmente dá menção do preto José Kakende, que na mesma ocasião se lhe

acercou, com altas e despauteradas falas, por impor sua visão da beira do rio:

... "o rojo de vento e grandeza de nuvem, em resplendor; e nela, entre fogo, se movendo uma artimanha amarelo-escura, avoante trem, chato e redondo,

com redoma de vidro sobreposta, azulosa, e que, pousando, de dentro,

desceram os arcanjos, mediante rodas, labaredas e rumores." E, com o

mesmo risonho José Kakende, veio Hilário Cordeiro trazendo de volta para

casa o moço, num extrato de desvelo, como se o vero pai dele fosse.

Mas à porta da igreja se achava um cego. Nicolau, pedidor, o qual, o moço

em o vendo, olhou-o sem medida e entregadamente — contam que seus olhos

eram cor-de-rosa! — e foi em direitura a ele, dando-lhe rápida partícula, tirada da algibeira. Ora, estando o cego debaixo do sol, e corrido de suor, a almas

crístãs devia de causar meditação o contraste de tanto padecer o calor do astro-rei aquele que nem as belezas da luz podia gozar. O cego, apalpando a dádiva

na mão, em guisa de cogitar em que estúrdia casta de moeda ela consistisse, e

se dissertando logo que nenhuma, a levou prestes à boca; ao que, seu menino

guia o advertiu: que não seria artigo de se comer, mas espécie de caroço de

árvore. Então o cego guardou, com irados ciúmes e por diversos meses, aquela

semente, que só foi plantada após o remate dos fatos aqui ainda por narrar: e

deu um azulado pé de flor, da mais rara e inesperada: com entrespecto de

serem várias flores numa única, entremeadas de maneira impossível, num

primor confuso, e, as cores, ninguém a respeito delas concordou, por desconhecidas no século: definhada, com pouco), e

secada, sem produzir outras sementes nem mudas, e nem os insetos a sabiam procurar.

No que, porem, acabada de se passar aquela cena, surgia no adro Duarte

Dias, mais uns companheiros e serviçais, para opor a surpresa de uma

exigência e fazer problema: queria carregar consigo o moço, sobre

fundamento de que, pela brancura da tez e delicadezas mais, devia de ser um

dos Rezendes, seus parentes, desaparecidos no Condado, no terremoto; e que,

pois, até o reconhecimento de alguma notícia, competia-lhe o ter em custódia,

pelo costume. Sendo que Hilário Cordeiro pronto contestou o postulado, e o

argumento por um nada terminava em desavença séria. Duarte Dias porfiando

e se excedendo, do que só tornou em si ante o parecer de Quincas Mendanha,

do Serro, notável na política e provedor da Irmandade.

E, todavia, de seu zelo, mais para diante. Hilário Cordeiro iria ter melhor

razão, eis que tudo lhe passou a dar sorte, quer na saúde e paz, em sua casa,

seja no assaz prosperar dos negócios, cabedais e haveres. E não que o moço

lhe facultasse ajuda, na sujeição de serviço ou no vagar a algum ofício, em

que, de feito, nem pudesse dar descargo de si — com as mãos não calejadas,

alvas e finas, de homem-de-palácio. Ele andava muito na lua, passeava por

todo o lugar e alhonde, praticando aquela liberdade vaporosa e o espírito de

solidão; parecesse alquebrado de um feitiço, segundo os dizeres do povo. Não

embargando que grandes partes tivesse, para o que fosse de funções de

engenhos, ferramentas e máquinas, ao que se prestava, fazendo muitas

invenções e desembaraçando as ocasiões, ladino, cuidadoso e acordado. De

estranha memória, só, pois, a de olhar ele sempre para cima, o mesmo para o

dia que para a noite — espiador de estrelas. Que vezes, porém, mais lhe

prouvesse o divertimento de acender fogos, sendo de reparo o quanto se

influiu, pelo São João, nas tantas e tamanhas fogueiras de festa.

Do que adveio, justo, o caso da moça Viviana, sempre mal contado. O que

foi quando ele lá apareceu, acompanhado do preto José Kakende, e deu com a

moça, mui bonita, mas que não se divertia ao igual das outras: e ele se chegou muito a ela, gentil e espantoso, lhe pôs a palma da mão no seio,

delicadamente. Ora, sendo assim a moça Viviana a mais formosa, tinha-se

para admirar que a beleza do feitio lhe não servisse para transformar, no

interior, a própria e vagarosa tristeza. Mas. Duarte Dias, o pai, e que a isso assistia, prorrompeu em pleiteantes brados de: — "Tem que

casar! Agora, tem de casar!" — com instância. Afirmava

que o moço era homem, e um, e ainda mancebo, e lhe infamara a filha, devendo-lhe de a tomar por consorte e arcar com o estado de casado. O moço

ouvia, de boa concórdia, e nem por isso. Mas a grita de Duarte Dias só teve

termo, quando o padre Bayão, e outros dos mais velhos, lhe rejeitaram tão

descabidas fúrias e insensatez. Também a moça Viviana, com raios

sorrisos, o serenava. Ela, que, a partir dessa hora, despertou em si um enfim de alegria, para todo o restante de sua vida, donde um dom. Apenas que. Duarte

Dias — o que não se entende — ia produzir ainda outros lances de estupefação, eis-aqui.

De tal guisa que, para o alvoroço de todos, no dia da missa da Dedicção

de Nossa Senhora das Neves e vigília da Transfiguração, 5 de agosto, ele veio

à Fazenda do Casco, requerendo falar com Hilário Cordeiro. Também o moço

lá estava. Outrovisto, e nunca desairoso — a gente espiava, e pensava num

logo luar. Então. Duarte Dias declarou: suplicava deixassem-no levar o moço,

para sua casa. Que queria assim, e necessitava, muito, não por ambicioso

ou impostor, nem por interesses somenos, mas por a ele ter cobrado, com

contrições de escrúpulo, a fortíssima estima de afeição! Dizia, e desgovernava as palavras, alterado, enquanto que dos olhos lhe corriam bastas lágrimas. Ora, não se compreendendo o descabelo de passo tão contrariado: o de um homem

que, para manifestar o amor, ainda não dispunha mais que dos arrebatados

meios e modos da violência. Mas, o moço, claro como o olho do sol, o pegou

da mão, e, com o preto José Kakende, o foi conduzindo pelos campos —

depois se soube que a terras dele mesmo. Duarte, aonde à tapera de uma

olaria. E lá indicou que mandasse cavar: com o que se achou, ali, uma grupiara de diamantes; ou um painelão de dinheiro, segundo diversa tradição. Por arte

de qual prodígio. Duarte Dias pensou que ia virar riquíssimo, e mudado de

fato esteve, da data por diante, em homem sucinto, virtuoso e bondoso,

surpendentemente, consoante o asseverar sobremaravilhado dos coevos.

Mas, por contra, no dia da venerada Santa Brígida, de voz comum de novo

dele se soube: o moço, plácido. Disse-se, que saíra, na véspera, de paragem,

pelos altos, num de seus desapareceres: era um tempo de trovoadas secas. José

Kakende contava somente que o ajudara a acender, de secreto, com formato,

nove fogueiras: e, mais, o Kakende soubesse apenas repetir aquelas suas

velhas e divagadas visões — de nuvem, chamas, ruídos, redondos, rodas,

geringonça e entes. Com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas.

Todos singularmente se deploraram, para nunca, mal em pensado.

Duvidavam dos ares e montes; da solidez da terra. Duarte Dias, de dó, veio a

falecer; mas a filha, a moça Viviana, conservou sua alegria. José Kakende

conversou muito com o cego. Mario Cordeiro, e outros, diziam experimentar

uma saudade e meia-morte, só de imaginarem nele. Ele cintilava ausente,

aconteceu. Pois. E mais nada.

Murilo Rubião

O fantástico, na modernidade, é aquele que passa por Kafka e pelo

surrealismo (leia-se a descoberta do inconsciente por Freud), e um bom

exemplo desta contemporaneidade é o nosso Murilo Rubião (1916-1991).

Como se isso não bastasse, ele foi o precursor do chamado realismo mágico

latino-americano surgido com Carpentier Garcia Márquez e outros, só nos

anos 1960. O livro de estréia de Murilo. O ex-mágico, é de 1947. Seus

livros subseqüentes — A estrela vermelha (1953), Os dragões e outros contos (1965), O pirotécnico Zacarias (1974) e O convidado (1974) —

configuram uma obra pequena e sólida dentro da nossa literatura. Ele

conseguiu, sendo "filho" de Kafka e de Machado de Assis, nos legar uma obra pessoal. Em "Teleco, o coelhinho", o autor utiliza, como diz Bráulio Tavares, "um tema clássico do fantástico (a metamorfose) e outro dos

contos mitológicos e populares (os animais falantes) para construir uma

narrativa que tem por sob seu feitio surrealista um conflito emocional

puramente humano, como num curta-metragem de animação".

Teleco, o coelhinho

"Três coisas me são difíceis
de entender. e uma quarta
eu a ignoro completamente:
o caminho da águia no ar.
o caminho da cobra sobre
a pedra, o caminho da nau
no meio do mar,
e o caminho do homem
na sua mocidade."

Provérbios, xxx, 18 e 19.

— MOÇO, ME DÁ UM CIGARRO?

A voz era sumida, quase um sussurro. Permaneci na mesma posição
em

que me encontrava, frente ao mar, absorvido com ridículas
lembranças. O

importuno pedinte insistia:

— Moço, oh! moço! Moço, me dá um cigarro?

Ainda com os olhos fixos na praia, resmunguei:

— Vá embora. moleque, senão chamo a polícia.

— Está bem, moço. Não se zangue. E, por favor, saia da minha
frente. que

eu também gosto de ver o mar.

Exasperou-me a insolência de quem assim me tratava e virei-me, disposto a

escorraçá-lo com um pontapé. Fui desarmado, entretanto. Diante de mim

estava um coelhinho cinzento, a me interpelar delicadamente:

— Você não dá é porque não tem, não é, moço?

O seu jeito polido de dizer as coisas comoveu-me. Dei-lhe o cigarro e

afastei-me para o lado, a fim de que melhor ele visse o oceano. Não fez

nenhum gesto de agradecimento, mas já então conversávamos como

velhos amigos. Ou, para ser mais exato, somente o coelhinho falava. Contava-me acontecimentos extraordinários, aventuras tamanhas que o supus com mais

idade do que realmente aparentava.

Ao fim da tarde, indaguei onde ele morava. Disse não ter morada certa. A

rua era o seu pouso habitual. Foi nesse momento que reparei nos seus olhos.

Olhos mansos e tristes. Deles me apiedei e convidei-o a residir comigo. A casa era grande e morava sozinho — acrescentei.

A explicação não o convenceu. Exigiu-me que revelasse minhas reais

intenções:

—

Por acaso, o senhor gosta de carne de coelho?

Não esperou pela resposta:

—

Se gosta, pode procurar outro, porque a versatilidade é o meu fraco,

Dizendo isto, transformou-se numa girafa.

— À noite — prosseguiu — serei cobra ou pombo. Não lhe importará a

companhia de alguém tão instável?

Respondi-lhe que não e fomos morar juntos.

Chamava-se Teleco.

Depois de uma convivência maior, descobri que a mania de

metamorfosar-se em outros bichos era nele simples desejo de agradar ao

próximo. Gostava de ser gentil com crianças e velhos, divertindo-os com

hábeis malabarismos ou prestando-lhes ajuda. O mesmo cavalo que, pela

manhã, galopava com a gurizada, à tardinha, em lento caminhar, conduzia

anciãos ou inválidos as suas casas.

Não simpatizava com alguns vizinhos, entre eles o agiota e suas irmãs, aos

quais costumava aparecer sob a pele de leão ou tigre. Assustava-os mais para

nos divertir que por maldade. As vítimas assim não entendiam e se queixavam

à polícia, que perdia o tempo ouvindo as denúncias. Jamais encontraram em

nossa residência, vasculhada de cima a baixo, outro animal além do coelhinho.

Os investigadores irritavam-se com os queixosos e ameaçavam prendê-los.

Apenas uma vez tive medo de que as travessuras do meu irrequieto

companheiro nos valessem sérias complicações. Estava recebendo uma das

costumeiras visitas do delegado, quando Teleco, movido por imprudente

malícia, transformou-se repentinamente em porco do mato. A mudança e o retorno ao primitivo estado foram bastante rápidas para

que o homem tivesse tempo de gritar. Mal abrisse a boca, horrorizado, novamente tinha diante de si um pacífico coelho:

— O senhor viu o que eu vi?

Respondi, forçando uma cara inocente, que nada vira de anormal.

O homem olhou-me desconfiado, alisou a barba e, sem se despedir, ganhou

a porta da rua.

A mim também pregava-me peças. Se encontrava vazia a casa, já sabia que

ele andava escondido em algum canto, dissimulado em algum pequeno

animal. Ou mesmo no meu corpo sob a forma de pulga, fugindo-me dos

dedos, correndo pelas minhas costas. Quando começava a me impacientar e

pedia-lhe que parasse com a brincadeira, não raro levava tremendo susto.

Debaixo das minhas pernas crescera um bode que, em disparada me transportava até o quintal. Eu me enraivecia, prometia-lhe uma boa surra.

Simulando arrependimento. Teleco dirigia-me palavras afetuosas e logo

fazíamos as pazes.

No mais, era o amigo dócil, que nos encantava com inesperadas mágicas.

Amava as cores e muitas vezes surgia transmudado em ave que as possuía

todas e de espécie inteiramente desconhecida ou de raça já extinta.

— Não existe pássaro assim!

— Sei. Mas seria insípido disfarçar-me somente em animais conhecidos.

O primeiro atrito grave que tive com Teleco ocorreu um ano após nos

conhecermos. Eu regressava da casa da minha cunhada Emi, com quem

discutira asperamente sobre negócios de família. Vinha mal-humorado e a

cena que deparei, ao abrir a porta da entrada, agravou minha irritação. De

mãos dadas, sentados no sofá da sala de visitas, encontravam-se uma jovem

mulher e um mofino canguru. As roupas dele eram mal talhadas, seus olhos se

escondiam por trás de uns óculos de metal ordinário.

—

O que deseja a senhora com esse horrendo animal? — perguntei, aborrecido por ver minha casa invadida por estranhos.

—

Eu sou o Teleco — antecipou-se, dando uma risadinha.

Mirei com desprezo aquele bicho mesquinho, de pêlos ralos, a denunciar

subserviência e torpeza. Nada nele me fazia lembrar o travesso coelhinho.

Neguei-me a aceitar como verdadeira a afirmação, pois Teleco não sofria

da vista e se quisesse apresentar-se vestido teria o bom gosto de escolher

outros trajes que não aqueles.

Ante a minha incredulidade, transformou-se numa perereca. Saltou por cima dos móveis, pulou no meu colo. Lancei-a longe, cheio de asco.

Retomando a forma de canguru, inquiriu-me, com um ar extremamente

grave:

—

Basta esta prova?

—

Basta. E daí? O que você quer?

—

De hoje em diante serei apenas homem.

— Homem? — indaguei atônito. Não resisti ao ridículo da situação e dei

uma gargalhada:

— E isso? — apontei para a mulher. — É uma lagartixa ou um filhote de

salamandra?

Ela me olhou com raiva. Quis retrucar, porém ele atalhou:

—

É Tereza. Veio morar conosco. Não é linda?

Sem dúvida, linda. Durante a noite, na qual me faltou o sono, meus pensamentos giravam em torno dela e da cretinice de Teleco em afirmar-se

homem.

Levantei-me de madrugada e me dirigi à sala, na expectativa de que os

fatos do dia anterior não passassem de mais um dos gracejos do meu

companheiro.

Enganava-me. Deitado ao lado da moça, no tapete do assoalho, o canguru

ressonava alto. Acordei-o, puxando-o pelos braços:

— Vamos. Teleco, chega de trapaça.

Abriu os olhos, assustado, mas, ao reconhecer-me, sorriu:

– Teleco?! Meu nome é Barbosa. Antônio Barbosa, não é. Tereza? Ela,

que acabara de despertar, assentiu, movendo a cabeça. Explodi, encolerizado:

— Se é Barbosa, rua! E não me ponha mais os pés aqui, filho de um rato!

Desceram-lhe as lágrimas pelo rosto e, ajoelhado, na minha frente, acariciava minhas pernas, pedindo-me que não o expulsasse de casa, pelo

menos enquanto procurava emprego.

Embora encarasse com ceticismo a possibilidade de empregar-se um canguru, seu pranto me demoveu da decisão anterior, ou, para dizer a verdade

toda, fui persuadido pelo olhar súplice de Tereza que, apreensiva, acompanhava o nosso diálogo.

Barbosa tinha hábitos horríveis. Amiúde cuspi no chão e raramente tomava banho, não obstante a extrema vaidade que o impelia a ficar

horas e horas diante do espelho. Utilizava-se do meu aparelho de barbear, da minha escova de dentes e pouco serviu comprar-lhe esses objetos, pois

continuou a usar os meus e os dele. Se me queixava do abuso, desculpava-se,

alegando distração.

Também a sua figura tosca me repugnava. A pele era gordurosa, os

membros curtos, a alma dissimulada. Não media esforços para me agradar,

contando-me anedotas sem graça, exagerando nos elogios a minha pessoa.

Por outro lado, custava tolerar suas mentiras e, às refeições, a sua maneira

ruidosa de comer, enchendo a boca de comida com auxílio das mãos.

Talvez por ter-me abandonado aos encantos de Tereza, ou para não desagradá-la, o certo é que aceitava, sem protesto, a presença incômoda de

Barbosa.

Se afirmava ser tolice de Teleco querer nos impor sua falsa condição humana, ela me respondia com uma convicção desconcertante:

— Ele se chama Barbosa e é um homem.

O canguru percebeu o meu interesse pela sua companheira e, confundindo

a minha tolerância como possível fraqueza, tornou-se atrevido e zombava de

mim quando o recriminava por vestir minhas roupas, fumar dos meus cigarros

ou subtrair dinheiro do meu bolso.

Em diversas ocasiões, apelei para a sua frouxa sensibilidade, pedindo-lhe

que voltasse a ser coelho.

— Voltar a ser coelho? Nunca fui bicho. Nem sei de quem você fala.

— Falo de um coelhinho cinzento e meigo, que costumava se transformar

em outros animais.

Nesse meio tempo, meu amor por Tereza oscilava por entre pensamentos

sombrios, e tinha pouca esperança de ser correspondido. Mesmo na incerteza,

decidi propor-lhe casamento.

Fria, sem rodeios, ela encerrou o assunto:

— A sua proposta é menos generosa do que você imagina. Ele vale muito

mais.

As palavras usadas para recusar-me convenceram-me de que ela pensava

explorar de modo suspeito as habilidades de Teleco.

Frustrada a tentativa do noivado, não podia vê-los juntos e íntimos, sem

assumir uma atitude agressiva.

O canguru notou a mudança no meu comportamento e evitava os lugares

onde me pudesse encontrar.

Uma tarde, voltando do trabalho, minha atenção foi alertada pelo som ensurdecedor da eletrola, ligada com todo o volume. Logo, ao abrir a porta,

senti o sangue afluir-me à cabeça: Tereza e Barbosa, os rostos colados,

dançavam um samba indecente.

Indignado, separei-os. Agarrei o canguru pela gola e, sacudindo-o com

violência, apontava-lhe o espelho da sala:

— É ou não é um animal?

—

Não, sou um homem! — E soluçava, esperneando, transido de medo pela fúria que via nos meus olhos.

À Tereza, que acudira, ouvindo seus gritos, pedia:

— Não sou um homem, querida? Fale com ele.

— Sim, amor, você é um homem.

Por mais absurdo que me parecesse, havia uma trágica sinceridade na voz

deles. Eu me decidira, porém. Joguei Barbosa ao chão e lhe esmurrei a boca.

Em seguida, enxotei-os.

Ainda da rua, muito excitada, ela me advertiu:

—

Farei de Barbosa um homem importante, seu porcaria! Foi a última vez que os vi. Tive, mais tarde, vagas notícias de um mágico chamado

Barbosa a fazer sucesso na cidade, À falta de maiores esclarecimentos,

acreditei ser mera coincidência de nomes.

A minha paixão por Tereza se esfumara no tempo e voltara-me o interesse

pelos selos. As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção. Estava, uma

noite, precisamente colando exemplares raros, recebidos na véspera, quando

saltou, janela adentro, um cachorro. Refeito do susto, fiz menção de correr o

animal. Todavia não cheguei a enxotá-lo.

—

Sou o Teleco, seu amigo — afirmou, com uma voz excessivamente trêmula e triste, transformando-se em uma cotia.

—

E ela? — perguntei com simulada displicência.

—

Tereza... — sem que concluísse a frase, adquiriu as formas de um pavão.

—

Havia muitas cores... o circo... ela estava linda... foi horrível... —

prosseguiu, chocalhando os guizos de uma cascavel.

Seguiu-se breve silêncio, antes que voltasse a falar:

— O uniforme... muito branco... cinco cordas... amanhã serei homem... —

as palavras saíam-lhe espremidas, sem nexos, à medida que Teleco se

metamorfoseava em outros animais.

Por um momento, ficou a tossir, Uma tosse nervosa. Fraca, a princípio, ela

avultava com as mutações dele em bichos maiores, enquanto

eu lhe suplicava que se aquietasse. Contudo ele não conseguia controlar-se.

Debalde tentava exprimir-se. Os períodos saltavam curtos e confusos.

— Pare com isso e fale mais calmo — insistia eu, impaciente com as suas

contínuas transformações.

— Não posso — tartamudeava, sob a pele de um lagarto.

Alguns dias transcorridos, perdurava o mesmo caos. Pelos cantos, a tremer.

Teleco se lamuriava, transformando-se seguidamente nos mais variados

animais. Gaguejava muito e não podia alimentar-se, pois a boca, crescendo e

diminuindo, conforme o bicho que encarnava na hora, nem sempre combinava

com o tamanho do alimento. Dos seus olhos, então, escorriam lágrimas que,

pequenas nos olhos miúdos de um rato, ficavam enormes na face de um

hipopótamo.

Ante a minha impotência em diminuir-lhe o sofrimento, abraçava-me a ele,

chorando. O seu corpo, porém, crescia nos meus braços, atirando-me de

encontro à parede.

Não mais falava: mugia, crocitava, zurrava, guinchava, bramia, trissava.

Por fim, já menos intranquilo, limitava as suas transformações a pequenos

animais, até que se fixou na forma de um carneirinho, a balir tristemente.

Colhi-o nas mãos e senti que seu corpo ardia em febre, transpirava.

Na última noite, apenas estremecia de leve e, aos poucos, se aquietou.

Cansado pela longa vigília, cerrei os olhos e adormeci. Ao acordar, percebi

que uma coisa se transformara nos meus braços. No meu colo estava uma

criança encardida, sem dentes. Morta.

Duílio Gomes

Mineiro de Mariana, o contista. Duílio Gomes (1944-) entra aqui com "O

ovo com solenidade", marcando a presença do fantástico na sua fase atual, junto com Murilo Rubião. Cortázar; Buzzati: a exuberância, as tintas estão longe de serem carregadas como no auge do fantástico (século XIX), o insólito se reduz (e assim acaba ganhando o primeiro plano, mas só no final, revertendo a expectativa) a um clima, um bicho

caseiro, a uma eminência de perigo, uma situação, enfim. Tudo muito

cotidiano. E nem por isso menos fantástico,

O ovo com solenidade

O CEGO ESTAVA QUEBRANDO O OVO para fazer omelete quando o porco entrou na

cozinha. Sentiu-o aos seus pés; em silêncio, cheirava os seus pés. O cego

estava de sandálias e a saliva do porco era uma coisa quente e líquida

molhando o seu calcanhar direito. Os músculos do cego se retesaram. Sua

mulher e sua filha haviam saído. Elas sabiam do grande medo que ele tinha de

porcos e por isso os trancavam no chiqueiro. O cego percebeu, dentro da

névoa do seu medo, que eles haviam arrebetado as tábuas podres do

chiqueiro e saído. A mulher já o havia advertido: "As tábuas do chiqueiro estão podres. Precisamos trocá-las." Eram três porcos gordos e espremidos no

chiqueiro cujas tábuas iam apodrecendo debaixo das chuvas e dos carunchos.

Viviam alucinados pelo calor, engordando e envelhecendo com as moscas que

lhes trepavam nos lombos,

O cego estava sempre adiando a data de matá-los — esperava uma visita

importante qualquer, já não sabia há quanto tempo eles estavam em sua casa.

Só sabia de sua aversão por eles e de uma iminente visita importante, quando

então os mataria. Havia deixado a casca do ovo cair no chão e o porco agora a

comia. *Pelo menos enquanto ele come não se lembra de mim*, pensou. Os

velhos e agudos dentes do porco trituravam a casca e o cego pensou então que

aqueles dentes, apesar de velhos, rasgariam a carne de suas pernas como se

elas fossem manteiga. Tinha tanto medo do porco morder as suas pernas que

elas não obedeciam ao seu intenso desejo de correr, e permaneciam fincadas

no chão, expostas aos agudos dentes velhos do porco que agora, pelo silêncio,

o cego sabia

ter terminado de comer a casca do ovo e começava a cheirar o ar com seu largo, sujo e enrugado focinho de porco velho. As tábuas da escada que dava

do quintal para a cozinha rangeram. *Estão subindo os outros*, pensou o cego e o seu terror nesse momento foi tão intenso que ele sentiu, no escuro poço de

sua vertigem, as pernas bambearem. *Não posso cair*, murmurou, *não posso cair*. Como um soco em sua memória, o aviso da mulher: *só chegaremos à noite*. Havia saído, ela e a filha, para visitar uma parenta doente e o cego se rendeu, subitamente, à dolorosa realidade — ter de permanecer durante longo

tempo como um monumento lívido e frágil em meio aos porcos. Eles agora

rodeavam as suas pernas, grunhindo. Misturado aos seus roncoss, que ecoavam

na cozinha como a nota mais grave de um instrumento de sopro, o cheiro

enjoativo do ovo sobre o prato. O cego lembrou-se, com uma ponta de

desespero, da omelete que nunca comeria e então fez o gesto que talvez o

salvasse da fome e do ódio dos seus porcos: com as mãos trêmulas derramou o

ovo no chão. Foi um gesto mecânico e tateante mas que inaugurou nele uma

certa paz — os porcos lambiam o ovo no chão e isso era a trégua; enquanto

eles se alimentavam não se lembrariam de suas pernas. Sua mulher tinha o

costume de deixar os mantimentos sobre a pia, na frente da qual se encontrava, e ele tentava agora localizá-los. Sabia que a menina havia feito a feira naquela manhã e que enquanto entregava os mantimentos para a mãe, ia nomeando-os.

Estava tudo na sua frente, além do vácuo negro dos seus olhos. Precisava

detectar os mantimentos e com eles saciar a dura fome dos porcos. Apalpando

a superfície úmida da pia, seus dedos tocaram num objeto morno. Era um

objeto morno e redondo, com uma haste encimando-o. *Abóbora*, pensou, e puxou-a pela haste. O ruído seco da abóbora caindo no chão foi o ruído de

uma abóbora que se partia e que se ofertava, amarela e luminosa, à avidez dos

porcos. O ruído que se seguiu ao da abóbora se partindo foi o ruído dos porcos mastigando. Mastigavam com pressa e grunhiam. Havia satisfação nos seus

grunhidos. O cego, então, com uma escura dificuldade, foi localizando e

atirando ao chão o arroz, os quiabos, a couve, até que, não encontrando mais

nada para atirar, escutou: a bolha de saliva arrebentando. Pelo denso silêncio que subia do chão ele entendeu que a bolha de saliva fora o final do festim.

Entendeu também, com a profunda e mágica percepção dos cegos, que os

porcos ainda não estavam saciados. E que o rodeavam, pensativos, os olhos

fixos em suas pernas.

Bônus

Flávio Moreira da Costa

Escrito nos anos 70, publicado originalmente na revista Planeta, e republicado inúmeras vezes na imprensa e em sites literários, "Mensch(s)"

faz parte do livro Malvadeza Durão e outros contos, lançado pela Agir em 2006.

Mensch(s)

OS MENSCHS SAEM DE DENTRO DO CORPO e voltam a ele para se alimentar. A

primeira coisa que comem é o estômago, quando novamente dentro do corpo.

Depois, saem — e sete dias leva o estômago para crescer de novo. Quando

um mensch volta a seu corpo uma vez mais, come o cérebro. Depois,

abandona o corpo e desaparece. Sete dias leva o cérebro para crescer de novo.

E o estranho ser volta e come as entranhas, cada vez que volta come uma

parte: o fígado, os rins, os intestinos etc., e em cada sete dias o fígado, os rins, os intestinos etc., nascem de novo. O tipo de alimentação dos menschs é

conhecido como autociclagem. No entanto, o que a ciência ainda não

conseguiu descobrir é para onde vai o mensch cada vez que abandona seu

corpo.

Obras do organizador

LIVROS DE AUTORIA

Malvadeza Durão e outros contos. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

O país dos ponteiros desencontrados. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

Três casos policiais de Mário Livramento. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Nonadas: o livro das bobagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, Crônicas.

Nelson Cavaquinho: enxugue os olhos e me de um abraço. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Rio Arte, 2000, Biografia.

Modelo para morrer: i,e,. Jane April no País das Maravilhas. Rio de Janeiro: Record. 1999.

Nem todo canário é belga. Rio de Janeiro: Record. 1998. Contos (Prêmio Jabuti).

O equilibrista do arame farpado. Rio de Janeiro: Record. 1997. Romance (Prêmio Jabuti. Prêmio Machado de Assis. Melhor Romance da União

Brasileira de Escritores e finalista do Prêmio Nestlé).

Avenida Atlântica. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992. Romance policial.

O almanaque do dr. Ross. São Paulo: Nacional, 1985. Contos e poesias.

Vida de artista. Porto Alegre: Sulina, 1985. Entrevistas.

Os mortos estão vivos. Rio de Janeiro: Record. 1984. Romance.

Franz Kafka, O profeta do espanto. São Paulo: Brasiliense, 1983. Ensaio.

Malvadeza Durão. Rio de Janeiro: Record. 1982. Contos (1º lugar no Concurso Nacional de Contos do Paraná).

Os subúrbios do criação. São Paulo: Polis, 1979. Crítica.

Às margens plácidas. São Paulo: Ática, 1978. Romance.

Os espectadores. São Paulo: Símbolo, 1976. Contos.

As armas e os barões. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Romance.

A perseguição ou Eu vi a máfia de perto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1973. Romance.

O desastronauta ou Ok, Jack Kerouac, nós estamos te esperando em

Copacabana. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. Romance.

Cinema Moderno Cinema Novo. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1966.

Ensaio.

ANTOLOGIAS ORGANIZADAS

22 contistas em campo. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

Aquarelas do Brasil – Contos da nossa música popular. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

Os melhores contos de medo, horror e morte. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Os cem melhores contos populares da literatura universal. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005,

13 dos melhores contos da mitologia da literatura universal. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

As cem melhores histórias eróticas da literatura universal. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003,

13 dos melhores contos de vampiros. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Os cem melhores contos de crime & mistério da literatura universal. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Os cem melhores contos de humor da literatura universal. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

Onze cm campo e um banco de primeira. Rio de Janeiro: Relume-Dumará,

1998.

Viver de rir ii: um livro cheio de graça. Rio de Janeiro: Record. 1997.

Crime à brasileira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

O mais belo país é teu sonho. Rio de Janeiro: Record. 1995.

Viver de rir: obras primas do conto de humor. Rio de Janeiro: Record. 1994.

A Nova Califórnia e outros contos de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

Plebiscito e outros contos de humor de Arthur de Azevedo. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

Crime, espionagem e poder. Rio de Janeiro: Record. 1987.

O nze em campo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

Antologia do conto gaúcho. São Paulo: Simões, 1970.

LIVRO DE ARTE

Rio de Janeiro, marcos de uma evolução, Booklink, 2002.

Organização de Paulo Cohen – Fotos de Milan e Carlos Secchin e texto de

Flávio Moreira da Costa.

INCLUSÃO EM ANTOLOGIAS

Corrupção. Organização de Rodrigo Penteadó. São Paulo: Ateliê Editorial.

2002,

Os apóstolos: doze revelações. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

Copacabana cidade eterna. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

Contos da repressão. Rio de Janeiro: Record. 1987.

Zitronengras: Neue Brasilianische Erzähler. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1987.

Brazilian Stories, 1956-1977, em *The Literary Review,* v. 27, n, 4. Madison.

New Jersey, 1984.

Chame o ladrão. São Paulo: Edições Populares, 1978.

O papel do amor. São Paulo: Simões, 1978.

Os vencedores. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

Opowiadania Brazylijskie. Cracóvia, 1977.

Assim escrevem os gaúchos. São Paulo, 1976.

Antologia dos novos escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

EDIÇÃO

Izabel Aleixo

Jancy Medeiros

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Celina Portocarrero

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Ana Lúcia Kronemberger

Janaina Senna

Laura Lobato

Marcus Tullius

Nina Schipper

Pina Bastos

Roberto Santos

REVISÃO

Ana Julia Cury

Ana Carolina Ribeiro

Antonio dos Prazeres

Eduardo Carneiro

Elvira Ratamero

Flavia Simão

Izabel Cury

José Carlos Ratamero

Neryanne Rego

Patrícia Reis

Pedro Sangirardi

DIAGRAMAÇÃO

Abreu's System

PRODUÇÃO GRÁFICA

Ligia Barreto Gonçalves

Este livro foi impresso em São Paulo, em abril de 2006,
pela Lis Gráfica e Editora, para a Editora Nova Fronteira.

A fonte usada no miolo é Berkeley, corpo 11/14.

O papel do miolo é Master-set 75g/m², e o da capa é cartão Royal 250g/m².

Visite nosso *site*: www.novafronteira.com.br

...nada mais borgiano, *avant la lettre*, do
Diferente do fantástico do século XIX,
que esta mistura de vigília e sono (sonho),
pois passa de uma maneira indelével pela
realidade e imaginário se confundindo numa
marca da ficção de Kafka, como se
coisa só. Eis uma vertente constante da
transformasse assim algum aspecto
literatura fantástica de todos os tempos. E em
insólito da vida em absurdo da própria
poucas linhas. (*Sobre conto de Wu Cheng'en, séc.*
vida — um absurdo construído com uma
XVI).
lógica interna rigorosa — Dino Buzzati
Foi ele quem consolidou e introduziu
leva magistralmente este tipo de literatura
definitivamente o fantástico na literatura, no

à contemporaneidade narrativa. (Sobre
século XIX, espalhando sua influência por
Dino Buzzati)

todo o mundo — da França (...) aos nossos
românticos... (Sobre E.T.A. Hoffmann)

Nos sessenta anos da publicação de
Sagarana e cinquenta de Grande sertão:
"William Wilson" (...) antecipa "Borges e
veredas, incluir João Guimarães Rosa
eu" e outros textos do autor de O Aleph. Leia
com cuidado, leitor — quem sabe duas vezes.
numa antologia vale como tripla
(Sobre conto de Edgar Allan Poe)

homenagem: a ele, ao leitor e a nós,
organizadores... (Sobre Guimarães Rosa)

...esse link invisível entre loucura e
literatura fantástica... (Sobre conto de Guy de
Maupassant)

... o delírio é puro fantástico, e o fantástico
é delírio transcriado. Um olhar sobre o mundo

FLÁVIO MOREIRA DA COSTA

que a história jamais registra — só as
Romancista e contista dos mais premiados
histórias, as ficções. E um autor quase ausente
dos catálogos editoriais brasileiros. "Vera" não
(de *O desastronauta e As armas e os barões*),
é o conto mais explicitamente fantástico dos
dos primeiros romances aos livros mais
Contes cruels, de Auguste Villiers de l'Isle
recentes

(*O*

país dos ponteiros

Adam, mas é sua obra-prima, aqui publicada
desencontrados e Malvadeza Durão e outros
pela primeira vez... (*Sobre Villiers de l'Isle*
contos). Flávio Moreira da Costa é hoje
Adam)

considerado por muitos o melhor

É preciso ler "*Tlön, Uqbar. Orbis Tertius*"

antologista do país ou mesmo da língua

com cuidado e atenção, como quem lida com
portuguesa. Seu criativo trabalho de
um mundo novo e desconhecido. Caso
pesquisa, leitura e seleção começa a
contrário, podemos sucumbir ao espanto: "o
ganhar o mundo, com suas antologias
mundo será Tlön." (Sobre conto de Jorge Luis
agora traduzidas e publicadas na
Borges)

Alemanha, Itália e Portugal. Aos leitores
Tirar coelho de cartola faz parte do ofício
brasileiros, mais um presente: este Os
de mágico. (...) Difícil — pois é coisa de
melhores contos fantásticos. De todos os
mágico e artista — e desconfortável, é
tempos.

descobrir alguém que vomite coelhos. (Sobre
Julio Cortázar

Capa: LIAN WU

A literatura, como a vida, é fantástica.

Bíblia Sagrada

Narayana

Wu Cheng'en

Charles e Mary Lamb

Nathaniel Hawthorne

E.T.A. Hoffmann

Prosper Mérimée

Robert Louis Stevenson

Théophile Gautier

Heinrich Heine

Mary Shelley

Guy de Maupassant

Ivan Turgueniev

L.A. Ireland

Edgar Allan Poe

A.P. Tchekhov

Villiers de l'Isle Adam

Charles Dickens

Honoré de Balzac

Hans Christian Andersen

F. Marion Crawford

Charles Baudelaire

Marcel Schwob

Guillaume Apollinaire

Saki

Horacio Quiroga

Franz Kafka

Rudyard Kipling

Anatole France

Akutagawa Ryunosuke

Oscar Wilde

Ambrose Bierce

Lafcadio Hearn

Léon Bloy

Leopoldo Lugones

Jorge Luis Borges

Julio Cortázar

Dino Buzzati

Manuel Bernardes

Machado de Assis

Aluísio Azevedo

Afonso Arinos

Eça de Queiroz

Raul Brandão

João Guimarães Rosa

Murilo Rubião

Duílio Gomes

Document Outline

- 7618 - Capa.pdf
 - [Page 1](#)
- 7618 - Contracapa.pdf
 - [Page 1](#)

Table of Contents

[7618 - Capa.pdf](#)

[Page 1](#)

[Page 1](#)

[7618 - Contracapa.pdf](#)

[Page 1](#)

[Page 1](#)